



Adriane Lima da Silva Oliveira
Roberta Priscila da Costa Branco
Luiz Carlos Rabêlo Vieira
Organizadores

CADERNO DE
ARTIGOS CIENTÍFICOS,
RESUMOS EXPANDIDOS
E SIMPLES

IV JORNADA DE PESQUISA DE PSICOLOGIA



AYA EDITORA
2026

CADERNO DE
ARTIGOS CIENTÍFICOS,
RESUMOS EXPANDIDOS
E SIMPLES

IV JORNADA DE PESQUISA DE PSICOLOGIA



UNAMA



Adriane Lima da Silva Oliveira
Roberta Priscila da Costa Branco
Luiz Carlos Rabêlo Vieira
Organizadores

CADERNO DE
ARTIGOS CIENTÍFICOS,
RESUMOS EXPANDIDOS
E SIMPLES

IV JORNADA DE PESQUISA DE PSICOLOGIA



UNAMA



AYA EDITORA
2026

IV JORNADA DE PESQUISA DE PSICOLOGIA
28/05/2026

INSTITUTO CAMPINENSE DE ENSINO SUPERIOR LTDA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA AMAZÔNIA – UNAMA

REITOR

Dr. Elzo Everton de Sousa Vieira

COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Ma. Roberta Priscila da Costa Branco

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Dra. Adriane Lima da Silva Oliveira

COMISSÃO CONSULTIVA EDITORIAL E CIENTÍFICA

Profa. Dra. Adriane Lima da Silva Oliveira

Prof. Me. Luiz Carlos Rabêlo Vieira

Me. Gilson Rodrigues de Oliveira

Ma. Ana Cely de Sousa Coelho

Esp. Carla Monique Ferreira dos Santos

Esp. Nizianne Andrade Picanço Batista

Esp. Mônica Priscila Machado da Silva

Esp. Glória Fernanda Silva de Sousa

Esp. Hudrielle Yane Leite de Freitas

Esp. Evely Suane dos Reis Parente

Esp. Patrik Hilliard Silva dos Santos

Esp. Keicyane Vinhote dos Santos

Esp. Lucas Montiel Martins Cunha

Esp. Rafael Luiz Silva Monteiro

Esp. Órion Quintino Consentine

Esp. Leonardo Rebelo Vieira

Esp. Joneffer Brito Pereira

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA AMAZÔNIA – UNAMA

Rua Rosa Vermelha, 335 – Aeroporto Velho – Santarém – Pará – CEP: 68010-200
Tel.: (93) 3523-5299/(93) 3523-5108/(93) 3522-6226/(93) 3522-2303 – www.unama.br

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Organizadores

Prof.ª Dr.ª Adriane Lima da Silva Oliveira

Prof.ª Ma. Roberta Priscila da Costa Branco

Prof.º Me. Luiz Carlos Rabêlo Vieira

Revisão

Os Autores

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Produção Editorial

AYA Editora©

Capa

AYA Editora©

Imagens de Capa

ChatGPT Images 2.0

Área do Conhecimento

Ciências da Saúde

Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.^a Dr.^a Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.^o Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.^o Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.^a Dr.^a Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.^o Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.^o Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães
Prof.^a Dr.^a Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.^o Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.^o Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.^o Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.^a Dr.^a Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.^o Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.^o Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.^a Dr.^a Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.^a Dr.^a Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.^a Dr.^a Lucimara Glap (FCSA)
Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens (UNIR)
Prof.^a Dr.^a Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues (IFSC)

Copyright do Texto © 2026 dos autores

Copyright da Edição © 2026 AYA Editora (projeto gráfico, diagramação e visual de capa)

C122 Cadernos de artigos científicos, resumos expandidos e simples: IV jornada de pesquisa de psicologia [recurso eletrônico]. / Adriane Lima da Silva Oliveira, Roberta Priscila da Costa Branco, Luiz Carlos Rabêlo Vieira (organizadores) -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 429 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6228-034-0

DOI: 10.47573/aya.6228.2.531

1. Ciência - Metodologia. 2. Pesquisa - Metodologia . 3. Psicologia - Congressos. 4. Psicologia – Resumos. 5. Psicologia educacional – Congressos. 6. Psicologia educacional – Resumos. I. Oliveira, Adriane Lima da Silva. II. Branco, Roberta Priscila da Costa. III. Vieira, Luiz Carlos Rabêlo. III. Título

CDD: 001.42

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

AYA Editora©

Fone: +55 42 3086-3131 | WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br | Site: <https://ayaeditora.com.br>

Declaração da Editora

O conteúdo autoral próprio desta obra é disponibilizado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0, que permite seu uso, reprodução, distribuição e adaptação, inclusive para fins comerciais, desde que sejam atribuídos os devidos créditos aos autores, indicada a licença e informadas eventuais alterações.

A licença não se aplica ao projeto gráfico, à diagramação, ao design de capa nem aos materiais de terceiros utilizados na obra, tais como citações, imagens, gráficos, documentos, marcas e outros conteúdos identificados por crédito, referência ou indicação específica. Esses materiais permanecem sujeitos aos respectivos direitos, licenças, autorizações e limitações legais.

A reprodução ou reedição da obra por terceiros deverá utilizar apresentação gráfica própria ou contar com autorização expressa da AYA Editora para uso da edição gráfica.

Os autores são responsáveis pela autoria, originalidade, precisão e licitude de suas contribuições intelectuais, pela correta indicação das fontes e referências, bem como pela obtenção das autorizações necessárias para a utilização de materiais de terceiros.

As análises, interpretações e opiniões apresentadas são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, o posicionamento da AYA Editora, de seu conselho editorial ou das instituições mencionadas.

A atuação da AYA Editora limitou-se aos serviços editoriais e técnicos contratados, incluindo produção editorial, projeto gráfico, diagramação, registro e disponibilização da obra, sem titularidade ou ingerência sobre o conteúdo textual.

As referências a pessoas, instituições, autoridades e fatos históricos possuem finalidade informativa, acadêmica, crítica ou de pesquisa e devem observar a legislação aplicável, inclusive os direitos autorais e os direitos da personalidade.

A AYA Editora não comercializa esta obra nem recebe royalties, comissões ou participação nas receitas decorrentes de sua venda ou distribuição. Os autores e terceiros poderão explorar comercialmente o conteúdo autoral próprio nos limites da Licença CC BY 4.0, sem utilizar a edição gráfica reservada à editora.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	26
APRESENTAÇÃO	27
TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL NA CULTURA DIGITAL: DISTORÇÃO DA AUTOIMAGEM E PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO	30
Wellington Sousa dos Santos	
Andressa Letícia de Sousa Gomes Lima	
Carolina Maciel de Oliveira	
Larissa Victória Corrêa Costa	
Natália Guerreiro Duarte	
Raquel Araújo Freitas	
Lucélia de Jesus Amaral Jati	
O MEDO DE ESTAR DOENTE: O TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E DIGITAL.....	42
Pamela Vitória da Silva Carvalho	
Anna Carolina Gomes de Figueiredo	
Natalia de Siqueira Oliveira	
Ester Rodrigues Lima	
Juliane Leal da Silva	
Rosana Moreira Braga	
Thafinne dos Santos Oliveira	
Lucélia de Jesus Amaral Jati	
TRANSTORNO DE SINTOMAS NEUROLÓGICOS FUNCIONAIS: PSICOSSOMÁTICA E CLÍNICA CONTEMPORÂNEA	51
Kailany Silva Castanha	
Ana Prycila Rocha Linares	
Benedito Aragão Miranda	
Bruna Nogueira Aires Paiva	
Marlyvan Marcião de Castro	
Matheus Victor Silva Viana	
Rodrigo Hoff Galvão Filho	
Lucélia de Jesus Amaral Jati	

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FATOR DESENCADEADOR OU
POTENCIALIZADOR DE SURTOS PSICÓTICOS: REFLEXÕES PARA A
PSICOLOGIA CLÍNICA 60**

Ana Beatriz de Jesus Castro
Jacqueline Farias Galvão

**A MUSICOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO FACILITADORA DO
DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL EM PESSOAS ATÍPICAS 68**

Thiago Roberto Julião Ferreira
Ana Beatriz Costa Chaves
Henrique Lima Tenório
José Henrique Fernandes da Silva
Natã Rafael Farias Frota
Sophia Oliveira de Jesus
Adriane Lima da Silva Oliveira

**QUANDO O AFETO NÃO ENCONTRA PALAVRAS: ALEXITIMIA E
MANIFESTAÇÕES PSICOSSOMÁTICAS À LUZ DA PSICANÁLISE E
NEUROCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA 77**

Maria Clara Sousa Figueira
Lucélia de Jesus Amaral Jati

**CORPO COMO VIA DE EXPRESSÃO: ALEXITIMIA E PSICOSSOMÁTICA NO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....87**

Sabrina Fernandes Romão
Jamile Vitória Dantas Barros
Michael Windson Araújo de Oliveira
Sabrina Marinho Almeida
Tamiles Gualberto Amaral
Terence de Jesus e Silva
Lucélia de Jesus Amaral Jati

**ALÉM DO AUTISMO: O PAPEL DA ALEXITIMIA NAS DIFICULDADES
EMOCIONAIS E SOCIAIS NO TEA 96**

Ana Clara dos Santos Monteiro
Alexsandra de Azevedo Caldas
Anna Clara Sanches Amorim de Paula
Fernanda de Oliveira Xavier
Fernanda Sousa Ribeiro
Flávia Gisele Sousa da Silva
Thaís Diedra Mota Batista
Wenderson Carlos
Lucélia de Jesus Amaral Jati

PSICOFÁRMACOS E NEUROPLASTICIDADE: COMO OS MEDICAMENTOS REMODELAM O CÉREBRO 107

Sabrina Fernandes Romão
Jamile Conceição Dantas Barros
Michael Windson Araújo de Oliveira
Sabrina Marinho Almeida
Tamiles Gualberto Amaral
Terence de Jesus e Silva
Antônio Quaresma da Silva Júnior

EXPOSIÇÃO PRECOCE À PORNOGRAFIA ONLINE E FORMAÇÃO DE CRENÇAS DISFUNCIONAIS SOBRE SEXUALIDADE EM JOVENS ADULTOS: INTERVENÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL 114

Raquel Araújo Freitas
Andressa Letícia de Sousa Gomes Lima
Alexsandra de Azevedo Caldas
Carolina Maciel de Oliveira
Larissa Victória Corrêa Costa
Natália Guerreiro Duarte
Wellington Sousa dos Santos
Jacqueline Farias Galvão

MÚSICA E GRUPOTERAPIA COMO DISPOSITIVOS RESTAURATIVOS NO ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DA PESSOA IDOSA.....125

Emanuelle Pastana Carvalho
Ana Cely de Sousa Coelho
Fernanda Sousa Ribeiro
Lucélia de Jesus Amaral Jati

BURNOUT NA CULTURA DO DESEMPENHO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE 135

Fernanda Antunes Abtibol
Caliandra Bentes Martins de Magalhães
Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro
Isabel Almeida de Oliveira
Karoll Wojtila da Silva Sousa
Jacqueline Farias Galvão

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: SENTIDOS CONSTRUÍDOS NAS VIVÊNCIAS DO PROJETO OHANA 146

Jamille Maria Fernandes da Cruz
Fernanda Sousa Ribeiro
Milany Santos de Carvalho

INTERDISCIPLINARIDADE NO CUIDADO INTEGRAL À ENDOMETRIOSE .157

Kailane Pereira da Luz
Lívian Louise Dinelli Sirotheau
Pablo Eduardo Silva Carvalho
Emanuelle Beatriz da Silva Castro⁴

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA HOSPITALAR NO LUTO ANTECIPATÓRIO DE FAMILIARES DE PACIENTES TERMINAIS 165

Ana Beatriz Costa Chaves
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

A INFLUÊNCIA DO SUPORTE EMOCIONAL NO PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DO CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO DA LITERATURA 174

Adriane Lima da Silva Oliveira
Maria Dulcineia Batista Lima Pontes
Maria Madalena Jeronimo da Silva
Priscila Oliveira da Fonseca Silva

RECURSO LÚDICO NA PSICOLOGIA HOSPITALAR: ESTRATÉGIA NÃO FARMACOLÓGICA PARA DELIRIUM EM PESSOAS IDOSAS.....187

Safira Duque Fernandes
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

A MÃE AUSENTE E O EU EM RECONSTRUÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS MARCAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA MASTECTOMIA 198

Fernanda Sousa Ribeiro
Lucélia de Jesus Amaral Jati

A DIFICULDADE DE IDENTIFICAÇÃO EMOCIONAL NO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE.....206

Elane Cristina de Brito Lobato
Renata Santos Ribeiro
Lucélia de Jesus Amaral Jati

O CORPO COMO SINTOMA: UMA ANÁLISE PSICOSSOMÁTICA DO TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL 211

Alice Marcela Costa de Souza
Tamiris Gomes Forte
Laiana De Jesus Nunes
Sophia Mota Lira
Irlane da Silva Pereira
Ana Flávia da Rocha Pinto
Laila Sousa Silveira
Lucélia de Jesus Amaral Jati

**TEMPORALIDADE E DIAGNÓSTICO: DISTINÇÕES ENTRE TAB, TPB E TDPM
NA SAÚDE FEMININA 217**

Eliziane Rozaline Robledilho Gonçalves Kinoshita
Andressa Araújo da Silva
Anna Luiza dos Santos Branches
Heloyne Pinho Vasconcelos
Rosa Dembinski
Paula Eduarda Furtado

**QUANDO A INFORMAÇÃO ADOECE: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA
INTENSIFICAÇÃO DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA 224**

Jamily Almeida Costa
Hemelly Vitoria Batista da Silva
Felipe Márcio Santos de Azevedo
Alice Lopes de Sousa
Luana de Oliveira Lima
Luciene Nathália Lopes da Silva
Lucélia de Jesus Amaral Jati

**UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO FILME CISNE NEGRO: SOFRIMENTO
PSÍQUICO NA CULTURA DA PERFEIÇÃO 231**

Maísa de Azevedo Nascimento
Raquel Araújo da Silva
Rayene Nascimento Sá
Thayná Borges Alves
Tainá Batista Viana
Lucélia de Jesus Amaral Jati

**ENTRE A DOR E O SENTIDO: O LUTO COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA NA
GESTALT-TERAPIA 238**

Bruna Grazielle Mota da Cruz
Isabele Vitória Vieira Marialva
Carolina Maria de Oliveira Torres

**INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA E PSICOPEDAGOGIA NAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS 243**

Rosivete Figarella
Fernanda Sousa Ribeiro
Pâmela Tavares de Oliveira

**OS PRINCIPAIS PREJUÍZOS NAS FUNÇÕES COGNITIVAS ASSOCIADOS
AO USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA
LITERATURA 249**

Ana Beatriz Pinheiro Batista
Elaine da Silva Barbosa
Daniel Dantas Silveira
Milany Santos de Carvalho

**VAZIOS ÉTICO-POLÍTICOS NA PSICOLOGIA: IMPLICAÇÕES PARA A
FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL.....256**

Adriane Silva da Silva
Fernanda do Carmo Zachí Angelo
Karoline Rocha Rodrigues
Laiane Moura Batista
Maurício Xavier da Silva
Thais Adélia de Sousa Silva
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA REINTEGRAÇÃO DE PESSOAS PRIVADAS
DE LIBERDADE NA SOCIEDADE.....264**

Sophia Oliveira de Jesus
Ana Beatriz Costa Chaves
Kailane Guedes Reis
Emanuelle Beatriz Castro da Silva

**A EFICÁCIA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO MANEJO
DE DORES PSICOSSOMÁTICAS.....272**

Natália Quintanilha da Silva
Milany dos Santos Carvalho

**PERFEIÇÃO ESTÉTICA NAS REDES SOCIAIS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE
MENTAL DOS ADOLESCENTES.....278**

Raica Pessoa Vieira Pires
Ana Ester Albarado Cardoso
Bruna Caroline Maia Oliveira
Nina Gabriela Marques Lameira
Jacqueline Farias Galvão

**PERSPECTIVAS DA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL PARA A
REGIÃO DO BAIXO AMAZONAS NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DE
ANSIEDADE.....284**

Natasha Quintanilha da Silva
Milany Santos de Carvalho

**O IMPACTO DAS RELAÇÕES FAMILIARES E DO BRINCAR NA
CONSTRUÇÃO DE COMPORTAMENTOS MISÓGINOS.....291**

Gideane Vitória Paulo dos Santos
Ada Monique Pépe Araújo
Ana Priscila Gomes dos Santos
Elcinei Monteiro de Sousa
Maria Clara Rodrigues Cunha
Caroline Maria de Oliveira Torres

**O EFEITO DA MÚSICA COMO REGULADOR EMOCIONAL: UMA
PERSPECTIVA DO ÁLBUM HADES DA CANTORA MELANIE MARTINEZ...296**

Lucas Vinicius Nascimento Oliveira
Milany dos Santos Carvalho

**ATENDIMENTO SOCIOASSISTENCIAL E PSICOLOGIA: VIVÊNCIAS NA
RECEPÇÃO DO CAS/CAEC DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SANTARÉM...
.....302**

Adriana Patrícia Nobre Ferreira
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

**CULTURA DA PRODUTIVIDADE E BURNOUT EM JOVENS PROFISSIONAIS
DO MARKETING EM AGÊNCIAS DIGITAIS 306**

Kamilly Valente Costa
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

**DISSOCIAÇÃO, NEGAÇÃO E CONGELAMENTO: COMO MECANISMO
DE DEFESA NA VIOLÊNCIA SEXUAL 312**

Raiane Bentes Batista
Raquel Pimentel Marinho
Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro
Kathleen Rebeca Cavalcante dos Santos
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

**INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS DIRECIONADAS A FAMILIARES DE
PESSOAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER: UMA REVISÃO DA LITERATURA..
.....314**

Bruna Nogueira Aires Paiva
Ana Prycila Rocha Linares
Matheus Victor Silva Viana
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

**A INTERAÇÃO ENTRE FILOGÊNESE E ONTOGÊNESE NO ONSET DO
TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR 316**

Eliziane Rozaline Robledilho Gonçalves Kinoshita
Glenda Nascimento Pereira
Paula Eduarda Furtado

MEMÓRIAS FALSAS NA PSICOLOGIA JURÍDICA: LIMITES DA CONFIABILIDADE DO TESTEMUNHO HUMANO.....	317
Pamela Eduarda Costa Silva	
Cassia Lorena Costa Pantoja	
Marilene Silva de Oliveira	
Pâmela Tavares de Oliveira	
SENTIMENTO DE INUTILIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA A DEPRESSÃO NA TERCEIRA IDADE	319
Juliany Karolinne Oliveira Gaspar	
Thais da Silva da Costa	
Luana Caroline Araujo Oliveira	
Caroline Maria de Oliveira Torres	
INTERVENÇÕES COMPORTAMENTAIS INTENSIVAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	321
Igor Gabriel Mendonça Cardoso	
Luana Caroline Araújo Oliveira	
Klicia Mara Melo Lopes	
Caroline Maria de Oliveira Torres	
FENOMENOLOGIA SEGUNDO A PERSPECTIVA DO FAZER CONHECIMENTO DE HUSSERL.....	322
Emanuelle Pastana Carvalho	
Emanuelle Beatriz da Silva Castro	
ACESSIBILIDADE NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO: DESAFIOS NO CUIDADO À POPULAÇÃO SURDA.....	324
Adriane Pinheiro dos Santos	
Gabriele Lima dos Santos Matos	
Maria Eduarda Tavares Castro	
Ritangela Borges Alves	
Caroline Maria de Oliveira Torres	
A CRIMINALIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA NO BRASIL: SOBRE A ÓTICA DA PSICOLOGIA JURÍDICA.....	325
Jéssica Bruna de Oliveira Nunes	
Emanuelle Beatriz da Silva Castro	
ENTRE O NATURAL E O PATOLÓGICO: A MEDICALIZAÇÃO DO ENVELHECER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	328
Maurício Xavier da Silva	
Adriane Silva da Silva	
Fernanda do Carmo Zachy Angelo	
Karoline Rocha Rodrigues	

Laiane Moura Batista
Thais Adélia de Sousa Silva
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E SEUS IMPACTOS NAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS.....330

Gabriel Augusto Oliveira Dutra
Luana de Oliveira Lima
Safira Duque Fernandes
Jacqueline Farias Galvão

PSICOLOGIA JURÍDICA E JUSTIÇA JUVENIL FEMININA: A INVISIBILIDADE DE JOVENS MÃES NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO.....332

Luísa Nunes Galúcio
Kailane Guedes Reis
Emanuelle Beatriz da Silva Castro Castro

ÉTICA E DIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE RESPEITO, INCLUSÃO E RELAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE COM A PSICOLOGIA 334

Mônica Guimarães Araújo
Ingrid Lorena Sousa Corrêa
Marcos Vinícius Feijão de Souza
Aíssa Aline Mota Costa
Tainara Barbosa Fernandes
Roberta Priscila da Costa Branco

ENTREVISTAS E TESTES PROJETIVOS NA PSICOLOGIA HOSPITALAR.....336

Érika Maryce Bitar Silva
Amanda Gabrielle Lira de Brito
Cibele Monique Araújo de Araújo
Emanuele Pastana de Carvalho
Rebeka de Kassia Ribeiro Ramos
Rita de Cássia da Silva Barbosa
Sarah Nakine da Silva e Silva
Winnie Abraão Suassuna
Yuri Hamon de Sá Gonçalves
Emanuele Beatriz da Silva Castro

DEPENDÊNCIA QUÍMICA: DOPAMINA E NEUROADAPTAÇÃO NO VÍCIO..338

Enia Hosana Oliveira Cavichioli
Cinthia Nogueira Prado
Adriane Lima da Silva Oliveira

SIGILO PROFISSIONAL E ÉTICA NA PSICOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE A QUEBRA DE CONFIDENCIALIDADE EM CASOS DE IDEAÇÃO SUICIDA 340

Patrick Passos de Sousa
Roberta Priscila da Costa Branco

PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE: LIMITES ÉTICOS NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO 342

Winnie Abraão Suasuma
Yuri Hamon de Sá Gonçalves
Natã Rafael Farias Frota
Nina Gabriela Marques Lameira
Raica Pessoa Vieira Pires
Ana Ester Albarado Cardoso
Bruna Caroline Maia Oliveira
Roberta Priscila da Costa Branco

O EXPERIMENTO DO PEQUENO ALBERT: LIÇÕES ÉTICAS NA PSICOLOGIA 344

Wesley Pereira de Lima Silva
Jamilly Marinho Moitinho
Laiane da Cruz Taglieber
Luísa Beatriz de Sousa Pimentel
Maria Eduarda Mendonça do Nascimento
Wellen Lucylanna Santana Matos
Ana Clara Pazetto
Roberta Priscila da Costa Branco

PSICOEDUCAÇÃO E REGULAÇÃO EMOCIONAL NO ESPORTE: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESPORTE 346

Igor Gabriel Mendonça Cardoso
Luana Caroline Araújo Oliveira
Klicia Mara Melo Lopes
Milany Santos de Carvalho

O NARCISISMO À LUZ DA BÍBLIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO 348

Raquel Araujo da Silva
Rayene Nascimento Sá
Thayná Borges Alves
Tainá Batista Viana
Maísa de Azevedo Nascimento
Pâmela Tavares de Oliveira

**O USO DA TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ATENDIMENTO
PSICOLÓGICO.....350**

Yana Vera Lima de Jesus
Ana Clara Valentim Ribeiro Bastos
Eluana Souza Oliveira
Isabela Cristina Oliveira Pinto
Ivaneuza Fernandes Lima da Costa
Micaele Monteiro Campos
Tamy Juliana Sato Dias
Roberta Priscila da Costa Branco

**PERFIS CRIMINOSOS E TRAUMAS PSICOLÓGICOS NA VIOLENCIA
DOMESTICA: UMA ANÁLISE PELA PSICOLOGIA JURÍDICA 352**

David Daniel Maia de Oliveira
Karla Tayná Tavares Nunes
Gabriela Aparecida Gomes Leandro
Esthefany Duarte Marques
Kamily Valente Costa
Natália Sousa Silva
Lara Jane Santos Dos Santos
Pâmela Tavares de Oliveira

**POLUIÇÃO AMBIENTAL E IMPACTOS PSICOLÓGICOS NA POPULAÇÃO
DE SANTARÉM (PA) 354**

Karla Tayná Tavares Nunes
Esthefany Duarte Marques
Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro
Elane Mesquita Assunção
David Daniel Maia de Oliveira
Maria Inalva Lopes Duarte
Caroline Maria de Oliveira Torres

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA JURÍDICA EM CASOS DE TRANSFOBIA NO
CONTEXTO SOCIAL E INSTITUCIONAL 356**

Winyfer Imbiriba Moura
Daniely Silva Gregório
Pâmela Tavares de Oliveira

**PSICOLOGIA E REDES SOCIAIS: ÉTICA NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E
LIMITES NA DIVULGAÇÃO 358**

Wanderson Thiago Santos de Miranda
Caroline Silva Bezerra

Simara Cristina Liberal Freitas
Arnoldo Souza Tavares
Anna Carolina Cardial Penha
Bruna Vaz Ribeiro Caraça
Roberta Priscila da Costa Branco

**VÍNCULOS FAMILIARES E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE DO FILME
FROZEN 360**

Maísa de Azevedo Nascimento
Thayná Borges Alves
Tainá Batista Viana
Raquel Araújo Da Silva
Rayene Nascimento Sá
Adriane Lima da Silva Oliveira

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: DINÂMICAS PSICOLÓGICAS ENTRE VÍTIMA E
AGRESSOR 362**

Paulo Henrique Rodrigues da Silva
Erick Vinícius de Sousa Lima
Gabrielle Uchôa Lima de Sousa
Natália Sousa Silva
Pâmela Tavares de Oliveira

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA HOSPITALAR EM CONTEXTOS DE
URGÊNCIA E EMERGÊNCIA 364**

Iolane Cardoso Mota
Ananda Sulliane Mota Bentis
Elane Mesquita Assunção
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

**A CLÍNICA DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE: DA HISTÉRIA
À SOMATIZAÇÃO E ÀS RECONFIGURAÇÕES DO SINTOMA NA
PSICANÁLISE 366**

Thaís da Silva da Costa
Luana Caroline Araújo Oliveira
Lucélia de Jesus Amaral Jati

**A ARMADILHA DA OCUPAÇÃO: COMO O AMBIENTE MOLDA A
PERCEPÇÃO DE CANSAÇO E PRODUTIVIDADE.....368**

Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro
Samara de Oliveira Aguiar
Juliany Karolinne de Oliveira Gaspar
Paula Eduarda Furtado da Costa

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO SISTEMA PRISIONAL E OS DESAFIOS DA RESSOCIALIZAÇÃO 370

Raiane Bentes Batista
Pâmela Tavares de Oliveira

A SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL NO AMBIENTE DIGITAL E SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS: UMA ANÁLISE DO FILME #SALVEROSA 372

Dalbienny Hudson de Souza Santos
Juliany Karolinne de Oliveira Gaspar
Karoline Veloso Borges
Pâmela Tavares de Oliveira

A ESCUTA EM MEIO AO CAOS: ATUAÇÃO PSICOLÓGICA HOSPITALAR NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA 374

Samara de Oliveira Aguiar
Juliane Pereira de Sousa
Samara Stragliotto Jambers
Iolane Cardoso Mota
Tatiane Agra Ferreira Farias
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

A EXPOSIÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA JURÍDICA NO BRASIL.....376

Raquel Pimentel Marinho
Samara de Oliveira Aguiar
Henrique Lima Tenório
Kathleen Rebeca Cavalcante dos Santos
Marina Êgle de Sousa Feitosa
Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro
Pâmela Tavares de Oliveira

A POLÍTICA INTEGRALISTA E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JURÍDICO NO ESCOPO INTERDISCIPLINAR DIANTE DE ATOS INFRACIONAIS INFANTO-JUVENIS.....378

Carla Nataluce Pimentel Gomes
Pâmela Tavares de Oliveira

AUTOCONHECIMENTO COMO COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A ATIVIDADE “BANDEIRA PESSOAL” 380

Ana Paula Pereira Costa Santiago
Adriane Lima da Silva Oliveira

AQUILOMBAR: FORTALECENDO A IDENTIDADE QUILOMBOLA – CULTURA, HISTÓRIA E PROTAGONISMO JUVENIL.....382

Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro
Natália Sousa Silva
Lara Jane Santos Dos Santos
Caroline Maria de Oliveira Torres

ÉTICA E PSICOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA 384

Larissa Pereira Sousa
Mayara Vitória Pinto Reis
Claudia Gabrielle dos Santos Castro
Acsa Munis Lima
Luna Beatriz Pereira Rodrigues
Beatriz Lobato Ribeiro
Sarah Beatriz Rabelo Alves
Roberta Priscila da Costa Branco

AValiação Psicológica na Psicologia Jurídica: Subsídios Técnicos para Decisões Judiciais 386

Samara Stragliotto Jambers Fulano
Pâmela Tavares de Oliveira

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSCIÊNCIA, CIDADANIA E SUSTENTABILIDADE 388

Emilly Lara Campos Ferreira
Patricia de Souza Moraes
Natália Monayara Sena de Castro
Thais Reis Moita
Helena Andrade dos Santos
Roberta Priscila da Costa Branco

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS EM CONTEXTOS ESPACIAIS: SAÚDE MENTAL DE ASTRONAUTAS 390

Rayene Nascimento Sá
Thayná Borges Alves
Tainá Batista Viana
Maísa de Azevedo Nascimento
Raquel Araújo da Silva
Marcos Ferreira Mota

ÉTICA AMBIENTAL E COMPORTAMENTO HUMANO: REFLEXÕES DA PSICOLOGIA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA 392

Dânila Maysa Moda dos Santos
Mario Nickson Caetano
Helena Lima Santos
Carla Polyane Almeida de Oliveira
Joicilene da Cruz Saraiva
Roberta Priscila da Costa Branco

**ÉTICA COMO PILAR DA PRÁTICA PSICOLOGIA: DA CONDUTA
INDIVIDUAL À RESPONSABILIDADE SOCIAL 394**

Maria Clara da Silva Lopes
Iasmin Bentes de Souza
Antonio Santos dos Anjos Filho
Júlia Samanta Dias Barbosa
Alice Lopes de Sousa
Ana Clara Abreu Azuelo
Roberta Priscila da Costa Branco

**ÉTICA E COMPORTAMENTO HUMANO: REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIA,
MEIO AMBIENTE E DIVERSIDADE SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA 396**

Kawany Carvalho dos Santos
Donatila Castro Viana
Roberta Priscila da Costa Branco

**ÉTICA E MEIO AMBIENTE: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE VALORES
NA PSICOLOGIA SOCIAL.....398**

Zaida Pauliane Oliveira Pereira
Ana Ellen Rodrigues de Aguiar
Gabriel Augusto Oliveira Dutra
Maria Clara Cardoso da Trindade
Nirlana Borary Dias de Vasconcelos
Roberta Priscila da Costa Branco

**ÉTICA AMBIENTAL E POVOS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA
SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO 400**

Rita de Cássia da Silva Barbosa
Cibele Monique Araújo de Araújo
Emanuele Pastana Carvalho
Érika Maryce Bitar Silva
Rebeka de Kássia Ribeiro Ramos
Amanda Gabrielle Lira de Brito
Sarah Nakine da Silva e Silva
Roberta Priscila da Costa Branco

ÉTICA NA ERA DIGITAL: EFEITOS DA TECNOLOGIA NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES.....402

Laís Iasmim Miranda Alves
Ana Cídia Silva de Sousa
Agatha Vitória Rodrigues de Sousa
Elton Henrique Alzier de Sousa
Gustavo Klaus de Carvalho Araújo
Maria Valéria da Silva Figueira
Roberta Priscila da Costa Branco

ÉTICA PROFISSIONAL NA PSICOLOGIA: LIMITES E RESPONSABILIDADES NA PRÁTICA CLÍNICA 404

Lorene Rebeca Pereira da Costa
Arthur Vinícius de Oliveira Serra
Bianca Almeida Leal da Silva
Eduarda Fernanda Feitosa Pereira
Letícia Batista Rabelo
Letícia de Sousa Araújo
Michele Campos Garcia
Nathalia Silva Souza
Roberta Priscila da Costa Branco

FATORES DE RISCO E VULNERABILIDADE SOCIAL: O CAMINHO PARA O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS JURÍDICAS.....406

Tatiane Agra Ferreira Farias
Iolane Cardoso Mota
Jennifer Nanda Ribeiro
Jéssica Bruna de Oliveira
Juliane Pereira de Sousa
Tatiana Patricia Ribeiro Rebelo
Elane Mesquita assunção
Pâmela Tavares de Oliveira

JOGOS DE AZAR ONLINE E SAÚDE MENTAL: IMPACTOS PSICOLÓGICOS E ACADÊMICOS EM JOVENS ADULTOS UNIVERSITÁRIOS 408

Gabriela Aparecida Gomes Leandro
Kamilly Valente Costa
Samara de Oliveira Aguiar
Paula Eduarda Furtado da Costa

MOVIMENTO RED PILL: A PROPAGAÇÃO DE DISCURSOS MISÓGINOS NAS REDES SOCIAIS E A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER 410

Michelly Silva de Lima
Renata Sousa da Silva
Thiago Roberto Julião Ferreira
Emanuelle Beatriz da Silva Castro

MUSICALIZAÇÃO E VÍNCULOS AFETIVOS: PAPEL DO CUIDADOR NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA 412

Ester Aquino da Silva
Ariane Haila Miranda Cardoso
Maelly Larissa Mendes Pantoja

**FEMINICÍDIO NA AMAZÔNIA: DESAFIOS NO ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: UMA REVISÃO LITERÁRIA
.....414**

Bruna Grazielle Mota da Cruz
Ellem Kellem Teles Barbosa
Everton Sampaio da Silva
Jádna Rayol de França
João Vitor de Mendonça Barbosa
Maria Eduarda Silva de Sousa
Patrícia Souza de Abreu
Renata Sousa da Silva
Pâmela Tavares de Oliveira

DIVULGAÇÃO DO EVENTO 416

IV JORNADA DE PESQUISA DE PSICOLOGIA MELHORES TRABALHOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO 417

SOBRE OS ORGANIZADORES 420

ÍNDICE REMISSIVO 422

PREFÁCIO

É com grande satisfação, orgulho e profundo senso de compromisso acadêmico que apresentamos a **IV Jornada de Pesquisa Acadêmica do Curso de Psicologia da Unama de Santarém-PA**, materializada nesta obra que reúne estudos, reflexões e produções científicas construídas por acadêmicos e docentes comprometidos com a produção e a disseminação do conhecimento.

Participar de uma jornada de pesquisa como esta representa, antes de tudo, acompanhar de perto o processo pelo qual a curiosidade se transforma em pergunta científica. Cada produção, aqui apresentada, carrega não apenas conceitos, métodos e resultados, mas também o esforço, a dedicação e o compromisso daqueles que compreenderam que fazer ciência é também assumir uma responsabilidade em devolver o conhecimento produzido para a sociedade.

Este livro expressa uma oportunidade de investigação, reflexão e diálogo. São diferentes temas, perspectivas e possibilidades de compreensão que, aqui reunidos, revelam a riqueza e a pluralidade do pensamento psicológico. A relevância deste livro encontra-se justamente na capacidade de registrar, compartilhar e fazer circular o conhecimento produzido no ambiente acadêmico. Desta forma, valorizamos o pertencimento e protagonismo dos estudantes e professores envolvidos nesse processo.

Além da produção de trabalhos e estudos, devemos considerar que uma sociedade é sustentada por seus membros a partir da compreensão das sensibilidades, motivações e habilidades que se entrelaçam e impulsionam seres humanos a cuidar de outros seres humanos. Assim, dedicamos a todos os estudantes, professores, pesquisadores e colaboradores que tornaram esta obra possível, nosso reconhecimento e nossa gratidão. Mais do que apresentar resultados, esta obra celebra o próprio ato de pesquisar: perguntar, investigar, compreender, transformar e **compartilhar**.

Boa leitura e uma excelente trajetória de conhecimento produzida pelo curso de Psicologia da Unama Santarém. Que os trabalhos aqui reunidos possam ultrapassar os limites das páginas e alcançar salas de aula, grupos de pesquisa, espaços profissionais e, principalmente, a sociedade. Que este livro seja, ao mesmo tempo, memória de uma jornada realizada e ponto de partida para muitas outras que ainda virão.

Profª. Ma. Iara Oliveira Fernandes

Professora do curso de Psicologia da Unama Santarém

APRESENTAÇÃO

Concordamos com o seguinte discurso: ao se promover pesquisa, há a aprendizagem educativa e científica.

No livro *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico* - Cortez, 2011, Cipriano Luckesi cita que investigar é produzir uma compreensão da complexa realidade, a melhor e mais abrangente, ainda que nunca se chegará ao pleno entendimento daquilo que se dá à nossa frente. O conhecimento, por meio da investigação, é funcional, é um guia que, diante de nossas escolhas valorativas, subsidia nossas ações adequadas na realidade “vista por nós”.

A produção de pesquisa deve começar muito antes do ensino de graduação, pois vincula-se a todas as atividades escolares e em todas as áreas das ciências, não apenas em projetos científicos nas universidades. Neste locus, a iniciação científica contempla um dos objetivos do ensino superior, ao formar o profissional com pensamento crítico, criativo, autônomo, não simplesmente tornando-o um receptor de conteúdos.

Planejar, organizar as ideias, escrever, executar e avaliar uma pesquisa é algo desafiador. A superação desse desafio é recompensadora, por se perceber que uma etapa foi concluída, que foi possibilitado o desenvolvimento/ampliação de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação profissional. Naturalmente, os desafios inerentes à produção de um texto acadêmico direcionado a um evento ou periódico científico justificam a ocorrência, nos autores, de temores quanto ao que acharão os leitores e avaliadores do texto que produziram. Esta situação nos remete à obra organizada por Regina Leite Garcia intitulada *Para quem pesquisamos*, para quem escrevemos - Cortez Editora, 2001. Nela, a preocupação central está claramente expressa no título, o qual declara o grande e permanente desafio que pesquisadores e pesquisadoras têm ao buscarem compreender melhor a realidade para nela agir, diante do compromisso intelectual e político.

Fazer pesquisa é um repto; é de fundamental importância para se conhecer, discutir e divulgar conhecimentos. Mas princípios precisam ser considerados. No livro *Fazer Universidade: uma proposta metodológica*, organizado por Cipriano Luckesi e colaboradores - Cortez Editora, 2012, são citadas as seguintes condutas na produção do conhecimento: orientação pelo espírito crítico, senso de realidade e humanidade; agir com coragem, com capacidade de comunhão/coletividade, agir de modo questionador e criativo, com perseverança e tenacidade. Tais princípios, vale mencionar, são de grande valia não somente ao se fazer ciência, mas na vida. São orientadores para que o ser humano, consciente de seu papel na história, se proponha a analisar reflexivamente e criticamente o seu mundo, sua realidade, gerando soluções para os problemas levantados.

Se autores discentes produzem conhecimento diante desses princí-

pios, se pesquisam e escrevem para que a sociedade seja de algum modo beneficiada, certamente são cômicos de seu papel fundamental de sujeitos da história e, por conta disso, não devem temer leitores de seu texto. Os trabalhos aqui presentes refletem esse posicionamento.

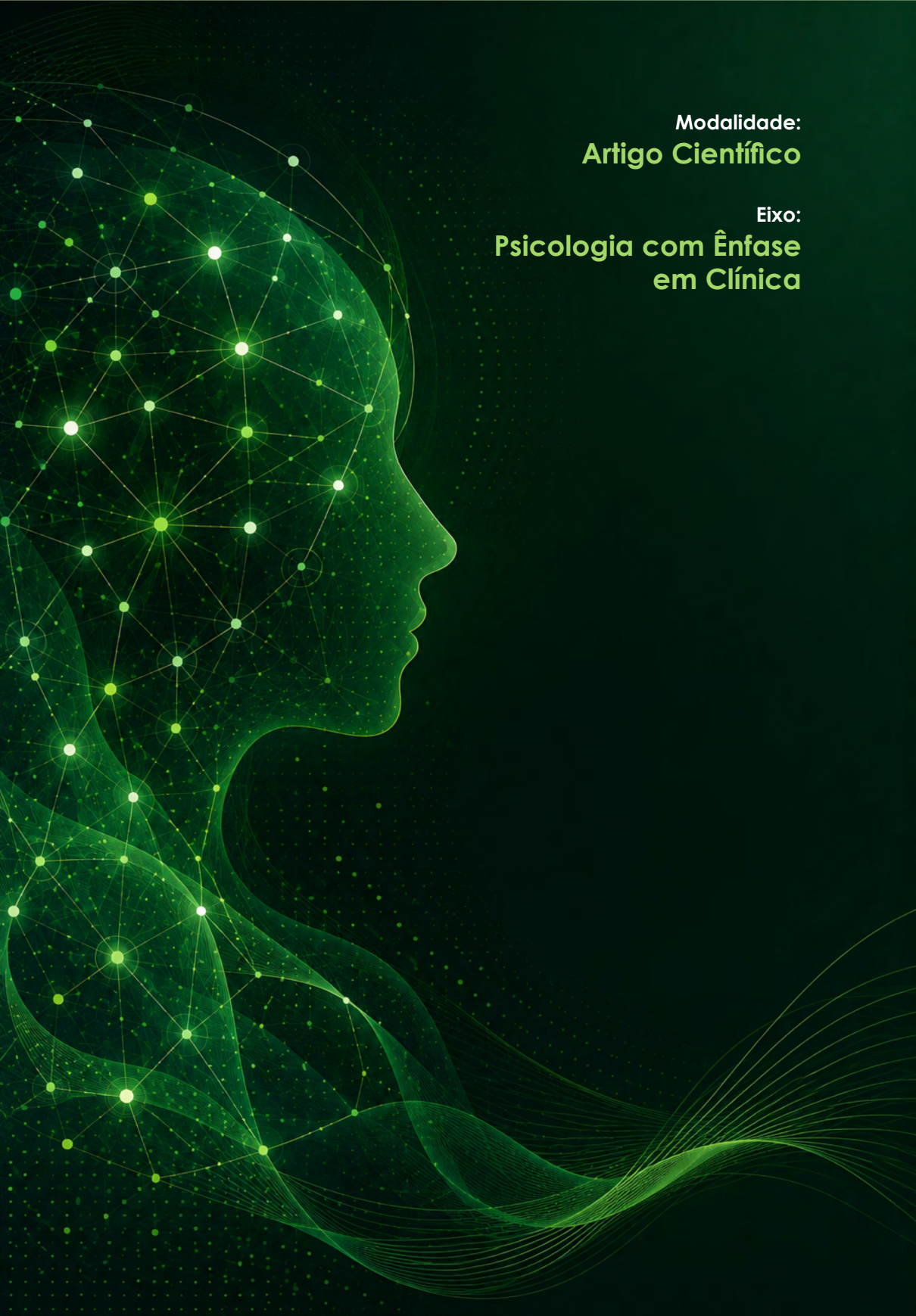
Este caderno contém os trabalhos aprovados/apresentados na IV Jornada de Pesquisa de Psicologia, realizada em 28 de maio de 2026, no Centro Universitário da Amazônia-UNAMA, Santarém. São pesquisas oriundas de discentes/docentes da área do conhecimento da Psicologia, as quais foram expostas em banner. Antes de se chegar a esse ponto, porém, os artigos científicos e resumos (simples e expandidos) submetidos tiveram de ser aprovados por uma comissão científica, num árduo esforço de ambas as partes: primeiramente de quem escreveu e, em segundo, de quem avaliou. Certamente, ambos conquistaram aprendizagens significativas nessa ação.

Ao dispormos tais pesquisas nesta obra, é porque acreditamos que há sucesso de translação do conhecimento da evidência científica para a prática profissional por meio da leitura de investigações apresentadas em eventos científicos.

Parabéns a todos e todas que se dedicaram nesse sentido e escolheram a IV Jornada de Pesquisa de Psicologia para defenderem suas investigações.

Ótima leitura.

Os Organizadores



Modalidade:
Artigo Científico

Eixo:
**Psicologia com Ênfase
em Clínica**

TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL NA CULTURA DIGITAL: DISTORÇÃO DA AUTOIMAGEM E PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Wellington Sousa dos Santos¹

Andressa Letícia de Sousa Gomes Lima²

Carolina Maciel de Oliveira³

Larissa Victória Corrêa Costa⁴

Natália Guerreiro Duarte⁵

Raquel Araújo Freitas⁶

Lucélia de Jesus Amaral Jati⁷

Resumo: O estudo analisa os impactos da exposição digital na saúde mental, frente ao Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), em articulação com contribuições da psicanálise e psicopatologia. Trata-se de revisão narrativa qualitativa da literatura, de caráter exploratório e descritivo-analítico. Utilizaram-se artigos publicados entre 2021 e 2025, rastreados em bases de dados científicas. A análise foi interpretativa, organizada em eixos temáticos. Os resultados indicam que filtros, imagens idealizadas e métricas de engajamento intensificam comparação social, insatisfação corporal e busca por validação externa. À luz da psicanálise, destaca-se a centralidade do olhar do outro na constituição do eu, com alienação da imagem e fragilização subjetiva. Conclui-se que o TDC é multifatorial, exigindo abordagens interdisciplinares e letramento digital.

Palavras-chave: psicologia; transtorno dismórfico corporal; redes sociais; autoimagem; saúde mental.

1. Introdução

A relação contemporânea com o corpo não pode ser dissociada das dinâmicas socioculturais e tecnológicas que constroem a subjetividade. Atualmente, redes sociais e recursos digitais transformam os modos de interpretar, avaliar e representar a própria aparência. A valorização estética, somada à circulação de conteúdos editados e idealizados, intensifica comparações sociais e sentimentos de inadequação. Para Bastos *et al.* (2022),

1 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

2 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

3 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

4 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

5 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

6 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

7 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

a modernidade já produzia ideais normativos de perfeição. Mas, no cenário atual, as redes sociais ampliam esse movimento ao sugerirem e normatizam formas específicas de existir e de se reconhecer. Assim, tais plataformas podem influenciar negativamente o bem-estar psicológico e a saúde mental de grupos vulneráveis. Nesse contexto, infere-se o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), que encontra no ambiente digital condições favoráveis para sua intensificação.

Embora o termo “dismorfofobia” tenha sido introduzido por Enrico Morselli em 1886, observa-se que, atualmente, essa condição assume novas configurações, atravessadas pelas tecnologias digitais e pelas formas atuais de exposição social (Laurindo *et al.*, 2022). O TDC caracteriza-se por preocupação persistente e desproporcional com supostos defeitos na aparência física, frequentemente imperceptíveis ou pouco relevantes para terceiros, mas vivenciados pelo indivíduo com intenso sofrimento psíquico (Silva *et al.*, 2025).

Tal condição pode comprometer o funcionamento social, emocional e ocupacional do indivíduo. As mídias sociais agravam esse quadro ao reforçarem padrões corporais restritivos e formas de validação baseadas em curtidas, comentários e engajamento. Deste modo, a percepção de si passa a depender do reconhecimento externo contínuo, fragilizando a autoestima. O DSM-5-TR estabelece critérios diagnósticos, como comportamentos repetitivos ou atos mentais relacionados à aparência (American Psychiatric Association, 2023). Entre eles destacam-se verificação excessiva no espelho, comparações constantes e práticas de autocuidado exageradas, manifestações que evidenciam distorção da autoimagem e prejuízo significativo no funcionamento psicossocial.

A expansão das interfaces digitais contribui para a intensificação desse quadro ao reconfigurar a chamada “economia do olhar”, transformando o corpo em objeto de vigilância contínua e performance constante. Diferentemente da experiência tradicional mediada pelo espelho físico, a autoimagem passa a ser construída em ambientes digitais regulados por algoritmos, nos quais filtros e edições produzem versões idealizadas e altamente manipuláveis do corpo. Nesse sentido, o TDC pode ser compreendido não apenas como uma condição individual, mas como expressão de um contexto sociocultural que valoriza padrões estéticos inatingíveis e patologiza a variabilidade do corpo real (Magalhães *et al.*, 2025; Paula; Lopes; Rocha, 2023).

Para a psicanálise, tal fenômeno é interpretado pelo narcisismo freudiano e pelo estádio do espelho lacaniano, reconfigurados pela cultura digital. Em Freud, há investimento libidinal na própria imagem, em Lacan, o eu se constitui pela identificação de uma imagem especular. Na contemporaneidade tais dinâmicas são intensificadas por dispositivos tecnológicos que multiplicam e fragmentam a representação corporal. Para Mendonça e Fortes (2024), a mediação digital radicaliza a centralidade da imagem e desloca o reconhecimento subjetivo para validações externas e quantificáveis, como

curtidas, comentários e engajamento.

O reconhecimento, antes vinculado a processos complexos de identificação e alteridade, reduz-se a indicadores superficiais de aprovação social, fragilizando o eu e vinculando-o a referências externas instáveis e idealizadas. Desse modo, os dispositivos digitais mediam a relação com a imagem e reconfiguram os modos de subjetivação. Interações como curtidas e comentários podem funcionar como tentativas de suprir carências de reconhecimento simbólico. Tal dinâmica tende a intensificar sentimentos de inadequação e sustenta relação alienada com a própria imagem, especialmente no TDC.

Diante desse panorama, o presente estudo objetiva analisar os impactos da exposição digital na saúde mental, com ênfase no desenvolvimento e intensificação do Transtorno Dismórfico Corporal. Busca-se compreender como as mídias digitais influenciam a procura por procedimentos estéticos e a distorção das representações sociais do corpo. Tais plataformas reforçam padrões corporais restritivos e mecanismos de validação baseados em curtidas, comentários e engajamento. Como consequência, a percepção de si tende a depender do reconhecimento externo contínuo, fragilizando a autoestima e os processos de constituição subjetiva. Assim, pretende-se contribuir para o aprofundamento teórico e clínico dessa problemática contemporânea.

2. Procedimentos metodológicos

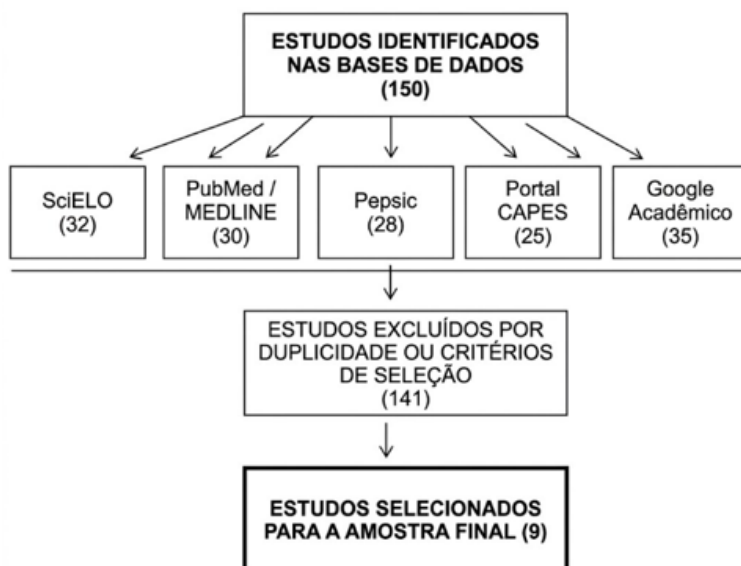
O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e natureza exploratória e caráter descritivo-analítico. Possibilitando um exame crítico e integrativo da produção científica sobre o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) no contexto da cultura digital. Articulando evidências empíricas, referenciais teóricos e lacunas investigativas. Tal revisão é pertinente à compreensão de fenômenos complexos, multifatoriais e atravessados por dimensões subjetivas, sociais e tecnológicas (Vosgerau; Romanowski, 2014). A pesquisa norteou-se pela questão central: de que modo a exposição intensiva às mídias digitais e a difusão de ideais estéticos virtualmente mediados influenciam a construção da autoimagem, contribuindo para o desenvolvimento ou agravamento das distorções características do Transtorno Dismórfico Corporal?

A coleta de dados foi realizada em bases científicas de relevância, incluindo Portal CAPES, SciELO, PubMed/MEDLINE, Pepsic e Google Acadêmico. A estratégia de busca contemplou descritores controlados e não controlados, nos idiomas português e inglês, combinados por operadores booleanos (“AND” e “OR”), com a finalidade de ampliar a sensibilidade e especificidade dos resultados. Utilizou-se a seguinte expressão: (“body dysmorphic disorder” OR “transtorno dismórfico corporal”) AND (“social media” OR “mídias digitais”) AND (“mental health” OR “saúde mental”) AND (“body image” OR “imagem corporal”) AND (“psychoanalysis” OR “psicanálise”).

Foram incluídos artigos científicos publicados entre 2021 e 2025, disponíveis na íntegra em português, inglês ou espanhol, que abordassem a rela-

ção entre mídias digitais, imagem corporal e Transtorno Dismórfico Corporal, bem como construtos correlatos. Incluíram-se estudos empíricos, revisões sistemáticas e meta-análises. Excluíram-se registros duplicados, publicações fora do escopo temático, literatura cinzenta e artigos sem rigor metodológico explicitado. Também foram excluídos estudos centrados exclusivamente em transtornos alimentares sem interlocução com o objeto investigado. O processo de seleção seguiu etapas sistematizadas, inspiradas no protocolo PRISMA, e, após triagem descrita na Figura 1, permaneceram 9 estudos na amostra final.

Figura 1 – Fluxograma de identificação, exclusão e seleção dos estudos incluídos na revisão.



Fonte: autores (2026).

A análise dos dados foi conduzida de forma exploratória, interpretativa e comparativa, com o objetivo de identificar padrões, tendências e lacunas na literatura, a partir da organização dos estudos em categorias analíticas previamente definidas (impactos das mídias digitais na autoimagem, padrões estéticos e sofrimento psíquico, mecanismos psicossociais associados ao TDC e contribuições da psicanálise), permitindo uma síntese crítica integrada.

Os estudos foram sistematizados em quadro analítico padronizado com variáveis como autoria, ano, delineamento, amostra, objetivos, resultados e nível de evidência, sendo a síntese realizada por análise descritiva e categorial; a classificação seguiu o Joanna Briggs Institute (JBI), no qual o Nível I corresponde às revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados, o Nível II aos ensaios clínicos randomizados isolados, o Nível III aos estudos quase-experimentais ou observacionais analíticos, o Nível IV aos estudos ob-

servacionais descritivos, qualitativos e correlacionais e o Nível V às opiniões de especialistas, estudos teóricos e consensos científicos, possibilitando a comparação entre evidências heterogêneas e a interpretação dos achados conforme seu rigor metodológico, fortalecendo a consistência da revisão.

3. Resultados e discussão

A presente discussão agregou criticamente os achados sintetizados nos Quadros 1 e 2, articulando evidências metodológicas e categorias analíticas com o intuito de superar uma leitura fragmentada dos resultados. Inicialmente, apresenta-se, abaixo, o Quadro 1, que reúne a caracterização dos estudos incluídos, contemplando delineamentos, amostras, objetivos, principais resultados e níveis de evidência. Em seguida, o Quadro 2 sistematiza os achados em eixos temáticos convergentes. Essa estratégia permitiu compreender o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) como fenômeno multifatorial e dinâmico, resultante da interação entre vulnerabilidades psíquicas, processos psicossociais e dispositivos sociotécnicos contemporâneos.

Quadro 1 – Caracterização metodológica e síntese dos estudos incluídos na revisão narrativa.

Autor/ Ano	Delineamento metodológico	Amostra	Objetivo	Categoria analítica	Principais resultados	Nível de evi- dên- cia*
Silva et al. (2025)	Estudo trans- versal analítico	Jovens usuários de redes sociais (n.i.)	Analisar a influência do Insta- gram na autoima- gem	Impactos das mídias digitais na autoima- gem	Maior uso de filtros e exposição a conteúdos "fitspiration" associaram- se a mais sintomas compatíveis com TDC	III
Maga- lhães et al. (2025)	Estudo quanti- tativo trans- versal	Adoles- centes do sexo feminino (n.i.)	Investigar padrões estéticos e insatisfação corporal	Reforço de padrões estéticos e sofrimento psíquico	Internalização de padrões irreais corre- lacionou-se com aumento da distorção corporal e insatisfação estética	III
Ka- taoka et al. (2023)	Estudo obser- vacional clínico	Pacientes candidatos à cirurgia plástica (n.i.)	Avaliar a influência das redes sociais na decisão cirúrgica	Meca- nismos psicosso- ciais asso- ciados ao TDC	44,7% relata- ram influência direta das redes sociais na busca por procedimen- tos estéticos	IV

Autor/ Ano	Delineamento metodológico	Amostra	Objetivo	Categoria analítica	Principais resultados	Nível de evi- dên- cia*
Bastos et al. (2022)	Revisão nar- rativa	Literatura científica	Relacionar TDC e cultura de consumo contempo- rânea	Reforço de padrões estéticos e sofrimento psíquico	Procedimen- tos estéticos isolados não reduziram de forma consistente o sofrimen- to psíquico associado à autoimagem	V
Paula, Lo- pes e Rocha (2023)	Estudo qualita- tivo descritivo	Jovens adultas (n.i.)	Analisar a pressão estética no ambiente digital	Reforço de padrões estéticos e sofrimento psíquico	Emergiram relatos de dependência de validação externa, ansiedade estética e fragilidade emocional	IV
Men- donça e Fortes (2024)	Estudo teórico	—	Discutir o TDC sob perspectiva psicanálí- tica	Contribui- ções da psicanálise	A cultura digi- tal intensifica a centralidade da imagem e processos narcísicos de reconheci- mento externo	V
Silva e Mea (2023)	Estudo correla- cional	Usuários de redes sociais (n.i.)	Investigar validação digital e autoestima	Meca- nismos psicosso- ciais asso- ciados ao TDC	Busca frequente por curtidas associou- -se à maior dependência de validação externa e vul- nerabilidade narcísica	IV
Dutra, Gon- çalves e Cunha (2021)	Estudo quanti- tativo correla- cional	Adultos jovens (n.i.)	Analisar compara- ção social e imagem corporal	Meca- nismos psicosso- ciais asso- ciados ao TDC	Compara- ção social ascendente relacionou-se ao aumento da insatisfa- ção corporal	IV
Chaim et al. (2024)	Estudo clínico observacional	Pacientes diagnosti- cados com TDC (n.i.)	Investigar compor- tamentos compensa- tórios	Meca- nismos psicosso- ciais asso- ciados ao TDC	Maior angús- tia psíquica associou-se à intensificação de comporta- mentos com- pensatórios disfuncionais	IV

Fonte: autores (2026).

Os resultados evidenciam predominância de estudos observacionais e qualitativos (níveis III, IV e V), indicando um campo ainda em consolidação científica e com escassez de delineamentos experimentais e longitudinais. Apesar dessa limitação metodológica, há convergência consistente na literatura quanto à influência das mídias digitais na percepção corporal, sobretudo pelo uso de filtros e pela exposição contínua a imagens editadas, que intensificam a distorção da autoimagem e ampliam a discrepância entre o corpo percebido e o ideal internalizado, configurando um ambiente permanente de comparação estética e vigilância da aparência.

Dutra, Gonçalves e Cunha (2021) indicam que conteúdos de *fitspiration* e filtros digitais reforçam ideais estéticos irreais e intensificam a vigilância corporal mediada pelo olhar do outro, associando-se ao aumento da insatisfação corporal. Tais efeitos, contudo, variam conforme vulnerabilidades psíquicas e contextos sociais, configurando as mídias digitais como fator de risco inserido em um fenômeno multifatorial do sofrimento psíquico (Bastos *et al.*, 2022; Chaim *et al.*, 2024; Silva; Mea, 2023), não sendo, portanto, causa única.

No plano clínico, a insatisfação corporal pode favorecer a busca por intervenções estéticas orientadas por referências digitais, geralmente associadas a alívio temporário e resultados inconsistentes (Kataoka *et al.*, 2023). No âmbito psicossocial, a validação externa, a comparação social e as métricas digitais relacionam-se à instabilidade da autoestima e à dependência de reconhecimento, com maior vulnerabilidade entre adolescentes e mulheres jovens, embora fatores protetivos, como apoio familiar e alfabetização midiática, possam atenuar tais efeitos.

Sob a perspectiva psicanalítica, o corpo, na cultura digital, é vivido como imagem exposta e avaliada, cujo valor depende de como é visto pelos outros. A experiência de si deixa de se basear apenas em referências internas e passa a se organizar a partir desse olhar externo, o que intensifica ideais de perfeição (Mendonça; Fortes, 2024; Silva; Mea, 2023; Paula; Lopes; Rocha, 2023). Nessa direção, o narcisismo, descrito por Freud (1914/2010) como o investimento na própria imagem, não ocorre de forma isolada, mas depende de reconhecimento, o que Lacan (1949/1998) enfatiza: “a função do estádio do espelho revela-se [...] como formadora da função do eu” (p. 96), indicando que o eu se constitui pela identificação com a imagem mediada pelo olhar do outro.

Tal dinâmica converge com o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5-TR, caracterizado por preocupação persistente com um ou mais defeitos percebidos na aparência, frequentemente mínimos ou não observáveis por outros, associada a comportamentos repetitivos, como checagem constante no espelho, camuflagem, comparação com outros ou busca recorrente por intervenções estéticas e sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes (American Psychiatric Association, 2023).

Alguns indivíduos podem apresentar convicções delirantes acerca da própria aparência, além de níveis elevados de ansiedade, vergonha e evitação social. Em alguns casos, o transtorno pode incluir especificadores, como a presença de dismorfia muscular, e apresenta associação significativa com risco aumentado de ideação suicida. Nesse sentido, o TDC trata-se, portanto, de um quadro psicopatológico complexo, que ultrapassa a insatisfação estética.

Assim, a comparação social ascendente, intensificada pelas mídias digitais, atua como fator de manutenção dos sintomas ao internalizar padrões midiáticos e ampliar a discrepância entre o corpo percebido e o idealizado (Dutra; Gonçalves; Cunha, 2021), o que intensifica a autovigilância e o sofrimento psíquico. A partir dessa articulação, o Quadro 2 sistematiza os achados da literatura em eixos interdependentes: gatilhos digitais, comportamentos de busca, grupos vulneráveis, impacto psíquico e mediação social, organizados com base na convergência dos dados empíricos. Essa estrutura permite visualizar de forma integrada como essas dimensões se relacionam, evidenciando fatores de desencadeamento, manutenção e vulnerabilidade, sem esgotar a complexidade do fenômeno.

Quadro 2 - Síntese das evidências em eixos analíticos interdependentes.

Variável Analisada	Evidência Principal	Autores (Ano)
Gatilhos Digitais	Exposição a filtros e imagens editadas intensifica a distorção da autoimagem e ativa processos de comparação social.	Magalhães et al. (2025); Silva et al. (2025)
Comportamento de Busca	Influência midiática associa-se à busca por intervenções estéticas como estratégia de regulação do desconforto com a aparência.	Kataoka et al. (2023); Bastos et al. (2022)
Público Vulnerável	Adolescentes e mulheres jovens apresentam maior suscetibilidade devido a demandas identitárias e de pertencimento social.	Paula, Lopes e Rocha (2023); Silva e Mea (2023)
Impacto Psíquico	Predomínio da imagem corporal como eixo identitário favorece distorções perceptivas, sofrimento psíquico e aproximação de sintomas dismórficos.	Mendonça e Fortes (2024)
Mediação Social	Comparação social e validação externa, mediadas por métricas digitais, sustentam a insatisfação corporal e a dependência de reconhecimento.	Dutra, Gonçalves e Cunha (2021); Silva e Mea (2023)

Fonte: autores (2026).

A análise dos achados sintetizados no Quadro 2 permite situar o TDC não apenas como quadro clínico individual, mas como uma incidência sobre a constituição da imagem corporal. Os chamados gatilhos digitais, especialmente filtros e imagens editadas, operam como dispositivos que reorganizam a percepção, intensificando a discrepância entre o corpo vivido e o ideal internalizado (Magalhães *et al.*, 2025; Silva *et al.*, 2025). Tal processo pode ser compreendido, em termos psicanalíticos, como uma radicalização da prima-

zia do registro imaginário, na qual a relação com o corpo se fixa na imagem e no olhar do outro, favorecendo distorções perceptivas compatíveis com os critérios descritos no DSM-5-TR.

No plano comportamental, a associação entre influência midiática e busca por intervenções estéticas (Kataoka *et al.*, 2023; Bastos *et al.*, 2022) evidencia o deslocamento do sofrimento psíquico para o corpo, tomado como objeto de correção. Esse movimento encontra correspondência nos comportamentos repetitivos descritos no DSM-5-TR, como checagem, camuflagem e procura por procedimentos, os quais, longe de resolver a insatisfação, tendem a reforçar o circuito sintomático ao não incidirem sobre os processos simbólicos subjacentes.

A maior vulnerabilidade de adolescentes e mulheres jovens articula-se aos processos de constituição do eu e às exigências de reconhecimento e pertencimento (Paula; Lopes; Rocha, 2023; Silva; Mea, 2023). Nesse contexto, as plataformas digitais operam como instâncias de validação externa, nas quais métricas de visibilidade passam a regular a autoestima, deslocando sua sustentação para parâmetros externos e instáveis, o que favorece sentimentos de inadequação, vergonha e evitação social, aspectos frequentemente associados ao TDC.

No plano psíquico, ocorre uma inflexão na experiência corporal, marcada pela redução do corpo à sua dimensão imagética (Mendonça; Fortes, 2024), remetendo a processos de alienação e fragilização do reconhecimento de si. De forma articulada, a comparação social intensificada pelas mídias digitais atua como mecanismo de manutenção dos sintomas (Dutra; Gonçalves; Cunha, 2021; Silva; Mea, 2023), sustentando a preocupação persistente com a aparência e a discrepância percebida, em consonância com a descrição clínica do transtorno.

Os resultados sintetizados nos Quadros 1 e 2 são convergentes ao indicar que as mídias digitais atuam na intensificação da insatisfação corporal e na manutenção de sintomas associados ao TDC, embora a Tabela 1 evidencie limitações metodológicas, como predominância de delineamentos observacionais, restringindo inferências causais. Não há contradição entre os achados, mas complementaridade: enquanto o Quadro 1 apresenta tendências gerais, o Quadro 2 aprofunda a análise ao organizar os dados em eixos que explicitam mecanismos subjacentes, como gatilhos digitais, mediação social e comportamentos de busca.

Essa articulação permite sustentar que a influência das mídias digitais não se configura de modo linear ou determinista, mas através de processos mediadores que envolvem vulnerabilidades psíquicas, dinâmicas de reconhecimento e internalização de ideais. Embora a correlação entre exposição digital e sofrimento psíquico seja enfatizada no plano descritivo e interpretativo, ainda precisa de maior robustez empírica em estudos longitudinais. Contudo, não invalida os achados, mas avigora o caráter multifatorial do TDC e aponta para a necessidade de investigações mais rigorosas que aprofundem

as relações entre cultura digital, constituição psíquica e psicopatologia.

Em síntese, o TDC emerge como resultado da articulação entre dimensões subjetivas, psicossociais e tecnológicas, o que tensiona leituras estritamente individualizantes. As mídias digitais não configuram causa única, mas operam como dispositivos que amplificam e organizam o sofrimento psíquico em indivíduos vulneráveis, contribuindo para sua manutenção e agravamento. Tal compreensão reforça a necessidade de abordagens clínicas e analíticas que integrem essas mediações, bem como de investigações mais aprofundadas e interdisciplinares, capazes de apreender a complexidade do fenômeno na cultura digital contemporânea.

4. Considerações finais

Ao retomar o objetivo geral deste estudo, evidencia-se que as mídias sociais operam não apenas como contexto, mas como dispositivos ativos na intensificação de distorções perceptivas e do sofrimento psíquico associado à imagem corporal. A literatura converge ao indicar que a arquitetura algorítmica das plataformas, orientada por engajamento, comparação e idealização, não apenas reflete vulnerabilidades pré-existentes, mas sustenta circuitos de validação externa e processos de alienação da imagem, em consonância com a leitura psicanalítica do fenômeno.

Essa compreensão evidencia os limites de abordagens estritamente individualizantes e reforça a necessidade de modelos analíticos integrados, capazes de articular dimensões clínicas, psicossociais e sociotécnicas; no plano social, destaca-se o papel das plataformas na normatização de padrões estéticos e na produção diferencial de vulnerabilidades, especialmente entre adolescentes e mulheres jovens, o que demanda estratégias preventivas que incorporem o letramento digital e a problematização crítica dos dispositivos de mediação.

O estudo contribui ao integrar diferentes níveis explicativos e ao organizar as evidências em eixos analíticos, permitindo compreender o TDC como fenômeno relacional, situado na interface entre subjetividade e cultura digital. Embora limitado pelo delineamento de revisão narrativa, aflora a necessidade de investigações empíricas, longitudinais e interdisciplinares que aprofundem a compreensão dessas mediações.

Conclui-se, portanto, que o TDC se configura como expressão psicopatológica contemporânea indissociável da cultura digital, exigindo abordagens que articulem saúde mental, dinâmicas sociais e tecnologias. Nesse contexto, a atuação da Psicologia assume papel central tanto na produção científica quanto na elaboração de intervenções clínicas, estratégias preventivas e ações de letramento crítico, fundamentais para compreender e enfrentar os efeitos dos dispositivos digitais sobre a autoimagem e o sofrimento psíquico.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AROMATARIS, Edoardo; MUNN, Zachary (org.). **JBI manual for evidence synthesis**. Adelaide: Joanna Briggs Institute, 2020. Disponível em: <https://jbi-global-wiki.refined.site/space/MANUAL>. Acesso em: 3 de maio de 2026.

BASTOS, Ana Paula Santos de Oliveira; BENEVIDES, Anny Larisse Alves; SILVA, Matheus Ferreira da; RIBEIRO, Letícia Urzêdo. A influência das mídias sociais no Transtorno Dismórfico Corporal: uma doença da era digital? **Revista Científica do Tocantins**, Porto Nacional, v. 2, n. 2, p. 1-18, jun. 2022. Disponível em: <https://itpacporto.emnuvens.com.br/revista/article/view/48/45>. Acesso em: 25 mar. 2026.

DUTRA, Alana Ribeiro; GONÇALVES, Angélica da Silva Rangel; CUNHA, Jeysson Ricardo Fernandes da. Revisão integrativa de estudos no âmbito da psicologia sobre as representações sociais da imagem corporal: o que dizem as produções acadêmicas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e50710515139, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/15139/13647>. Acesso em: 25 mar. 2026.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: _____. **Obras completas**: volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KATAOKA, Alexandre *et al.* O Transtorno Dismórfico Corporal e a influência da mídia na procura por cirurgia plástica: a importância da avaliação adequada. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 38, n. 1, p. e0645, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/RnRbXNdhYQKvyzzCghRkR-Jr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2026.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAURINDO, Maria Raquel Tinoco *et al.* Insatisfação corporal e distúrbios de imagem corporal repercutidos a partir de mídias e redes sociais. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 6, p. e361623, 2022. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/1623/1242>. Acesso em: 25 mar. 2026.

MAGALHÃES, Jennifer Kelly da Costa *et al.* Transtorno dismórfico corporal:

o efeito das redes sociais na distorção de imagem em mulheres adolescentes. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 11, p. 3609-3620, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21579/13734>. Acesso em: 25 mar. 2026.

MENDONÇA, Giovanna Furtado de; FORTES, Maria Isabel de Andrade. Corpos entre telas e espelhos: a primazia do olhar e da imagem na cultura digital. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João del-Rei, v. 13, n. 26, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v13n26/2316-5197-analytica-13-26-5712.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2026.

PAULA, Andria Vidinha de; LOPES, Virgínia Alves de Souza; ROCHA, Wollace Scantbelrui da. A influência das redes sociais na autoimagem feminina: desvendando padrões de beleza e seu papel no desenvolvimento do transtorno dismórfico corporal. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 11, p. 20706-20726, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1945/1504>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SILVA, George Vinícius Lima da *et al.* O impacto das redes sociais no Transtorno Dismórfico Corporal: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2025. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/5101/5051>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SILVA, Hannah Lupato; DELLA MEA, Cristina Pilla. Uso de redes sociais e autoimagem em adolescentes: uma revisão narrativa. **Psicologia em Ênfase**, v. 4, p. 34-45, 2023. Disponível em: <https://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/773/633>. Acesso em: 25 mar. 2026.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em: 26 mar. 2026.

O MEDO DE ESTAR DOENTE: O TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E DIGITAL

Pamela Vitória da Silva Carvalho⁸
Anna Carolina Gomes de Figueiredo⁹
Natalia de Siqueira Oliveira¹⁰
Ester Rodrigues Lima¹¹
Juliane Leal da Silva¹²
Rosana Moreira Braga¹³
Thafinne dos Santos Oliveira¹⁴
Lucélia de Jesus Amaral Jati¹⁵

Resumo: O Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD) caracteriza-se por preocupação persistente e desproporcional com a saúde, mesmo na ausência de evidências clínicas de enfermidade, ocasionando prejuízos funcionais. O objetivo deste estudo foi analisar o TAD a partir de uma revisão sistemática da literatura, considerando bases cognitivas, psicossomáticas e psicodinâmicas e implicações clínicas. Trata-se de uma revisão sistemática conduzida segundo as diretrizes PRISMA, com busca em bases de dados nacionais e internacionais. Foram identificados 74 registros, dos quais 02 estudos foram incluídos na síntese qualitativa. Os resultados indicam um ciclo de manutenção envolvendo hipervigilância corporal, interpretações catastróficas e comportamentos de segurança, influenciados por fatores de intolerância à incerteza e cybercondria. Conclui-se que o TAD é multifatorial, exigindo intervenções integradas e baseadas em evidências.

Palavras-chave: psicologia; transtorno de ansiedade de doença; ansiedade de saúde; revisão sistemática; cybercondria.

1. Introdução

O Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD), anteriormente denominado hipocondria, caracteriza-se por uma preocupação persistente, excessiva e desproporcional com a possibilidade de estar acometido por uma enfermidade grave, mesmo na ausência de evidências clínicas consistentes ou após avaliações médicas negativas. Na contemporaneidade, esse fenômeno

⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁵ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

ganha novos contornos, especialmente no contexto da sociedade digital, na qual o acesso constante à informação em saúde pode intensificar processos de interpretação catastrófica e vigilância corporal, ampliando o “medo de estar doente” como experiência subjetiva central.

A compreensão histórica do TAD revela que as formas de interpretação do adoecimento humano variaram conforme os paradigmas culturais e científicos de cada época, refletindo distintas concepções sobre corpo, subjetividade e saúde. Nas sociedades antigas, predominavam explicações mágico-religiosas, nas quais a doença era atribuída a forças sobrenaturais, entidades espirituais ou punições divinas, evidenciando uma visão integrada entre corpo e dimensão espiritual. A partir do século VII a.C., especialmente na Grécia Antiga, observa-se uma transição gradual para modelos racionalizantes, com o desenvolvimento da medicina hipocrática e da filosofia natural (Volich, 2002).

Nesse contexto, o adoecimento passa a ser explicado por causas naturais, destacando-se a teoria dos quatro humores: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, cuja desregulação seria responsável por doenças físicas e alterações afetivas. É nesse cenário que emerge a noção inicial de hipocondria, associada à região anatômica do hipocôndrio e vinculada à melancolia, evidenciando uma compreensão ainda indissociável entre corpo e sofrimento psíquico. Posteriormente, Galeno (séculos I–II d.C.) contribui para a sistematização desse entendimento ao relacionar os transtornos mentais a disfunções orgânicas, reforçando uma leitura médico-natural do sofrimento psíquico.

Com a modernidade, entre os séculos XVII e XVIII, o modelo humoral é gradualmente substituído por explicações centradas no sistema nervoso, emergindo a noção de “doenças dos nervos”, frequentemente associadas ao estilo de vida urbano. No século XIX, com a consolidação da psiquiatria moderna, os transtornos mentais passam a ser sistematizados cientificamente, embora a hipocondria ainda permanecesse como uma categoria híbrida entre corpo e mente (Foucault, 1977). Nesse período, diferentes tradições psiquiátricas buscavam compreender o sofrimento psíquico ora como desrazão, ora como desorganização orgânica.

As contribuições da psicanálise, especialmente com Freud, ampliam essa compreensão ao inserir a hipocondria no campo das neuroses, interpretando-a como expressão de conflitos inconscientes que se manifestam no corpo. Nesse sentido, o sintoma corporal passa a ser compreendido como uma forma de simbolização do sofrimento psíquico, deslocando o enfoque exclusivamente biológico para uma perspectiva subjetiva do adoecimento (Volich, 2002).

Na contemporaneidade, essas transformações se refletem nas classificações diagnósticas. Enquanto o DSM-IV inseria a hipocondria entre os transtornos somatoformes, o DSM-5-TR redefine o quadro, substituindo o termo por Transtorno de Ansiedade de Doença, enfatizando a centralidade

da ansiedade relacionada à saúde e da experiência subjetiva do sofrimento (American Psychiatric Association, 2022). O transtorno é caracterizado por elevada preocupação com doenças, comportamentos de verificação corporal, busca excessiva por informações médicas e, em alguns casos, evitação de serviços de saúde (Frota *et al.*, 2022).

Nesse cenário, destaca-se o fenômeno da cybercondria, no qual a busca recorrente por informações de saúde na internet intensifica interpretações catastróficas e reforça ciclos de ansiedade e insegurança. Esse processo contribui para a manutenção do transtorno, ampliando a dependência de validação externa e favorecendo a cronificação do sofrimento psíquico (Nadeem *et al.*, 2022).

Além disso, a perspectiva psicossomática amplia a compreensão do TAD ao considerar o corpo como via de expressão de estados emocionais não simbolizados. Nesse modelo, a hipervigilância corporal pode ser entendida como tentativa de organizar afetos difusos, especialmente em sujeitos com dificuldades de mentalização e regulação emocional, evidenciando o corpo como espaço de inscrição do sofrimento psíquico (French; Hameed, 2023).

Diante desse panorama histórico, clínico e psicopatológico, o presente estudo tem como objetivo analisar o Transtorno de Ansiedade de Doença em suas múltiplas dimensões, contribuindo para a ampliação do conhecimento científico e para o fortalecimento de práticas clínicas integradas, sensíveis e baseadas em evidências no campo da saúde mental.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, de abordagem qualitativa e natureza descritiva-analítica, conduzida segundo as diretrizes do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA 2020). O objetivo foi identificar, selecionar, avaliar criticamente e sintetizar evidências científicas acerca do Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD), contemplando suas manifestações clínicas, fatores associados e implicações terapêuticas.

A busca sistemática foi realizada entre fevereiro e abril de 2026, nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, SciELO e Portal de Periódicos CAPES, com complementação por literatura cinzenta quando pertinente. Foram utilizados descritores controlados e não controlados (MeSH e DeCS), em português e inglês, incluindo: “*Illness Anxiety Disorder*”, “*Health Anxiety*”, “*Hypochondriasis*”, “*Somatic Symptom Disorders*”, “Transtorno de Ansiedade de Doença” e “hipocondria”. Os termos foram combinados por operadores booleanos AND e OR, adotando estratégia replicável, exemplificada por: (“*Illness Anxiety Disorder*” OR “*Health Anxiety*” OR “*hypochondriasis*”) AND (“*somatic symptom disorder*” OR *anxiety* OR *psychopathology*). Foram aplicados filtros de período (2014–2026), idiomas (português,

inglês e espanhol) e tipo de publicação, incluindo artigos originais, revisões sistemáticas e metanálises revisadas por pares.

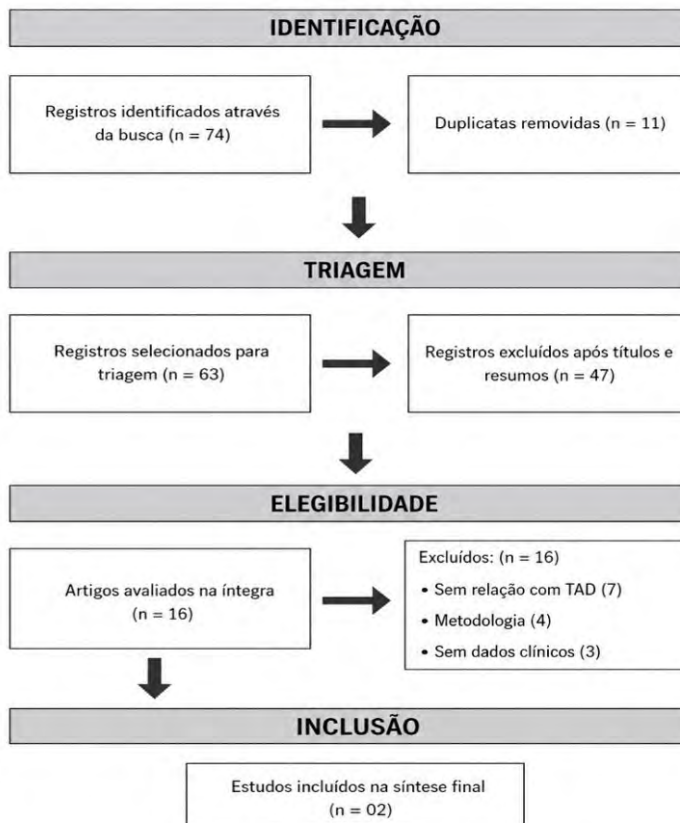
O processo de seleção seguiu rigorosamente as etapas recomendadas pelo fluxograma PRISMA, compreendendo identificação, remoção de duplicatas, triagem por títulos e resumos, avaliação de elegibilidade em texto completo e inclusão final dos estudos na síntese qualitativa. A busca inicial resultou em 74 registros, dos quais 11 duplicatas foram removidas, restando 63 estudos para triagem. Após a leitura de títulos e resumos, 47 estudos foram excluídos por não atenderem aos critérios de elegibilidade, permanecendo 16 artigos para avaliação em texto completo.

Na etapa de elegibilidade, 14 estudos foram excluídos, sendo 07 por não abordarem diretamente o Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD) ou hipocondria, 04 por inadequação metodológica e 03 por ausência de dados clínicos relevantes. Após análise qualitativa aprofundada e refinamento por relevância teórica e consistência metodológica, apenas 02 estudos foram considerados centrais para a construção da síntese final, por apresentarem maior robustez empírica, aderência direta ao objetivo da revisão e contribuição significativa para a compreensão do TAD sob as perspectivas clínica, cognitiva e psicopatológica.

A extração dos dados foi realizada por meio de instrumento estruturado, contemplando autor/ano, país, delineamento metodológico, características amostrais, principais achados e contribuições clínicas e teóricas. Em seguida, os dados foram analisados por síntese temática, organizados em eixos relacionados às manifestações clínicas, fatores psicossociais, bases psicopatológicas e neurobiológicas, além de intervenções terapêuticas baseadas em evidências.

Por se tratar de estudo baseado exclusivamente em dados secundários de domínio público, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS nº 510/2016, sendo assegurados os princípios de integridade científica, transparência metodológica e rigor na citação das fontes.

Figura 1 - Fluxograma das etapas de identificação dos artigos via bases de dados e registros



3. Resultados e discussão

A análise integrada dos achados evidencia que o Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD) não pode ser reduzido a um único modelo explicativo, exigindo uma compreensão multidimensional que articule processos cognitivos, dinâmicas afetivo-subjetivas e mecanismos psicossomáticos de expressão do sofrimento. Em sua fenomenologia clínica, o transtorno se caracteriza por preocupação persistente e desproporcional com a saúde, associada à hipervigilância corporal, interpretação catastrófica de sensações corporais benignas e comportamentos repetitivos de checagem e busca por garantia e segurança, configurando um ciclo autorreforçador de manutenção psicopatológica, conforme descrito nos critérios diagnósticos do DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023).

Sob o modelo da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o TAD é compreendido como resultado de crenças disfuncionais centrais relacionadas à vulnerabilidade à doença e à intolerância às sensações corporais am-

bíguas. Esse modelo propõe que a atenção seletiva ao corpo, associada à catastrofização de estímulos internos neutros, promove um viés interpretativo que intensifica a ansiedade. Nesse contexto, comportamentos de segurança como checagem corporal, repetição de exames e busca constante por informações médicas produzem alívio imediato, mas reforçam negativamente as crenças de ameaça, sustentando o ciclo do transtorno. Esse mecanismo é amplamente consolidado na literatura cognitivo-comportamental contemporânea sobre ansiedade de saúde, com evidências robustas de eficácia de intervenções baseadas na reestruturação cognitiva e na exposição à incerteza (Olatunji *et al.*, 2014).

Em paralelo, a contribuição de modelos cognitivos mais recentes destaca a intolerância à incerteza como fator transdiagnóstico central na manutenção da ansiedade de doença. A incapacidade de tolerar ambiguidade em relação ao estado de saúde leva o indivíduo a interpretar a ausência de diagnósticos conclusivos como indicativo de risco oculto, perpetuando a necessidade de checagem e segurança. Esse processo contribui para um padrão cognitivo de busca infinita por certeza, no qual a redução da ansiedade torna-se paradoxalmente impossível, sustentando o ciclo de preocupação crônica (Olatunji *et al.*, 2014).

No contexto contemporâneo, o fenômeno da cybercondria introduz uma dimensão adicional relevante ao modelo de manutenção do TAD. A busca excessiva por informações de saúde na internet, frequentemente não filtradas ou descontextualizadas, favorece interpretações catastróficas e aumenta significativamente os níveis de ansiedade. Esse comportamento amplia o ciclo de verificação e insegurança, reforçando a dependência de segurança externa e contribuindo para a cronificação do quadro clínico (Nadeem *et al.*, 2022).

A perspectiva psicossomática amplia a compreensão do transtorno ao deslocar o foco exclusivamente cognitivo para uma lógica de integração corpo-psiquismo. Nesse modelo, o corpo não é apenas objeto de atenção disfuncional, mas também um campo de expressão de estados emocionais não simbolizados. A hipervigilância corporal pode, nesse sentido, ser compreendida como uma tentativa de organizar somaticamente experiências afetivas difusas, especialmente em indivíduos com dificuldades de mentalização e regulação emocional. O sintoma corporal passa, assim, a operar como via de comunicação de estados internos não plenamente representáveis, indicando uma falha na integração psíquica da experiência emocional (French; Hameed, 2023).

De forma complementar, a perspectiva psicodinâmica compreende o TAD como expressão de angústias fundamentais relacionadas à finitude, desamparo e perda de controle. Desde as formulações freudianas sobre a hipocondria, o corpo é concebido como lugar privilegiado de deslocamento da angústia psíquica. Nesse sentido, o sintoma não é apenas disfunção, mas também formação de compromisso, funcionando como tentativa de dar forma e localização a afetos intoleráveis. Essa leitura destaca o papel organizador

do sintoma na economia psíquica, ao mesmo tempo em que evidencia seu custo subjetivo em termos de sofrimento e rigidez psíquica (Frota, 2022).

A articulação entre esses três modelos: cognitivo-comportamental, psicossomático e psicodinâmico permite uma compreensão mais abrangente e clinicamente útil do TAD. Enquanto a TCC descreve com precisão os mecanismos observáveis de manutenção (crenças disfuncionais, atenção seletiva e comportamentos de segurança), a psicossomática fornece um eixo integrador entre corpo e emoção, destacando a dimensão da simbolização do sofrimento, e a psicanálise aprofunda a compreensão dos determinantes inconscientes e da função subjetiva do sintoma.

Do ponto de vista clínico, essa integração possui implicações diretas para o tratamento. Intervenções exclusivamente cognitivas podem ser limitadas em casos marcados por intensa carga afetiva não simbolizada, enquanto abordagens exclusivamente interpretativas podem negligenciar os mecanismos comportamentais que mantêm o transtorno. Assim, a literatura sustenta a necessidade de um modelo clínico integrado, que combine técnicas de reestruturação cognitiva, intervenções de regulação emocional e estratégias que favoreçam a mentalização e elaboração psíquica.

Por fim, o conjunto dos achados reforça que o TAD deve ser compreendido como um fenômeno psicopatológico complexo, situado na interface entre cognição, corpo e subjetividade. Essa compreensão integrada não apenas aprofunda o entendimento teórico do transtorno, mas também amplia suas possibilidades de intervenção, favorecendo abordagens mais precisas, sensíveis e eficazes na redução do sofrimento e na melhora funcional dos pacientes.

4. Considerações finais

A presente revisão evidencia que o Transtorno de Ansiedade de Doença configura-se como uma condição psicopatológica marcada pela interpretação disfuncional de sensações corporais e pela crença persistente de estar acometido por uma enfermidade grave, mesmo na ausência de evidências clínicas consistentes. Ainda quando há manifestações somáticas, estas tendem a ser leves, sendo ampliadas e reinterpretadas sob um viés catastrófico, o que sustenta o ciclo de preocupação e vigilância constante sobre o corpo.

No que se refere aos impactos do transtorno, observa-se prejuízo significativo no funcionamento social e ocupacional dos indivíduos, que frequentemente vivenciam sofrimento psíquico contínuo, dificuldades relacionais e redução da qualidade de vida. Soma-se a isso a elevada utilização dos serviços de saúde, caracterizada por buscas repetidas por atendimentos, exames e confirmação diagnóstica, o que contribui para a sobrecarga dos sistemas de saúde e para a manutenção do padrão de insegurança.

Do ponto de vista teórico, a análise evidencia que a compreensão do transtorno exige uma leitura integrada entre mente, corpo e comportamen-

to, evitando reducionismos explicativos. Essa perspectiva ampliada permite reconhecer que os sintomas não se limitam a uma dimensão orgânica ou cognitiva isolada, mas resultam de interações complexas entre processos emocionais, cognitivos e subjetivos que se retroalimentam continuamente.

No âmbito clínico, destaca-se que intervenções eficazes devem considerar tais múltiplas dimensões. Abordagens como a Terapia Cognitivo-Comportamental mostram-se relevantes na modificação de crenças disfuncionais e comportamentos de verificação, enquanto perspectivas psicodinâmicas contribuem para a elaboração de conflitos inconscientes e ampliação da capacidade de simbolização. Assim, a integração dessas abordagens favorece um cuidado mais abrangente e sensível à singularidade do paciente.

Conclui-se, portanto, que o manejo do TAD requer uma perspectiva ampliada e interdisciplinar, capaz de articular diferentes modelos teóricos e estratégias terapêuticas. Como perspectiva futura, destaca-se a necessidade de novos estudos que aprofundem os mecanismos psicológicos e neurobiológicos envolvidos, bem como a eficácia de intervenções integradas, visando à qualificação do cuidado em saúde mental e à redução do impacto funcional e social do transtorno.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5®**. [s.l.: s.n.], 2024.

Disponível em: <https://membros.analysispsicologia.com.br/wp-content/uploads/2024/06/DSM-V.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2026.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARSKY, Arthur J.; WYSHAK, Grace. Hypochondriasis and somatosensory amplification. **The British Journal of Psychiatry**, v. 157, n. 2, p. 219–223, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1192/bjp.157.2.219>.

FRENCH, J. H.; HAMEED, S. Illness Anxiety Disorder. In: StatPearls. Treasure Island (FL): **StatPearls Publishing**, 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK554399/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

FROTA, Ilgner Justa *et al.* Transtornos de ansiedade: histórico, aspectos clínicos e classificações atuais. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 10, n. 1, p. 1–8, 2022.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

GIACOMINI, Marcelo. **Mídias sociais e saúde mental no cenário pós-pandêmico**: a atividade física como fator mediador e de proteção. 2025.

LEITE, Michelle de Farias. **Modelo explicativo para o transtorno de ansiedade generalizada**: o papel da intolerância à incerteza, preocupação e regulação emocional. 2022.

NADEEM, F. *et al.* Relationship between health-anxiety and cyberchondria: role of metacognitive beliefs. **Journal of Clinical Medicine**, v. 11, n. 9, p. 2590, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/jcm11092590>.

OLATUNJI, Bunmi O. *et al.* Cognitive-behavioral therapy for health anxiety: a meta-analysis. **Behaviour Research and Therapy**, v. 52, p. 65–72, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.beth.2013.12.002>.

ROCHA, F. L.; MENDES, S. C. Hipocondria: uma revisão histórica e conceitual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 31, n. 1, 2004.

SUNDERLAND, M.; NEWBY, J. M.; ANDREWS, G. Ansiedade em saúde na Austrália: prevalência, comorbidade, incapacidade e uso de serviços. **British Journal of Psychiatry**, v. 202, n. 1, p. 56–61, 2013.

VOLICH, Rubens Marcelo. **Hipocondria: impasses da alma, desafios do corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

TRANSTORNO DE SINTOMAS NEUROLÓGICOS FUNCIONAIS: PSICOSSOMÁTICA E CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Kailany Silva Castanha¹⁶

Ana Prycila Rocha Linares¹⁷

Benedito Aragão Miranda¹⁸

Bruna Nogueira Aires Paiva¹⁹

Marlyvan Marcião de Castro²⁰

Matheus Victor Silva Viana²¹

Rodrigo Hoff Galvão Filho²²

Lucélia de Jesus Amaral Jati²³

Resumo: O Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais (TSNF) constitui uma condição neuropsiquiátrica complexa associada a sintomas neurológicos sem alterações estruturais compatíveis. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar as principais evidências científicas acerca da etiologia, dos aspectos psicossociais, neurofuncionais e diagnósticos do TSNF. Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão integrativa da literatura, na qual foram utilizados artigos científicos, revisões sistemáticas e meta-análises como fontes de informação. Os estudos foram rastreados, por meio de descritores em português e inglês, nas bases PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, PsycINFO e SciELO. Observa-se que os avanços das neurociências e da psicossomática favoreceram uma compreensão biopsicossocial do transtorno. Conclui-se que abordagens interdisciplinares são fundamentais para o diagnóstico e cuidado clínico do TSNF.

Palavras-chave: transtorno de sintomas neurológicos funcionais; psicologia; psicossomática; neurociências; saúde mental.

1. Introdução

O Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais (TSNF), também denominado Transtorno Neurológico Funcional ou Transtorno Conversivo, caracteriza-se pela presença de sintomas neurológicos involuntários, como fraqueza muscular, alterações motoras, crises funcionais, distúrbios sensoriais e déficits cognitivos, incompatíveis com doenças neurológicas estrutu-

16 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

17 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

18 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

19 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

20 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

21 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

22 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

23 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

rais conhecidas (American Psychiatric Association, 2023). Apesar da ausência de lesões orgânicas capazes de justificar integralmente o quadro clínico, o transtorno está associado a sofrimento psicológico significativo e prejuízos funcionais importantes, comprometendo a qualidade de vida e o funcionamento cotidiano dos indivíduos acometidos.

Historicamente associado à histeria e compreendido por modelos psicogênicos, o TSNF passou, nas últimas décadas, por importantes reformulações teóricas. Os avanços da psicossomática, das neurociências e da neuroimagem funcional favoreceram uma compreensão integrativa do transtorno, baseada na interação entre fatores psicológicos, sociais e neurobiológicos. Nesse contexto, estudos recentes identificam alterações funcionais em redes relacionadas ao controle motor, à regulação emocional e à integração sensorio-motora, reforçando a compreensão do TSNF como resultado de disfunções dinâmicas do funcionamento cerebral (Perez *et al.*, 2021; Mavroudis *et al.*, 2024).

Além disso, fatores psicossociais, como experiências traumáticas, estressores crônicos, dificuldades na regulação emocional e manifestações dissociativas, têm sido frequentemente associados ao desenvolvimento do quadro clínico, evidenciando o caráter multifatorial do TSNF (Fobian; Elliott, 2019). Essa compreensão contribui para a superação da dicotomia entre mente e corpo e favorece abordagens clínicas mais amplas, centradas na integração entre experiência subjetiva, funcionamento cerebral e contexto social.

No âmbito diagnóstico, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5-TR define o transtorno a partir da presença de sinais positivos de incompatibilidade funcional, afastando-se do modelo exclusivamente excludente historicamente utilizado (American Psychiatric Association, 2022). De forma semelhante, a Classificação Internacional de Doenças – CID-11 classifica o TSNF como um distúrbio neurológico funcional dissociativo, associado a alterações no funcionamento do sistema nervoso sem evidências estruturais suficientes para justificá-las (World Health Organization, 2019).

Diante da complexidade clínica e teórica do transtorno, o presente estudo tem como objetivo analisar, por meio de revisão integrativa da literatura, as principais evidências contemporâneas sobre a etiologia, os aspectos psicossociais, os mecanismos neurofuncionais e os critérios diagnósticos do TSNF. Busca-se discutir como os estudos recentes têm contribuído para uma compreensão biopsicossocial integrada do transtorno, bem como suas implicações para a psicologia e para a área da saúde mental.

2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura. Esse método possibilita a síntese, análise e interpretação crítica de produções científicas acerca do

Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais (TSNF), permitindo compreender o fenômeno em suas dimensões psicossociais, neurobiológicas, clínicas e diagnósticas, à luz da psicopatologia contemporânea e dos critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais-DSM-5-TR (APA, 2022).

A revisão integrativa foi conduzida de forma sistematizada, contemplando as seguintes etapas: definição da questão norteadora, estabelecimento dos critérios de elegibilidade, busca e seleção dos estudos, extração dos dados, análise crítica e síntese dos achados. Tal delineamento metodológico favorece a integração de diferentes perspectivas teóricas e evidências científicas, contribuindo para uma compreensão ampliada do objeto investigado. A investigação foi orientada pela seguinte questão norteadora: *“Como a literatura científica contemporânea tem compreendido a etiologia, o diagnóstico e as dimensões psicossociais e neurofuncionais do Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais?”*

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, PsycINFO e SciELO, selecionadas em razão de sua relevância e abrangência na área da saúde e das ciências psicológicas. Foram incluídas publicações disponibilizadas entre os anos de 2016 e 2026, visando assegurar a atualização e pertinência das evidências analisadas. Para a estratégia de busca, utilizaram-se descritores em português e inglês, combinados mediante operadores booleanos (“AND” e “OR”), dentre os quais se destacam: “Functional Neurological Disorder”, “Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais”, “Conversion Disorder”, “neurobiology”, “functional neuroimaging”, “psychosocial factors” e “dissociation”.

Foram incluídos artigos originais, revisões sistemáticas e meta-análises publicados em periódicos revisados por pares, disponíveis na íntegra e relacionados às dimensões clínicas, neurobiológicas ou psicossociais do TSNF. Excluíram-se estudos duplicados, relatos de caso, teses, dissertações, publicações sem revisão por pares e pesquisas sem relação direta com o tema. Por utilizar exclusivamente dados de domínio público, esta revisão não necessitou de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS nº 510/2016.

A seleção ocorreu em duas etapas. Na primeira, realizou-se a leitura dos títulos e resumos com o objetivo de identificar a relevância temática das publicações. Na segunda, os estudos potencialmente elegíveis foram analisados na íntegra, visando verificar sua adequação aos critérios estabelecidos. Posteriormente, os dados foram extraídos e analisados por síntese narrativa, sendo organizados em categorias relacionadas aos aspectos históricos, psicossociais, neurobiológicos e clínicos do TSNF.

3. Resultados e discussão

A análise da literatura demonstra que o Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais (TSNF) possui etiologia multifatorial, resultante da inte-

ração entre aspectos psicossociais e neurobiológicos. Experiências traumáticas, eventos estressores e dificuldades na regulação emocional aparecem de forma recorrente associados ao desenvolvimento e à manutenção dos sintomas, os quais se manifestam de maneira involuntária e produzem sofrimento real ao indivíduo. No contexto clínico, destaca-se que o transtorno frequentemente se confunde com condições neurológicas orgânicas, favorecendo equívocos diagnósticos e repercussões negativas no manejo terapêutico (Walzl; Carson; Stone, 2019).

Neste enfoque, Fobian e Elliott (2018) destacam a complexidade etiológica do TSNF, relacionada à diversidade de fatores predisponentes envolvidos em cada caso. Embora o transtorno tenha sido historicamente compreendido pela perspectiva psicanalítica como manifestação somática do sofrimento psíquico, os autores apontam que explicações exclusivamente psicogênicas mostram-se insuficientes diante das evidências atuais e podem comprometer a adesão ao tratamento. Assim, defendem abordagens integrativas que articulem fatores emocionais, neurofuncionais e contextuais na compreensão do transtorno.

A análise da literatura evidencia que o TSNF apresenta um modelo explicativo predominantemente multifatorial, sustentado pela interação entre fatores psicossociais, somáticos, contextuais e neurobiológicos. Conforme sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 - Visão geral dos fatores predisponentes da TSNF.

Fator	Evidências de apoio
Sintomas traumáticos/psiquiátricos	Histórico de abuso ou trauma sexual.
	Aumento do estresse.
	Aumento dos sintomas de ansiedade e pânico.
	Alexitimia aumentada.
	Transtornos dissociativos comórbidos.
Sintomas somáticos	Comorbidades: fadiga, dor crônica, síndrome do intestino irritável.
	O reforço e a preocupação dos pais com os sintomas físicos resultam em um aumento dos sintomas.
	Comprometimento na filtragem sensorial, permitindo sobrecarga de informações.
Exposição a doenças	Evento físico precipitante ou trauma físico.
	Histórico pessoal ou familiar de distúrbio neurológico.
	Histórico pessoal ou familiar de outros distúrbios de saúde.
	Profissão na área médica ou paramédica.
	Exposição da mídia a distúrbios neurológicos.
Monitoramento de sintomas	Comprometimento na habituação.

Fator	Evidências de apoio
Evidências neuropsicológicas	Maior foco nas características externas do corpo.
	Aumento do automonitoramento.
	Foco atencional anormal na área afetada.
	Crenças e expectativas sobre doenças.
	Déficits na sensação de controle sobre as ações.
	Déficits na rede neural inter-regional no sistema límbico, áreas sensório-motoras e córtex pré-frontal.
	Anormalidades funcionais e estruturais do cérebro.

Fonte: Adaptado de Fobian e Elliott (2019).

No eixo psicossocial, os estudos analisados convergem ao apontar que experiências traumáticas, sintomas ansiosos, alexitimia e manifestações dissociativas exercem papel relevante no desenvolvimento e na manutenção do TSNF. Fobian e Elliott (2019) destacam que tais fatores interferem diretamente na percepção e interpretação das sensações corporais, favorecendo hipervigilância e amplificação do sofrimento físico. Essa compreensão aproxima-se dos achados de Perez *et al.* (2021), que identificam alterações nos processos de integração entre emoção e percepção corporal, sugerindo que aspectos emocionais e neurofuncionais atuam de maneira interdependente na manifestação clínica do transtorno.

De forma complementar, a elevada frequência de comorbidades, como dor crônica, fadiga e síndrome do intestino irritável, reforça a sobreposição entre síndromes funcionais e evidencia que o TSNF não pode ser compreendido exclusivamente a partir de alterações motoras ou neurológicas isoladas. Nesse sentido, Baslet *et al.* (2023) observam que a persistência dos sintomas está associada não apenas a fatores emocionais, mas também a mecanismos de automonitoramento corporal e aumento da atenção direcionada às sensações físicas. Essa perspectiva dialoga com os achados de Merritt *et al.* (2024), que identificam padrões neurofuncionais relacionados à dificuldade de modulação perceptiva e à intensificação da experiência corporal.

A discussão contemporânea também demonstra um afastamento progressivo de modelos estritamente psicogênicos. Fobian e Elliott (2019) reconhecem a influência histórica da interpretação psicanalítica do transtorno como expressão somática do sofrimento psíquico, os ressaltando que explicações exclusivamente emocionais mostram-se insuficientes diante das evidências atuais. Tal posicionamento converge com Perez *et al.* (2021) e Mavroudis *et al.* (2024), cujos estudos de neuroimagem mostram alterações em redes cortico-subcorticais relacionadas ao controle motor, à regulação emocional e à percepção corporal. Assim, os sintomas deixam de ser compreendidos como ausência de lesão orgânica ou mera somatização, passando a ser interpretados como resultado de disfunções na conectividade funcional cerebral.

Além disso, os achados indicam que fatores ambientais e experiências relacionadas ao adoecimento influenciam significativamente a organização dos sintomas. A exposição a doenças, o histórico familiar e a antecipação cognitiva de manifestações físicas parecem contribuir para a construção de crenças de vulnerabilidade, favorecendo ciclos de retroalimentação entre atenção, interpretação corporal e persistência sintomática.

Dessa forma, os autores analisados sustentam uma compreensão multifatorial do TSNF, na qual fatores psicológicos, neurobiológicos e contextuais não atuam de maneira isolada, mas se articulam dinamicamente na constituição e manutenção do transtorno. Essa compreensão geral se reflete diretamente na heterogeneidade clínica descrita no Quadro 2 (Hallett *et al.*, 2022):

Quadro 2 - Subtipos de TSNF.

Subtipo de TSNF	Descrição
Crises epiléticas funcionais	Crises semelhantes às epiléticas, porém sem atividade elétrica compatível, caracterizadas por sinais positivos de incongruência funcional, como fechamento dos olhos, movimentos assíncronos e padrão intermitente.
Distúrbios funcionais do movimento	Alterações motoras, como tremores, distonia e fraqueza, incompatíveis com doenças neurológicas, apresentando variabilidade conforme atenção, distração e contexto clínico.
Tontura postural perceptiva persistente	Tonturas e instabilidade persistentes sem causa vestibular ou neurológica identificável, frequentemente agravadas por movimentos e estímulos visuais complexos.
Transtorno Cognitivo Funcional	Sintomas cognitivos, como queixas de memória e dificuldade de concentração, sem evidência de causa orgânica clara. Mas, com relato detalhado do próprio paciente sobre seus déficits cognitivos.

Fonte: Adaptado de Hallett et al. (2022).

O Quadro 2 caracteriza o TSNF como um espectro sindrômico composto por diferentes manifestações clínicas, como crises epiléticas funcionais, distúrbios funcionais do movimento, tontura postural perceptiva persistente e transtorno cognitivo funcional (Hallett *et al.*, 2022). Embora apresentem manifestações distintas, os subtipos compartilham sinais de incongruência funcional e ausência de alterações estruturais, reforçando a compreensão do transtorno como resultado de disfunções em redes neurais distribuídas, e não de lesões localizadas.

Hallett *et al.* (2022) destacam que as crises epiléticas funcionais ocorrem sem atividade elétrica correspondente e que os distúrbios do movimento apresentam variabilidade relacionada à atenção e ao contexto. Em consonância, Perez *et al.* (2021) e Mavroudis *et al.* (2024) identificam alterações na conectividade entre sistemas sensorio-motores, límbicos e pré-frontais, indicando comprometimento na integração entre emoção, percepção corporal e controle motor. Complementando esses achados, Merritt *et al.* (2024) observam alterações cognitivas e neurofuncionais associadas à persistência

dos sintomas, reforçando o caráter dinâmico e multifatorial do TSNF.

Os autores também convergem ao apontar que as dificuldades diagnósticas do TSNF não se restringem à identificação clínica, mas envolvem tensões históricas entre neurologia e psiquiatria. Hallett *et al.* (2022) ressaltam que essa posição intermediária favorece atrasos diagnósticos e manutenção do estigma, enquanto o DSM-5-TR propõe critérios positivos de incompatibilidade funcional como forma de superar modelos exclusivamente excludentes (American Psychiatric Association, 2022).

Ao integrar os achados das Tabelas 1 e 2, observa-se consenso entre os estudos ao compreender o TSNF como uma condição multifatorial, na qual fatores emocionais, cognitivos e neurofuncionais interagem continuamente. Dessa forma, os sintomas deixam de ser interpretados como ausência de doença ou mera somatização, passando a ser compreendidos como expressão legítima de alterações funcionais complexas que desafiam a dicotomia tradicional entre mente e corpo.

4. Considerações finais

A presente revisão evidencia que o Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais (TSNF) constitui uma condição neuropsiquiátrica complexa, marcada por sintomas neurológicos reais e involuntários, associados a alterações funcionais em redes cerebrais relacionadas à regulação emocional, percepção corporal e controle motor. Os achados demonstram que fatores neurobiológicos, psicológicos e contextuais interagem de forma dinâmica na gênese e manutenção do transtorno, reforçando a insuficiência de modelos reducionistas centrados exclusivamente no orgânico ou no psíquico.

Além disso, a heterogeneidade clínica do TSNF e suas frequentes dificuldades diagnósticas evidenciam a necessidade de abordagens baseadas em sinais positivos de incongruência funcional e em modelos biopsicossociais integrados. Nesse contexto, a atuação interdisciplinar mostra-se fundamental para favorecer maior precisão diagnóstica, reduzir intervenções desnecessárias e ampliar a efetividade terapêutica.

Para a Psicologia e a área da saúde mental, esta revisão possui relevância ao fortalecer a compreensão do sintoma funcional como expressão legítima de sofrimento, contribuindo para práticas clínicas mais humanizadas, éticas e livres de estigmatização. Além disso, evidencia a importância de intervenções voltadas à regulação emocional, elaboração psíquica e reabilitação funcional, ampliando as possibilidades de cuidado integral ao paciente.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA PSICOSSOMÁTICA. **Medicina psicossomática: definição e importância**. 2020. Disponível em: <https://www.psicossomatica.org.br/2020/02/01/medicina-psicossomatica-definicao-e-importancia/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BASLET, G. *et al.* Functional neurological disorder: practical management. **Neurotherapeutics**, v. 22, n. 4, p. e00612, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neurot.2025.e00612>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FOBIAN, A. D.; ELLIOTT, L. A review of functional neurological symptom disorder etiology and the integrated etiological summary model. **Journal of Psychiatry & Neuroscience**, Ottawa, v. 44, n. 1, p. 8-18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1503/jpn.170190>. Acesso em: 28 mar. 2026.

GIROUARD, E.; SAVOIE, I.; WITKOWSKI, L. C. Functional neurological symptom disorder: a diagnostic algorithm. **Behavioural Neurology**, Londres, v. 2019, p. 3154849, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1155/2019/3154849>. Acesso em: 28 mar. 2026.

HALLETT, M. *et al.* Functional neurological disorder: new subtypes and shared mechanisms. **The Lancet Neurology**, Londres, v. 21, n. 6, p. 537-550, 2022. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1474-4422\(21\)00422-1](https://doi.org/10.1016/S1474-4422(21)00422-1). Acesso em: 29 mar. 2026.

JOURNAL OF NEUROLOGY, NEUROSURGERY & PSYCHIATRY INVESTIGATORS. Incidence and prevalence of functional neurological disorder in population-based studies. **Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry**, Londres, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1136/jnnp-2024-334767>. Acesso em: 13 abr. 2026.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MAVROUDIS, I. *et al.* Understanding functional neurological disorder: recent insights and diagnostic challenges. **International Journal of Molecular Sciences**, Basileia, v. 25, n. 8, p. 4470, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijms25084470>. Acesso em: 12 abr. 2026.

MERRITT, L. S. *et al.* Neurocognitive performance in functional neurological disorder: a systematic review and meta-analysis. **European Journal of Neurology**, Hoboken, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1111/ene.16386>. Acesso em: 14 abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-11**. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em: 28 mar. 2026.

PEREZ, D. L. *et al.* Neuroimaging in functional neurological disorder: state of the field and research agenda. **NeuroImage: Clinical**, Amsterdã, v. 30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.nicl.2021.102623>. Acesso em: 15 abr. 2026.

SANTOS, L. C. *et al.* Síndrome conversiva: mecanismos neurofisiológicos, critérios diagnósticos e intervenções terapêuticas multidisciplinares. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 11, n. 4, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18825>. Acesso em: 28 mar. 2026.

SAUNDERS, C. **Cuidados paliativos: princípios e prática**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SILVA, M. B. da. **Políticas públicas para a leitura e a literatura no Brasil**. Belém: RFB Editora, 2023. Disponível em: https://www.rfbeditora.com/_files/ugd/baca0d_2328d1916f294a71b1c86e86b1ca4ef1.pdf. Acesso em: 28 mar. 2026.

STEINRÜCKE, C. *et al.* Functional neurological disorder and chronic pain: clinical associations and mechanisms. **Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry**, Londres, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1136/jnnp-2023-332810>. Acesso em: 13 abr. 2026.

STONE, J. *et al.* Functional disorders in neurology. **BMJ**, Londres, v. 371, p. m3745, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.m3745>. Acesso em: 13 abr. 2026.

WALZL, D.; CARSON, A. J.; STONE, J. The misdiagnosis of functional disorders as other neurological conditions. **Journal of Neurology**, Berlim, v. 266, p. 2018-2026, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00415-019-09356-3>. Acesso em: 13 abr. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International classification of diseases 11th revision (ICD-11)**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FATOR DESENCADEADOR OU POTENCIALIZADOR DE SURTOS PSICÓTICOS: REFLEXÕES PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Ana Beatriz de Jesus Castro²⁴

Jacqueline Farias Galvão²⁵

Resumo: A inteligência artificial (IA) é uma ferramenta utilizada em grande escala, e associada à saúde mental, surge como possível desencadeadora/potencializadora de surtos psicóticos em sujeitos vulneráveis. Com base em revisão integrativa de seis estudos publicados entre 2022 e 2026, este trabalho investigou aplicações, benefícios, limitações e desafios éticos da IA. A busca foi realizada nas bases Google Acadêmico, PePSIC e SciELO, com combinação de descritores entre aspas e uso do operador booleano “AND”. Os achados indicam que, embora a IA amplie o acesso e ofereça apoio em quadros leves e moderados, interações intensas, solitárias e não supervisionadas podem reforçar delírios, dependência emocional e fragilização da autonomia. Destaca-se, assim, a necessidade de supervisão profissional, regulação e protocolos de uso seguro.

Palavras-chave: inteligência artificial; saúde mental; psicose; chatbots; ética.

1. Introdução

Segundo Gomes (2010), a inteligência artificial é uma área da ciência da computação voltada ao desenvolvimento de sistemas capazes de pensar ou agir de forma inteligente, automatizando tarefas intelectuais e ampliando a capacidade dos computadores para executar funções associadas ao raciocínio humano. Nas últimas décadas, o avanço dessas tecnologias passou a impactar diversos setores da sociedade, inclusive a saúde e, de modo particular, a saúde mental, campo no qual a IA vem sendo empregada em chatbots, aplicativos digitais, sistemas de triagem, monitoramento de sintomas e apoio à decisão clínica, com potencial para ampliar o acesso ao cuidado e reduzir barreiras geográficas e organizacionais (Silva *et al.*, 2026). Ao mesmo tempo, começam a surgir relatos clínicos de agravamento de sofrimento psíquico e de possíveis surtos psicóticos associados ao uso intenso e não mediado de IA conversacional, fenômeno que se insere em um cenário no qual a IA “adentra o campo da produção de sentido, simulando subjetividade sem, contudo, possuir consciência ou vivência emocional” (Peixoto, 2025, p. 1). Nesse contexto, a psicose é uma condição de saúde mental em que alguém perde o contato com a realidade. Pode incluir alucinações, paranoia ou pensamento desorganizado (Costa *et al.*, 2025) e, nessa tensão entre promessa assisten-

²⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁵ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Mestra em Educação (UFOPA).

cial e limitação estrutural, torna-se especialmente relevante a análise crítica de seus efeitos no campo da psicologia clínica.

A literatura recente indica que intervenções baseadas em IA podem contribuir para a redução de sintomas de ansiedade, depressão e estresse, sobretudo em quadros leves a moderados, quando utilizadas de forma complementar ao cuidado convencional (Silva *et al.*, 2026). Entretanto, estes mesmos estudos também referem limitações importantes e riscos éticos associados ao uso da inteligência artificial na saúde mental, como a dificuldade de interpretar nuances emocionais, reconhecer sinais indiretos de risco e responder adequadamente a situações clínicas complexas, além de questões relacionadas à privacidade de dados sensíveis, à transparência algorítmica, aos vieses, ao consentimento informado e à proteção da integridade psíquica.

Essas fragilidades “se tornam particularmente críticas em quadros clínicos moderados a graves, nos quais a avaliação clínica integrada e o julgamento profissional são indispensáveis para a segurança do usuário” (Kopelovich *et al.*, 2025; Peixoto 2025 *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 11). Segundo os dados coletados por Silva (2026), em interações prolongadas e não supervisionadas, sistemas conversacionais podem favorecer antropomorfização, dependência emocional e confusão entre suporte tecnológico e vínculo terapêutico, fenômenos que, em sujeitos vulneráveis, podem intensificar ideias de referência, vivências delirantes e processos de desorganização do pensamento. De modo amplo, a IA tem sido descrita como ferramenta complementar promissora, mas condicionada à integração a práticas éticas, reguladas e humanizadas, com supervisão profissional constante. Tanto a American Psychological Association quanto o Conselho Federal de Psicologia “defendem a importância de garantir o consentimento informado, proteger os dados dos usuários e, sobretudo, assegurar que a tecnologia não substitua o vínculo humano que caracteriza o processo terapêutico tradicional” (APA, 2024; CFP, 2025, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 10).

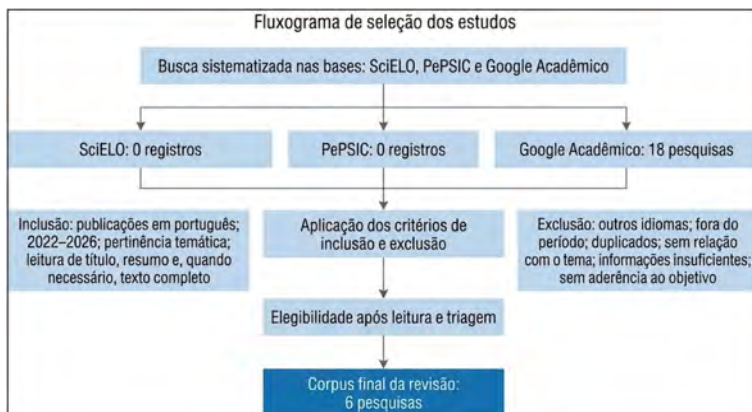
Também se apontam riscos de dependência emocional e fragilização da autonomia dos usuários, sobretudo quando a IA é percebida como “terapeuta” ou “companheira” em contextos de sofrimento psíquico, de forma que “esses fenômenos podem fragilizar a autonomia do sujeito e gerar confusão quanto aos limites entre suporte tecnológico e cuidado terapêutico propriamente dito” (Tobbin; Cardin, 2024, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 12). Tais elementos tornam o tema especialmente relevante para a psicologia clínica, pois indicam que essa ferramenta pode atuar tanto como recurso de apoio quanto como fator desencadeador ou intensificador de manifestações psicóticas, a depender das condições de uso e da vulnerabilidade do sujeito.

Diante disso, impõe-se investigar de que modo essas tecnologias podem atuar como gatilho, estímulo ou reforço de vivências delirantes e de desorganização do pensamento, especialmente em sujeitos com vulnerabilidades prévias, configurando o problema de pesquisa: como a inteligência artificial pode atuar como estímulo ou reforço de surtos psicóticos na prática clínica?

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca sistematizada nas bases Google Acadêmico, SciELO e PePSIC, selecionadas por sua relevância para a recuperação de produção científica em Psicologia e áreas afins no contexto brasileiro, utilizando estratégias de busca em português voltadas a artigos de revisão entre 2022 e 2026 que abordassem relações entre inteligência artificial e surtos psicóticos ou sintomas psicóticos. A estratégia de busca foi operacionalizada por meio da combinação de descritores entre aspas, com uso do operador booleano “AND” entre os diferentes eixos temáticos. Foram empregados termos relacionados à inteligência artificial, tais como “inteligência artificial”, “IA”, “chatbot*” e “ChatGPT”; à psicose e aos sintomas psicóticos, como “psicose”, “sintomas psicóticos”, “delírio*” e “paranoia”; e à saúde mental e psicologia clínica, incluindo “saúde mental” e “psicologia clínica”. Como critérios de inclusão, consideraram-se publicações em português, no período de 2022 a 2026, com pertinência temática ao objeto da revisão, identificada por meio da leitura do título, do resumo e, quando necessário, do texto completo. Como critérios de exclusão, estabeleceram-se: publicações em outros idiomas; estudos fora do recorte temporal definido; registros duplicados; trabalhos sem relação específica com o objeto da revisão; textos com informações insuficientes para análise; e materiais que, após leitura, não demonstrassem aderência ao objetivo proposto. Embora a busca tenha sido realizada nas bases Google Acadêmico, SciELO e PePSIC, apenas o Google Acadêmico apresentou resultados que atenderam aos critérios de elegibilidade definidos, ao passo que, nas demais bases, não foram encontrados estudos compatíveis com o recorte temático e metodológico estabelecido. Foram encontradas ao todo dezoito pesquisas, e, após a aplicação dos critérios de elegibilidade, seis pesquisas compuseram o corpus final da revisão.

Figura 1 - Fluxograma das etapas de seleção dos estudos.



Fonte: Autoria própria (2026).

3. Resultados e discussão

No recorte temporal entre 2022 e 2026, a produção disponível em português sobre inteligência artificial e saúde mental concentra-se, predominantemente, em revisões amplas sobre saúde mental, psiquiatria e psicologia clínica, nas quais psicose e esquizofrenia aparecem, em geral, como exemplos entre diversas possibilidades de aplicação da IA em diagnóstico, triagem e acompanhamento. Observa-se, portanto, que a literatura em português ainda é numericamente restrita e menos especializada quando comparada à produção internacional, majoritariamente publicada em inglês e concentrada em países do Norte Global. No contexto brasileiro, este debate ainda se encontra em fase inicial no que se refere à problematização específica das relações entre IA conversacional e agravamento de quadros psicóticos.

Embora sejam poucos os materiais disponíveis em português, pode-se sustentar a hipótese de que episódios de desorganização psíquica e agravamento de sintomas graves possam ocorrer em contextos de uso intenso, solitário e não supervisionado de chatbots de IA, sobretudo quando esses sistemas passam a ser percebidos como fontes privilegiadas de compreensão ou como substitutos da relação terapêutica humana. Essa interpretação dialoga com o alerta de que “a implementação clínica da IA sem validação adequada e sem supervisão humana pode ampliar riscos, sobretudo quando essas ferramentas são utilizadas de forma autônoma ou percebidas como substitutas do cuidado profissional” (Tobbin; Cardin, 2024, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 11). Ainda assim, os achados não autorizam a afirmação de uma categoria nosológica específica de “psicose induzida por IA”; indicam, antes, a pertinência de investigar de que modo o uso dessas tecnologias pode participar da intensificação ou da precipitação de fenômenos psicóticos em sujeitos vulneráveis.

Em pano de fundo, as três primeiras posições [de uso da IA generativa] são ocupadas por terapia e companhia, organização da vida e busca de propósito” (Peixoto, 2025, p. 3), indicando um deslocamento da IA para o campo da produção de sentido subjetivo. Esse dado é especialmente relevante para a psicologia clínica, porque traz a interação com sistemas generativos como não limitada à obtenção de informação, envolvendo assim investimento afetivo, busca de orientação existencial e atribuição de autoridade simbólica à máquina.

Nesses cenários, em usuários com vulnerabilidade psicótica prévia, a combinação entre alta carga de estresse, isolamento social e disponibilidade ilimitada de interação com sistemas generativos pode funcionar como contexto de eclosão ou intensificação de quadros psicóticos, ainda que a literatura revisada enfatize, até o momento, benefícios gerais e riscos éticos mais amplos na interface entre saúde mental e IA, sem nomear diretamente “psicose de IA” (Silva *et al.*, 2026, p. 3). Textos que tratam diretamente de “psicose induzida por IA”, “psicose por chatbot” ou “delírios amplificados por LLMs (Large Language Models, ou Grandes Modelos de Linguagem) são, em

geral, notícias, materiais de divulgação ou ensaios fora de bases acadêmicas tradicionais, frequentemente em língua inglesa.

Os achados de Silva *et al.* (2026) apontam maior risco em contextos de sofrimento psíquico intenso, especialmente quando há dependência excessiva de sistemas automatizados e dificuldades no estabelecimento de vínculos humanos no cuidado em saúde mental. Como menciona Silveira (2025), a inteligência artificial pode operar como simulacro do Outro e afetar a constituição subjetiva e os laços sociais. Dessa maneira, indivíduos com histórico de transtornos psicóticos, vulnerabilidade à paranoia, experiências de automarginalização ou uso intensivo e noturno de tecnologias podem apresentar maior suscetibilidade a vivências persecutórias, ideias de referência e desorganização do pensamento mediadas por interações com chatbots.

A literatura também descreve mecanismos que ajudam a compreender como a IA pode participar da dinâmica dos surtos. Em primeiro lugar, há o risco de reforço de delírios e crenças persecutórias quando as respostas produzidas pelos sistemas “permanecem restritas a padrões algorítmicos, sem acesso à compreensão subjetiva, contextual e relacional que caracteriza o cuidado clínico humano” (Wagstaff; Fernandes, 2024; Ferreira *et al.*, 2024, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 11). Nesses casos, a IA tende a não exercer função crítica, de confronto ou de teste compartilhado de realidade, podendo validar, por omissão, ambiguidade ou aparente coerência discursiva, narrativas delirantes já em curso. Portanto, o acolhimento automatizado pode produzir efeitos psíquicos ambíguos, gerando uma ilusão de cuidado sem a presença efetiva do outro (Costa, 2025).

Em segundo lugar, estudos sobre relação usuário–IA apontam que essa interação pode produzir “engajamento e sensação de acolhimento, mas também riscos de dependência emocional, antropomorfização e fragilização da autonomia”, especialmente em interações prolongadas e não supervisionadas, o que favorece substituição de relações humanas por conversas infinitas com a máquina (Wagstaff; Fernandes, 2024; Peixoto, 2025; Yang *et al.*, 2024; Tobbin; Cardin, 2024, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 9). Em sujeitos com vulnerabilidade psicótica, tais características podem favorecer a substituição progressiva de vínculos humanos por conversas ilimitadas com a máquina, produzindo confusão entre suporte tecnológico e vínculo terapêutico, intensificando ideias de referência, vivências persecutórias e formas de desorganização do pensamento.

Quanto à forma do pensamento psicótico, a promessa implícita de compreensão total, rapidez e respostas verdadeiramente impressionantes dos grandes modelos de linguagem pode ressoar com experiências de ilusão de explicação completa e fechamento delirante do sentido, especialmente quando o sujeito passa a ler as respostas da IA como confirmações privilegiadas de suas interpretações idiossincráticas da realidade. Desse modo, o problema não se reduz ao conteúdo isolado de uma resposta, mas à posição simbólica que a IA pode ocupar na economia psíquica do usuário.

A comparação entre o vínculo terapêutico humano e o vínculo estabelecido com IA reforça diferenças essenciais para a clínica. A relação terapêutica é definida como vínculo de confiança, colaboração, empatia, autenticidade e compromisso ético, sendo um dos principais fatores comuns associados a bons desfechos em psicoterapia (Norcross; Lambert, 2018, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 12). Já nas interações com IA, mesmo quando há simulação de empatia, a empatia aqui é uma “simulação relacional, incapaz de reproduzir a reciprocidade emocional, a intencionalidade e a responsabilidade ética presentes nas relações humanas” (Bickmore; Picard, 2005, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 11). Isso implica que, enquanto o terapeuta exerce funções de escuta, confronto, manejo de transferência e teste compartilhado de realidade, o chatbot tende a responder de forma não confrontativa, sem intervenção clínica planejada, o que pode, em contextos psicóticos, reforçar construções delirantes em vez de desafiá-las ou significá-las criticamente.

Há ainda evidências de que alguns sistemas podem violar padrões éticos da prática em saúde mental, incluindo respostas inadequadas em situações de crise emocional ou falta de supervisão clínica adequada (Brown University, 2025, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 3), o que é particularmente preocupante em quadros com risco de suicídio, automutilação ou desorganização psicótica. Nesse aspecto, Gadelha *et al.* (2025), ao revisarem a literatura sobre inteligência artificial na saúde, assinalam que ainda persistem entraves éticos, legais e regulatórios que precisam ser amplamente compreendidos para mitigar dilemas ético-sociais complexos, destacando problemas relacionados à responsabilidade, à privacidade, à transparência, ao preconceito algorítmico e a previsões incorretas. Nessa mesma direção, os autores sustentam que esse conjunto de desafios evidencia a necessidade de regulamentação específica para um uso seguro, responsável e ético da IA, o que reforça a importância de supervisão humana constante, responsabilização institucional e avaliação contínua dos riscos envolvidos.

Diante de um contexto em que a IA já se torna espaço de terapia e companhia e de busca de sentido, torna-se necessário incluir, na anamnese e nas entrevistas clínicas, a investigação sistemática do uso de IA por parte dos pacientes, explorando tempo de uso, contextos, conteúdos das conversas e significados atribuídos a essas interações. A literatura recomenda que a IA seja compreendida como ferramenta “implementada de maneira complementar aos cuidados humanos, com regulamentação focada em segurança, eficácia e proteção dos direitos dos pacientes” (Wang *et al.*, 2025, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 3), o que implica, na prática, integrar psicoeducação sobre usos conscientes e limites da IA nos planos terapêuticos. Além disso, autores defendem modelos híbridos em que a IA atua como suporte, preservando “a centralidade da relação terapêutica humana” (Peixoto, 2025; Yang *et al.*, 2024, *apud* Silva *et al.*, 2026, p. 9) e abrindo espaço, no setting, para que o paciente possa falar de suas “relações” com a IA, de eventuais dependências, fantasias e investimentos transferenciais, transformando o uso da tec-

nologia em material clínico a ser elaborado, e não apenas em risco silencioso de desorganização psicótica.

4. Considerações finais

A discussão sobre IA e saúde mental evidencia-se como central para a psicologia clínica, pois combina potencial de ampliação de acesso com riscos relevantes em contextos de maior vulnerabilidade psíquica. A literatura selecionada indica que, embora a IA seja uma ferramenta complementar promissora, permanecem lacunas importantes quanto à sua eficácia em sofrimento grave e à proteção da integridade psíquica, especialmente em crises agudas. Os achados indicam a possibilidade de que a IA pode funcionar como fator potencializador ou desencadeador de surtos psicóticos quando utilizada de forma intensa, solitária e não supervisionada por sujeitos com predisposição psicótica, em contextos de dependência emocional e antropomorfização. Nesse cenário, torna-se imprescindível que psicólogos avaliem sistematicamente o uso de IA por pacientes com sintomas psicóticos, integrem psicoeducação sobre limites de uso e adotem modelos híbridos que preservem a centralidade do vínculo terapêutico humano. Tais modelos pressupõem o uso da IA como recurso complementar — por exemplo, para monitoramento de sintomas, lembretes terapêuticos, exercícios estruturados e psicoeducação — sempre sob supervisão profissional e com protocolos claros para encaminhamento ao cuidado humano diante de sinais de agravamento, desorganização do pensamento, intensificação paranoide ou crise aguda. Para fins de pesquisa, é de suma importância a elaboração de novos estudos no Brasil, haja vista que os documentos relacionados ao tema se caracterizavam como muito amplos e superficiais no aspecto da relação saúde mental-IA. Em última instância, reafirma-se que nenhuma tecnologia substitui a responsabilidade clínica humana na proteção da subjetividade e no cuidado de pessoas em sofrimento psíquico grave.

5. Referências

COSTA, Brenda Louise Bagdinski; SOUZA, Maria Regina Luz de; PASSOS, Vanessa Martins da Costa; LOMBARDI, Anna Paula. **Robôs que substituem a terapia:** uma revisão bibliográfica sobre a inteligência artificial e a psicologia. SICTEC, 2025.

FERREIRA, Dandara Paiva Santos Rebello; GOMES, Paulo César dos Santos. Uso de inteligência artificial no tratamento de transtornos mentais: uma revisão de escopo. **Psicologia Argumento**, v. 43, n. 123, p. 1319-1343, 2025. DOI: <https://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.43.123.AO14>.

GADELHA, P. S.; SILVA, F. L. de L.; PORTO, E.; SOUSA, S. G. B. de; COSTA, A. G. da; SILVA, E. R. da; PORTO, E. S. N.; TRAJANO, L. A. D. DILEMAS ÉTICOS E LEGAIS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE:

REVISÃO SISTEMÁTICA. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. e9901, 2025. DOI: 10.56083/RCV5N12-048. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/9901>. Acesso em: 25 abr. 2026.

GOMES, Dennis dos Santos. Inteligência artificial: conceitos e aplicações. **Revista Olhar Científico**, Ariquemes, v. 1, n. 2, p. 234-246, ago./dez. 2010.

PEIXOTO, A. DE L. A. Inteligência Artificial Generativa e seu Impacto na Formação e no Exercício Profissional da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 45, n. spe1, 2025.

SILVA, Layra Luane Leal; SOUSA, Francisco Djalma de; MOURA, Anne Caroline Gomes de. Aplicações da inteligência artificial na saúde mental sob a perspectiva científica: revisão sistemática. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, ano 9, v. IX, n. 20, 2026. DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3050.

SILVEIRA, Paulo Victor dos Reis. **O sujeito e a máquina**: estudo psicanalítico sobre os usos da inteligência artificial. 2025. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.337>.

A MUSICOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO FACILITADORA DO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL EM PESSOAS ATÍPICAS

Thiago Roberto Julião Ferreira²⁶

Ana Beatriz Costa Chaves²⁷

Henrique Lima Tenório²⁸

José Henrique Fernandes da Silva²⁹

Natã Rafael Farias Frota³⁰

Sophia Oliveira de Jesus³¹

Adriane Lima da Silva Oliveira³²

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve desafios persistentes na comunicação e na interação social, impactando diferentes áreas. Dessa forma, o artigo tem como objetivo analisar as contribuições da musicoterapia no desenvolvimento de habilidades socioemocionais em indivíduos no espectro. Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica qualitativa, na qual foram rastreados 12 estudos como fontes de informação, sendo utilizados 7 artigos e livros que apresentavam relação direta com a temática, selecionados por meio de palavras-chave. Percebe-se que a previsibilidade e a plasticidade neural promovidas pelos elementos musicais auxiliam na autorregulação, atenção compartilhada e redução de comportamentos disruptivos. Sendo assim, conclui-se que a musicoterapia é uma estratégia consistente e humanizada, que favorece a inclusão e a melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; musicoterapia; habilidades socioemocionais.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como uma condição do neurodesenvolvimento que envolve alterações persistentes na comunicação e na interação social, além da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essas características se manifestam de forma heterogênea, variando em intensidade e impactando diferentes áreas do desenvolvimento, o que exige intervenções que considerem a singularidade de cada indivíduo (APA, 2022).

As habilidades socioemocionais, entendidas como o conjunto de com-

²⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³² Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Doutorado em Teoria do Comportamento-UFPA.

petências relacionadas ao reconhecimento, expressão e regulação das emoções, bem como à empatia e às relações interpessoais, configuram-se como um eixo central no desenvolvimento humano. Em pessoas com TEA, essas habilidades frequentemente apresentam déficits significativos, especialmente no que se refere à compreensão de estados emocionais alheios, à reciprocidade social e à regulação emocional. Tais dificuldades podem impactar diretamente a qualidade de vida, a inclusão social e o desempenho em contextos educacionais e cotidianos (Lord *et al.*, 2020; Lai *et al.*, 2019).

Nesse sentido, compreender o desenvolvimento socioemocional no TEA implica reconhecer que as dificuldades não se restringem à ausência de habilidades, mas também à forma como essas são processadas e expressas. Muitas vezes, indivíduos no espectro apresentam formas singulares de comunicação emocional, o que reforça a necessidade de intervenções que respeitem essas particularidades e favoreçam canais alternativos de expressão. Essa perspectiva amplia o olhar sobre o cuidado, deslocando-o de uma lógica exclusivamente corretiva para uma abordagem mais integrativa e sensível às potencialidades do sujeito.

É nesse contexto que a musicoterapia se destaca como uma abordagem promissora. Fundamentada no uso terapêutico da música e de seus elementos como ritmo, melodia e harmonia, essa prática possibilita formas diferenciadas de comunicação e interação. A música, por sua natureza estruturada e, ao mesmo tempo, flexível, favorece a organização do comportamento e estimula a participação ativa, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais (Geretsegger *et al.*, 2022).

Estudos têm demonstrado que a musicoterapia pode contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento de pessoas com TEA, especialmente no que se refere à interação social e à comunicação. Entre os benefícios mais frequentemente apontados estão o aumento do contato visual, a ampliação da iniciativa comunicativa, a melhora na expressão emocional e a redução de comportamentos estereotipados. Além disso, a previsibilidade presente na estrutura musical pode atuar na redução da ansiedade, favorecendo maior estabilidade emocional e engajamento nas atividades propostas.

Outro aspecto relevante diz respeito ao caráter lúdico e inclusivo da música, que tende a facilitar o estabelecimento de vínculos interpessoais e a participação ativa dos indivíduos. Em contextos educacionais e terapêuticos, a musicoterapia pode funcionar como uma mediadora das relações, promovendo experiências compartilhadas e ampliando as possibilidades de interação, mesmo em indivíduos com dificuldades mais acentuadas na linguagem verbal (Porter *et al.*, 2019; Souza; Oliveira, 2022).

Nesse contexto, observa-se que os avanços recentes na literatura têm buscado compreender não apenas os efeitos comportamentais da musicoterapia, mas também seus fundamentos neurobiológicos e seus mecanismos de ação. Estudos contemporâneos apontam que a experiência musical envolve a ativação integrada de diferentes áreas cerebrais, incluindo regiões

relacionadas ao processamento auditivo, ao controle motor e às respostas emocionais, o que favorece uma abordagem mais ampla e integrada do desenvolvimento humano (Sharda *et al.*, 2018).

Essa integração entre sistemas neurais distintos contribui para o fortalecimento de habilidades fundamentais ao funcionamento social, como a atenção compartilhada, a sincronização interpessoal e a responsividade emocional. Tais aspectos são especialmente relevantes no contexto do Transtorno do Espectro Autista, no qual dificuldades nessas áreas estão frequentemente presentes.

Além disso, a literatura recente tem destacado o papel da musicoterapia na regulação emocional e na organização dos estímulos sensoriais, aspectos frequentemente desafiadores para indivíduos no espectro. A previsibilidade dos padrões musicais pode atuar como um elemento organizador da experiência subjetiva, favorecendo a redução de estados de sobrecarga sensorial e contribuindo para a estabilidade emocional (Bastos; Pendeza, 2023).

Outro ponto relevante refere-se à possibilidade de generalização dos ganhos obtidos em contexto terapêutico para diferentes ambientes do cotidiano. A utilização de recursos musicais em situações diárias como rotinas familiares, contextos escolares e interações sociais amplia o alcance da intervenção, promovendo maior autonomia e favorecendo a continuidade dos processos de desenvolvimento fora do setting clínico (Li *et al.*, 2022; Sharda *et al.*, 2018; Araújo; Freire, 2023).

A musicoterapia se configura como uma abordagem que transcende a dimensão exclusivamente clínica, sendo capaz de articular aspectos neurobiológicos, emocionais e sociais em um mesmo processo interventivo. Nessa perspectiva, o estudo tem o objetivo de analisar as contribuições da musicoterapia para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais em pessoas com TEA, especialmente nos aspectos relacionados à comunicação, interação social e regulação emocional. Pretende-se, ainda, investigar de que forma esses elementos musicais podem atuar como mediadores no processo terapêutico promovendo possibilidades de interação social e participação social. Além disso, este estudo propõe-se a discutir criticamente as evidências da eficácia da musicoterapia no contexto do TEA, considerando seus impactos em diferentes faixas etárias, níveis de suporte e contextos de aplicação, bem como suas potencialidades e limitações nos diferentes contextos terapêuticos educacionais.

Ao reunir e analisar a produção científica sobre a temática, espera-se oferecer subsídios teóricos e práticos para profissionais da saúde, da educação e para pesquisadores interessados na área, fortalecendo a utilização de intervenções baseadas em evidências. Dessa forma, almeja-se contribuir para a ampliação do conhecimento acerca da musicoterapia como recurso terapêutico, ressaltando seu potencial na promoção da inclusão, da qualidade de vida, do bem-estar.

2. Procedimentos metodológicos

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter descritivo, com o objetivo de compreender a eficácia da musicoterapia como recurso terapêutico na promoção de habilidades socioemocionais em indivíduos atípicos, com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA). A escolha por esse tipo de pesquisa se deu pela necessidade de reunir e analisar estudos já publicados sobre o tema, permitindo uma compreensão mais ampla sobre as contribuições da musicoterapia.

A busca pelos estudos foi realizada em bases científicas como PubMed, SciELO, Cochrane Library, Revista Brasileira de Musicoterapia, SpringerLink e ScienceDirect, utilizando os descritores “musicoterapia”, “TEA” e “habilidades sociais”. Ao todo, foram encontrados 12 estudos, entre artigos científicos, livros e revisões de literatura. Após a aplicação dos critérios de seleção, 7 estudos foram escolhidos para compor a análise final, sendo 5 excluídos.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos que abordassem a musicoterapia como ferramenta para o desenvolvimento socioemocional em indivíduos com TEA, publicados entre 2018 e 2026, disponíveis na íntegra e relacionados diretamente com o objetivo da pesquisa. Já como critérios de exclusão, foram descartados materiais repetidos, estudos que não tratavam diretamente do tema, publicações fora do período definido e trabalhos que não contribuíam de forma relevante para a pesquisa. No total, 6 estudos foram excluídos com base nesses critérios.

A seleção dos materiais foi feita a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave. Em seguida, os estudos selecionados foram lidos na íntegra, buscando identificar as principais contribuições da musicoterapia para o desenvolvimento socioemocional, especialmente em aspectos como comunicação, interação social, expressão emocional e regulação das emoções.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, com foco na interpretação dos resultados apresentados nos estudos e na relação dessas informações com o objetivo da pesquisa. Assim, foi possível compreender como a musicoterapia pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento socioemocional de indivíduos atípicos.

3. Resultados e discussão

Com base nos critérios de inclusão definidos, a seguir, apresenta-se um quadro-síntese, organizado em ordem alfabética, contendo título, autoria, ano de publicação, metodologia e principais resultados dos estudos analisados.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão.

Nº	Título	Autor/Ano	Metodologia	Principais Resultados
1	Musicoterapia e autismo: revisando experiências e perspectivas no Brasil	Araújo e Freire (2023)	Revisão de Literatura	Destaca a importância da individualização e do cenário da musicoterapia no contexto clínico brasileiro.
2	Contribuições da musicoterapia nos aspectos sensoriais do Transtorno do Espectro Autista.	Bastos e Pendeza (2023)	Revisão bibliográfica	Evidencia a musicoterapia como essencial na organização do processamento sensorial em indivíduos com TEA.
3	Perspectivas práticas e teóricas da musicoterapia no Brasil.	Gattino (2021)	Obra teórica	Aponta a evolução da musicoterapia brasileira e sua influência nos modelos de intervenção clínica e pesquisa.
4	Music therapy for people with autism spectrum disorder	Geretsegger et al. (2022)	Revisão Sistemática (Cochrane)	Evidências de qualidade moderada que a musicoterapia melhora a interação social e a comunicação não-verbal.
5	Effects of music therapy on children with ASD: A meta-analysis	Li et al. (2022)	Metanálise	Confirmou efeitos positivos significativos em habilidades sociais e verbais superiores a terapias convencionais.
6	Music therapy for children with autism: A systematic review	Mayer-Benarous et al. (2021)	Revisão Sistemática	Reforça os ganhos em comunicação social, ressaltando a necessidade de protocolos clínicos padronizados.
7	Music improves social communication and auditory-motor connectivity	Sharda et al. (2018)	Estudo Experimental (fMRI)	Melhora na comunicação social e aumento comprovado da conectividade entre áreas auditivas e motoras do cérebro.

Fonte: autoria própria (2026).

Ao se examinar o panorama científico internacional, nota-se um consenso sobre a eficácia da utilização de intervenções musicoterapêuticas com pessoas atípicas, como apontam Geretsegger *et al.* (2022) após a análise de 26 estudos de diferentes países sobre a utilização da música com crianças e jovens adultos atípicos como um recuso terapêutico, observou-se dados de melhora, especialmente no âmbito do engajamento social e da promoção de qualidade de vida, demonstrando-se superior ao atendimento padrão e a terapias que não a utilizam em atendimentos. No cenário brasileiro, Araújo e Freire (2023) corroboram esses resultados, enfatizando o papel da música no desenvolvimento social e interpessoal, enfatizando os seus benefícios como diferencial estratégico em centros de reabilitação. Dessa forma, após a avaliação de ambas as revisões, observa-se que a previsibilidade da estrutura musical e sua versatilidade possibilitam a criação de um ambiente eficaz para o desenvolvimento socioemocional do indivíduo.

Dentro desse contexto, umas das áreas que a musicoterapia se destaca é na reabilitação social, principalmente com o público infantil, viabilizando o desenvolvimento da atenção compartilhada (capacidade de duas pessoas focarem no mesmo objeto ou evento ao mesmo tempo) por meio da reorganização da conectividade entre o córtex auditivo (responsável pelo processamento de sons) e o córtex motor primário (responsável pelo controle dos movimentos voluntários), facilitando o processamento de estímulos sensoriais e o controle dos movimentos voluntários, elementos fundamentais para as respostas sociais em pessoas neurodivergentes (*Sharda et al.*, 2018). Complementarmente, Geretsegger *et al.* (2022) reforçam a eficácia da Improvisação Musical, processo no qual o paciente e o psicólogo criam sons em conjunto ao invés de utilizar composições prontas, buscando a flexibilização da rigidez cognitiva de maneira delicada e gradual, auxiliando na criação da sintonização afetiva (*affective attunement*), um ambiente que possibilita a reciprocidade socioemocional e criação do vínculo terapêutico por meio da validação da existência do outro, levando ao desenvolvimento da atenção compartilhada.

Além da melhora nos aspectos interacionais, estudos apontam o papel fundamental da musicoterapia na autorregulação emocional e na redução de comportamentos disruptivos, Gattino (2021) defende que a mente humana se organiza por meio de padrões, geralmente o cérebro atípico tem dificuldade em filtrar múltiplos estímulos simultaneamente, entretanto, através da previsibilidade dos elementos musicais, pessoas atípicas conseguem ter um “Continente Sonoro” que oferta uma forma de expressão além do verbal, auxiliando na organização psíquica e oferecendo a segurança que as palavras não possibilitam. Bastos e Pendeza (2023) destacam a musicoterapia como uma ferramenta essencial na modulação dos aspectos sensoriais, atuando como um recurso organizador na regulação do “bombardeio sensorial”, fenômeno comumente relatado por pessoas dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio do estímulo previsível, o sistema nervoso central sai do estado de alerta/fuga e entra em um estado de relaxamento; através do padrão musical utilizado como um “porto de segurança”, torna-se possível a prevenção de crises e a ampliação da flexibilidade comportamental diante de múltiplos estímulos externos (Gattino, 2021).

É possível então entender a música simultaneamente como estrutura organizadora (Gattino, 2021) e como mecanismo regulador (Bastos; Pendeza, 2023), o que fortalece seu uso como ferramenta terapêutica, sendo a transferência dessas estratégias para o cotidiano, aspecto amplamente discutido em revisões sobre intervenções em musicoterapia e sua generalização para diferentes contextos de vida (Araújo; Freire, 2023; Mayer-Benarous *et al.*, 2021). Jovens podem se apropriar de playlists reguladoras em momentos de sobrecarga, utilizando a música como ferramenta de autorregulação emocional, um dos benefícios centrais da reciprocidade socioemocional trabalhada na área (Geretsegger *et al.*, 2022). Já no contexto escolar, especialmente

em ambientes com grande número de alunos atípicos, a música pode atuar como organizadora de transições e interações, favorecendo a comunicação, a estruturação das atividades e a redução do estresse (Li *et al.*, 2022).

Em última análise, a congruência de evidências neurocientíficas e os resultados clínicos observados consolidam a musicoterapia como uma estratégia de alto valor para o público neuroatípico. Ao auxiliar desde a reorganização da conectividade cerebral até a autorregulação emocional, essa intervenção transcende o recreativo, estabelecendo-se como um pilar essencial no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, potencializando a autonomia e a qualidade de vida, tanto do sujeito quanto do seu núcleo familiar e social. Mostra-se, portanto, como uma alternativa terapêutica que deve ser considerada desde os primeiros anos de acompanhamento da criança com diagnóstico de neurodivergência, contribuindo para a ampliação das possibilidades de comunicação, interação e participação ativa no ambiente em que está inserida (Li *et al.*, 2022; Sharda *et al.*, 2018).

Além disso, ao ser incorporada de maneira estruturada ao plano terapêutico, essa abordagem possibilita a integração com outras práticas multidisciplinares, atuando de forma complementar e potencializando os resultados obtidos ao longo do acompanhamento (Geretsegger *et al.*, 2022; Mayer-Benarous *et al.*, 2021). Dessa maneira, sua utilização se consolida como um recurso versátil e adaptável, capaz de atender diferentes faixas etárias e níveis de necessidade, contribuindo para a construção de um acompanhamento mais dinâmico, contínuo e alinhado às demandas reais do indivíduo ao longo do tempo.

4. Considerações finais

Os conteúdos revisados neste estudo possibilitaram a análise da musicoterapia no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), permitindo afirmar que esse recurso se configura como uma estratégia terapêutica consistente, com impactos significativos no desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Ao se observar as contribuições nos aspectos da comunicação, interação social, expressão e regulação emocional, os resultados indicam que a música, enquanto recurso estruturado e, simultaneamente, flexível, favorece processos fundamentais para o desenvolvimento humano, especialmente em indivíduos com perfis neurodivergentes. Nessa análise foi possível observar que por meio do estímulo previsível, o sistema nervoso central sai do estado de alerta/fuga e entra em um estado de relaxamento; através do padrão musical utilizado como um “porto de segurança”, torna-se possível a prevenção de crises e a ampliação da flexibilidade comportamental diante de múltiplos estímulos externos.

Do ponto de vista neurocientífico, os estudos analisados reforçam a atuação da música na promoção da plasticidade cerebral e na integração entre diferentes áreas do cérebro, especialmente aquelas relacionadas ao processamento auditivo, motor e socioemocional. Essa base contribui para

compreender os efeitos observados na prática clínica, evidenciando que os benefícios da musicoterapia não se restringem ao campo comportamental, mas também envolvem mudanças em níveis mais amplos do funcionamento neural, adicionalmente, destaca-se o caráter acessível e inclusivo da musicoterapia.

As estratégias desenvolvidas no contexto terapêutico mostram-se passíveis de aplicação no cotidiano, permitindo que familiares, educadores e outros profissionais incorporem recursos musicais como ferramentas de apoio à regulação emocional, à organização de rotinas e à facilitação das interações sociais. Tal aspecto amplia o alcance da intervenção, contribuindo para a promoção da autonomia e da participação ativa do indivíduo em diferentes contextos sociais. Entretanto, apesar das evidências promissoras, é fundamental considerar algumas limitações. Observa-se a necessidade de maior padronização metodológica nos estudos, bem como de investigações que contemplem amostras mais diversificadas e análises longitudinais, especialmente no contexto brasileiro. Além disso, torna-se imprescindível que a musicoterapia seja compreendida como parte de uma abordagem multidisciplinar, atuando de forma complementar a outras intervenções e respeitando as especificidades de cada indivíduo.

Dessa forma, conclui-se que a musicoterapia se consolida como uma prática terapêutica de grande relevância no acompanhamento de pessoas com TEA, oferecendo possibilidades concretas para o desenvolvimento socioemocional, a ampliação da comunicação e a promoção da qualidade de vida. Ao valorizar as singularidades do sujeito e propor intervenções sensíveis e significativas, essa abordagem contribui para a construção de práticas mais humanizadas, inclusivas e alinhadas às demandas contemporâneas da saúde e da educação. Por fim, reforça-se a importância de sua ampliação e aprofundamento no campo científico e profissional, de modo a potencializar seus benefícios e consolidar seu papel como recurso estratégico no cuidado às pessoas neurodivergentes.

5. Referências

ARAÚJO, P. E. T. G.; FREIRE, M. H. Musicoterapia e autismo: revisando experiências musicais e perspectivas musicoterapêuticas no Brazilian Journal of Music Therapy. **Brazilian Journal of Music Therapy**, v. 28, n. 36, p. 5-25, 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BASTOS, R. S.; PENDEZA, D. P. Contribuições da musicoterapia nos aspectos sensoriais do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, p. 27-45, 2023.

BIELENINIK, Ł. *et al.* Effects of improvisational music therapy on social communication in children with autism spectrum disorder: a randomized clinical trial. **JAMA**, [S. l.], v. 318, n. 6, p. 525-535, 2020

GATTINO, G. S. (org.). **Perspectivas práticas e teóricas da musicoterapia no Brasil**. Dallas: Barcelona Publishers, 2021. 1 recurso online. ISBN 9781945411625

GERETSEGGER, M. *et al.* Music therapy for people with autism spectrum disorder. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, 2022.

LAI, M. C. *et al.* Autism. **The Lancet** [S.l.], v.294, n. 10191, p. 229-238, 2019.

LI, Y. *et al.* Effects of music therapy on children with autism spectrum disorder: A meta-analysis. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, p. 854777, 2022.

LORD, C. *et al.* Autism spectrum disorder. **Nature Reviews Disease Primers**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1-23, 2020.

MAYER-BENAROUS, H. *et al.* Music therapy for children with autism: A systematic review of randomized controlled trials. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, p. 623052, 2021.

PORTER, S. *et al.* Music therapy for children and young people with autism spectrum disorder: a systematic review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], v. 49, p. 230-245, 2019.

SHARDA, M. *et al.* Music improves social communication and auditory-motor connectivity in children with autism. **Translational Psychiatry**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 231, 2018.

SOUZA, A. R.; OLIVEIRA, M. C. A musicoterapia como mediadora no processo de inclusão escolar de crianças com TEA. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 45-60, 2022.

SRINIVASAN, S. M. *et al.* Effects of rhythm and robotic interventions on social communication and sensory-motor skills in children with autism. **Frontiers in Integrative Neuroscience**, [S. l.], v. 13, p. 1-15, 2019.

QUANDO O AFETO NÃO ENCONTRA PALAVRAS: ALEXITIMIA E MANIFESTAÇÕES PSICOSSOMÁTICAS À LUZ DA PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Maria Clara Sousa Figueira³³

Lucélia de Jesus Amaral Jati³⁴

Resumo: A relação entre corpo e mente é tema no campo da Psicologia e da Saúde Mental, especialmente nos fenômenos psicossomáticos associados à alexitimia. Este estudo objetivou discutir a relação entre alexitimia e manifestações psicossomáticas à luz de referenciais psicanalíticos e evidências das neurociências. Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza qualitativa, baseada em produções entre livros, capítulos e artigos científicos localizados nas bases SciELO, PePSIC, PubMed e Google Acadêmico. Os resultados indicam que dificuldades de simbolização, regulação emocional e interocepção favorecem sofrimento psíquico e vulnerabilidade somática, além da prevalência de traços alexitímicos em transtornos depressivos, ansiosos, relacionados ao trauma, alimentares, de personalidade e sintomas somáticos. Conclui-se que a alexitimia constitui fenômeno multidimensional, exigindo abordagens integradas e interdisciplinares. Parte inferior do formulário

Palavras-chave: psicologia; alexitimia; psicossomática; psicanálise; saúde mental.

1. Introdução

A relação entre corpo e mente ocupa posição central na história da Psicologia, da Psicanálise, da Medicina e das ciências humanas. Desde os primeiros estudos sobre o adoecimento sem causa orgânica plenamente explicável, reconhece-se que experiências emocionais podem influenciar a expressão corporal do sofrimento. No campo psicanalítico, a histeria constituiu marco inaugural dessa discussão ao demonstrar que determinados sintomas físicos poderiam representar conflitos inconscientes por meio da conversão somática (Roudinesco; Plon, 1998). Nessa perspectiva, o corpo aparecia como portador de sentido, expressando simbolicamente conteúdos recalçados que não encontravam vias conscientes de elaboração.

Com o avanço das investigações clínicas ao longo do século XX, tornou-se evidente, entretanto, que nem todo sofrimento corporal seguia a lógica histórica da conversão simbólica. Muitos quadros clínicos apresentavam manifestações somáticas persistentes associadas não à presença excessi-

³³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁴ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

va de simbolização, mas justamente à sua precariedade. Surge, assim, a psicossomática moderna, inicialmente influenciada por Franz Alexander, que buscou relacionar conflitos emocionais crônicos a alterações fisiológicas e vulnerabilidades orgânicas específicas (Haynal; Pasini, 1993). Em paralelo, Groddeck (1984) radicalizou a unidade entre corpo e mente ao compreender a doença como expressão da história inconsciente da pessoa.

Posteriormente, a Escola de Paris, especialmente com Pierre Marty, promoveu importante mudança epistemológica ao propor que certos adoecimentos corporais decorrem de falhas na capacidade de mentalização e elaboração psíquica. Para Marty (1993), quando a excitação emocional não se liga a representações mentais, ela pode descarregar-se diretamente no corpo. Nesse contexto, destacam-se os conceitos de pensamento operatório e pobreza fantasística, caracterizados por discurso excessivamente concreto, limitação imaginativa e restrição da vida interna (Marty; M'uzan, 1994). Tal formulação desloca a compreensão do sintoma corporal: ele deixa de ser apenas símbolo de conflito recalcado e passa também a expressar insuficiência de simbolização.

É nesse cenário que se insere o conceito de alexitimia, introduzido por Sifneos (1973), definido como dificuldade de identificar, discriminar e verbalizar emoções, associada a pensamento pragmático e reduzida atividade imaginativa. Inicialmente vinculado às doenças psicossomáticas, o construto passou a ser estudado de forma mais ampla, sendo descrito em modalidades primárias, relacionadas a traços relativamente estáveis, e secundárias, associadas a trauma, adoecimento grave ou intenso estresse emocional (Freyberger, 1977; Carneiro; Yoshida, 2009). Atualmente, compreende-se que a alexitimia não se restringe à dificuldade de falar sobre sentimentos, mas envolve alterações na percepção corporal, na simbolização afetiva e na regulação emocional.

As contribuições psicanalíticas contemporâneas ampliam essa leitura. McDougall (1991), por exemplo, propõe que muitas pessoas alexitímicas não carecem de emoções, mas recorrem a intensos mecanismos defensivos de desafetação, nos quais o afeto torna-se intolerável e é excluído do campo representacional. Winnicott (1983), por sua vez, permite compreender que falhas ambientais precoces podem comprometer a integração entre corpo, emoção e pensamento. Já Bion (1991), com o conceito de função alfa, oferece importante modelo para pensar a transformação de experiências sensoriais brutas em conteúdos pensáveis, sugerindo que dificuldades nesse processo podem favorecer manifestações corporais não simbolizadas.

Na contemporaneidade, o tema também recebe forte contribuição das neurociências. Estudos recentes apontam associações entre alexitimia, prejuízos na interocepção, alterações em redes neurais ligadas à consciência emocional e dificuldades de autorregulação afetiva (Kano; Fukudo, 2013; Van Bael *et al.*, 2024; Chmiel *et al.*, 2025). Regiões como ínsula anterior, córtex cingulado anterior e circuitos frontolímbicos têm sido relacionadas à capa-

cidade de reconhecer estados internos e atribuir significado à experiência emocional. Esses achados aproximam-se das formulações psicodinâmicas ao indicar que sentir fisiologicamente não significa, necessariamente, conseguir representar psicicamente o afeto.

Além disso, pesquisas contemporâneas evidenciam maior prevalência de traços alexitímicos em transtornos depressivos, transtornos de ansiedade, transtornos relacionados ao trauma, transtornos alimentares, transtornos de personalidade e quadros de sintomas somáticos, todos descritos no DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023). Nesses contextos, a dificuldade de reconhecer, simbolizar e elaborar emoções pode intensificar sintomas, fragilizar vínculos interpessoais, reduzir a adesão terapêutica e ampliar prejuízos funcionais. Diante desse panorama, a alexitimia configura-se como fenômeno multidimensional situado na interface entre Psicologia Clínica, Psicanálise, Psiquiatria e Neurociências. Sua relevância científica reside em articular processos emocionais, funcionamento neurobiológico e manifestações corporais, oferecendo importante chave interpretativa para o sofrimento psíquico contemporâneo.

Assim, o presente artigo tem como objetivo discutir a relação entre alexitimia e manifestações psicossomáticas à luz das contribuições da psicanálise clássica e contemporânea, da psicossomática e das evidências atuais das neurociências. Busca-se ampliar a compreensão teórica e clínica acerca dos modos pelos quais o corpo pode expressar aquilo que ainda não encontrou representação psíquica ou linguagem emocional suficiente.

2. Procedimentos metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, de natureza qualitativa e caráter exploratório. A revisão narrativa mostra-se pertinente quando o objetivo consiste em discutir constructos teóricos complexos, heterogêneos e interdisciplinares, possibilitando uma análise crítica e integrativa da produção científica disponível, sem a rigidez metodológica exigida em revisões sistemáticas (Rother, 2007; Snyder, 2019). No presente trabalho, tal delineamento permitiu articular contribuições da Psicanálise, da psicossomática psicanalítica e das neurociências contemporâneas acerca da alexitimia e de suas interfaces com os fenômenos psicossomáticos.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados SciELO, PePSIC, PubMed e Google Acadêmico. Foram utilizados descritores em português e inglês, combinados por operadores booleanos, resultando nas seguintes estratégias de busca: “alexitimia” OR “alexithymia”; “psicossomática” OR “psychosomatic medicine”; “psicanálise” OR “psychoanalysis”; “somatização” OR “somatization”; “mentalização”; e “pensamento operatório” OR “operative thinking”.

O recorte temporal contemplou prioritariamente publicações entre 2004 e 2026, abrindo-se exceção para a inclusão de obras clássicas consideradas fundamentais e pioneiras para a compreensão histórica e conceitual da temá-

tica. Foram incluídos artigos científicos, livros e capítulos que apresentassem contribuições teóricas ou empíricas relacionadas à alexitimia, à psicossomática, aos processos de simbolização afetiva e às evidências neurocientíficas sobre regulação emocional. Excluíram-se estudos duplicados, textos sem acesso integral e produções que não apresentassem relação direta com os objetivos da pesquisa.

Após a triagem inicial e aplicação dos critérios de elegibilidade, o corpus final de análise reuniu 30 produções. O material selecionado foi submetido à leitura exploratória, leitura analítica e interpretação temática, conforme os pressupostos da pesquisa bibliográfica qualitativa (Minayo, 2014; Gil, 2022).

3. Resultados e discussão

Os achados desta revisão indicam que a alexitimia ocupa posição estratégica no diálogo entre a psicossomática clássica e os modelos contemporâneos de integração mente-corpo. Historicamente, a passagem da histeria freudiana para a psicossomática atual representa importante mudança epistemológica na compreensão do adoecimento corporal. Na histeria, o sintoma possuía valor simbólico e expressava conflitos inconscientes recalcados por meio da conversão somática (Roudinesco; Plon, 1998). Em contrapartida, nos quadros alexitímicos observa-se, com frequência, empobrecimento da capacidade representacional, em que o sofrimento não se transforma em linguagem simbólica, manifestando-se sobretudo em registros concretos, sensoriais ou fisiológicos. Assim, nem todo sintoma corporal decorre de conflito recalcado; em determinadas condições, ele pode emergir justamente da insuficiência de simbolização.

Nessa direção, Sifneos (1973), ao introduzir o conceito de alexitimia, descreveu pessoas com dificuldade para identificar, discriminar e verbalizar emoções, além de pensamento excessivamente concreto e reduzida atividade imaginativa. Embora inicialmente formulada em bases descritivas, essa concepção aproxima-se das formulações de Marty (1993) e da Escola de Paris. Para esses autores, o pensamento operatório corresponde a um funcionamento psíquico marcado por pobreza fantasmática, limitação associativa e baixa capacidade de mentalização. Ambos os referenciais convergem ao reconhecer déficits na mediação psíquica da excitação emocional. Divergem, contudo, quanto ao estatuto teórico do fenômeno: Sifneos privilegiava traços clínicos e predisposições individuais, enquanto Marty o situava na economia psicossomática como fragilidade na transformação das excitações pulsionais em representações mentais.

McDougall (1991) amplia esse debate ao recusar a noção de simples ausência afetiva. Para a autora, muitas pessoas alexitímicas não são desprovidas de emoções, mas submetidas a mecanismos defensivos intensos de desafetação, nos quais o afeto se torna intolerável e é evacuado do campo representacional. Sua divergência com Marty, portanto, é parcial: ambos

reconhecem falha simbólica, porém McDougall enfatiza o caráter defensivo, traumático e relacional do processo. Tal distinção possui relevância clínica, pois desloca o manejo de uma lógica meramente reeducativa para a compreensão do sofrimento psíquico implicado na experiência de sentir.

A distinção entre alexitimia primária e secundária também aprofunda a compreensão etiológica. Freyberger (1977) propôs uma forma primária, mais estável e vinculada a traços estruturais, e outra secundária, reativa a trauma, adoecimento grave ou situações extremas de estresse. Essa formulação mantém atualidade ao dialogar com Winnicott (1983), para quem falhas ambientais precoces comprometem a integração entre psique e soma. Na ausência de holding suficientemente bom e manejo sensível, estados emocionais podem não ser metabolizados como experiências subjetivas, permanecendo como excitação corporal difusa.

As contribuições de Bion (1991) oferecem refinamento adicional. A função alfa, responsável por transformar impressões sensoriais brutas em elementos pensáveis, permite compreender a alexitimia como falha de metabolização emocional. Quando essa função se mostra insuficiente, predominam experiências não sonhadas, não simbolizadas e não comunicáveis. Sob tal prisma, o pensamento operatório descrito por Marty (1993) pode ser entendido como correlato clínico de insuficiência alfa, em que a pessoa permanece aderida ao factual, ao concreto e ao corporal. Há, portanto, convergência relevante entre diferentes tradições psicanalíticas quanto à centralidade da simbolização.

Ao transitar das formulações clássicas para a contemporaneidade, observa-se que a alexitimia ultrapassa a noção restrita de dificuldade comunicacional, configurando-se como importante marcador clínico transdiagnóstico associado a múltiplos quadros psicopatológicos. Estudos recentes demonstram maior prevalência de traços alexitímicos em transtornos depressivos, transtornos de ansiedade, transtorno do espectro obsessivo-compulsivo, transtornos relacionados ao trauma e transtornos alimentares, todos descritos no DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023). Nesses contextos, a dificuldade de reconhecer, discriminar e modular estados afetivos tende a intensificar sintomas, comprometer a adesão terapêutica e ampliar prejuízos funcionais.

No transtorno depressivo maior, por exemplo, observa-se associação entre alexitimia, ruminação cognitiva, retraimento interpessoal e um prognóstico terapêutico menos favorável (APA, 2023; Taylor; Bagby; Parker, 1997). Pessoas com baixa consciência emocional frequentemente descrevem sofrimento em linguagem corporal, relatando fadiga, dores difusas, aperto torácico ou mal-estar inespecífico, o que pode retardar o reconhecimento clínico do quadro depressivo, um fenômeno amplamente documentado por Taylor, Bagby e Parker (1997). Em transtornos ansiosos, a dificuldade de diferenciar medo, excitação autonômica e tensionamento emocional favorece interpretações catastróficas de sensações físicas, ampliando crises de pânico, hipervigilância corporal e esquiva comportamental (APA, 2023).

Nos transtornos relacionados ao trauma e ao estresse, a literatura clássica e contemporânea indica que experiências adversas precoces podem comprometer o desenvolvimento da simbolização afetiva e da autorregulação emocional (Freyberger, 1977; McDougall, 1991). Nesses casos, a alexitimia pode emergir como uma estratégia adaptativa de desligamento emocional diante de vivências intoleráveis, configurando o silêncio afetivo não como uma ausência orgânica de emoção, mas como uma defesa psíquica ativa frente ao excesso traumático (McDougall, 1991). Essa perspectiva psicodinâmica converge com as formulações de Winnicott (1983), ao evidenciar que falhas ambientais e de manejo clínico nas etapas iniciais do desenvolvimento impõem limites severos à integração saudável entre corpo, emoção e pensamento.

No campo neurocientífico, estudos recentes de neuroimagem funcional têm identificado alterações em redes cerebrais relacionadas à consciência interoceptiva, à regulação emocional e ao processamento social. Destacam-se a ínsula anterior, o córtex cingulado anterior, regiões pré-frontais mediais e circuitos límbicos como estruturas fundamentais para a percepção dos estados internos e para a atribuição de significado às experiências emocionais (Chmiel *et al.*, 2025; Kano; Fukudo, 2013). Essas evidências sugerem que pessoas com alexitimia podem experimentar intensas alterações fisiológicas, porém apresentam limitações para traduzi-las em linguagem psíquica e simbólica. Em outras palavras, o corpo responde antes que a mente consiga reconhecer e nomear o afeto. Tal fenômeno aproxima os achados neurocientíficos das formulações psicodinâmicas sobre falhas na simbolização e na mentalização (Kano; Fukudo, 2013; Marty, 1993; Van Bael *et al.*, 2024).

A metanálise de Van Bael *et al.* (2024) amplia essa compreensão ao demonstrar relação robusta entre alexitimia e prejuízo na interocepção subjetiva. Isso significa que dificuldades emocionais podem iniciar já no nível da percepção corporal básica, envolvendo fome, saciedade, tensão muscular, dor, aceleração cardíaca ou desconforto visceral. Quando tais sinais não são reconhecidos adequadamente, torna-se mais difícil regular emoções, comunicar necessidades e buscar cuidado precoce. Em termos clínicos, esse dado reforça a necessidade de intervenções que trabalhem simultaneamente corpo e linguagem emocional.

Na interface psicossomática, pesquisas recentes indicam associação entre alexitimia e doenças crônicas como asma, síndrome do intestino irritable, fibromialgia, dermatites, cefaleias recorrentes e condições dolorosas persistentes. Silvestro *et al.* (2023) observaram que, na asma, maiores índices de alexitimia se relacionam a pior controle clínico e maior sofrimento psicológico. Esses resultados não autorizam explicações reducionistas de causalidade psíquica direta, mas indicam que dificuldades emocionais podem modular percepção de sintomas, adesão ao tratamento, estresse fisiológico e qualidade de vida.

No campo psicoterapêutico, os resultados de Tsubaki e Shimizu (2024) indicam que a alexitimia apresenta importante potencial de transformação clínica. Intervenções centradas em mentalização, psicoeducação emocional, reconhecimento de estados internos e ampliação do vocabulário afetivo demonstraram benefícios consistentes na regulação emocional e no funcionamento interpessoal. Esses achados questionam concepções deterministas que compreendiam a alexitimia como traço rígido e imutável. Ao contrário, sugerem que capacidades emocionais podem ser desenvolvidas quando o indivíduo encontra contextos terapêuticos suficientemente contínuos e favorecedores de elaboração psíquica.

Sob o enfoque psicanalítico, tal evidência assume especial relevância, pois indica que o processo analítico pode favorecer o insight, a simbolização e a integração de experiências afetivas anteriormente não representadas. A possibilidade de reconhecer emoções difusas, atribuir sentido ao sofrimento e transformar sensações corporais em narrativas subjetivas amplia a capacidade reflexiva e reduz a necessidade de expressão somática. Em outros termos, aquilo que antes se apresentava como mera descarga corporal pode, progressivamente, converter-se em uma experiência psíquica pensável e comunicável, restabelecendo a função alfa de metabolização emocional (Bion, 1991).

Em interlocução com as neurociências contemporâneas, essas mudanças clínicas podem ser compreendidas como correlatas a processos de neuroplasticidade induzidos pela experiência terapêutica (Tsubaki; Shimizu, 2024). Relações clínicas estáveis e repetidas experiências de nomeação emocional tendem a fortalecer circuitos neurais ligados à autorregulação afetiva, à consciência interoceptiva, à memória autobiográfica e à integração funcional entre emoção e linguagem. Desse modo, a psicoterapia não atua apenas no plano simbólico, mas também favorece reorganizações funcionais em redes neurais associadas ao processamento emocional (Chmiel *et al.*, 2025; Tsubaki; Shimizu, 2024).

Nessa perspectiva, o trabalho clínico com pessoas alexitímicas requer um manejo técnico específico por parte do profissional. Interpretações profundas ou precoces do inconsciente frequentemente produzem pouco ou nenhum efeito prático quando ainda não há recursos representacionais consolidados no paciente. Torna-se mais eficaz priorizar a continência emocional, a validação da experiência vivida, a nomeação gradual dos afetos, o reconhecimento das sensações corporais e a construção de um vínculo terapêutico seguro. O psicólogo passa, então, a exercer uma função mediadora temporária, oferecendo suporte simbólico em um manejo análogo ao holding de Winnicott (1983) para que experiências antes rigidamente corporificadas possam finalmente adquirir forma psíquica, linguagem e significado subjetivo.

Em síntese, as evidências mapeadas nesta revisão fortalecem a compreensão da alexitimia como um fenômeno multidimensional situado na convergência entre a psicologia clínica, a psiquiatria, a psicanálise e as neuro-

ciências (Chmiel *et al.*, 2025; Silvestro *et al.*, 2023; Tsubaki; Shimizu, 2024; Van Bael *et al.*, 2024). Mais do que uma simples dificuldade de verbalizar sentimentos, trata-se de uma limitação complexa relacionada às falhas na simbolização emocional, envolvendo a percepção corporal, a regulação afetiva e a qualidade dos vínculos interpessoais. Reconhecer essa complexidade transdiagnóstica permite estruturar intervenções clínicas mais precisas, humanizadas e integradas, especialmente em contextos de sofrimento mental e adoecimento psicossomático.

4. Considerações finais

Em conformidade com o objetivo proposto, este estudo permitiu constatar que a alexitimia constitui um fenômeno complexo e multideterminado, situado fundamentalmente na interface entre os processos psíquicos, o funcionamento neurobiológico e as manifestações corporais. A passagem do modelo histórico para a psicossomática contemporânea demonstrou que, em múltiplos quadros clínicos, o corpo não opera apenas como um palco de simbolização de conflitos inconscientes, mas expressa ativamente aquilo que não pôde ser representado ou metabolizado psiquicamente. Nesse sentido, as contribuições de autores clássicos como Sifneos, Marty e McDougall, em consonância com as evidências neurocientíficas contemporâneas, comprovam que as falhas crônicas na nomeação afetiva, na mentalização e na regulação emocional fragilizam o aparelho psíquico e ampliam a vulnerabilidade somática do sujeito.

No campo acadêmico e científico, esta pesquisa reforça a relevância de abordagens interdisciplinares que integrem a Psicanálise, a Psicologia clínica, a Psiquiatria e as Neurociências, ampliando as fronteiras do conhecimento sobre os mecanismos regulatórios da relação mente-corpo. Ademais, evidencia-se a notável atualidade da psicossomática psicanalítica ao dialogar diretamente com achados empíricos recentes sobre a consciência interoceptiva, o processamento emocional e os desfechos na saúde física.

Do ponto de vista clínico e social, destaca-se a urgência de práticas terapêuticas capazes de oferecer continência emocional e favorecer a construção de recursos simbólicos para os afetos, especialmente em indivíduos cuja linguagem verbal se mostra insuficiente para expressar a dor mental. Assim, a Psicologia e a Psicanálise assumem um papel ético e fundamental na promoção de um cuidado integral, humanizado e preventivo, possibilitando que experiências antes inscritas predominantemente no corpo encontrem vias de elaboração, simbolização e narrativa psíquica. Por fim, recomendam-se novas pesquisas empíricas e longitudinais que aprofundem o desenvolvimento de estratégias de manejo técnico e prevenção em múltiplos contextos psicossomáticos.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5-TR: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BION, W. R. **Aprender com a experiência**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CARNEIRO, B. V.; YOSHIDA, E. M. P. Alexitimia: uma revisão do conceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 103-108, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000100012>. Acesso em: 24 abr. 2026.

CHAIM, C. H. *et al.* The implication of alexithymia in personality disorders: a systematic review. **BMC Psychiatry**, London, v. 24, art. 312, 2024.

CHMIEL, J. *et al.* Neural correlates of alexithymia based on electroencephalogram (EEG): a mechanistic review. **Journal of Clinical Medicine**, Basel, v. 14, n. 2, art. 205, 2025.

FREYBERGER, H. Supportive psychotherapeutic techniques in primary and secondary alexithymia. **Psychotherapy and Psychosomatics**, Basel, v. 28, n. 1-4, p. 337-342, 1977.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GRODDECK, G. **O livro d'Isso**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

HAYNAL, A.; PASINI, W. **Manual de medicina psicossomática**. São Paulo: Masson, 1993.

KANO, M.; FUKUDO, S. The alexithymic brain: the neural pathways linking alexithymia to physical disorders. **BioPsychoSocial Medicine**, London, v. 7, n. 1, art. 1, 2013.

MARTY, P. **A psicossomática do adulto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MARTY, P.; M'UZAN, M. O pensamento operatório. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 165-174, 1994.

MCDUGALL, J. **Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SIFNEOS, P. E. **Short-term psychotherapy and emotional crisis**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

SIFNEOS, P. E. The prevalence of alexithymic characteristics in psychosomatic patients. **Psychotherapy and Psychosomatics**, Basel, v. 22, n. 2, p. 255-262, 1973.

SILVESTRO, O. *et al.* Alexithymia and asthma: a systematic review. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 14, art. 1094321, 2023.

SNYDER, H. Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. **Journal of Business Research**, Amsterdam, v. 104, p. 333-339, 2019.

TAYLOR, G. J.; BAGBY, R. M.; PARKER, J. D. A. **Disorders of affect regulation: alexithymia in medical and psychiatric illness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TSUBAKI, K.; SHIMIZU, E. Psychological treatments for alexithymia: a systematic review. **Behavioral Sciences**, Basel, v. 14, n. 3, art. 189, 2024.

VAN BAEL, K. *et al.* A systematic review and meta-analysis of the relationship between subjective interoception and alexithymia. **PLoS One**, San Francisco, v. 19, n. 4, art. e0301242, 2024.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

CORPO COMO VIA DE EXPRESSÃO: ALEXITIMIA E PSICOSSOMÁTICA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Sabrina Fernandes Romão³⁵

Jamile Vitória Dantas Barros³⁶

Michael Windson Araújo de Oliveira³⁷

Sabrina Marinho Almeida³⁸

Tamiles Gualberto Amara³⁹

Terence de Jesus e Silva⁴⁰

Lucélia de Jesus Amaral Jati⁴¹

Resumo: Esse estudo explora como alexitimia, psicossomática e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se conectam, entendendo o corpo como uma forma de comunicar emoções que não conseguem virar palavras. Quem tem alexitimia enfrenta uma dificuldade real para reconhecer e falar sobre o que sente, e o chamado pensamento operatório atrapalha ainda mais o processamento dessas emoções. Em pessoas com TEA, tais características tendem a se manifestar de forma mais acentuada, o que facilita o surgimento de sintomas psicossomáticos, o corpo acaba mostrando aquilo que a mente não conseguiu elaborar. Em síntese, essa dinâmica revela como o que se passa dentro afeta o corpo por fora. Entender essa relação ajuda nas intervenções clínicas, tornando-as mais completas, focando tanto na simbolização quanto na expressão emocional.

Palavras-chave: alexitimia; psicossomática; autismo; emoções; simbolização.

1. Introdução

Entender como o corpo e a mente se relacionam sempre foi central na Psicologia, principalmente quando se trata da psicossomática. Esse campo tenta mostrar como emoções e conflitos internos acabam se manifestando fisicamente. Então, em vez de enxergar a doença só como um problema do corpo, começa-se a considerar que ela nasce de uma mistura entre fatores biológicos, psicológicos e sociais (Caetano; Rodrigues, 2020). Esse jeito de pensar se aproxima do modelo biopsicossocial, onde saúde e doença se cruzam o tempo todo, nada é simples ou separado (Engel, 1977).

Nessa perspectiva, a psicossomática não deve ser compreendida

³⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

como uma simples conversão direta de conflitos psíquicos em sintomas físicos, mas como um processo complexo, mediado por múltiplos fatores biológicos, psicológicos e relacionais. A manifestação somática configura-se, portanto, como uma forma de expressão de conteúdos que não puderam ser simbolizados ou elaborados no campo psíquico (Caetano; Rodrigues, 2020).

Dentro desse tema, dois conceitos são chave para entender por que às vezes as pessoas travam na hora de transformar sentimento em palavras: alexitimia e pensamento operatório. Eles têm tudo a ver com a dificuldade de simbolizar e elaborar os próprios afetos (Marty; M'Uzan; David, 1963; Caetano; Rodrigues, 2020).

Alexitimia, termo introduzido por Sifneos em 1973, refere-se a um construto psicológico multidimensional caracterizado, principalmente, pela dificuldade em identificar, diferenciar e descrever emoções, bem como por um estilo de pensamento orientado para aspectos externos e concretos da realidade. Indivíduos com esse perfil tendem a apresentar um empobrecimento da vida imaginativa e dificuldades na simbolização dos afetos, o que compromete a elaboração psíquica das experiências emocionais (Nemiah; Sifneos, 1970; Taylor, 1984; Caetano; Rodrigues, 2020).

O pensamento operatório anda junto com isso. Quem funciona assim é mais prático, pensa no concreto, quase sem espaço para fantasia ou para conversas emocionais mais profundas. O discurso vira algo seco, objetivo, e perde aquela energia afetiva que ajuda a lidar com conflitos internos (Marty; M'Uzan; David, 1963; Caetano; Rodrigues, 2020).

Essas limitações instauram um comprometimento no processo de simbolização. Quando os afetos não conseguem ser organizados e representados psiquicamente, tendem a se manifestar por meio de vias corporais. Nesse contexto, os sintomas psicossomáticos podem ser compreendidos como expressões do sofrimento que não encontrou possibilidade de elaboração simbólica (Freud, 2013; Caetano; Rodrigues, 2020).

Vale lembrar que a habilidade de simbolizar tem raízes lá atrás, nas primeiras experiências de vida. O jeito como o cuidador se conecta com a criança marca como ela vai aprender a reconhecer, nomear e compartilhar emoções. Essa troca é fundamental para organizar o mundo interno (Sifneos, 1972; Taylor, 1984).

Hoje, é possível compreender a alexitimia também como um fenômeno social. Mudanças culturais e o empobrecimento da linguagem ajudam a explicar por que está ficando cada vez mais difícil nomear emoções. A comunicação rápida e superficial acaba reduzindo o repertório simbólico e atrapalha a elaboração emocional, o que aumenta a frequência de sintomas psicossomáticos (Caetano; Rodrigues, 2020).

Esse debate ganha ainda mais peso quando se fala do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Pessoas autistas geralmente enfrentam dificuldades em perceber, identificar e regular as emoções. Vários estudos mostram que

os desafios para nomear sentimentos estão muito ligados à alexitimia nesse grupo (Klein *et al.*, 2023).

No cérebro, essas dificuldades têm a ver com diferenças na conexão entre áreas límbicas e corticais, além de alterações na interocepção, ou seja, na forma como a pessoa percebe o próprio corpo. Isso tudo mexe muito no jeito de viver, processar e expressar emoções (Barrett, 2017; Quattrocki; Friston, 2014).

No fim, a conexão entre alexitimia, psicossomática e regulação emocional dentro do TEA fica clara. A dificuldade pra simbolizar afetos, somada às características biológicas e sensoriais do autismo, deixa a pessoa ainda mais vulnerável a sintomas psicossomáticos (Caetano; Rodrigues, 2020; Klein *et al.*, 2023).

Apesar dessa relevância, é importante adotar uma postura crítica em relação ao conceito de alexitimia. Ela não é reconhecida como um transtorno mental no DSM-5-TR, sendo considerada um construto psicológico ou traço de personalidade. Além disso, ainda há divergências na literatura quanto à sua definição e formas de avaliação, o que limita a padronização dos estudos. Embora existam evidências de sua associação com sintomas psicossomáticos e com o TEA, ainda são necessários mais estudos empíricos que aprofundem essas relações, principalmente no contexto clínico. Dessa forma, seu uso deve ser feito com cautela, reconhecendo tanto sua utilidade quanto suas limitações.

Então, enxergar o corpo como meio de expressão no TEA pede uma abordagem integrada: tudo precisa ser levado em conta, do biológico ao social, passando pelo psicológico. Só assim as práticas clínicas conseguem ajudar a ampliar a capacidade de simbolizar e reforçar o valor do corpo como via legítima para expressar sofrimento psíquico (Caetano; Rodrigues, 2020).

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão aprofundada de fenômenos complexos relacionados à subjetividade e à experiência emocional, especialmente quando se trata da articulação entre corpo, simbolização e sofrimento psíquico, dimensões amplamente discutidas no campo da psicossomática (Marty; M'Uzan; David, 1963; Sifneos, 1973). Tal abordagem permite examinar conceitos e processos psíquicos que envolvem modos de simbolização e manifestações corporais do sofrimento, os quais não podem ser reduzidos a variáveis quantitativas.

A revisão bibliográfica constitui um procedimento metodológico adequado para a análise crítica, comparativa e integrativa de trabalhos científicos já consolidados, possibilitando a articulação entre diferentes matrizes teóricas acerca da temática investigada. Nesta pesquisa, essa estratégia mostrou-

-se pertinente para integrar contribuições da psicossomática psicanalítica, especialmente os conceitos de pensamento operatório e alexitimia (Marty; M'Uzan; David, 1963; Sifneos, 1973), com evidências contemporâneas da neurociência relacionadas à interocepção e à regulação emocional no Transtorno do Espectro Autista (Quattrocki; Friston, 2014; Klein *et al.*, 2023).

Foram analisados textos científicos nacionais e internacionais, incluindo artigos, capítulos de livros e demais publicações acadêmicas que abordam os conceitos de alexitimia, pensamento operatório, psicossomática, empobrecimento da linguagem e processos de adoecimento (Caetano; Rodrigues, 2020), bem como estudos voltados à interocepção, autoconsciência emocional e regulação emocional no contexto do TEA (Quattrocki; Friston, 2014; Klein *et al.*, 2023). A seleção dos trabalhos buscou contemplar tanto autores clássicos, responsáveis pela consolidação conceitual do campo, quanto pesquisas recentes que discutem os desdobramentos neurobiológicos e clínicos dessas formulações.

Consideraram-se publicações no período de 2010 a 2025, sem prejuízo da inclusão de obras clássicas indispensáveis à fundamentação teórica do estudo. A escolha dos materiais analisados ocorreu mediante leitura exploratória inicial, seguida de leitura analítica e interpretativa, sendo incluídos textos que apresentassem consistência conceitual, rigor teórico e pertinência direta com os objetivos propostos.

A análise do material foi conduzida por meio da sistematização do conteúdo em categorias temáticas previamente delimitadas, tais como: (1) fundamentos da alexitimia e do pensamento operatório; (2) processos de simbolização e manifestações psicossomáticas; (3) interocepção e regulação emocional no TEA. Esse procedimento possibilitou estabelecer articulações entre referenciais psicodinâmicos e neurocientíficos, contribuindo para uma compreensão integrada da expressão corporal do sofrimento psíquico (Marty, 1983; Quattrocki; Friston, 2014).

3. Resultados e discussão

A literatura analisada evidencia uma associação significativa entre alexitimia, dificuldades de simbolização e a manifestação de sintomas psicossomáticos, especialmente em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir da revisão proposta, os estudos indicam que sujeitos com maiores níveis de alexitimia apresentem maior propensão à somatização, corroborando a compreensão de que a incapacidade de identificar e expressar emoções favorece a expressão corporal do sofrimento psíquico (Taylor; Bagby; Parker, 1997; Caetano; Rodrigues, 2020).

Nesse sentido, a discussão aponta que a psicossomática não deve ser compreendida como um fenômeno isolado, mas como resultado de uma falha no processo de simbolização. Quando emoções não são elaboradas simbolicamente, o corpo passa a funcionar como via alternativa de expressão. Esse resultado reforça a concepção clássica da psicossomática, na qual o sintoma

corporal emerge como uma linguagem substitutiva do afeto não representado (Marty; M'Uzan; David, 1963; Freud, 2013).

Além disso, a literatura aponta que o pensamento operatório desempenha um papel central nesse processo, uma vez que limita o acesso ao mundo interno e reduz a capacidade de elaboração emocional. Indivíduos com esse tipo de funcionamento tendem a apresentar um discurso concreto e desprovido de conteúdo afetivo, o que dificulta ainda mais a transformação da experiência emocional em linguagem. Esse padrão reforça o ciclo de somatização, pois impede a simbolização e favorece a descarga no corpo (Marty; M'Uzan; David, 1963; Taylor, 1984).

No contexto do TEA, os estudos analisados indicam que essas dificuldades são ainda mais intensas. Estudos apontam que a alexitimia está altamente presente em pessoas autistas, sendo responsável por grande parte dos déficits na identificação e descrição emocional. Dessa forma, evidencia-se que a relação entre TEA e sintomas psicossomáticos seja mediada, em grande parte, pela presença de alexitimia, e não apenas pelas características nucleares do transtorno (Klein *et al.*, 2023; Bird; Cook, 2013).

A discussão também sugere que fatores neurobiológicos contribuem significativamente para essa dinâmica. Alterações na conectividade entre regiões límbicas e corticais, bem como dificuldades na interocepção, impactam diretamente a capacidade de reconhecer e interpretar estados emocionais. Esses achados reforçam a ideia de que a dificuldade de simbolização não é apenas psicológica, mas também atravessada por aspectos biológicos, especialmente no TEA (Barrett, 2017; Quattrocki; Friston, 2014).

Outro aspecto relevante identificado na literatura diz respeito à influência das experiências precoces no desenvolvimento da capacidade simbólica. A literatura indica que a qualidade das interações entre cuidador e criança desempenha um papel fundamental na construção da linguagem emocional. Assim, falhas nesse processo podem contribuir para o desenvolvimento de traços alexitímicos, impactando diretamente a forma como o indivíduo lida com suas emoções ao longo da vida (Sifneos, 1972; Taylor, 1984).

No âmbito sociocultural, observa-se que o empobrecimento da linguagem emocional contemporânea também atua como fator agravante. A predominância de formas de comunicação rápidas e superficiais tende a restringir o repertório simbólico dos indivíduos, dificultando a elaboração psíquica das emoções. Esse cenário contribui para o aumento de manifestações psicossomáticas, ampliando a relevância do tema para além do contexto clínico (Caetano; Rodrigues, 2020).

Do ponto de vista clínico, esses achados reforçam a importância de intervenções que considerem não apenas a dimensão cognitiva, mas também os aspectos emocionais e corporais da experiência do sujeito. Estratégias terapêuticas que favoreçam a ampliação da consciência emocional, o desenvolvimento da simbolização e o reconhecimento dos estados internos mostram-se fundamentais. Nesse sentido, recursos expressivos, corporais

e relacionais podem contribuir significativamente para a construção de significados e para a integração entre corpo e psique. No caso de indivíduos com TEA, torna-se essencial que tais intervenções sejam adaptadas às suas especificidades sensoriais, comunicacionais e cognitivas, respeitando seu modo singular de experienciar e expressar emoções.

Entretanto, a discussão também aponta limites importantes. A alexitimia ainda não é reconhecida como um transtorno no DSM-5-TR, sendo considerada um construto em desenvolvimento. Isso implica desafios metodológicos, especialmente no que diz respeito à sua mensuração e definição conceitual. Assim, os resultados devem ser interpretados com cautela, evitando generalizações excessivas (American Psychiatric Association, 2022; Taylor; Bagby; Parker, 1997).

Além disso, a heterogeneidade do TEA também representa um desafio para a padronização dos achados. Nem todos os indivíduos autistas apresentam alexitimia ou sintomas psicossomáticos, o que indica a necessidade de análises mais individualizadas. Esse ponto reforça a importância de abordagens clínicas integradas, que considerem as singularidades de cada sujeito (Klein *et al.*, 2023; Bird; Cook, 2013).

Por fim, este estudo contribui para ampliar a compreensão sobre o corpo como linguagem no contexto da psicossomática e do TEA. Ao evidenciar a relação entre emoção não simbolizada e manifestação corporal, reforça-se a necessidade de uma escuta clínica sensível, capaz de reconhecer o sintoma físico como expressão legítima do sofrimento psíquico. Essa perspectiva fortalece práticas terapêuticas mais humanizadas e integradas (Caetano; Rodrigues, 2020; Freud, 2013).

4. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a relação entre alexitimia, psicossomática e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) não pode ser compreendida de forma linear ou isolada, mas sim a partir de uma perspectiva complexa, integrativa e multidimensional. Trata-se de um entrelaçamento entre processos emocionais, corporais e simbólicos, no qual a dificuldade de reconhecer, diferenciar e expressar sentimentos assume papel central na organização do funcionamento psíquico. Nesse sentido, a alexitimia, associada ao pensamento operatório descrito pela escola psicossomática francesa, revela um empobrecimento da capacidade de simbolização, comprometendo a elaboração psíquica dos afetos e favorecendo sua descarga no corpo sob a forma de manifestações somáticas (Caetano; Rodrigues, 2020; Marty; M'Uzan; David, 1963).

Essa dinâmica evidencia que, na ausência de recursos simbólicos suficientemente desenvolvidos, o corpo passa a desempenhar uma função expressiva, configurando-se como uma via alternativa de comunicação do sofrimento psíquico. Assim, os sintomas psicossomáticos não devem ser compreendidos apenas como disfunções orgânicas, mas como produções

que carregam significados subjetivos, ainda que não plenamente acessíveis à consciência. Tal compreensão rompe com a dicotomia tradicional entre mente e corpo, propondo uma visão mais integrada do sujeito, em que o biológico e o psíquico se inter-relacionam de forma contínua e indissociável.

No contexto do TEA, essa relação adquire contornos ainda mais específicos e desafiadores. As particularidades do desenvolvimento neuropsicológico desses indivíduos, especialmente no que se refere à interocepção, à regulação emocional e à identificação de estados internos, contribuem para a intensificação de características alexitímicas. A dificuldade em atribuir significado às próprias experiências emocionais, somada às limitações na comunicação e na expressão afetiva, pode resultar em uma vivência psíquica menos simbolizada e mais corporalizada. Além disso, aspectos relacionados à integração sensorial e à hipersensibilidade a estímulos reforçam a centralidade do corpo na experiência subjetiva desses sujeitos, ampliando a possibilidade de manifestações psicossomáticas (Klein *et al.*, 2023; Barrett, 2017; Quattrocki; Friston, 2014).

Entretanto, é fundamental adotar uma postura crítica diante do conceito de alexitimia, reconhecendo tanto suas contribuições quanto suas limitações. Embora seja amplamente utilizada como ferramenta teórica e clínica para compreender dificuldades emocionais, a alexitimia não é classificada como um transtorno mental no DSM-5-TR, sendo considerada um construto psicológico ou traço dimensional. Essa característica implica a necessidade de cautela em sua aplicação, evitando interpretações reducionistas ou generalizações indevidas, especialmente no campo do TEA, onde há uma grande heterogeneidade de perfis. Ademais, a literatura ainda apresenta divergências quanto à definição conceitual da alexitimia, bem como limitações nos instrumentos de avaliação, o que evidencia a necessidade de maior rigor metodológico e ampliação de estudos empíricos que investiguem suas interfaces com a psicossomática e com os transtornos do neurodesenvolvimento (Caetano; Rodrigues, 2020).

Outro ponto relevante refere-se à importância de superar perspectivas patologizantes que reduzam o sujeito às suas dificuldades. A presença de características alexitímicas no TEA não deve ser compreendida exclusivamente como déficit, mas também como uma forma particular de organização da experiência emocional. Nesse sentido, torna-se essencial considerar a singularidade de cada indivíduo, reconhecendo que diferentes modos de sentir, perceber e expressar emoções não necessariamente configuram falhas, mas variações da experiência humana. Essa compreensão está alinhada a abordagens contemporâneas que valorizam a neurodiversidade e promovem uma visão mais inclusiva e ética no campo da saúde mental.

A partir dessa perspectiva, reforça-se a importância de intervenções clínicas que promovam o desenvolvimento da simbolização, da consciência emocional e da integração entre corpo e psique. Estratégias terapêuticas que utilizem recursos expressivos, corporais e relacionais podem favorecer a

construção de significados e a ampliação da linguagem afetiva, especialmente em indivíduos com dificuldades de verbalização emocional. Abordagens fundamentadas na escuta sensível, na validação da experiência subjetiva e no respeito ao ritmo do sujeito mostram-se fundamentais para possibilitar a elaboração do sofrimento psíquico de forma mais integrada.

Além disso, destaca-se a relevância de uma atuação interdisciplinar, que articule conhecimentos da psicologia, neurociências, psiquiatria e outras áreas da saúde, a fim de oferecer um cuidado mais abrangente e efetivo. A compreensão da psicossomática no contexto do TEA exige, portanto, um olhar ampliado que considere não apenas os sintomas, mas também os contextos de vida, as relações interpessoais e as condições socioculturais que atravessam a experiência do sujeito.

Por fim, conclui-se que a articulação entre alexitimia, psicossomática e TEA contribui significativamente para a ampliação do entendimento sobre as formas de expressão do sofrimento psíquico. Ao reconhecer o corpo como uma via legítima de comunicação emocional, amplia-se o campo de intervenção clínica e fortalece-se a construção de práticas mais humanizadas, éticas e centradas no sujeito. Contudo, permanece a necessidade de aprofundamento teórico e empírico nessa área, de modo a consolidar conhecimentos que subsidiem intervenções cada vez mais qualificadas e sensíveis à complexidade da experiência humana.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Washington, DC: APA, 2022.

BARRETT, Lisa Feldman. **How emotions are made: the secret life of the brain**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

BIRD, Geoffrey; COOK, Richard. Mixed emotions: the contribution of alexithymia to the emotional symptoms of autism. **Translational Psychiatry**, v. 3, n. 7, p. e285, 2013.

CAETANO, Allan Felipe Rodrigues; RODRIGUES, Avelino Luiz. **Psicossomática: uma abordagem integrativa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2020.

ENGEL, George L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. **Science**, v. 196, n. 4286, p. 129–136, 1977.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KLEIN, A. M. *et al.* Alexithymia in autism spectrum disorder: a systematic review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 53, p. 1–15, 2023.

MARTY, Pierre; M'UZAN, Michel; DAVID, Christian. **L'investigation psychosomatique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

NEMIAH, John C.; SIFNEOS, Peter E. Psychosomatic illness: a problem in communication. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 18, p. 154–160, 1970.

QUATTROCKI, Elizabeth; FRISTON, Karl. Autism, oxytocin and interoception. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 47, p. 410–430, 2014.

SIFNEOS, Peter E. **Short-term psychotherapy and emotional crisis**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

TAYLOR, Graeme J. Alexithymia: concept, measurement, and implications for treatment. **American Journal of Psychiatry**, v. 141, n. 6, p. 725–732, 1984.

TAYLOR, Graeme J.; BAGBY, R. Michael; PARKER, James D. A. **Disorders of affect regulation: alexithymia in medical and psychiatric illness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ALÉM DO AUTISMO: O PAPEL DA ALEXITIMIA NAS DIFICULDADES EMOCIONAIS E SOCIAIS NO TEA

Ana Clara dos Santos Monteiro⁴²

Alexsandra de Azevedo Caldas⁴³

Anna Clara Sanches Amorim de Paula⁴⁴

Fernanda de Oliveira Xavier⁴⁵

Fernanda Sousa Ribeiro⁴⁶

Flávia Gisele Sousa da Silva⁴⁷

Thaís Diedra Mota Batista⁴⁸

Wenderson Carlos⁴⁹

Lucélia de Jesus Amaral Jati⁵⁰

Resumo: A compreensão das emoções no Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido amplamente investigada, especialmente em relação à presença da alexitimia. O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a alexitimia e o TEA nos domínios emocionais, sociais e de saúde mental. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a partir da seleção sistematizada de artigos científicos em bases de dados acadêmicas, por meio de descritores específicos. Os resultados indicam que a alexitimia associa-se a prejuízos no processamento emocional, na empatia afetiva e na regulação das emoções, além de maior vulnerabilidade a condições como ansiedade e depressão. Conclui-se que a alexitimia constitui um fator relevante na compreensão das dificuldades emocionais no TEA, sendo fundamental sua consideração em contextos clínicos e de pesquisa.

Palavras-chave: alexitimia; transtorno do espectro autista; emoções; empatia; saúde mental.

1. Introdução

A compreensão das emoções constitui um elemento central do funcionamento psicológico, estando diretamente relacionada à regulação do comportamento, às interações sociais e à saúde mental. As emoções orientam a interpretação das experiências e a resposta às demandas ambientais, influenciando processos decisórios de forma significativa (Goleman, 2011;

⁴² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵⁰ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Especialista em avaliação psicológica.

Barrett, 2017). Nesse contexto, a alexitimia tem sido amplamente investigada como um construto caracterizado por dificuldades na identificação, diferenciação e expressão das emoções, além de um estilo cognitivo orientado para aspectos externos da experiência (Taylor; Bagby; Parker, 1997; Carneiro; Yoshida, 2009). Trata-se de um fenômeno multidimensional, associado a prejuízos na consciência emocional, na simbolização afetiva e na comunicação interpessoal.

Entre essas condições, destaca-se o Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social, bem como por padrões comportamentais restritos e repetitivos (Alvarenga, 2023). Contudo, avanços recentes têm desafiado a compreensão tradicional do autismo como um transtorno marcado por déficits emocionais, propondo uma leitura baseada na neurodiversidade, na qual o funcionamento emocional é entendido como qualitativamente distinto, e não como ausência de emoção.

Entre as condições clínicas relacionadas, destaca-se o Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social, bem como por padrões comportamentais restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2023). No entanto, abordagens contemporâneas têm questionado a concepção do autismo como um transtorno marcado por déficits emocionais, propondo uma compreensão baseada na neurodiversidade, na qual o funcionamento emocional é entendido como qualitativamente distinto (Baron-Cohen, 2017).

Nesse sentido, estudos indicam que indivíduos autistas podem experimentar emoções de forma intensa, embora apresentem dificuldades na identificação, interpretação e expressão desses estados internos (Bird; Cook, 2013). Tais dificuldades têm sido frequentemente associadas à presença de alexitimia, sugerindo que parte dos prejuízos emocionais observados no TEA pode estar mais relacionada a esse construto do que ao transtorno em si (Kinnaird; Stewart; Tchanturia, 2019).

Do ponto de vista neuropsicológico, esse fenômeno está frequentemente associado a alterações na intercepção, isto é, na capacidade de perceber e interpretar sinais internos do corpo. Quando essa percepção se apresenta de forma atípica, a construção consciente das emoções torna-se comprometida, dificultando a nomeação e a compreensão dos próprios estados emocionais. Evidências sugerem que tais alterações estão relacionadas a diferenças no funcionamento de estruturas como a ínsula, a amígdala e as redes de saliência, responsáveis pela integração entre corpo e experiência emocional (Craig, 2015; Barrett, 2017; Carvalho, 2025).

Do ponto de vista neuropsicológico, a alexitimia está associada a alterações na interocepção, definida como a capacidade de perceber e interpretar sinais internos do corpo (Craig, 2009; Shah *et al.*, 2016). Alterações nesse processo comprometem a construção consciente das emoções, dificultando sua nomeação e regulação. Evidências apontam o envolvimento de estruturas como a ínsula e a amígdala, fundamentais na integração entre estados

corporais e experiência emocional (Craig, 2009; Barrett, 2017).

Além disso, a alexitimia impacta significativamente as interações sociais, especialmente no que se refere à empatia afetiva. Estudos indicam que dificuldades na identificação das próprias emoções interferem na capacidade de reconhecer e responder adequadamente às emoções dos outros (Bird *et al.*, 2010). Importa destacar que tais achados não sustentam a ausência de empatia no TEA, mas sim diferenças em seu processamento emocional.

Outro impacto relevante refere-se à regulação emocional. Indivíduos com TEA e alexitimia tendem a apresentar maior dificuldade em identificar sinais internos que antecedem estados de sobrecarga emocional, como ansiedade ou estresse. Como consequência, podem ocorrer respostas emocionais intensas ou aparentemente desproporcionais, que refletem não um déficit emocional, mas uma limitação na percepção e modulação dessas experiências internas. Esse padrão está relacionado à dificuldade de integração entre sinais fisiológicos e interpretação cognitiva das emoções, o que compromete processos adaptativos de autorregulação (Mahler, 2018; Green *et al.*, 2019).

Adicionalmente, a literatura aponta associação entre alexitimia e maior vulnerabilidade a transtornos como ansiedade e depressão, indicando impacto relevante na saúde mental (Trevisan *et al.*, 2016; Kinnaird; Stewart; Tchanturia, 2019). Dessa forma, a compreensão da alexitimia como fator transversal no TEA permite uma abordagem mais refinada, contribuindo para intervenções clínicas mais individualizadas e eficazes.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a síntese crítica e sistematizada de evidências científicas acerca da relação entre alexitimia e Transtorno do Espectro Autista (TEA), permitindo a integração de estudos de diferentes delineamentos metodológicos (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

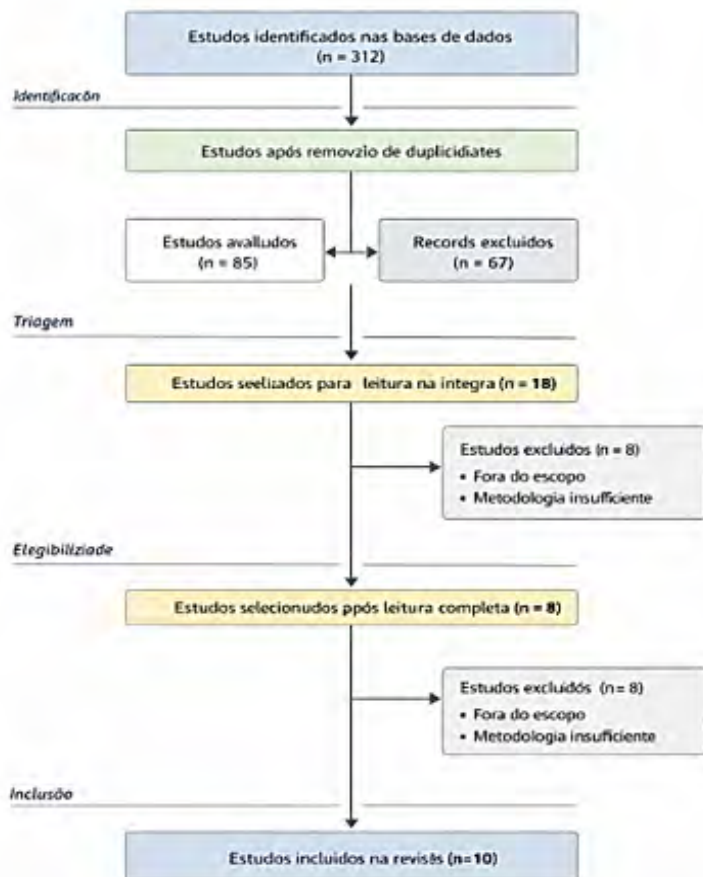
A revisão foi desenvolvida em etapas previamente definidas: elaboração da questão norteadora, definição da estratégia de busca, aplicação dos critérios de elegibilidade, extração dos dados, análise crítica dos estudos e síntese dos achados. O processo de seleção foi inspirado nas recomendações do protocolo PRISMA, contemplando as fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. A questão norteadora estabelecida foi: qual é a relação entre a alexitimia e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), no que se refere aos aspectos emocionais, sociais e de saúde mental?

O estudo foi conduzido em etapas sequenciais: (1) definição da questão norteadora; (2) elaboração da estratégia de busca; (3) estabelecimento dos critérios de elegibilidade; (4) seleção dos estudos; (5) extração e organização dos dados; e (6) análise e síntese dos achados. O processo de seleção foi orientado pelas recomendações do protocolo PRISMA (PAGE *et al.*, 2021), contemplando as fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. A questão norteadora definida foi: qual é a relação entre a alexitimia e o Trans-

torno do Espectro Autista (TEA) nos aspectos emocionais, sociais e de saúde mental?

Foram incluídos artigos publicados entre 2016 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, contemplando estudos empíricos, revisões sistemáticas e meta-análises que abordassem diretamente a relação entre alexitimia e TEA. Foram excluídos estudos duplicados, artigos fora do escopo temático e publicações com descrição metodológica insuficiente. Inicialmente, foram identificados 312 estudos. Após a remoção de duplicidades, 85 foram submetidos à triagem por título e resumo. Destes, 18 foram selecionados para leitura na íntegra, resultando em uma amostra final de 10 estudos. Os dados foram extraídos por meio de instrumento estruturado contendo autor/ano, delineamento, amostra, objetivos e principais achados. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e interpretativa, permitindo identificar convergências, divergências e lacunas na literatura.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção e análise dos estudos.



Quadro 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão.

Autor/Ano	Tipo de Estudo	Amostra	Objetivo	Principais Achados
Bird e Cook (2013)	Revisão	-	Relação TEA e alexitimia	Alexitimia explica dificuldades emocionais no TEA
Kinnaird et al. (2019)	Revisão sistemática	-	Alexitimia no TEA	Alta prevalência e impacto emocional
Bird et al. (2010)	Experimental	Adultos	Empatia e alexitimia	Déficit empático associado à alexitimia
Shah et al. (2016)	Experimental	Adultos TEA	Interocepção	Redução da acurácia interoceptiva
Trevisan et al. (2016)	Experimental	TEA	Emoção e saúde mental	Associação com ansiedade
Craig (2009)	Teórico	-	Interocepção	Base neurobiológica da emoção
Barrett (2017)	Teórico	-	Construção das emoções	Emoções como processos integrativos
Green et al. (2019)	Revisão	TEA	Processamento sensorial	Relação com regulação emocional
Mahler (2018)	Teórico	-	Interocepção e TEA	Impacto na autorregulação
Alvarenga (2023)	Empírico	TEA	Empatia e ToM	Diferenças no processamento social

Fonte: autoria própria (2026).

3. Resultados e discussão

Dos 10 estudos incluídos na revisão (Quadro 1), observou-se que 7 identificaram associação significativa entre alexitimia e prejuízos no processamento emocional, 6 apontaram impacto direto na empatia afetiva e na reciprocidade social, e 5 evidenciaram associação com sintomas de ansiedade e depressão em indivíduos com TEA. Esses dados indicam uma convergência consistente na literatura quanto ao papel da alexitimia como variável central na compreensão das dificuldades emocionais frequentemente atribuídas ao autismo.

No campo do processamento emocional, os estudos analisados indicam que as maiores dificuldades concentram-se na identificação, diferenciação e nomeação das emoções, sobretudo no fator Dificuldade em Identificar Sentimentos (DIF) da Toronto Alexithymia Scale (TAS-20). Esse padrão sugere que indivíduos autistas podem vivenciar emoções de maneira intensa, porém apresentam limitações na interpretação consciente desses estados internos.

A literatura revisada também reforça a relevância da interocepção como mecanismo explicativo. Alterações na capacidade de perceber e interpretar sinais corporais internos parecem comprometer a construção cognitiva

da experiência emocional. À luz dos modelos neuropsicológicos contemporâneos, esses achados podem ser compreendidos a partir de diferenças funcionais em estruturas como ínsula, amígdala e rede de saliência, envolvidas na integração entre corpo, emoção e consciência.

Nesse sentido, os achados sugerem que tais dificuldades não devem ser compreendidas exclusivamente como características intrínsecas ao TEA, mas como fenômenos fortemente associados à presença de níveis elevados de alexitimia (Bird; Cook, 2013; Kinnaird; Stewart; Tchanturia, 2019). No campo do processamento emocional, as evidências indicam que os principais prejuízos concentram-se na identificação, diferenciação e nomeação das emoções, especialmente no fator Dificuldade em Identificar Sentimentos (DIF) da Toronto Alexithymia Scale (TAS-20). Esse padrão aponta para uma dissociação entre a vivência emocional, frequentemente preservada ou até intensificada, e sua representação consciente.

Do ponto de vista neuropsicológico, a interocepção emerge como um mecanismo explicativo central. Alterações na capacidade de perceber e interpretar sinais corporais internos comprometem a construção cognitiva da experiência emocional, dificultando sua simbolização e regulação. Estudos indicam que indivíduos com TEA e alexitimia apresentam menor acurácia interoceptiva (Shah *et al.*, 2016), associada a diferenças funcionais em estruturas como a ínsula e a amígdala, fundamentais para a integração entre corpo e emoção (Craig, 2009; Barrett, 2017).

No que se refere aos aspectos sociais, os estudos apontam que a alexitimia interfere diretamente na qualidade das interações interpessoais, especialmente na empatia afetiva, isto é, na capacidade de ressonância emocional diante da experiência do outro. A dificuldade em reconhecer emoções em si mesmo tende a repercutir na leitura emocional das outras pessoas, gerando barreiras na reciprocidade social, na comunicação interpessoal e na formação de vínculos.

Contudo, é importante destacar que a literatura não sustenta a ideia de ausência de empatia em indivíduos com TEA. Pelo contrário, os achados favorecem uma interpretação mais refinada, segundo a qual as dificuldades observadas decorrem de diferenças no processamento e na externalização emocional, em consonância com o paradigma da neurodiversidade.

No domínio social, a alexitimia mostra impacto significativo na empatia afetiva e na qualidade das interações interpessoais. A dificuldade em reconhecer os próprios estados emocionais tende a comprometer a leitura emocional do outro, gerando prejuízos na reciprocidade social e na construção de vínculos (Bird *et al.*, 2010). Contudo, é importante destacar que tais achados não sustentam a hipótese de ausência de empatia no TEA, mas sim indicam diferenças em seu processamento e expressão, em consonância com o paradigma da neurodiversidade.

Em relação à saúde mental, verificou-se associação consistente entre níveis elevados de alexitimia e maior vulnerabilidade a ansiedade, depressão

e dificuldades de regulação emocional. A limitação no reconhecimento dos próprios estados afetivos pode favorecer o acúmulo de tensão psíquica, dificultando estratégias adaptativas de enfrentamento e ampliando o sofrimento emocional.

No que se refere à saúde mental, verificou-se associação consistente entre níveis elevados de alexitimia e maior vulnerabilidade a transtornos internalizantes, como ansiedade e depressão (Trevisan *et al.*, 2016; Kinnaird; Stewart; Tchanturia, 2019). A limitação na identificação e regulação dos afetos pode favorecer o acúmulo de tensão psíquica, dificultando estratégias adaptativas de enfrentamento e intensificando o sofrimento emocional.

Apesar dessa convergência, a literatura também apresenta pontos de tensão. Alguns estudos sugerem que parte das dificuldades sociais no TEA pode ocorrer independentemente da alexitimia, especialmente em tarefas relacionadas à teoria da mente, flexibilidade cognitiva e processamento social complexo. Esse aspecto demonstra que a alexitimia é um fator explicativo importante, mas não exclusivo.

Além disso, foram identificadas limitações recorrentes nos estudos revisados, como a predominância de delineamentos transversais, o uso frequente de instrumentos de autorrelato e a escassez de pesquisas que integrem medidas subjetivas, comportamentais e neurobiológicas. Tais fatores restringem inferências causais e apontam lacunas relevantes para investigações futuras.

Apesar da robustez dos achados, a literatura apresenta limitações importantes, como o predomínio de delineamentos transversais e o uso de instrumentos de autorrelato, o que restringe inferências causais. Ademais, alguns estudos indicam que determinadas dificuldades sociais no TEA podem ocorrer independentemente da alexitimia, especialmente aquelas relacionadas à teoria da mente (Baron-Cohen, 2017), evidenciando que esse construto, embora central, não é exclusivo na explicação do funcionamento emocional.

Do ponto de vista clínico, os resultados sustentam a importância de intervenções voltadas para a consciência emocional, treino interoceptivo, psicoeducação emocional e desenvolvimento de linguagem afetiva, favorecendo melhor autorregulação e qualidade das interações sociais em indivíduos com TEA.

Diante disso, os resultados reforçam a necessidade de abordagens clínicas que contemplem o desenvolvimento da consciência emocional, o treino interoceptivo e a ampliação da linguagem afetiva. Tais intervenções podem favorecer a autorregulação emocional e melhorar a qualidade das interações sociais, contribuindo para uma compreensão mais integrada e individualizada do TEA.

4. Considerações finais

A presente revisão integrativa permitiu analisar de forma crítica a relação entre alexitimia e Transtorno do Espectro Autista, evidenciando que esse construto ocupa papel central na compreensão das dificuldades emocionais, sociais e de saúde mental frequentemente observadas nessa população.

Os achados indicam que a alexitimia está diretamente associada a prejuízos na identificação, diferenciação e expressão das emoções, repercutindo no processamento emocional, na empatia afetiva e na qualidade das interações interpessoais. Observou-se ainda associação consistente com maior vulnerabilidade a sintomas de ansiedade, depressão e desregulação emocional, reforçando sua relevância clínica.

Os resultados desta revisão integrativa evidenciam que a alexitimia ocupa posição central na compreensão das dificuldades emocionais, sociais e de saúde mental no Transtorno do Espectro Autista (TEA). A consistente associação entre alexitimia e prejuízos na identificação, diferenciação e regulação das emoções, bem como sua relação com maior vulnerabilidade a transtornos internalizantes, como ansiedade e depressão, reforça sua relevância como construto clínico e teórico. Tais achados contribuem para o refinamento da compreensão do funcionamento emocional no TEA, ao indicar que parte das dificuldades tradicionalmente atribuídas ao transtorno pode estar mais diretamente relacionada à presença de níveis elevados de alexitimia.

Sob perspectiva neuropsicológica, a interocepção mostrou-se elemento fundamental para compreender como sinais corporais são convertidos em experiência emocional consciente. Alterações nesse processo parecem contribuir significativamente para a variabilidade emocional observada em indivíduos com TEA. Embora a literatura apresente avanços importantes, persistem limitações metodológicas, especialmente relacionadas ao predomínio de estudos transversais e ao uso de medidas de autorrelato. Dessa forma, recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas longitudinais e estudos de intervenção, capazes de aprofundar a compreensão do fenômeno e avaliar estratégias terapêuticas direcionadas.

Do ponto de vista acadêmico e científico, este estudo amplia o campo de investigação ao sustentar a necessidade de distinção conceitual entre características nucleares do TEA e fenômenos transversais, como a alexitimia. Essa diferenciação contribui para o avanço de modelos explicativos mais complexos e menos reducionistas, favorecendo uma abordagem integrativa que articula dimensões cognitivas, emocionais e neurobiológicas. Além disso, ao destacar o papel da interocepção e dos processos de simbolização na construção da experiência emocional, o presente estudo dialoga com perspectivas contemporâneas das neurociências e da psicologia, promovendo maior integração entre diferentes campos do saber.

No âmbito clínico, os achados apontam para a importância de intervenções que priorizem o desenvolvimento da consciência emocional, o fortaleci-

mento da capacidade de nomeação dos afetos e a integração entre experiência corporal e elaboração psíquica. Estratégias como o treino interoceptivo, a psicoeducação emocional e o estímulo à linguagem afetiva mostram-se fundamentais para a promoção da autorregulação e para a redução do sofrimento psíquico. Nesse sentido, a consideração da alexitimia como variável clínica relevante possibilita a construção de práticas terapêuticas mais individualizadas, sensíveis às especificidades da pessoa e alinhadas à perspectiva da neurodiversidade.

Sob o ponto de vista social, a compreensão ampliada da relação entre alexitimia e TEA contribui para a desconstrução de estigmas historicamente associados ao autismo, especialmente aqueles que o vinculam à ausência de emoção ou empatia. Ao evidenciar que as dificuldades observadas decorrem, em grande medida, de diferenças nos modos de processamento e expressão emocional, este estudo favorece uma leitura mais ética, inclusiva e contextualizada, com potencial impacto na educação, nas políticas públicas e nas práticas de cuidado em saúde mental.

Conclui-se que considerar a alexitimia como um fator transversal e clinicamente relevante amplia a compreensão do funcionamento emocional no TEA e favorece práticas psicológicas mais individualizadas, sensíveis à neurodiversidade e comprometidas com a promoção da saúde mental e da qualidade de vida.

Por fim, destaca-se a necessidade de investimentos em pesquisas futuras, especialmente estudos longitudinais e multimétodos que integrem medidas subjetivas, comportamentais e neurobiológicas. Tais investigações poderão aprofundar a compreensão das relações causais entre alexitimia e TEA, bem como subsidiar o desenvolvimento de intervenções mais eficazes. Assim, conclui-se que a incorporação da alexitimia como eixo analítico fundamental representa um avanço significativo para a pesquisa, a clínica e a sociedade, ao possibilitar uma abordagem mais precisa, humanizada e cientificamente fundamentada do sofrimento psíquico no contexto do autismo.

5. Referências

ALVARENGA, Karoline Modesto. **Teoria da mente, alexitimia e empatia no Transtorno do Espectro Autista**. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

BARRETT, Lisa Feldman. **How emotions are made: the secret life of the brain**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

CARNEIRO, B. V.; YOSHIDA, E. M. P. Alexitimia: uma revisão do conceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 103–108, 2009.

CARVALHO, Sabrine C. M. **Como o cérebro autista constrói as emoções: neurociência além dos estereótipos**. 2025.

CARVALHO, Sabine C. M. **Quando o corpo não fala: interocepção e auto-consciência emocional no autismo**. 2025.

CRAIG, A. D. Interoception and emotion. **Current Opinion in Neurobiology**, [S.l.], v. 33, p. 54–60, 2015.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GREEN, S. A. *et al.* Sensory processing in autism. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, [S.l.], v. 98, p. 182–191, 2019.

KINNAIRD, E.; STEWART, C.; TCHANTURIA, K. Investigating alexithymia in autism: a systematic review. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S.l.], v. 49, p. 2380–2393, 2019.

MAHLER, K. **Interoception and autism: why understanding interoception is key to autism**. Shawnee Mission: AAPC Publishing, 2018.

ALVARENGA, Karoline Modesto. **Teoria da mente, alexitimia e empatia no Transtorno do Espectro Autista**. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Washington, DC: APA, 2023.

BARRETT, Lisa Feldman. **How emotions are made: the secret life of the brain**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

BIRD, Geoffrey; COOK, Richard. Mixed emotions: the contribution of alexithymia to the emotional symptoms of autism. **Translational Psychiatry**, v. 3, n. 7, e285, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1038/tp.2013.61>.

BIRD, Geoffrey *et al.* Empathic brain responses in insula are modulated by levels of alexithymia but not autism. **Brain**, v. 133, n. 5, p. 1515–1525, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1093/brain/awq060>.

CARNEIRO, B. V.; YOSHIDA, E. M. P. Alexitimia: uma revisão do conceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 103–108, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000100012>.

CARVALHO, Sabine C. M. **Como o cérebro autista constrói as emoções: neurociência além dos estereótipos**. 2025.

CARVALHO, Sabine C. M. **Quando o corpo não fala: interocepção e auto-consciência emocional no autismo**. 2025.

CRAIG, A. D. How do you feel — now? The anterior insula and human awareness. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 10, n. 1, p. 59–70, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1038/nrn2555>.

CRAIG, A. D. Interoception and emotion. **Current Opinion in Neurobiology**, v. 33, p. 54–60, 2015.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GREEN, S. A. *et al.* Sensory processing in autism. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 98, p. 182–191, 2019.

KINNAIRD, Emma; STEWART, Claire; TCHANTURIA, Kate. Investigating alexithymia in autism: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 49, p. 2380–2393, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-019-03993-6>.

MAHLER, Kelly. **Interoception and autism: why understanding interoception is key to autism**. Shawnee Mission: AAPC Publishing, 2018.

SHAH, Punit *et al.* Alexithymia, not autism, is associated with impaired interoception. **Cortex**, v. 81, p. 215–220, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cortex.2016.03.021>.

TAYLOR, Graeme J.; BAGBY, R. Michael; PARKER, James D. A. **Disorders of affect regulation: alexithymia in medical and psychiatric illness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511526831>.

TREVISAN, Daniel A. *et al.* Alexithymia, but not autism spectrum disorder, predicts increased mental health symptoms in adults. **Molecular Autism**, v. 7, n. 1, p. 1–11, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13229-016-0116-9>.

PSICOFÁRMACOS E NEUROPLASTICIDADE: COMO OS MEDICAMENTOS REMODELAM O CÉREBRO

*Sabrina Fernandes Romão*⁵¹

*Jamile Conceição Dantas Barros*⁵²

*Michael Windson Araújo de Oliveira*⁵³

*Sabrina Marinho Almeida*⁵⁴

*Tamiles Gualberto Amaral*⁵⁵

*Terence de Jesus e Silva*⁵⁶

*Antônio Quaresma da Silva Júnior*⁵⁷

Resumo: Os psicofármacos, como antidepressivos, ansiolíticos, estimulantes e psicodélicos, influenciam a neuroplasticidade cerebral, afetando a estrutura e função do sistema nervoso. Este estudo qualitativo, baseado em revisão bibliográfica de cinco artigos, revelou que antidepressivos como a fluoxetina promovem neurogênese e restauram a plasticidade neural. Benzodiazepínicos, apesar do efeito calmante, podem prejudicar a adaptação cerebral com uso prolongado. Estimulantes como o metilfenidato modulam neurotransmissores e melhoram funções executivas. Psicodélicos, como a ketamina e a psilocibina, demonstram efeitos rápidos e duradouros na remodelação sináptica, sendo promissores no tratamento de transtornos mentais. Conclui-se que os psicofármacos impactam profundamente a comunicação neuronal, sendo essencial o acompanhamento clínico e a personalização dos tratamentos devido às respostas individuais.

Palavras-chave: neuroplasticidade; psicofármacos; antidepressivos; benzodiazepínicos. Psicodélicos; saúde mental.

1. Introdução

A neuroplasticidade é a capacidade do cérebro de se modificar ao longo do tempo, criando e reorganizando conexões entre neurônios. Essa habilidade natural do sistema nervoso pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo o uso de medicamentos que atuam no cérebro, conhecidos como psicofármacos. Antidepressivos, ansiolíticos, estimulantes e substâncias psicodélicas têm sido estudados por seus efeitos na capacidade do cérebro de se adaptar, tanto em termos de funcionamento quanto de estrutura. Este trabalho tem como objetivo analisar como diferentes classes de psicofármacos

⁵¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁵⁷ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Dr. em Biodiversidade e Biotecnologia - Rede BIONORTE/UFPA.

(antidepressivos, ansiolíticos e estimulantes) influenciam a neuroplasticidade e o que isso significa para o tratamento de transtornos mentais.

Segundo Higino (2022), os antidepressivos, especialmente os que atuam na serotonina, como a fluoxetina, podem estimular o nascimento de novos neurônios e ajudar o cérebro a se recuperar de alterações causadas pela depressão. Esses efeitos estão ligados ao aumento de substâncias como o BDNF, que são essenciais para a saúde dos neurônios. Essa ideia é reforçada por estudos como os de Egoclinic (2022), que mostram como o uso contínuo desses medicamentos pode fortalecer as conexões cerebrais. Ruiz-Perera et al. (2015) também demonstraram que a fluoxetina ajuda o cérebro adulto a recuperar parte de sua flexibilidade, algo que normalmente só é observado durante a infância.

Os ansiolíticos, como os benzodiazepínicos, agem reduzindo a atividade cerebral, trazendo uma sensação de calma. No entanto, o uso prolongado pode prejudicar a capacidade do cérebro de se adaptar. Silveira *et al.* (2021) alertam que o uso contínuo desses medicamentos pode afetar negativamente o aprendizado e a memória. Os estimulantes, usados no tratamento do TDAH, como o metilfenidato, aumentam a atenção e o controle dos impulsos ao atuar sobre substâncias como dopamina e noradrenalina. Isso melhora a organização e o foco, facilitando o funcionamento de áreas do cérebro ligadas à tomada de decisões (Higino, 2022).

Além desses, novas pesquisas têm mostrado o potencial de substâncias psicodélicas, como a ketamina e a psilocibina, para tratar transtornos como depressão e ansiedade. Vargas *et al.* (2021) explicam que esses compostos podem promover mudanças rápidas e duradouras nas conexões cerebrais, ajudando a restaurar áreas afetadas por doenças mentais. Assim, os psicofármacos podem remodelar o cérebro de diferentes formas. Alguns fortalecem as conexões e estimulam a criação de novos neurônios; outros regulam a atividade cerebral para promover equilíbrio. Compreender melhor esses efeitos é fundamental para o uso eficaz e seguro desses medicamentos no cuidado da saúde mental.

2. Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, com caráter exploratório, realizada por meio de uma revisão bibliográfica narrativa. O estudo foi desenvolvido no contexto das trilhas de aprendizagem da disciplina de Psicofarmacologia, do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA), campus Santarém. O objetivo principal foi compreender como os psicofármacos influenciam os processos de neuroplasticidade, promovendo mudanças estruturais e funcionais no sistema nervoso central.

Durante a construção deste trabalho, foram analisadas situações em que o uso de psicofármacos demonstrou impacto direto na reorganização sináptica, na formação de novas conexões neurais e na modulação da atividade cerebral. Um dos artigos analisados abordou, por exemplo, o uso de

benzodiazepínicos em pacientes com transtornos de ansiedade, destacando os efeitos desses ansiolíticos sobre a inibição neural e a adaptação do sistema GABAérgico. Outro estudo discutiu o papel dos antidepressivos na elevação da expressão do BDNF (Fator Neurotrófico Derivado do Cérebro), favorecendo a neurogênese no hipocampo de indivíduos com depressão.

Também foi explorado um artigo que investiga o potencial terapêutico dos psicodélicos, como a psilocibina, na promoção de estados mentais que facilitam a reconexão de circuitos cerebrais afetados por traumas ou transtornos mentais resistentes ao tratamento convencional. Os critérios para escolha dos materiais incluíram a relevância temática, a atualidade das publicações e a abordagem direta sobre a relação entre os psicofármacos e os mecanismos de plasticidade neural.

3. Resultados e discussão

Os estudos analisados evidenciam que os psicofármacos exercem efeitos profundos sobre a neuroplasticidade, contribuindo para a reorganização funcional e estrutural do cérebro. Apresentamos uma análise dos resultados dessas pesquisas, destacando suas implicações clínicas e a relevância dessas descobertas para o tratamento de transtornos mentais. Incluindo os respectivos autores, títulos e os principais resultados encontrados em cada publicação analisada.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão.

Autor(es) / Ano	Título	Resultado
Calder e Hasler (2023)	Rumo à compreensão da neuroplasticidade induzida por psicodélicos	Psicodélicos clássicos, como LSD e psilocibina, promovem neuroplasticidade rápida e duradoura, o que pode explicar melhorias clínicas sustentadas em depressão, ansiedade e dependência.
Ruiz-Perera et al. (2015)	A fluoxetina aumenta a plasticidade e modula o perfil proteômico no córtex visual adulto de camundongos	O tratamento crônico com fluoxetina restaura a plasticidade ocular no córtex visual de camundongos adultos e altera o perfil de proteínas, indicando modulação de vias associadas à plasticidade neural.
Olson et al. (2021)	Psicodélicos e outros psicoplastógenos no tratamento de doenças mentais	Antidepressivos tradicionais aumentam os níveis de monoaminas sinápticas de forma aguda, mas seu uso crônico leva a mudanças estruturais na plasticidade cerebral, associadas aos efeitos terapêuticos.
Sampaio (2010)	Neuroplasticidade, depressão e antidepressivos	Antidepressivos promovem neuroplasticidade por meio de processos como formação dendrítica, remodelação sináptica, LTP, desenvolvimento axonal, extensão neurítica, sinaptogênese e neurogênese.

Autor(es) / Ano	Título	Resultado
Azevedo, Araújo e Ferreira (2016)	Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras	Estudo ecológico mostrou que o consumo de benzodiazepínicos está associado à densidade populacional e ao número de médicos nas capitais brasileiras, sendo o Alprazolam o ansiolítico mais dispensado

Fonte: autoria própria (2026).

Com base nos estudos analisados no Quadro 1, é possível afirmar que os psicofármacos exercem um papel significativo na modulação da neuroplasticidade. Evidências científicas indicam que classes de medicamentos, como antidepressivos, ansiolíticos e psicodélicos, não apenas aliviam sintomas psiquiátricos, mas também promovem alterações estruturais e funcionais no cérebro. Esses fármacos têm demonstrado potencial para remodelar circuitos neurais por meio de processos como sinaptogênese (formação de novas sinapses), neurogênese (nascimento de novos neurônios) e reorganização funcional, todos fundamentais para a adaptação e recuperação das funções cognitivas e emocionais (Castrén; Hen, 2013; Duman *et al.*, 2016).

Diante disso, a plasticidade cerebral deve ser compreendida como um mecanismo central da eficácia terapêutica dos medicamentos psiquiátricos. Essa constatação implica uma reformulação das bases teóricas que tradicionalmente sustentam a psicofarmacologia. Assim, considerar a neuroplasticidade como um alvo terapêutico contribui para uma compreensão mais ampla e integrada da ação psicofarmacológica, abrindo espaço para intervenções mais eficazes, personalizadas e sustentadas em uma perspectiva neurobiológica dinâmica.

Além disso, estudos recentes reforçam que antidepressivos, especialmente os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRSs), promovem alterações estruturais no cérebro. Pesquisas com modelos animais demonstraram que o tratamento crônico com fluoxetina pode reverter comportamentos depressivos e melhorar a neuroplasticidade no hipocampo, uma região cerebral essencial para a memória e a regulação emocional. Isso ocorre mesmo sem um aumento significativo no número de sinapses, mas com elevação na expressão de proteínas sinápticas, como a sinaptofisina (Maya Vetencourt *et al.*, 2008). De forma complementar, estudos de neuroimagem em humanos indicam que os ISRSs aumentam a plasticidade cerebral, facilitando a aprendizagem e a receptividade a novas experiências, o que pode explicar o atraso no início dos efeitos antidepressivos (Kraus *et al.*, 2017).

Apesar dos benefícios iniciais, é importante destacar as crescentes preocupações sobre os efeitos do uso prolongado de antidepressivos na neuroplasticidade. Algumas evidências sugerem que, embora esses medicamentos promovam neurogênese e aumentem a conectividade sináptica inicialmente, seu uso contínuo pode levar a uma rigidez na plasticidade cerebral. Essa rigidez pode dificultar a adaptação a novos tratamentos ou estratégias

terapêuticas, reduzindo a maleabilidade dos circuitos neurais e, possivelmente, comprometendo a eficácia terapêutica a longo prazo (El Hage *et al.*, 2013). Tais fatores apontam para a necessidade de monitoramento criterioso do uso prolongado desses fármacos e para o desenvolvimento de abordagens mais adaptativas e personalizadas.

Nesse cenário, a neuroplasticidade se destaca como um componente central não apenas na eficácia dos psicofármacos, mas também nas estratégias terapêuticas emergentes. Abordagens não farmacológicas, como a terapia cognitivo-comportamental (TCC) e práticas baseadas em *mindfulness*, também têm se mostrado eficazes na promoção da plasticidade cerebral. Essas intervenções contribuem para a reorganização funcional e estrutural do cérebro, reforçando a importância de estratégias integradas que possam conciliar psicofármacos e terapias psicossociais (Goldin *et al.*, 2012; Koster *et al.*, 2017).

No avanço das investigações sobre neuroplasticidade, os psicodélicos, como a psilocibina, a ayahuasca e a ketamina, vêm se destacando como agentes terapêuticos promissores, especialmente em contextos de tratamento resistente à farmacoterapia convencional. Estudos recentes demonstram que essas substâncias podem induzir estados de elevada neuroplasticidade, promovendo alterações rápidas na conectividade cerebral, aumento da arborização dendrítica e reforço da densidade sináptica. Esses efeitos são particularmente evidentes em áreas-chave para a regulação emocional e a integração cognitiva, como o córtex pré-frontal, o hipocampo e a amígdala (Ly *et al.*, 2018; Carhart-Harris; Friston, 2019). Nesse sentido, os psicodélicos têm sido classificados como psicoplastógenos, ou seja, substâncias com capacidade de induzir mudanças estruturais no cérebro. Ao catalisarem processos de reorganização neural em curto prazo, essas substâncias se apresentam como ferramentas promissoras para intervenções terapêuticas mais profundas, duradouras e personalizadas, fundamentadas em uma concepção neurobiológica adaptativa e flexível da saúde mental.

Dentre os textos selecionados, destaca-se o estudo de Azevedo *et al.* (2019), que discute o consumo de benzodiazepínicos no Brasil e aponta que o uso prolongado dessas substâncias pode afetar negativamente os processos de aprendizagem e memória, sugerindo um impacto adverso na neuroplasticidade. Em um estudo ecológico, Azevedo *et al.* (2019) também apontam que o consumo de benzodiazepínicos está associado à densidade populacional e ao número de médicos nas capitais brasileiras, sendo o alprazolam o ansiolítico mais dispensado no país, o que evidencia questões relevantes sobre a medicalização do sofrimento psíquico e a possível banalização do uso desses medicamentos em contextos urbanos altamente medicalizados. Tais resultados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à regulação da prescrição, à educação em saúde e à promoção de alternativas terapêuticas não farmacológicas. Já o artigo de Sampaio (2003) aborda como os antidepressivos, particularmente os ISRSs, favorecem a neurogênese no

hipocampo, contribuindo para a recuperação em quadros depressivos.

Por fim, os estudos de Calder *et al.* (2023) e Olson *et al.* (2023) exploram evidências recentes de que substâncias como a psilocibina e a ketamina promovem efeitos rápidos e duradouros na neuroplasticidade sináptica. O estudo experimental conduzido por Ruiz-Perera *et al.* (2020), por sua vez, demonstrou que a fluoxetina modula o perfil proteômico e aumenta a plasticidade na região visual do córtex de camundongos adultos, reforçando a hipótese de que antidepressivos podem restaurar janelas de plasticidade neural, ou seja, períodos em que o cérebro está especialmente receptivo a mudanças estruturais e funcionais.

Em síntese, os psicofármacos demonstram um papel importante na modulação da neuroplasticidade, promovendo alterações que vão além do alívio dos sintomas. No entanto, seus efeitos a longo prazo exigem atenção e uso criterioso. A integração com abordagens psicossociais, como a TCC e o mindfulness, potencializa os benefícios terapêuticos e favorece uma prática mais humana e eficaz. Compreender a neuroplasticidade como eixo terapêutico amplia as possibilidades de tratamento e contribui para uma saúde mental mais integrada e adaptativa.

4. Considerações finais

Os psicofármacos desempenham um papel fundamental na remodelação cerebral, ultrapassando o simples alívio dos sintomas dos transtornos psiquiátricos. Esses medicamentos influenciam diretamente a neuroplasticidade, promovendo alterações na comunicação entre os neurônios, na formação de novas conexões sinápticas e até na regeneração de áreas cerebrais. Antidepressivos, antipsicóticos e estabilizadores de humor demonstram capacidade de modular neurotransmissores, regular fatores neurotróficos como o BDNF e equilibrar sistemas como o glutamatérgico e o gabaérgico, essenciais para o equilíbrio emocional e cognitivo.

A análise dos cinco artigos permitiu compreender que os efeitos dos psicofármacos também se estendem ao comportamento, à cognição e à forma como os indivíduos se relacionam com o meio social. Apesar dos avanços terapêuticos, os estudos também destacaram efeitos colaterais importantes, especialmente em usos prolongados, como os observados com benzodiazepínicos e antipsicóticos, o que reforça a necessidade de um acompanhamento clínico contínuo.

Outro ponto relevante foi a influência do contexto biopsicossocial na resposta aos medicamentos. Cada indivíduo reage de forma única aos psicofármacos, influenciado por fatores genéticos, ambientais e culturais. Isso reforça a importância de uma abordagem terapêutica personalizada, que considere o paciente de forma integral.

Dessa forma, os psicofármacos devem ser entendidos como ferramentas valiosas no tratamento dos transtornos mentais, mas que não substituem outras formas de cuidado, como a psicoterapia. O futuro aponta para tra-

tamentos mais integrados, que combinem medicamentos com abordagens que estimulem a plasticidade neural de maneira mais direcionada, buscando potencializar os benefícios e minimizar os efeitos adversos. Embora ainda existam lacunas no conhecimento sobre os mecanismos de ação desses fármacos, é evidente que eles podem reconfigurar o cérebro e abrir novas possibilidades para a promoção da saúde mental.

5. Referências

AZEVEDO, Ângelo José Pimentel de; ARAÚJO, Aurigena Antunes de; FERREIRA, Maria Ângela Fernandes. Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos: uma correlação entre dados do SNGPC e indicadores sociodemográficos nas capitais brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v. 55, e17503, 2019.

CALDER, Abigail E.; HASLER, Gregor. Towards an understanding of psychedelic-induced neuroplasticity. **Neuropsychopharmacology**, Londres, v. 48, n. 1, p. 104–112, jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41386-022-01389-z>. Acesso em: 6 maio 2026.

HIGINO, João. **Psicofarmacologia e neuroplasticidade**: uma revisão dos efeitos dos psicofármacos no cérebro. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – instituição não identificada, [s.l.], 2022.

OLSON, David E. *et al.* Psychedelics and other psychoplastogens for treating mental illness. **Annual Review of Medicine**, Palo Alto, v. 74, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-med-052422-111227>. Acesso em: 6 maio 2026.

RUÍZ-PERERA, L. *et al.* Fluoxetine increases plasticity and modulates the proteomic profile in the adult mouse visual cortex. **Scientific Reports**, Londres, v. 10, art. 13885, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-020-67865-4>. Acesso em: 6 maio 2026.

SAMPAIO, António. Neuroplasticidade, depressão e antidepressivos. **Revista Bipolar**, Lisboa, n. 39, p. 16–19, 2003.

EXPOSIÇÃO PRECOCE À PORNOGRAFIA ONLINE E FORMAÇÃO DE CRENÇAS DISFUNCIONAIS SOBRE SEXUALIDADE EM JOVENS ADULTOS: INTERVENÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO- COMPORTAMENTAL

Raquel Araújo Freitas⁵⁸

Andressa Letícia de Sousa Gomes Lima⁵⁹

Alexsandra de Azevedo Caldas⁶⁰

Carolina Maciel de Oliveira⁶¹

Larissa Victória Corrêa Costa⁶²

Natália Guerreiro Duarte⁶³

Wellington Sousa dos Santos⁶⁴

Jacqueline Farias Galvão⁶⁵

Resumo: Este estudo analisa a influência da exposição precoce à pornografia online na estruturação cognitiva de jovens adultos e suas repercussões na vivência da sexualidade. O objetivo é compreender como o consumo prematuro desses conteúdos fomenta a cristalização de crenças disfuncionais e esquemas desadaptativos, comprometendo a saúde emocional e as dinâmicas interpessoais. A metodologia consiste em uma revisão narrativa de literatura, qualitativa e exploratória, fundamentada em buscas nos repositórios PubMed, Portal CAPES e Google Acadêmico, com recorte temporal entre 2021 e 2026. Foram selecionados para a amostra final 7 artigos. Os resultados indicam que a iniciação sexual mediada por telas substitui o aprendizado relacional por modelos baseados em performance, atuando como gatilho para ansiedade de desempenho e distorções como a hipergeneralização. Sob a ótica da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), nota-se que a reestruturação cognitiva e o empirismo colaborativo são eficazes na desconstrução de scripts pornográficos e na redução da compulsividade. Conclui-se que o ambiente digital amplifica a dissonância entre a fantasia e a realidade, demandando literacia digital e intervenções que resgatem a subjetividade e a conexão emocional. Urge desvincular a satisfação sexual de padrões performativos inalcançáveis, promovendo uma vivência baseada na alteridade e na aceitação da vulnerabilidade humana.

Palavras-chave: exposição precoce; pornografia online; crenças disfuncionais; terapia cognitivo-comportamental.

58 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

59 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

60 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

61 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

62 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

63 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

64 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

65 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Mestra em Educação (UFOPA).

1. Introdução

A estruturação das crenças que norteiam a sexualidade na maturidade está intrinsecamente ligada à qualidade e à fonte dos estímulos assimilados durante as fases críticas do desenvolvimento psicosssexual. No cenário contemporâneo, a mediação tecnológica alterou radicalmente esse processo, antecipando o contato de indivíduos em fase de formação com representações hiper-realistas e performáticas da pornografia online. Esse fenômeno não constitui apenas uma exposição informativa, mas uma imersão em um sistema de valores estéticos e comportamentais que opera à margem da realidade biológica. De acordo com os fundamentos de Beck (2011), a cognição organiza a realidade por meio de esquemas que, quando alimentados por dados sistematicamente distorcidos, cristalizam crenças nucleares sobre a própria competência e a natureza do prazer.

A problemática central reside na dissonância cognitiva gerada entre o roteiro pornográfico e a experiência interpessoal concreta. Enquanto a indústria digital promove uma sexualidade baseada em estímulos visuais incessantes e performances mecanizadas, a vivência real exige vulnerabilidade e conexão emocional. A exposição precoce e desassistida fomenta o surgimento de pensamentos automáticos de insuficiência, nos quais o jovem adulto passa a monitorar seu desempenho sob o crivo de padrões inalcançáveis. Beck (1997) postula que essa vigilância cognitiva rígida contribui para o surgimento da ansiedade de desempenho, pois o indivíduo substitui a percepção sensorial direta por um julgamento crítico constante, pautado em regras de “deveria” que foram internalizadas via consumo midiático.

Sob a ótica da Terapia Cognitivo-Comportamental, essas crenças disfuncionais atuam como filtros que sabotam a intimidade. O sujeito, ao operar sob esquemas de desamor ou desvalorização, tende a interpretar qualquer variação na resposta fisiológica como uma falha catastrófica, negligenciando os aspectos relacionais e afetivos. A literatura indica que a pornografia atua como um agente de socialização informal que muitas vezes valida a objetificação e a agressividade, dificultando a construção de uma sexualidade baseada na alteridade. A intervenção clínica, portanto, demanda uma reestruturação profunda desses paradigmas, utilizando o empirismo colaborativo para testar a validade dessas crenças perante os fatos da vida a dois, visando desconstruir a autoridade que o estímulo digital exerce sobre a psique do paciente (Beck, 2011).

Diante da prevalência de queixas clínicas relacionadas à insatisfação e ao bloqueio emocional em jovens adultos, torna-se imperativo investigar como a precocidade desse consumo molda a estrutura cognitiva de longo prazo. A relevância deste debate transcende o consultório, alcançando a necessidade de uma alfabetização sexual que considere os riscos da erotização digital sem mediação pedagógica. Este estudo propõe uma análise detalhada dos mecanismos de manutenção dessas distorções, buscando oferecer sub-

sídios teóricos e práticos para que terapeutas possam manejar as repercussões dessa exposição na saúde mental contemporânea.

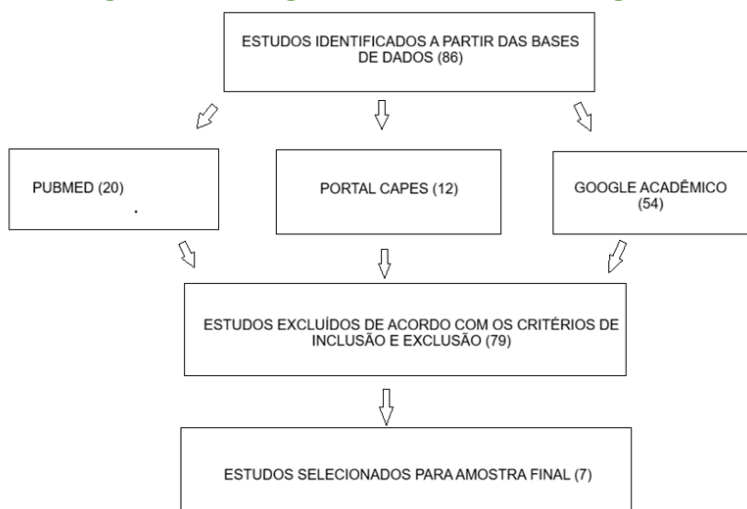
Dessa forma, o objetivo geral deste artigo consiste em analisar a influência da exposição precoce à pornografia online na formação de crenças disfuncionais sobre a sexualidade em jovens adultos, fundamentando-se nos princípios da Terapia Cognitivo-Comportamental. Especificamente, busca-se identificar as distorções cognitivas mais recorrentes derivadas desse contato prematuro com conteúdos adultos, descrever as consequências desses esquemas nas dinâmicas interpessoais e no bem-estar psicológico, e examinar o papel das técnicas de reestruturação cognitiva da TCC como ferramenta de intervenção para a promoção de uma vivência sexual funcional e autêntica.

2. Procedimentos metodológicos

O percurso investigativo aqui delineado assume o caráter de uma revisão narrativa de literatura, pautada por uma lógica qualitativa e de cunho exploratório. Tal caminho metodológico foi eleito pela maleabilidade analítica que oferece, permitindo que a discussão não se encerre em uma catalogação mecânica de dados, mas avance para uma integração teórica que transmite a representação entre os achados empíricos e a base estruturante da Terapia Cognitivo-Comportamental. Conforme as orientações de Vosgerau e Romanowski (2014), esse formato de revisão viabiliza uma imersão profunda no estado da arte, essencial para compreender como fenômenos digitais recentes — como o consumo precoce de pornografia — colidem com processos milenares de formação de crenças. O eixo condutor desta análise foi sedimentado na seguinte interrogação: de que forma a exposição prematura a conteúdos pornográficos online atua como variável determinante na arquitetura de crenças disfuncionais em jovens adultos e como a TCC operacionaliza a reestruturação desses esquemas?

Para a fundamentação teórica, a prospecção de dados ocorreu em repositórios científicos de alta relevância: PubMed, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico. A varredura não foi aleatória; utilizou-se uma combinação estratégica de descritores e termos livres, articulados por operadores booleanos (AND/OR), para garantir uma seleção mais estratégica. A expressão de busca consolidada foi: (“pornography” OR “pornografia online”) AND (“early exposure” OR “exposição precoce”) AND (“cognitive behavioral therapy” OR “terapia cognitivo-comportamental”) AND (“dysfunctional beliefs” OR “crenças disfuncionais”). O recorte temporal foi rigidamente fixado entre 2021 e 2026, visando capturar a produção intelectual mais atual e condizente com a aceleração tecnológica do último lustro.

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos artigos.



Fonte: autores (2026).

Com base no fluxograma apresentado, a busca inicial resultou em um total de 86 estudos identificados nas bases de dados selecionadas. A distribuição quantitativa entre as plataformas revelou que a maior parte dos registros foi proveniente do Google Acadêmico, com 54 publicações, seguida pelo PubMed, com 20 estudos, e pelo Portal CAPES, que contribuiu com 12 trabalhos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 79 estudos foram descartados, resultando em uma amostra final de 7 artigos selecionados para a análise detalhada.

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionados apenas artigos científicos com texto integral disponível, redigidos em português, inglês ou espanhol, que estabelecessem um nexo causal ou correlacional entre o consumo de mídia adulta e a formação de esquemas cognitivos sexuais. Foram privilegiados estudos que utilizam a TCC como lente de análise. Por outro lado, o crivo de exclusão aplicou-se à textos duplicados, literatura cinzenta — como teses e dissertações, que carecem de revisão por pares em periódicos — e trabalhos que desviavam o foco para patologias orgânicas ou dependências químicas puras, sem o componente de distorção cognitiva central a este estudo.

A seleção final dos artigos seguiu um fluxo rigoroso de triagem manual. Após a identificação inicial nas bases, procedeu-se à leitura minuciosa de títulos e resumos. Os textos que sobreviveram a essa primeira filtragem foram lidos na íntegra para checagem de rigor metodológico e aderência aos objetivos deste artigo. A extração dos dados foi sistematizada em um instrumento que contemplou autoria, ano, desenho metodológico e, primordialmente, as evidências acerca da formação de crenças sexuais desadaptativas. Essa organização permitiu um confronto crítico das evidências, sustentando a discussão que se sucede neste trabalho.

3. Resultados e discussão

A análise dos dados compilados revela que a exposição precoce à pornografia online atua como um vetor determinante na estruturação de esquemas cognitivos que distorcem a vivência da sexualidade na idade adulta (Quadro 1). O consumo desses conteúdos, muitas vezes iniciado antes da maturidade emocional, estabelece o que a Terapia Cognitivo-Comportamental classifica como crenças nucleares rígidas. Rodrigues e Araújo (2025) destacam que essa iniciação sexual mediada por telas substitui o aprendizado relacional por um modelo baseado exclusivamente na performance. Essa transição para a adultez é marcada por uma internalização de roteiros sexuais onde o prazer é dissociado do afeto, gerando uma percepção fragmentada do corpo e da interação interpessoal. Quando o jovem adulto confronta a realidade das relações íntimas, a discrepância entre o estímulo hiper-realista e a interação humana resulta em sentimentos de insuficiência e frustração, alimentando ciclos de ansiedade que são o foco central das intervenções clínicas.

Quadro 1 – Síntese dos principais achados.

Distorção Cognitiva	Manifestação Clínica	Técnica da TCC Indicada
Supergeneralização e Aprendizado Vicário	O jovem adulto acredita que práticas sexuais extremas, vistas precocemente, são a regra para todos os relacionamentos reais, gerando frustração com a sexualidade comum.	Psicoeducação e Desconstrução de Mitos: Fornecer informações científicas sobre a resposta sexual humana e a natureza ficcional da pornografia para corrigir o roteiro sexual internalizado.
Crenças de Desempenho (Catastrofização)	Medo intenso de falhar ou não atingir o “padrão” da tela, resultando em ansiedade de desempenho e, muitas vezes, em disfunções sexuais psicogênicas.	Reestruturação Cognitiva: Identificar e desafiar os pensamentos automáticos de insuficiência, substituindo-os por metas realistas focadas na conexão e no prazer mútuo, não na performance.
Objetificação e Esquemas de Desconexão	Dificuldade em integrar a sexualidade com a intimidade emocional; o parceiro é percebido apenas como objeto de gratificação, prejudicando a formação de vínculos estáveis.	Treinamento de Habilidades Sociais e Empatia: Exercícios práticos de comunicação assertiva e validação emocional para fortalecer a conexão interpessoal fora do contexto sexual mecânico.
Crenças de Condicionamento e Fissura	O cérebro, moldado precocemente por estímulos de alta dopamina, passa a ver a pornografia como a única fonte de prazer válida, gerando fissura (craving) em situações de tédio ou estresse.	Prevenção de Recaída e Manejo de Contingências: Identificação de gatilhos emocionais e desenvolvimento de novos mecanismos de enfrentamento (coping) para regulação emocional sem o uso da pornografia.

Fonte: autores (2026).

A formação dessas crenças disfuncionais é potencializada por um fenômeno de dessensibilização e busca por estímulos cada vez mais extre-

mos. Bóthe *et al.* (2025) evidenciam, em seu estudo transnacional, que o uso problemático de pornografia está frequentemente atrelado a perfis de desregulação comportamental e alta impulsividade. Para a TCC, isso sugere que a pornografia não é apenas um consumo passivo, mas um reforçador intermitente que solidifica distorções cognitivas como a hipergeneralização e a abstração seletiva. O indivíduo passa a acreditar que seu valor sexual depende do cumprimento de metas performáticas observadas digitalmente. Essa pressão interna, descrita por Engel *et al.* (2024), demonstra que homens com comportamento sexual compulsivo desenvolvem associações implícitas de prazer que ignoram os riscos ou as consequências negativas, focando apenas na gratificação imediata mediada pela tela, o que compromete a saúde emocional de longo prazo.

No âmbito das relações interpessoais, as evidências apontam para uma deterioração da capacidade de estabelecer conexões empáticas. A pornografia online, ao retratar scripts de dominação e agressividade, acaba por normalizar comportamentos que, em um contexto relacional saudável, seriam considerados abusivos ou desinteressantes. Rodrigues e Araújo (2025) reforçam que essa naturalização do conteúdo violento impacta diretamente a formação do repertório sexual de jovens adultos, que passam a ver o parceiro como um objeto de validação narcísica. Sob o viés da TCC, essa reificação da imagem do outro é fruto de um esquema de desamor e desvalorização, onde a intimidade é evitada em favor da manutenção de um controle performático. A ansiedade de desempenho, tão prevalente nos relatos clínicos, nada mais é do que a manifestação somática dessas crenças de insuficiência que foram sendo desenvolvidas durante os anos de exposição desassistida.

A eficácia das intervenções psicoterapêuticas torna-se, portanto, um ponto crucial para a mitigação desses danos. As revisões sistemáticas conduzidas por Aguilar-Yamuza *et al.* (2024) e Antons *et al.* (2022) convergem ao afirmar que a Terapia Cognitivo-Comportamental é a modalidade de tratamento com maior suporte empírico para o manejo do uso problemático de pornografia. O foco das sessões reside na reestruturação cognitiva, onde o terapeuta auxilia o paciente a identificar os pensamentos automáticos que surgem durante ou após o consumo. Ao desafiar a validade dessas crenças através do empirismo colaborativo, o jovem adulto começa a perceber que a pornografia é uma construção ficcional que não possui as ferramentas necessárias para sustentar uma vida sexual plena. A técnica de monitoramento de gatilhos e o treinamento de habilidades sociais são essenciais para que o indivíduo recupere a autonomia sobre seus desejos e comportamentos.

A metanálise de López-Pinar, Esparza-Reig e Bóthe (2025) reforça que a combinação de técnicas da TCC com abordagens de terceira onda, como a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), potencializa a redução da compulsividade e do craving. O objetivo dessas intervenções é promover a flexibilidade cognitiva, permitindo que o sujeito aceite a vulnerabilidade inerente às relações humanas sem recorrer à fuga pornográfica. A discussão dos dados

revela que o tratamento bem-sucedido não foca apenas na abstinência do conteúdo, mas na reconstrução do conceito de sexualidade. É necessário que o paciente entenda que a satisfação sexual real envolve comunicação, respeito e aceitação das imperfeições biológicas, distanciando-se do perfeccionismo estético imposto pela indústria do entretenimento adulto.

Além disso, o papel do terapeuta é crucial na desconstrução dos mitos sexuais que foram solidificados durante a adolescência. Lotfi, Babakhanin e Ghazanfarpour (2021) apontam em seu protocolo que a sistematização dessas intervenções é o caminho para estabelecer diretrizes claras de saúde pública. O enfrentamento das crenças disfuncionais exige uma análise da história de aprendizagem do indivíduo, identificando como e quando certas distorções foram reforçadas pelo ambiente digital. Ao substituir os esquemas de “deveria” por pensamentos mais realistas e compassivos, o jovem adulto consegue reduzir os níveis de estresse e ansiedade, permitindo uma vivência sexual mais autêntica e menos pautada na validação externa.

Outro aspecto relevante observado nos achados é a correlação entre a desaprovação moral e a desregulação emocional. Bóthe *et al.* (2025) sugerem que, para alguns indivíduos, o conflito entre seus valores éticos e o comportamento de consumo gera um ciclo de culpa que, paradoxalmente, alimenta o uso compulsivo como forma de alívio temporário. A TCC trabalha justamente nessa intersecção, ajudando o paciente a alinhar seus comportamentos aos seus valores pessoais, removendo a culpa patológica e focando na responsabilidade individual. A reestruturação dessa narrativa interna é o que permite a mudança duradoura, evitando recaídas e promovendo uma autoimagem mais integrada.

A análise teórica dos sete artigos selecionados permite concluir que a exposição precoce à pornografia online atua como uma modeladora poderosa, capaz de alterar a trajetória de desenvolvimento sexual. Os esquemas cognitivos formados nesse período são resistentes, mas não imutáveis. A articulação entre a identificação das distorções e a aplicação de técnicas de modificação comportamental mostra-se o eficiente para a reabilitação da saúde sexual. O presente estudo cumpre o objetivo de mapear essa dinâmica, evidenciando que a pornografia, longe de ser um material inofensivo, carrega consigo a contribui para o desenvolvimento de disfunções que podem perdurar por toda a vida adulta se não houver uma intervenção terapêutica adequada.

Portanto, a discussão aponta para a necessidade de estratégias de prevenção que alcancem o ambiente escolar e familiar. Se a pornografia atua como educador informal, a contrapartida deve ser uma educação sexual baseada em evidências científicas e valores éticos. A promoção de literacia digital e o fomento ao pensamento crítico sobre o consumo de mídia são fundamentais para proteger as novas gerações da formação de crenças limitantes. O estudo demonstra que o bem-estar psicológico do jovem adulto está diretamente ligado à sua capacidade de discernir entre a fantasia mediada

pela tecnologia e a riqueza das interações humanas reais, processo este que a TCC está perfeitamente equipada para facilitar e consolidar no ambiente clínico.

4. Considerações finais

A discussão sobre o consumo de materiais pornográficos na juventude revela que o problema não reside apenas no ato de assistir, mas na carga informativa que esses conteúdos carregam. A mente humana, especialmente em fases de desenvolvimento, tende a absorver padrões de comportamento por repetição e observação. Quando a pornografia ocupa o lugar de um “educador silencioso”, ela transmite a representação de que a sexualidade é uma performance técnica. Essa visão puramente mecânica do sexo ignora a complexidade das emoções e a variação natural dos corpos, criando uma expectativa de perfeição que a realidade nunca poderá suprir. O resultado disso na vida adulta é um monitoramento constante do próprio desempenho, onde o prazer é substituído pela preocupação em atingir metas estéticas e funcionais irreais.

A Terapia Cognitivo-Comportamental atua justamente na raiz dessa ansiedade, ajudando o indivíduo a perceber que seus pensamentos de insuficiência não são fatos, mas distorções aprendidas. Muitas vezes, o jovem adulto acredita que qualquer falha ou desvio do roteiro visto nas telas é uma prova de incompetência. A intervenção terapêutica busca quebrar essa lógica, promovendo uma visão de sexualidade baseada na comunicação e na aceitação da vulnerabilidade. Ao desafiar essas crenças, o sujeito consegue redescobrir o prazer através da conexão real com o outro, livrando-se da pressão de emular uma ficção digital que só existe para fins de entretenimento e lucro industrial.

O sucesso do tratamento depende de uma reeducação profunda sobre o que constitui uma relação saudável. A pornografia foca no estímulo visual imediato, enquanto a saúde sexual depende da intimidade emocional e do respeito aos limites e desejos mútuos. Ao longo das sessões, o paciente aprende a identificar os gatilhos que o levam ao consumo compulsivo e a substituir pensamentos catastróficos por uma narrativa mais realista e compassiva sobre si mesmo. Esse processo de desaprendizado é fundamental para que o indivíduo deixe de ser um espectador passivo de sua própria vida íntima e se torne um protagonista capaz de experimentar a sexualidade de forma plena, autêntica e desconectada das pressões impostas pelo ambiente online.

Portanto, o estudo aponta que o caminho para a recuperação da saúde sexual passa obrigatoriamente pela reestruturação da mente. Não se trata apenas de evitar o conteúdo, mas de modificar a forma como o indivíduo enxerga a si mesmo e ao outro. A capacidade de discernir entre a fantasia cinematográfica e a riqueza da interação humana é o que permite ao jovem adulto construir vínculos duradouros e satisfatórios. Ao final do processo, o

objetivo é que a sexualidade deixe de ser uma fonte de angústia e cobrança para se tornar um espaço de bem-estar, livre das distorções cognitivas que foram solidificadas durante os anos de exposição precoce e desassistida.

5. Referências

AGUILAR-YAMUZA, Beatriz *et al.* A systematic review of treatment for impulsivity and compulsivity. **Frontiers in psychiatry**, v. 15, p. 1430409, 2024. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychiatry/articles/10.3389/fpsyt.2024.1430409/full>. Acesso em: 8 abr. 2026.

ANTONS, Stephanie *et al.* Treatments and interventions for compulsive sexual behavior disorder with a focus on problematic pornography use: A preregistered systematic review. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 11, n. 3, p. 643-666, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9872540/pdf/jba-11-643.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

BECK, A. T. **Terapia cognitiva da depressão**. Tradução: Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BÖTHE, Beáta *et al.* Identification and comprehensive characterization of moral disapproval and behavioral dysregulation-based pornography-use profiles across 42 countries. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 14, n. 1, p. 131-154, 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11974402/pdf/jba-14-131.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2026.

ENGEL, Jannis *et al.* Masked liking of pornography: Implicit associations in men with compulsive sexual behavior. **Sexual Medicine**, v. 12, n. 6, p. qfae083, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11733629/pdf/qfae083.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2026.

LOPEZ-PINAR, Carlos; ESPARZA-REIG, Javier; BÖTHE, Beata. Psychotherapy for problematic pornography use: A comprehensive meta-analysis. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 14, n. 2, p. 630-643, 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12231474/pdf/jba-14-630.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2026.

LOTFI, Aida; BABAKHANIN, Masoudeh; GHAZANFARPOUR, Masumeh. The effectiveness of intervention with cognitive behavioral therapy on pornography: A systematic review protocol of randomized clinical trial studies. **Health Science Reports**, v. 4, n. 3, p. e341, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8340575/pdf/HSR2-4-e341.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

RODRIGUES, Beatriz do Nascimento; ARAÚJO, Miriam Monteiro. Os impactos da pornografia no comportamento sexual dos adolescentes que estão entrando na adultez. **Cuadernos de Educación y Desarrollo-QUALIS A4**, v. 17, n. 11, p. e10013-e10013, 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/10013/6665>. Acesso em: 13 abr. 2026.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.



Modalidade:
Artigo Científico

Eixo:
**Psicologia com Ênfase
Social da Saúde**

MÚSICA E GRUPOTERAPIA COMO DISPOSITIVOS RESTAURATIVOS NO ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DA PESSOA IDOSA

Emanuelle Pastana Carvalho⁶⁶

Ana Cely de Sousa Coelho⁶⁷

Fernanda Sousa Ribeiro⁶⁸

Lucélia de Jesus Amaral Jati⁶⁹

Resumo: Este artigo analisa evidências científicas sobre o uso da terapia de grupo e da música como componentes de ambientes restaurativos na promoção da qualidade de vida da pessoa idosa. Trata-se de uma revisão integrativa de abordagem qualitativa, com recorte temporal entre 2020 e 2025, nas bases SciELO e Google Acadêmico, a partir de descritores relacionados à pessoa idosa, grupoterapia, música e Psicologia Ambiental. Após os critérios de elegibilidade, selecionaram-se oito estudos. Os achados indicam que essas intervenções favorecem o bem-estar psicológico, social e emocional, reduzindo o isolamento, fortalecendo vínculos e ressignificando o envelhecimento. Destaca-se a importância dos ambientes restaurativos e das dimensões sociais e afetivas do espaço. Conclui-se que a integração dessas práticas representa uma estratégia promissora para a qualidade de vida na velhice.

Palavras-chave: psicologia ambiental; pessoa idosa; grupoterapia; musicoterapia; ambientes restaurativos.

1. Introdução

A Psicologia Ambiental investiga as relações recíprocas entre indivíduo e ambiente físico-social, assumindo que os contextos espaciais influenciam diretamente processos cognitivos, emocionais e comportamentais (Sánchez González, 2021). No envelhecimento, essa interface é relevante, pois o ambiente pode atuar como determinante de autonomia funcional, participação social e saúde mental. Ambientes desfavoráveis tendem a intensificar isolamento e estresse, enquanto configurações intencionalmente restaurativas favorecem adaptação psicossocial e bem-estar (Crízel, 2024).

Estudos sobre ambientes restaurativos demonstram que a exposição a determinados cenários, especialmente os naturais, pode reduzir o estresse e melhorar o humor. Neste enfoque, entram conceitos fundamentais da Psi-

⁶⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁶⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁶⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁶⁹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

cologia Ambiental como a biofilia, que descreve a tendência inata do ser humano de se conectar com a natureza (Santos, 2021); os vestígios ambientais, que são as marcas pessoais deixadas nos espaços (como fotos e objetos), reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento; e o apego ao lugar (place attachment), que se refere ao vínculo afetivo profundo desenvolvido com locais significativos (Speller, 2005).

Portanto, atrelar biofilia, vestígios ambientais e apego ao lugar a intervenções terapêuticas em contextos de assistência social representa uma estratégia promissora. A música, por exemplo, pode ser vista como um estímulo biofílico auditivo, capaz de evocar memórias e estados afetivos profundos, enquanto a Grupoterapia cria um microambiente social que favorece o apego ao grupo e ao espaço terapêutico, permitindo que os participantes deixem seus vestígios simbólicos por meio de suas narrativas e interações (Oliveira; Santo, 2025).

Evidências empíricas indicam que intervenções musicais em grupo associam-se à melhora do bem-estar subjetivo, autoestima, socialização e à redução de sintomas depressivos em pessoas idosas, além de efeitos positivos sobre funções cognitivas e engajamento social, inclusive em contextos de vulnerabilidade e institucionalização (Gomes, 2022; Ucla Health, 2025). Esses resultados evidenciam o potencial dessas práticas na mitigação de dois dos principais desafios do envelhecimento: o isolamento social e o declínio cognitivo. Assim, a grupoterapia constitui um espaço estruturado de escuta e partilha de experiências, enquanto a música atua como mediadora afetiva e cognitiva, favorecendo comunicação, evocação de memórias e expressão emocional.

O presente estudo problematiza a articulação sinérgica entre música e grupoterapia na constituição de ambientes restaurativos, considerando sua integração como estratégia terapêutica ampliada. Parte-se da hipótese de que intervenções combinadas produzem efeitos superiores sobre a qualidade de vida da pessoa idosa em comparação à aplicação isolada de cada prática (Cosmo *et al.*, 2022; Jesus *et al.*, 2023). Nesse contexto, o objetivo é analisar evidências científicas sobre o uso dessas estratégias como componentes de ambientes restaurativos na promoção da qualidade de vida da pessoa idosa, à luz da Psicologia Ambiental. Justifica-se pela necessidade de sistematização crítica da produção científica, visando subsidiar práticas interdisciplinares baseadas em evidências e qualificar intervenções em contextos de assistência social voltados ao envelhecimento.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e caráter descritivo e exploratório, com o objetivo de analisar evidências científicas acerca do uso da grupoterapia e da música como componentes de ambientes restaurativos voltados à promoção da qualidade de vida da pessoa idosa em contextos de assistência social. A escolha desse método

fundamenta-se na possibilidade de reunir, sintetizar e interpretar resultados de pesquisas com diferentes delineamentos metodológicos, favorecendo uma compreensão ampliada do fenômeno investigado e contribuindo para a prática profissional e produção científica na área (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A questão norteadora foi elaborada com base na estratégia PICO (População, Intervenção, Comparação e Outcome), adaptada para o modelo PICO/Co em razão do caráter exploratório da pesquisa, substituindo o componente “Comparação” por “Contexto”. Essa adaptação permitiu uma análise mais ampla do ambiente em que o fenômeno investigado ocorre, considerando aspectos relacionados à assistência social e aos ambientes restaurativos. A estrutura utilizada para organização da pergunta de pesquisa está apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Estrutura da estratégia PICO/Co utilizada na pesquisa.

Elemento	Descrição
P (População)	Pessoa idosa
I (Intervenção/Fenômeno de Interesse)	Aplicação da grupoterapia e da música como estratégias terapêuticas e restaurativas
Co (Contexto)	Centros especializados em assistência social e espaços comunitários
O (Outcome/Desfecho)	Promoção da qualidade de vida e do bem-estar

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases Google Acadêmico, SciELO, Scopus, ScienceDirect, PubMed e Portal de Periódicos da CAPES, visando ampla cobertura da literatura nacional e internacional. Para a estratégia de busca, utilizaram-se Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH), combinados pelos operadores booleanos “AND” e “OR”. Foram empregados termos como “Music Therapy”, “Music”, “Group Therapy”, “Group Psychotherapy”, “Aged”, “Older People”, “Quality of Life”, “Social Assistance” e “Restorative Environments”, adaptados conforme as especificidades de cada base consultada.

Foram incluídos artigos originais publicados entre janeiro de 2020 e dezembro de 2025, em idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem o uso da música ou da grupoterapia com pessoas idosas e apresentassem desfechos relacionados à qualidade de vida, bem-estar, saúde mental ou socialização. Aceitaram-se estudos quantitativos e qualitativos, abarcando ensaios clínicos, estudos observacionais, pesquisas qualitativas e estudos de caso. Excluíram-se revisões de literatura, editoriais, cartas ao leitor, resumos de eventos, dissertações, teses, estudos duplicados e publicações que não respondiam à questão norteadora ou não estavam disponíveis na íntegra.

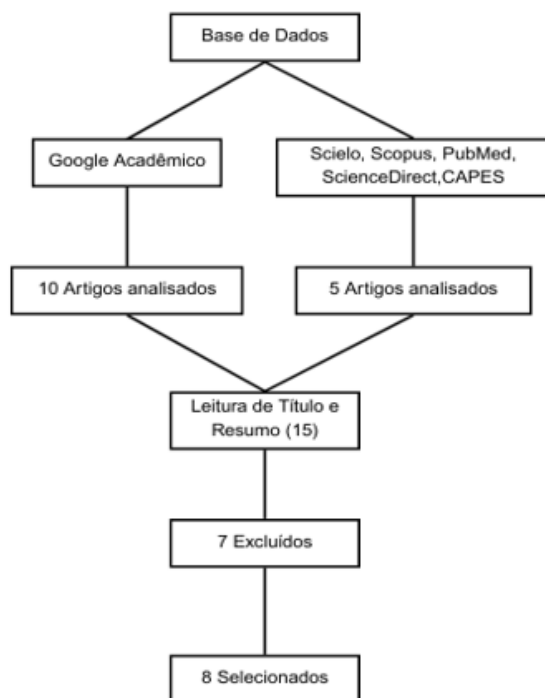
A seleção dos estudos ocorreu em duas etapas. Inicialmente, realizou-se a leitura dos títulos e resumos para aplicação dos critérios de elegibilidade.

de. Em seguida, os textos potencialmente relevantes foram analisados na íntegra. Após a seleção final, os dados foram organizados em quadro contendo autores, ano, título, objetivo e delineamento metodológico dos estudos incluídos.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa, interpretativa e descritiva, permitindo a construção de categorias temáticas relacionadas aos efeitos da música na saúde emocional e cognitiva, ao fortalecimento de vínculos promovido pela grupoterapia e à integração dessas práticas como ambientes restaurativos. A síntese dos achados foi apresentada de forma narrativa, destacando convergências, divergências, lacunas científicas e implicações para a atuação profissional em contextos de assistência social voltados à pessoa idosa.

Por utilizar exclusivamente dados secundários e de domínio público, o estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Porém, respeitaram-se os princípios éticos frente à pesquisa científica, assegurando a correta citação dos autores, a fidelidade das informações apresentadas e a integridade dos dados analisados.

Figura 1 – Fluxograma do processo de identificação, triagem, elegibilidade e seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

3. Resultados e discussão

Os resultados dos principais artigos pesquisados estão apresentados no Quadro 2, com informação sobre autor, ano de publicação, título e principais achados.

Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão.

Autor/Ano	Título	Objetivo	Principais achados
Galinha <i>et al.</i> (2021)	Ensaio clínico randomizado sobre os efeitos de um programa de canto em grupo no bem-estar subjetivo e social de pessoas idosas	Analisar os efeitos de um programa de canto em grupo no bem-estar subjetivo e social de pessoas idosas.	O canto em grupo promoveu melhora do bem-estar, autoestima e socialização entre pessoas idosas.
Grave e Mohammadi (2025)	Reconsiderando ambientes restaurativos para pessoas idosas: como o contexto social molda experiências restaurativas.	Investigar a influência do contexto social nas experiências restaurativas de pessoas idosas.	Interações sociais dispõem pertencimento, motivação e bem-estar em ambientes restaurativos.
Wilkinson <i>et al.</i> (2024)	Explorando o significado da prática musical para pessoas idosas em instituições de longa permanência.	Compreender os significados atribuídos à prática musical por idosos residentes em ILPI.	A música estimulou memória, autonomia, conexão social e bem-estar psicológico.
Mathias (2025)	Práticas musicais e seus impactos na saúde e bem-estar da terceira idade: relato de experiência	Descrever os impactos das práticas musicais desenvolvidas em um centro de convivência para idosos.	As atividades musicais estimularam socialização, engajamento, alegria e adesão às ações coletivas, promovendo saúde e qualidade de vida.
Anastacio Júnior <i>et al.</i> (2025)	“Samba do Envelhecer”: a composição musical como dispositivo de promoção da saúde em um grupo de pessoas idosas	Compreender a experiência da composição musical terapêutica em grupo de idosos.	A composição musical favoreceu expressão emocional, fortalecimento grupal e construção coletiva de sentidos sobre o envelhecimento.
Mangiaccotti <i>et al.</i> (2024)	Efeitos da musicoterapia individual em pessoas idosas com comprometimento cognitivo: ensaio clínico randomizado	Investigar os efeitos da musicoterapia em desfechos cognitivos, comportamentais e fisiológicos.	A intervenção contribuiu para manutenção cognitiva, redução de sintomas neuropsiquiátricos e melhora da saúde mental.
Sveinsdóttir <i>et al.</i> (2025)	Efetividade clínica de intervenções musicais para demência e depressão em pessoas idosas: ensaio clínico randomizado multinacional	Avaliar a eficácia de intervenções musicais nos sintomas depressivos de idosos com demência.	A musicoterapia em grupo e o canto coral apresentaram efeitos positivos na saúde mental, no bem-estar e na redução de sintomas depressivos.

Ugwuodo (2025)	Musicoterapia como método de enfrentamento da depressão em pessoas idosas institucionalizadas	Investigar o papel da musicoterapia na redução da depressão em idosos institucionalizados.	A musicoterapia grupal reduz sintomas depressivos, fortalecendo vínculos sociais e qualidade de vida.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A análise dos estudos selecionados mostra que a música e a grupoterapia formam estratégias terapêuticas relevantes para a promoção da qualidade de vida da pessoa idosa em contextos de assistência social. Os achados apontam efeitos positivos sobre saúde mental, socialização, autoestima e bem-estar emocional, indicando que intervenções grupais mediadas pela música favorecem a construção de ambientes restaurativos e fortalecem vínculos interpessoais na velhice.

Nesse contexto, Galinha *et al.* (2021), em ensaio clínico randomizado, observaram que o canto em grupo promoveu melhora significativa do bem-estar subjetivo, da autoestima e das relações sociais entre pessoas idosas. Esses resultados sugerem que práticas musicais coletivas estimulam sentimentos de pertencimento e reduzem o isolamento social, condição frequentemente associada ao sofrimento psíquico e à vulnerabilidade emocional no envelhecimento. Em consonância, Mathias (2025) identificou aumento do engajamento, da interação social e da participação ativa em atividades musicais realizadas em centro de convivência.

Além dos impactos sobre socialização e participação coletiva, os estudos apontam efeitos relevantes das intervenções musicais sobre saúde emocional e sintomas depressivos. Ugwuodo (2025) verificou redução da depressão em pessoas idosas institucionalizadas submetidas à musicoterapia grupal, destacando o potencial terapêutico da música na construção de vínculos afetivos e espaços de acolhimento emocional. De forma complementar, Anastacio Júnior *et al.* (2025) observaram que a composição musical coletiva favoreceu expressão emocional, fortalecimento grupal e elaboração subjetiva das experiências relacionadas ao envelhecimento.

A compreensão desses efeitos amplia-se quando analisada à luz da Psicologia Ambiental. Grave e Mohammadi (2025) demonstram que os benefícios restaurativos não dependem exclusivamente das características físicas do ambiente, mas também das relações estabelecidas nesses espaços. Segundo os autores, aspectos como interação social, sensação de segurança e pertencimento influenciam diretamente a experiência restaurativa, reforçando a dimensão relacional do cuidado e do bem-estar na velhice.

Os resultados também se mostraram consistentes em populações mais vulneráveis, especialmente entre pessoas idosas institucionalizadas e com comprometimento cognitivo. Sveinsdottir *et al.* (2025), em ensaio clínico multinacional, identificaram efeitos positivos da musicoterapia em grupo e do canto coral sobre sintomas depressivos e bem-estar emocional em residentes de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) com demência.

Da mesma forma, o estudo qualitativo de Wilkinson *et al.* (2024) em uma ILPI revelou que a prática musical (musicking) facilitou a conexão e as emoções positivas, afetando positivamente a memória. A música, neste ambiente, é um recurso que estimula a autonomia e a resiliência, contribuindo diretamente para a qualidade de vida percebida.

Embora Mangiacotti *et al.* (2024) tenham investigado intervenções individuais, os autores identificaram melhora cognitiva, comportamental e emocional em pessoas idosas com comprometimento cognitivo leve e moderado. Esses achados reforçam o potencial terapêutico da música na manutenção da funcionalidade e da autonomia, fatores essenciais para participação social, preservação da identidade e qualidade de vida durante o envelhecimento.

De maneira geral, as evidências científicas analisadas indicam que a música e a grupoterapia operam de forma sinérgica sobre dimensões emocionais, cognitivas e sociais da experiência humana. Para além da promoção do bem-estar psicológico, da expressão afetiva e do fortalecimento de vínculos, tais práticas se consolidam como dispositivos capazes de estruturar ambientes restaurativos em serviços de assistência social, ao reconfigurarem as dinâmicas relacionais e ao ampliarem possibilidades de engajamento significativo na velhice. Assim, configuram-se como intervenções não farmacológicas, de baixo custo e elevado potencial de impacto, especialmente relevantes no contexto do envelhecimento populacional.

As evidências recentes, oriundas de estudos com distintos delineamentos metodológicos, sustentam que a integração entre grupoterapia e música constitui eixo estruturante de ambientes restaurativos voltados à promoção da qualidade de vida da pessoa idosa. Observa-se efeito consistente na ampliação da socialização, no fortalecimento do senso de pertencimento, na redução do isolamento social e na melhoria do estado emocional, além de contribuições para processos cognitivos como memória, atenção e elaboração de sentido da experiência de envelhecer.

Nesse cenário, a inserção dessas práticas em espaços como centros de convivência e Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) revela-se uma estratégia potencialmente qualificada para a promoção de um envelhecimento mais ativo, participativo e integrado. Portanto, os achados reforçam a relevância de abordagens interdisciplinares que articulem Psicologia, saúde e ambiente, consolidando a música e o encontro grupal como recursos restaurativos essenciais ao cuidado integral na velhice.

4. Considerações finais

A análise indica que a grupoterapia associada à música constitui uma estratégia terapêutica relevante para a promoção da qualidade de vida da pessoa idosa em contextos de assistência social. Os estudos analisados demonstram efeitos positivos sobre saúde mental, socialização, autoestima, cognição e expressão emocional, favorecendo a redução do isolamento social, o fortalecimento de vínculos e maior participação coletiva. Além disso, as

práticas musicais grupais mostraram potencial restaurativo ao estimular sentimentos de pertencimento, acolhimento e ressignificação das experiências relacionadas ao envelhecimento.

Os achados também evidenciam a importância da Psicologia Ambiental na compreensão das relações entre indivíduo, ambiente e bem-estar. Nessa perspectiva, os ambientes restaurativos não se restringem aos aspectos físicos dos espaços, mas envolvem elementos sociais, afetivos e relacionais que influenciam diretamente a experiência subjetiva da pessoa idosa. Aspectos como interação social, segurança emocional, vínculo grupal e sensação de pertencimento mostraram-se fundamentais para a promoção do bem-estar psicológico e da qualidade de vida.

Outro aspecto relevante refere-se ao potencial dessas intervenções na preservação da autonomia, identidade e resiliência, inclusive entre pessoas idosas institucionalizadas ou com comprometimento cognitivo. A música e o encontro grupal favoreceram memória, comunicação, engajamento e expressão de sentimentos, demonstrando contribuição significativa para o envelhecimento saudável e para o cuidado integral em saúde mental.

Dessa forma, a presente revisão contribui para o avanço da Psicologia Ambiental ao evidenciar que práticas grupais mediadas pela música podem operar como dispositivos restaurativos, capazes de reconfigurar a experiência subjetiva e fortalecer recursos emocionais, cognitivos e sociais na velhice. Esses achados indicam que a dimensão restaurativa dos ambientes não se limita às suas características físicas, mas decorre, sobretudo, da qualidade das interações, dos vínculos estabelecidos e do sentido atribuído aos espaços de convivência.

Nesse contexto, os resultados reforçam a relevância de investimentos em estratégias interdisciplinares, acessíveis e humanizadas no campo da saúde e da assistência social, particularmente diante do envelhecimento populacional. Evidenciam-se, ainda, lacunas teóricas e empíricas que demandam investigações futuras sobre a articulação entre ambientes restaurativos, práticas psicossociais e processos de subjetivação na velhice.

Conclui-se que a música, associada à grupoterapia, configura-se como tecnologia psicossocial de potencial restaurativo, cuja incorporação em políticas públicas e programas de atenção à pessoa idosa pode qualificar a promoção do bem-estar e da qualidade de vida, ao integrar dimensões ambientais, relacionais e subjetivas do envelhecimento.

5. Referências

ANASTACIO JÚNIOR, M. P. A.; ZANINI, C. R. O.; SIMSON, O. R. M. V. "Samba do envelhecer": a composição musical como dispositivo de promoção da saúde em um grupo de pessoas idosas. **Revista InCantare**, v. 22, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/incantare/article/view/11136>. Acesso em: 18 dez. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

COSMO, N. C. *et al.* A aplicação da musicoterapia na assistência de enfermagem a pacientes idosos com dores. **Revista Científica da FAESF**, 2022. Disponível em: <https://portalrcs.com.br/index.php/rcs/article/view/1547>. Acesso em: 18 dez. 2025.

CRÍZEL, L. Design inclusivo e regenerativo: projetando ambientes para idosos e neurodiversos. **ArchDaily Brasil**, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1013796/design-inclusivo-e-regenerativo-projetando-ambientes-para-idosos-e-neurodiversos>. Acesso em: 19 dez. 2025.

GALINHA, I. C.; GARCÍA-MARTÍN, M. Á.; LIMA, M. L. Sing4Health: randomized controlled trial of the effects of a singing group program on the subjective and social well-being of older adults. **Applied Psychology: Health and Well-Being**, v. 13, n. 4, p. 841–861, 2021. Disponível em: https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/10630/30550/1/2021_Applied%20Psychology_%20Health%20and%20Well-Being%20-%20First%20online.pdf. Acesso em: 19 dez. 2025.

GOMES, G. M. S. Musicoterapia e sua influência na longevidade ativa dos idosos. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 7, ed. 8, v. 5, p. 142–159, 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/longevidade-ativa>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GRAVE, A. J. J.; NEVEN, L.; MOHAMMADI, M. Reconsidering restorative environments for older adults: how the social context shapes restorative experiences. **Journal of Environmental Psychology**, v. 105, p. 102636, 2025. DOI: 10.1016/j.jenvp.2025.102636. Disponível em: <https://research.tue.nl/en/publications/reconsidering-restorative-environments-for-older-adults-how-the-s/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

JESUS, N. A. *et al.* A musicoterapia como ferramenta de cuidado ao idoso com dor crônica: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 7, e13253, 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/13253>. Acesso em: 19 dez. 2025.

MANGIACOTTI, A. M. A. *et al.* Effects of one-to-one music therapy in older adults with cognitive impairment: a randomized controlled trial. **Psychology and Aging**, v. 39, n. 8, p. 960–982, 2024. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2025-57325-007>. Acesso em: 19 dez. 2025.

MATHIAS, M. Práticas musicais e seus impactos na saúde e bem-estar da terceira idade: um relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 27., 2025. Anais [...]. Disponível em: <https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/172>. Acesso em: 19 dez. 2025.

OLIVEIRA, C. F.; SANTO, F. H. E. Práticas grupais para a saúde mental de idosos no contexto da Atenção Primária de Saúde no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 25, e17947, 2025. Disponível em: <https://acervo-mais.com.br/index.php/saude/article/view/17947>. Acesso em: 19 dez. 2025.

SÁNCHEZ GONZÁLEZ, D. Como é que o ambiente influencia o processo de envelhecimento? **CENIE**, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cenie.eu/pt/blog/como-e-que-o-ambiente-influencia-o-processo-de-envelhecimento>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SANTOS, L. A. Biofilia: a importância do contato com a biodiversidade para a saúde e bem-estar dos seres humanos. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/608949-biofilia-a-importancia-do-contato-com-a-biodiversidade-para-a-saude-e-bem-estar-dos-seres-humanos>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SPELLER, G. M. O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, p. 132–139, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/gY8X7H4x4X8Q8g8Q8X7H4x4/?lang=pt>. Acesso em: 19 dez. 2025.

SVEINSDOTTIR, V. *et al.* Clinical effectiveness of music interventions for dementia and depression in older people (MIDDEL): a multinational, cluster-randomised controlled trial. **The Lancet Healthy Longevity**, 2025. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanhl/article/PIIS2666-7568\(25\)00102-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanhl/article/PIIS2666-7568(25)00102-3/fulltext). Acesso em: 18 dez. 2025.

UCLA HEALTH. How music therapy helps older adults. **UCLA Health**, 1 abr. 2025. Disponível em: <https://www.uclahealth.org/news/how-music-therapy-helps-older-adults>. Acesso em: 18 dez. 2025.

UGWUODO, S. Music therapy as a method to fight depression in elderly resident. **Theseus**, 2025. Disponível em: <https://www.theseus.fi/handle/10024/906583>. Acesso em: 18 dez. 2025.

WILKINSON, T.; VAN DER MERWE, L.; JOUBERT, D. Exploring the meaning of musicking for older adults in a care home. **International Journal of Community Music**, v. 17, n. 1, p. 271–291, 2024. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/ijcm_00088_1. Acesso em: 18 dez. 2025.

BURNOUT NA CULTURA DO DESEMPENHO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE

Fernanda Antunes Abtibal⁷⁰

Caliandra Bentes Martins de Magalhães⁷¹

Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro⁷²

Isabel Almeida de Oliveira⁷³

Karoll Wojtila da Silva Sousa⁷⁴

Jacqueline Farias Galvão⁷⁵

Resumo: Este estudo objetiva compreender como o adoecimento mental relacionado ao trabalho, especialmente a Síndrome de Burnout, articula-se à cultura do desempenho e às transformações do mundo laboral contemporâneo. Nesse contexto, a valorização da produtividade e da alta performance intensifica a autoexploração e favorece a negligência dos limites físicos e emocionais, propiciando o burnout, sobretudo em profissões de cuidado. Para isso, adotou-se uma revisão de literatura, com busca sistemática nas bases SciELO e BVS. Foram identificados 175 estudos, dos quais 20 foram selecionados para leitura na íntegra após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, seguidos de análise crítica. Os resultados revelam alta exaustão por produtividade tóxica, enquanto a psicologia contribui com ações preventivas, suporte clínico e melhoria das condições organizacionais.

Palavras-chave: burnout; sociedade do cansaço; estresse laboral; psicologia.

1. Introdução

O adoecimento mental relacionado ao ambiente laboral tem se consolidado como um dos principais desafios de saúde pública na atualidade, estando entre as causas mais frequentes de afastamento do trabalho, diminuindo o número de adultos em idade produtiva e provocando prejuízo social (Jarruche; Mucci, 2021). Esse fenômeno não pode ser compreendido de forma isolada, mas deve ser analisado considerando como a organização da sociedade atual favorece esse adoecimento. O sistema capitalista condiciona a sobrevivência do indivíduo à sua produtividade, gerando a cultura do desempenho (Han, 2019).

A forma como o indivíduo se relaciona com o trabalho passou por grandes mudanças na sociedade contemporânea. O modelo que predominou ao

⁷⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷⁵ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Mestra em Educação (UFOPA).

longo do século XX era marcado pelo capitalismo industrial e pela lógica disciplinar, no qual o trabalhador era regido por controles externos rígidos. Enquanto no cenário atual essa configuração se altera profundamente com a globalização, a reestruturação produtiva e a ascensão de um capitalismo mais flexível e financeirizado, o sujeito passa a se orientar por uma autovigilância, internalizando a cobrança, tornando-se um “empresário de si mesmo” e acreditando que sempre pode fazer mais.

O filósofo Byung-Chul Han (2019) descreve esse novo modelo como a “Sociedade do Cansaço”, um regime no qual a positividade do “yes, we can” substitui a negatividade marcada pelo dever, gerando no sujeito uma falsa sensação de liberdade. Nessa configuração, a cultura contemporânea valoriza a alta produtividade, a competitividade e a performance constante, fatores que, associados à autocobrança, frequentemente levam o indivíduo a desconsiderar os próprios limites físicos e emocionais (Han, 2019, p.19).

Consequentemente, tem-se o aumento de quadros de adoecimentos mentais, entre eles a Síndrome de Burnout (SB), que hoje é uma das principais manifestações do sofrimento psíquico vinculado ao trabalho. A síndrome foi identificada por Herbert Freudenberger em 1974, sendo posteriormente conceituada por Christina Maslach (1976) como uma resposta prolongada a estressores interpessoais crônicos no ambiente de trabalho, estruturada em três dimensões interdependentes: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional (Perniciotti *et al.*, 2020).

A exaustão emocional refere-se ao esgotamento dos recursos afetivos; a despersonalização manifesta-se pelo distanciamento e cinismo nas relações de trabalho; e a baixa realização profissional expressa sentimentos de incompetência e insatisfação com o próprio desempenho (Faria; Pereira, 2025). A SB é considerada um problema social de grande relevância, uma vez que está associada a diferentes tipos de disfunções pessoais, incluindo o desenvolvimento de problemas psicológicos e físicos graves, podendo inclusive levar o trabalhador à incapacidade total para o exercício de suas atividades laborais (Diehl; Carlotto, 2015).

A SB tem sua etiologia no contexto laboral e não é entendida como uma fragilidade individual, mas como um fenômeno diretamente relacionado às condições e à organização do trabalho, uma vez que, a partir de 2022, a Organização Mundial da Saúde passou a classificar o burnout como uma doença ocupacional, reconhecendo formalmente sua vinculação direta com o estresse crônico vivido no ambiente laboral na CID-11, sob o código QD85 (Faria; Pereira, 2025).

Levando em consideração esse cenário, torna-se evidente que a cultura do desempenho e da produtividade tóxica favorece o processo de adoecimento. Uma vez que o indivíduo associa que o seu valor pessoal depende de sua capacidade produtiva, ele passa a ignorar os sinais de cansaço e normalizar a sobrecarga como parte inevitável da vida profissional. Ao mesmo tempo em que vê o descanso como perda de tempo ou evidência de fracasso, o

que gera culpa. Han (2019) contribui para essa compreensão ao afirmar que a busca constante por desempenho impede o sujeito de alcançar um ponto de repouso ou de gratificação genuína.

Tendo em vista esse cenário e como isso tem afetado o público jovem adulto, esta pesquisa orienta-se pela seguinte questão: de que forma a cultura do desempenho influencia o desenvolvimento de Burnout em jovens adultos no contexto laboral? O objetivo geral deste estudo, portanto, é compreender as implicações e a influência da cultura do desempenho no desenvolvimento de Burnout em jovens adultos trabalhadores.

2. Procedimentos metodológicos

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, delineada por meio de uma revisão de literatura. Conforme preconizado por Galvão e Ricarte (2019), a revisão configura-se como um processo sistemático de procura, investigação e explicação de um conjunto de conhecimentos preexistentes, fornecendo subsídios teóricos para a resolução de um questionamento específico e a identificação de lacunas no saber.

O objetivo central do estudo residiu em compreender, sob a ótica, os conceitos filosóficos de Byung-Chul Han (2019), a obra “Sociedade do Cansaço”, como implicações do paradigma da hiperperformance no adoecimento mental contemporâneo. A análise focou na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho e a sua influência na Síndrome de Burnout (esgotamento profissional). A investigação buscou sanar dúvidas sobre as características clínicas e sociais do Burnout, bem como identificar as pressões enfrentadas pelos indivíduos no ambiente organizacional moderno.

A coleta de dados foi realizada por meio do levantamento bibliográfico em bases de dados de relevância científica, sendo elas: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e utilizou-se uma estratégia de busca estruturada fundamentada no uso de operadores booleanos (AND e OR) conforme detalhado abaixo: (“produtividade tóxica” OR “produtividade excessiva”) AND (“burnout” OR “esgotamento profissional”) AND (“cultura do desempenho” OR “cultura da produtividade”).

Foram utilizados os descritores “Burnout”, “Sociedade do cansaço” e “Síndromes Laborais”, a partir dos quais foram identificados 175 estudos nas bases SciELO e BVS. Após o processo de triagem, que incluiu leitura de títulos e resumos, apenas 20 estudos foram selecionados para leitura na íntegra, por apresentarem relação direta com o objeto de investigação. O processo de seleção dos estudos ocorreu em etapas: (1) Pergunta Norteadora (2) Levantamento inicial de títulos (3) Leitura técnica de títulos e resumos (4) Verificação dos critérios de inclusão e exclusão (5) Leitura integral dos textos (6) Síntese e escrita final da revisão.

Os critérios de inclusão abrangeram artigos, livros científicos originais e revisões publicadas entre 2015 e 2026, nos idiomas português/inglês, que

abordavam o Burnout, a relação entre produtividade excessiva, cultura do desempenho e sentimento de culpa associados ao descanso. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos que tangenciaram o tema central, textos sem autoria declarada e publicações sem identificação da revista científica. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, selecionaram-se 20 estudos para leitura na íntegra, os quais compuseram o corpus final desta revisão.

3. Resultados e discussão

No mundo contemporâneo, o contexto laboral atual torna-se indissociável de altas demandas por metas, pressão por desempenho e cargas horárias exaustivas. A análise dos estudos selecionados demonstra que a Síndrome de Burnout é o desfecho clínico de um processo crônico de estresse laboral, sendo definida como um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastantes (Perniciotti *et al.*, 2020). No contexto de jovens adultos, esse quadro é agravado pela “cultura do desempenho”, que impõe uma busca incessante por produtividade, muitas vezes às custas da saúde mental.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão.

N.	Título	Autor/Ano	Metodologia	Principais Resultados
1	Plantão Psicológico Remoto em Serviço Escola em Tempos de Sociedade do Cansaço	Leandro (2026)	Relato de experiência	Autoexploração, fadiga digital e perda da qualidade da escuta clínica no trabalho remoto.
2	NR-1 - Gerenciamento de riscos ocupacionais (GRO): Guia de informações sobre os Fatores de Riscos Psicossociais Relacionados ao Trabalho	Ministério do Trabalho e Emprego (2025)	Guia Técnico	Orienta a gestão dos riscos psicossociais junto à ergonomia, destacando seu impacto no adoecimento mental e propondo medidas preventivas no ambiente de trabalho.
3	Burnout na Enfermagem: Fatores de Risco, Impactos e Estratégias de Enfrentamento	Leite <i>et al.</i> (2025)	Revisão integrativa (PRISMA)	Sobrecarga, jornadas extensas e baixo suporte; consequências emocionais; importância do suporte social e treinamento emocional.
4	Ambiente de prática de enfermagem, clima de segurança e burnout em unidades de tratamento antineoplásico	Costa <i>et al.</i> (2025)	Estudo transversal (59 profissionais; SAQ, PES, MBI)	Relações positivas entre equipe reduzem exaustão e aumentam realização; participação institucional melhora o clima de segurança.
5	Risco de esgotamento profissional entre servidores públicos de uma universidade brasileira	Cavalcante <i>et al.</i> (2025)	Estudo transversal (253 participantes)	Burnout associado a uso de medicamentos, absenteísmo e insatisfação laboral.

6	Estresse profissional, síndrome de burnout e correlações pandêmicas	Faria; Pereira. (2025)	Ensaio teórico	Diferença entre estresse e Burnout; impacto da COVID-19; "uberização" e reconhecimento do Burnout como doença ocupacional (CID-11).
7	Efeito das variáveis preditoras no desenvolvimento da Síndrome de Burnout em docentes do ensino superior	Barbosa <i>et al.</i> (2024)	Estudo transversal (140 docentes)	Sono insuficiente e excesso de trabalho reduzem realização; qualidade de vida protege contra Burnout.
8	Fatores associados ao workaholism na saúde mental de enfermeiros	Barbosa <i>et al.</i> (2024)	Revisão integrativa	Workaholism associado a Burnout, ansiedade, depressão e problemas no trabalho.
9	Estresse Ocupacional entre Psicólogos na Atenção Primária	Eidelwein <i>et al.</i> (2024)	Estudo transversal (70 psicólogos)	Alto desgaste (35,7%); apoio social reduz impacto; fatores pessoais influenciam demanda.
10	Implicações da síndrome de burnout na saúde mental dos enfermeiros da atenção primária à saúde	Santos <i>et al.</i> (2023)	Revisão integrativa	Sobrecarga por múltiplas funções gera estresse, ansiedade e queda na qualidade assistencial.
11	Fatores psicossociais e síndrome de burnout em professores da educação básica	Souza <i>et al.</i> (2023)	Revisão sistemática	Infraestrutura precária, violência e alta demanda como fatores principais; maior vulnerabilidade em mulheres e jovens.
12	Prevalência de sintomas de burnout em profissionais de saúde da atenção primária	Fucuta-de Moraes; Ruths (2023)	Estudo transversal (94 participantes)	10,6% com alto risco; baixa realização profissional elevada (52,1%); associação com uso de medicação psiquiátrica.
13	Workaholism e burnout entre docentes de pós-graduação	Barreto <i>et al.</i> (2022)	Estudo transversal (585 docentes)	Trabalho excessivo aumenta exaustão emocional e despersonalização.
14	Síndrome de Burnout: um olhar para o esgotamento profissional do corpo docente universitário	Ferreira; Pezuk (2021)	Revisão integrativa	Burnout como "adoecimento silencioso"; produtivismo acadêmico e falta de suporte como fatores centrais.
15	Psicopolítica e mal-estar da contemporaneidade	Mocellim (2021)	Artigo teórico	Sociedade do desempenho gera autoexploração, exaustão e Burnout como sofrimento contemporâneo.
16	Síndrome de burnout em profissionais de saúde: revisão integrativa	Jarruche; Mucci (2021)	Revisão integrativa	Alta prevalência; condições de trabalho precárias e relações hierárquicas problemáticas.

17	Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção	Pernicioti <i>et al.</i> (2020)	Revisão bibliográfica	Alta prevalência em médicos (25–67%), residentes (7–76%) e enfermeiros (10–70%); influência do ambiente hospitalar (UTI) e fatores individuais; intervenções individuais e organizacionais.
18	Maslach Burnout Inventory (MBI-HSS): Revisão integrativa de sua utilização em pesquisas brasileiras	Campos <i>et al.</i> (2020)	Revisão integrativa	Falta de padronização metodológica no uso do MBI dificulta comparações entre estudos.
19	Sociedade do cansaço	Byung Chul Han (2019)	Livro Teórico	A sociedade do desempenho transforma o indivíduo em um “empresário de si mesmo” que, sob a ilusão de liberdade, se autoexplora voluntariamente até o esgotamento físico e mental.
20	Síndrome de Burnout: Indicadores para a construção de um diagnóstico	Diehl; Carlotto (2015)	Estudo qualitativo (estudo de caso + análise de conteúdo)	Identificação das dimensões de Gil-Monte (Ilusão, Desgaste, Indolência e Culpa); quadro clínico severo (Perfil 2); necessidade de afastamento laboral.

Fonte: autoria própria (2026).

Os dados indicam que o Burnout é multifatorial e seu surgimento não deve ser visto como uma falha individual, mas como uma consequência de deficiências na gestão organizacional. Conforme o Guia de Riscos Psicossociais do Ministério do Trabalho e Emprego, esses riscos decorrem de falhas no “planejamento, organização e gestão do trabalho, bem como de um contexto social problemático do trabalho” (Brasil, 2025). Os estudos convergem ao apontar a sobrecarga de trabalho, jornadas extensas e falta de suporte organizacional como principais fatores de risco (Leite *et al.*, 2025; Santos *et al.*, 2023; Jarruche; Mucci, 2021). Além disso, variáveis psicossociais como relações interpessoais fragilizadas, baixa autonomia e ambientes institucionais precarizados também aparecem de forma recorrente (Souza *et al.*, 2023; Costa *et al.*, 2025).

A pressão por resultados imediatos e a sobrecarga de tarefas atuam como fatores psicossociais que, quando não gerenciados, resultam em danos psicológicos graves. De acordo com Byung-Chul Han (2019), o Burnout marca o início de um novo panorama de adoecimento do século XXI, causado pelo excesso de positividade. Para o teórico, “Doenças neuronais como a depressão [...] ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI.” (Han, 2019, p. 7).

Essa perspectiva reforça que o SB não pode ser compreendido apenas como um fenômeno individual, mas como expressão de uma organização so-

cial baseada na hiperprodutividade e no desempenho contínuo. O foco agora não é na perspectiva de “eu sou”, mas sim em “eu tenho, eu posso”, resultando em uma busca incessante por produtividade baseada em o que o teórico chama de “yes, we can”.

O plural coletivo da afirmação Yes, we can expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. [...] Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder.” (Byung-chul Han, 2019, p. 16-17).

De fato, tem sido observado que cerca de 72% da população economicamente ativa apresenta alto índice de estresse, e pelo menos 30% desses podem ser enquadrados com a Síndrome de Burnout (Filippi; Bomfim, 2020). Existem alguns tipos de atividades, principalmente aquelas cujos trabalhadores prestam assistência ou são responsáveis pelo desenvolvimento ou cuidado de outros, que expõem os indivíduos a um desgaste emocional maior, tendo sido encontrados maior prevalência em profissionais da área da saúde e educação, os quais lidam com demandas emocionais e interpessoais altas (Perniciotti et al., 2020; JARRuche; Mucci, 2021; Souza *et al.*, 2023; Barbosa et al., 2024).

Embora o Burnout seja observado em um contexto organizacional mais amplo atualmente, o termo foi primeiramente descrito por Hebert Freudenberg em 1974, relacionado sobretudo em profissionais que atuavam sobre alta demanda de cuidado (Ferreira; Pezuk, 2021). Nota-se que ainda atualmente os profissionais da saúde se destacam quanto à prevalência em diferentes contextos em decorrência da vulnerabilidade do mesmo, em especial na atenção primária (Jarruche; Mucci, 2021; Fucuta-De-Moraes; Ruths, 2023).

Deve-se considerar ainda a possibilidade na falha do registro oficial de casos, onde o número de ocorrências contabilizadas é menor que a realidade, ou seja, a subnotificação, como um fator relevante na compreensão da intensidade do problema. Ainda que os estudos mostrem um índice já elevado em relação ao estresse e o esgotamento no meio organizacional, uma vez que pelo seu desenvolvimento gradual, a falta de conhecimento sobre seus sinais e sintomas e a semelhança com alguns transtornos, o reconhecimento precoce e o diagnóstico correto podem ser comprometidos (Diehl; Carlotto, 2015). Fator que pode ser explicado pelos estigmas ainda presentes em relação ao contexto laboral que costuma praticar a cultura do desempenho, valorizando resistência, produtividade e a capacidade de suportar altas demandas sem demonstrar fragilidade (Han, 2019).

Diante dessa situação crítica, surgiu a necessidade de editar a NR-1 (Norma Regulamentadora nº 1) a fim de contemplar a gestão de riscos psicossociais envolvidos no ambiente organizacional. Essa mudança remove o foco do indivíduo e passa a responsabilizar a empresa pelo mau gerencia-

mento desses estressores. Se antes o trabalhador era responsabilizado de forma individual por como lidava com esses provocadores de estresse, agora a empresa é responsável pela existência e gerenciamento desses riscos, fazendo uma mudança na estrutura de como enxerga-se e lida-se com fatores que podem impactar diretamente a saúde mental dos colaboradores (Brasil, 2025).

Nesse sentido, ao integrar os riscos psicossociais, a NR-1 consolida o Burnout como um reflexo direto dos modelos de gestão e organização do trabalho. Em um cenário marcado pela busca incessante por resultados, a convergência entre a 'sociedade do desempenho' e o workaholism intensifica a autoexploração, criando um ambiente propício ao esgotamento (Han, 2019; Mocellim, 2021). Assim, a norma responde às demandas contemporâneas ao considerar que o desgaste do trabalhador não é apenas individual, mas fruto de uma estrutura produtiva que prioriza o desempenho em detrimento da saúde (Barbosa *et al.*, 2024; Brasil, 2025; Leite *et al.*, 2025).

Diante do crescimento de trabalhadores adoecidos, percebe-se a relevância da necessidade de mudanças que favoreçam qualidade de vida. Nesse contexto, torna-se imprescindível considerar intervenções que ultrapassem a responsabilização individual e avancem para uma abordagem mais ampla e integrada do cuidado. Entre essas transformações no mundo do trabalho e seus impactos sobre o adoecimento psíquico, o psicólogo tem papel essencial na prevenção e no tratamento do burnout, atuando na identificação de fatores de risco, avaliação de sintomas e promoção do bem-estar, além de contribuir para políticas de saúde mental no trabalho (Faria; Pereira, 2025).

Ainda que os achados apresentados representem avanços relevantes para a compreensão do adoecimento psíquico no contexto laboral, os resultados desta revisão devem ser interpretados à luz das limitações do corpus analisado. Verificou-se uma predominância de pesquisas realizadas com trabalhadores das áreas da saúde e da educação, o que configura uma limitação metodológica relevante, uma vez que restringe a generalização dos achados para outros grupos ocupacionais. Nesses contextos, as condições de trabalho, os estressores psicossociais e as estratégias de enfrentamento mobilizadas podem apresentar configurações substancialmente distintas.

Considerando que os processos subjetivos e os modos de adoecimento psíquico são atravessados pelas especificidades do contexto laboral, recomenda-se que investigações futuras ampliem o escopo amostral para além do corpus predominante, contemplando categorias profissionais mais diversas, a fim de fortalecer a validade externa dos achados e aprofundar a compreensão das interfaces entre trabalho, subjetividade e saúde mental.

4. Considerações finais

O referido estudo, com base nas pesquisas literárias concernentes à temática, destaca a significativa relação entre a cultura do desempenho e o desenvolvimento da Síndrome de Burnout em jovens e adultos da contem-

poraneidade, apresentando os múltiplos aspectos que integram a SB e sua articulação com o regime adoeecedor do alto rendimento atualmente. Embora os efeitos sejam definidos como completa responsabilidade do local de trabalho, é possível observar que a ascensão da imediatividade e da hiperprodutividade contribui fortemente para a normalização de padrões excessivos de desempenho, nos quais o tempo de descanso passa a ser percebido de forma negativa, desencadeando sentimento de culpa e improdutividade.

Nesse contexto, os impactos diretos sobre o bem-estar físico e emocional dos indivíduos inseridos nesses ambientes laborais tornam-se cada vez mais evidentes na atualidade, reforçando a necessidade de um maior aprofundamento teórico e analítico do assunto em questão, bem como a reflexão crítica a respeito da sobrecarga produtiva, da autocobrança, das dinâmicas de trabalho vigentes e de suas consequências na saúde mental.

Diante disso, a intervenção psicoterapêutica torna-se indispensável no processo de tratamento e reabilitação de pessoas com a Síndrome de Burnout. O suporte psicológico auxilia na identificação dos gatilhos estressores que impulsionaram o desenvolvimento dessa condição, no cuidado dos sintomas e no tratamento direto das possíveis causas, reestruturando a relação entre o indivíduo e seu ambiente de trabalho.

Como limitação desta revisão, destaca-se a utilização de apenas duas bases de dados (SciELO e BVS) e a delimitação temporal entre 2015 e 2026, o que pode ter restringido a inclusão de outras evidências relevantes. Além disso, a predominância de estudos com profissionais da saúde e da educação limita a generalização dos achados para outras categorias profissionais. Dessa forma, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem a diversidade dos contextos ocupacionais investigados, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do burnout e de suas interfaces com a cultura do desempenho no mundo do trabalho contemporâneo.

5. Referências

BARBOSA, Italo Everton Bezerra *et al.* Efeito das variáveis preditoras no desenvolvimento da Síndrome de Burnout em docentes do ensino superior.

Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 77, n. 4, e20240132, 2024.

BARBOSA, Nanielle Silva *et al.* Fatores associados ao workaholism na saúde mental de enfermeiros: revisão integrativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 32, e4219, 2024.

BARRETO, Maynara Fernanda Carvalho *et al.* Workaholism e burnout entre docentes de pós-graduação stricto sensu. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 56, 48, 2022.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Guia de riscos psicossociais no trabalho**. Brasília, DF: MTE, 2025.

CAMPOS, Isabella Cristina Moraes *et al.* Maslach burnout inventory - human services survey (Mbi-hss): revisão integrativa de sua utilização em pesquisas Brasileiras. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 24, n. 3, p. 187-195, set./dez. 2020.

CAVALCANTE, Sara do Nascimento *et al.* Risco de esgotamento profissional entre servidores públicos de uma universidade brasileira. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 29, e20240124, 2025.

COSTA, Amanda de Fátima Alves *et al.* Ambiente de prática de enfermagem, clima de segurança e burnout em unidades de tratamento antineoplásico. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 26, e94207, 2025.

DIEHL, Liciane; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: indicadores para a construção de um diagnóstico. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 161-179, 2015.

EIDELWEIN, Carmem Andréia Dutra; TRINDADE, Letícia de Lima; BORDIGNON, Maiara. Estresse Ocupacional entre Psicólogos Atuantes na Atenção Primária à Saúde no Contexto Pandêmico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 44, e259089, p. 1-15, 2024.

FARIA, Joana Garcia; PEREIRA, Maria Gabriela dos Santos. Estresse profissional, síndrome de burnout e correlações pandêmicas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 36, e230185, p. 1-10, 2025.

FERREIRA, Elizabete Cazzolato; PEZUK, Julia Alejandra. Síndrome de Burn-out: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 26, n. 2, p. 483-502, jul. 2021.

FILIPPI, Marina; BOMFIM, Murilo. **Burn-out**. Exame. São Paulo: Valongo, 2020.

FUCUTA-DE-MORAES, Maria Luiza; RUTHS, Jéssica Cristina. Prevalência de sintomas de síndrome de burnout em profissionais de saúde da atenção primária. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, [s. l.], v. 21, n. 1, e2023813, 2023.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, pág. 57-73, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835> Acesso em: 26 de abril de 2026.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2019.

JARRUCHE, Layla Thamm; MUCCI, Samanta. Síndrome de burnout em profissionais da saúde: revisão integrativa. **Revista Bioética**, Brasília, v. 1, pág. 162-173, jan./mar. 2021.

LEANDRO, Edelvio Leonardo. Plantão Psicológico Remoto em Serviço-Escola em Tempos de Sociedade do Cansaço. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 46, e282326, p. 1-18, 2026.

LEITE, Miriam Zanatta *et al.* Burnout na Enfermagem: Fatores de Risco, Impactos e Estratégias de Enfrentamento. **Revista Enfermagem**, [sl], v. 320, pág. 10461-10468, 2025.

MOCELLIM, Alan Delazeri. Psicopolítica e mal-estar da contemporaneidade. Civitas: **Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 1, pág. 94-107, jan./abr. 2021.

PERNICIOTTI, Patrícia *et al.* Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 1, pág. 35-52, jan./jun. 2020.

SANTOS, Edilson Lima dos; BEGNINI, Marcielle; PRIGOL, Adrieli Carla. Implicações da síndrome de burnout na saúde mental dos enfermeiros da atenção primária à saúde. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, [sl], n. 30, pág. 60-66, 2023.

SOUZA, Maira Cazeto Lopes de; CARBALLO, Fábio Perón; LUCCA, Sérgio Roberto de. Fatores psicossociais e Síndrome de Burnout em professores da educação básica. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 27, e235165, 2023.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: SENTIDOS CONSTRUÍDOS NAS VIVÊNCIAS DO PROJETO OHANA

Jamille Maria Fernandes da Cruz⁷⁶

Fernanda Sousa Ribeiro⁷⁷

Milany Santos de Carvalho⁷⁸

Resumo: A formação em Psicologia no Brasil é atravessada por disputas entre perspectivas tecnicistas e abordagens críticas comprometidas com a realidade social. Nesse contexto, a extensão universitária constitui um importante espaço formativo ao aproximar estudantes de experiências concretas em comunidade. Este estudo analisou os sentidos atribuídos à participação no Projeto Ohana por estudantes de Psicologia entre os anos de 2021 e 2025. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada com dez participantes por meio de formulário eletrônico, utilizando a Análise Temática. Os resultados evidenciaram contribuições relacionadas à articulação entre teoria e prática, ao fortalecimento do compromisso social, ampliação da concepção de cuidado e à valorização do afeto e do vínculo, favorecendo uma formação mais crítica, sensível e contextualizada.

Palavras-chave: extensão universitária; formação em psicologia; psicologia social; saúde mental; prática profissional.

1. Introdução

A formação em Psicologia no Brasil tem sido historicamente marcada por disputas teórico-metodológicas entre modelos tecnicistas e propostas críticas comprometidas com a realidade social. Nesse contexto, a extensão universitária surgiu como um eixo fundamental para uma formação mais humana e sensível à realidade social, indo além da aprendizagem puramente técnica, permitindo que o estudante se aproximasse de contextos concretos, marcados pelas vivências, necessidades e desafios da comunidade.

A Constituição Federal de 1988 define que ensino, pesquisa e extensão devem estar integrados no ensino superior brasileiro. No entanto, esse princípio ainda enfrenta dificuldades para se estabelecer, principalmente na valorização da extensão como espaço de produção de conhecimento (Forproex, 2012). Mais do que uma atividade complementar, a extensão deve ser compreendida como uma prática pedagógica que fortalece o diálogo entre universidade e sociedade, superando a lógica tradicional de ensino centrada apenas na transmissão de conteúdos, criticada por Paulo Freire (1985).

Na perspectiva de Freire, o conhecimento se constrói no encontro en-

⁷⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁷⁸ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em educação.

tre as pessoas, a partir da realidade em que estão inseridas. Nesse sentido, a extensão universitária permite a produção de saberes ligados à prática, nos quais o estudante deixa de ser apenas receptor e passa a atuar de forma crítica e ativa. Essa ideia se aproxima da Psicologia Social Crítica latino-americana, especialmente em Martín-Baró (2011), que defende que uma Psicologia comprometida socialmente deve partir da realidade concreta das populações marginalizadas, valorizando seus saberes, vivências e formas de resistência, de modo que o conhecimento não reproduza desigualdades, mas contribua para processos de conscientização e transformação social.

Além disso, autoras como Lane (1981) e Bock (2001) destacam que a subjetividade é construída nas relações sociais, sendo impossível compreender o sujeito de forma isolada. Nesse sentido, a inserção em contextos comunitários, como ocorre na extensão universitária, amplia a compreensão dos estudantes acerca dos diferentes fatores sociais que influenciam os processos psicológicos.

Nesse contexto, estudos recentes apontam que a extensão universitária contribui significativamente para o desenvolvimento de competências fundamentais para a atuação profissional em Psicologia, como empatia, escuta qualificada, pensamento crítico e responsabilidade social (Costa Neto; Amparo; Carvalho Júnior, 2020; Dimenstein, 2000; Yamamoto, 2007). Além disso, promove o contato com populações em situação de vulnerabilidade, favorecendo a construção de uma prática ética e comprometida com a equidade.

O Projeto Ohana – Psicologia para a família, desenvolvido em Santarém-PA, por acadêmicos de Psicologia da Unama, insere-se nesse cenário como uma iniciativa extensionista voltada à promoção de saúde mental comunitária. Suas ações envolvem escuta psicológica, atividades lúdicas e fortalecimento de vínculos, especialmente em contextos rurais e periféricos. A atuação nesses territórios possibilita aos estudantes uma experiência formativa singular, marcada pelo encontro com realidades diversas e pela construção de práticas contextualizadas.

Diante disso, este estudo teve como objetivo analisar os sentidos atribuídos à experiência no Projeto Ohana por estudantes de Psicologia, buscando compreender como a vivência extensionista contribuiu para transformações pessoais, articulação entre teoria e prática, fortalecimento do compromisso social, ampliação da concepção de cuidado e valorização do afeto e do vínculo na formação profissional.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, apropriada para a investigação de experiências subjetivas e construção de significados (Minayo, 2001). A abordagem qualitativa permite compreender a complexidade dos fenômenos humanos, considerando seus contextos sociais, históricos e culturais, conforme afirma Minayo (2010).

Participaram do estudo dez estudantes de Psicologia que integraram o Projeto Ohana entre os anos de 2021 e 2025. A coleta de dados foi realizada por meio de formulário eletrônico, disponibilizado via Google Docs, contendo cinco questões subjetivas que abordaram percepções sobre aprendizados, impactos emocionais, transformações pessoais e contribuições para a formação profissional.

Os dados foram analisados com base na Análise Temática (Braun; Clarke, 2006), que permite identificar, analisar e interpretar padrões de sentido nos dados qualitativos. O processo seguiu as seguintes etapas: 1) familiarização com os dados; 2) geração códigos iniciais; 3) busca de temas; 4) revisão de temas; 5) definição e nomeação de temas e 6) produção do relatório.

A análise foi conduzida de forma indutiva, ou seja, os temas foram construídos a partir do próprio material coletado. Inicialmente, foi realizada a familiarização com os dados, etapa que consistiu na leitura e releitura cuidadosa das respostas obtidas nos formulários, buscando maior aproximação com o conteúdo e identificação de sentidos recorrentes. Em seguida, ocorreu a geração dos códigos iniciais, momento em que trechos relevantes foram destacados e organizados em unidades de significado relacionadas ao fenômeno investigado. Conforme Braun e Clarke (2006), os códigos representam elementos importantes dos dados e auxiliam na organização inicial do material analisado.

Posteriormente, foi realizada a busca por temas, agrupando os códigos a partir de suas aproximações e recorrências. Alguns códigos deram origem aos temas centrais da pesquisa, enquanto outros foram reorganizados ou descartados. Na sequência, ocorreu a revisão dos temas, etapa em que os temas produzidos foram relidos e refinados, verificando sua coerência em relação aos dados e aos objetivos do estudo.

Após esse processo, os temas foram definidos e nomeados de forma clara e representativa, buscando expressar os principais sentidos atribuídos pelos participantes à experiência no Projeto Ohana. Por fim, realizou-se a produção do relatório, articulando os temas encontrados ao referencial teórico adotado e possibilitando uma compreensão mais aprofundada das contribuições da extensão universitária para a formação em Psicologia.

3. Resultados e discussão

A análise dos dados evidenciou que a experiência no Projeto Ohana não se restringe a um espaço de prática acadêmica, mas configura-se como um dispositivo psicossocial complexo, que articula cuidado, formação e intervenção comunitária. O projeto, cuja missão envolve a promoção do bem-estar e da saúde mental de famílias em situação de vulnerabilidade, especialmente crianças e adolescentes, atua como mediador entre universidade e território, promovendo experiências formativas atravessadas por dimensões afetivas, sociais e políticas. Nesse sentido, os resultados revelaram cinco temas principais: (1) Transformação pessoal; (2) Formação teórico-prática; (3)

Compromisso Social; (4) Ampliação da concepção de cuidado e (5) Afeto e Vínculo. Os participantes relataram que o projeto foi um espaço de mudança em suas formas de pensar, sentir e agir.

3.1 Transformação pessoal

Os estudantes relataram que a participação no projeto provocou mudanças significativas em suas formas de perceber a si mesmos, o outro e a própria Psicologia. Expressões como: “Me encontrei ainda mais no curso(...)” e “Passei a olhar para as histórias familiares com mais empatia e menos julgamento (...)” indicam que a experiência extensionista produziu mudanças subjetivas importantes.

O contato direto com realidades marcadas por vulnerabilidade social gerou, em muitos casos, um confronto entre expectativas idealizadas da profissão e a complexidade do mundo real. Esse encontro produziu não apenas aprendizado técnico, mas também questionamentos éticos e existenciais sobre o papel do psicólogo.

A partir dessas experiências, é possível compreender que a formação profissional não ocorre apenas pela internalização de conteúdos, mas pela vivência de situações que mobilizam o sujeito em sua totalidade. A compreensão das transformações subjetivas relatadas pelos participantes pode ser aprofundada a partir da teoria histórico-cultural de Vygotsky (1991; 2001), que concebe o desenvolvimento psicológico como um processo fundamentalmente mediado pelas relações sociais.

Nesse sentido, a experiência no Projeto Ohana pode ser compreendida como um espaço privilegiado de mediação simbólica e social, no qual os estudantes entram em contato com diferentes formas de vida, valores e modos de significação. Esse encontro com o outro, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade social, permite um processo de reorganização interna, no qual novas formas de pensar, sentir e agir são construídas.

Além disso, a noção de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) contribui para compreender o papel formativo da extensão universitária. Ao atuar em contextos reais, os estudantes são constantemente desafiados a operar além de suas capacidades já firmadas, contando com o apoio de colegas, supervisores e da própria dinâmica do campo. Esse processo favorece a ampliação de seus repertórios técnicos e relacionais, consolidando aprendizagens que dificilmente seriam alcançadas apenas no contexto teórico.

Outro ponto relevante diz respeito ao papel da linguagem como mediadora da experiência. As interações estabelecidas no projeto, por meio da escuta, do diálogo e das práticas coletivas, funcionam como instrumentos simbólicos que possibilitam a construção de novos significados sobre a Psicologia e sobre o próprio papel profissional. Esse movimento pode ser compreendido através da noção de *práxis* em Freire (1996), que articula ação e reflexão como elementos indissociáveis na construção do conhecimento. A

vivência no território possibilita ao estudante confrontar teorias com a realidade, produzindo transformações subjetivas profundas.

3.2 Formação teórico-prática

Os relatos dos participantes evidenciam que a experiência no Projeto Ohana possibilitou uma integração concreta entre teoria e prática, movimentando o conhecimento psicológico de um plano abstrato para uma vivência concreta e significativa. A prática extensionista foi frequentemente descrita como elemento importante para a compreensão da Psicologia, como expressado um estudante ao afirmar que “precisamos viver na prática e conhecer a realidade”, indicando que o aprendizado teórico, isoladamente, não abrange toda a complexidade do fazer psicológico.

Essa percepção é reforçada por falas que destacaram a necessidade de experimentar para compreender, como “precisa praticar pra ver com outros olhos” e “a prática da psicologia fora das paredes institucionais”. Tais relatos apontam para uma ruptura com a lógica tradicional de ensino, centrada na transmissão de conteúdos, e evidenciam a importância da experiência como mediadora do conhecimento.

Além disso, os estudantes não somente reconhecem a prática da extensão como espaço de treinamento, mas como espaço de mudança de perspectiva. Um participante relatou: “me encontrei ainda mais no curso e me trouxe uma nova perspectiva do tipo de profissional que quero ser”, indicando que a vivência no projeto atua diretamente na construção da identidade profissional.

A integração entre teoria e prática também se manifesta na ampliação da compreensão da Psicologia enquanto prática social. Um dos participantes afirmou que “a Psicologia vai muito além dos consultórios: ela pode e deve estar presente nas comunidades”, mostrando uma atuação mais contextualizada da Psicologia, que não apenas se resume à atuação clínica. Essa mudança de perspectiva é acompanhada pela valorização do cuidado relacional, como expresso na fala: “mais do que olhar o outro, é enxergá-lo e acreditar no seu desenvolvimento”.

Nesse sentido, a experiência extensionista mobiliza não apenas competências técnicas, mas também valores como empatia, responsabilidade social e compromisso com o outro, expressos em falas como “amor ao próximo”, “responsabilidade social” e “a Psicologia nos faz ser mais humanos”. Tais elementos apontam para uma formação que integra dimensões éticas e afetivas ao exercício profissional.

A partir dessas experiências, torna-se possível compreender que a articulação entre teoria e prática não se reduz à aplicação de conhecimentos previamente adquiridos, mas envolve um processo dinâmico de construção e reconstrução de saberes. A teoria da aprendizagem experiencial (Kolb, 1984) contribui para essa compreensão ao afirmar que o conhecimento emerge

da transformação da experiência, implicando um movimento contínuo entre ação e reflexão.

Além disso, os dados evidenciaram que a prática extensionista rompe com a formação baseada exclusivamente em protocolos. Ao se depararem com a complexidade das realidades atendidas, os estudantes foram convocados a desenvolver flexibilidade, sensibilidade e capacidade de adaptação. Esse aspecto reforça a crítica de Dimenstein (2000) aos modelos tecnicistas de formação, destacando a necessidade de uma atuação situada e socialmente comprometida.

Assim, o Projeto Ohana pode ser compreendido como um espaço de formação no qual o conhecimento psicológico é constantemente produzido, testado e ressignificado no encontro com o outro. Mais do que um campo de aplicação, trata-se de um contexto que transforma a própria compreensão do que é a Psicologia.

Essa categoria, portanto, evidencia que a extensão universitária não apenas aproxima teoria e prática, mas redefine essa relação, produzindo um saber que é, ao mesmo tempo, técnico, relacional e profundamente enraizado na experiência.

3.3 *Compromisso social*

Os relatos apontaram para o fortalecimento do compromisso social dos estudantes, evidenciado por uma maior sensibilidade às desigualdades e às múltiplas demandas presentes nos contextos atendidos. Essa ampliação do olhar emerge das experiências vividas no Projeto Ohana, nas quais os participantes passam a reconhecer a complexidade das realidades com as quais entram em contato. Como expressado por um dos estudantes, foi possível “passar a enxergar além da condição social”, enquanto outro destaca a compreensão de que “cada núcleo familiar carrega dores e potencialidades únicas”, indicando um movimento de superação de leituras simplificadas sobre o sofrimento humano.

Além disso, a experiência favorece uma ampliação da compreensão do sofrimento psíquico, que deixa de ser percebido apenas como fenômeno individual e passa a ser compreendido em sua relação com o contexto de vida dos sujeitos. Essa mudança é evidenciada em falas como “a Psicologia vai muito além dos consultórios”, apontando para o reconhecimento de diferentes espaços de atuação e para a necessidade de práticas mais contextualizadas, em consonância com perspectivas que compreendem o sujeito de forma situada e relacional (Spink, 2018; Paiva, 2019).

Esse movimento pode ser inicialmente compreendido a partir da Psicologia da Libertação (Martín-Baró, 2011), que propõe uma atuação sensível às condições concretas de vida dos sujeitos, enfatizando a importância de considerar os contextos sociais na compreensão do sofrimento psíquico. No entanto, os dados indicam que essa sensibilidade não se constrói apenas por

meio do contato teórico com tais perspectivas, mas emerge da vivência direta com o território e com as demandas reais da população.

De forma complementar, Dimenstein (2000) aponta para a necessidade de uma formação que ultrapasse modelos centrados exclusivamente na técnica, incorporando a capacidade de leitura crítica das condições sociais de produção do sofrimento. Os relatos analisados reforçam essa perspectiva, ao evidenciarem que a experiência extensionista amplia a compreensão dos estudantes sobre o papel do psicólogo, especialmente em contextos que exigem uma atuação mais sensível e contextualizada.

Autores contemporâneos aprofundam essa discussão ao destacar a centralidade do território e das relações na produção do cuidado. Nessa direção, compreende-se que os fenômenos psicológicos se constroem nas práticas cotidianas e nas interações sociais (Spink, 2018), enquanto as experiências concretas e relacionais ocupam lugar central na produção do cuidado em saúde mental (Paiva, 2019). Tais contribuições dialogam diretamente com os relatos dos participantes, que evidenciam a relevância do encontro com o outro como elemento formativo.

Dessa forma, o compromisso social evidenciado nos relatos não se apresenta como um elemento previamente dado, mas como uma construção que surge a partir da experiência, da reflexão e do encontro com o outro. A vivência extensionista possibilita que os estudantes desenvolvam não apenas conhecimentos técnicos, mas também atitudes relacionadas à empatia, responsabilidade e cuidado. A extensão universitária, nesse sentido, atua como mediadora desse processo, contribuindo para a formação de profissionais mais sensíveis, reflexivos e contextualizados.

3.4 Ampliação da concepção de cuidado

Diferentemente da categoria anterior, que evidencia o fortalecimento do compromisso social dos estudantes, os relatos aqui analisados apontam para uma transformação na própria compreensão do que constitui o cuidado em Psicologia. Trata-se, portanto, não apenas de uma mudança de posicionamento diante da realidade, mas de uma mudança de perspectiva na forma de atuação profissional.

A experiência extensionista contribuiu para a ampliação da compreensão da Psicologia como prática de cuidado que ultrapassa o setting terapêutico tradicional. A partir das vivências no Projeto Ohana, o cuidado passa a ser entendido não apenas como intervenção técnica, mas como uma prática relacional, contextualizada e construída no encontro com o outro.

Essa modificação é percebida nas falas dos participantes, que apontaram para uma resignificação do conceito de cuidado. Um dos estudantes afirma que: “ela (a Psicologia) pode e deve estar presente nas comunidades, nas relações familiares e nos espaços onde o cuidado é urgente”, indicando que o cuidado passa a ser reconhecido em diferentes modalidades de interação.

Além disso, os estudantes ressaltaram que o cuidado envolve dimensões que extrapolam a técnica, sendo construído a partir da presença, da escuta e da qualidade do vínculo estabelecido. Como expressa um participante, “estar disposto a cuidar do outro e mostrar que ele é importante faz cada ação ser única”, evidenciando que o cuidado se configura como uma experiência relacional. Essa compreensão é reforçada por relatos que destacam “o brilho no olhar das famílias ao se sentirem ouvidas”.

Esse movimento pode ser compreendido sob as contribuições da saúde coletiva, especialmente em Campos (2000; 2018), que propõe uma visão ampliada de cuidado orientada pela integralidade, a partir da qual o cuidado não se limita à intervenção individual, mas envolve a consideração do sujeito em sua totalidade, incluindo suas relações, seu território e suas condições de vida.

Autores contemporâneos reforçam essa compreensão ao situar o cuidado no cotidiano e nas práticas sociais. Nesse sentido, Spink (2018) aponta que o cuidado se constrói nas interações e nos contextos concretos de vida, Saraceno (2019) destaca a necessidade de modelos de cuidado que sejam acessíveis, comunitários e integrados às realidades locais, reforçando a importância de práticas que ultrapassem os espaços tradicionais de atendimento. Essa abordagem contribui para compreender a relevância de experiências como o Projeto Ohana, que ampliam as possibilidades de cuidado para além do consultório.

A ampliação da concepção de cuidado constitui um elemento central na formação em Psicologia, especialmente quando esta é construída por experiências concretas. A extensão universitária, nesse sentido, não apenas sensibiliza os estudantes para a realidade social, mas transforma a própria prática psicológica.

3.5 Afeto, vínculo e dimensão relacional

As falas dos participantes revelaram que a experiência no Projeto Ohana é profundamente atravessada por dimensões afetivas, frequentemente descritas como marcantes e transformadoras. Expressões como “experiências incríveis, transforma vidas”, “amor ao próximo” e “um abraço coletivo de acolhimento e transformação” indicam que o envolvimento emocional não é apenas presente, mas constitutivo da vivência. Esse aspecto também se evidencia quando os estudantes relatam que “se sentem vivos ao ajudar o próximo” e que “a gratidão é uma moeda de muito valor”, apontando para a dimensão subjetiva e relacional da prática.

Os participantes destacaram experiências como “o brilho no olhar das famílias ao se sentirem ouvidas e respeitadas”, “a alegria das crianças com a nossa presença” e “ver as pessoas felizes com a nossa presença”, evidenciando que o estabelecimento de relações de confiança e reconhecimento produziu efeitos significativos tanto para os sujeitos atendidos quanto para os próprios estudantes. Os relatos analisados evidenciam o afeto e o vínculo

como elementos essenciais para a experiência extensionista, sendo mais do que aspectos complementares, representam condições fundamentais para a efetivação do cuidado em contextos comunitários.

Além disso, as falas dos participantes sugerem que o vínculo possibilita uma escuta mais qualificada e uma compreensão mais aprofundada das demandas, favorecendo não somente a relação com o próximo, mas também uma evolução na postura profissional.

No campo da saúde mental, especialmente nas práticas desenvolvidas no âmbito do SUS, o vínculo é compreendido como um dos pilares do cuidado, sendo fundamental para a construção de relações de confiança, para a corresponsabilização entre profissionais e usuários e para a continuidade das ações, passando a ser concebido como um processo relacional, construído ao longo do tempo e sustentado pelo encontro entre os sujeitos (Brasil, 2011).

Essa compreensão se articula com abordagens da saúde coletiva que destacam a importância de relações mais horizontais e da valorização da autonomia dos sujeitos no processo de cuidado (Campos, 2000; 2018). O vínculo, nesse sentido, não apenas qualifica a relação entre profissional e o sujeito atendido, mas também favorece a participação ativa dos indivíduos na construção de suas trajetórias de cuidado.

Assim, o vínculo pode ser compreendido como um dispositivo central na produção do cuidado, especialmente em contextos comunitários, nos quais a proximidade, a continuidade das relações e o reconhecimento mútuo são fundamentais. A experiência extensionista, ao favorecer esse tipo de interação, possibilita que os estudantes compreendam o cuidado como um processo relacional contínuo, e não como uma prática restrita a técnicas ou a espaços formais de atendimento.

4. Considerações finais

Os resultados demonstraram que a extensão universitária, exemplificada pelo Projeto Ohana em Santarém-PA, constitui um espaço formativo relevante na graduação em Psicologia, ao promover a integração entre teoria e prática e possibilitar a construção de conhecimento fundamentado na experiência.

A participação em contextos comunitários ampliou a compreensão dos estudantes acerca do sofrimento humano, fortalecendo o compromisso social e promovendo práticas mais sensíveis e contextualizadas. Nesse processo, observou-se também uma ressignificação do cuidado, entendido como prática relacional construída no território e nas interações.

Destacou-se, ainda, que essas experiências não apenas impactam a atuação profissional, mas participam da produção de subjetividade dos estudantes, ao mobilizar afetos, valores e modos de se posicionar diante do outro e da realidade. O afeto e o vínculo surgem, nesse sentido, como dimensões centrais tanto para a efetividade do cuidado quanto para a constituição do sujeito em formação.

Dessa forma, a extensão universitária revela-se como eixo fundamental na formação em Psicologia, ao articular prática, reflexão e experiência, contribuindo para a formação de profissionais mais críticos, sensíveis e alinhados às demandas contemporâneas da saúde mental.

5. Referências

BOCK, A. M. B. **A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Londres, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CAMPOS, G. W. S. **Saúde Paideia**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

CAMPOS, G. W. S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.

COSTA NETO, S. B.; AMPARO, D. M.; CARVALHO JÚNIOR, P. M. Extensão universitária e formação em Psicologia: experiências e desafios na construção do compromisso social. **Revista Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 14, n. 3, p. 1-15, 2020.

DIMENSTEIN, M. D. B. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2012.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOLB, D. A. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PAIVA, V. S. F. **Cuidado e vulnerabilidade: reflexões sobre práticas de saúde**. São Paulo: Editora 34, 2019.

SARACENO, B. **A cidadania como forma de tolerância: experiências e desafios na saúde mental**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019.

SILVA, M. R.; BARBOSA, M. A. Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em Administração: explorando a Análise Temática. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 8., 2019, Lisboa. Atas CIAIQ2019: Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Lisboa: Ludomedia, v. 3, p. 110-119, 2019.

SPINK, M. J. P. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YAMAMOTO, O. H. Políticas sociais, “terceiro setor” e “compromisso social”: perspectivas e limites do trabalho do psicólogo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 30-37, 2007.

INTERDISCIPLINARIDADE NO CUIDADO INTEGRAL À ENDOMETRIOSE

*Kailane Pereira da Luz*⁷⁹

*Lívian Louise Dinelli Sirotheau*⁸⁰

*Pablo Eduardo Silva Carvalho*⁸¹

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*⁴

Resumo: A endometriose é uma doença de caráter crônico, inflamatório e benigno, identificada com a presença de tecido endometrial fora da cavidade uterina. Para além das manifestações biológicas, acarreta prejuízos psicológicos e sociais, demandando uma abordagem terapêutica integral e individualizada. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar a relevância da atuação multidisciplinar no manejo da endometriose, bem como compreender seus aspectos biopsicossociais e a importância da psicoterapia no manejo emocional. Trata-se de uma revisão da literatura cinzenta em plataformas de dados eletrônicos Scientific Electronic Library Online (SciELO), Catálogo de teses e dissertações (CAPES) e National Library of Medicine (PubMed). Percebe-se a necessidade de descentralizar o modelo biomédico na equipe multidisciplinar, com olhar multifacetado para aspectos psicológicos e sociais.

Palavras-chave: endometriose; equipe interdisciplinar; psicologia.

Introdução

A endometriose consiste em uma doença ginecológica crônica, benigna e multifatorial, afetando diretamente mulheres em idade reprodutiva, identificada pela presença de tecido endometrial, estroma ou glândulas endometriais fora da cavidade uterina. Nesse contexto clínico, é retrato que uma em cada 10 mulheres no Brasil sofre com os sintomas da endometriose, enfatizando a alta prevalência da patologia, adjunta à necessidade de estratégias que envolvam uma equipe multiprofissional a fim de garantir a promoção da qualidade de vida e atenção plurifacetada quanto aos impactos na saúde física e psicológica das mulheres portadoras de forma transversal (Conselho Regional de Medicina da Paraíba, 2023).

Os aspectos biopsicossociais exercem papel imprescindível na progressão da condição e na eficácia do tratamento. Sintomas biológicos costumam acarretar dores crônicas e refratárias, as quais podem ser agravadas por consequências psicológicas advindas da negligência médica, da insegurança diagnóstica e da ausência de suporte terapêutico integral (Marqui *et al.*, 2014). Nesse panorama, o isolamento social surge como uma comorbidade

⁷⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁸⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁸¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialização em saúde.

associada a sentimentos de tristeza e culpa, frequentemente relacionados à infertilidade e à necessidade recorrente de repouso. Este quadro intensifica-se caso diagnósticos depressivos não sejam devidamente manejados por profissionais competentes durante o percurso do tratamento.

Por isso, a abordagem multiprofissional, compreendida como a integração de especialistas de diferentes áreas da saúde, se faz necessária, entre outras áreas, a Fisioterapia, por meio da modalidade pélvica, proporciona intervenções baseadas em condicionamento físico, correção postural e consciência corporal. Enquanto no âmbito da Educação Física, destacam-se a prescrição de exercícios e o incentivo a um estilo de vida saudável; a aplicação de atividades individualizadas permite que as pacientes experimentem melhora no quadro algico e no bem-estar geral. Complementarmente, a abordagem nutricional atua na elaboração de planos alimentares que ofereçam suporte nutricional adequado e auxiliem na redução do processo inflamatório.

No campo da Psicologia, as intervenções fundamentam-se, prioritariamente, na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), utilizando técnicas de mindfulness e estratégias de enfrentamento para a psicoeducação e a gestão da dor. Portanto, esses campos de conhecimento propõem um olhar plural sobre o indivíduo, integrando saberes para assegurar o cuidado integral, a adesão ao tratamento e a elevação da qualidade de vida (Fernandes; Faria, 2021).

2. Procedimentos metodológicos

O presente artigo trata-se de uma revisão da literatura cinzenta com enfoque em estudos considerados de maior importância para a pesquisa em questão: abordagem interdisciplinar na endometriose: integrando saúde física e mental.

A pesquisa foi realizada com a definição de descritores universais em português “Endometriose” “tratamento” “multiprofissional” e “psicologia” e em inglês “endometriosis” “treatment” “multidisciplinary” e “psychology”. Foram localizados vinte e seis artigos no total, selecionados nas plataformas de dados eletrônicos Scientific Electronic Library Online (SciELO), Catálogo de teses e dissertações (CAPES) e National Library of Medicine (PubMed). Dezoito artigos foram selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: artigos publicados entre 2007 e 2026; disponíveis na íntegra e gratuitamente nos idiomas português e inglês; e que estão em consonância com o objetivo da pesquisa. Quanto aos critérios de exclusão, não foram utilizados: duplicados ou incompletos e estudos desatualizados.

Resultados e discussão

A endometriose é uma doença de caráter crônico, inflamatório e benigno é identificada com a presença de tecido endometrial fora da cavidade uterina, acometendo órgãos pélvicos. Tal condição apresenta sintomas como dor pélvica, dismenorreia, infertilidade e alterações que prejudicam significa-

tivamente a saúde física e emocionalmente das mulheres em idade reprodutiva (Duccini *et al.*, 2019). É uma doença que exibe diferenças por manifestações clínicas, variando de acordo com o local da lesão, profundidade e comprimento.

Existem três formas clínicas de endometriose: a peritoneal (superficial), que corresponde a endometriose mínima ou leve, e geralmente, não é observada nenhuma progressão da doença; o cisto de endometriose ovariana, caracterizado pela presença de endometriomas (ou “cistos de chocolate”) que não estão aderidos, ou ligeiramente aderidos, ao lado posterior do peritônio; e a endometriose infiltrativa, que pode resultar em um bloqueio pélvico total, com infiltração no útero, intestino e no septo reto-vaginal (Borghese *et al.*, 2018 *apud*, Silva, 2021, p. 7).

A etiopatogenia definitiva da endometriose é desconhecida, porém existem hipóteses consideradas que explicam a ligação da teoria da menstruação retrógrada, na qual o fluxo de sangue menstrual reflui através das tubas uterinas e as células endométrias se fixam na cavidade peritoneal ou nos órgãos pélvicos. Respostas inflamatórias, desequilíbrios imunológicos, fatores adversos e fatores genéticos podem ser suscetíveis a padrões de risco da patologia (Kapoor *et al.*, 2021).

Segundo Giudice e Kao (2004, p. 1790) “A doença resulta de uma interação complexa entre predisposição genética e fatores ambientais”, logo entende-se a importância de um modelo multiprofissional para o tratamento desta patologia, tendo em vista como os processos psicológicos, ambientais e sociais influenciam de forma significativa a experiência da portadora com endometriose.

A endometriose é uma patologia caracterizada pela dor pélvica crônica que, para além das manifestações biológicas, acarreta severos prejuízos psicológicos e sociais, demandando uma abordagem terapêutica integral e individualizada. No âmbito biológico, destaca-se a dor pélvica frequentemente incapacitante, manifestada de forma constante ou cíclica. Entre os principais sintomas, incluem-se a dismenorrea (cólicas menstruais intensas e refratárias a analgésicos comuns), a dispareunia (dor durante relações sexuais), a infertilidade e distúrbios gastrointestinais (Varella; Veneziano, s.d., p. 8).

A abordagem multiprofissional é caracterizada pela atuação de enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, médicos, adjunto com outros profissionais que elucidam uma atenção integral e individualizada (Vieira *et al.*, 2010). Propondo-se a investigar o significado da enfermidade para a paciente e o impacto da doença na sua trajetória, examinando como o diagnóstico influencia sua autoimagem, seu manejo emocional e sua relação com o próprio corpo, tal como a possível intervenção nas diversas esferas de tratamento.

Do ponto de vista psicológico, as pacientes frequentemente experienciam insegurança diagnóstica devido à acompanhamentos inconclusivos, além de sentimentos de culpa relacionados à infertilidade e ao isolamento social. Somam-se a isso quadros de tristeza profunda decorrentes da inva-

lidação da dor e da negligência médica. Fisiologicamente, observa-se um aumento considerável nos níveis de cortisol, o que configura um estado de estresse crônico; tal desequilíbrio neuroquímico pode reduzir a disponibilidade de dopamina, resultando em transtornos depressivos e ansiosos.

A endometriose está frequentemente associada a sofrimento psicológico significativo, incluindo ansiedade, depressão e estresse crônico. A dor persistente e a incerteza diagnóstica contribuem para sentimentos de frustração, isolamento social e impacto negativo na qualidade de vida, podendo ainda desencadear alterações neuroendócrinas, como aumento dos níveis de cortisol (Lagana; Condous, 2015, p. 112).

No que tange à dimensão social, a cronicidade da dor e a dispareunia podem comprometer a vida afetivo-sexual, levando à abstinência ou ao sofrimento físico durante a relação. A esfera profissional também é severamente impactada: a intensidade dos sintomas resulta em absenteísmo e presenteísmo (redução da produtividade apesar da presença física). Por fim, o isolamento social emerge como um fator crítico, visto que a necessidade recorrente de repouso dificulta a participação em atividades sociais e de lazer (Vercellini *et al.*, 2014).

Sob esse viés, a obra “O lado emocional da endometriose” de Donatti (2021), mostra a lacuna existente na literatura ao analisar a patologia em uma perspectiva psicossomática, expondo os impactos físicos e psicológicos associados. A autora apresenta uma crítica sobre a escassez de investigações voltadas para demandas emocionais e sociais, pautando a urgência de um tratamento conjunto no qual promova qualidade de vida para mulheres portadoras de endometriose.

Constata-se que a endometriose é uma doença de múltiplas facetas, influencia a vida das pacientes em diversos níveis e, por isso, precisa ser cuidada nessa mesma dimensão. Nota-se que a maioria dos estudos estão pautados no tratamento médico, que, sem dúvida, é de extrema importância, todavia, o que esta pesquisa amplia é aspecto psicológico, necessitado de cuidados. As pacientes com endometriose precisam ser assistidas em igual proporção, física e psiquicamente, para que o tratamento possa atingir níveis mais assertivos e a paciente possa alcançar seu bem-estar (Donatti, 2014, p. 98).

Um estudo realizado por Lorençato *et al.* (2007) identificou mulheres que apresentaram o diagnóstico e estiveram em acompanhamento psicológico durante a pesquisa apresentaram nos resultados uma diminuição considerável nos escores de dor e depressão. Nesse contexto, intervenções como relaxamento muscular progressivo (RMP), Psicoterapia associada à abordagem Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) trabalha técnicas como mindfulness, gestão da dor e estresse, psicoeducação da dor, grupos de apoio e manejo do comportamento de evitação. Por fim, tais efeitos da abordagem multiprofissional permitem que a mulher seja amparada por diferentes perspectivas e áreas distintas, elevando assim as chances de qualidade de vida no curso do tratamento.

Ao citar a equipe multiprofissional conta-se com apoio da fisioterapia e suas diferentes formas de intervenção, desde método de condicionamento físico como: pilates, práticas terapêuticas preventivas com o uso de exercícios na postura em pé ou sentada na bola atrelado a atividades de conscientização de contração pélvica contribuem para uma melhora no quadro clínico da dor da paciente (Varella; Veneziano, s.d., p. 8). Os fisioterapeutas especializados em saúde da mulher ou em fisioterapia pélvica avaliam o sistema pélvico, abdômen e a coluna com objetivo de proporcionar alívio das necessidades de dor de cada paciente, resultando em um atendimento personalizado e adaptado (Sarrie, 2015 *apud* Varella; Veneziano, s.d., p. 8). Desse modo, as intervenções aplicadas por fisioterapeuta adjunto com acompanhamento médico, psicológico, nutricional e com a prática de exercício físico gera uma melhor qualidade de vida para mulheres portadoras de endometriose.

A prática de atividade física vinculado com um estilo de vida saudável possui efeitos benéficos para a patogênese da endometriose, com melhora significativa de seus sintomas (Brito, *et al.* 2021). Estudos apontam que o exercício físico em especial o aeróbio opera como modulador de dor por meio de mecanismos no córtex cerebral por meio de ativação da dopamina, serotonina e noradrenalina que em conjunto atuam em mecanismos endógenos de controle da dor crônica e promoção de saúde (Souza, 2009 *apud* Gomes *et al.*, 2024).

Cabe ao profissional de educação física aplicar atividades que estão voltadas às necessidades de cada aluna, com uma atenção a suas limitações promove de forma segura hábitos saudáveis que impactam de forma significativa sua qualidade de vida, desde exercícios aeróbicos a musculação.

No tocante à abordagem nutricional no tratamento da endometriose, pesquisas indicam que uma dieta rica em antioxidantes, presentes em frutas, vegetais, leguminosas e sementes, aliada ao consumo moderado de laticínios e peixes e à ingestão limitada de carne vermelha, proporciona suporte nutricional adequado e redução do quadro inflamatório da patologia. Alimentos ricos em ômega-3, como salmão, sardinha e sementes de linhaça, possuem propriedades anti-inflamatórias que auxiliam na mitigação da dor e na promoção do bem-estar (AFRIN *et al.*, 2021, p. 2). Ademais, a restrição de alimentos ultraprocessados pode atenuar processos inflamatórios e favorecer o equilíbrio hormonal.

A dieta mediterrânea, rica em antioxidantes e ácidos graxos ômega-3, reduz a inflamação, o que tem o potencial de reduzir as prostaglandinas e a dor relacionada à endometriose. A dieta anti-inflamatória tem a mesma influência. (Abulughod; Valakas; El-assad, 2024, p. 6).

Portanto, o acompanhamento profissional especializado, por meio de um plano alimentar individualizado, é fundamental para o alívio dos sintomas e a melhora da qualidade de vida a longo prazo. Tal intervenção contribui para além dos fatores inflamatórios vinculados a patologia, assim como favorecendo na diminuição do nível de dor e no equilíbrio hormonal proporcionando um sistema integrado

Considerações finais

A endometriose é uma condição médica crônica multifatorial que acarreta danos psicológicos, biológicos e sociais, causando impactos complexos, no qual interfere em diferentes aspectos no cotidiano das mulheres, desde o profissional ao afetivo. Diante da análise bibliográfica pode-se observar que a dor crônica, infertilidade e insegurança diagnóstica, estão interligadas com demandas biopsicossociais relacionadas a piora do bem-estar das pacientes. Logo, confirma-se a hipótese inicial acerca da importância de uma equipe integrada com olhar multifacetado para aspectos psicológicos e sociais que interferem diretamente no curso da doença. Visto que a atuação multidisciplinar por diferentes áreas da saúde, como enfermagem, medicina, fisioterapia, nutrição e psicologia possibilita melhor adesão ao tratamento, redução dos sintomas e, portanto, uma melhora do quadro geral resultando na elevação da qualidade de vida.

Destaca-se como intervenção psicoterapêutica a abordagem terapia cognitiva comportamental (TCC), que possui como estratégia a psicoeducação da dor e dos sintomas emocionais associados à doença, manejo de dor, grupos de apoio, gestão da dor e estresse. Quando aliadas ao tratamento clínico, as intervenções terapêuticas demonstram resultados promissores na melhora da qualidade de vida das pacientes. Portanto o tratamento do quadro precisa ultrapassar o modelo biomédico tradicional, visando uma dimensão que abranja a individualidade e necessidades, a fim de promover um manejo humanizado.

Neste cenário, é visto a relevância da integração da fisioterapia com a modulação de dor, juntamente com a prática de exercícios físicos regulares focados nas necessidades individuais, com o intuito de regular mecanismos endógenos de controle da dor crônica. As intervenções voltadas para o acompanhamento nutricional favorecem uma dieta equilibrada com o intuito de reduzir o quadro inflamatório e beneficiar o equilíbrio hormonal. Já as práticas ligadas à psicologia incluem o acolhimento e redução dos impactos mentais, por meio de técnicas como mindfulness, gestão da dor e estresse, psicoeducação da dor. Tais práticas atuam como promotores de bem-estar e de forma conjunta com o tratamento médico ocorre a redução dos sintomas, proporcionando um alinhamento biopsicossocial.

Contudo, há uma lacuna preocupante na produção científica interdisciplinar e multiprofissional na área ginecológica e saúde da mulher relacionada a aspectos biopsicossociais, não sendo apenas uma lacuna acadêmica, possuindo efeitos diretos no cotidiano das portadoras. A exiguidade de estudos sobre o tema causa atrasos significativos para área da saúde da mulher, pois investir nesse conhecimento abarca não somente benefícios e avanços científicos, mas também reduz atrasos diagnósticos, otimiza e padroniza intervenções, garantindo tratamento adequado e melhores condições de saúde.

5. Referências

AFRIN, Sadia; ALASHQAR, Abdelrahman; EL SABEH, Malak; *et al.* Diet and Nutrition in Gynecological Disorders: A Focus on Clinical Studies. **Nutrients**, v. 13, n.6, p. 1747–1747, 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34063835/>>. Acesso em: 1 maio 2026.

ABULUGHOD, Nour; VALAKAS, Stefanie; EL-ASSAAD, Fatima. Dietary and Nutritional Interventions for the Management of Endometriosis. **Nutrients**, [s. l.], v. 16, n. 23, 3988, p. 1-24, nov. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/nu16233988>. Acesso em: 1 maio 2026.

COELHO, Luizie Helena de Souza; JUNQUEIRA, Maria Clara Gomes; ALVES, Lidinei José. Impacto psicossocial da endometriose: revisão sobre dor crônica, sexualidade, infertilidade e relacionamentos. **RECIMA21**, [s. l.], v. 7, n. 4, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7569>. Acesso em: 2 maio 2026.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DA PARAÍBA. **Endometriose**: problema de saúde pública que afeta a qualidade de vida das pacientes. João Pessoa: CRMPB, 2023. Disponível em: <https://crmpb.org.br/noticias/artigo-endometriose-problema-de-saude-publica-que-afeta-a-qualidade-de-vida-das-pacientes/>. Acesso em: 27 abr. 2026.

DONATTI, Lilian. **Endometriose**: um estudo correlacional: estratégias de enfrentamento (coping), depressão, stress e dor. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

DONATTI, Lilian. **O lado emocional da endometriose**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

GIUDICE, Linda C.; KAO, L. C. Endometriosis. **The Lancet**, Londres, v. 364, n. 9447, p. 1789-1799, 2004.

GOMES, Fernanda Beatriz Ferreira *et al.* Os efeitos da atividade física na endometriose: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 1-13, maio/jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n3-379>. Acesso em: 2 maio 2026.

KAPOOR, R.; STRATOPOULOU, C. A.; DOLMANS, M. M. Pathogenesis of endometriosis: new insights into prospective therapies. **International Journal of Molecular Sciences**, [s. l.], v. 22, n. 21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijms222111700>. Acesso em: 1 maio 2026.

LAGANA, A. S.; CONDOUS, G. Psychological impact of endometriosis: from

co-morbidity to intervention. **Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology**, Londres, v. 29, n. 5, p. 746-758, 2015.

LORENÇATTO, C. *et al.* Avaliação de dointervenção multiprofissional em grupo. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 53, n. 5, p. 433-438, 2007.

MARQUI, A. B. Abordagem não farmacológica da dor em endometriose. **Revista Dor**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 300-303, 2014.

SANTOS, Clarissa de Castro. **Representações sociais da endometriose e da infertilidade para mulheres com o diagnóstico**. 2022. 238 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

VARELA, Amanda Gabriela Arantes; VENEZIANO, Leonardo Squinello Nogueira. Importância da atuação fisioterapêutica no tratamento da endometriose. **Revista Saúde dos Vales**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistasaudedosvales.com.br/index.php/rsv/article/view/154>. Acesso em: 1 maio 2026.

VERCELLINI, Paolo *et al.* Endometriosis: current therapies and new pharmacological developments. **Drugs**, [s. l.], v. 74, n. 17, p. 1919-1937, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40265-014-0300-1>. Acesso em: 1 maio 2026.

VIEIRA, M. *et al.* O psicólogo hospitalar e sua atuação na área da saúde reprodutiva da mulher – ginecologia do CAISM. **Sínteses: Revista Eletrônica do SimTec**, Campinas, n. 3, p. 234-235, 2010.

ZANINI, R. *et al.* A importância da abordagem multidisciplinar no manejo da endometriose: integração entre ginecologia, urologia, coloproctologia e psicologia. **Archives of Health**, Curitiba, v. 6, n. 4, p. 1-5, 2025.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA HOSPITALAR NO LUTO ANTECIPATÓRIO DE FAMILIARES DE PACIENTES TERMINAIS

Ana Beatriz Costa Chaves⁸²

Emanuelle Beatriz da Silva Castro⁸³

Resumo: Este estudo teve como objetivo compreender o luto antecipatório em familiares de pacientes em fase terminal, analisando seus impactos psicológicos e o papel da psicologia hospitalar nesse contexto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada a partir da análise de estudos recentes sobre a temática. Os resultados evidenciaram que o luto antecipatório é um processo complexo, marcado por ambivalências emocionais, sobrecarga e alterações nas dinâmicas familiares. Destacou-se, ainda, a importância do apoio social, da comunicação e das estratégias de enfrentamento na elaboração desse processo. Conclui-se que a atuação do psicólogo hospitalar é fundamental para a validação das vivências emocionais e para a promoção de um cuidado mais humanizado aos familiares.

Palavras-chave: luto antecipatório; psicologia hospitalar; família.

1. Introdução

A experiência do adoecimento em fase terminal configura-se como um processo que ultrapassa os limites do indivíduo adoecido, alcançando de maneira significativa aqueles que compõem seu núcleo familiar. Nesse contexto, os familiares não apenas testemunham a progressão da doença, mas frequentemente assumem funções de cuidado, acompanhamento e tomada de decisões, o que os insere diretamente na dinâmica do processo de finitude. Esse envolvimento tende a mobilizar aspectos emocionais, cognitivos e relacionais de forma intensa, especialmente à medida que a possibilidade de morte deixa de ser uma abstração e passa a se apresentar como uma realidade concreta (Sales; Gonçalves, 2022).

Nas últimas décadas, os avanços da medicina e a ampliação das práticas em cuidados paliativos têm promovido mudanças importantes na forma como o processo de morrer é vivenciado. Se, por um lado, essas transformações possibilitam maior controle de sintomas e uma abordagem mais humanizada do cuidado, por outro, contribuem para o prolongamento do tempo de convivência com a condição terminal. Esse prolongamento, ainda que benéfico em diversos aspectos, expõe familiares a um contato contínuo com a iminência da perda, o que pode intensificar o desgaste emocional e favorecer o

⁸² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁸³ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde
Emanuelle Beatriz da Silva Castro.

surgimento de processos psicológicos específicos, como o luto antecipatório (Da Costa; Ojeda; Menezes, 2023)

O luto antecipatório pode ser compreendido como um fenômeno que se inicia antes da morte propriamente dita, sendo desencadeado a partir do reconhecimento, progressivo ou abrupto, da possibilidade de perda. Trata-se de um processo que se desenvolve ao longo do curso da doença, acompanhando as transformações vivenciadas pelo paciente e pelos familiares. Diferentemente do luto pós-morte, que se estabelece após a ruptura definitiva do vínculo físico, o luto antecipatório é marcado por uma condição ambígua, na qual a presença e a ausência coexistem de forma simultânea. O ente querido permanece fisicamente presente, mas pode apresentar perdas significativas em sua funcionalidade, autonomia e capacidade de interação, o que produz uma experiência de despedida gradual (Bittencourt *et al.*, 2026; Silva *et al.*, 2023)

Essa característica ambivalente do luto antecipatório favorece a emergência de sentimentos complexos e, muitas vezes, contraditórios. É comum que familiares experimentem, de maneira concomitante, esperança na possibilidade de estabilidade clínica e sofrimento diante da progressão da doença. Além disso, podem surgir sentimentos de tristeza, ansiedade, medo, culpa e, em alguns casos, estratégias defensivas como o distanciamento emocional. Tal coexistência de afetos evidencia a complexidade desse processo, que não se organiza de forma linear, mas sim de maneira dinâmica e, por vezes, oscilante (Oliveira *et al.*, 2024).

No âmbito das relações familiares, o luto antecipatório tende a produzir impactos que vão além da dimensão individual, repercutindo na organização do sistema familiar como um todo. A necessidade de adaptação às demandas do cuidado, a redistribuição de papéis e responsabilidades e as mudanças na rotina cotidiana podem gerar tensões, sobrecarga e, em determinados casos, conflitos interpessoais.

Outro aspecto relevante diz respeito à dificuldade de reconhecimento desse tipo de luto. Em muitos casos, os familiares não identificam suas vivências como parte de um processo legítimo de elaboração da perda, o que pode contribuir para a invisibilização do sofrimento e limitar a busca por apoio. A ausência de nomeação para aquilo que se sente tende a dificultar a simbolização da experiência, tornando o enfrentamento mais desafiador. Nesse sentido, a falta de reconhecimento social e institucional do luto antecipatório pode intensificar o sofrimento psíquico, uma vez que o indivíduo se vê diante de emoções intensas sem dispor, necessariamente, de recursos para compreendê-las (Bittencourt *et al.*, 2026).

Com isso, percebemos que, as estratégias de enfrentamento adotadas pelos familiares assumem papel central na forma como o luto antecipatório será vivenciado e elaborado. Recursos como o apoio social, a espiritualidade, a comunicação aberta e a possibilidade de expressão emocional têm sido apontadas como elementos que favorecem uma elaboração mais adaptati-

va desse processo. A presença de uma rede de apoio consistente, seja ela familiar, comunitária ou institucional, contribui para a redução do isolamento e para o compartilhamento das vivências, o que pode aliviar a sobrecarga emocional associada ao cuidado e à iminência da perda (Silva *et al.*, 2023).

A qualidade da comunicação entre familiares, pacientes e equipe de saúde constitui um fator determinante nesse contexto. A forma como informações são transmitidas, compreendidas e elaboradas pode influenciar diretamente as expectativas, as formas de enfrentamento e a construção de significados em torno do processo de adoecimento e morte. A comunicação clara, empática e gradual tende a favorecer maior preparo emocional, enquanto a ausência ou inadequação desse processo pode gerar insegurança, negação ou sofrimento intensificado (Oliveira *et al.*, 2024).

É nesse ponto que se destaca a atuação da psicologia hospitalar, especialmente no contexto dos cuidados paliativos. O psicólogo, ao integrar a equipe multiprofissional, desempenha um papel fundamental no acolhimento das demandas emocionais dos familiares, oferecendo um espaço de escuta qualificada e intervenções que possibilitem a elaboração das vivências relacionadas à perda iminente. Sua atuação não se limita à redução do sofrimento, mas envolve também a facilitação de processos de simbolização, a mediação de comunicação e o fortalecimento de estratégias de enfrentamento.

Ao considerar o luto antecipatório como um processo que se constrói ao longo do tempo e em interação com múltiplos fatores individuais, familiares e contextuais, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem que reconheça sua complexidade. A compreensão desse fenômeno permite não apenas ampliar o olhar sobre o sofrimento da família, mas também subsidiar práticas profissionais mais sensíveis e efetivas no contexto hospitalar. Diante a complexidade do luto antecipatório em familiares de pacientes terminais, tem-se como objetivo analisar as implicações psicológicas desse processo, bem como discutir o papel da psicologia hospitalar no suporte oferecido a esses indivíduos ao longo do adoecimento e da proximidade da morte.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza descritiva. A opção por esse delineamento metodológico justifica-se pela necessidade de reunir e analisar criticamente produções científicas já publicadas sobre a temática, permitindo a construção de uma compreensão teórica fundamentada acerca do luto antecipatório no contexto dos cuidados paliativos. A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar a exploração dos significados, experiências e aspectos subjetivos envolvidos nesse processo, enquanto o caráter descritivo visa organizar e sistematizar os principais achados da literatura.

A coleta de dados foi realizada por meio de buscas em bases eletrônicas, com destaque para o Google Acadêmico, a partir de descritores como “luto antecipatório”, “familiares”, “pacientes terminais”, “cuidados paliativos”

e “psicologia hospitalar”, combinados entre si conforme a necessidade da pesquisa. A partir dessas buscas, foram selecionados estudos disponíveis em bases como PUCRS, REVISTA GEO, Revistas USP, periódicos científicos nacionais, priorizando materiais com acesso ao texto completo.

Dentre os materiais identificados, foram pesquisados aproximadamente 15 estudos relacionados à temática e selecionados 6 artigos científicos que apresentaram maior relevância e aderência ao objetivo proposto. Essa seleção ocorreu de forma criteriosa, com base na leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, considerando a pertinência temática, a atualidade das publicações (2020 a 2026) e a contribuição teórica para a compreensão do fenômeno investigado.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos que abordassem o luto antecipatório no contexto de pacientes em fase terminal, com ênfase nas vivências de familiares e/ou na atuação da equipe de saúde, especialmente no âmbito da psicologia hospitalar. Foram excluídos materiais que não apresentavam relação direta com o tema, publicações duplicadas e estudos que não contribuíram de forma significativa para a análise proposta.

Após a definição do corpus de análise, os materiais selecionados foram submetidos a uma leitura aprofundada e interpretativa, com o objetivo de identificar conceitos centrais, principais achados e discussões relevantes acerca dos impactos psicológicos do luto antecipatório, das estratégias de enfrentamento adotadas pelos familiares e das possibilidades de intervenção no contexto hospitalar.

A verificação dos dados foi conduzida de forma qualitativa, buscando estabelecer relações entre os diferentes estudos e construir uma compreensão integrada do fenômeno investigado. Dessa forma, os resultados obtidos na literatura serviram de base para a discussão teórica apresentada neste trabalho, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre o luto antecipatório e suas implicações na prática da psicologia hospitalar.

3. Resultados e discussão

A análise dos estudos selecionados evidencia que o luto antecipatório em familiares de pacientes em fase terminal deve ser compreendido como um processo psicológico dinâmico, que se desenvolve ao longo do curso da doença e se articula a múltiplos fatores, incluindo características individuais, relações familiares e condições do contexto de cuidado. Diferentemente de uma resposta pontual à perda, trata-se de um fenômeno processual, que acompanha as transformações progressivas vivenciadas pelo paciente e pelos familiares, exigindo constantes adaptações emocionais.

É possível notar através das pesquisas que os familiares vivenciam simultaneamente a presença física do ente querido e a experiência de perdas sucessivas, o que produz uma sensação de “perda em vida” (Sales; Gonçalves, 2022). Essa condição favorece o conflito de sentimentos ambivalentes, como esperança e desesperança, proximidade e afastamento emocional, re-

velando um movimento psíquico marcado por oscilações. Tal dinâmica pode ser compreendida como uma tentativa de adaptação frente à iminência da perda, mas também pode gerar sofrimento significativo quando não há recursos adequados para sua elaboração.

No que diz respeito aos impactos psicológicos, os estudos analisados apontam para a presença recorrente de sintomas de ansiedade, tristeza persistente, medo e sobrecarga emocional entre os familiares. Além disso, destaca-se a ocorrência de sentimento de culpa, frequentemente associados à percepção de insuficiência no cuidado ou ao desejo ambivalente de alívio do sofrimento do paciente. A sobrecarga decorrente do papel de cuidador, somada às exigências emocionais do contexto, pode levar a um desgaste significativo, impactando tanto a saúde mental quanto a qualidade de vida desses indivíduos (Hospital Regional, 2021; Silva *et al.*, 2023).

Os estudos achados indicam que esse processo repercute diretamente na organização familiar, promovendo tanto movimentos de aproximação quanto de tensão entre seus membros. A necessidade de redistribuição de papéis, a tomada de decisões difíceis e as diferentes formas de enfrentamento adotadas por cada indivíduo podem gerar conflitos, mas também podem favorecer maior coesão e fortalecimento dos vínculos. Dessa forma, o luto antecipatório se configura como uma experiência que atravessa o sistema familiar, exigindo uma compreensão ampliada que vá além do indivíduo isolado (Bittencourt *et al.*, 2026).

No campo das estratégias de enfrentamento, é relevante destacar a importância de recursos como o apoio social, a espiritualidade e a possibilidade de expressão emocional. A presença de uma rede de suporte consistente tende a favorecer a elaboração do luto antecipatório, ao permitir o compartilhamento das vivências e a validação dos sentimentos. Por outro lado, a ausência de suporte pode intensificar o isolamento e dificultar o enfrentamento, evidenciando a necessidade de intervenções que ampliem esses recursos (Da Costa, 2021; Silva *et al.*, 2023).

Nesse sentido, a comunicação estabelecida entre equipe de saúde, paciente e familiares emerge como um elemento fundamental. A literatura indica que a forma como as informações são transmitidas influencia diretamente a compreensão da situação e a preparação emocional dos envolvidos (Da Costa *et al.*, 2023). A comunicação empática, clara e progressiva favorece a elaboração do processo de perda, enquanto falhas comunicacionais podem gerar insegurança, negação e sofrimento intensificado.

Destaca-se de maneira significativa, então, o papel da psicologia hospitalar no acompanhamento de familiares que vivenciam o luto antecipatório. Tal atuação vai além do suporte emocional imediato, configurando-se como uma intervenção que possibilita a elaboração simbólica da perda em curso. Por meio da escuta qualificada, o profissional cria um espaço no qual os familiares podem reconhecer, nomear e ressignificar suas experiências emocionais, contribuindo para a redução do sofrimento psíquico. O psicólogo

desempenha um papel essencial na mediação das relações entre equipe, paciente e familiares, especialmente no que se refere à transmissão de informações sensíveis. Seu trabalho pode favorecer uma comunicação mais humanizada e compreensível, auxiliando os familiares na assimilação da realidade do quadro clínico e na construção de estratégias de enfrentamento mais adaptativas. Esse processo é particularmente relevante em contextos nos quais há dificuldade de aceitação da finitude ou presença de conflitos familiares (Silva *et al.*, 2023; Hospital Regional, 2021).

Outro aspecto importante é o reconhecimento e validação do luto antecipatório como um processo legítimo. Muitos familiares vivenciam esse tipo de luto sem compreendê-lo como tal, o que pode gerar estranhamento e sofrimento adicional. Nesse contexto, a psicoeducação se apresenta como uma estratégia fundamental, permitindo que os indivíduos compreendam suas reações emocionais como parte de um processo esperado, o que tende a favorecer sua elaboração (Silva *et al.*, 2023).

Ademais, o psicólogo contribui para a construção de sentidos diante da experiência de perda iminente. Ao possibilitar a reflexão sobre a trajetória do paciente, os vínculos estabelecidos e os significados atribuídos à vida e à morte, o profissional auxilia os familiares em um processo de ressignificação que pode impactar positivamente o luto pós-morte. Assim, o luto antecipatório, embora marcado por sofrimento, pode também se constituir como um espaço de elaboração e preparação emocional, desde que acompanhado de forma adequada (Bittencourt *et al.*, 2026).

Os resultados analisados reforçam que o luto antecipatório em familiares de pacientes em fase terminal é um fenômeno complexo, que demanda intervenções sensíveis e contextualizadas. A atuação da psicologia hospitalar mostra-se fundamental nesse processo, não apenas como suporte, mas como elemento estruturante na elaboração das vivências emocionais. Assim, compreender esse fenômeno e suas implicações contribui para o desenvolvimento de práticas mais humanizadas e efetivas no contexto dos cuidados paliativos (Silva *et al.*, 2023).

4. Considerações finais

O presente trabalho possibilitou compreender o luto antecipatório em familiares de pacientes em fase terminal como um fenômeno complexo, que demanda um olhar ampliado no contexto dos cuidados em saúde. Mais do que uma resposta emocional à perda, trata-se de um processo que se desenvolve ao longo do adoecimento, exigindo dos familiares constantes reorganizações psíquicas e relacionais diante da finitude.

A temática implica em impactos significativos na experiência dos familiares, reforçando a necessidade de reconhecimento desse processo como parte legítima do cuidado. Nesse sentido, torna-se fundamental considerar não apenas o paciente, mas também aqueles que o acompanham como sujeitos que necessitam de atenção e suporte no contexto hospitalar. A vivência

do luto antecipatório mobiliza diferentes dimensões da experiência humana, atravessando aspectos emocionais, relacionais e até mesmo físicos, o que evidencia a complexidade desse processo. Muitas vezes, os familiares assumem responsabilidades intensas no cuidado, ao mesmo tempo em que lidam com o sofrimento diante da progressão da doença, o que pode gerar sobrecarga e fragilização.

O reconhecimento institucional dessas demandas é essencial para a promoção de um cuidado mais integral, que contemple não apenas a dimensão biológica do adoecimento, mas também seus desdobramentos psicossociais. Adjunto a isso, a inclusão dos familiares como parte do cuidado possibilita a construção de intervenções mais sensíveis às suas necessidades, favorecendo a escuta, o acolhimento e a validação de suas vivências. Esse olhar ampliado contribui para a prevenção de agravamentos no sofrimento psíquico, promovendo melhores condições para o enfrentamento da perda iminente e para a elaboração do luto.

É relevante destacar que o reconhecimento do luto antecipatório como parte integrante do processo de cuidado contribui para a construção de práticas mais sensíveis às necessidades emocionais dos familiares. Ao compreender esse fenômeno de forma ampliada, é possível favorecer intervenções que não se limitem ao momento da perda, mas que acompanhem o sujeito ao longo de todo o processo de adoecimento, promovendo maior preparação emocional diante da finitude.

Diante disso, o estudo reforça a relevância da atuação da psicologia hospitalar, que se configura como elemento essencial na mediação das vivências emocionais e na construção de estratégias de enfrentamento mais adaptativas. A presença do psicólogo contribui para a legitimação do sofrimento, a qualificação da comunicação e para a promoção de um cuidado mais humanizado, alinhado às necessidades dos familiares.

A valorização da escuta qualificada e da comunicação empática no ambiente hospitalar configura-se como elemento central para a elaboração desse processo. A forma como as informações são compartilhadas e como os sentimentos são acolhidos pode influenciar diretamente na maneira como os familiares vivenciam o luto antecipatório, tornando o cuidado mais ou menos favorecedor de elaboração psíquica.

Ao considerar o luto antecipatório como um processo legítimo e presente antes da morte propriamente dita, amplia-se a possibilidade de atuação preventiva no campo da saúde mental. Tal perspectiva permite não apenas a redução do sofrimento imediato, mas também a construção de recursos internos que podem contribuir para uma vivência mais adaptativa do luto após a perda.

Se faz importante uma integração de práticas psicológicas no contexto dos cuidados paliativos, não apenas como intervenção pontual, mas como parte estruturante da assistência. Além disso, a ampliação das discussões e

produções científicas sobre o luto antecipatório, considerando suas múltiplas dimensões e implicações.

Sob essa perspectiva, torna-se possível compreender que o cuidado ofertado aos familiares não deve ser compreendido como complementar, mas como parte integrante da assistência em saúde. A inclusão desses sujeitos no processo de cuidado contribui para uma abordagem mais integral, que reconhece as múltiplas dimensões envolvidas na experiência do adoecimento e da finitude.

A forma como o processo de morrer é conduzido no ambiente hospitalar pode impactar diretamente em como o luto será posteriormente vivenciado. Experiências marcadas por acolhimento, escuta e comunicação adequada tendem a favorecer uma elaboração mais integrada, enquanto contextos permeados por silêncio, negação ou distanciamento emocional podem intensificar o sofrimento dos familiares.

Nesse sentido, a atuação do psicólogo também se revela fundamental na facilitação de espaços de diálogo, na mediação de conflitos e no fortalecimento de vínculos, possibilitando que os familiares atravessem esse processo com maior suporte emocional. Trata-se, de uma prática que vai além do manejo do sofrimento, contribuindo para a construção de sentidos diante da experiência de perda iminente.

Por fim, e este trabalho contribui para o fortalecimento de práticas em saúde que reconheçam a complexidade do processo de luto, assim como reforça as contribuições da atuação da psicologia hospitalar dentro desse contexto, promovendo um cuidado que contemple, de maneira sensível e integral, tanto o paciente quanto seus familiares, considerando não apenas os aspectos biológicos do adoecimento, mas também suas dimensões emocionais, relacionais e subjetivas, como elementos fundamentais para a construção de um cuidado verdadeiramente humanizado.

5. Referências

BITTENCOURT, Lorena Barbosa de Castro. SILVA JUNIOR, João Raimundo Santos; CORDEIRO, Solano Pinto. O luto antecipatório em familiares de pacientes terminais. **Revista de Geopolítica**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. e1998, 2026. DOI: 10.56238/revgeov17n3-209. Disponível em: <https://mail.revistageo.com.br/revgeo/article/view/1998>

DA COSTA DOS REIS, Cristine Gabrielle.; OJEDA OCAMPO MORÉ, Carmen Leontina; MENEZES, Marina. O luto antecipatório e as estratégias de enfrentamento de familiares nos Cuidados Paliativos. **Psico**, [S. l.], v. 54, n. 1, p. e39961, 2023. DOI: 10.15448/1980-8623.2023.1.39961. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/39961>

HOSPITAL REGIONAL. Percepção e vivência do luto antecipatório em familiares. 2021. Disponível em: <https://hrj.emnuvens.com.br>

OLIVEIRA, Francisca Feitosa.; PINHEIRO, Edivaldo Silva.; PEREIRA, Eidyane dos Santo.; FERRAZ, Elainy Cristina Costa.; SILVA, Marcione Margarida da.; BONFIM, Melry Feitosa. Luto antecipatório: a ótica da psicologia frente aos cuidados paliativos em pacientes hospitalizados. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 12, p. e6619, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n12-001. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6619>

SALES DA SILVA, Rafael; GONÇALVES COUTINHO, S. M. Percepção de luto e vivência de luto antecipatório de familiares em uma unidade de cuidados paliativos. **Health Residencies Journal**, [S. l.], v. 3, n. 15, p. 224–240, 2022. DOI: 10.51723/hrj.v3i15.283. Disponível em: <https://hrj.emnuvens.com.br/hrj/article/view/283>

SILVA, Marcione Margarida da. *et al.* **Luto antecipatório: a ótica da psicologia frente aos cuidados paliativos em pacientes hospitalizados.** 2023.

A INFLUÊNCIA DO SUPORTE EMOCIONAL NO PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DO CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

*Adriane Lima da Silva Oliveira⁸⁴
Maria Dulcineia Batista Lima Pontes⁸⁵
Maria Madalena Jeronimo da Silva⁸⁶
Priscila Oliveira da Fonseca Silva⁸⁷*

Resumo: Esta revisão integrativa (2015–2025) analisa o impacto do suporte emocional no enfrentamento do câncer de mama. O diagnóstico é identificado como um evento traumático que gera abalos físicos, psicossociais e crises de autoimagem. Contudo, os achados revelam que o suporte social proveniente de familiares, amigos e grupos de apoio é um pilar fundamental para a resiliência, oferecendo motivação e auxílio instrumental. O estudo enfatiza que o acompanhamento psicológico viabiliza estratégias de coping eficazes, permitindo o Crescimento Pós-Traumático (CPT), processo no qual o sofrimento é ressignificado. Em suma, a rede de apoio e a intervenção profissional facilitam a adesão ao tratamento e a elaboração da nova identidade da mulher, resultando em um prognóstico mais favorável e na preservação da sua qualidade de vida.

Palavras-chave: câncer de mama; suporte emocional; grupo de apoio.

1. Introdução

O câncer de mama é uma doença caracterizada pelo crescimento descontrolado de células na mama, podendo se espalhar para outras partes do corpo, dependendo da sua agressividade. Esse tipo de câncer pode ter diferentes formas de evolução, variando entre tumores de crescimento rápido e lento. No entanto, independentemente de sua agressividade, o diagnóstico de câncer de mama representa um divisor de águas na vida da mulher, alterando sua rotina, seus sentimentos e sua percepção sobre a própria saúde e identidade. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2025), o câncer de mama é a neoplasia mais frequente entre as mulheres no Brasil, atrás apenas do câncer de pele não melanoma, além de ser a segunda mais comum no mundo, afetando significativamente a saúde população feminina.

O suporte emocional é crucial durante o tratamento do câncer de mama, auxiliando as pacientes a lidarem com a vulnerabilidade psicológica

⁸⁴ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Doutorado em Teoria do Comportamento-UFPA.

⁸⁵ Psicóloga graduada pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁸⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁸⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA), Pós-graduada em Terapia Cognitivo Comportamental, Neuropsicologia, Psico-oncologia e psicologia Hospitalar.

dessa fase. Estudos longitudinais robustos mostram que o suporte recebido no entorno familiar e de amigos (grupos de apoio) está associado a uma melhor qualidade de vida física e mental (Ashing-Giwa *et al.*, 2013). Além disso, a presença de confidentes tem impacto significativo na sobrevivência a longo prazo, podendo reduzir o risco de mortalidade entre 39% e 49% (Kroenke *et al.*, 2006).

De acordo com Neves (2018), o suporte emocional adequado reduz o sofrimento psíquico e preserva a saúde mental, sendo a escuta ativa uma das formas mais eficazes por proporcionar um ambiente acolhedor. O autor define esse suporte como um conjunto de intervenções e recursos de acolhimento que visam fornecer validação, segurança e auxílio no manejo das emoções intensas, crenças e medos associados ao diagnóstico e ao tratamento da doença. Neves (2018) destaca ainda que o apoio emocional fortalece a confiança no processo terapêutico, o que é essencial para a adesão ao tratamento, melhorando o prognóstico e a qualidade de vida das pacientes.

A vivência da mulher que enfrenta o câncer de mama vai muito além das mudanças físicas. Entre os procedimentos mais comuns, destaca-se a mastectomia, que consiste na remoção parcial ou total da mama afetada (INCA, 2025). Embora necessária para o controle da patologia, a cirurgia pode gerar impactos significativos na esfera emocional e psicossocial da paciente, que passa por um processo de resignificação da autoimagem, da autoestima, da feminilidade e da própria identidade (Arruda, 2018).

O adoecimento e o tratamento trazem consequências importantes, temporárias ou permanentes, que comprometem diversos domínios da vida da mulher. Além disso, os efeitos colaterais da quimioterapia, radioterapia e hormonioterapia impactam negativamente seu cotidiano e a forma como ela elabora sua imagem corporal. Soares (2009) destaca que a mama é um símbolo de sensualidade e, quando afetada, pode transformar a percepção que a mulher tem de si mesma, gerando sentimentos de inferioridade, medo e rejeição.

Vale ressaltar que, quanto maior a valorização da mulher em relação à mama, maior tende a ser o sentimento de perda, provocando um impacto profundo na autoimagem, muitas vezes comparado a um sentimento de castração. Dentro da teoria psicanalítica freudiana, o complexo de castração é compreendido como um conceito simbólico relacionado ao reconhecimento de limites e à renúncia de determinados desejos no processo de desenvolvimento psíquico (Freud, 1923).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2022), o câncer de mama é uma das principais causas de morte entre as mulheres no Brasil, afetando não apenas a saúde física, mas também as relações sociais, familiares, profissionais e emocionais. A saúde mental está diretamente relacionada à saúde física durante o tratamento oncológico, sendo fundamental o cuidado com a dimensão biopsicossocial (FMUSP, 2005; INCA, 2022). Mulheres que recebem apoio psicológico adequado tendem a apresentar uma recuperação

mais rápida e eficiente, pois o bem-estar mental fortalece o sistema imunológico e facilita a adesão terapêutica. Assim, a integração entre os cuidados médicos e psicológicos é essencial para promover uma reabilitação equilibrada, melhorando a qualidade de vida e garantindo melhores resultados no enfrentamento da doença.

A adesão ao tratamento é imprescindível para que a paciente tenha um bom prognóstico, percurso no qual a mulher vivencia diversas emoções. Investigações indicam que, quando ela conta com um bom suporte emocional e psicológico, o tratamento é mais bem aceito e a relação com os procedimentos médicos torna-se mais suportável (Powell *et al.*, 2019). Ao aderir ao acompanhamento psicológico, a paciente desenvolve habilidades como o enfrentamento ativo do estresse e o aumento da autoestima, o que confere mais segurança e confiança, contribuindo diretamente para o sucesso do tratamento (Powell *et al.*, 2019).

O objetivo deste trabalho é analisar a influência do suporte emocional no processo de enfrentamento do câncer de mama por meio de uma revisão integrativa da literatura, com o intuito de sintetizar e inter-relacionar o conhecimento científico disponível sobre o tema. A revisão proposta busca analisar o impacto emocional em mulheres submetidas ao tratamento. Espera-se que os achados ofereçam contribuições significativas para a oncologia, auxiliando na elaboração de intervenções que qualifiquem o processo terapêutico de enfrentamento da doença.

2. Procedimentos metodológicos

Para responder à questão central deste estudo, realizou-se uma busca sistemática em outubro de 2025 nas bases de dados SciELO, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em editoras científicas. A busca delimitou-se a artigos publicados entre 2015 e 2025, intervalo escolhido para capturar um panorama extenso e diversificado de evidências recentes sobre a relação entre os impactos socioemocionais e o tratamento oncológico. Foram utilizados os seguintes descritores em português, aplicados ao título, às palavras-chave ou resumo: “câncer de mama”, “suporte emocional” e “grupo de apoio”.

Os critérios de inclusão compreenderam:

- Artigos empíricos disponíveis integralmente online;
- Publicados em português entre 2015 e 2025;
- Estudos realizados com mulheres em tratamento ou em remissão do câncer de mama que analisassem o impacto emocional envolvido nesse processo.

Como critérios de exclusão, desconsideraram-se os documentos que não tangenciavam a temática central ou que não discutiam diretamente a importância do apoio emocional nesse público.

O processo de seleção dos trabalhos seguiu três etapas consecutivas:

1. Busca Inicial: Foram identificadas 26 publicações científicas a partir dos descritores selecionados e da triagem de títulos.
2. Análise de Resumos: Após a leitura dos resumos, 13 estudos (entre artigos e dissertações) foram excluídos por duplicidade ou por abordarem aspectos distantes do escopo pretendido.
3. Leitura Integral: Dos 13 textos restantes avaliados na íntegra, 7 foram excluídos por não aprofundarem o enfrentamento e o suporte emocional de mulheres com diagnóstico de câncer de mama.

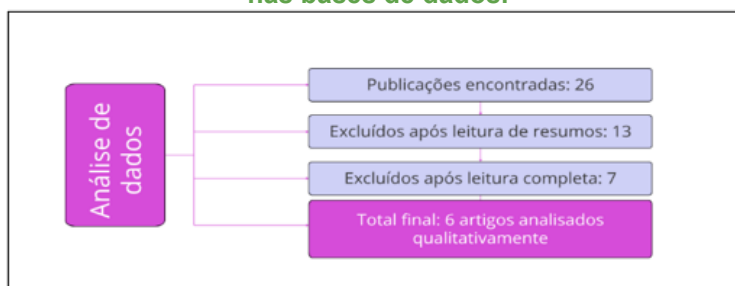
Ao final do processo de filtragem, apenas 6 artigos científicos atenderam rigorosamente a todos os critérios e compuseram a análise principal desta revisão. As demais fontes e autores citados ao longo do trabalho foram mobilizados exclusivamente para fins de fundamentação teórica, contextualização e discussão do tema.

Os 6 artigos selecionados para a análise principal foram lidos na íntegra e submetidos a uma análise qualitativa. O foco do exame esteve voltado aos impactos físicos e mentais do apoio emocional no tratamento oncológico, bem como às habilidades socioemocionais de enfrentamento desenvolvidas por cada mulher dentro de sua subjetividade.

Por fim, os resultados foram sintetizados em uma narrativa integrativa que destaca tanto as principais evidências encontradas quanto as lacunas remanescentes na literatura, sinalizando caminhos para investigações futuras.

Desta forma, foi selecionados para análise de acordo com os critérios de inclusão e exclusão deste estudo um total de 6 trabalhos científicos, como apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção de artigos nas bases de dados.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Na presente revisão de literatura, 6 (seis) trabalhos atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos, sendo todos de acesso aberto e publicados em periódicos nacionais, conforme demonstrativo nas informações descritas no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão.

TÍTULO	AUTORES	PAÍS/ ANO	BASE DE DADOS	OBJETIVO	CONCLUSÃO
Crescimento pós-traumático no câncer de mama: Centralidade de eventos e coping.	MARCELI, Larissa; COELHO, Clara Cella de Arruda; CAMPOS, João Oliveira Cavalcante.	Brasil/ 2021	SciELO	Investigar como um trauma como câncer pode impactar positivamente na vida de uma pessoa como enfrentamento	O estudo proporciona uma compreensão mais aprofundada sobre a vivência de mulheres com câncer de mama, destacando, sobretudo, o crescimento pessoal diante do trauma.
Percepção da doença enfrentamento em mulheres com câncer de mama.	ABDUCH, Silvia; LIMA, Natália Britz; ROMEIRO, Fernanda; LA-WRENZ, Priscila; CASTRO, Elisa Kern.	Brasil/ 2016	SciELO	Investigar a relação entre a percepção da doença, as estratégias de enfrentamento e as variáveis sociodemográficas e clínicas em mulheres com câncer de mama.	Os resultados evidenciam a relação entre as estratégias de enfrentamento e a percepção da doença, destacando-se as subescalas de duração cíclica e representação emocional.
Significados atribuídos por mulheres com câncer de mama ao grupo de apoio	SOUZA, Caroline de; SANTOS, Manoel Antônio dos	Brasil/ 2024	SciELO	Analisar as repercussões da participação em um grupo de apoio psicológico no enfrentamento da doença, no autocuidado e na qualidade de vida de mulheres com câncer de mama.	O grupo de apoio proporcionou acolhimento, fortalecimento emocional e melhora na qualidade de vida das mulheres com câncer de mama, apesar de algumas dificuldades de acesso e limitações físicas.

TÍTULO	AUTORES	PAÍS/ ANO	BASE DE DADOS	OBJETIVO	CONCLUSÃO
Apoio social de mulheres com câncer de mama: revisão integrativa	MACIEL, Priscila Margarete Cardoso; DORNELES, Larissa Pereira; ARNHOLD, Aruna de Oliveira; TITO, Fernanda Emanuelli Dias; SILVA, Thiago Rêger Fontoura da; NUNES, Geovana dos Santos; COGORNI, Rayssa Paz Rodrigues; SILVA, Gabriela Bahia da; GONÇALVES, Ariane da Silva; PRATES, Lisie Alende.	Brasil /2024	Editora científica	Identificar as evidências científicas sobre os tipos de apoio fornecidos pelo familiar no cuidado a mulheres com câncer de mama.	Evidenciar os tipos de apoio fornecidos pela família no cuidado a mulheres com câncer de mama
Impactos psicológicos e desafios enfrentados por pacientes no diagnóstico do câncer de mama.	PIMENTA, Lorra-na Joely Tavares.	Brasil /2004	Periódico Capes	Investigar as implicações emocionais e sociais do câncer de mama, explorando as estratégias de enfrentamento adotadas por mulheres diagnosticadas com a doença.	O estudo mostra que o diagnóstico de câncer de mama causa fortes impactos emocionais e sociais, tais como medo, ansiedade e alterações na autoimagem.
O atendimento psicológico em pacientes mulheres com câncer de mama	CARVALHO, Solange Sampaio; AQUINO, Keila Soares; SOUZA, Júlio Cesar Pinto	Brasil /2021	Periódico capes	Investigar e analisar a importância do atendimento psicológico para mulheres diagnosticadas com câncer de mama, destacando como o suporte emocional contribui para o enfrentamento da doença e para a melhoria do bem-estar psicológico	O estudo evidencia que o atendimento psicológico é fundamental para auxiliar mulheres com câncer de mama a lidar com o impacto emocional da doença, reduzindo ansiedade, medo e sofrimento.

Fonte: Os autores (2025).

O diagnóstico e o tratamento do câncer de mama podem causar diversos impactos na vida da paciente. Além do medo da morte, surgem os

procedimentos médicos invasivos, as modificações corporais, as alterações na dinâmica familiar e os prejuízos à autoimagem. A paciente também pode vivenciar conflitos relacionados à feminilidade e à sexualidade, o que impacta de forma significativa sua qualidade de vida (INCA, 2024).

Os achados no presente estudo abrangem a definição e o contexto da doença, o conceito e as estratégias de enfrentamento (coping), a importância do suporte psicológico, os tipos de apoio social e emocional, bem como o papel das redes de suporte.

3.Resultados

3.1 O Câncer de Mama e Seu Impacto Psicossocial

Segundo Castro *et al.* (2016), o câncer de mama é uma doença multicausal. Alguns fatores podem aumentar a predisposição à doença, como a história reprodutiva, fatores ambientais, genéticos e idade, sendo caracterizada pelo aumento desordenado de células que se multiplicam, formando nódulos com potencial de invadir outros órgãos. No que diz respeito ao contexto epidemiológico, segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2024), o câncer de mama é o mais incidente em mulheres no Brasil, excluindo os tumores de pele não melanoma. O padrão se repete em todas as regiões, com maior destaque para as regiões Sul e Sudeste. Para o triênio de 2023 a 2025, foram estimados 73.610 novos casos por ano no país. O câncer de mama é a primeira causa de morte por câncer entre as mulheres; em 2022, a taxa de mortalidade ajustada por idade foi de 12,3 óbitos por 100 mil mulheres.

De acordo com Carvalho *et al.* (2021), o anúncio do diagnóstico do câncer de mama é descrito nos estudos como um evento traumático, capaz de gerar efeitos devastadores e choque emocional para as pacientes, afetando todas as esferas de suas vidas. Os achados da presente pesquisa trazem, de forma clara, as consequências imediatas que afetam profundamente a saúde mental da mulher diagnosticada, englobando reações emocionais, sintomas físicos e transtornos psiquiátricos:

Choque e confusão: ao receberem o diagnóstico, as pacientes vivenciam um turbilhão de emoções, relatando medo, confusão, choque e até mesmo a negação da doença. Essas pacientes costumam apresentar mais sentimentos negativos no que diz respeito ao prognóstico (Campos *et al.*, 2021; Carvalho *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2016; Maciel *et al.*, 2024; Pimenta, 2024; Souza *et al.*, 2024).

Transtorno psicológico: as mulheres enfrentam sintomas de inadequação, ansiedade, depressão e medo, necessitando, muitas vezes, de intervenção para ajudar no enfrentamento da patologia. Isso exalta a necessidade do acompanhamento psicológico do início ao final do tratamento. Outros abalos decorrem da perda financeira, do sentimento de desamparo, além da constante adaptação às mudanças físicas, psicológicas, familiares, sociais e emo-

cionais ocorridas (Campos *et al.*, 2021; Carvalho *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2016; Maciel *et al.*, 2024; Pimenta, 2024; Souza *et al.*, 2024).

Sintomas comuns: os sintomas relatados por pacientes oncológicos com câncer de mama, em ordem decrescente, foram dores, cansaço, perda de forças, rigidez nas articulações, náusea, dificuldade para dormir, indisposição estomacal, perda de peso, tontura, dor de cabeça e falta de ar (Campos *et al.*, 2021; Carvalho *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2016; Maciel *et al.*, 2024; Pimenta, 2024; Souza *et al.*, 2024).

Deterioração da imagem: procedimentos invasivos como a mastectomia e os efeitos colaterais da terapia (alopecia, redução da libido) resultam em alterações corporais que afetam a autoimagem e a sexualidade, impactando diretamente a percepção da feminilidade (Campos *et al.*, 2021; Carvalho *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2016; Maciel *et al.*, 2024; Pimenta, 2024; Souza *et al.*, 2024).

Desorganização social: a doença interfere na rotina diária e provoca mudanças nos papéis familiares, podendo levar à desorganização da dinâmica familiar (Campos *et al.*, 2021; Carvalho *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2016; Maciel *et al.*, 2024; Pimenta, 2024; Souza *et al.*, 2024).

3.2. Processo de Enfrentamento (Coping)

Segundo Castro *et al.* (2016), os indivíduos utilizam uma variedade de estratégias de enfrentamento para lidar com o problema de saúde, de acordo com sua individualidade, subjetividade e crenças. O enfrentamento refere-se ao esforço psicológico e comportamental para manejar demandas internas e externas avaliadas como estressantes ou que excedem os recursos adaptativos do indivíduo.

De acordo com a subjetividade e a forma de enfrentamento de cada paciente, é possível transformar eventos estressantes em emoções positivas, e não apenas em reações negativas e transtornos psicológicos. Há, inclusive, relatos de amadurecimento a partir desse sofrimento, o que é denominado Crescimento Pós-Traumático (CPT). Esse conceito foi desenvolvido em 1996 por Tedeschi e Calhoun (*apud* Campos *et al.*, 2021), estando o termo relacionado ao enfrentamento e referindo-se à mudança positiva em alguns aspectos da experiência humana como resultado do manejo de adversidades, nesse caso, o câncer de mama (Campos *et al.*, 2021).

Existem diversas estratégias de enfrentamento no câncer de mama, tais como as focadas no problema, instrumentais, de distração, paliativas e de preocupação emocional. Pesquisas indicam uma relação direta entre a percepção da patologia e as estratégias adotadas para a redução do sofrimento e dos aspectos emocionais envolvidos, como estresse, medo, raiva e culpa. Conforme apontam Castro *et al.* (2016), a percepção sobre a doença refere-se à maneira como o indivíduo elabora cognitivamente o seu problema de saúde e, conseqüentemente, como se comporta diante dele.

Os achados da presente pesquisa explicitam diversas estratégias de enfrentamento identificadas nos seis artigos científicos selecionados. Entre elas, destacam-se as estratégias focadas no problema, que visam alterar ou gerenciar a fonte do estresse e que se mostraram preditoras do CPT (Campos *et al.*, 2021; Castro *et al.*, 2016). Outras categorias identificadas incluem o enfrentamento instrumental (busca por conhecimento sobre a patologia e tratamentos), a distração (realização de atividades não relacionadas ao adoecimento) e as estratégias paliativas (ações calmantes para aliviar o estresse imediato). Por fim, foi descrita a preocupação emocional, que ocorre quando o paciente foca majoritariamente nas consequências afetivas geradas pela evolução da doença (Castro *et al.*, 2016).

3.3. O suporte emocional no paciente oncológico

De acordo com Pimenta (2024), as relações afetivo-amorosas são cruciais, pois oferecem suporte emocional e fortalecem a resiliência das mulheres em tratamento, reduzindo a probabilidade de transtornos psicológicos. Conforme apontam Souza e Santos (2024), o apoio psicológico deve ser integrado em cada etapa do processo, tendo como prioridade o acolhimento, a prevenção de agravos e a promoção de saúde, visando à qualidade de vida durante todo o percurso. Dentre as variadas formas de cuidado integrado às mulheres em tratamento, a estratégia grupal se destaca como a mais eficiente e utilizada para consolidar e implementar o processo de reabilitação.

O suporte social envolve os recursos fornecidos pelos indivíduos envolvidos na rede de apoio, os quais são capazes de impactar de forma positiva em variados âmbitos da vida dessa mulher, como o físico, o emocional, o material e o comportamental. Segundo Maciel *et al.* (2024), o suporte social tem a capacidade de favorecer uma adaptação saudável, independentemente de sua situação orgânica.

O papel da família impacta diretamente o enfrentamento de mulheres que vivenciam o câncer de mama, pois a paciente que dispõe de uma rede de apoio familiar sente-se acolhida, fortalecida, motivada e incentivada, o que pode implicar diretamente em sua recuperação ou reabilitação (Souza; Santos, 2024). Ainda segundo os autores, a família configura-se como a principal ou até única fonte de suporte da mulher em tratamento, por fornecer apoio emocional (afeto, amor, estima e preocupação), reforço (por meio de ações de reconhecimento, empatia, respeito, feedback e confirmação), suporte instrumental (auxílio financeiro, tempo dedicado e fornecimento de recursos) e apoio informativo (proveniente de sugestões, informações, conselhos e opiniões oferecidos ao indivíduo).

A atuação do psicólogo no contexto oncológico é fundamental e deve ocorrer de forma integrada ao tratamento médico, acompanhando a paciente desde o diagnóstico até as fases de tratamento e reabilitação. Esse acompanhamento psicológico deve estar presente em todas as etapas do adoecimento, com foco no acolhimento emocional, na prevenção de agravos psicológicos e na promoção da qualidade de vida (Souza; Santos, 2024).

Nesse contexto, o psicólogo atua no acolhimento emocional, oferecendo escuta qualificada e um espaço seguro para a expressão de sentimentos como medo, angústia e insegurança. O fortalecimento das estratégias de enfrentamento e do suporte familiar e social contribui para a redução de sintomas como ansiedade e depressão, favorecendo a adaptação ao tratamento (Souza; Santos, 2024).

4. Considerações finais

Os resultados integrados nesta pesquisa evidenciam que o câncer de mama transcende a dimensão biológica e orgânica, configurando-se como um fenômeno de profundo impacto na integridade psicossocial e afetiva da mulher. O anúncio do diagnóstico atua como um evento potencialmente traumático que desencadeia reações imediatas de choque, medo e desorganização da rotina familiar e social. Além disso, as severas transformações corporais decorrentes dos tratamentos invasivos, como a mastectomia e a alopecia, deterioram a autoimagem e afetam diretamente a percepção da feminilidade e a vivência da sexualidade dessas pacientes.

Frente a essa realidade multidimensional, as estratégias de enfrentamento (coping) adotadas pelas pacientes desempenham um papel preditor decisivo na reabilitação. Os achados indicam que o sofrimento gerado pela patologia não culmina obrigatoriamente apenas em desfechos psíquicos negativos. Quando fundamentada em estratégias focadas no problema e de caráter instrumental, a elaboração cognitiva e comportamental da doença permite a ressignificação da experiência dolorosa, viabilizando o fenômeno do Crescimento Pós-Traumático (CPT) e o amadurecimento pessoal.

Paralelamente, a consolidação desse processo adaptativo saudável está diretamente vinculada à qualidade e à robustez das redes de suporte social e afetivo-amoroso. A família estabelece-se como o núcleo primordial de sustentação, provendo desde o auxílio material e informativo até o reforço empático essencial para motivar a paciente. No âmbito das intervenções terapêuticas, as estratégias de suporte grupal consolidam-se como ferramentas altamente eficientes de reabilitação psicossocial e compartilhamento de vivências.

Por fim, conclui-se que a atuação do psicólogo no contexto oncológico é indispensável e indissociável do tratamento médico. A inserção desse profissional desde o diagnóstico até a pós-reabilitação assegura um espaço de escuta qualificada e proteção contra agravos psiquiátricos severos, como a depressão e a ansiedade. Torna-se imperativo, portanto, o fortalecimento de políticas públicas e diretrizes hospitalares que promovam uma assistência integral, interdisciplinar e humanizada, garantindo que as mulheres acometidas pelo câncer de mama recebam o amparo necessário para preservar sua dignidade e qualidade de vida ao longo de todo o percurso terapêutico.

Referências

- ARRUDA, E. R. O impacto do suporte emocional no tratamento de doenças crônicas: um estudo sobre o câncer de mama. **Psicologia da Saúde**, v. 24, n. 3, p. 123-135, 2018.
- CARVALHO, Solange Sampaio; AQUINO, Leila Soares; SOUZA, Júlio César Pinto. O atendimento psicológico a pacientes mulheres com câncer de mama. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 95341-95352, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n10-152>.
- CORDEIRO, L. M. **Fragilidade e fatores associados em pacientes com câncer de mama em tratamento oncológico**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19 (1923–1925).
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GRIEP, R. H. *et al.* Construct validity of the Medical Outcomes Study social support scale adapted to Portuguese in the Pró-Saúde Study. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 3, p. 703-714, 2005.
- HASS, Silvia Abduch *et al.* Percepção da doença e enfrentamento em mulheres com câncer de mama. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, e323214, 2016.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Câncer de mama: informações sobre o câncer de mama**. Rio de Janeiro: INCA, 2022.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Outubro Rosa 2021**. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/>. Acesso em: 10 set. 2025.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Tratamento do câncer de mama**. Ministério da Saúde, 2022. Atualizado em: 5 mar. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-de-mama/acoes-de-controlado-cancer-de-mama/tratamento>. Acesso em: 28 ago. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER; FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O impacto psicológico do câncer de mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 67-76, 2005. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/121>. Acesso em: 28 ago. 2025.

KROENKE, C. H. *et al.* Social networks, social support, and survival after breast cancer diagnosis. **Journal of Clinical Oncology**, v. 24, n. 7, p. 1105-1111, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1200/JCO.2005.04.2846>.

MACIEL, Priscila Margarete Cardoso *et al.* Apoio Social de Mulheres com Câncer de Mama: Revisão Integrativa. In: Coletânea Internacional de Ciências da Saúde. v. 2. Goiânia: Editora Científica Digital, 2024.

NEVES, E. R. O impacto do suporte emocional no tratamento de doenças crônicas: um estudo sobre o câncer de mama. **Psicologia da Saúde**, v. 24, n. 3, p. 123-135, 2018.

PIMENTA, Lorrana Joely Tavares. Impactos psicológicos e desafios enfrentados por pacientes no diagnóstico do câncer de mama. *Revista Foco*, v. 17, n. 10, e6457, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n10-045>.

POWELL, R. A. *et al.* The effectiveness of psychological treatments in women with breast cancer: a systematic review and meta-analysis. **Psycho-Oncology**, v. 28, n. 12, p. 2397-2407, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7019270/>. Acesso em: 22 set. 2025.

SHERBOURNE, C. D.; STEWART, A. L. The MOS social support survey. **Social Science & Medicine**, v. 32, n. 6, p. 705-714, 1991.

SHELBY, R. A. *et al.* Optimism, social support, and adjustment in African American women with breast cancer. **Journal of Behavioral Medicine**, v. 31, n. 5, p. 433-444, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10865-008-9167-2>.

SILVA, D. da; LOPES, E. L.; BRAGA JÚNIOR, S. S. Pesquisa quantitativa: elementos, paradigmas e definições. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2014.

SOARES, R. G. Aspectos emocionais do câncer de mama. **Revista da Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 31-36, 2009.

SOUZA, Caroline de; SANTOS, Manoel Antônio dos. Significados atribuídos por mulheres com câncer de mama ao grupo de apoio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, e259618, p. 1-20, 2024.

TRETINE, Clarissa Marcelli; COELHO, Clara Cella de Arruda; CAMPOS, João Oliveira Cavalcante. Crescimento pós-traumático no câncer de mama: centralidade de eventos e coping. **Psico-USF**, v. 26, n. 3, p. 491-502, jul./set. 2021.

RECURSO LÚDICO NA PSICOLOGIA HOSPITALAR: ESTRATÉGIA NÃO FARMACOLÓGICA PARA DELIRIUM EM PESSOAS IDOSAS

Safira Duque Fernandes⁸⁸

Emanuelle Beatriz da Silva Castro⁸⁹

Resumo: Este estudo discute a atuação da psicologia hospitalar no cuidado com a pessoa idosa, com destaque para o delirium, que é uma condição frequente na hospitalização e está relacionada com prejuízos cognitivos e com desfechos clínicos mais severos. Trata-se de uma revisão bibliográfica, realizada por meio de pesquisa e análise de produções científicas. Os resultados mostram que o delirium possui vários aspectos que impactam no tempo de internação e na mortalidade. E se observa a importância de intervenções não farmacológicas, destacando o papel do psicólogo hospitalar e a apresentação do recurso em desenvolvimento intitulado “Despertar cognitivo”, para a prevenção de delirium, voltado para aspectos como a orientação alopsíquica, autopsíquica e temporal, percepção, memória, atenção e psicomotricidade.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; pessoa idosa; delirium.

1. Introdução

A indicação da palavra hospital origina-se do latim *hospitalis*, que significa “ser hospitaleiro”, acolhedor, adjetivo derivado do *hospes*, que se refere a hóspede, estrangeiro, conviva, viajante, aquele que dá agasalho, que hospeda. Assim, os termos “hospital” e “hospedale” surgiram do primitivo latim e se difundiram por diferentes países (LISBOA, 2002). E sob essa perspectiva, a Psicologia Hospitalar se consolida como um campo dedicado ao entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento. E mais do que focar em patologias psicossomáticas, essa especialidade aborda aspectos psicológicos de toda e qualquer doença (Simonetti, 2004).

Nesse contexto de assistência integral, a atenção à terceira idade se destaca, uma vez que as pessoas idosas são usuárias dos serviços de saúde, em uma frequência que vai aumentando conforme o avanço da idade (Häseler-Ouart *et al.*, 2021). Por ter uma maior prevalência de doenças crônicas e de fragilidade biológica nessa fase da vida, há uma maior frequência de demanda por cuidados intensivos. Quando se trata de internação hospitalar, pessoas idosas são duas vezes mais propensas a necessitar de hospitalização em comparação aos adultos de meia-idade (Centers for Disease Control and Prevention, 2022), o que demanda da psicologia hospitalar um olhar cuidadoso com as particularidades do envelhecimento e como isso impacta diretamente no emocional e na adaptação ao ambiente clínico.

⁸⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁸⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Esp. Em Psicologia Hospitalar.

Diante da alta vulnerabilidade dessa população no ambiente clínico, o delirium surge como uma das complicações mais frequentes durante a hospitalização. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-5-TR, 2023), é caracterizado por uma perturbação da atenção (i. e., capacidade reduzida para direcionar, focalizar, manter e mudar a atenção) acompanhada por uma consciência reduzida do ambiente. Essa instabilidade clínica age como um evento e uma série de consequências que culminam em um maior tempo de hospitalização e complicações clínicas, levando a um pior prognóstico (De Barros *et al.*, 2015; Silva, 2015).

Sendo o delirium uma das consequências da alteração da consciência compreendida como o estado de vigília, atenção ou alerta em que a maioria dos seres humanos funciona quando não está dormindo, ou um dos estágios reconhecidos do sono normal, dos quais a pessoa pode ser facilmente despertada (Walker, 1990), alterações essas que, quando afetadas, se manifestam em quadros como o delirium na população idosa. Ocorrem também alterações na função orientação, responsável por permitir ao indivíduo situar-se em relação a si próprio e ao mundo, no tempo e no espaço (Nogueira, 2016); percepção é definida como o conjunto de processos ativos pelos quais selecionamos, reconhecemos, organizamos e interpretamos as sensações (Nogueira, 2016); memória é como a consolidação e recuperação desse conhecimento adquirido (Bear; Connors; Paradiso, 2002); e a atenção, atividade psíquica da cognição integrada, que produz o fenômeno da concentração sobre determinados estímulos experimentados (Nogueira, 2016).

Além disso, as complicações do delirium envolvem diversos fatores, gerados por uma interação entre a vulnerabilidade dos pacientes e fatores externos, já as causas precipitantes de delirium incluem doenças sistêmicas (infecções, desidratação, traumatismos, hipotermia ou hipertermia), doenças primárias do sistema nervoso central (infecções, convulsões), abstinência alcoólica ou abstinência de substâncias, hospitalização prolongada, privação do sono, utilização de restrições físicas, dor ou cirurgias (Wilber; Ondrejka, 2016). E para o psicólogo hospitalar é fundamental observar esses sinais e sintomas para contribuir de forma positiva para a melhora desse sofrimento psíquico do paciente hospitalizado.

Estudos mostram que o manejo não farmacológico é uma forma de prevenção muito importante em casos de delirium por meio de medidas ambientais e de suporte, incluindo intervenções lúdicas, que promovem a estimulação cognitiva e a satisfação emocional dos pacientes, pois o lúdico é uma atividade que fornece bem-estar e prazer ao realizá-la, e proporciona alegria e descontração, principalmente por ser uma atividade livre e espontânea, permitindo ao mesmo tempo momentos de desenvolvimento, conhecimento e aprendizagem (Foltran; Oliveira, 2020). Outros métodos podem ser utilizados dependendo da demanda clínica, como o uso de fármacos, que pode ser posteriormente adotado, se necessário, como parte de uma abordagem multicomponente (Robinson; Eiseman, 2008; Hipp; Ely, 2012).

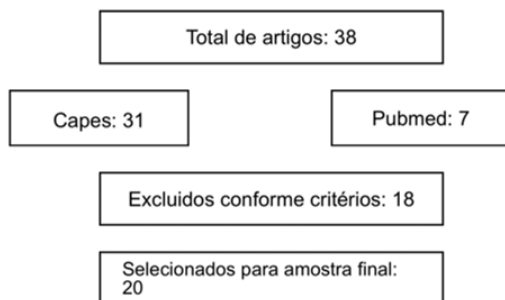
Segundo Morandi *et al.* (2019), o tratamento do delirium deve se basear em uma abordagem interdisciplinar e multidimensional, envolvendo diferentes profissionais de saúde. O que implica a integração de estratégias que contemplem não apenas o controle dos sintomas, mas também a reorientação do paciente, a adaptação do âmbito hospitalar, promovendo um cuidado maior, contínuo e que se adapta à necessidade de cada indivíduo.

Assim, visando aplicar as evidências de manejo não farmacológico na prática da Psicologia Hospitalar, este trabalho propõe o desenvolvimento de um recurso terapêutico para pessoas idosas, levando em conta as necessidades no contexto hospitalar, buscando a prevenção e promoção de cuidados relacionados ao delirium, bem como o levantamento teórico acerca da utilização de recursos terapêuticos com o público de pessoas idosas.

2. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, a partir do levantamento e análise de produções científicas relacionadas ao tema proposto e, para a sua realização, foram seguidas as seguintes etapas: delimitação do tema da pesquisa, a definição dos critérios de inclusão e exclusão, a estruturação dos dados coletados, fazendo assim a análise dos materiais definidos, de modo a possibilitar uma maior compreensão sobre o tema estudado.

Figura 1 - Fluxograma de seleção dos artigos.



Fonte: Próprio autor.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos disponíveis de forma on-line, publicados em português e inglês, que abordassem temáticas relacionadas à psicologia hospitalar, pessoa idosa, delirium e intervenções não farmacológicas, contemplando diferentes tipos de produção científica, como artigos, livros e trabalhos acadêmicos, também foram priorizados materiais que apresentassem contribuições relevantes para a compreensão do tema proposto, incluindo tanto pesquisas recentes quanto produções anteriores relevantes para a fundamentação teórica do tema. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados materiais que não apresentavam relação direta com a temática da pesquisa, que não contribuíam de forma significativa para a discussão proposta.

Para além dos artigos científicos selecionados, também foram utilizados outros materiais com o objetivo de ampliar a fundamentação teórica do estudo, incluindo 1 manual diagnóstico (DSM-5-TR), 5 livros, 2 dissertações, 1 tese e 1 resolução do Conselho Federal de Psicologia. Esses materiais contribuíram para uma compreensão mais abrangente do tema, permitindo um aprofundamento teórico sobre os aspectos abordados na pesquisa.

3. Resultados e discussão

De acordo com a definição do órgão que rege o exercício profissional do psicólogo no Brasil, o CFP (2003), o psicólogo especialista em Psicologia Hospitalar tem sua função centrada nos âmbitos de atenção à saúde, onde atua fazendo atendimento psicoterapêutico, grupos psicoterapêuticos, atendimentos em ambulatório e unidade de terapia intensiva, pronto atendimento, enfermarias em geral, psicomotricidade no contexto hospitalar, avaliação diagnóstica, psicodiagnóstico, consultoria e interconsultoria (Castro; Bornholdt, 2004). Atuando com diversas faixas etárias ao longo do ciclo de vida, o que inclui também a população de pessoas idosas, que têm demandas particulares que estão relacionadas ao processo de envelhecimento, às circunstâncias de saúde e aos fatores emocionais ligados a esse cenário.

No Brasil, a pessoa idosa é aquela que tem 60 ou mais anos de vida. Essa população vem aumentando de forma acelerada e, atualmente, o País conta com mais de 30,2 milhões de idosos, o que representa 14,6% da população (IBGE, 2018). A queda das taxas de fecundidade e o aumento da expectativa de vida, decorrentes de melhorias nos cuidados de saúde e nas condições socioeconômicas, resultaram em um rápido envelhecimento da população no Brasil, fenômeno esse que traz consigo mudanças significativas nas capacidades e necessidades da população, afetando diversos aspectos da vida social e econômica (Mrején; Nunes; Giacomini, 2023), bem como está associado ao aumento da carga de doenças crônicas não transmissíveis, que afetam desproporcionalmente a população mais idosa (Norton, 2016).

De modo geral, o delirium é uma condição frequente nas pessoas idosas, sendo que ele representa o distúrbio cognitivo agudo mais comum nestes indivíduos, principalmente no âmbito hospitalar (Igliseder; Frühwald; Jagsch, 2022). E diante desse cenário de envelhecimento populacional e do aumento das demandas por cuidados em saúde, se torna crucial entender as alterações cognitivas e os comprometimentos causados à consciência, alterações essas que, quando afetadas, se manifestam em quadros como o delirium na população idosa.

Logo, o delirium se caracteriza como uma forma de disfunção cerebral aguda que se manifesta por alterações na atenção e comprometimento da função cognitiva, frequentemente de forma flutuante (Mart *et al.*, 2021), podendo afetar pacientes de qualquer idade, uma vez que possui origem multifatorial (Tomlinson *et al.*, 2016). Esse quadro pode ser classificado em três subtipos, de acordo com a atividade psicomotora e o nível de vigília: o hi-

perativo, caracterizado por agitação e estado de hiperalerta, com maior risco de quedas, o hipoativo, marcado por lentidão e rebaixamento da consciência, e o misto, que apresenta características flutuantes entre os dois anteriores (Legrand, 2012).

Apesar de a eventualidade entre delírio e mortalidade não ser estabelecida, pacientes criticamente doentes que desenvolvem delírio têm até 3 vezes mais chances de morrer em 6 meses do que aqueles que não desenvolvem (Ely *et al.*, 2004), com cada dia a mais de delírio sendo ligado a um aumento de 10% no risco de morte (Pisani *et al.*, 2009).

No manejo do delirium, as intervenções não farmacológicas têm sido consideradas a estratégia de primeira linha (Fong *et al.*, 2009), e o lúdico pode ser um instrumento não farmacológico que pode auxiliar na prevenção e promoção de cuidados associados ao delirium. A palavra lúdico se origina da palavra Ludus, do latim, que significa alegria e liberdade, abrangendo os jogos infantis e teatrais, referindo-se a brinquedo, jogo, divertimento e passatempo (Sanchez, 2007). Winnicott destaca a importância do brincar na fase adulta, pois é no brincar e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral (Winnicott, 1975). E na atividade lúdica, o sujeito precisa estar alerta mentalmente para que a atividade de criação e produção cognitiva seja considerável, mas ao mesmo tempo ela é uma atividade leve, prazerosa e natural (Foltran; Oliveira, 2020), o que mostra seu potencial enquanto estratégia que, além de acessível, auxilia na manutenção das funções cognitivas no âmbito hospitalar.

Com isso, e entendendo a importância do lúdico para a estimulação do cognitivo, propõe-se a criação de um recurso terapêutico intitulado “Despertar Cognitivo”, no qual o instrumento consiste em um conjunto de cartas desenvolvidas para uma intervenção dinâmica que pode ser feita em vários ambientes, focando na reabilitação integral das funções cognitivas afetadas pelo delirium.

No qual proposta da aplicação do recurso inclui a organização das cartas em um mini mural, onde o psicólogo vai poder mostrar as imagens ou desenhos e aplicá-las como mediadoras do processo terapêuticos, utilizando perguntas direcionadas para a estimulação do paciente, e esses questionamentos serão voltados para aspectos como a orientação alopsíquica, autopsíquica e temporal, percepção, memória e atenção, além da psicomotricidade, uma vez que ela trabalha orientação espacial e temporal, lateralidade, estruturação, coordenação motora, percepção auditiva, visuais, táteis e sinestésicas, no intuito de desenvolver agilidade, mobilidade, flexibilidade, resistência, bem como equilíbrio para as pessoas idosas, potencializando a ativação cognitiva do paciente de forma gradual e acessível (Guedes; Araújo; Feitosa, 2021).

As cartas apresentam estímulos visuais que ajudarão na interação do paciente com o ambiente, possibilitando que o profissional consiga conduzir a intervenção de maneira estruturada, porém flexível, e durante a aplicação,

o psicólogo pode apontar para as imagens presentes no mural e incentivar o paciente a descrever, identificar e associar a sua realidade, promovendo assim uma participação ativa e o maior engajamento do paciente durante o processo, além disso, as cartas podem ser adaptadas conforme a demanda e condições clínicas de cada pessoa, podendo fazer modificações na carta conforme as necessidades.

Por se tratar de um recurso flexível e lúdico, “Despertar Cognitivo” possibilitará a personalização das atividades, sempre considerando as potencialidades e limitações de cada indivíduo, auxiliando como um suporte terapêutico planejado para reduzir ou prevenir a confusão mental e também impulsionando a pessoa idosa a se manter mais consciente, orientado e participativo ao longo do tempo na hospitalização, e com isso o recurso também contribuirá para humanização do cuidado e ainda promove o vínculo terapêutico mais significativo entre o paciente e o profissional. Outro aspecto importante sobre o recurso é o fato de que ele poderá ser utilizado em vários ambientes, podendo ser adaptado tanto para pacientes mais responsivos quanto para aqueles com um maior comprometimento cognitivo, assim respeitando o ritmo e a subjetividade de cada paciente. Com isso, o recurso se mostra como uma ferramenta em potencial para estimulação cognitiva, auxiliando de forma humanizada, integral e compatível com as necessidades de cada pessoa, diminuindo o tempo de internação e a mortalidade.

4. Considerações finais

Observa-se que o processo de envelhecimento populacional tem gerado efeitos significativos nos serviços de saúde, demandando uma expansão nas estratégias de cuidado voltadas às necessidades particulares da pessoa idosa, principalmente no ambiente hospitalar, onde se percebe que alterações cognitivas, como o delirium, se caracterizam como grandes desafios clínicos, considerando que estão relacionadas a um maior tempo de internação e ao aumento da mortalidade.

A partir disso, se torna essencial a utilização de intervenções que vão além do modelo exclusivamente biomédico, incluindo abordagens não farmacológicas que promovam a integralidade do cuidado e, com isso, a atuação do psicólogo hospitalar se sobressai com um papel fundamental, tanto para o entendimento dos aspectos emocionais e cognitivos relacionados quanto para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas que incentivem a orientação, a consciência e o engajamento do paciente.

Dessa forma, o recurso “Despertar cognitivo” se apresenta como um projeto relevante e em desenvolvimento que, ao reunir o lúdico e a estimulação cognitiva, apresenta outro aspecto importante: a sua adaptabilidade ao ambiente, contribuindo para a prevenção e redução dos sintomas de delirium. E destaca-se que a utilização de recursos terapêuticos de natureza lúdica no ambiente hospitalar não só contribui para a estimulação cognitiva, como também beneficia o cuidado para com a pessoa idosa, sempre considerando

o sujeito em sua totalidade, com intervenções que valorizem as capacidades desse indivíduo, impulsionando assim um cuidado mais sensível e centrado no paciente, e sendo aplicado no meio hospitalar, onde muitas vezes é marcado por rotinas rígidas e com uma baixa estimulação, isso pode ser ressignificado por meio de práticas que promovam a participação ativa da pessoa em seu processo de cuidado.

Evidencia-se que a aplicação de intervenções não farmacológicas no âmbito hospitalar necessita de uma atuação interdisciplinar, onde o psicólogo, trabalha em conjunto com outros profissionais de saúde, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias que levem em conta a subjetividade de cada paciente, fazendo o uso de recursos terapêuticos estruturados, como o apresentado nesse estudo, que não só favorece a estimulação cognitiva, mas também faz a manutenção da orientação, consciência e da interação com o meio, componentes fundamentais para a prevenção e o manejo do delirium, pois ao incorporar componentes lúdicos e psicomotores, com grandes possibilidades de um maior engajamento do paciente, promovendo uma maior adesão ao cuidado e colaborando para a diminuição de problemas ligados ao quadro clínico.

Em síntese, a elaboração de novas pesquisas que analisem a eficácia de intervenções dessa categoria, como também, o aumento da produção científica sobre o delirium, assim expandindo os conhecimentos sobre o campo da psicologia hospitalar, buscando sempre aprofundar o entendimento sobre os impactos de recursos terapêuticos, principalmente aqueles que integram componentes lúdicos e psicomotores e que considerem suas contribuições para a prevenção e manejo e uma possível redução da ocorrência do delirium no ambiente hospitalar, reforçando a necessidade de estratégias que promovam a autonomia e a valorização do paciente como sujeito ativo em seu processo de cuidado.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARROS, Marcia Abath Aires de *et al.* Delirium em idosos em unidades de terapia intensiva: revisão integrativa da literatura. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2738-2748, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750947033.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.

BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. **Neurociências: Desvendando o sistema nervoso**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia prático para o cuidado da pessoa idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://bvsmms>.

saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_cuidados_pessoa_idosa.pdf. Acesso em: 21 abr. 2026.

CASTRO, E. K.; BORNHOLDT, E. Psicologia da Saúde versus Psicologia Hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 48-57, set. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300007>. Acesso em: 21 abr. 2026.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Persons with hospital stays in past year by age U.S.** 1997–2019. [S. l.]: CDC, 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/185101/persons-with-hospital-stays-in-the-past-year-by-age-since-1997>. Acesso em: 21 abr. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução CFP nº 02/2001**. Define e regulamenta as atribuições do psicólogo especialista em Psicologia Hospitalar. Brasília: CFP, 2003.

ELY, E. W. *et al.* Delirium as a predictor of mortality in mechanically ventilated patients in the intensive care unit. **JAMA**, 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15082703/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

FOLTRAN, Elenice Parise; DA SILVA OLIVEIRA, Rita de Cássia. A presença do lúdico na vida do idoso. **Faculdade Sant’Ana em Revista**, v. 4, n. 1, p. 30-52, 2020. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/1736/741>. Acesso em: 21 abr. 2026

FONG, T. G.; TULEBAEV, S. R.; INOUE, S. K. Delirium em idosos: diagnóstico, prevenção e tratamento. **Nature Reviews Neurology**, v. 5, p. 210-220, 2009. Acesso em: 21 abr. 2026. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3065676/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

GUEDES, Paulo Henrique Bezerra; ARAÚJO, Angélica Barros; FEITOSA, Amanda de Oliveira. A importância da estimulação psicomotora no processo de envelhecimento: uma revisão integrativa da literatura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 8., 2021, Campina Grande. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77443r>. Acesso em: 20 abr. 2026.

HÄSELER-OUART, K.; AREFIAN, H.; HARTMANN, M.; KWETKAT, A. Geriatric assessment for older adults admitted to the emergency department: a systematic review and meta-analysis. **Experimental Gerontology**, [s. l.], v. 144, p. 111184, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.exger.2020.111184>. Acesso em: 21 abr. 2026.

IGLSEDER, B.; FRÜHWALD, T.; JAGSCH, C. Delirium in geriatric patients. **Wien Med Wochenschr**, v.172, p. 114–121, 2022. Disponível em: <https://>

link.springer.com/article/10.1007/s10354-021-00904-z. Acesso em: 20 abr. 2026.

LEGRAND SB. Delirium in palliative medicine: a review. **J Pain Symptom Manag**. 2012;44:583-94. Disponível em: [https://www.jpmsjournal.com/article/S0885-3924\(12\)00122-4/fulltext](https://www.jpmsjournal.com/article/S0885-3924(12)00122-4/fulltext). Acesso em: 21 abr. 2026.

LISBOA, Teresinha Covas. **Breve História dos Hospitais**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/826955600/Breve-Historia-dos-Hospitais>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MART, M. F. *et al.* Prevention and Management of Delirium in the Intensive Care Unit. **Seminars in Respiratory and Critical Care Medicine**, v. 42, n. 1, p. 112-126, fev. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32746469/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MORANDI, A. *et al.* An interdisciplinary statement from scientific societies for the advancement of delirium care across Europe (EDA, EANS, EUGMS, COTEC, IPTOP/WCPT). **BMC Geriatrics**, v. 19, n. 1, p. 253, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31510941/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MREJEN, M.; NUNES, L.; GIACOMIN, K. **Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: o Brasil está preparado?** [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Estudo_Institucional_IEPS_10.pdf. Acesso em: 21 abr. 2026.

NOGUEIRA, Marcos de Jesus. **Exame das funções mentais: um guia**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2016. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2026.

NORTON, E.C. 2016. **Health and Long-Term Care**. Em Handbook of the Economics of Population Aging, 1:951–989. Elsevier. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/chapter/handbook/abs/pii/S2212007616300050>. Acesso em: 21 abr. 2026.

PIRES, Emmy Uehara. **Ontogênese das funções cognitivas: uma abordagem neuropsicológica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35595/35595_5.PDF. Acesso em: 20 abr. 2026.

PISANI, M. A. *et al.* **Days of delirium are associated with 1-year mortality in an older intensive care unit population**. 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19745202/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

ROBINSON, T. N.; EISEMAN, B. Postoperative delirium in the elderly: diagnosis and management. **Clinical Interventions in Aging**, v. 3, n. 2, p. 351-355, 2008. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2546478/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

SILVA, Thiago Junqueira Avelino da. **Delirium em idosos hospitalizados: análise de características clínicas e prognóstico**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5169/tde-20042016-143404/publico/ThiagoJunqueiraAvelinodaSilvaVersaoCorrigida.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.

SANCHEZ, E. de O. **Lúdico e experiência formativa: convenções ideológicas e emancipação social**. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

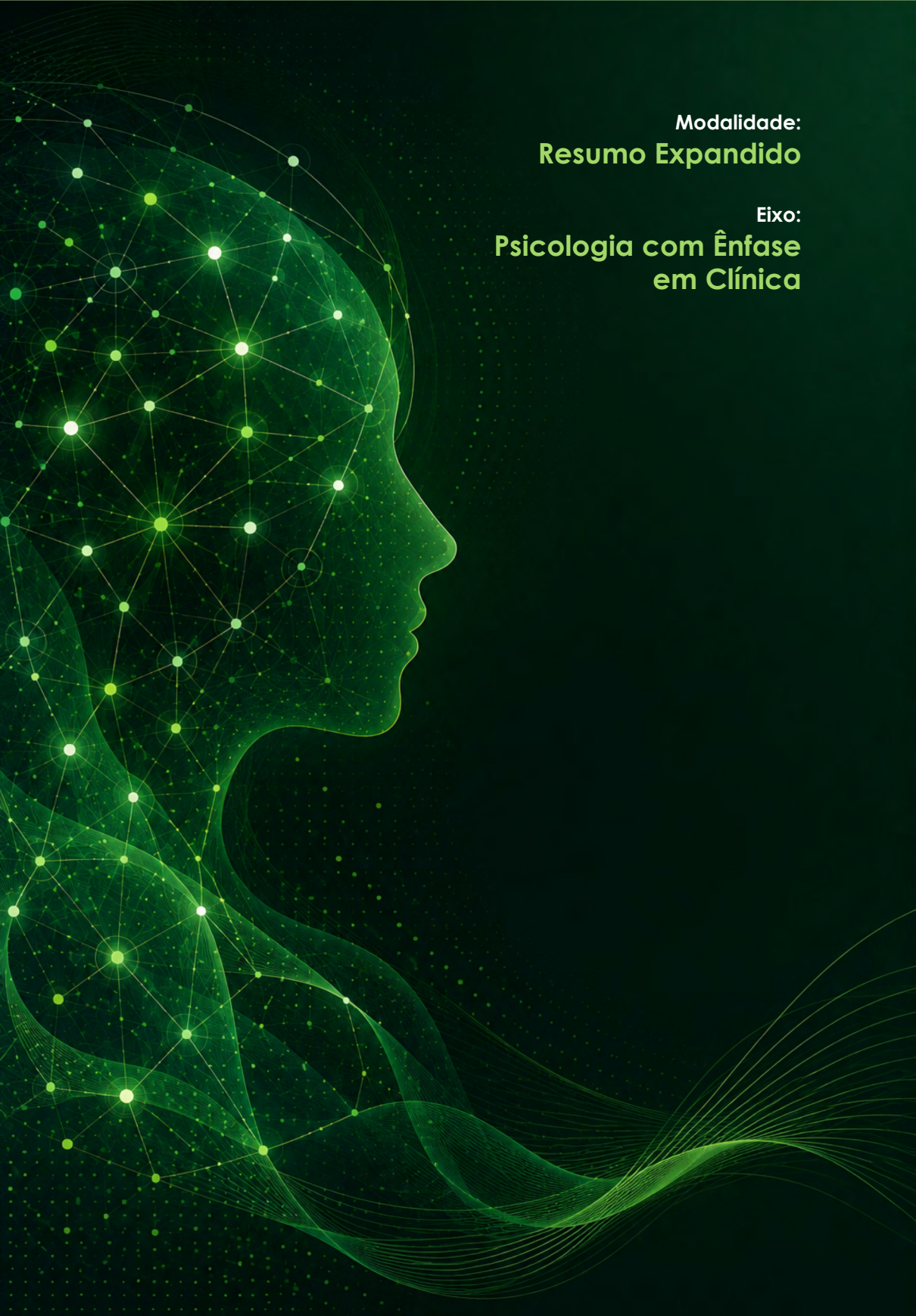
SIMONETTI, Alfredo. **Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Disponível em: https://oitavaturmadepsicofm.wordpress.com/wpcontent/uploads/2018/03/livro_manual_de_psicologia_hospitalar.pdf. Acesso em: 21 abr. 2026.

TOMLINSON, Emily *et al.* Delirium. **Australian Nursing and Midwifery Journal**, v. 24, n. 3, p. 22, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321883731_DELIRIUM. Acesso em: 21 abr. 2026.

WALKER HK, HALL WD, HURST JW, editors. **Clinical Methods: The History, Physical, and Laboratory Examinations**. 3rd ed. Boston: Butterworths; 1990. PMID: 21250045. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21250045/>. Acesso em: 20 abr. 2026.

WILBER, S. T.; ONDREJKA, J. E. Altered Mental Status and Delirium. **Emergency Medicine Clinics of North America**, v. 34, n. 3, p. 649-665, ago. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27475019/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/341981909/livro-O-Brincar-e-a-Realidade-D-W-Winnicott-1975-pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.



Modalidade:
Resumo Expandido

Eixo:
**Psicologia com Ênfase
em Clínica**

A MÃE AUSENTE E O EU EM RECONSTRUÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS MARCAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA MASTECTOMIA

Fernanda Sousa Ribeiro⁹⁰

Lucélia de Jesus Amaral Jati⁹¹

Resumo: A mastectomia e seus impactos subjetivos constituem tema relevante para a Psicologia e para a saúde integral da mulher. O objetivo deste estudo foi refletir sobre repercussões emocionais, identitárias e simbólicas decorrentes da retirada da mama, com ênfase nas contribuições da Psicologia e da Psicanálise. Trata-se de relato de experiência associado à revisão de literatura, utilizando livros, artigos científicos e produções acadêmicas. Os materiais foram rastreados por palavras-chave em bases digitais especializadas. Percebe-se que a mastectomia pode mobilizar luto, fragilização da autoestima, conflitos na imagem corporal e desafios à feminilidade, ao mesmo tempo em que possibilita ressignificação e reconstrução subjetiva. Conclui-se que o cuidado psicológico permanente favorece elaboração psíquica, acolhimento e qualidade de vida.

Palavras-chave: mastectomia; psicologia; psicanálise; imagem corporal; luto.

1. Introdução

O câncer de mama representa uma das neoplasias de maior incidência entre mulheres em todo o mundo, configurando-se como relevante problema de saúde pública. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2023), a doença apresenta elevada ocorrência e, em muitos casos, requer intervenções terapêuticas invasivas, entre elas a mastectomia. Embora esse procedimento cirúrgico tenha como finalidade o tratamento e o controle clínico da enfermidade, seus impactos ultrapassam a dimensão biológica, alcançando aspectos psicológicos, sociais e subjetivos da experiência feminina.

A retirada da mama repercute diretamente na imagem corporal da mulher, visto que esse órgão ocupa lugar simbólico central na cultura e na construção social da feminilidade. Historicamente, especialmente na modernidade, a mama passou a ser associada à maternidade, à sexualidade e à identidade feminina, consolidando-se como importante marcador identitário do corpo da mulher (Vigarelo, 2006; Del Priore, 2000). Desse modo, a mastectomia não representa apenas uma alteração física, mas também uma experiência atravessada por significados emocionais e identitários.

Estudos recentes indicam que mulheres submetidas à mastectomia

⁹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

frequentemente apresentam sofrimento relacionado à autoimagem, sentimentos de luto, fragilidade e estranhamento corporal, sobretudo no período pós-cirúrgico (Erden; Celik; Karakurt, 2025). Em investigação qualitativa, participantes relataram dificuldades em reconhecer-se diante do espelho, bem como sensação de ruptura com a imagem corporal anteriormente construída.

Tais achados evidenciam impactos na autoestima, na percepção do próprio corpo e nas relações interpessoais, conforme também apontado por outras pesquisas (Fang *et al.*, 2013; Helgeson; Cohen, 1996). Além disso, a reconstrução da relação com o próprio corpo não ocorre de forma imediata, sendo marcada por estranhamentos, tentativas de ressignificação e elaboração psíquica da perda. Deste modo, a experiência não se limita ao ato cirúrgico, mas se estende no tempo, exigindo contínuo processo de reconstrução subjetiva.

Sob a perspectiva psicanalítica, o corpo não é compreendido apenas como um organismo biológico, mas como um corpo investido de significações simbólicas e afetivas. Freud (1914/2010), ao abordar o narcisismo, destaca que o investimento libidinal no próprio corpo constitui elemento fundamental na constituição da imagem de si e na organização da autoestima. Dessa forma, modificações corporais significativas podem produzir abalos narcísicos importantes.

Nessa mesma direção, Dolto (1984) compreende o corpo como dimensão simbólica atravessada pela história emocional do sujeito, enquanto Anzieu (1989), ao desenvolver o conceito de “Eu-pele”, enfatiza a relevância dos limites corporais para a constituição do sentimento de identidade. Ademais, a retirada da mama pode mobilizar processos de luto, conforme discutido por Freud (1917/2011), ao envolver a perda de um objeto investido de valor afetivo e simbólico.

Diante dessas considerações, torna-se crucial compreender os impactos psicológicos da mastectomia feminina sob a ótica psicanalítica, considerando que tal experiência não se restringe ao campo médico, mas envolve profundas repercussões subjetivas na relação da mulher com seu corpo, sua identidade e sua feminilidade. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre as marcas visíveis e invisíveis da mastectomia, a partir de um relato de experiência articulado à teoria psicanalítica, buscando compreender os processos subjetivos implicados na reconstrução do eu após a perda da mama.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e descritivo-reflexivos, desenvolvida por meio de relato de experiência associado à revisão bibliográfica narrativa. A escolha da abordagem qualitativa justifica-se por sua adequação à compreensão de fenômenos subjetivos, experiências vividas, sentidos atribuídos ao adoecimento e processos emocionais que não podem

ser apreendidos exclusivamente por métodos quantitativos (Minayo, 2014; Flick, 2013). Nesse sentido, tal delineamento mostrou-se pertinente para analisar os impactos psíquicos da mastectomia feminina, especialmente no que se refere à imagem corporal, à feminilidade e à reconstrução identitária.

Quanto à natureza, trata-se de pesquisa aplicada, pois busca produzir reflexões úteis ao campo da Psicologia e da saúde, contribuindo para práticas de cuidado voltadas às mulheres submetidas ao tratamento cirúrgico do câncer de mama (Gil, 2022). Possui caráter exploratório por abordar fenômeno complexo que demanda aprofundamento interpretativo e descritivo-reflexivo por buscar compreender e sistematizar vivências relacionadas à experiência da mastectomia.

O relato de experiência foi adotado como estratégia metodológica por possibilitar a transformação crítica de vivências concretas em conhecimento científico, articulando experiência, reflexão e fundamentação teórica. Conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), essa modalidade ultrapassa a simples descrição de fatos, exigindo análise contextualizada e problematização dos fenômenos observados. No presente estudo, o material empírico decorreu de experiências vividas e da convivência com mulheres submetidas à mastectomia em decorrência do câncer de mama, em contextos cotidianos e relacionais, a partir de escutas espontâneas, diálogos informais e observação sensível de narrativas sobre o processo de adoecimento e reabilitação.

Para sustentação teórica das análises, realizou-se revisão bibliográfica narrativa nas bases SciELO, PubMed, Google Acadêmico, PePSIC e Portal de Periódicos CAPES, utilizando descritores como “câncer de mama”, “mastectomia”, “imagem corporal”, “feminilidade”, “psicanálise”, “breast cancer”, “mastectomy” e “body image”. Foram incluídos artigos científicos indexados, livros, dissertações e teses disponíveis na íntegra, em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, priorizando-se produções dos últimos dez anos, sem prejuízo da utilização de obras clássicas indispensáveis ao referencial psicanalítico. Excluíram-se textos duplicados, materiais sem relação direta com o objeto investigado, estudos exclusivamente biomédicos sem interface psicológica e publicações sem rigor científico reconhecido.

No que se refere aos aspectos éticos, este estudo observou os princípios das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Contudo, por se tratar de relato de experiência associado à revisão bibliográfica, não se configura como pesquisa de campo, pois não houve recrutamento de participantes, entrevistas formais, aplicação de questionários ou coleta direta de dados primários. As reflexões resultam da sistematização crítica de vivências previamente ocorridas, preservando-se sigilo, anonimato, responsabilidade científica e cuidado ético na exposição das experiências relatadas. Assim, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

A análise dos dados foi realizada por meio de leitura interpretativa e análise temática, técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas

para identificação de núcleos de sentido recorrentes (MINAYO, 2014). A partir das narrativas e experiências sistematizadas, emergiram categorias centrais relacionadas às vivências emocionais no pré- e pós-operatório, alterações na imagem corporal, sentimentos de estranhamento de si, processos de luto pela perda da mama, fragilidade narcísica, reconstrução identitária, ressignificação da cicatriz e importância das redes de apoio e do acolhimento psicológico. Posteriormente, tais categorias foram articuladas ao referencial psicanalítico, especialmente às contribuições de Freud (1914/2010; 1917/2011), Dolto (1984) e Anzieu (1989), permitindo compreender a dimensão simbólica do corpo e os processos subjetivos implicados na experiência da mastectomia.

3. Resultados e discussão

A sistematização das experiências e narrativas emergentes da convivência com mulheres submetidas à mastectomia identificou que a mastectomia repercute para além da dimensão biomédica do tratamento, alcançando aspectos emocionais, simbólicos e identitários. Tal achado converge com a literatura que compreende o câncer de mama e seu tratamento cirúrgico como experiências potencialmente desorganizadoras do ponto de vista psíquico, uma vez que envolvem ameaça à vida e alterações significativas na imagem corporal (Fang *et al.*, 2013; Erden; Celik; Karakurt, 2025).

Nas narrativas analisadas, observou-se que o sofrimento psíquico pode emergir ainda no período anterior à cirurgia, marcado por medo, ansiedade e angústia diante da antecipação da perda. A possibilidade da mutilação corporal tende a ser vivida como ameaça à integridade física e subjetiva. Esse achado dialoga com Helgeson e Cohen (1996), ao indicarem que o diagnóstico e o pré-operatório frequentemente desencadeiam elevados níveis de ansiedade, sobretudo quando a mama é simbolicamente associada à sexualidade, à maternidade e ao reconhecimento social.

No período pós-cirúrgico, destacaram-se sentimentos de tristeza, fragilidade e ambivalência emocional. Em diferentes relatos, coexistem o alívio pela retirada do tumor e a dor pela perda corporal. Sob a perspectiva psicanalítica, Freud (1917/2011) compreende o luto como reação frente à perda de um objeto investido de valor afetivo. No contexto da mastectomia, tal elaboração torna-se singular por envolver a perda de uma parte do próprio corpo, o que pode intensificar vivências de estranhamento, descontinuidade subjetiva e sensação de incompletude. Quando não há suporte emocional adequado, esse sofrimento pode se agravar, aproximando-se de estados melancólicos, marcados por autodesvalorização e rebaixamento do humor (Freud, 1914/2010; 1924).

Outro aspecto recorrente refere-se às repercussões na imagem corporal. Diversas mulheres relataram dificuldade de reconhecer-se no espelho, vergonha do próprio corpo e sensação de não serem mais as mesmas. Resultados semelhantes foram descritos por Erden, Celik e Karakurt (2025), que

identificaram ruptura na percepção corporal após a mastectomia. Tais dados evidenciam que a imagem corporal não se restringe à aparência física, mas envolve a representação subjetiva de si e a continuidade identitária.

Freud (1914/2010), ao discutir o narcisismo, destaca que o corpo constitui importante alvo do investimento libidinal, estando diretamente relacionado à autoestima e à imagem de si. Assim, alterações corporais abruptas podem fragilizar esse investimento narcísico, gerando sentimento de perda de valor pessoal. Em consonância, Dolto (1984) afirma que o corpo é também construção simbólica, atravessada pela história emocional do sujeito. Nesse sentido, a perda de um órgão culturalmente associado à feminilidade pode mobilizar conflitos ligados à identidade feminina e ao lugar ocupado pela mulher em suas relações afetivas e sociais.

As narrativas evidenciaram que a cicatriz cirúrgica ocupa lugar simbólico ambivalente, sendo inicialmente associada à mutilação, ao adoecimento e à vergonha. Com o tempo, porém, algumas mulheres passaram a ressignificá-la como marca de sobrevivência, resistência e superação. Esse movimento demonstra que os sentidos atribuídos ao corpo podem ser transformados ao longo da elaboração subjetiva. Além disso, observaram-se importantes processos de reconstrução psíquica, nos quais a nova imagem corporal foi gradualmente integrada à identidade feminina. Tal percurso, marcado por avanços e recuos, também é descrito na literatura sobre adaptação psicossocial ao câncer de mama (Fang *et al.*, 2013).

As redes de apoio revelaram-se fundamentais nesse processo. O suporte familiar, os vínculos de amizade e o contato com outras mulheres que vivenciaram experiências semelhantes favoreceram a elaboração emocional e reduziram sentimentos de isolamento. Helgeson e Cohen (1996) destacam que o apoio social atua como importante fator protetivo, contribuindo para melhor adaptação psicológica ao adoecimento. Além disso, a escuta psicológica mostrou-se elemento central na ressignificação da experiência. A possibilidade de narrar a própria dor, simbolizar perdas e elaborar sentimentos favorece a integração do sofrimento à história de vida. Na psicanálise, o espaço de fala e acolhimento amplia recursos subjetivos para o enfrentamento da experiência traumática (Pereira; Braga, 2016; Zimerman, 2008).

De modo geral, compreende-se que a mastectomia pode mobilizar processos de luto, fragilização narcísica e questionamentos identitários, ao mesmo tempo em que possibilita movimentos de ressignificação e reconstrução do eu. Tais achados reforçam a importância de práticas de cuidado integral que articulem tratamento médico, suporte psicológico e atenção às singularidades subjetivas das mulheres submetidas à mastectomia.

4. Considerações finais

A presente reflexão permitiu compreender que a mastectomia constitui uma experiência que ultrapassa a dimensão biomédica do tratamento, alcançando aspectos emocionais, simbólicos e identitários. As narrativas analisa-

das evidenciaram que a retirada da mama pode mobilizar vivências de perda, estranhamento e fragilidade, especialmente diante das alterações na imagem corporal e de seus impactos sobre a feminilidade e a percepção de si. Ao mesmo tempo, observou-se que, ao longo do tempo, também podem emergir movimentos de resignificação e reconstrução subjetiva, possibilitando novas formas de relação com o corpo e com a própria identidade.

Constatou-se, ainda, que esse processo não ocorre de maneira linear, sendo marcado por avanços, recuos e diferentes modos de enfrentamento. Nesse percurso, as redes de apoio afetivo, social e profissional mostraram-se fundamentais, assim como os espaços de escuta qualificada, capazes de favorecer a elaboração emocional e a atribuição de novos sentidos à experiência vivida.

Nesse contexto, destaca-se a relevância da Psicologia como campo essencial no cuidado integral à mulher mastectomizada, ao possibilitar intervenções voltadas ao acolhimento do sofrimento psíquico, fortalecimento da autoestima, enfrentamento das mudanças corporais e promoção da qualidade de vida. A atuação psicológica contribui para que a mulher encontre recursos emocionais para lidar com o adoecimento e reorganizar sua trajetória existencial diante das perdas impostas pelo tratamento.

De modo específico, a Psicanálise apresenta importante contribuição ao compreender que o corpo não se reduz à dimensão orgânica, sendo também marcado por significados inconscientes, afetivos e relacionais. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender como a mastectomia pode repercutir no narcisismo, nos processos de luto, na feminilidade e na identidade subjetiva. Além disso, o setting terapêutico oferece espaço privilegiado de fala e escuta, no qual a mulher pode simbolizar a dor, elaborar conflitos e reconstruir sentidos para sua história e para seu corpo transformado.

Do ponto de vista acadêmico e científico, este estudo amplia as discussões interdisciplinares entre Psicologia, Psicanálise e saúde da mulher, reforçando a importância de pesquisas qualitativas e de relatos de experiência na compreensão de fenômenos subjetivos complexos. Socialmente, evidencia a necessidade de políticas e práticas de saúde mais humanizadas, que considerem não apenas a cura orgânica, mas também a saúde mental, a dignidade e a singularidade das mulheres submetidas à mastectomia.

Conclui-se, portanto, que o cuidado à mulher mastectomizada deve integrar assistência médica, acompanhamento psicológico e suporte social, reconhecendo que as marcas deixadas pela mastectomia não se restringem ao corpo físico, mas atravessam profundamente a subjetividade. Nesse cenário, a Psicologia e a Psicanálise mostram-se fundamentais para favorecer processos de elaboração psíquica, reconstrução identitária e promoção de um cuidado verdadeiramente integral.

5. Referências

ANZIEU, Didier. **O eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 24 de maio 2016.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ERDEN, Y.; CELIK, H. C.; KARAKURT, N. Women's body image after mastectomy: a photovoice study. **Supportive Care in Cancer**, [S.l.], v. 33, art. 501, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00520-025-09541-3>. Acesso em: 28 abr. 2026.

FANG, Shih-Yi *et al.* Body image and quality of life in breast cancer survivors. **Breast Cancer Research and Treatment**, [S.l.], v. 138, n. 3, p. 909-918, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

HELGESON, Vicki S.; COHEN, Sheldon. Social support and adjustment to cancer: reconciling descriptive, correlational, and intervention research. **Journal of Personality and Social Psychology**, [S.l.], v. 71, n. 6, p. 1356-1369, 1996.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Câncer de mama**: o que é, fatores de risco e prevenção. Rio de Janeiro: INCA, 2023. Disponível em: <https://www.inca.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2026.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021.

PARKES, C. M. **Amor e perda**: raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus, 2009.

PEREIRA, D.; BRAGA, A. A mastectomia e a resignificação do corpo feminino. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/601>. Acesso em: 5 mar. 2024.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1965.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

A DIFICULDADE DE IDENTIFICAÇÃO EMOCIONAL NO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE

Elane Cristina de Brito Lobato⁹²

Renata Santos Ribeiro⁹³

Lucélia de Jesus Amaral Jati⁹⁴

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) e a dificuldade de identificação emocional, denominada alexitimia, com ênfase na adolescência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em revisão teórica da literatura científica, com base em autores clássicos e contemporâneos, e complementada por análise reflexiva de material audiovisual. Os resultados indicam que indivíduos com TPB apresentam prejuízos significativos na identificação, diferenciação e expressão das emoções, o que contribui para a instabilidade afetiva, impulsividade e dificuldades nas relações interpessoais. Conclui-se que a compreensão da alexitimia amplia o entendimento do TPB, favorecendo uma análise mais aprofundada do sofrimento psíquico e contribuindo para abordagens clínicas mais sensíveis e integradas.

Palavras-chave: personalidade borderline; alexitimia; emoções.

Introdução

Os transtornos mentais constituem um campo relevante de investigação na psicologia e na psiquiatria contemporâneas, sobretudo no que se refere à compreensão dos processos emocionais envolvidos no sofrimento psíquico. De acordo com o DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2022), tais transtornos envolvem alterações significativas na cognição, na regulação emocional e no comportamento, impactando diretamente o funcionamento social e interpessoal dos indivíduos. Nesse contexto, a adolescência destaca-se como um período de intensas transformações biopsicossociais, caracterizado pela construção da identidade, pela instabilidade emocional e pela reorganização dos vínculos afetivos, o que pode favorecer a emergência ou intensificação de quadros psicopatológicos (Steinberg, 2014). Assim, compreender os processos emocionais nesse período torna-se fundamental para a análise de transtornos que envolvem desregulação afetiva.

Dentre os transtornos de personalidade, o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) apresenta-se como uma condição de elevada complexidade clínica, sendo caracterizado por padrões persistentes de instabilidade afetiva,

⁹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹⁴ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

impulsividade, sentimentos crônicos de vazio e relações interpessoais intensas e instáveis (American Psychiatric Association, 2022). Conforme discutido por Marsha Linehan (1993), indivíduos com TPB apresentam déficits significativos no manejo das emoções, o que contribui para comportamentos impulsivos e para a manutenção de padrões relacionais disfuncionais. Além disso, estudos como o de Leichsenring *et al.* (2011) destacam que o transtorno está diretamente associado a dificuldades na regulação emocional, reforçando a centralidade dos processos afetivos na compreensão de sua dinâmica clínica.

Nesse cenário, a alexitimia emerge como um constructo teórico fundamental para a compreensão do funcionamento emocional. Segundo Taylor, Bagby e Parker (1997), a alexitimia refere-se à dificuldade em identificar, diferenciar e expressar emoções, estando associada a déficits no processamento emocional e à limitação na simbolização dos estados afetivos. Indivíduos com altos níveis de alexitimia tendem a apresentar baixa consciência emocional, pensamento orientado para o externo e dificuldades na comunicação de sentimentos, o que compromete significativamente a regulação emocional e a qualidade das interações sociais. De acordo com Goerlich (2018), a alexitimia não se restringe a uma única dimensão, mas constitui um fenômeno multifacetado, relacionado tanto a aspectos cognitivos quanto afetivos do processamento emocional.

A literatura científica aponta uma associação relevante entre alexitimia e diferentes transtornos psiquiátricos, incluindo o TPB, sugerindo que a dificuldade de identificação emocional pode intensificar a instabilidade afetiva e os prejuízos interpessoais característicos do transtorno (Leichsenring *et al.*, 2011; Goerlich, 2018). Nesse sentido, a limitação na consciência emocional pode favorecer respostas impulsivas e desorganizadas diante de situações de estresse, dificultando a elaboração das experiências afetivas e contribuindo para a manutenção do sofrimento psíquico. Dessa forma, a articulação entre TPB e alexitimia possibilita uma compreensão mais ampla dos mecanismos emocionais envolvidos no transtorno.

Para ampliar a compreensão desses aspectos, recorre-se à análise do filme *Garota, Interrompida* (1999), cuja narrativa possibilita a observação, em nível ilustrativo, de manifestações emocionais e comportamentais compatíveis com o quadro clínico do TPB. A utilização de recursos audiovisuais, nesse contexto, favorece a articulação entre teoria e representação narrativa, permitindo uma aproximação mais concreta dos fenômenos discutidos, sem substituir, contudo, o embasamento científico.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o Transtorno de Personalidade Borderline e a dificuldade de identificação emocional, com ênfase na alexitimia e suas implicações na adolescência. Busca-se, assim, contribuir para o aprofundamento teórico sobre o tema, destacando a importância dos processos emocionais na compreensão do sofrimento psíquico e na construção de análises mais sensíveis e integradas no campo da saúde mental.

Procedimentos metodológicos

A construção deste trabalho baseou-se na análise de produções científicas voltadas ao Transtorno de Personalidade Borderline e à dificuldade de identificação emocional, com atenção especial ao conceito de alexitimia. A seleção do material considerou sua relevância teórica e a proximidade com a temática proposta, reunindo contribuições capazes de sustentar a discussão sobre os processos emocionais envolvidos no transtorno.

Ao longo da leitura e organização dessas produções, buscou-se estabelecer um diálogo entre diferentes perspectivas teóricas, de modo a compreender como a dificuldade de reconhecer e expressar emoções se articula com a instabilidade afetiva característica do TPB. Esse movimento permitiu não apenas reunir conceitos, mas também aproximá-los, evidenciando pontos de convergência entre os autores e ampliando a compreensão do fenômeno.

Como forma de tornar essa discussão mais concreta, recorreu-se ao filme *Garota Interrompida* (1999), utilizado como recurso ilustrativo. A análise do material não teve caráter diagnóstico, mas buscou observar, em nível representativo, manifestações emocionais e comportamentais que dialogam com os aspectos discutidos na literatura, contribuindo para a articulação entre teoria e expressão narrativa.

Todo o percurso foi conduzido com base no cuidado na seleção das fontes e no compromisso com a fidedignidade das informações, garantindo que as contribuições teóricas fossem apresentadas de forma coerente e devidamente referenciadas.

Resultados e discussão

A análise teórica realizada evidencia que o Transtorno de Personalidade Borderline está diretamente associado a prejuízos significativos no processamento emocional, especialmente no que se refere à identificação, diferenciação e expressão das emoções. Nesse contexto, a alexitimia configura-se como um fator relevante para a compreensão do funcionamento psicológico desses indivíduos, uma vez que compromete a capacidade de reconhecer e elaborar os próprios estados emocionais (Taylor; Bagby; Parker, 1997).

De acordo com Goerlich (2018), a alexitimia deve ser compreendida como um fenômeno multifacetado, envolvendo tanto dificuldades cognitivas quanto afetivas no processamento emocional. Tal condição contribui para uma baixa consciência emocional, o que pode resultar em respostas impulsivas e desorganizadas diante de situações de estresse. Essa dificuldade torna-se particularmente relevante no contexto do TPB, no qual a instabilidade emocional constitui um dos principais critérios diagnósticos (American Psychiatric Association, 2022).

Leichsenring *et al.* (2011) destacam que indivíduos com Transtorno de Personalidade Borderline apresentam déficits significativos na regulação

emocional, o que se manifesta em comportamentos impulsivos e padrões de relacionamento instáveis. Nesse sentido, a presença de alexitimia pode intensificar tais características, dificultando a elaboração das experiências afetivas e comprometendo a qualidade das interações interpessoais.

Além disso, conforme discutido por Marsha Linehan (1993), dificuldades no manejo das emoções estão diretamente relacionadas à manutenção de padrões comportamentais desadaptativos, reforçando a importância de compreender os processos emocionais no contexto do TPB. A limitação na identificação emocional impede que o indivíduo desenvolva estratégias eficazes de regulação, contribuindo para a persistência do sofrimento psíquico.

A análise do material ilustrativo permitiu observar, de forma complementar, manifestações comportamentais e emocionais compatíveis com os aspectos discutidos na literatura, como instabilidade afetiva, impulsividade e dificuldade na expressão emocional. Embora não substitua a análise científica, esse recurso contribui para a visualização prática dos conceitos teóricos, favorecendo a compreensão do fenômeno estudado.

Dessa forma, a articulação entre a literatura científica e a análise reflexiva evidencia que a alexitimia desempenha um papel significativo na compreensão do Transtorno de Personalidade Borderline, especialmente no que se refere às dificuldades emocionais que caracterizam o transtorno.

4. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre o Transtorno de Personalidade Borderline e a dificuldade de identificação emocional, destacando o papel da alexitimia nesse contexto, especialmente na adolescência. A partir da revisão teórica realizada, foi possível compreender que as dificuldades na identificação, diferenciação e expressão das emoções constituem um elemento central na dinâmica do TPB, contribuindo para a instabilidade afetiva, impulsividade e prejuízos nas relações interpessoais.

Os achados indicam que a alexitimia atua como um fator que intensifica o sofrimento psíquico, ao dificultar a elaboração das experiências emocionais e comprometer a capacidade de compreensão dos próprios estados internos. Nesse sentido, a limitação na consciência emocional interfere diretamente na regulação afetiva e na construção de vínculos interpessoais mais estáveis.

A articulação entre os referenciais teóricos e a análise reflexiva possibilitou uma compreensão mais abrangente do fenômeno, evidenciando a complexidade dos processos emocionais envolvidos no Transtorno de Personalidade Borderline. Dessa forma, destaca-se a importância de abordagens que considerem a dimensão emocional como elemento central na compreensão e no cuidado em saúde mental.

Por fim, o estudo contribui para o aprofundamento teórico sobre a relação entre TPB e alexitimia, apontando para a necessidade de novas investigações que ampliem a compreensão desses fenômenos e suas implicações clínicas.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2022.

GAROTA, **Interrompida**. Direção: James Mangold. Produção: Cathy Konrad; Douglas Wick. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1999. 1 filme (127 min).

GOERLICH, Katharina S. The multifaceted nature of alexithymia. **Frontiers in Psychology**, v. 9, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01614>

LEICHSENRING, Falk *et al.* Borderline personality disorder. **The Lancet**, v. 377, n. 9759, p. 74–84, 2011. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(10\)61422-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(10)61422-5)

LINEHAN, Marsha M. **Cognitive-behavioral treatment of borderline personality disorder**. New York: Guilford Press, 1993.

STEINBERG, Laurence. **Adolescence**. 10. ed. New York: McGraw-Hill Education, 2014.

TAYLOR, Graeme J.; BAGBY, R. Michael; PARKER, James D. A. **Disorders of affect regulation: alexithymia in medical and psychiatric illness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

O CORPO COMO SINTOMA: UMA ANÁLISE PSICOSSOMÁTICA DO TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL

*Alice Marcela Costa de Souza*⁹⁵

*Tamiris Gomes Forte*⁹⁶

*Laiana De Jesus Nunes*⁹⁷

*Sophia Mota Lira*⁹⁸

*Irlane da Silva Pereira*⁹⁹

*Ana Flávia da Rocha Pinto*¹⁰⁰

*Laila Sousa Silveira*¹⁰¹

*Lucélia de Jesus Amaral Jati*¹⁰²

Resumo: O Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) consiste em condição psicopatológica marcada por preocupação excessiva com defeitos percebidos na aparência e prejuízos psicossociais relevantes. O objetivo deste estudo foi discutir a interface entre psicossomática e TDC, considerando sua trajetória histórica e classificação contemporânea. Trata-se de pesquisa qualitativa, do tipo revisão bibliográfica, baseada em artigos científicos e livros localizados nas bases Google Acadêmico, SciELO, CAPES e LILACS. Os achados indicam que o TDC apresenta etiologia multifatorial, envolvendo fatores cognitivos, emocionais e socioculturais, além de frequente associação à busca por procedimentos estéticos sem alívio duradouro do sofrimento. Conclui-se que a perspectiva psicossomática amplia a compreensão clínica do transtorno ao integrar corpo, subjetividade e contexto social, favorecendo abordagens interdisciplinares.

Palavras-chave: transtorno dismórfico corporal; psicossomática; imagem corporal; saúde mental; estética.

1. Introdução

O Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) caracteriza-se pela preocupação persistente e excessiva com um ou mais defeitos percebidos na aparência física, geralmente mínimos ou inexistentes para outras pessoas, acompanhada de comportamentos repetitivos, como checagem no espelho, comparação corporal, camuflagem e busca recorrente por procedimentos

⁹⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁹⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰² Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Neuropsicologia e Avaliação Psicológica.

estéticos (American Psychiatric Association, 2023). Tais manifestações acarretam sofrimento clinicamente significativo e prejuízos no funcionamento social, ocupacional e emocional. Evidências recentes indicam que o transtorno permanece subdiagnosticado e frequentemente se inicia na adolescência, período sensível para a construção da autoimagem (Rück *et al.*, 2024).

Historicamente, a compreensão diagnóstica do TDC sofreu importantes reformulações. No DSM-IV-TR, o transtorno encontrava-se inserido entre os transtornos somatoformes. Entretanto, com o avanço das evidências clínicas e empíricas, o DSM-5 e o DSM-5-TR os realocaram para o grupo dos Transtornos Obsessivo-Compulsivos e Relacionados, em razão da presença de pensamentos intrusivos sobre a aparência e comportamentos repetitivos semelhantes aos observados no espectro obsessivo-compulsivo (American Psychiatric Association, 2023). Dessa forma, o uso do termo “somatoforme” deve ser compreendido apenas em perspectiva histórica.

Estudos contemporâneos apontam que o TDC envolve interação complexa entre fatores neurobiológicos, distorções cognitivas, perfeccionismo, experiências traumáticas, vergonha corporal e influência sociocultural. Rück *et al.* (2024) destacam elevada comorbidade com depressão, ansiedade social, transtorno obsessivo-compulsivo e risco aumentado de suicidabilidade. Brennan *et al.* (2023), ao explorarem experiências vividas de pessoas com TDC, identificaram intenso sofrimento subjetivo, isolamento social e impacto relevante na qualidade de vida.

Nesse cenário, o debate atual sobre imagem corporal ultrapassa a dimensão estética e inclui os efeitos da cultura digital, filtros de imagem, redes sociais e padrões normativos de beleza constantemente reforçados. Coelho *et al.* (2017) demonstram associação entre insatisfação corporal, influência sociocultural e procedimentos estéticos. Tais fatores podem intensificar comparações sociais e insatisfação corporal, embora não expliquem isoladamente o desenvolvimento do transtorno.

A psicossomática, especialmente em sua vertente biopsicossocial, amplia essa compreensão ao considerar a inseparabilidade entre corpo, mente e contexto social. Mello Filho e Burd (2010) sustentam que manifestações corporais podem relacionar-se a formas singulares de sofrimento e simbolização psíquica. Todavia, seus limites no TDC devem ser reconhecidos, uma vez que o transtorno envolve também componentes cognitivos, comportamentais e neuropsiquiátricos. Assim, o presente estudo objetiva discutir a interface entre psicossomática e Transtorno Dismórfico Corporal, considerando sua trajetória histórica e classificação contemporânea.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, com o delineamento descritivo-analítico, cujo objetivo consiste em analisar a relação entre a psicossomática e o Trans-

torno Dismórfico Corporal (TDC), considerando seus aspectos conceituais, clínicos e suas implicações na interface entre mente e corpo. A pesquisa bibliográfica possibilita a sistematização, análise e interpretação crítica de produções científicas previamente publicadas, favorecendo o aprofundamento teórico do fenômeno investigado (Campos *et al.* 2023).

Para a composição do corpus teórico, foram consultadas as bases de dados Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos CAPES e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), selecionadas por sua relevância e reconhecimento no meio acadêmico.

A estratégia de busca foi realizada no período de fevereiro a abril de 2026, utilizando os descritores “psicossomática”, “transtorno dismórfico corporal”, “body dysmorphic disorder” e “somatoforme”, empregados de forma isolada e combinada por meio dos operadores booleanos AND e OR, com o objetivo de ampliar a sensibilidade e a especificidade dos resultados.

Inicialmente, foram identificadas 20 produções científicas. Após a leitura exploratória dos títulos e resumos, seguida da análise dos textos completos, 9 artigos atenderam integralmente aos critérios estabelecidos e compuseram o corpus final da pesquisa. O processo de seleção ocorreu em etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, garantindo maior transparência e rigor metodológico (Page *et al.*, 2021).

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos completos publicados entre os anos de 2021 e 2026, nos idiomas português e inglês, que apresentassem relação direta com a temática proposta e que trouxessem contribuições relevantes, especialmente estudos empíricos de campo, clínicos e observacionais. Como critério de exclusão, foram desconsiderados estudos duplicados, publicações fora do recorte temporal estabelecido, textos opinativos e revisões de literatura, a fim de priorizar pesquisas originais e evitar sobreposição de dados.

Como forma de complementar a análise e ampliar o embasamento teórico, foram utilizadas duas obras de referência: Psicopatologia: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos (Whitbourne; Halgin, 2015), que contribuiu para a compreensão dos aspectos diagnósticos e clínicos do Transtorno Dismórfico Corporal, e Psicossomática hoje (Mello Filho; Burd, 2010), que subsidiou a discussão acerca das relações entre sofrimento psíquico e manifestações corporais. Ressalta-se que essas obras foram utilizadas como suporte teórico, não compondo o corpus de análise dos artigos.

Os dados foram submetidos à leitura analítica e interpretativa, sendo posteriormente organizados em categorias temáticas, como imagem corporal, sofrimento emocional, busca por procedimentos estéticos, influência sociocultural e expressão psicossomática. Esse processo possibilitou a construção de uma síntese crítica e integrada dos achados, articulando evidências empíricas e referenciais teóricos pertinentes ao objeto de estudo.

3. Resultados e discussão

A partir de uma perspectiva contemporânea, o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) pode ser compreendido para além de uma alteração perceptiva isolada, sendo interpretado como um fenômeno que envolve a complexa interação entre processos psíquicos, corporais e sociais (Jenkinson e Rossell 2024). Estudos recentes têm destacado o papel da interocepção, isto é, a capacidade de perceber e interpretar sinais internos do corpo, como elemento central na compreensão do transtorno.

Segundo Jenkinson e Rossell (2024), indivíduos com TDC apresentam distorções nos processos interoceptivos, caracterizadas por falhas na integração entre sinais corporais internos e sua representação mental. Essas alterações podem gerar o que os autores denominam de “erros de predição interoceptiva”, nos quais partes do corpo passam a ser experimentadas como inadequadas ou “não certas”, mesmo na ausência de alterações objetivas. Nesse sentido, o corpo não se configura apenas como objeto de avaliação estética, mas como um espaço no qual se manifestam falhas na regulação e na integração da experiência subjetiva. Tal compreensão aproxima-se de uma leitura psicossomática contemporânea, na qual o sintoma corporal emerge como resultado de dificuldades na simbolização e elaboração emocional, sendo expresso por meio de alterações na vivência corporal.

Além disso, estudos recentes indicam que fatores como vergonha, autoavaliação negativa e insegurança relacional desempenham papel central na manutenção do TDC. Pesquisas apontam que emoções como a vergonha estão profundamente associadas à intensificação dos sintomas, funcionando como mediadoras entre a experiência subjetiva e a preocupação com a aparência (Linde *et al.*, 2023).

Outros estudos analisados evidenciam uma relação entre a insatisfação corporal, o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) e a busca por procedimentos estéticos especialmente entre mulheres e adolescentes (Morita *et al.*, 2021; Rautio *et al.*, 2022). Os achados apontam que a prevalência do TDC varia entre 1% e 2,5% na população em geral, podendo alcançar 3,6% em adolescentes (Morita *et al.*, 2021).

No entanto, para além de uma leitura centrada apenas na aparência, os achados permitem compreender o TDC a partir de uma perspectiva psicossomática, na qual o corpo deixa de ser apenas objeto de insatisfação e passa a ser entendido como lugar de expressão do sofrimento psíquico. Nesse sentido, as preocupações excessivas com defeitos percebidos podem ser interpretadas como manifestações simbólicas de conflitos internos não elaborados.

Segundo Jabali (2023), os pacientes com TDC muitas vezes se apresentam inicialmente em clínicas dermatológicas e solicitam consultas cosméticas presenciais ou virtuais devido às falhas percebidas em sua própria aparência. Essa busca recorrente por modificações corporais pode ser com-

preendida como uma forma de deslocamento do conflito interno para o corpo, que passa a funcionar como um sintoma visível. Ademais, a influência das mídias sociais e dos padrões de beleza contemporâneos reflete na construção da imagem corporal. A literatura recente mostra que a exposição constante a padrões de beleza irreais pode aumentar sentimentos de inadequação, comparações com o próprio corpo e sofrimento psicológico, contribuindo para comportamentos compulsivos relacionados à aparência (Jabali *et al.*, 2023; Kataoka *et al.*, 2023).

As doenças psiquiátricas são bem conhecidas, porém, os distúrbios da imagem corporal são difíceis de diagnosticar. Em particular, acredita-se que o TDC seja frequente entre os buscadores de procedimentos estéticos. O TDC é uma condição psiquiátrica frequentemente encontrada por profissionais que realizam procedimentos estéticos na prática clínica diária.

Segundo Chen *et al.* (2022), o TDC representa uma interseção entre a cirurgia e a psiquiatria, pois os indivíduos com TDC podem procurar cirurgias estéticas ou plásticas devido a uma insatisfação exagerada com a aparência do corpo, quando, na verdade, um psiquiatra deveria tratá-los. Devido à pesquisa limitada sobre TDC, muitos cirurgiões plásticos e cosméticos não conseguem reconhecer e diagnosticar com precisão pacientes com TDC, podendo fornecer tratamento sem perceber que um paciente é inadequado para o procedimento.

4. Considerações finais

A análise da literatura permitiu identificar que o Transtorno Dismórfico Corporal se configura como condição psicopatológica multifatorial, marcada por insatisfação persistente com a imagem corporal, sofrimento psíquico clinicamente significativo e busca recorrente por procedimentos estéticos que, frequentemente, não promovem melhora subjetiva duradoura. Verifica-se, ainda, que fatores socioculturais, especialmente padrões idealizados de beleza e influência midiática, podem atuar como elementos mantenedores ou agravantes do quadro.

À luz da perspectiva psicossomática, infere-se que a queixa corporal pode extrapolar a dimensão estritamente estética, constituindo possível via de expressão de conflitos emocionais, fragilidades narcísicas, impasses identitários e dificuldades de simbolização psíquica. Nesse sentido, o estudo reforça a relevância de avaliações psicológicas e psiquiátricas em contextos pré- e pós-operatórios, bem como da adoção de estratégias interdisciplinares voltadas ao cuidado integral em saúde mental. Por fim, destaca-se a necessidade de investigações empíricas futuras, especialmente no contexto brasileiro, que aprofundem a interface entre imagem corporal, sofrimento subjetivo e manifestações psicossomáticas.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BRENNAN, S. N.; ROSSELL, S. L.; REHM, I.; THOMAS, N.; CASTLE, D. J. A qualitative exploration of the lived experiences of Body Dysmorphic Disorder. **Frontiers in Psychiatry**, Lausanne, v. 14, p. 1214803, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1214803>.

CAMPOS, Livia Rezende Miranda; CRUVINEL, Belarmina Vilela; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio. A revisão bibliográfica e a pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 22, n. 57, p. 96-110, 2023.

CAMPOS, João Heli de; CUTULI, Carlos A. Relação entre transtorno dismórfico corporal e necessidade de tratamentos estéticos: revisão sistemática. **AOS**, v. 4, n. 3, p. 1-14, 2023.

JENKINSON, P. M.; ROSSELL, S. L. Disturbed interoception in body dysmorphic disorder: A framework for future research. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, 2024.

LINDE, J. *et al.* Acceptance and compassion-based therapy targeting shame in body dysmorphic disorder. **Behavior Therapy**, 2023.

MELLO FILHO, Júlio de; BURD, Miriam (orgs.). **Psicossomática hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAGE, Matthew J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, London, v. 372, n. 71, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>.

RÜCK, Christian; MATÁIX-COLS, David; FEUSNER, Jamie D. *et al.* Body dysmorphic disorder. **Nature Reviews Disease Primers**, London, v. 10, p. 92, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41572-024-00577-z>.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

WHITBOURNE, Susan Krauss; HALGIN, Richard P. **Psicopatologia: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

TEMPORALIDADE E DIAGNÓSTICO: DISTINÇÕES ENTRE TAB, TPB E TDPM NA SAÚDE FEMININA

Eliziane Rozaline Robledilho Gonçalves Kinoshita¹⁰³

Andressa Araújo da Silva¹⁰⁴

Anna Luiza dos Santos Branches¹⁰⁵

Heloyne Pinho Vasconcelos¹⁰⁶

Rosa Dembinski¹⁰⁷

Paula Eduarda Furtado¹⁰⁸

Resumo: A diferenciação entre transtorno afetivo bipolar (TAB), transtorno de personalidade borderline (TPB) e transtorno disfórico pré-menstrual (TDPM) na saúde mental feminina exige precisão diagnóstica orientada pela temporalidade. Trata-se de uma revisão de literatura de caráter qualitativo, baseada em manuais diagnósticos e artigos científicos recentes. Enquanto o TAB se caracteriza por episódios prolongados, o TDPM segue a ciclicidade hormonal, e o TPB manifesta reatividade afetiva imediata a gatilhos ambientais. O erro diagnóstico favorece a hipermedicalização e obscurece a etiologia do sofrimento, especialmente no TPB, frequentemente associado a ambientes invalidantes. Defende-se que o rastreio longitudinal constitui um imperativo ético, permitindo distinguir processos biológicos de traços persistentes e promovendo uma assistência mais humanizada.

Palavras-chave: transtorno afetivo bipolar; transtorno de personalidade borderline; transtorno disfórico pré-menstrual; diagnóstico diferencial; temporalidade.

1. Introdução

A instabilidade emocional constitui uma das demandas clínicas mais prevalentes no público feminino, fundamentada em dados de prevalência diagnóstica do DSM-5-TR que apontam que cerca de 75% dos diagnósticos de Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) em contextos clínicos são atribuídos a mulheres (Apa, 2023). Esse cenário é reforçado pela existência do Transtorno Disfórico Pré-Menstrual (TDPM), uma condição exclusiva do ciclo biológico feminino que afeta entre 1,8% e 5,8% das mulheres que menstruam, tendo como critério essencial a labilidade afetiva acentuada. Somado a isso, observa-se que mulheres com Transtorno Bipolar apresentam maior propensão a padrões de ciclagem rápida e episódios com características mistas, o que consolida a desregulação do humor como um dos principais

¹⁰³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁰⁸ Psicóloga. Esp. Avaliação Psicológica.

motivos para a busca de auxílio psicológico e psiquiátrico por esse grupo. No entanto, a confusão diagnóstica entre o Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) e o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) é recorrente, frequentemente resultando em tratamentos inadequados. Segundo Dalgalarrodo (2019), a estrutura de funcionamento psíquico de cada quadro é distinta e pode ser sintetizada da seguinte forma:

Transtorno Afetivo Bipolar (TAB)

O TAB é definido pela alternância episódica entre polos de humor. No público feminino, a fenomenologia costuma apresentar episódios depressivos mais frequentes e duradouros, intercalados por fases de mania (subtipo I) ou hipomania (subtipo II) que devem persistir por dias ou semanas (Apa, 2023). A marca do TAB é a autonomia biológica: uma vez iniciado o episódio, ele tende a seguir um curso temporal independente de eventos externos imediatos, sendo sustentado por alterações neuroquímicas e ritmos circadianos (Dalgalarrodo, 2019).

Transtorno de Personalidade Borderline (TPB)

Diferentemente do TAB, o TPB não se organiza em episódios longos, mas em um padrão pervasivo de instabilidade. A característica fundamental é a reatividade afetiva acentuada: o humor oscila em questão de horas ou minutos, geralmente como resposta a contingências ambientais ou interpessoais, como a percepção de abandono (Oliveira; Trentini, 2023). Esse padrão é frequentemente forjado em ambientes invalidantes, onde a desregulação emocional torna-se uma forma de lidar com a negligência ou punição de afetos.

Transtorno Disfórico Pré-Menstrual (TDPM)

O TDPM é uma condição endócrina cujos sintomas mimetizam transtornos de humor e personalidade, mas com rigidez temporal. A labilidade emocional, irritabilidade e ansiedade surgem exclusivamente na fase lútea do ciclo menstrual, com remissão completa logo após o início do fluxo (Apa, 2023). O diagnóstico correto do TDPM é crucial para evitar que processos biológicos cíclicos sejam interpretados como traços imutáveis de personalidade ou transtornos de humor crônicos. Diante da prevalência clínica de TPB ser significativamente superior em mulheres, torna-se necessário investigar como essas variáveis interagem. A compreensão dessas nuances evita a medicalização excessiva do ciclo biológico feminino e permite que a psicoterapia foque na regulação emocional e na reconstrução da identidade feminina (Dalgalarrodo, 2019).

O Fenômeno do Overlap (Sobreposição Sintomática)

O overlap ocorre quando as fronteiras diagnósticas se tornam difusas na apresentação clínica, desafiando a precisão do psicólogo. Este fenômeno

é amplamente discutido na literatura contemporânea como um desafio de diferenciação entre traços persistentes e episódios cíclicos (Paris, 2017; Bayes; Parker; Paris, 2019; Zimmerman, 2015). No contexto da saúde mental feminina, essa sobreposição não é apenas uma coincidência de sintomas, mas uma interação complexa que pode ser dividida em três possibilidades principais: a primeira é a comorbidade entre TAB e TPB, que ocorre quando a paciente apresenta a estrutura de personalidade borderline com sua instabilidade de autoimagem e sensibilidade ao abandono e, simultaneamente, atravessa um episódio bipolar (maníaco ou depressivo). O DSM-5-TR (Apa, 2023) reconhece essa possibilidade, destacando que “se os critérios para ambos forem preenchidos, ambos os diagnósticos podem ser atribuídos”, o que exige do clínico discernir entre o “traço” de personalidade e o “estado” de humor. A segunda é a exacerbação pré-menstrual, em que, neste cenário, o TDPM atua como um amplificador clínico. Segundo Dalgallarrondo (2019), mulheres com transtornos mentais preexistentes podem apresentar uma piora severa de seus sintomas basais na fase lútea. Isso cria um “nó” diagnóstico onde a origem do sofrimento (se puramente hormonal ou psicopatológica) torna-se indistinguível sem um rastreo longitudinal por meio de diários de humor. E por fim, o mimetismo clínico, que representa o maior risco de erro de diagnóstico. A impulsividade e a irritabilidade de uma fase de hipomania (TAB) mimetizam a desregulação típica do Borderline. A diferenciação reside na temporalidade. Enquanto no TAB os sintomas devem persistir por “pelo menos 4 dias consecutivos” na hipomania ou “uma semana” na mania (Apa, 2023), no TPB a instabilidade é uma “reatividade acentuada do humor” que dura geralmente algumas horas (Apa, 2023).

A análise técnica deste overlap deve ser orientada pelo Princípio da Não Maleficência, como apontam Oliveira e Trentini (2023); o diagnóstico na CID-11 agora exige uma avaliação dimensional para evitar que traços de personalidade sejam confundidos com patologias de humor. O erro ao confundir mimetismo clínico com transtorno de humor primário frequentemente conduz à hipermedicalização do público feminino. Quando a reatividade emocional, fruto de traumas ou ambientes invalidantes, é tratada apenas com protocolos farmacológicos pesados, ignora-se a etiologia do sofrimento.

A hipermedicalização viola a ética profissional ao expor a mulher a efeitos colaterais severos sem oferecer a intervenção psicoterapêutica necessária para a regulação do self. Portanto, compreender as nuances do overlap é um imperativo ético para garantir que o tratamento valide a integralidade da paciente, evitando que a biologia seja usada para silenciar respostas adaptativas da mulher ao seu meio social (Dalgallarrondo, 2019).

2. Procedimentos metodológicos

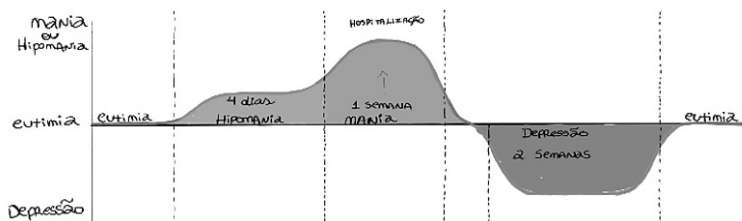
Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de natureza qualitativa e exploratória. O levantamento bibliográfico foi realizado através da análise técnica dos manuais diagnósticos DSM-5-TR e CID-11 (conforme

apresentado em Oliveira & Trentini, 2023), além da obra clássica de Dalgallarrondo (2019). Complementarmente, foram rastreados artigos científicos na plataforma PubMed publicados entre 2016 e 2025, utilizando os descritores “diagnóstico diferencial”, “transtorno borderline” e “transtorno bipolar”, cruzados com o termo “mulheres”. Foram selecionados 8 estudos que abordam a fenomenologia e a temporalidade dos sintomas para compor a discussão.

3. Resultados e discussão

A análise da literatura converge para a compreensão de que a temporalidade constitui o eixo mais robusto para a diferenciação diagnóstica entre o transtorno afetivo bipolar (TAB) e o transtorno de personalidade borderline (TPB). Evidências indicam que, no TAB (especialmente no subtipo II), a impulsividade e a labilidade afetiva configuram fenômenos de estado, emergindo no contexto de episódios afetivos e apresentando remissão interepisódica. Em contraste, no TPB, tais manifestações assumem caráter de traço persistente, com reatividade marcada a estímulos interpessoais e relativa estabilidade ao longo do tempo (Gascón *et al.*, 2021; Bayes; Parker; Paris, 2019). Em consonância com a organização estrutural dos quadros descrita por Dalgallarrondo (2019), estudos longitudinais reforçam essa distinção ao evidenciar a cronicidade dos padrões de instabilidade no TPB, em oposição à natureza episódica dos transtornos bipolares (Zanarini *et al.*, 2007).

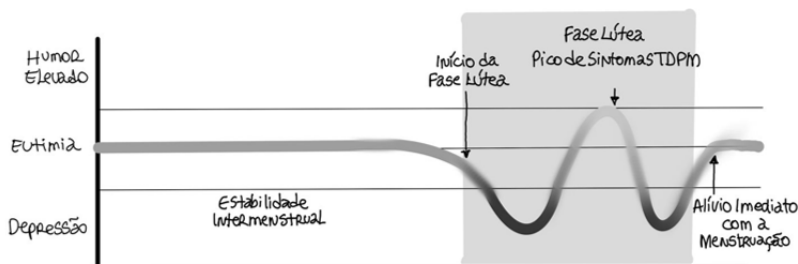
Figura 1 – Fases do transtorno afetivo bipolar.



Fonte: Autoria Própria, 2026.

No que se refere à influência do ciclo biológico feminino, a inclusão do transtorno disfórico pré-menstrual (TDPM) no diagnóstico diferencial revela-se fundamental para evitar a patologização de variações fisiológicas. A literatura demonstra que mulheres com transtornos de humor apresentam sensibilidade aumentada às flutuações de esteroides gonadais, particularmente estradiol e progesterona, que podem atuar como moduladores de sintomas afetivos (Rubinow; Schmidt, 2019; Bäckström *et al.*, 1983). Entretanto, o critério diferencial central reside na remissão completa dos sintomas na fase folicular no TDPM, o que o distingue da persistência sintomática observada no TPB (Zimmerman, 2015).

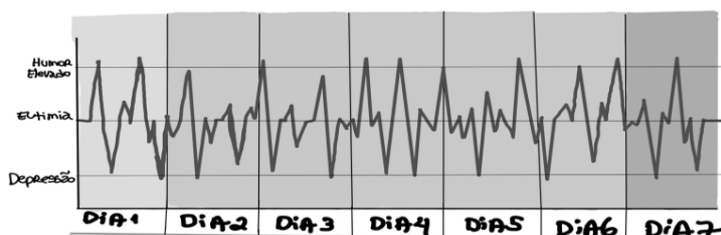
Figura 2 – Transtorno disfórico pré-menstrual – da fase lútea à fase folicular.



Fonte: Autoria Própria, 2026

Sob a perspectiva etiológica, observa-se uma divergência consistente entre os quadros. O TPB apresenta associação robusta com histórico de trauma precoce, negligência e ambientes invalidantes, impactando diretamente a organização do self e os mecanismos de regulação emocional (Sharp; Fonagy, 2015). Embora fatores ambientais também influenciem o curso do TAB, este apresenta maior autonomia neurobiológica, com elevada herdabilidade e menor dependência de contingências relacionais imediatas (Nemeroff, 2016).

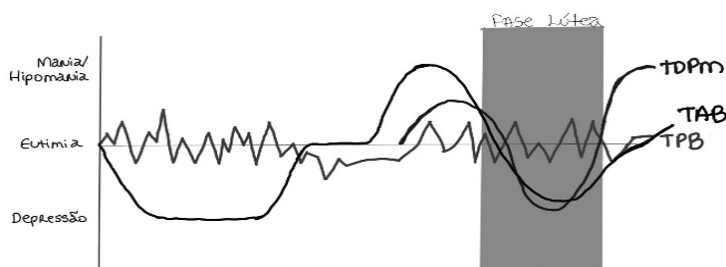
Figura 3 – Oscilação no transtorno de personalidade borderline.



Fonte: Autoria própria, 2026

Por fim, o overlap clínico entre TAB, TPB e TDPM impõe ao clínico um posicionamento ético orientado pelo princípio da não maleficência. A não consideração de fatores traumáticos ou neuroendócrinos pode conduzir à hipermedicalização, especialmente em mulheres, reduzindo quadros complexos a desregulações exclusivamente biológicas. Nesse contexto, o diagnóstico diferencial ultrapassa a dimensão classificatória, constituindo-se como um operador ético-clínico fundamental para a definição de intervenções mais precisas e integradas (Paris, 2017).

Figura 4 – A sobreposição dos transtornos TPB, TAB e TDPM.



Fonte: Autoria própria, 2026

4. Considerações finais

A diferenciação entre TAB, TPB e TDPM no público feminino exige do profissional uma escuta sensível e um rastreo longitudinal dos sintomas. Não se trata apenas de listar sintomas, mas de compreender a lógica que sustenta o sofrimento: se ele advém de um ciclo neuroquímico (TAB), de uma ciclicidade hormonal (TDPM) ou de uma estrutura de personalidade moldada por relações invalidantes (TPB).

O reconhecimento dessas nuances evita a medicalização excessiva do ciclo biológico feminino e permite que a psicoterapia foque na regulação emocional e na reconstrução da identidade, especialmente em casos de Borderline. Assim, o diagnóstico correto atua como um ato de validação da história da paciente, promovendo intervenções mais eficazes e humanizadas.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BÄCKSTRÖM, T. *et al.* Mood, sexuality, hormones, and the menstrual cycle. I. Changes in mood and physical state during the menstrual cycle. **Psychosomatic Medicine**, 45(6), 487–501, 1983. DOI: 10.1097/00006842-198312000-00003.

BAYES, A.; PARKER, G.; PARIS, J. Differential diagnosis of bipolar II disorder and borderline personality disorder. **Current Psychiatry Reports**, [s. l.], v. 21, n. 12, p. 125, 2019. DOI: 10.1007/s11920-019-1120-2.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

GASCÓN, M. *et al.* Clinical features, neuropsychology and neuroimaging in

bipolar and borderline personality disorder: a systematic review. **Frontiers in Psychiatry**, [s. l.], v. 12, p. 681876, 2021. DOI: 10.3389/fpsyt.2021.681876.

NEMEROFF, C. B. Paradise lost: the neurobiological and clinical consequences of child abuse and neglect. **Neuron**, [s. l.], v. 89, n. 5, p. 892–909, 2016. DOI: 10.1016/j.neuron.2016.01.019.

OLIVEIRA, S. E. S. de; TRENTINI, C. M. (orgs.). **Avanços em psicopatologia: avaliação e diagnóstico baseados na CID-11**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

PARIS, J. Differential diagnosis of borderline personality disorder. **Psychiatric Clinics of North America**, [s. l.], v. 41, n. 4, p. 575–582, 2018. DOI: 10.1111/bdi.12565

RUBINOW, D. R.; SCHMIDT, P. J. Sex differences and the neurobiology of affective disorders. **Neuropsychopharmacology**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 111–128, 2019. DOI: 10.1038/s41386-018-0148-z.

SHARP, C.; FONAGY, P. Practitioner review: borderline personality disorder in adolescence – recent conceptualization, intervention, and implications for clinical practice. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, [s. l.], v. 56, n. 12, p. 1266–1288, 2015. DOI: 10.1111/jcpp.12449.

ZANARINI, M. C. *et al.* The course of borderline psychopathology over time: a 10-year follow-up study. **American Journal of Psychiatry**, [s. l.], v. 164, n. 6, p. 922–928, 2007. DOI: 10.1176/appi.ajp.164.6.929.

ZIMMERMAN, M. Differential diagnosis of borderline personality disorder. **Psychiatric Clinics of North America**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 1–14, 2015. DOI: 10.1017/S0033291720000215.

QUANDO A INFORMAÇÃO ADOECE: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA INTENSIFICAÇÃO DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA

Jamily Almeida Costa¹⁰⁹

Hemelly Vitoria Batista da Silva¹¹⁰

Felipe Márcio Santos de Azevedo¹¹¹

Alice Lopes de Sousa¹¹²

Luana de Oliveira Lima¹¹³

Luciene Nathália Lopes da Silva¹¹⁴

Lucélia de Jesus Amaral Jati¹¹⁵

Resumo: O Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD), anteriormente denominado hipocondria, caracteriza-se pela preocupação persistente em ter ou adquirir uma doença grave, associada à hipervigilância corporal e à interpretação catastrófica de sensações físicas. Na contemporaneidade, esse quadro é potencializado pelo amplo acesso a informações em saúde no ambiente digital. Este estudo objetiva analisar a influência das redes sociais na intensificação do TAD, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática de abordagem qualitativa, com publicações entre 2013 e 2024. Os resultados indicam que a exposição contínua a conteúdos de saúde sem mediação técnico-científica eleva a ansiedade em saúde e favorece a manutenção do transtorno. A atuação de influenciadores digitais, associada aos algoritmos das plataformas, amplia a exposição a conteúdos alarmistas, reforçando crenças disfuncionais e práticas de autodiagnóstico. Observa-se, ainda, um ciclo de retroalimentação entre consumo informacional, ansiedade e interpretação distorcida de sinais corporais, evidenciando o papel do ambiente digital na modulação do TAD. Conclui-se que o transtorno possui natureza multifatorial, demandando estratégias de letramento em saúde e maior rigor na disseminação de informações.

Palavras-chave: transtorno de ansiedade de doença; redes sociais; psicossomática.

1. Introdução

No Brasil, o uso das redes sociais mostra a intensidade dos ambientes digitais na vida cotidiana. Dados do relatório Digital 2025, elaborado por

¹⁰⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹⁵ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Neuropsicologia e Avaliação Psicológica.

Kemp (2025) e divulgado pela DataReportal, apontam que aproximadamente 144 milhões de brasileiros usam ativamente essas plataformas. Considerando que o país possui cerca de 213 milhões de habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse quantitativo representa aproximadamente 67,8% da população. Tal cenário demonstra não apenas o alto nível de conectividade, mas também o alcance expressivo das redes sociais como meios de disseminação de informações, que abrangem desde conteúdos de entretenimento até temas relacionados à saúde e doença.

Contudo, conforme apontam Lazzaris e Delsoto (2016), a circulação indiscriminada e, muitas vezes, não criteriosa dessas informações pode contribuir para interpretações equivocadas, favorecendo o desenvolvimento e o agravamento de quadros ansiosos, especialmente o Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD). Historicamente, o TAD encontra suas raízes no conceito de hipocondria, tradicionalmente associado à preocupação excessiva com a saúde e à interpretação distorcida de sintomas corporais. Essa condição sempre esteve intimamente relacionada à perspectiva psicossomática, que compreende a interação entre processos psíquicos e manifestações corporais.

Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais transformou de maneira significativa a forma como os indivíduos acessam, produzem e compartilham informações, especialmente no campo da saúde. A internet e as redes sociais passaram a ocupar um papel central na busca por esclarecimentos sobre sintomas, diagnósticos e tratamentos, configurando-se como importantes fontes de informação. No entanto, embora esse cenário represente um avanço no acesso ao conhecimento, também traz desafios relevantes, sobretudo no que se refere à qualidade e à confiabilidade das informações disseminadas, uma vez que conteúdos imprecisos, simplificados ou descontextualizados circulam amplamente nesses ambientes.

Com a reformulação proposta pelo DSM-5-TR, a hipocondria passou a ser denominada Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD), caracterizado pela preocupação persistente em ter ou adquirir uma enfermidade grave, associada à interpretação distorcida de sensações corporais e a níveis elevados de ansiedade, frequentemente desproporcionais à condição clínica real (APA, 2022). Evidências indicam que a ansiedade exerce influência direta na forma como os indivíduos percebem e interpretam sintomas corporais, podendo intensificá-los mesmo na ausência de patologia orgânica (Romanazzo; Mansueto; Cosci, 2022).

Ademais, a exposição contínua a informações médicas, especialmente sem mediação técnica, tende a ampliar essas preocupações, contribuindo para a manutenção do quadro (Lazzaris; Delsoto, 2016). Nesse sentido, o TAD é compreendido não apenas pela presença de sintomas físicos, mas sobretudo pelos padrões cognitivos e emocionais envolvidos na percepção da saúde, configurando-se como uma manifestação psicossomática na qual fatores psicológicos, cognitivos e contextuais, como o ambiente digital, desempenham papel central em sua gênese e manutenção.

Adicionalmente, a lógica de funcionamento das plataformas digitais, mediada por algoritmos que personalizam conteúdos com base no comportamento dos usuários, contribui para a amplificação de informações alinhadas às preocupações individuais, criando ambientes de reforço contínuo de crenças e percepções relacionadas à saúde. Esse processo pode favorecer práticas de autodiagnóstico e aumentar a vigilância corporal, estabelecendo um ciclo no qual a busca por informação, em vez de promover segurança, intensifica a ansiedade.

Diante desse cenário, torna-se relevante investigar a relação entre o consumo de informações em saúde nas redes sociais e o aumento do TAD na contemporaneidade. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar e sintetizar evidências científicas acerca dessa relação, buscando compreender de que forma o ambiente digital pode atuar como fator de risco ou de manutenção desse transtorno, bem como contribuir para reflexões sobre estratégias de prevenção, intervenção e promoção da saúde mental em um contexto cada vez mais digitalizado.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo configura-se como uma revisão bibliográfica sistemática, de abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar e integrar evidências científicas acerca do impacto da informação médica difundida nas redes sociais no aumento do Transtorno de Ansiedade de Doença na população contemporânea. Para a construção do referencial teórico, foram consultadas bases de dados científicas de âmbito nacional e internacional no SciELO e no Google Acadêmico. O processo de busca foi realizado por meio de descritores em língua portuguesa e inglesa, tais como “hipocondria”, “transtorno de ansiedade de doença”, “saúde digital”, “desinformação médica” e “redes sociais e saúde”, combinados com os operadores booleanos AND e OR.

Como critérios de inclusão, consideraram-se: (a) publicações entre 2013 e 2024, período correspondente à consolidação e expansão das redes sociais e seus impactos no comportamento em saúde; (b) estudos nos idiomas português e inglês; e (c) produções acadêmicas e técnicas (artigos científicos, livros, capítulos de livros, dissertações, teses e documentos institucionais) que abordassem a relação entre ambientes digitais e ansiedade relacionada à saúde ou TAD e hipocondria. Foram excluídos estudos sem relação direta com o tema, publicações sem revisão por pares (excetuando-se documentos institucionais reconhecidos), materiais duplicados e trabalhos que não apresentavam metodologia claramente descrita.

A seleção dos estudos ocorreu em duas etapas: inicialmente, realizou-se a leitura dos títulos e resumos e, posteriormente, a leitura integral dos textos elegíveis. A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, envolvendo procedimentos de leitura analítica, categorização e síntese temática dos conteúdos. Os achados foram organizados em eixos temáticos: (1) as manifestações da ansiedade de saúde associadas

ao uso de ambientes digitais; (2) os processos psicológicos relacionados ao desenvolvimento do Transtorno de Ansiedade de Doença; (3) o papel das redes sociais na disseminação de desinformação médica; e (4) as implicações clínicas e sociais decorrentes do uso inadequado de informações em saúde no contexto virtual.

O percurso metodológico fundamenta-se nos pressupostos da revisão bibliográfica sistemática, conforme proposto por Gil (2017) e Lakatos e Marconi (2021), assegurando rigor científico, transparência e reprodutibilidade nas etapas de busca, seleção e análise dos dados, o que contribui para a confiabilidade e consistência dos resultados apresentados.

3. Resultados e discussão

Evidências indicam que a ansiedade exerce influência direta na forma como os indivíduos percebem e interpretam sensações corporais, podendo intensificá-las mesmo na ausência de patologia orgânica, o que reforça sua dimensão psicossomática (Romanazzo; Mansueto; Cosci, 2022). Essa compreensão dialoga com os achados de Starcevic e Berle (2013), ao evidenciarem que a interpretação catastrófica de sinais corporais constitui um dos principais mecanismos de manutenção da ansiedade em saúde. Nessa direção, ambos os referenciais convergem ao apontar que não é a presença objetiva de sintomas que sustenta o quadro, mas a forma como esses sinais são cognitivamente interpretados. Tal perspectiva é aprofundada quando se considera o ambiente digital, no qual, conforme destacam Lazzaris e Delsoto (2016), a exposição contínua a informações médicas sem mediação técnica tende a reforçar essas interpretações distorcidas, ampliando a ansiedade e consolidando crenças disfuncionais.

Esse processo torna-se ainda mais relevante no contexto brasileiro, marcado por elevado acesso às tecnologias digitais. Dados do relatório Digital 2026, elaborado por Kemp (2026), indicam que o Brasil figura entre os países com maior número de usuários e tempo de permanência online, o que potencializa a centralidade da internet como fonte de informação em saúde. Contudo, conforme problematizam Lazzaris e Delsoto (2016), essa ampliação do acesso não se traduz necessariamente em qualidade informacional, o que cria um cenário propício à desinformação. Nesse ponto, observa-se uma articulação entre fatores contextuais e individuais: enquanto o ambiente digital amplia o acesso e a exposição a conteúdos, os indivíduos com maior vulnerabilidade à ansiedade em saúde tendem a utilizar essas informações de forma seletiva e distorcida, como já apontado por Starcevic e Berle (2013).

Adicionalmente, a discussão é ampliada pela contribuição de Pariser (2011), que introduz a dimensão estrutural dos algoritmos na mediação da informação. Enquanto Lazzaris e Delsoto (2016) enfatizam a fragilidade do conteúdo disseminado, Pariser (2011) demonstra que a própria lógica de funcionamento das plataformas reforça a exposição a informações alinhadas às crenças e preocupações prévias dos usuários.

Paralelamente, ao integrar as contribuições de Romanazzo, Mansueto e Cosci (2022) com as de Starcevic e Berle (2013), aponta-se um circuito psicossomático no qual cognição, emoção e corpo se retroalimentam. A ansiedade psíquica, intensificada pela exposição digital, tende a manifestar-se em sensações corporais que, por sua vez, são reinterpretadas como sinais de doença, reforçando o ciclo ansioso. Esse processo é potencializado, conforme Lazzaris e Delsoto (2016), pelo consumo acrítico de informações e, conforme Pariser (2011), pela repetição algorítmica desses conteúdos, evidenciando que o Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD) deve ser compreendido a partir de uma perspectiva multifatorial e integrada.

Os achados desta revisão indicam que tais fatores operam de forma interdependente e sinérgica: conteúdos imprecisos, quando amplificados por algoritmos que privilegiam sua recorrência, favorecem a consolidação de “bolhas informacionais”, intensificando a percepção de ameaça à saúde e reforçando padrões cognitivos disfuncionais. Nesse contexto, a literatura converge ao demonstrar que a intensificação do TAD na contemporaneidade não pode ser atribuída a um único determinante, mas resulta da interação entre vulnerabilidades cognitivas individuais, qualidade do conteúdo informacional e mecanismos tecnológicos de difusão.

4. Considerações finais

A partir do percurso metodológico adotado e da análise crítica da literatura, conclui-se que o Transtorno de Ansiedade de Doença (TAD) configura-se como uma condição significativamente influenciada pelas dinâmicas informacionais dos ambientes digitais contemporâneos. A revisão evidenciou que, embora a internet amplie o acesso ao conhecimento em saúde, também favorece a circulação de informações imprecisas, que, associadas à busca recorrente por conteúdos médicos, intensificam a vigilância corporal, a interpretação catastrófica de sintomas e o fortalecimento de crenças disfuncionais, elementos centrais na manutenção do transtorno.

Os achados reforçam que fatores estruturais, como a atuação de influenciadores sem respaldo técnico e a mediação algorítmica das plataformas, não apenas ampliam a exposição a conteúdos potencialmente alarmistas, mas também contribuem para a formação de ciclos de retroalimentação da ansiedade, evidenciando a relevância do contexto digital como modulador do TAD. Nesse sentido, destaca-se a importância de compreender o transtorno a partir de uma perspectiva ampliada, que integre dimensões cognitivas, comportamentais e psicossomáticas.

Diante disso, o estudo evidencia implicações teóricas e práticas relevantes, ao apontar a necessidade de fortalecimento do letramento em saúde digital, da regulação e qualificação das informações veiculadas nas redes sociais e da atuação de profissionais capacitados na mediação desses conteúdos. Ademais, ressalta-se a importância do desenvolvimento de intervenções clínicas que considerem os impactos do ambiente digital na gênese e

manutenção do transtorno. Por fim, a relevância desta investigação reside em contribuir para a compreensão do TAD em um contexto marcado pela hiperconectividade, oferecendo subsídios para a formulação de estratégias preventivas e terapêuticas mais eficazes, alinhadas às demandas da saúde mental na contemporaneidade.

5. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2022.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da população residente no Brasil e nas unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2025**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 mar. 2026.

IQNUS. **Redes sociais no Brasil em 2025: o que os dados revelam**. Disponível em: <https://www.ignus.com/post/redes-sociais-no-brasil-em-2025-o-que-os-dados-revelam>. Acesso em: 24 mar. 2026.

KEMP, Simon. **Digital 2025: Brazil**. DataReportal, 2025. Disponível em: <https://datareportal.com>. Acesso em: 20 abr. 2026.

LAZZARIS, Lucas Cercal; DELSOTO, Giovanni Simões. **Redes sociais e comportamento humano**. Santa Catarina: NEPET, 2016. Disponível em: <https://nepet.ufsc.br>. Acesso em: 20 mar. 2026.

O GLOBO. **A busca por doenças online aumenta a cibercondria: o que é e por que preocupa os médicos**. 2026. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/google/amp/saude/noticia/2026/01/18/a-busca-por-doencas-online-aumenta-a-cibercondria-o-que-e-e-por-que-preocupa-os-medicos.ghml>. Acesso em: 20 mar. 2026.

OKUMURA, Iris M.; SERBENA, Carlos Augusto; DÓRO, Maribel P. Psychosomatic illness in the analytical approach: an integrative literature review. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 22, n. 2, p. 487–515, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n2p487-515>.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROMANAZZO, Sara; MANSUETO, Giovanni; COSCI, Fiammetta. Anxiety in the medically ill: a systematic review of the literature. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.873126>.

SOUSA, Gabrielle Cristina Nogueira de; MOURA, Lilyane Andressa Aguiar Morais de. A disseminação de informações sobre transtornos mentais nas redes sociais: desafios e consequências. In: SEMINÁRIO ESTADUAL SOBRE SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE. **Anais...** [s.l.]: Editora Pasteur, [s.d.]. Disponível em: https://sistema.editorapasteur.com.br/uploads/pdf/publications_chapter/A%20DISSEMINA%C3%87%C3%83O%20DE%20INFORMA%C3%87%C3%95ES%20SOBRE%20TRANSTORNOS%20MENTAIS%20NAS%20REDES%20SOCIAIS:%20DESAFIOS%20E%20CONSEQU%C3%84NCIAS-8a633994-316e-4090-ba12-fec938d08bd8.pdf. Acesso em: 21 mar. 2026.

STARCEVIC, V.; BERLE, D. Cyberchondria: towards a better understanding of excessive health-related internet use. **Expert Review of Neurotherapeutics**, v. 13, n. 2, p. 205–213, 2013.

TEIXEIRA, Michelle. **Saúde na era digital**. [s.d.]. Disponível em: <https://dr-michelleteixeira.com.br/saude-na-era-digital/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO FILME CISNE NEGRO: SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CULTURA DA PERFEIÇÃO

*Maísa de Azevedo Nascimento*¹¹⁶

*Raquel Araújo da Silva*¹¹⁷

*Rayene Nascimento Sá*¹¹⁸

*Thayná Borges Alves*¹¹⁹

*Tainá Batista Viana*¹²⁰

*Lucélia de Jesus Amaral Jati*¹²¹

Resumo: A contemporaneidade impõe exigências constantes de desempenho, perfeição e reconhecimento, favorecendo manifestações de sofrimento psíquico relacionadas ao narcisismo e à fragmentação subjetiva. Nesse contexto, o presente estudo objetivou compreender a constituição do sofrimento psíquico da personagem Nina Sayers no filme *Cisne Negro* (2010), articulando psicanálise freudiana, psicopatologia contemporânea e cultura da performance. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida por meio de análise fílmica e revisão narrativa da literatura. Os resultados evidenciam manifestações como ansiedade, compulsões, dissociação e fragilidade do ego diante de exigências excessivas de perfeição. Conclui-se que a obra contribui para a Psicologia ao ampliar reflexões sobre sofrimento psíquico, narcisismo e processos autodestrutivos na contemporaneidade.

Palavras-chave: psicanálise; narcisismo; sofrimento psíquico; psicopatologia; cinema.

1. Introdução

A atualidade é marcada por exigências de desempenho, produtividade e perfeição, fatores que impactam diretamente a constituição subjetiva e o sofrimento psíquico. Nesse âmbito, manifestações relacionadas ao narcisismo, à fragilidade identitária e à autocobrança excessiva têm sido amplamente discutidas pela psicologia e pela psicanálise, especialmente diante das pressões sociais por reconhecimento e excelência. A busca idealizada pela perfeição pode favorecer sentimentos de inadequação, ansiedade e comportamentos autodestrutivos, tornando-se relevante para a compreensão das psicopatologias contemporâneas.

¹¹⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹¹⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Neuropsicóloga, Esp. Em avaliação psicológica.

No filme *Cisne Negro* (2010), dirigido por Darren Aronofsky, observa-se uma representação simbólica desses conflitos ao mostrar a trajetória de Nina Sayers, bailarina submetida a rígidas exigências estéticas e emocionais. Ao assumir o papel principal na montagem de *O Lago dos Cisnes*, a protagonista passa a vivenciar intenso sofrimento psíquico caracterizado por repressão emocional, compulsões, distorções perceptivas e progressiva ruptura da realidade. A dualidade entre o Cisne Branco e o Cisne Negro simboliza o conflito entre controle e desejo, revelando dificuldades relacionadas à integração da subjetividade e ao manejo de impulsos inconscientes (LUZ, 2011).

Sob a ênfase psicanalítica, o filme permite reflexões sobre conceitos como narcisismo, repressão pulsional, Ideal do Eu e conflito entre Id, Ego e Superego. Freud (2010; 2011; 2020) delineia que a constituição psíquica é atravessada por tensões entre impulsos, exigências morais e mecanismos de defesa, podendo produzir sofrimento quando há rigidez excessiva do Superego e repressão das pulsões. Além disso, a relação entre Nina e sua mãe evidencia aspectos ligados à dependência emocional e à fragilidade da autonomia subjetiva, elementos frequentemente associados ao desenvolvimento de sofrimento psíquico (Bittar *et al.*, 2020).

Dessa forma, este estudo objetiva compreender o sofrimento psíquico da personagem Nina Sayers a partir da articulação entre psicanálise freudiana, psicopatologia contemporânea e cultura da performance. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada por meio de análise fílmica associada à revisão narrativa da literatura, entendida como um método interpretativo e crítico de construção do conhecimento.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, que articula análise fílmica do filme *Cisne Negro* (2010) com revisão narrativa da literatura, compreendida como um método de síntese interpretativa, crítico-reflexiva e não sistemática do conhecimento (Snyder, 2019). O estudo tem como objetivo compreender a constituição do sofrimento psíquico da personagem Nina Sayers, a partir da articulação entre psicanálise freudiana, psicopatologia contemporânea e cultura da performance. Adotou-se como questão norteadora: como a busca pela perfeição influencia a constituição do sofrimento psíquico de Nina Sayers?

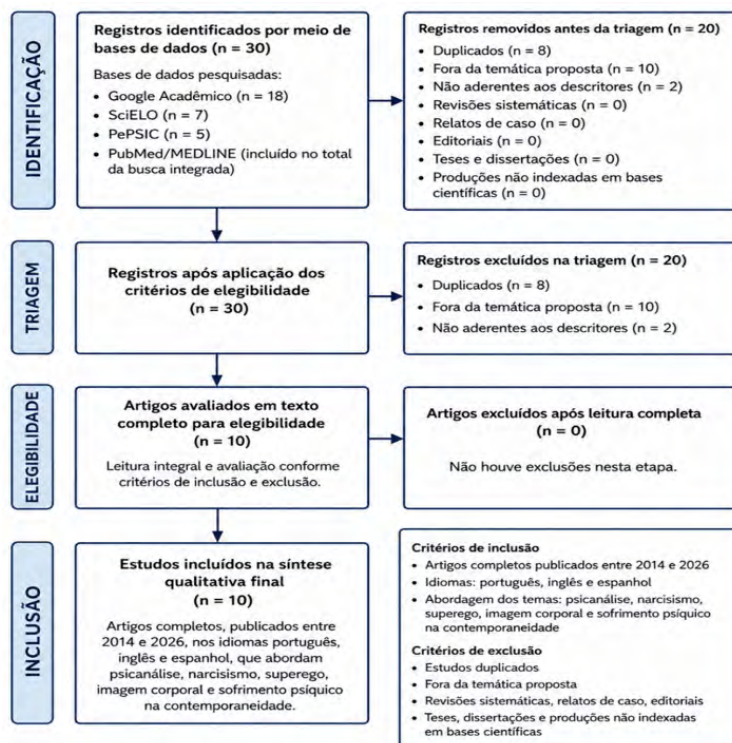
O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases SciELO, PubMed/MEDLINE, PePSIC e Google Acadêmico, utilizando descritores do DeCS e MeSH combinados pelos operadores booleanos “AND” e “OR”, como: (“psicanálise” OR “psychoanalysis”) AND (“narcisismo” OR “narcissism”) AND (“superego”) AND (“imagem corporal” OR “body image”) AND (“psicopatologia” OR “psychopathology”) AND (“cultura da performance” OR “performance culture”). A busca inicial resultou em 30 artigos, sendo 18 no Google Acadêmico, 7 na SciELO e 5 na PePSIC. Após aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados 10 estudos para análise final.

Foram incluídos artigos completos publicados entre 2014 e 2026, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem psicanálise, narcisismo, superego, imagem corporal e sofrimento psíquico na contemporaneidade. Foram excluídos estudos duplicados, fora da temática proposta, revisões sistemáticas, relatos de caso, editoriais, teses, dissertações e produções não indexadas em bases científicas.

O processo de seleção seguiu etapas adaptadas da revisão narrativa: definição da questão de pesquisa, levantamento bibliográfico, seleção do material, leitura interpretativa, categorização temática e síntese crítica dos achados. Segundo Snyder (2019), esse tipo de revisão não se orienta por protocolos rígidos de exaustividade, sendo construída a partir da análise crítica e interpretativa do pesquisador sobre o corpus teórico selecionado. No campo da psicanálise, essa abordagem é particularmente pertinente, uma vez que sua tradição teórica, desde Freud e autores pós-freudianos, fundamenta-se na interpretação, na articulação conceitual e na leitura dos fenômenos psíquicos, privilegiando a produção de sentido em detrimento de modelos estritamente empírico-positivistas.

Dessa forma, a revisão narrativa se alinha à epistemologia psicanalítica ao integrar teoria, cultura e subjetividade, possibilitando a compreensão do sofrimento psíquico como expressão de conflitos intrapsíquicos e determinantes socioculturais. Nessa perspectiva, a análise dos dados foi de natureza interpretativa, fundamentada nos conceitos freudianos de id, ego e superego, articulando subjetividade e contexto sociocultural, com ênfase no sofrimento psíquico como produto dessa interação. A Figura 1 apresenta o fluxograma de triagem e seleção dos estudos.

Figura 1 - Fluxograma do resultado da estratégia de busca e seleção dos estudos.



Fonte: Autores (2026).

3. Resultados e discussão

A análise do filme *Cisne Negro* (Aronofsky, 2010) evidencia um sofrimento psíquico associado à repressão pulsional, ao narcisismo e à fragmentação subjetiva. Nina Sayers apresenta um funcionamento marcado pelo perfeccionismo, pela rigidez comportamental e pela necessidade constante de aprovação. A oposição entre o *Cisne Branco* e o *Cisne Negro* simboliza o conflito entre contenção e desejo, racionalidade e impulsividade, revelando a dificuldade da personagem em integrar aspectos contraditórios de sua subjetividade (Luz, 2011).

Os estudos analisados indicam que Nina possui um Superego excessivamente rígido, com autocobrança, culpa e busca compulsiva pela perfeição. Para Freud (2011), a repressão de impulsos agressivos e sexuais intensifica a atuação do Superego, favorecendo sofrimento psíquico e fragilidade do Ego. No filme, isso se manifesta por meio de ansiedade, comportamentos obsessivos e dificuldade em lidar com falhas. Além disso, a relação simbiótica com a mãe reforça a dependência emocional e limita o desenvolvimento da autonomia da protagonista (Bittar *et al.*, 2020).

Ao longo da narrativa, a necessidade de interpretar o Cisne Negro favorece a emergência de conteúdos reprimidos relacionados à sexualidade, agressividade e liberdade pulsional. Gregório (2012) afirma que o Cisne Negro simboliza o retorno do recalcado, desestabilizando o equilíbrio psíquico da personagem. Nesse contexto, Freud (2020) descreve que a vida psíquica é marcada pelo conflito entre pulsão de vida, voltada à preservação e integração, e pulsão de morte, relacionada à destruição e ao retorno ao estado inorgânico. Em Nina, esse conflito aparece na tensão entre o desejo de reconhecimento e os impulsos autodestrutivos.

Com o avanço do sofrimento psíquico, Nina passa a apresentar alucinações, episódios dissociativos e distorções corporais, indicando fragilidade do Ego e ruptura progressiva da percepção da realidade. Menezes (2015) descreve a protagonista como uma personalidade fragmentada, marcada pela instabilidade identitária. O uso constante de espelhos reforça simbolicamente essa fragmentação, evidenciando a dificuldade da personagem em reconhecer e integrar diferentes aspectos de si mesma.

A análise também evidencia a relação entre narcisismo e sofrimento psíquico contemporâneo. Freud (2010), em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, descreve o Ideal do Eu como elemento central da constituição subjetiva, aspecto observado em Nina pela busca incessante da perfeição. O corpo torna-se alvo de vigilância constante e exigências rigorosas de desempenho e estética. Para Luz (2011), Cisne Negro representa um sujeito submetido às pressões sociais de excelência e reconhecimento, intensificando conflitos internos e sentimentos de inadequação.

Os estudos selecionados demonstram ainda que o excesso de investimento narcísico pode favorecer movimentos autodestrutivos. Garcia (2021), ao discutir a destrutividade na perspectiva psicanalítica, afirma que a agressividade pode voltar-se contra o próprio sujeito, produzindo sofrimento psíquico e esvaziamento emocional. Em Nina, isso se manifesta por meio de automutilações, compulsões e perda progressiva da realidade. Além disso, Barbosa, Campos e Neme (2021) destacam que o narcisismo contemporâneo está relacionado à fragilidade emocional e ao desamparo psíquico.

Ao afirmar ter alcançado a perfeição durante a apresentação final, Nina atinge simultaneamente a realização narcísica e a destruição de si mesma. O filme demonstra que a busca pela perfeição absoluta pode conduzir ao aniquilamento subjetivo. Dessa forma, Cisne Negro constitui uma representação consistente dos efeitos psíquicos relacionados à repressão, à idealização narcísica e à fragmentação da subjetividade, evidenciando como as exigências de perfeição podem favorecer sofrimento intenso e processos autodestrutivos.

4. Considerações finais

Conclui-se que o filme Cisne Negro (2010) constitui uma relevante representação cinematográfica de processos psicopatológicos relacionados ao

narcisismo, à fragmentação da identidade e ao sofrimento psíquico decorrente da repressão emocional. A trajetória de Nina evidencia manifestações como ansiedade intensa, compulsões, episódios dissociativos, distorções perceptivas e perda progressiva do contato com a realidade, demonstrando o agravamento de conflitos intrapsíquicos diante de exigências excessivas de perfeição e desempenho.

Nesse contexto, o filme contribui para a compreensão psicológica da relação entre fragilidade do Ego, rigidez do Superego e mecanismos auto-destrutivos, ressaltando a importância da psicanálise na interpretação das manifestações psicopatológicas contemporâneas. Além disso, a obra amplia reflexões sobre os impactos das pressões sociais e familiares na saúde mental, destacando a necessidade de um olhar clínico integral sobre o sujeito e seu sofrimento psíquico.

5. Referências

ARONOFSKY, Darren. **Cisne Negro** [filme]. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2010.

BARBOSA, Mariana Costa; CAMPOS, Érico Bruno Viana; NEME, Carmen Maria Bueno. Narcisismo e contemporaneidade: desamparo, sofrimento psíquico e fragilidade dos vínculos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, e200154, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202572>. Acesso em: 3 de maio de 2026.

BITTAR, Débora El-Jaick Pereira *et al.* Os riscos no processo de diferenciação entre mãe e filha. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 2, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952020000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 3 de maio 2026.

DE MASI, Franco. The perverse and the psychotic superego. **International Journal of Psychoanalysis**, Londres, v. 101, n. 4, p. 701-718, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/00207578.2020.1779454>.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 161-239.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA, Ana Paula Silva. Destrutividade e narcisismo na contemporaneidade: contribuições da teoria de André Green. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 21, n. 3, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/11545>. Acesso em: 3 de maio de 2026.

GREGÓRIO, Ana Rita Barbedo. **Narcisismo e organização narcísica no filme O Cisne Negro**. Lisboa: ISPA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2588/1/14289.pdf>. Acesso em: 3 de maio de 2026.

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

LANDEWHR, Margarete Johanna. Aronofsky's Black Swan as a postmodern fairy tale: mirroring a narcissistic society. **Humanities**, Basel, v. 10, n. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0787/10/3/86>. Acesso em: 3 de maio de 2026.

LUZ, Ana Maria Oliveira da. "Cisne Negro": quando eu sou um outro. **Cadernos de Psicanálise CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 25, p. 178-190, 2011. Disponível em: https://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/14_CP_25_CISNE_NEGRO.pdf. Acesso em: 3 de maio de 2026.

MENEZES, Nathália Pires Pereira. Crise de identidade: o sujeito fragmentado em Cisne Negro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30252/1/2015_eve_nppmenezes.pdf. Acesso em: 3 de maio de 2026.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. **Journal of Business Research**, Amsterdam, v. 104, p. 333-339, 2019.

ENTRE A DOR E O SENTIDO: O LUTO COMO EXPERIÊNCIA VÍVIDA NA GESTALT-TERAPIA

*Bruna Grazielle Mota da Cruz*¹²²

*Isabele Vitória Vieira Marialva*¹²³

*Carolina Maria de Oliveira Torres*¹²⁴

Resumo: O luto é uma experiência humana inevitável, marcada por dimensões emocionais, simbólicas e relacionais que exigem reorganização diante da perda. Este estudo objetiva refletir sobre o luto na perspectiva da Gestalt-terapia, compreendendo-o como experiência vivida e destacando o ajustamento criativo como possibilidade de ressignificação. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada em bases como SciELO e Google Acadêmico, com publicações entre 2004 e 2025. Os resultados indicam que o luto é um processo dinâmico, singular e atravessado por múltiplos sentidos. Na perspectiva gestáltica, a elaboração do luto ocorre pelo contato com a experiência, favorecendo awareness, fechamento de gestalten e reorganização do campo organismo/meio. Conclui-se que a Gestalt-terapia amplia a consciência e possibilita transformar o sofrimento em crescimento existencial.

Palavras-chave: gestalt-terapia; experiência vivida; awareness; ajustamento criativo.

1. Introdução

O luto é uma das maiores e inevitáveis experiências humanas, fundamentando uma das principais certezas nos diversos contextos de uma história. Por tal magnitude, a dor e a angústia das perdas fizeram o homem buscar respostas sobre a finitude. Segundo Kübler-Ross (1996), quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repeliu. A morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento tenebroso, a algo que em si clama por recompensa ou castigo.

Desse modo, torna-se indispensável abarcar o luto em sua totalidade, pois não se consideram apenas as separações e as partidas, mas também a perda de sonhos, das expectativas impossíveis e das ilusões de liberdade e poder. Mediante esse cenário, a Gestalt terapia auxilia o indivíduo no melhor enfrentamento de suas questões para ela o enlutado introjeta a perda e faz uma retroflexão da raiva, ficando então, com a tristeza ancorada dentro de si, nessa situação entra num impasse, porque nem a tristeza e nem a raiva podem completar seus propósitos naturais, esse arranjo faz-se complexos, na medida que o ser humano apresenta tendência a utilizar recursos defensivos

¹²² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²⁴ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Esp. Em Clínica, Saúde e Educação.

para não vivenciar tais perdas com a intensidade que elas possuem e para isto faz uso da negação.

A dor da perda, quando não é integrada ao processo vivencial, quando é evitada, refletirá em toda a vida da pessoa como uma situação inacabada. Além disso, para a Gestalt-terapia, as perdas não são apenas perdas: são, muitas vezes, condições para ganhos que não seriam perceptíveis sem sua vivência. Isso não se trata de uma atitude de conformismo, mas sim uma constatação prática de que, quando se for ultrapassado o momento crítico da dor, essa teoria reforça que há conquistas que nunca ocorrerão se não forem precedidas de perdas. Portanto, o objetivo primordial desse resumo expandido está na ampliação do conhecimento em Gestalt sobre o luto e seu manejo terapêutico na ajuda do indivíduo e suas formas de ajustamento criativo em meio à dor sentida.

O luto é uma das experiências mais profundas da existência humana, não se restringindo à morte, mas abrangendo perdas simbólicas, rupturas de vínculos e frustrações de expectativas. Ao longo da história, a morte e o perder foram compreendidos de diferentes formas pelas culturas, frequentemente associados a sofrimento e finitude (Kübler-Ross, 1969).

Sob a perspectiva da Gestalt-terapia, o luto é compreendido como uma experiência vivida que emerge no campo organismo/meio, exigindo do sujeito um movimento de contato com aquilo que se apresenta. A dor, nesse contexto, não deve ser evitada, mas reconhecida e integrada. Quando esse processo é interrompido, podem surgir situações inacabadas que repercutem no funcionamento emocional do indivíduo. Assim, compreender o luto como possibilidade de reorganização e produção de sentido torna-se essencial para a prática psicológica.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma revisão de literatura de natureza qualitativa. A busca foi realizada nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, utilizando os descritores: “luto”, “emoções”, “comportamento” e “Gestalt-terapia”. Foram incluídos estudos publicados entre 2004 e 2025 que abordassem o luto em suas dimensões psicossociais e intervenções terapêuticas. A seleção ocorreu por meio da leitura de títulos e resumos, considerando critérios de relevância e alinhamento.

3. Resultados e discussão

Após a busca, foram encontrados 39 artigos; 14 destes foram utilizados para compor essa pesquisa. Assim, o luto estabelece o vínculo entre o passado e o futuro e delineia, de forma estruturante, como contexto e concepção que cada sociedade faz de sua própria tradição. Esse processo torna-se um conjunto de reações frente às perdas; identifica-se como um processo e não um estado. Compõe parte da vivência do indivíduo em situação de

perda e deve ser valorizado e acompanhado para que se preserve a saúde emocional.

Todo contato se estabelece de forma criativa e dinâmica, contudo, não pode ser rotineiro, cristalizado nem pré-concebido, visto que precisa encarar o novo. Entretanto, o contato não pode aceitar a novidade de forma passiva ou meramente se ajustar a ela, porque a novidade tem de ser assimilada (Perls; Hefferline; Goodman, 1997). Ao vivenciar as emoções que emergem em situações de perdas, a assimilação do fato ocorre mais facilmente, logo, ao contatar essas emoções que naturalmente surgem, identificá-las e introjetá-las auxiliam o indivíduo a significar a situação. As situações de perdas e de morte podem ser vivenciadas de forma saudável ou disfuncional. Quando vivida de forma saudável, essa elaboração pode percorrer um processo que vai da negação do fato até a sua aceitação, e isso varia de acordo com as especificidades de cada indivíduo.

Entretanto, no processo saudável, as figuras conseguem se destacar de forma bem delineada e o fundo fornece um suporte suficiente para que elas se sustentem. Contudo, na vivência disfuncional dessa perda, o indivíduo se apega a uma das fases do processo, prolongando dessa forma o sofrimento. O indivíduo fica fixado na situação inacabada e o fundo contatado não corresponde à figura.

Diante desse cenário, tem-se o processo de desvinculação-afastamento (fechamento de gestalten em situação de perdas e de morte). O processo de ajustamento criativo a novas situações e circunstâncias, que compreende utilizar um recurso para a posterior satisfação de uma necessidade, é uma fase que sempre envolve agressão e destruição, visto que, ao abandonar e reestruturar velhas formas, o diferente se torna semelhante (Perls; Hefferline; Goodman, 1997).

Desenvolver de forma dinâmica o processo de formação de figura e fundo faz com que situações de perda possam ser vividas de uma boa forma e que as gestalten se fechem, possibilitando que se tornem posteriormente um fundo que servirá de sustentação para que organismo forme novas figuras. Entretanto, se as gestalten não se fecham surgem situações inacabadas que impedem que novas figuras ocorram de forma contínua e fluida, prendendo o indivíduo que fica apegado a essa situação que foi vivida de forma incompleta.

O luto é um processo singular, envolvendo respostas emocionais, cognitivas e comportamentais frente à perda. As contribuições de Kübler-Ross (1969) apresentam estágios que auxiliam na compreensão desse processo, ainda que não ocorram de forma linear. Na Gestalt-terapia, o luto é compreendido como uma experiência que precisa ser vivida em sua totalidade. O sofrimento emerge como figura, demandando contato e reconhecimento. Quando esse contato é evitado, podem surgir bloqueios no fluxo de experiência, configurando situações inacabadas. A *awareness* possibilita ao sujeito reconhecer suas emoções e necessidades, enquanto o ajustamento criativo

refere-se à capacidade de reorganização frente às novas condições impostas pela perda. Ao experienciar e integrar emoções como tristeza, raiva e culpa, o indivíduo amplia sua capacidade de ressignificação.

Nesse sentido, a psicoterapia gestáltica se apresenta como espaço de suporte para a elaboração da experiência e reconstrução de sentidos. Dessa forma, é fundamental que o luto seja elaborado em sua totalidade e singularidade como formas possíveis para cada pessoa reajustar-se em meio a dor vivenciada.

4. Considerações finais

Logo, o processo de luto surge como o uma nova realidade, com isso a possibilidade da perda surge como novidade, torna-se figura, clama por atenção, precisa ser contatada, percebida. Instaura-se o caos, o conflito, a pessoa necessita experienciar o momento natural de sua reorganização, segundo as dominâncias de suas necessidades mais urgentes, a partir de então, atualizar a espontaneidade e da expressão de seus sentidos. O contato com o sofrimento, e sua expressão, possibilita que a dor possa ser trabalhada até seu fim.

Deste modo, o processo do luto é fundamental para que o enlutado consiga transitar em todas as etapas desse caminho doloroso, a fim de ressignificar sua perda. Ao evitar a vivência desses sentimentos advindos do processo nega-se também a oportunidade de aprendizado e de amadurecimento diante do que se apresenta. Fundamentando sobre a abordagem Gestáltica a primordialidade para que o cliente consiga aceitar e reconhecer à perda vivenciando de forma plena as emoções que surgem diante da experiência pois ao se tornar aware torna-se possível o fechamento da gestalt. O luto, enquanto experiência vivida, convoca o sujeito a entrar em contato com sua dor e a reconhecer os sentidos que emergem desse processo. Na perspectiva gestáltica, a vivência consciente do sofrimento possibilita sua integração e transformação.

A Gestalt-terapia contribui para o fechamento de gestalten e para a reorganização do campo organismo/meio, favorecendo a continuidade da vida com novos significados. Assim, destaca-se a importância da atuação psicológica no acompanhamento do luto, promovendo saúde emocional e ressignificação da experiência.

5. Referências

BIRCK, Michele Dianne. **Perdas necessárias sob o olhar da Gestalt-terapia**. 2010.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 87-97, 2013.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

MARTINS, Marize; LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. **Revista IGT na Rede**, v. 11, n. 20, p. 3 – 39, 2014.

PERLS, Fritz. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1988.

PERLS, Fritz; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA E PSICOPEDAGOGIA NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

*Rosivete Figarella*¹²⁵

*Fernanda Sousa Ribeiro*¹²⁶

*Pâmela Tavares de Oliveira*¹²⁷

Resumo: O processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental é um tema de grande relevância no campo da Psicologia e da Psicopedagogia. Sendo assim, o objetivo do estudo é promover uma reflexão a respeito das interfaces entre essas áreas para a compreensão e intervenção nas dificuldades de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão de literatura, na qual foram utilizados livros e artigos científicos como fontes de informação. Estes foram rastreados, com uso de palavras-chave, em plataformas acadêmicas. Percebe-se que as dificuldades de aprendizagem envolvem fatores cognitivos, emocionais e sociais. Sendo assim, conclui-se que deve ser permanente a articulação entre Psicologia e Psicopedagogia, na intenção de minorar desafios no contexto escolar.

Palavras-chave: psicologia; psicopedagogia; dificuldades na aprendizagem.

1. Introdução

O processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental constitui uma etapa essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, sendo nesse período que se consolidam habilidades fundamentais como leitura, escrita e raciocínio lógico. No entanto, as dificuldades de aprendizagem se apresentam como um fenômeno complexo e multifatorial, não podendo ser compreendidas de forma isolada, uma vez que envolvem fatores orgânicos, cognitivos, afetivos e sociais (Pain, 1986). Diante dessa realidade, torna-se essencial compreender tais dificuldades a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse contexto, a Psicopedagogia emerge como um campo de conhecimento que se dedica à compreensão dos processos de aprendizagem e suas dificuldades, articulando diferentes saberes na busca por intervenções mais eficazes (Bossa, 2007). Em diálogo com essa área, a Psicologia contribui significativamente ao possibilitar a compreensão dos aspectos subjetivos e emocionais que interferem no aprender, considerando o sujeito em sua integralidade e inserido em um contexto relacional (Rubinstein, 2001).

¹²⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

A aprendizagem, portanto, não se restringe à aquisição de conteúdos escolares, mas está diretamente relacionada às experiências vividas pelo sujeito, aos vínculos estabelecidos e às condições oferecidas pelo ambiente escolar e familiar. Diante dessa complexidade, a interlocução entre diferentes áreas do conhecimento torna-se indispensável. Como destaca Maia (2007), compreender o processo de aprender implica analisar não apenas o desempenho do aluno, mas também as condições em que esse processo ocorre, bem como as interações que o constituem.

Nas séries iniciais, a identificação precoce das dificuldades de aprendizagem é fundamental para prevenir o fracasso escolar, que, segundo Rovira (2004), deve ser compreendido como um fenômeno social, resultante de múltiplas determinações e não como uma limitação individual do aluno. Dessa forma, torna-se indispensável a atuação integrada entre psicopedagogos, psicólogos, professores e família, a fim de promover intervenções que considerem as singularidades do sujeito e favoreçam o desenvolvimento de suas potencialidades.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre as interfaces entre Psicologia e Psicopedagogia na compreensão e intervenção das dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, destacando a importância de práticas interdisciplinares que contribuam para uma aprendizagem significativa e inclusiva.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa descritiva, do tipo revisão de literatura, tendo como objetivo analisar as interfaces entre Psicologia e Psicopedagogia nas dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, considerando seus aspectos subjetivos, sociais e educacionais.

Para a construção teórica do trabalho, foram utilizados livros e artigos científicos como fontes de informação, selecionados a partir de sua relevância para a temática proposta. A coleta de dados ocorreu por meio de buscas em plataformas acadêmicas, SciELO e outras bases digitais, utilizando-se palavras-chave como: “Psicologia”, “Psicopedagogia”, “dificuldades de aprendizagem” e “ensino fundamental”.

Como critério de inclusão, foram selecionadas produções que abordassem diretamente a relação entre aprendizagem, dificuldades escolares e a atuação da Psicologia e da Psicopedagogia, especialmente no contexto das séries iniciais. Foram priorizados autores reconhecidos na área, como Bossa (2007), Pain (1986), Rubinstein (2001), Maia (2007) e Rovira (2004), entre outros que contribuem para a compreensão do tema.

A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar convergências teóricas e contribuições relevantes para

a compreensão das dificuldades de aprendizagem sob uma perspectiva interdisciplinar. Dessa forma, o estudo visa articular diferentes referenciais teóricos, promovendo uma reflexão crítica acerca da importância da integração entre Psicologia e Psicopedagogia no contexto educacional.

3. Resultados e discussão

A análise da literatura evidenciou que as dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental devem ser compreendidas como um fenômeno multifatorial e complexo, não podendo ser reduzidas a explicações simplistas centradas apenas no aluno. Conforme Pain (1986), tais dificuldades resultam da interação entre fatores orgânicos, psicogênicos e ambientais, o que exige uma abordagem que considere a totalidade do sujeito e suas condições de existência. Ou seja, compreender a vivência e a construção dessa criança das séries iniciais, como fatores emocionais, traumas, ansiedade, insegurança, baixa autoestima e talvez dificuldades nos vínculos afetivos, acaba exercendo influência no desempenho escolar.

Nesse contexto, a psicopedagogia se apresenta como um campo fundamental na identificação, compreensão e intervenção das dificuldades de aprendizagem, ao investigar como o sujeito aprende e quais obstáculos interferem nesse momento. Segundo Bossa (2007), a atuação psicopedagógica ultrapassa o diagnóstico das dificuldades, buscando compreender o significado da aprendizagem para o indivíduo e promovendo estratégias que favoreçam o desenvolvimento de suas potencialidades. No entanto, essa atuação torna-se ainda mais eficaz quando articulada com a Psicologia, que contribui para a compreensão dos aspectos emocionais e subjetivos implicados no aprender.

A Psicologia, nesse sentido, possibilita uma leitura mais aprofundada das relações que o sujeito estabelece com o conhecimento, com o outro e consigo mesmo. Rubinstein (2001) destaca que o não aprender pode estar relacionado a conflitos emocionais, dificuldades nos vínculos afetivos ou experiências negativas no contexto escolar e familiar. Assim, fatores como baixa autoestima, insegurança, medo de errar e ausência de estímulo podem impactar diretamente o desempenho escolar, evidenciando que a aprendizagem não é um processo exclusivamente cognitivo.

Outro aspecto relevante identificado nos estudos refere-se ao papel das relações sociais e institucionais no processo de aprendizagem. Roviara (2004) compreende o fracasso escolar como um fenômeno socialmente construído, resultante de múltiplas determinações que envolvem a escola, a família e o contexto sociocultural. Dessa forma, atribuir ao aluno a responsabilidade exclusiva pelo fracasso escolar contribui para a estigmatização e para o agravamento das dificuldades, comprometendo ainda mais sua trajetória acadêmica.

Além disso, verificou-se que as práticas pedagógicas exercem influência significativa no desenvolvimento da aprendizagem. Maia (2007) ressalta

a importância de uma prática docente reflexiva, que considere o aluno como sujeito ativo e participante do processo educativo. Nesse cenário, a atuação do psicopedagogo institucional ganha destaque ao auxiliar professores na elaboração de estratégias pedagógicas mais inclusivas, bem como na adaptação de metodologias que atendam às necessidades específicas dos alunos.

Outro ponto amplamente discutido refere-se à utilização do lúdico como recurso facilitador da aprendizagem. De acordo com Bossa (2007), os jogos e as brincadeiras constituem instrumentos importantes tanto para o diagnóstico quanto para a intervenção psicopedagógica, pois permitem observar como a criança pensa, sente e se relaciona com o conhecimento. O brincar possibilita a expressão de emoções, o desenvolvimento da criatividade, da autonomia e das habilidades sociais, além de tornar o processo de aprendizagem mais significativo e prazeroso.

A partir dessas discussões, torna-se evidente que a integração entre Psicologia e Psicopedagogia é essencial para a construção de práticas educativas mais eficazes e humanizadas. Essa articulação favorece uma compreensão ampliada das dificuldades de aprendizagem, permitindo intervenções que considerem não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais, sociais e relacionais do sujeito.

Dessa forma, os resultados apontam que a atuação interdisciplinar entre essas áreas contribui significativamente para a prevenção e superação das dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais, promovendo o desenvolvimento integral do aluno. Tal perspectiva reforça a necessidade de um trabalho conjunto entre escola, família e profissionais especializados, visando à construção de uma educação mais inclusiva, sensível às singularidades e comprometida com o sucesso escolar de todos os alunos.

4. Considerações finais

Diante das discussões apresentadas, compreende-se que as dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental constituem um fenômeno complexo, que envolve múltiplos fatores de ordem cognitiva, emocional, social e pedagógica. Nesse sentido, torna-se inadequado atribuir tais dificuldades exclusivamente ao aluno, sendo necessário considerar o contexto no qual ele está inserido, bem como as relações que estabelece com a escola, a família e o processo de aprendizagem.

A partir dessa perspectiva, evidencia-se a importância da articulação entre Psicologia e Psicopedagogia, uma vez que ambas contribuem de forma complementar para a compreensão e intervenção nas dificuldades de aprendizagem. Enquanto a Psicopedagogia se dedica à análise dos processos de aprender e suas possíveis limitações, a Psicologia amplia esse olhar ao considerar os aspectos subjetivos, emocionais e relacionais do sujeito.

Destaca-se, ainda, a relevância da atuação interdisciplinar no ambiente escolar, envolvendo psicopedagogos, psicólogos, professores e família, especialmente nas séries iniciais, fase essencial para o desenvolvimento das

habilidades básicas. A identificação precoce das dificuldades e a utilização de estratégias adequadas, como o uso do lúdico, favorecem a construção de uma aprendizagem mais significativa e inclusiva.

Conclui-se, portanto, que a integração entre Psicologia e Psicopedagogia é fundamental para minimizar o fracasso escolar e promover o desenvolvimento integral do aluno. Dessa forma, faz-se necessário investir em práticas educativas mais sensíveis às singularidades dos sujeitos, fortalecendo ações preventivas e interventivas que valorizem o aprender como um processo dinâmico, contínuo e humanizado.

5. Referências

BOSSA, Nádía A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FAGALI, Heloisa Quadros; VALE, Zélia Del Rio. **Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar e construção na sala de aula**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MAIA, Christiane Martinatti. Dificuldades de ou na aprendizagem? Algumas problematizações! Ciência e Conhecimento: **Revista Eletrônica da ULBRA São Jerônimo**, São Jerônimo, v. 1, 2001.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ROVIRA, José Maria Puig *et al.* **Educação em valores**. São Paulo: Moderna, 2004.

RUBINSTEIN, Edith. **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.



Modalidade:
Resumo Expandido

Eixo:
**Psicologia com Ênfase
Social da Saúde**

OS PRINCIPAIS PREJUÍZOS NAS FUNÇÕES COGNITIVAS ASSOCIADOS AO USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Ana Beatriz Pinheiro Batista¹²⁸

Elaine da Silva Barbosa¹²⁹

Daniel Dantas Silveira¹³⁰

Milany Santos de Carvalho¹³¹

Resumo: O recente uso de Inteligência Artificial (IA) tem influenciado diretamente o comportamento humano, uma vez que lhe têm sido atribuídos cada vez mais processos humanos. Diante disso, o objetivo da pesquisa consiste em analisar os principais prejuízos no raciocínio e no pensamento lógico associados ao uso de inteligências artificiais. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura pública, com análise qualitativa de artigos publicados nos últimos 5 anos. Os principais resultados referem-se a fenômenos como redução do esforço cognitivo e automação dos processos mentais, déficit do raciocínio lógico, dependência cognitiva, superficialidade do pensamento, entre outros prejuízos. Em suma, o uso de IA deve ser mediado e compreendido apenas como parte do processo metodológico de aprendizado e construção da cognição.

Palavras-chave: neuropsicologia; inteligência artificial; psicologia cognitiva; psicologia.

1. Introdução

A cognição humana pode ser compreendida como um conjunto integrado de processos mentais responsáveis pela aquisição, interpretação, armazenamento e utilização das informações, sendo essencial para a adaptação do indivíduo ao ambiente e para a construção do conhecimento. Nesse sistema complexo, destacam-se o raciocínio e o pensamento lógico, que desempenham papel central ao possibilitar ao sujeito estabelecer relações, analisar evidências e resolver problemas de forma estruturada. Essas habilidades não apenas sustentam o pensamento crítico, como também estão diretamente relacionadas à autonomia intelectual e à capacidade de julgamento em diferentes contextos, sendo reafirmadas por estudos contemporâneos que compreendem a cognição como um sistema dinâmico de processamento de informações em constante interação com o ambiente (Lima Junior *et al.*, 2023).

¹²⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹²⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em educação.

O raciocínio lógico, em especial, constitui um dos pilares das funções cognitivas superiores, estando associado à capacidade de inferência, análise e tomada de decisão baseada em critérios consistentes. Estudos recentes apontam que o desenvolvimento dessas habilidades depende de processos ativos de engajamento mental, nos quais o indivíduo precisa interpretar informações, confrontar hipóteses e construir respostas de forma autônoma (David; Gonzaga, 2023). Nesse sentido, o exercício contínuo dessas funções é fundamental para a manutenção da qualidade do pensamento.

Entretanto, com a intensificação do uso de tecnologias digitais, especialmente das inteligências artificiais, observa-se uma mudança significativa na forma como os indivíduos interagem com o conhecimento. Ferramentas baseadas em IA passaram a assumir funções cognitivas complexas, oferecendo respostas prontas, estruturadas e de fácil acesso, o que altera profundamente a dinâmica do processamento mental (Almeida, 2024). Esse cenário levanta questionamentos sobre os efeitos dessas tecnologias no desenvolvimento e na manutenção das habilidades cognitivas humanas.

Sob a ótica da Psicologia Cognitiva, o uso das inteligências artificiais pode contribuir para a otimização de processos mentais, facilitando o acesso à informação, auxiliando na resolução de problemas e apoiando a organização do pensamento. Quando utilizadas de forma ativa e mediada, essas ferramentas podem favorecer a aprendizagem, estimular estratégias cognitivas e potencializar o desempenho intelectual do indivíduo.

Por outro lado, a literatura recente aponta efeitos adversos associados ao uso excessivo e não crítico dessas tecnologias. Entre os principais prejuízos, destacam-se a redução do esforço cognitivo, a dependência tecnológica, a superficialidade no processamento das informações e a ilusão de compreensão. Tais aspectos podem comprometer funções cognitivas essenciais, como atenção, memória, raciocínio lógico e pensamento crítico, uma vez que reduzem o engajamento ativo do sujeito no processo de construção do conhecimento (Souza; Strickert; Pereira, 2025).

Dessa forma, evidencia-se uma relação dual entre sujeito e tecnologia: enquanto o uso consciente das inteligências artificiais pode potencializar o funcionamento cognitivo, sua utilização passiva tende a fragilizar essas capacidades. Esse cenário reforça a necessidade de uma análise fundamentada na Psicologia, que permita compreender os impactos dessas tecnologias e orientar práticas que promovam o uso crítico, reflexivo e cognitivamente saudável.

Pesquisas recentes têm destacado que a facilidade de acesso à informação pode reduzir o esforço cognitivo necessário para a aprendizagem, favorecendo um processamento mais superficial do conhecimento. Esse fenômeno está relacionado à diminuição do engajamento ativo do indivíduo, o que pode comprometer o desenvolvimento do raciocínio lógico e do pensamento crítico (Souza; Strickert; Pereira, 2025). Além disso, a crescente automatização de tarefas intelectuais tende a deslocar o papel do sujeito no

processo de construção do conhecimento, tornando-o mais passivo diante das informações recebidas.

Outro ponto relevante refere-se à tendência de confiança excessiva nas tecnologias, especialmente quando estas apresentam respostas com aparência de autoridade e precisão. Estudos indicam que usuários frequentemente atribuem alto grau de credibilidade às respostas geradas por sistemas de IA, mesmo quando não possuem conhecimento suficiente para avaliá-las criticamente (Nós, 2024). Esse comportamento pode limitar a capacidade de questionamento e análise, elementos fundamentais para o pensamento lógico.

Diante desse contexto, torna-se necessário investigar de forma sistemática os possíveis prejuízos associados ao uso de inteligências artificiais, especialmente no que se refere ao raciocínio e ao pensamento lógico. A presente pesquisa se insere no campo da psicologia cognitiva, buscando compreender como essas tecnologias influenciam os processos mentais e quais são as implicações desse fenômeno para o desenvolvimento humano.

A relevância deste estudo está diretamente relacionada à crescente presença das inteligências artificiais em atividades humanas diárias, o que torna fundamental compreender seus impactos sobre a cognição. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar os principais prejuízos no raciocínio e no pensamento lógico associados ao uso de inteligências artificiais, a partir de uma revisão integrativa da literatura recente.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a síntese de conhecimentos produzidos em diferentes estudos, permitindo a construção de uma compreensão abrangente sobre determinado fenômeno (Souza; Silva; Carvalho, 2021). A escolha por esse tipo de revisão justifica-se pela necessidade de reunir e analisar criticamente evidências recentes acerca dos impactos das inteligências artificiais sobre o raciocínio e o pensamento lógico.

A abordagem adotada é qualitativa, uma vez que o foco da pesquisa está na interpretação dos significados e implicações dos resultados apresentados nos estudos analisados. A coleta de dados foi realizada em bases científicas reconhecidas, como ScienceDirect, Scopus e PubMed, por meio da utilização de descritores relacionados à temática, incluindo “inteligência artificial”, “cognição”, “pensamento crítico” e “raciocínio lógico”. Sendo associados por booleanos “AND” e “OR”, a saber: “Inteligência Artificial AND/OR Cognição”; “Inteligência Artificial AND/OR Pensamento Crítico”; “Inteligência Artificial AND/OR Raciocínio lógico”; “Cognição AND/OR Pensamento Crítico”; “Cognição AND/OR Raciocínio lógico” e “Pensamento Crítico AND/OR Raciocínio lógico”. As combinações resultaram em um total de 19.222 publicações científicas, sendo 13.541 indexadas na ScienceDirect, 2.132 na Scopus e 3.549 na PubMed.

Foram estabelecidos critérios rigorosos de seleção, incluindo apenas artigos científicos publicados entre os anos de 2021 e 2026, revisados por pares e que apresentassem relação direta com o tema da pesquisa. Em filtragem pelos componentes de seleção da página de pesquisa de cada plataforma, com os critérios de inclusão, foi selecionada uma amostragem de 2.060 artigos, sendo 238 contidos na ScienceDirect, 381 na Scopus e 1.441 na PubMed, aptos para avaliação subjetiva e posterior seleção para compor o estudo. Foram excluídos estudos que não atendiam aos critérios pré-estabelecidos, bem como aqueles que não possuíam fundamentação teórica consistente ou relevância para a análise proposta.

Desses 2.060 artigos incluídos como potenciais trabalhos pertinentes ao escopo do estudo, foram excluídos 1.734 por não representarem trabalhos associados à área de estudo da neuropsicologia ou às ciências sociais e da saúde. Dos 326 trabalhos restantes, 38 tinham palavras-chave desassociadas do escopo da linha de pesquisa do presente estudo. Dos 288 restantes, 124 apresentavam títulos que fugiam da proposta investigativa deste trabalho. Após filtragem, dos 164 trabalhos restantes, 133 apresentavam em seus resumos um detalhamento que distinguia o viés da pesquisa da potencial contribuição para responder ao objetivo deste trabalho. Por fim, após aplicação de todos os critérios de exclusão por análise qualitativa, 31 artigos foram selecionados para leitura na íntegra, dos quais apenas 5 foram considerados pelos pesquisadores por se assemelharem de forma íntima à proposta investigativa e ao objetivo da pesquisa, sendo considerado também um quantitativo ideal para discussão dos resultados em um formato de resumo expandido.

Posterior a isso, a seleção dos estudos, procedeu-se à leitura analítica e à organização das informações, utilizando a técnica de análise de conteúdo, o que permitiu identificar padrões, categorias temáticas e relações entre os achados dos diferentes autores. Esse processo possibilitou a construção de uma discussão integrada, baseada na convergência e divergência dos resultados encontrados na literatura. As contribuições foram interpretadas e mediadas a fim de desenhar uma coesão argumentativa a partir de diferentes perspectivas e pesquisas de autores distintos.

3. Resultados e discussão

A análise dos estudos selecionados evidencia que o uso de inteligências artificiais exerce impactos significativos sobre o raciocínio e o pensamento lógico, especialmente quando ocorre de forma intensiva e sem mediação crítica. Um dos principais aspectos identificados na literatura refere-se à redução do esforço cognitivo, fenômeno que tem sido amplamente discutido como consequência direta da automatização de processos mentais. De acordo com Gerlich (2025), o uso frequente de ferramentas de IA leva os indivíduos a delegarem tarefas cognitivas complexas, o que reduz a necessidade de engajamento em processos de análise e resolução de problemas. Esse processo, embora possa trazer ganhos de eficiência, compromete o desenvolvimento de habilidades cognitivas fundamentais.

Nesse mesmo sentido, Moşoi *et al.* (2025) destacam que a utilização recorrente de IA em contextos educacionais está associada a uma diminuição do envolvimento em atividades de pensamento profundo. Os autores argumentam que, ao recorrer constantemente a respostas prontas, os indivíduos deixam de exercitar habilidades como inferência, análise crítica e construção argumentativa, o que impacta diretamente o raciocínio lógico.

Outro aspecto relevante diz respeito à dependência cognitiva, caracterizada pela confiança excessiva nas respostas geradas por sistemas de IA. Helal *et al.* (2025) apontam que esse comportamento está relacionado ao viés de automação, no qual os indivíduos tendem a aceitar informações produzidas por tecnologias como sendo corretas, mesmo na ausência de verificação crítica. Essa dependência reduz a autonomia intelectual e enfraquece a capacidade de julgamento, elementos essenciais para o pensamento lógico.

Além disso, a literatura destaca a ocorrência de um processo de superficialização do pensamento, no qual o acesso rápido e facilitado à informação impede o aprofundamento cognitivo. Naqvi *et al.* (2025) argumentam que a utilização de IA pode favorecer um estilo de aprendizagem baseado na reprodução de respostas, em detrimento da compreensão conceitual, o que compromete o desenvolvimento de habilidades analíticas mais complexas.

Outro fenômeno amplamente discutido é a ilusão de compreensão, na qual os indivíduos acreditam dominar determinado conteúdo apenas por terem acesso a respostas organizadas e coerentes. Deng *et al.* (2026) evidenciam que esse fenômeno pode gerar uma falsa sensação de aprendizado, uma vez que o sujeito não necessariamente compreende os processos envolvidos na construção da resposta, limitando sua capacidade de aplicar o conhecimento em diferentes contextos.

Apesar desses achados, alguns estudos apontam que os impactos negativos não são inerentes à tecnologia em si, mas ao modo como ela é utilizada. Deng *et al.* (2026) destacam que, quando empregada de forma ativa e mediada, a IA pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, funcionando como ferramenta de apoio ao raciocínio. No entanto, essa potencialidade depende de estratégias que incentivem o questionamento, a reflexão e o uso consciente da tecnologia.

A análise integrada dos estudos revela, portanto, uma tensão entre os benefícios e os prejuízos associados ao uso de inteligências artificiais. Enquanto o uso passivo e dependente tende a comprometer o raciocínio lógico e o pensamento crítico, o uso ativo e orientado pode potencializar essas habilidades. No entanto, a predominância dos estudos indica que, na prática, o uso da IA ocorre majoritariamente de forma automatizada, o que reforça os riscos de prejuízos cognitivos.

Como limitações desta pesquisa, destacam-se a escassez de estudos longitudinais que permitam avaliar os impactos a longo prazo das inteligências artificiais sobre a cognição, bem como a predominância de pesquisas

realizadas em contextos educacionais, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras áreas.

4. Considerações Finais

A presente revisão integrativa permitiu identificar que o uso de inteligências artificiais está associado a prejuízos relevantes no raciocínio e no pensamento lógico, especialmente quando ocorre de forma excessiva, passiva e sem reflexão crítica. Entre os principais impactos observados, destacam-se a redução do esforço cognitivo, a dependência tecnológica, a superficialidade do pensamento e a ilusão de compreensão, afetando diretamente processos como atenção, memória, raciocínio lógico e pensamento crítico.

No campo da Psicologia, esses achados suscitam reflexões importantes acerca da relação entre sujeito, tecnologia e cognição. Observa-se que a crescente transferência de funções cognitivas às inteligências artificiais pode comprometer a autonomia intelectual. Além disso, sob a perspectiva da psicologia cognitiva, o enfraquecimento do engajamento ativo nos processos mentais pode impactar negativamente a construção do conhecimento e a consolidação da aprendizagem significativa.

Entretanto, também se reconhece que essas tecnologias possuem potencial para contribuir positivamente com o desenvolvimento cognitivo, desde que utilizadas de forma consciente e mediada. Nesse sentido, o desafio contemporâneo não consiste em evitar o uso das inteligências artificiais, mas em promover estratégias que favoreçam seu uso crítico e reflexivo.

Dessa forma, a Psicologia assume um papel fundamental na compreensão e intervenção diante desse fenômeno, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias que promovam o uso consciente e crítico das tecnologias. Torna-se essencial incentivar práticas que fortaleçam o pensamento reflexivo, a autonomia cognitiva e o protagonismo do indivíduo no processo de aprendizagem, garantindo que a inteligência artificial atue como ferramenta de apoio, e não como substituta das capacidades cognitivas humanas.

5. Referências

NÓS, A. O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano. **Cadernos Acadêmicos Unina**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2024. DOI: 10.51399/cau.v4i2.176. Disponível em: <https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/view/176>. Acesso em: 16 abr. 2026.

NEISSER, Ulric. **Cognitive psychology**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1967.

DENG, L. *et al.* The cognitive impact of ChatGPT in higher education: A systematic review. **Computers and Education: Artificial Intelligence**,

2026. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666920X26000330>

GERLICH, Michael. AI tools in society: Impacts on cognitive offloading and the future of critical thinking. **Societies**, v. 15, n. 1, p. 6, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/soc15010006>

HELAL, Mohamed Y. I. *et al.* The impact of generative AI on critical thinking: A systematic review. **Information Discovery and Delivery**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IDD-05-2025-0125>

MOȘOI, Andrei A. *et al.* Artificial intelligence and cognitive abilities in problem solving: Educational implications. **Education and Information Technologies**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10639-025-13738-8>

NAQVI, Wasim M. *et al.* Critical thinking in the age of generative artificial intelligence. **Frontiers in Artificial Intelligence**, v. 8, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/frai.2025.1571527>

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 9, n. 1, p. 102–106, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082011RW1134>

SOUZA, M.; STRICKERT, S. C.; PEREIRA, A. R. As Tecnologias na Educação: Caminhos para uma Aprendizagem Mais Humana. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 24, p. 1-11, 2025. ISSN: 2965-6672.

ALMEIDA, L. B. de. Explorando o futuro da inteligência com a inteligência artificial, os seres humanos, a aprendizagem no contexto e na experiência. **Revista Psicopedagogia**, [S. l.], v. 41, n. 125, p. 215–219, 2024. DOI: 10.51207/2179-4057.20240036. Disponível em: <https://revistapsicopedagogia.com.br/revista/article/view/57>. Acesso em: 16 abr. 2026.

DAVID, E. A.; GONZAGA, A. E. de S. Uso do raciocínio lógico e suas inferências na resolução de problemas do dia a dia. **Intermaths**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 151–166, 2023. DOI: 10.22481/intermaths.v4i2.10819. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/intermaths/article/view/15817>. Acesso em: 16 abr. 2026.

VAZIOS ÉTICO-POLÍTICOS NA PSICOLOGIA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL

*Adriane Silva da Silva*¹³²

*Fernanda do Carmo Zachy Angelo*¹³³

*Karoline Rocha Rodrigues*¹³⁴

*Laiane Moura Batista*¹³⁵

*Maurício Xavier da Silva*¹³⁶

*Thais Adélia de Sousa Silva*¹³⁷

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*¹³⁸

Resumo: Este trabalho analisa a trajetória histórica da Psicologia no Brasil, considerando as influências europeias e norte-americanas no desenvolvimento da ciência psicológica. Trata-se de uma revisão bibliográfica fundamentada em obras de autores vinculados à Psicologia crítica, que discute como a ênfase em perspectivas científicas e individualizantes resultou no afastamento das dimensões sociais e políticas da experiência humana. Assim, o objetivo é explorar de que forma esse distanciamento ético e político impacta a formação teórica e profissional dos psicólogos. Por fim, destaca-se a relevância de uma formação que seja questionadora, contextualizada e que atenda às demandas sociais.

Palavras-chave: psicologia crítica; formação acadêmica; compromisso social.

1. Introdução

Historicamente, a psicologia consolidou-se como ciência ligada às influências europeias e norte-americanas do século XIX, período que marcou o avanço das ciências naturais, trazendo destaque para o positivismo, corrente filosófica que defendia a observação e a experimentação como principais formas de produção de conhecimento. Nesse período, havia uma ênfase significativa na racionalidade científica, na imparcialidade e na objetividade, o que levava a psicologia a procurar reconhecimento acadêmico buscando alinhar-se aos métodos empregados pelas ciências biológicas e exatas. Assim, o comportamento humano passou a ser observado, sobretudo, a partir de uma perspectiva fragmentada, visando à adaptação do sujeito na tentativa de promover o controle social (Antunes, 2012).

¹³² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹³⁸ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

No contexto brasileiro, a psicologia surgiu entre o final do século XIX e o início do século XX, a princípio vinculada à medicina, à psiquiatria e a educação. Mesmo após a regulamentação da profissão em 1962, sua atuação manteve-se focada em instituições privadas e inacessíveis às classes menos favorecidas. Desse modo, consolidou-se uma visão excludente da profissão, frequentemente distante das desigualdades sociais e das necessidades da população brasileira. Segundo Pardal e Kristensen (2021), a construção da psicologia brasileira foi fortemente inspirada por padrões estrangeiros pouco conectados à realidade social do país.

Essa abordagem é aprofundada por Bock (2009), que discute como a psicologia brasileira foi moldada, durante muito tempo, a partir de modelos que priorizavam um olhar abstrato e descontextualizado do sujeito, distanciando-se das desigualdades e das condições concretas de vida da sociedade. Ademais, Costa, Mendes e Pinto (2023) somam-se a esse debate, analisando a psicologia como uma ciência profundamente influenciada por referenciais teóricos alheios à realidade brasileira, ressaltando a carência de uma psicologia mais comprometida com as demandas coletivas e que se oponha às disparidades sociais às quais ela tem reforçado.

A título de exemplo dessas exclusões sociais, cita-se a pandemia da COVID-19, período em que as desigualdades no acesso à saúde mental tornaram-se ainda mais visíveis. Embora o distanciamento social tenha sido indispensável, seus efeitos atingiram de maneira acentuada os indivíduos socialmente vulneráveis, que encararam o desemprego, insegurança alimentar e dificuldades de acesso aos serviços psicológicos. Nesse contexto, o sofrimento psíquico intensificou-se consideravelmente (Silva *et al.*, 2021). Evidencia-se, assim, como fatores sociais, econômicos e políticos afetam diretamente a saúde mental, além de impulsionar debates sobre a acessibilidade do cuidado psicológico.

Assim, o objetivo é analisar como o distanciamento ético-político histórico impacta na qualificação teórica e profissional dos psicólogos. Ainda que a psicologia brasileira e latino-americana tenha evoluído na construção de abordagens críticas e socialmente comprometidas, é possível notar impasses associados à expansão do acesso à saúde mental e à ruptura com práticas individualizantes. Nesse sentido, discutirá como as práticas deterministas que marcaram o início da psicologia ainda se expressam na atuação contemporânea, buscando apontar desafios para a transformação da ciência psicológica, bem como possíveis caminhos para uma nova psicologia.

2. Procedimentos metodológicos

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de caráter teórico-crítico que buscou discutir a construção histórica da psicologia e sua relação com a atuação profissional na atualidade. O referencial teórico foi construído a partir de buscas nas bases de dados SciELO, PePSIC, Google Acadêmico, ResearchGate e Portal de Periódicos

CAPES. Foram utilizados descritores como: formação em psicologia, psicologia crítica, medicalização, psicologia latino-americana e psicologia brasileira. No total, foram lidas 33 obras, das quais foram selecionadas 17. Os critérios utilizados para a seleção das obras foram: estar disponíveis gratuitamente e na íntegra, abordar psicologia e a formação crítica e estar acessíveis em português. Como critérios de exclusão, foram estabelecidos: textos incompletos, materiais repetidos e estudos sem relação direta com o tema. Não foi estabelecido critério referente ao ano de publicação, com o objetivo de realizar uma análise comparativa entre autores clássicos e contemporâneos.

3. Resultados e discussão

A análise bibliográfica evidenciou que o distanciamento da psicologia dos contextos coletivos é um fenômeno que não deve ser analisado de maneira isolada, mas sempre considerando a forma estrutural pela qual ele se constrói e se perpetua. É possível perceber essa origem decorrente da busca por legitimidade científica, da aproximação com modelos positivistas, da neutralidade e da influência biomédica, bem como os desdobramentos da soma desses fatores na psicologia ao longo da sua formação, entre eles: objetivação do sofrimento, responsabilização do sujeito, afastamento das questões sociais e elitização da prática psicológica. Ao trazer essa discussão para a atualidade, ainda são observadas manifestações relacionadas a esses fatores originários, que serão abordadas ao longo deste trabalho. Esse cenário reforça a necessidade de problematizar a formação e atuação psicológica, principalmente diante das demandas sociais atuais.

A partir dessa compreensão, Soligo, Guzzo e Celli (2025) apontam alguns desafios presentes nesse desenvolvimento: pressão de modelos internacionais, medicalização da vida, paradigmas descontextualizados, precarização do trabalho docente e fragmentação disciplinar. Entre essas problemáticas, destaca-se a medicalização da vida, que contribui para o enfraquecimento de uma compreensão social do sofrimento humano. Azevedo (2025) define esse fenômeno como uma tentativa de universalizar a experiência humana, através de diagnósticos e tratamentos padronizados que ignoram fatores sociais e políticos do sofrimento. A autora acrescenta que relacionar as angústias humanas a causas apenas biológicas e desconsiderar fatores históricos e políticos significa responsabilizar apenas o indivíduo por seu padecimento e reduzir espaços de questionamentos críticos, estabelecendo um cuidado em saúde mental artificial e conformado.

Outro entrave apontado pelos autores diz respeito aos paradigmas descontextualizados sobre os quais a psicologia brasileira se formou. Segundo Bock (2015), a psicologia no contexto brasileiro se consolidou autor-centrada e tecnicista. nesse cenário, o foco estava em autores ocidentais e norte-americanos, sinalizando uma lacuna referente a autores latino-americanos que fizessem parte do novo cenário onde estava surgindo a ciência psicológica. Essa maneira de compreender a área psicológica consolidou

a psicologia como um movimento colonial, que apenas importava teorias e técnicas de realidades distantes da realidade brasileira. Essa concepção é fortalecida por Souza *et al.* (2024), que reiteram a forte influência europeia sob a qual a psicologia latino-americana se encontra. Os autores classificam essas teorias como universalizantes, individualistas e acríticas. Apontando a necessidade da construção de uma psicologia decolonial que se debruce sobre as particularidades sociais e históricas do povo brasileiro, contribuindo para as demandas urgentes dessa sociedade.

Além disso, devemos analisar a influência do modelo biomédico na formação da psicologia brasileira e seus impactos na compreensão do sofrimento e das vivências humanas. Sobre isso, Firbida e Vasconcelos (2019) discutem o surgimento dos primeiros estudos da ciência psicológica no Brasil, vinculados à medicina, que fortalecia movimentos higienistas aos quais a psicologia se aliou, resultando em uma psicologia positivista e estigmatizante, em que problemáticas coletivas eram associadas a questões biológicas e médicas, ocultando desigualdades sociais.

Anteriormente, Bock (1995) também debateu a compreensão da psicologia tradicional sobre o homem, enxergando-o como um ser natural e universal, tornando secundárias questões históricas e ambientais na formação desse indivíduo, e classificando esses fatores apenas como facilitadores ou dificultadores do desenvolvimento natural do ser humano. A autora enfatiza que, ao analisar o sujeito a partir de perspectivas apenas biológicas e universalizantes, desconsiderando condições processuais e comunitárias do seu desenvolvimento, a psicologia contribui para a manutenção de estruturas sociais problemáticas, para a formação de indivíduos dissociados do contexto coletivo e para o distanciamento da realidade brasileira e da experiência psíquica.

Surge a urgência de uma mudança paradigmática na psicologia. Para isso, a psicologia deve estar comprometida com a transformação social, conhecendo o cenário em que está inserida e se preocupando em aprimorá-lo. Dentre os aspectos considerados fundamentais para alcançar a revolução no saber psicológico, destacam-se: recuperar a memória histórica e a identidade dos povos; promover a conscientização crítica ligada à ação transformadora; fazer do psicólogo um agente de transformação social em vez de apenas um observador neutro (Gonçalves, 2020). Costa e Barros (2020) debatem a ideia de resgate histórico a respeito da construção dos países latino-americanos, reconhecendo que o ideal de América Latina decorreu de interesses políticos e coloniais que desconsideravam as múltiplas manifestações culturais nesses países. Dessa forma, o resgate histórico da estruturação brasileira é essencial para reconhecer nossa verdadeira formação social e construir uma psicologia baseada na nossa identidade real.

Moura, Magalhães e Braga (2025) acrescentam que o desenvolvimento de uma consciência questionadora promove a emancipação dos indivíduos. A emancipação, nesse contexto, é entendida como o desenvolvimento de uma

construção crítica do conhecimento que contesta estruturas de opressão. Ao promover essa perspectiva, a psicologia se afasta de uma prática adaptativa e colabora para uma formação consciente e revolucionária. Para pensar a revolução e libertar os povos oprimidos dos processos de alienação produzidos por um pequeno grupo político dominante, é necessário que o psicólogo tenha consciência dos fatores objetivos da realidade que promovem tal alienação e perpetuam processos de desigualdade que marginalizam o povo latino-americano, compreendendo que, ao pensar inicialmente em uma libertação externa, pensa-se também em uma libertação subjetiva. Para tanto, é essencial que o psicólogo reconheça seu papel histórico utilizando seu saber a fim de contribuir para os processos de conscientização e emancipação social (Almeida *et al.*, 2015).

Abre-se espaço para a discussão quanto à atitude mobilizadora que se espera do profissional da Psicologia. Lima, Ciampa e Almeida (2009) discutem sobre a neutralidade atribuída ao psicólogo e acrescentam que, ao manter uma postura neutra, o profissional participa de um alinhamento silencioso às estruturas de controle social. Além disso, tecem críticas à neutralidade científica, apontando que para produzir conhecimento o pesquisador precisa conhecer e se envolver com a realidade pesquisada, ultrapassando a construção teórica e assumindo um papel político e transformador sobre a realidade. Costa e Mendes (2022) reafirmam que compreender o compromisso ético-político enquanto psicólogo crítico é o ponto central para que a própria Psicologia Crítica não seja vista apenas como mais uma abordagem entre as demais abordagens, pois o bojo da crítica está nas lutas sociais e não apenas em produções acadêmicas. A psicologia deve reconhecer a manifestação de um posicionamento ético-político em todos os contextos, compreendendo a “neutralidade” diante de mazelas sociais como uma forma de posicionamento político.

4. Considerações finais

À luz das discussões apresentadas, este trabalho buscou refletir sobre as origens históricas da psicologia brasileira e latino-americana, de modo geral, e analisar de que maneira esse processo histórico da psicologia repercute no fazer profissional contemporâneo, especialmente na forma como o sofrimento humano é compreendido e quais os desafios atuais para a superação dessas heranças. Ficaram evidente, no decorrer desta produção, as influências elitistas e europeias que marcaram a construção da psicologia latino-americana, contribuindo para um distanciamento das dimensões sociais e políticas da experiência humana. Foi identificado, ainda, o papel assumido pela psicologia em suas origens, servindo de instrumento para controle social e da subjetividade, segregando aqueles considerados indesejados ou desajustados socialmente. Analisar esse passado leva a refletir sobre o quanto dessa ideologia ainda se reproduz na psicologia latino-americana contemporânea.

Ademais, foram elencados fatores presentes na construção e atuação da psicologia moderna que se mostram como empecilhos para o desenvol-

vimento de uma psicologia humanizada e comprometida socialmente. Destaca-se a permanência de paradigmas importados que contribuem para uma prática descontextualizada e pouco alinhada com o cenário onde atua. Nesse contexto, observa-se ainda o fenômeno da medicalização da vida, assim como a patologização do sofrimento humano que, por sua vez, contribuem para a universalização da dor psíquica, visto que o mal-estar psicológico é reduzido a critérios diagnósticos e receitas médicas, atribuindo a responsabilidade do sofrimento a um contexto individual e não social. E, por fim, a influência do modelo biomédico na compreensão dos sujeitos sociais, que reduz a complexidade do desenvolvimento humano a fatores biológicos/inatos, promovendo uma perspectiva que apaga ou secundariza a subjetividade e reforça a ideia de responsabilidade individual pelo adoecimento ou sofrimento psicológico, desconsiderando questões políticas, contextuais e históricas.

O entendimento desses aspectos como desafios para a constituição de um fazer profissional engajado politicamente é essencial para que se estabeleçam estratégias que possibilitem a superação dessas problemáticas. Torna-se indispensável a tomada de consciência sobre as origens da psicologia enquanto ciência, mas, sozinho, esse movimento não basta. É crucial e urgente que os profissionais reposicionem sua prática e sua formação, participando de movimentos questionadores, buscando firmar um compromisso ético, político e social. Não obstante, é fundamental uma atitude revolucionária dentro da nova psicologia, partindo da percepção de que o fazer psicológico se constrói a partir da realidade concreta e que esse fazer não implica ajustamentos e adaptações aos sistemas já estruturados socialmente, mas sim em uma posição transformadora. Conforme apontado neste estudo, cabe ao psicólogo comprometido socialmente a função de resgatar a identidade e a memória histórica do sujeito, incentivar o pensamento autônomo e crítico, assim como assumir uma posição que rompe com a neutralidade diante das injustiças sociais.

Desse modo, ao debater a importância de uma psicologia que desconstrói sua herança excludente, discutindo sobre justiça social e democratização do acesso à saúde mental, fortalecendo práticas mais inclusivas e menos elitizadas. Reafirma-se a valorização dos saberes locais, consolidando uma psicologia feita com o povo e para o povo, bem como a necessidade da continuidade de revisões teóricas e pesquisas de campo que contribuam para a construção dessa nova psicologia. Nesse horizonte, ainda desafiador, anseia-se a transformação das práticas consolidadas e de enfrentamento das estruturas sociais e institucionais que as sustentam, possa orientar novos caminhos para o fazer psicológico.

5. Referências

ALMEIDA, Rodrigo da Silva *et al.* A atuação do psicólogo comunitário a partir da psicologia da libertação. **Ciências Humanas e Sociais**, Maceió, v. 2, n. 3, p. 97-112, maio 2015.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. Spe, p. 44-65, 2012.

AZEVEDO, Luciana Jaramillo Caruso de. As bases teóricas da medicalização e seus efeitos na clínica contemporânea: patologização e sofrimento. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 36, e240034, 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A psicologia socio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia. O desafio da construção de uma nova psicologia. **Psicologia Revista**, São Paulo, n. 1, p. 13-18, set. 1995.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Perspectivas para a formação em psicologia. **Psicologia: Ensino & Formação**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 114-122, 2015.

COSTA, José Fernando Andrade; BARROS, Carlos César. Caminhos da psicologia latino-americana como práxis de libertação. **Revista Ideação**, [S. l.], n. 41, jan./jun. 2020.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. Psicologia, 60 anos, e a crítica da crítica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, n. spe., e262857, p. 1-12, 2022.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira; PINTO, Mariana de Almeida. Psicologia e compromisso social: junção importante, problematização necessária e atual. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 34, e190117, 2023.

FIRBIDA, Fabíola Batista Gomes; VASCONCELOS, Mário Sérgio. A construção do conhecimento na Psicologia: a legitimação da medicalização. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, e180108, 2019.

GONÇALVES, Mariana Alves. Martín-Baró como inspiração ética para a construção de uma perspectiva comunitária e popular em Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 651-664, maio/ago. 2020.

LIMA, Aluísio Ferreira de; CIAMPA, Antonio da Costa; ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Psicologia social como psicologia política? A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. **Psicologia Política**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 223-236, jul./dez. 2009.

MOURA, Alessandra Elaine Rodrigues; MAGALHÃES, Indajara Gomes da Silva; BRAGA, Vanessa Inuma. Educação crítica e psicologia da libertação:

caminhos para a formação docente e transformação social. **Revista Culturas & Fronteiras**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2025.

PARDAL, Rafael; KRISTENSEN, Christian Haag. Mapeando estudos em história da psicologia no Brasil: análise bibliométrica. **Revista de Historia de la Psicología**, [S. l.], v. 42, n. 2, p. 1–10, 2021.

SILVA, Maria Lúcia Rocha da *et al.* COVID-19, sofrimento social e elitização do cuidado em saúde mental. **Revista da SPAGESP**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 1-11, 2021.

SOLIGO, Angela; GUZZO, Raquel S. L.; CELLI, Dora Patricia. Qual psicologia queremos para a América Latina? Reflexões sobre a formação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 45, n. spe1, e297727, p. 1-11, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/>. Acesso em: 3 de maio 2026.

SOUZA, Raquel de Andrade *et al.* Psicologia social comunitária latino-americana: tradições críticas e epistemes emergentes. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 35, e224541, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/224541>. Acesso em: 28 abr. 2026

DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA REINTEGRAÇÃO DE PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE NA SOCIEDADE

*Sophia Oliveira de Jesus*¹³⁹

*Ana Beatriz Costa Chaves*¹⁴⁰

*Kailane Guedes Reis*¹⁴¹

*Emanuelle Beatriz Castro da Silva*¹⁴²

Resumo: A reinserção social de pessoas privadas de liberdade constitui um desafio significativo no contexto brasileiro, marcado por desigualdades estruturais e limitações no sistema prisional. Este estudo tem como objetivo analisar os principais fatores que influenciam o processo de reintegração social de egressos, considerando aspectos sociais, institucionais e subjetivos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de caráter descritivo, baseada na análise de produções acadêmicas recentes. Os resultados evidenciam que a precariedade das condições prisionais, a estigmatização social e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho são fatores que comprometem a reintegração. Destaca-se a importância da atuação da psicologia para a compreensão dos impactos do encarceramento e para o fortalecimento de estratégias que favoreçam a reconstrução da identidade e a inclusão social.

Palavras-chave: reinserção social; psicologia jurídica; estigmatização social.

Introdução

A reinserção social de pessoas privadas de liberdade configura-se como um dos principais desafios contemporâneos no campo das políticas públicas e das ciências humanas, especialmente no contexto brasileiro, marcado por desigualdades estruturais e por um sistema prisional historicamente sobrecarregado. Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA, 2020), embora o discurso jurídico atribua à pena a função de ressocialização, observa-se, na prática, uma significativa distância entre o que é previsto legalmente e as condições concretas oferecidas aos indivíduos durante e após o cumprimento da pena.

A Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/1984) estabelece que a assistência à pessoa privada de liberdade deve abranger áreas como saúde, educação, trabalho e apoio social, visando à prevenção da reincidência e à reintegração do indivíduo à sociedade. No entanto, estudos recentes indicam que tais garantias não são plenamente efetivadas no cotidiano das instituições prisionais, revelando fragilidades estruturais e limitações na implementação de políticas públicas voltadas à população carcerária.

¹³⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴² Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

Nesse contexto, o ambiente prisional frequentemente deixa de cumprir sua função ressocializadora, podendo inclusive intensificar processos de exclusão social. A precariedade das condições físicas, a superlotação e a limitação de acesso a programas educacionais e profissionais contribuem para a manutenção de um cenário que pouco favorece a reconstrução de trajetórias sociais (Cruz, 2022). Além das limitações estruturais, o processo de reinserção social é profundamente impactado pela forma como a sociedade percebe o egresso do sistema prisional. Assim, em vez de promover autonomia, o sistema pode reforçar desigualdades e estigmas já existentes.

A estigmatização associada à condição de pessoas privadas de liberdade constitui uma barreira significativa à reintegração, dificultando o acesso ao mercado de trabalho, à educação e à reconstrução de vínculos sociais. Esse cenário evidencia que o ingresso não depende apenas do indivíduo, mas de um conjunto de fatores sociais e institucionais que influenciam diretamente suas possibilidades de inclusão (Martins, 2023).

A dificuldade de encaixe no mercado de trabalho destaca-se como um dos principais entraves à reintegração social. A exigência de antecedentes criminais e a desconfiança por parte de empregadores limitam significativamente as oportunidades formais, contribuindo para a permanência de indivíduos em contextos de vulnerabilidade. Nesse sentido, a reincidência criminal deve ser compreendida não como uma falha individual, mas como resultado de um sistema que não oferece condições efetivas para a reconstrução de trajetórias (Chagas, 2025).

É fundamental ampliar o olhar sobre a temática, compreendendo-a como um processo complexo, que envolve dimensões sociais, econômicas, institucionais e subjetivas. Sob esse viés, também a relevância da psicologia no contexto da reinserção social. A atuação psicológica contribui para a compreensão dos impactos subjetivos do encarceramento, bem como para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a reconstrução da identidade e o fortalecimento de recursos pessoais e sociais dos indivíduos. A psicologia social se apresenta como um elemento fundamental no processo de reintegração, ao considerar a singularidade do sujeito e suas possibilidades de transformação (Conselho Federal de Psicologia, CFP, 2022).

Outrossim, é imprescindível aprofundar as discussões acerca da reinserção social de pessoas privadas de liberdade, considerando os múltiplos desafios estruturais e sociais que atravessam esse processo. O presente estudo tem como objetivo analisar os desafios para a reintegração de egressos do sistema prisional, assim como discutir as contribuições da atuação psicológica na compreensão das implicações subjetivas do encarceramento e no fortalecimento de estratégias que favoreçam a reconstrução de trajetórias e a inclusão social.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, tendo como objetivo analisar os fatores que influenciam o processo de reinserção social de pessoas privadas de liberdade, bem como discutir os desafios enfrentados por egressos do sistema prisional no contexto brasileiro.

A escolha por esse tipo de pesquisa justifica-se pela necessidade de reunir, analisar e discutir produções científicas já existentes sobre a temática, possibilitando uma compreensão ampliada acerca das dimensões sociais, institucionais e subjetivas envolvidas no processo de reintegração social.

Para a coleta de dados, foram realizadas buscas em plataformas acadêmicas digitais, com destaque para o Google Acadêmico, além de repositórios institucionais e periódicos científicos. Utilizaram-se como descritores termos como “reinserção social”, “egressos do sistema prisional”, “sistema prisional brasileiro” e “ressocialização”, combinados entre si de acordo com os objetivos do estudo.

O material analisado foi composto por trabalhos acadêmicos previamente selecionados, como artigos científicos, disponíveis em sites universitários e revistas eletrônicas. Foram pesquisados aproximadamente 10 estudos relacionados à temática e selecionados 7 desses que apresentaram maior relevância ao objetivo proposto. A seleção dos estudos ocorreu por meio da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, sendo excluídos aqueles que não apresentavam relação direta com a temática da reinserção social e os desafios enfrentados por egressos.

Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos publicados em língua portuguesa, com recorte temporal recente, que abordassem a realidade brasileira e discutissem aspectos sociais, jurídicos e psicológicos da reintegração. Foram excluídos materiais duplicados, textos que não dialogavam diretamente com o objetivo da pesquisa e produções que não apresentavam contribuição relevante para a análise proposta.

Após a seleção, os materiais foram submetidos a uma leitura analítica, buscando identificar categorias temáticas relacionadas aos principais desafios da reinserção social, tais como estigmatização, acesso ao mercado de trabalho, políticas públicas e processos de exclusão social. A partir dessa análise, foi possível construir uma discussão fundamentada acerca das limitações e possibilidades que permeiam a reintegração de indivíduos egressos do sistema prisional.

Resultados e discussão

A reinserção social de pessoas egressas do sistema prisional constitui um processo multifatorial, permeado por obstáculos estruturais, institucionais e socioculturais. Embora a legislação brasileira reconheça a ressocialização como finalidade da pena, sua concretização ainda enfrenta limitações sig-

nificativas no contexto das instituições prisionais e no período posterior ao cumprimento da sentença. A literatura reforça a ideia de reinserção, da qual o trabalho não depende apenas do sujeito privado, mas de equipes e instituições multidisciplinares que influenciam diretamente o processo de inclusão para o cidadão (Fernandes *et al.*, 2025). Um dos principais achados refere-se à discrepância entre os dispositivos legais previstos na Lei de Execução Penal (LEP) e a realidade vivenciada pela população privada de liberdade, onde a precariedade do ambiente e a falta de engajamento das estratégias na prática influenciam o que diz a respeito na reabilitação social do indivíduo privado (Wacquant, 2020).

Outro aspecto amplamente destacado na literatura diz respeito ao estigma social associado à condição de egresso no mercado de trabalho, onde, por consequência, é registrada uma mácula que desfavorece a inclusão no campo profissional, dificultando o seu trajeto na recolocação social na sociedade. A Lei de Execução Penal (LEP) conduz um conjunto de medidas que devem favorecer esse auxílio aos apenados, de condições favoráveis para sua realidade profissional e educacional, no qual, por sua vez, ao apenado, sob a tutela do Estado, cabe ao Estado propiciar dada assistência (Lopes; Araújo, 2021).

A discriminação e a desconfiança social representam barreiras substanciais à reconstrução de vínculos interpessoais e à participação em espaços sociais e profissionais. Essa estigmatização tende a perpetuar trajetórias de marginalização, dificultando o exercício da cidadania e limitando as oportunidades de inclusão social. Poucas oportunidades de empregabilidade devido a esse fator de antecedentes criminais no processo de contratação para o trabalho e nas construções de relações interpessoais ratificam a vulnerabilidade do sujeito de maneira que reforça a volta para a criminalização, arruinando todo o trabalho da reconstrução do sujeito para um retrocesso social. A circunstância do caso deve ser entendida como resultado da falha de um sistema que não oferece condições eficientes, dignas e favoráveis para a reconstrução da vivência do indivíduo em sociedade, sem limitar o sujeito a um único responsável e ignorando fatores estruturais importantes, como uma rede de apoio. Mesmo alguém motivado pode encontrar barreiras concretas que dificultam a reintegração social (Silva, 2022).

Nota-se que a oferta de assistência nas áreas de saúde, educação, trabalho e apoio social permanece insuficiente, comprometendo a efetividade das ações voltadas à ressocialização. Essa lacuna revela que o sistema prisional brasileiro, em muitos casos, não dispõe das condições necessárias para promover a reconstrução de projetos de vida e a preparação para o retorno ao convívio social, devido a múltiplos fatores, como o déficit de profissionais, serviços limitados em seu alcance, a qualidade das ações e a superlotação, que enche a capacidade das unidades, não promovendo boa qualidade para as condições sociais (Wacquant, 2020).

A literatura ressalta a importância de políticas públicas contínuas e ar-

ticuladas, voltadas ao acompanhamento dos egressos após a saída do sistema prisional. Programas de capacitação profissional, incentivo à empregabilidade, suporte psicossocial e fortalecimento de redes de apoio são apontados como estratégias essenciais para a promoção de uma reintegração efetiva. Embora esses programas sejam considerados essenciais, há uma distância entre o que a literatura propõe e o que é efetivamente implementado, especialmente no contexto brasileiro. Isso abre espaço para problematizar a descontinuidade das políticas públicas, a falta de financiamento e a ausência de articulação entre instituições (Joan Pertesilia, 2003).

Machado e Guimarães (2014) destacam que o Estado se configura, na contemporaneidade, como o principal empregador de assistentes sociais, o que demanda uma reflexão crítica acerca da relação estabelecida entre o Serviço Social e as instituições estatais. Nesse sentido, os autores apontam a necessidade de que a atuação profissional ultrapasse a mera execução de políticas públicas, orientando-se para o desenvolvimento de projetos e ações comprometidos com a efetivação dos direitos das pessoas em privação de liberdade. Nesse cenário, evidencia-se que tais fragilidades não apenas limitam a efetividade das ações propostas, como também contribuem para a reprodução de ciclos de exclusão social e reincidência criminal, reforçando a necessidade de estratégias mais integradas, contínuas e comprometidas com a garantia de direitos (Wacquant, 2020).

Entre elas, a relevância da atuação da Psicologia, especialmente no âmbito jurídico e social. Além de contribuir para a avaliação psicológica do indivíduo a psicologia trabalha para do suporte técnico ajudando na compreensão de fatores como responsabilidade e no auxílio de tomadas de decisões, a exemplo disso temos a atuação social de acompanhamento psicossocial no fortalecimento de vínculos e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais para a reintegração, ajudando compreender como fatores de exclusão social, violência, desigualdade e estigma que influenciam a trajetórias de pessoas privadas de liberdade (CFP, 2022).

O acompanhamento psicológico possibilita a elaboração das experiências relacionadas ao encarceramento, contribuindo para a ressignificação das vivências de privação de liberdade e para o fortalecimento de estratégias de enfrentamento (Souza; Costa, 2020). A intervenção psicológica também contribui para a mediação entre o indivíduo, a família e a comunidade, ampliando as possibilidades de reinserção. Dessa forma, os resultados reforçam que a reinserção social ultrapassa a mera libertação física, exigindo ações integradas entre Estado, sociedade e diferentes áreas do conhecimento. A efetivação desse processo depende da superação de barreiras institucionais e culturais, bem como da construção de políticas públicas que reconheçam o egresso como sujeito de direitos e potencialidades. Assim, investir em estratégias de acolhimento e inclusão não apenas favorece trajetórias individuais, mas também contribui para a redução da reincidência e para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Nessa perspectiva, a efetivação da reintegração social está intrinsecamente vinculada à superação de barreiras institucionais e culturais historicamente consolidadas, bem como à implementação de políticas públicas consistentes, contínuas e intersetoriais, que reconheçam o egresso como sujeito de direitos. Portanto, investir em estratégias de acolhimento, inclusão e acompanhamento não apenas impacta positivamente as trajetórias individuais, mas também se configura como medida indispensável para a redução da reincidência criminal e para o avanço na construção de uma sociedade mais equitativa, democrática e comprometida com a dignidade humana.

Considerações finais

A reintegração social de pessoas egressas do sistema prisional configura-se como um processo complexo, atravessado por determinantes estruturais, institucionais e socioculturais que se inter-relacionam e produzem efeitos diretos na possibilidade de inclusão social. Os resultados indicam que, embora a legislação brasileira preveja a ressocialização como finalidade da pena, sua concretização ainda ocorre de maneira limitada, evidenciando uma distância entre o que está normatizado no ordenamento legal e as condições concretamente vivenciadas no cotidiano institucional. As condições do sistema prisional, marcadas por superlotação, precariedade estrutural e acesso restrito a políticas de educação, trabalho e saúde, comprometem significativamente o processo de preparação dos indivíduos para o retorno ao convívio social. Em articulação com esse cenário, a descontinuidade de ações de apoio contribui para a manutenção de barreiras que dificultam sua reinserção, especialmente no que se refere à reconstrução de vínculos sociais e à ocupação de espaços formais de participação.

De modo adicional, o estigma social associado à condição de egresso se configura como um dos principais obstáculos à reintegração, uma vez que influencia diretamente a forma como esses sujeitos são percebidos e tratados na sociedade. Esse processo de estigmatização impacta não apenas o acesso ao mercado de trabalho e às redes de apoio, mas também a forma como o indivíduo passa a se perceber, podendo afetar sua autoestima, sua identidade e suas expectativas de futuro. Nesse contexto, a reincidência não deve ser compreendida sob uma perspectiva exclusivamente individual, mas como resultado de um conjunto de condições sociais que restringem as possibilidades reais de reintegração.

Diante disso, a Psicologia desempenha um papel fundamental ao intervir tanto no nível individual quanto no coletivo desse processo. No âmbito individual, o acompanhamento psicológico possibilita a elaboração das experiências vividas no cárcere, contribuindo para a ressignificação da identidade do sujeito para além da condição de “ex-detento”. Esse trabalho envolve o fortalecimento da autoestima, o desenvolvimento de recursos emocionais e o resgate de projetos de vida que muitas vezes são interrompidos pelo processo de encarceramento.

No campo social, os profissionais podem atuar diretamente no enfrentamento do estigma, promovendo espaços de escuta, sensibilização e psicoeducação junto à comunidade, instituições e possíveis empregadores. Tais intervenções contribuem para desconstruir representações sociais cristalizadas que associam automaticamente o egresso à periculosidade ou à incapacidade de reinserção. Além disso, práticas grupais e comunitárias podem favorecer a reconstrução de vínculos sociais e a ampliação de redes de apoio, elementos essenciais para a diminuição do isolamento social.

À vista disso, ainda que a atuação psicológica não substitua a necessidade de políticas estruturais mais amplas, ela se apresenta como componente essencial no processo de reintegração, ao atuar diretamente sobre dimensões subjetivas e relacionais do fenômeno. Por conseguinte, a efetivação da reinserção social exige a articulação entre diferentes níveis de intervenção, sendo a Psicologia um campo estratégico na promoção de novas formas de compreensão do egresso, mais humanizadas e menos estigmatizantes, capazes de favorecer sua inclusão social de maneira mais efetiva e duradoura.

5. Referências

BRASIL. Lei nº 7210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1984.

CHAGAS, T. J. D. A Educação Como Instrumento de Reinserção Social de Jovens e Adultos Privados de Liberdade. **Anais do CONPEPE**, 2025. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/anaisconpepe/article/view/2154>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) no sistema prisional**. 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br>

CRUZ, Lorena Stephany Lopes Moreira da. Reintegração social do egresso de penitenciárias no Brasil. **Monumenta**, v. 4, n. 1, p. 12–20, 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Reincidência criminal no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Educação e trabalho como programas de “reinserção social”. In: LOURENÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenine Maria. (Orgs). **O espaço da prisão e suas práticas educativas**. São Carlos: Edufscar, 2011. p. 191-222.

MARTINS, Abílio Hyago Lopes. Reestruturação do Sistema Prisional: A Criação da Polícia Penal e a Garantia da Reinserção Social de Pessoas Privadas de Liberdade no Estado do Pará. 2023. **Trabalho de Conclusão de Curso de Direito – Universidade Federal do Maranhão**, São Luís, 2023. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/7372>.

PETERSILIA, Joan. **When prisoners come home:** parole and prisoner reentry. New York: Oxford University Press, 2003.

SILVA, AC; MELO, SC; SISSI, SAA; OLIVEIRA, J. A superlotação carcerária e seus impactos no sistema penal: um estudo teórico (2024). **Facit Business and Technology Journal**. Págs. 221-242. Disponível em: <https://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/3007/2042>.

SOUZA, FR de; CORDEIRO, TLC. A superlotação do sistema carcerário no Brasil e as dificuldades de ressocialização. (2023). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.9. n.11. nov. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12224>.

SOUZA, A. C.; COSTA, L. F. Saúde mental e atenção psicossocial no sistema prisional brasileiro: desafios e perspectivas. **Saúde em Debate**, v. 44, n. Especial, p. 230-242, 2020.

A EFICÁCIA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO MANEJO DE DORES PSICOSSOMÁTICAS

Natália Quintanilha da Silva¹⁴³

Milany dos Santos Carvalho¹⁴⁴

Resumo: A dor psicossomática configura-se como manifestação clínica complexa que transcende o modelo biomédico, exigindo abordagens que integrem fatores cognitivos, emocionais e fisiológicos. Este estudo analisa a eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental no manejo dessas dores por meio de revisão qualitativa descritiva com sete artigos de alto impacto publicados entre 2021 e 2026. Os resultados indicam efeitos analgésicos modestos, pouco sustentáveis, porém, benefícios na funcionalidade e participação social. Evidências apontam efeitos também em transtornos mentais graves no curto prazo, com cautela metodológica. A TCC não reduz isoladamente depressão, ansiedade nem retorno laboral, exigindo protocolos específicos para sono e sintomas sistêmicos. Conclui-se que sua eficácia reside na reestruturação cognitiva e recuperação funcional, devendo integrar abordagens interdisciplinares para sustentar ganhos terapêuticos duradouros e eficazes.

Palavras-chave: dor psicossomática; transtornos psicofisiológicos; terapia cognitivo-comportamental; dor.

1. Introdução

A dor, por muito tempo, foi compreendida apenas sob a perspectiva biomédica, sendo associada exclusivamente à presença de lesão tecidual ou alterações orgânicas identificáveis. Entretanto, os avanços científicos demonstraram que essa visão é limitada, especialmente diante de quadros de dor crônica e manifestações psicossomáticas, nos quais o sofrimento do paciente ultrapassa a dimensão física e envolve fatores emocionais, cognitivos e sociais.

A Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP), em sua definição revisada de 2020, conceitua a dor como “uma experiência sensorial e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão real ou potencial dos tecidos”, além de destacar que ela é sempre uma experiência pessoal, influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociais. Segundo Cortês *et al.* (2023), a dor crônica exige que o profissional de saúde compreenda o sofrimento para além da lesão tecidual evidente, integrando aspectos cognitivos e emocionais no processo de diagnóstico e intervenção. Essa compreensão fortalece o modelo biopsicossocial e reforça que a dor não pode ser explicada apenas pela presença de dano físico, mas também pela forma como o indivíduo interpreta e vivencia seu sofrimento.

¹⁴³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴⁴ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Educação.

Apesar dos avanços terapêuticos, muitos pacientes ainda permanecem submetidos a tratamentos exclusivamente biomédicos, o que limita a eficácia clínica. La Porta e Calvetti (2022) destacam que a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é fundamental no tratamento da dor crônica por favorecer o desenvolvimento de habilidades de regulação emocional essenciais ao enfrentamento da patologia. Somando a isso, Machado e Brandão (2025) ressaltam que a TCC possibilita uma compreensão mais ampla da dor, na qual a mudança da percepção sobre os sintomas físicos representa um passo fundamental para a melhora clínica.

A relevância deste estudo justifica-se pelo aumento expressivo das doenças psicossomáticas e das dores persistentes na contemporaneidade, frequentemente agravadas pelo estresse, sobrecarga emocional e altos níveis de ansiedade social. Torna-se indispensável que profissionais e acadêmicos da Psicologia compreendam a dor sob uma perspectiva ampliada e baseada em evidências científicas. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental no manejo das dores psicossomáticas, destacando sua contribuição na regulação emocional, na resignificação da dor e na melhora funcional dos pacientes, reforçando o papel essencial do psicólogo dentro de uma abordagem interdisciplinar e humanizada do cuidado em saúde baseada em evidências e centrada na integralidade do cuidado.

2. Procedimentos metodológicos

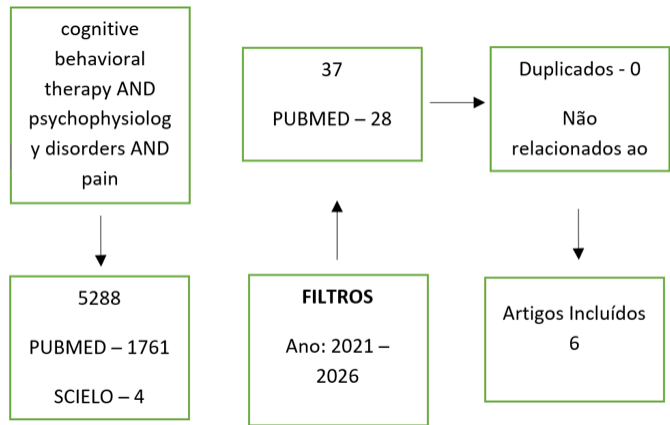
O presente estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de analisar a eficácia da Terapia Cognitivo Comportamental no manejo das dores psicossomáticas. A busca foi feita nas bases de dados Pubmed, Scielo e Cochrane, sendo realizado um recorte temporal de artigos de 2021 a 2026 utilizando os descritores “Terapia Cognitivo-Comportamental”, “transtornos psicofisiológicos” e “dor” em português e inglês controlados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos completos na íntegra, publicados em português ou inglês, que abordassem diretamente a TCC no manejo de dores psicossomáticas, incluindo estudos do tipo de revisão, ensaios clínicos, revisões de escopo e pesquisas com relevância clínica e psicológica para o tema. Como critérios de exclusão, artigos duplicados entre as bases de dados, estudos incompletos, publicações sem relação direta com a temática e estudos que abordaram outros métodos de tratamento único para dor psicossomática, como tratamentos fisiológicos ou farmacológicos, sem intervenção psicológica.

Após a aplicação dos filtros estabelecidos (recorte temporal, tipo de estudo e idioma), procedeu-se à leitura dos títulos e resumos dos artigos identificados, com posterior leitura na íntegra dos estudos potencialmente elegíveis. Não foram encontrados estudos que atendessem aos critérios de

elegibilidade na base de dados SciELO após a aplicação dos filtros. Destaca-se que a base Cochrane também foi incluída na estratégia de busca, considerando sua relevância na produção de revisões sistemáticas de alta qualidade. O processo de seleção dos estudos está apresentado no fluxograma a seguir.

Figura 1 - Fluxograma do processo da metodologia da pesquisa.



3. Resultados e discussão

Rosser *et al.* (2023) demonstraram que intervenções remotas baseadas em TCC apresentam benefícios pequenos na redução da dor e da incapacidade funcional no curto prazo, porém sem sustentação significativa entre três e doze meses, o que sugere uma limitação importante na manutenção dos efeitos terapêuticos ao longo do tempo. Esses resultados indicam que, embora haja uma resposta inicial favorável, a ausência de continuidade ou reforço das estratégias cognitivas e comportamentais pode comprometer a durabilidade dos ganhos obtidos. De forma convergente com isso, Stubbs *et al.* (2025) identificaram efeitos de pequena a moderada magnitude sobre a intensidade dolorosa, mas destacaram maior eficácia na redução da interferência da dor nas atividades diárias e nos níveis de catastrofização, evidenciando impacto mais expressivo em dimensões funcionais e cognitivas do que propriamente na percepção nociceptiva. Esses achados apontam que o principal impacto da TCC não reside na analgesia direta, mas na modulação da relação funcional e comportamental do indivíduo com o sintoma, favorecendo a qualidade de vida do paciente apesar da intensidade da dor, ao promover maior autonomia, enfrentamento ativo e adaptação às limitações impostas pela condição crônica.

No contexto das comorbidades psiquiátricas relacionadas a dor, a meta-análise de Zhang *et al.* (2023) reforça essa interpretação ao demonstrar que, embora a TCC melhore significativamente a participação social em pa-

cientes com dor lombar crônica sem associação de lesões, não apresenta superioridade estatística na redução de sintomas de ansiedade e depressão quando comparada a outras intervenções ativas, o que sugere que seus efeitos emocionais podem ser equivalentes a diferentes abordagens terapêuticas já estabelecidas. Tal evidência indica que a TCC aplicada à dor promove ganhos funcionais e aumento da autoeficácia, ampliando a capacidade do indivíduo de se engajar em atividades sociais e ocupacionais, mas não deve ser considerada uma intervenção isolada para o manejo de transtornos emocionais, exigindo abordagens terapêuticas complementares que contemplem de forma mais específica os aspectos afetivos e psicopatológicos associados.

Adicionalmente, a relação bidirecional entre dor e distúrbios do sono evidencia a necessidade de intervenções mais específicas, uma vez que alterações no sono podem intensificar a percepção dolorosa e, simultaneamente, a dor pode comprometer a qualidade do sono, estabelecendo um ciclo de retroalimentação negativa. Pathak *et al.* (2025) demonstraram que a TCC focada exclusivamente na dor não produz melhorias significativas na qualidade do sono em pacientes com fibromialgia, enquanto a TCC direcionada à insônia apresenta efeitos moderados e clinicamente relevantes, indicando que intervenções mais direcionadas tendem a ser mais eficazes para sintomas específicos. Corroborando isso, Whale *et al.* (2022) apontam que, embora a TCC-I seja eficaz no curto prazo, seus efeitos tendem a reduzir ao longo do tempo, reforçando a necessidade de estratégias terapêuticas contínuas e individualizadas, possivelmente associadas a reforços periódicos ou intervenções combinadas que sustentem os benefícios a longo prazo.

A revisão sistemática de Ma *et al.* (2024) investigou a eficácia das intervenções para dor crônica especificamente em pessoas com doenças mentais graves (como esquizofrenia e transtorno bipolar). Os resultados indicam que a TCC produz melhorias estatisticamente significativas na gravidade da dor e na interferência da dor nessa população específica logo após o tratamento, sugerindo potencial terapêutico relevante mesmo em contextos clínicos mais complexos. No entanto, o estudo ressalta que a qualidade das evidências é predominantemente baixa devido ao tamanho reduzido das amostras e aos riscos de viés, impossibilitando a generalização dos benefícios para além do período imediato à intervenção, o que evidencia a necessidade de ensaios clínicos mais robustos, com maior rigor metodológico e acompanhamento a longo prazo, para consolidar a efetividade da TCC nesse grupo populacional.

4. Considerações finais

A partir da análise dos estudos, conclui-se que a Terapia Cognitivo-Comportamental se configura como uma abordagem eficaz no manejo das dores psicossomáticas, atuando de forma direcionada sobre os fatores cognitivos e emocionais que modulam a percepção dolorosa e, simultaneamente, são por ela influenciados. Sua aplicação transcende a simples redução de sintomas, promovendo ganhos consistentes em bem-estar, funcionalidade e

qualidade de vida, além de favorecer o desenvolvimento da autoeficácia do paciente para o engajamento em abordagens terapêuticas multidisciplinares. Dessa forma, destaca-se a relevância de sua inserção tanto nos contextos clínicos quanto na formação de profissionais da saúde, ampliando a capacidade de intervenção frente à complexidade da dor.

Por fim, recomenda-se a realização de estudos futuros mais robustos, metodologicamente homogêneos e com menor risco de viés, que aprofundem a compreensão dos efeitos da TCC em diferentes populações, especialmente quando aplicada de forma isolada, sem associação a outras intervenções. Tal direcionamento é fundamental para elucidar com maior precisão seu potencial terapêutico em pacientes com dores psicossomáticas, associadas ou não a transtornos psicológicos.

5. Referências

CAVALINI, C.; MENDES, C.; DEZANI, V. B. **Terapia cognitivo-comportamental no manejo da dor crônica em pacientes com fibromialgia**. Disponível em: <<https://repositorio.unifev.edu.br/handle/123456789/564>>.

MA, R. *et al.* The Effectiveness of Interventions for Improving Chronic Pain Symptoms Among People With Mental Illness: A Systematic Review. **The Journal of Pain**, 10 nov. 2023.

MACHADO, G. F.; BRANDÃO, NATHALIA DAMIÃO. A dor crônica sobre o Olhar da Terapia Cognitiva-Comportamental (TCC). **Open MIND**, 22 fev. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18728552>. Disponível em: <https://periodicoscedigma.cedigma.com.br/index.php/periodicos/article/view/154>.

MYCHELLE CHRISTIAN CORTÊS *et al.* Redefinindo a dor: a importância da terapia cognitivo-comportamental para dor crônica. **Anais da Semana Universitária e Encontro de Iniciação Científica** (ISSN: 2316-8226), v. 1, n. 1, 2023.

PATHAK, A. *et al.* Treatments for enhancing sleep quality in fibromyalgia: a systematic review and meta-analysis. **Rheumatology**, 14 mar. 2025.

PORTA, Lucas Geremia La; CALVETTI, Prisca Ücker. Terapia cognitivo-comportamental e regulação emocional para tratamento da dor crônica em ensaios clínicos randomizados: revisão de escopo. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 18, n. 1, 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20220009>.

RAJA, S. N. *et al.* The Revised International Association for the Study of Pain Definition of pain: concepts, challenges, and Compromises. **Pain**, v. 161, n. 9, 5 ago. 2020.

ROSSER, B. A. *et al.* Psychological therapies delivered remotely for the management of chronic pain (excluding headache) in adults. **The Cochrane Library**, v. 2023, n. 8, 29 ago. 2023.

STUBBS, B. *et al.* Chronic pain in mental disorders: An Umbrella Review of the prevalence, risk factors, and treatments across 810,681 people with mental disorders and 16,479,014 controls: an umbrella review. **European Psychiatry**, p. 1–34, 12 ago. 2025.

WHALE, K. *et al.* The effectiveness of non-pharmacological sleep interventions for people with chronic pain: a systematic review and meta-analysis. **BMC Musculoskeletal Disorders**, v. 23, n. 1, 11 maio 2022.

ZHANG, Q. *et al.* Efficacy of cognitive behavioral therapy for reducing pain susceptibility and increasing social engagement in patients with chronic low back pain: A systematic review and meta-analysis. **Medicine**, v. 102, n. 45, p. e35269, 10 nov. 2023.

PERFEIÇÃO ESTÉTICA NAS REDES SOCIAIS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES

Raica Pessoa Vieira Pires¹⁴⁵

Ana Ester Albarado Cardoso¹⁴⁶

Bruna Caroline Maia Oliveira¹⁴⁷

Nina Gabriela Marques Lameira¹⁴⁸

Jacqueline Farias Galvão¹⁴⁹

Resumo: As redes sociais tornaram-se parte da vida de adolescentes do mundo todo, intensificando a comparação social por meio de imagens e narrativas de perfeição idealizadas. Este estudo tem como objetivo compreender como as redes sociais impactam a comparação social e a saúde mental de adolescentes. Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica, com análise de 9 artigos publicados entre 2016 e 2026, coletados em plataformas como Google Acadêmico, SciELO, PubMed e PsycNET. Os resultados indicam que as relações nos ambientes virtuais afetam a saúde mental dos adolescentes, causando sentimentos de inveja e insatisfação corporal, ao se compararem com padrões de perfeição inalcançáveis. Portanto, destaca-se a importância da psicologia na fomentação de espaços de escuta, acolhimento e orientação qualificada.

Palavras-chave: adolescentes; comparação social; psicologia; redes sociais; saúde mental.

1. Introdução

A adolescência é culturalmente entendida como o período do desenvolvimento humano que marca a transição da infância para a idade adulta. De acordo com Erikson (1976), essa etapa do desenvolvimento humano é crucial para a formação de identidade, na qual o adolescente vivencia a tensão entre Identidade e Confusão de Papéis. Nesse período, o adolescente passa a questionar-se sobre “quem ele é” e “qual seu lugar na sociedade”, fazendo com que os vínculos afetivos e a aceitação social assumam um papel central em sua vida, tornando o adolescente especialmente sensível às influências externas. No campo da psicanálise, Aberastury e Knobel (1981) trazem que a adolescência é um período que carrega três lutos fundamentais para a formação de identidade: o luto pelo corpo infantil, que ocorre diante as mudanças biológicas; luto pela identidade e pelo papel infantil, que é marcado

¹⁴⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁴⁹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Educação - UFOPA.

pela transição da dependência parental para a busca de autonomia própria; e o luto pelos pais idealizados pela infância, vistos agora de forma mais realista e autoritária. Esses processos característicos da adolescência podem acabar gerando vulnerabilidade emocional nesse adolescente. E é nesse contexto de fragilidade emocional e de construção de identidade que os adolescentes desejam se inserir em espaços onde possam construir sua identidade e formar vínculos com outros adolescentes.

Sob essa perspectiva, as redes sociais surgem como porta de entrada para a expressão e a interação com outros adolescentes. Para Bordignon e Bonamigo (2017), existem inúmeras razões que levam o adolescente a aderir às redes sociais em seu cotidiano, dentre as quais se destacam o acesso constante a informações em tempo real, a manutenção de vínculos com amigos e familiares, a participação em grupos e a possibilidade de conhecer novas pessoas. Além disso, os ambientes digitais ampliam as formas de sociabilidade e formação de vínculos ao permitir a conexão de indivíduos que compartilham interesses semelhantes de diversos lugares do mundo. Dessa forma, as redes sociais concedem ao adolescente a oportunidade de se incluir em meios sociais de maneira rápida e abrangente, fortalecendo sua construção identitária. No entanto, as redes sociais também servem como palco para exibições de padrões estéticos de perfeição irreais e, muitas vezes, inalcançáveis, que impactam diretamente na saúde mental desses adolescentes.

Nesse contexto, Santos, Silva e Lima (2024) destacam em seu estudo que a exposição prolongada a conteúdos idealizados nas redes sociais intensifica os processos de comparação social, conforme proposto por Festinger (1954), no qual os indivíduos tendem a avaliar a si mesmos em comparação a outras pessoas. No Instagram, uma das plataformas digitais mais utilizadas no mundo, conhecida pela predominância de conteúdo visual e estilo de vida, cria-se um ambiente propício para esse tipo de comparação estética, especialmente no contexto da adolescência, tendo em vista que os usuários são constantemente expostos a imagens selecionadas minuciosamente antes de serem postadas e, muitas vezes, editadas com filtros que reforçam padrões idealizados de aparência. Nesse sentido, Vries *et al.* (2018) explicam que a visualização de postagens de estranhos no Instagram, especialmente aquelas vistas como muito positivas, pode levar a sentimentos de inveja e insatisfação com a própria realidade. Soma-se a isso o chamado fear of missing out (FOMO), ou “medo de ficar de fora”, que motiva os usuários a verificar constantemente as redes sociais, impactando negativamente na sua vida cotidiana e elevando os níveis de ansiedade, uma vez que cria uma sensação de constante inquietação. Essa dinâmica virtual tem impactos significativos na saúde mental dos adolescentes. As constantes comparações com padrões estéticos de perfeição abalam profundamente a autoestima, podendo favorecer o desenvolvimento de depressão e ansiedade (Santos; Silva; Lima, 2024).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo compreender como a exposição a padrões estéticos de perfeição irreais em ambientes virtuais influencia negativamente os processos de comparação social e na saúde mental dos adolescentes. Busca-se entender como essa exposição pode afetar a autoimagem, a autoestima e o bem-estar psicológico dos adolescentes.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada em abril de 2026 e tem por objetivo responder à seguinte pergunta: Quais os impactos na saúde mental de adolescentes em meio à comparação social nas redes sociais? Para responder ao questionamento, foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, SciELO, PubMed e PePsic utilizando os seguintes descritores: “adolescentes”, “comparação social”, “psicologia”, “redes sociais” e “saúde mental”. Os critérios de inclusão abrangeram publicações em português e inglês. Foram analisados 13 artigos publicados entre os anos de 2016 e 2026. Entretanto, foram escolhidos apenas 9 estudos publicados para o embasamento da pesquisa pelos critérios de inclusão. Esses estudos tratam direta e/ou indiretamente da relação entre redes sociais, adolescência, comparação social e saúde mental. Foram descartados artigos que não abordavam o tema escolhido, artigos que não foram publicados nos últimos 10 anos, artigos sem relevância e artigos de opinião.

Além disso, foram consultados autores de referência no campo da psicologia, psicanálise e psiquiatria, como Erik Erikson, com a obra “Identidade, juventude e crise” (1976); Arminda Aberastury e Maurício Knobel, com a obra “Adolescência normal: um enfoque psicanalítico” (1981); e Leon Festinger, com a teoria da comparação social (1954). Essa escolha teve como objetivo enriquecer a análise sobre a adolescência e a comparação social sob diferentes olhares teóricos.

3. Resultados e discussão

Os estudos apontaram que a perfeição propagada nas redes sociais pelos usuários gera comparação social, causando impactos negativos na saúde mental de adolescentes. “A exposição às redes sociais precoce na adolescência gera como consequências negativas o assédio online, qualidade de sono, autoestima e imagem corporal pioradas” (Taboga; Junior, 2021, p. 22).

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano em que ocorre a transição entre a infância e a fase adulta, além de ser caracterizada como o período de descoberta da identidade dos adolescentes. Assim, por conta da fragilidade emocional enfrentada nessa fase, os adolescentes desejam participar de grupos sociais para a construção de vínculos, que são essenciais na formação da sua identidade.

Neste contexto, considera-se rede social como qualquer aplicativo na Internet que permite a comunicação e a interação social (Matos; Godinho, 2024). É o ambiente em que ocorre a maioria das interações sociais entre os adolescentes com o intuito de se sentirem pertencentes a um grupo, devido à necessidade de socialização, um processo essencial na construção da identidade dos adolescentes, que ocorrem nas redes sociais e entre elas estão o Twitter, o Tiktok e o Instagram, por exemplo. E esta pode servir como canal digital de exposição da vida privada, sem a obrigação de uma representação autêntica da realidade, mas sim uma versão distorcida da vida real (Alegre, 2024).

Um dos grandes problemas na adolescência é a discriminação enfrentada acerca do corpo ideal imposto pela mídia, que enfatiza o corpo magro, branco e jovem (Comin; Soares; Mombelli, 2024). Logo, é determinado que a aceitação social é proveniente do seguimento dos padrões de beleza idealizados nas redes sociais, geralmente, inalcançáveis. Além disso, a pressão para se apresentar de maneira “perfeita” e receber validação por meio de curtidas, comentários e seguidores pode gerar níveis altos de estresse e ansiedade (Courte Junior, 2024).

De acordo com dados levantados pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2024, em relação à alegação da perda do sentido da vida, o percentual de meninas (25,0%) caracterizou-se, aproximadamente, duas vezes maior que o percentual dos meninos (12,0%). Nesse contexto, em relação ao sentimento de tristeza, foi observado um percentual de 41,0% para as meninas e 16,7% para os meninos, ou seja, uma diferença de quase 25%. Sob essa perspectiva, 36,1% do total de meninas alegaram insatisfação com a imagem do próprio corpo, ou seja, quase o dobro em relação ao percentual de 18,2% dos meninos. Dessa forma, é perceptível que o sexo feminino apresenta uma vulnerabilidade maior a essa problemática e, por meio dos resultados da pesquisa, obtém-se um parâmetro da saúde mental atual dos adolescentes.

Portanto, essas comparações sociais no ambiente virtual geram impactos negativos à saúde mental dos adolescentes como sentimentos de inveja e insatisfação com o próprio corpo e com a realidade vivenciada, impactando a autoimagem e autoestima desses adolescentes em meio a comparação social nas redes sociais, além do “medo de ficar de fora” ou o chamado fear of missing out (FOMO), que promove o uso excessivo das mídias sociais pelos adolescentes, elevando os níveis de ansiedade, devido a permanência de um sentimento de inquietação. Assim, é válido destacar também os impactos negativos na rotina do meio social adolescente, por conta da necessidade de estar conectado nas redes sociais, o que fomenta a comparação social e, consequentemente, a insatisfação com a sua realidade, sentimentos negativos, ansiedade e baixa autoestima.

4. Considerações finais

A partir das análises desenvolvidas nesta revisão bibliográfica com caráter qualitativo das literaturas, nota-se que as redes sociais desempenham um papel crucial no fortalecimento dos processos de comparação social entre adolescentes, especialmente pela constante exposição a conteúdos que reforçam padrões de perfeição muitas vezes irreais e inalcançáveis. Incorporados em uma fase marcada pela construção da identidade e pela notável vulnerabilidade emocional, os adolescentes tornam-se mais vulneráveis às influências externas, o que intensifica os impactos negativos dessas interações digitais em sua saúde mental.

Nesse contexto, evidenciou-se que a comparação frequente com imagens idealizadas de aparência e estilo de vida influencia diretamente o desenvolvimento de sentimentos de inadequação, baixa autoestima e insatisfação com a autoimagem corporal. Além disso, casos como o fear of missing out (FOMO) intensificam quadros de ansiedade e inquietação, uma vez que os adolescentes passam a sentir a necessidade frequente de estar conectados e atualizados, o que impacta negativamente em seu bem-estar psicológico e em suas relações interpessoais e cotidianas.

Ademais, distingue-se que o ambiente virtual, ao priorizar narrativas de sucesso, felicidade e realidade perfeita, acaba por anular e invisibilizar as experiências reais e as dificuldades inerentes à vida humana, elaborando um padrão distorcido de realidade. Essa dinâmica pode fomentar o surgimento de comportamentos de risco e o agravamento de quadros de sofrimento psíquico, como ansiedade e depressão, sobretudo quando não há mediação adequada, como escuta qualificada e desenvolvimento de pensamento crítico por parte dos usuários.

Dessa forma, torna-se imprescindível a promoção de estratégias que incentivem o uso consciente e saudável das redes sociais, abordando ações de educação digital e emocional voltadas para adolescentes. Destaca-se, ainda, a importância da atuação integrada de profissionais da psicologia, educadores e familiares na promoção de espaços de escuta, acolhimento e orientação qualificada, que auxiliem no fortalecimento da autoestima, da autonomia e da identidade dos adolescentes.

Portanto, torna-se clara a necessidade de amplificação de estudos sobre a temática, considerando as constantes e diversas transformações do mundo digital, a fim de apoiar intervenções mais eficazes que diminuam os impactos negativos da cultura da perfeição nas redes sociais e fortaleçam a saúde mental dos adolescentes.

5. Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALEGRE, M. B. S. **Impactos do uso excessivo das redes sociais na saúde mental: ansiedade, autoestima e comparação social.** 2024.

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Pesqui. prá. Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 310-326, ago. 2017.

COMIN, B. C.; SOARES, N. M.; MOMBELLI, M. A. Mundo virtual e saúde mental: influência das mídias sociais na autoimagem dos adolescentes. **Revista de Gestão E Secretariado**, v. 15, n. 5, p. e3727-e3727, 2024.

IBGE. **Perda da vontade de viver atinge duas vezes mais meninas do que meninos.** Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/46173-perda-da-vontade-de-viver-atinge-duas-vezes-mais-meninas-que-meninos>. Acesso em: 30 abr. 2026.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FESTINGER, L. A theory of social comparison processes. **Human Relations**, v. 7, n. 2, p. 117–140, 1954.

COURTE JUNIOR, W. P. *et al.* Adolescência e redes sociais: a contribuição do uso indiscriminado das mídias no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 10, p. 4181-4196, 2024.

MATOS, K. A.; GODINHO, M. O. D. A influência do uso excessivo das redes sociais na saúde mental de adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista foco**, v. 17, n. 4, p. e4716-e4716, 2024.

SANTOS, C. D. S.; SILVA, S. C.; LIMA, A. F. Redes sociais e perfeccionismo: como afetam a saúde mental através da exposição e comparação social. **Scire Salutis**, v.14, n.2, p.46-62, 2024.

TABOGA, A.; JUNIOR, R. Influência de redes sociais na saúde mental e autoimagem de adolescentes. **Psicologia, Educação e Cultura**, v. 25, n. 1, p. 20-30, 2021.

VRIES, D. A.; MÖLLER, A. M.; WIERINGA, M. S.; EIGENRAAM, A. W.; HAMELINK, K. Social comparison as the thief of joy: emotional consequences of viewing strangers' Instagram posts. **Media Psychology**, v.21, n.2, p.222-245, 2018.

PERSPECTIVAS DA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL PARA A REGIÃO DO BAIXO AMAZONAS NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE

Natasha Quintanilha da Silva¹⁵⁰

Milany Santos de Carvalho¹⁵¹

Resumo: Os transtornos de ansiedade representam um importante problema de saúde pública, especialmente em regiões como o Baixo Amazonas, onde há limitações no acesso a serviços de saúde mental. Nesse contexto, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) destaca-se como abordagem eficaz, baseada na modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais. Este estudo, por meio de revisão integrativa, analisou produções recentes sobre a eficácia da TCC em adultos. Os resultados evidenciam sua efetividade na redução de sintomas ansiosos e depressivos, além de promover regulação emocional e autonomia. Fatores como aliança terapêutica e adesão influenciam os resultados. Conclui-se que a TCC é uma estratégia promissora para o Baixo Amazonas, desde que adaptada às condições locais e integrada a políticas públicas de saúde mental.

Palavras-chave: Amazônia; psicologia; terapia cognitivo-comportamental; terapia de reestruturação cognitiva.

1. Introdução

Os transtornos de ansiedade estão entre os principais problemas de saúde mental na atualidade, sendo caracterizados por medo excessivo, preocupação persistente e alterações comportamentais que impactam negativamente a qualidade de vida dos indivíduos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2025), essas condições apresentam alta prevalência global, configurando-se como um importante desafio para os sistemas de saúde.

Apesar dessa elevada ocorrência, observa-se uma importante desigualdade no acesso ao cuidado. Em países de baixa renda, menos de 10% das pessoas que necessitam de atendimento recebem tratamento adequado, enquanto em países de alta renda esse índice ultrapassa 50%. Esses dados evidenciam disparidades significativas na oferta de serviços de saúde mental e reforçam a necessidade de ampliar estratégias de cuidado acessíveis e efetivas (ONU, 2025).

No contexto brasileiro, especialmente em regiões como o Baixo Amazonas, fatores como vulnerabilidade social, barreiras geográficas e limitações estruturais dos serviços de saúde mental contribuem significativamente para

¹⁵⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁵¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em educação.

o agravamento dos transtornos mentais, com destaque para a população adulta. A dificuldade de acesso a cuidados especializados, aliada à escassez de recursos humanos e tecnológicos, intensifica a cronicidade e a subnotificação desses agravos.

Esse cenário evidencia a urgência da implementação de estratégias terapêuticas que sejam, simultaneamente, eficazes, acessíveis e adaptadas às realidades locais (Patel *et al.*, 2018; Viana *et al.*, 2024). Nesse contexto, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) destaca-se como uma das abordagens mais consolidadas no tratamento dos transtornos de ansiedade.

Fundamentada nos pressupostos teóricos de Aaron Beck, a TCC parte da inter-relação entre pensamentos, emoções e comportamentos, propondo a identificação e a reestruturação de padrões cognitivos disfuncionais. Além disso, enfatiza o desenvolvimento de habilidades práticas que possibilitam ao indivíduo enfrentar situações ansiogênicas de forma mais adaptativa, promovendo mudanças sustentáveis no funcionamento psicológico (Negrelli, 2019).

Evidências científicas robustas demonstram que a TCC é eficaz na redução dos sintomas ansiosos, na prevenção de recaídas e na melhoria do funcionamento psicossocial dos indivíduos. Contudo, sua implementação em contextos regionais, como o Baixo Amazonas, ainda enfrenta desafios importantes, especialmente no que se refere à limitada disponibilidade de profissionais capacitados e às dificuldades logísticas de acesso.

Além disso, destaca-se a necessidade de adequação cultural das intervenções, considerando as especificidades locais. Tais fatores reforçam a importância de estratégias inovadoras que ampliem o alcance dessa abordagem, garantindo sua efetividade mesmo em cenários de maior vulnerabilidade (Silva *et al.*, 2025).

Diante da crescente prevalência dos transtornos mentais em adultos, destaca-se a necessidade de intervenções psicoterapêuticas eficazes e adaptáveis a diferentes contextos. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) apresenta evidências consistentes na redução de sintomas e no desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais, porém sua implementação ainda enfrenta desafios em regiões com limitações estruturais, como o Baixo Amazonas. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender seus mecanismos e fatores que influenciam sua efetividade. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar, por meio de revisão integrativa da literatura, a eficácia da TCC no tratamento da ansiedade e suas possibilidades de aplicação nesse contexto.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo revisão integrativa da literatura, com o objetivo de analisar as contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) no tratamento dos transtornos de ansiedade em adultos. Esse método possibilita a síntese de evidências científicas já publicadas, favorecendo uma compreensão ampla, sistematizada e sua

aplicabilidade na região do Baixo Amazonas.

Considerando a robustez e a relevância de produções científicas disponíveis sobre o tema, a coleta de dados foi realizada exclusivamente nas bases PubMed e LILACS. Foram utilizados os descritores em português e inglês: “terapia cognitivo-comportamental”, “transtornos de ansiedade” e “adultos” “Cognitive Behavioral Therapy”, “anxiety disorders” e “adults”, combinados pelo operador booleano AND.

Como critérios de inclusão, foram considerados: artigos disponíveis na íntegra, publicados entre 2023 a 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, e que abordassem diretamente a aplicação da TCC no tratamento dos transtornos de ansiedade. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados estudos duplicados, artigos incompletos, revisões não sistematizadas e aqueles que não apresentavam relação direta com o objetivo proposto.

Após a busca inicial, procedeu-se à análise dos títulos, objetivos e resumos dos estudos identificados, sendo selecionados para leitura na íntegra apenas aqueles que estavam alinhados ao objetivo e à temática da pesquisa. O processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos foi conduzido de forma sistematizada, seguindo as etapas recomendadas pelo PRISMA (Page, 2021), adaptadas ao delineamento desta revisão integrativa. Ao final desse processo, obteve-se um total de 12 artigos, os quais compuseram a amostra deste estudo.

Posteriormente, os artigos selecionados foram organizados em uma tabela sinóptica contendo: autor(es), título, objetivo, principais resultados e implicações para o presente resumo expandido. A análise dos dados ocorreu de forma descritiva, por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa, permitindo a identificação e categorização das principais contribuições da TCC no tratamento dos transtornos de ansiedade.

3. Resultados e discussão

A análise dos estudos incluídos na revisão integrativa evidencia que a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) se consolida como uma das abordagens mais eficazes no tratamento de transtornos mentais em adultos, especialmente no que se refere à ansiedade e à depressão, apresentando resultados consistentes em diferentes contextos e metodologias (Papola *et al.*, 2023; Bhattacharya *et al.*, 2023). A partir dos dados sistematizados, observa-se que pesquisas de alto nível de evidência, como metanálises e ensaios clínicos randomizados, reforçam o papel da TCC como intervenção de primeira linha. Nesse sentido, Papola *et al.* (2023) demonstram, por meio de uma metanálise em rede, que a TCC apresenta desempenho superior ou equivalente a outras abordagens psicoterapêuticas, destacando sua eficácia clínica e ampla aplicabilidade. De forma complementar, Bhattacharya *et al.* (2023) evidenciam que a TCC promove reduções significativas nos sintomas ansiosos e depressivos quando comparada a grupos controle, reforçando sua validade empírica.

Além da eficácia sintomatológica, os estudos analisados apontam para a relevância dos mecanismos de mudança associados à TCC, especialmente no que se refere à regulação emocional e à modificação de padrões cognitivos disfuncionais (Meine *et al.*, 2023). Nesse contexto, Meine *et al.* (2023) demonstram, por meio de análises em tempo real, que a TCC atua diretamente na reorganização de respostas emocionais, promovendo maior flexibilidade cognitiva e redução da reatividade emocional frente a situações estressoras. Esse achado dialoga com o modelo teórico da abordagem, que pressupõe a interdependência entre pensamentos, emoções e comportamentos. Assim, a mudança terapêutica não se limita à redução de sintomas, mas envolve a reestruturação de processos psicológicos subjacentes, o que contribui para resultados mais duradouros.

A partir dessa compreensão, torna-se importante considerar também os fatores que influenciam a efetividade da TCC no contexto clínico. Estudos indicam que variáveis relacionadas ao processo terapêutico, como a aliança terapêutica, a competência do profissional e o nível de adesão do paciente, exercem impacto significativo nos desfechos do tratamento (Bjaastad *et al.*, 2023). Esses achados evidenciam que a eficácia da TCC não depende exclusivamente de suas técnicas, mas também da qualidade da relação estabelecida entre terapeuta e paciente. Além disso, fatores individuais e contextuais — como comorbidades, condições de saúde física e exposição a estressores — também influenciam a resposta ao tratamento (Papola *et al.*, 2023; Bhattacharya *et al.*, 2023). Dessa forma, a literatura reforça a necessidade de uma aplicação flexível e adaptada às características de cada indivíduo.

Considerando esses aspectos, as implicações para a região do Baixo Amazonas tornam-se ainda mais relevantes. A escassez de profissionais especializados, aliada às dificuldades de acesso aos serviços de saúde mental, exige a adoção de estratégias terapêuticas que sejam ao mesmo tempo eficazes e viáveis. Nesse cenário, a TCC se destaca por sua estrutura organizada, possibilidade de aplicação em formatos breves e potencial de adaptação para modalidades remotas ou híbridas (Bhattacharya *et al.*, 2023; Papola *et al.*, 2023). Estudos recentes indicam que intervenções mediadas por tecnologias digitais podem manter níveis elevados de eficácia, ampliando o acesso ao cuidado psicológico em regiões de difícil alcance.

Por fim, é importante destacar que a implementação da TCC nesse contexto deve considerar as especificidades culturais e sociais da população local. A adaptação dos protocolos terapêuticos à realidade amazônica pode potencializar os resultados da intervenção e favorecer maior adesão dos usuários (Meine *et al.*, 2023; Bjaastad *et al.*, 2023). Assim, a TCC configura-se não apenas como uma abordagem eficaz, mas como uma estratégia promissora para a ampliação e qualificação das políticas públicas de saúde mental no Baixo Amazonas, contribuindo para a redução das desigualdades no acesso ao cuidado psicológico.

4. Considerações finais

Conclui-se que a Terapia Cognitivo-Comportamental apresenta sólida eficácia no tratamento da ansiedade em adultos, promovendo redução de sintomas e atuando em mecanismos centrais como regulação emocional e reestruturação cognitiva, sendo influenciada por fatores como aliança terapêutica e adesão. No contexto do Baixo Amazonas, mostra-se uma estratégia promissora para ampliar o acesso à saúde mental, especialmente por sua adaptabilidade e potencial de uso em formatos breves e remotos; contudo, sua efetividade depende da adequação às realidades locais e do fortalecimento de políticas públicas e capacitação profissional. Além disso, sua implementação pode contribuir para a descentralização do cuidado e maior resolutividade na atenção primária. Dessa forma, reforça-se a importância de investimentos contínuos em qualificação profissional e estratégias inovadoras de cuidado.

5. Referências

BENJET, C. *et al.* A precision treatment model for internet-delivered cognitive behavioral therapy for anxiety and depression among university students: a secondary analysis of a randomized clinical trial. **JAMA Psychiatry**, Chicago, v. 80, n. 8, p. 768–777, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2023.1675>. Acesso em : 28 abr. 2026.

BHATTACHARYA, S., *et al.* Efficacy of cognitive behavioral therapy for anxiety-related disorders: a meta-analysis of recent literature. **Current Psychiatry Reports**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 19–30, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11920-022-01402-8>. Acesso em : 28 abr. 2026.

BJAASTAD, J. F., *et al.* Adherence, competence, and alliance as predictors of long-term outcomes of cognitive behavioral therapy for youth anxiety disorders. **Research on Child and Adolescent Psychopathology**, [S. l.], v. 51, p. 761–773, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10802-023-01028-1>. Acesso em: 1 maio 2026.

DUFFY, D., *et al.* Implementing internet-delivered cognitive behavioral therapy for depression and anxiety in adults: systematic review. **Journal of Medical Internet Research**, [S. l.], v. 27, e47927, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/47927>. Acesso em: 1 maio 2026.

HOVMAND, O. R., *et al.* What is the effect of homework engagement in group cognitive behavioral therapy for anxiety disorders and depression?. **BMC Psychology**, v. 13, n. 1002, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40359-025-03167-0>. Acesso em: 1 maio 2026.

HERMANN, A. *et al.* TransTAM: transdiagnostic research into emotional disorders and cognitive-behavioral therapy of the adaptive mind: study

protocol. **BMC Psychiatry**, London, v. 24, p. 657, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12888-024-06108-0>. Acesso em: 30 abr. 2026.

ITO, M., *et al.* Efficacy of the unified protocol for transdiagnostic cognitive-behavioral treatment for depressive and anxiety disorders: a randomized controlled trial. **Psychological Medicine**, Cambridge, v. 53, p. 3009–3020, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033291721005067>. Acesso em: 30 abr. 2026.

JACKSON, H. M. *et al.* Skill enactment and knowledge acquisition in digital cognitive behavioral therapy for depression and anxiety: systematic review of randomized controlled trials. **Journal of Medical Internet Research**, v. 25, e44673, 2023. Disponível em: <https://www.jmir.org/2023/1/e44673>. Acesso em: 1 maio 2026.

MEINE, Laura E. *et al.* Network analyses of ecological momentary emotion and avoidance assessments before and after cognitive behavioral therapy for anxiety disorders. **Journal of Anxiety Disorders**, [S. l.], v. 106, p. 102914, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2024.102914>. Acesso em: 1 maio 2026.

NEGRELLI, S. C. Terapia cognitivo comportamental e o tratamento do transtorno de ansiedade. **Revista Uninga**, [S. l.], v. 56, n. S1, p. 231–237, 2019. DOI: 10.46311/2318-0579.56.eUJ84. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/84>. Acesso em: 2 may. 2026.

OLIVEIRA, J. A. *et al.* A intervenção da terapia cognitivo-comportamental no transtorno de ansiedade em jovens e adultos. In: **Processos psicoterapêuticos: abordagens clínicas em psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Epitaya, 2024. cap. 10, p. 201–226.

ONU. Organização das Nações Unidas. Não há saúde sem saúde mental, dizem especialistas. **ONU News**, 2025. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/09/1850854>. Acesso em: 1 maio 2026.

OWUSU, J. T. *et al.* Real-world evaluation of a large-scale blended care cognitive behavioral therapy program for symptoms of anxiety and depression. **Telemedicine and e-Health**, New Rochelle, v. 28, n. 10, p. 1412–1420, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1089/tmj.2021.0590>. Acesso em: 29 abr. 2026.

PARSONS, E. M., *et al.* Digital cognitive behavioral treatment for generalized anxiety disorder: a randomized clinical trial. **JAMA Network Open**, v. 8, n. 12, e2548884, 2025. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama-networkopen/fullarticle/2548884>. Acesso em: 1 maio 2026.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, London, v. 372, n. 71, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>. Acesso em : 29 abr. 2026.

PATEL, V. *et al.* The Lancet Commission on global mental health and sustainable development. **The Lancet**, v. 392, n. 10157, p. 1553–1598, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31612-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31612-X). Acesso em: 1 maio 2026.

PAPOLA, D., *et al.* Psychotherapies for generalized anxiety disorder in adults: a systematic review and network meta-analysis. **JAMA Psychiatry**, Chicago, v. 81, n. 3, p. 247–259, 2024.

SILVA, J. V. S., *et al.* Eficácia da terapia cognitivo-comportamental no transtorno de ansiedade generalizada. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. e7599, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n2-092. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7599>. Acesso em: 2 maio. 2026.

VIANA, A. V. M., *et al.* Políticas públicas de acesso à saúde mental no estado do Amazonas: um estudo de revisão da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. e73247, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n5-303. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/73247>. Acesso em: 1 mai. 2026.

O IMPACTO DAS RELAÇÕES FAMILIARES E DO BRINCAR NA CONSTRUÇÃO DE COMPORTAMENTOS MISÓGINOS

Gideane Vitória Paulo dos Santos¹⁵²

Ada Monique Pépe Araújo¹⁵³

Ana Priscila Gomes dos Santos¹⁵⁴

Elcinei Monteiro de Sousa¹⁵⁵

Maria Clara Rodrigues Cunha¹⁵⁶

Caroline Maria de Oliveira Torres¹⁵⁷

Resumo: O presente estudo analisa a influência das relações familiares e das práticas lúdicas na construção de comportamentos misóginos na vida adulta. A pesquisa surge diante do crescimento de discursos de ódio nas redes sociais, da ascensão de movimentos como “red pill” e do aumento dos índices de violência contra a mulher. Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, realizada a partir da análise de artigos científicos relacionados ao desenvolvimento infantil, relações familiares, brincar e gênero. Os resultados apontam que a imposição de papéis de gênero e a restrição do brincar infantil contribuem para a internalização de comportamentos baseados em dominação, repressão emocional e desigualdade. Conclui-se que as experiências vivenciadas na infância influenciam diretamente a construção de percepções sociais, reforçando a importância da atuação da Psicologia na promoção dos direitos humanos, da equidade de gênero e de práticas preventivas voltadas à conscientização e sensibilização social.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; relações familiares; brincar; misoginia.

1. Introdução

O debate acerca dos impactos de discursos misóginos tem ganhado destaque na sociedade contemporânea, especialmente diante do aumento dos casos de feminicídio e da ascensão de movimentos disseminados nas redes sociais, como o denominado “red pill”. Nesse contexto, torna-se necessário compreender como determinados comportamentos e concepções de gênero podem ser construídos desde a infância, a partir das relações familiares e das experiências lúdicas. O desenvolvimento infantil constitui uma importante etapa para a formação de valores, emoções e formas de interação social.

¹⁵² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

¹⁵³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

¹⁵⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

¹⁵⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

¹⁵⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

¹⁵⁷ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Esp. em Clínica, Saúde e Educação.

Segundo Favero (2022), as experiências vivenciadas nos primeiros anos de vida influenciam diretamente os comportamentos e relações estabelecidas ao longo da vida. Dessa forma, a família exerce papel fundamental na transmissão de crenças, normas sociais e padrões culturais relacionados ao feminino e ao masculino.

Conforme explicitam Neves (2025) e Gouvêa (2025), o meio social e as interações com os adultos que cercam a criança são determinantes para que ela comece a internalizar os sentidos atribuídos ao que é ser menino ou menina. Além das relações familiares, o brincar também participa livre e ativamente desse processo. As brincadeiras representam importantes ferramentas de aprendizagem, permitindo que a criança explore papéis sociais, expresse emoções e desenvolva habilidades cognitivas e afetivas. Entretanto, quando o brincar é limitado por imposições de gênero, como a ideia de que determinados brinquedos ou comportamentos são “de menino” ou “de menina”, ocorre a reprodução de estereótipos que podem restringir o desenvolvimento emocional e social infantil. Práticas educativas que reforçam comportamentos agressivos em meninos ou desencorajam demonstrações de cuidado e sensibilidade podem contribuir para a construção de modelos de masculinidade baseados na dominação e na exclusão. Conforme Souza, Felipe e Gradim (2019), as relações familiares influenciam diretamente a forma como a criança aprende a se relacionar com o mundo e com os outros indivíduos.

Além disso, discutir misoginia e desigualdade de gênero também implica refletir sobre direitos humanos e saúde mental, considerando que a violência contra a mulher se manifesta como um problema social e psicológico que atravessa diferentes contextos da sociedade. Assim, a Psicologia assume importante papel na promoção da conscientização, sensibilização e prevenção de comportamentos violentos, atuando na construção de práticas educativas mais inclusivas e no fortalecimento de relações pautadas no respeito, na empatia e na equidade de gênero. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo compreender de que maneira as relações familiares e as práticas lúdicas contribuem para a construção de preconceitos de gênero e possíveis comportamentos misóginos na vida adulta.

2. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, com fins descritivos e interpretativos, desenhada para mapear e analisar criticamente as produções teóricas e empíricas sobre a temática.

O trajeto percorrido para a composição do corpus de análise seguiu etapas rigorosas de busca, seleção e refinamento. A coleta do material foi realizada por meio de consultas ao indexador Google Acadêmico, utilizando como descritores combinados os termos: “desenvolvimento infantil”, “relações familiares”, “brincar”, “gênero”, “misoginia” e “violência de gênero”.

Como critérios de inclusão para a seleção das referências, definiram-se: (a) artigos científicos, dissertações e estudos publicados em língua portuguesa entre os anos de 2019 e 2025; (b) pesquisas empíricas ou teóricas que investigassem a infância sob a lente teórica de gênero; e (c) estudos focados na influência da socialização primária (família e escola) na reprodução de desigualdades.

Foram excluídos os trabalhos repetidos, manuais técnicos ou produções que apenas tangenciavam os conceitos centrais sem articulação direta com o objetivo do estudo.

A partir da aplicação desses critérios, os materiais selecionados foram catalogados e submetidos a uma análise interpretativa de conteúdo.

Buscou-se rastrear a conexão lógica estabelecida na literatura científica entre as experiências familiares/lúdicas da infância e a formação da subjetividade, avaliando como o trajeto cultural infantil pode atuar como vetor para a reprodução de estereótipos ou para a consolidação de comportamentos discriminatórios na vida adulta.

3. Resultados e discussão

Os estudos analisados evidenciam que os discursos misóginos podem estar intimamente relacionados às experiências vivenciadas durante a infância, especialmente no contexto familiar e nas práticas de socialização relacionadas ao brincar. Em muitas famílias, ainda são reforçadas divisões rígidas entre comportamentos considerados masculinos e femininos, o que contribui para a limitação do repertório emocional e social das crianças. As brincadeiras, além de promoverem aprendizagem e interação, também funcionam como instrumentos de construção social. Quando determinadas atividades são proibidas ou incentivadas de acordo com o gênero da criança, reforçam-se estereótipos associados à masculinidade e à feminilidade. Nesse cenário, meninos frequentemente são incentivados a reproduzir comportamentos ligados à agressividade, competitividade e repressão emocional, enquanto comportamentos relacionados ao cuidado e à afetividade são desvalorizados.

Os estudos de Jesus *et al.* (2025) apontam que o brincar possui importante influência na organização dos comportamentos sociais infantis, contribuindo para a internalização de normas culturais e papéis de gênero. De forma complementar, Matos (2025) e Santos (2025) demonstram que as brincadeiras de faz de conta cotidianas, como os jogos de “mamãe e filha/o” ou “casinha”, servem como cenários lúdicos potentes onde as crianças se apropriam, testam e performam as relações de gênero presentes no seu meio cultural. Quando essas dinâmicas são atravessadas por uma rigidez que reprime o menino de exercer o cuidado e a afetividade, abre-se espaço para a consolidação de visões assimétricas sobre os papéis sociais de homens e mulheres. Práticas educativas que restringem experiências lúdicas podem, portanto, fortalecer concepções de superioridade masculina e desigualdade de gênero. Além disso, os dados apresentados por Guimarães, Dorini e

Silva (2024), a partir do Atlas da Violência, demonstram o crescimento dos casos de feminicídio no Brasil, evidenciando a necessidade urgente de discutir os fatores sociais e culturais relacionados à violência contra a mulher. A influência de discursos disseminados por movimentos misóginos nas redes sociais também aparece associada à valorização de modelos de masculinidade baseados em poder, controle e dominação, cujas bases começam a ser delineadas na infância quando a agressividade e a rejeição ao feminino são validadas.

Nesse contexto, a Psicologia, enquanto ciência e profissão comprometida com os direitos humanos, possui papel fundamental no enfrentamento das violências de gênero. Sua atuação pode ocorrer por meio de ações preventivas, orientação familiar, promoção da saúde mental, educação emocional e desenvolvimento de estratégias de conscientização e sensibilização social. Práticas psicológicas em contextos escolares, comunitários e clínicos podem contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero e para a construção de relações mais saudáveis e igualitárias desde a infância.

Assim, compreende-se que as experiências infantis possuem significativa influência na construção das formas de perceber o outro e de estabelecer relações sociais, reforçando a importância de intervenções educativas e preventivas voltadas à promoção da equidade de gênero e do respeito às diferenças.

4. Considerações finais

Conclui-se que as relações familiares e as práticas lúdicas exercem importante influência na construção de percepções sociais e comportamentos relacionados ao gênero. A imposição de papéis rígidos e a limitação do brincar podem contribuir para a internalização de atitudes discriminatórias e misóginas ao longo do desenvolvimento humano. Dessa forma, torna-se necessária a promoção de práticas educativas que favoreçam relações mais igualitárias, respeitando as diferentes formas de expressão infantil e incentivando o desenvolvimento da empatia, do cuidado e do respeito às diferenças. Nesse cenário, a Psicologia possui papel relevante na promoção dos direitos humanos e na prevenção das violências de gênero, atuando por meio de ações de conscientização, sensibilização social, acolhimento emocional e orientação familiar. Além disso, a atuação psicológica em espaços educativos e comunitários contribui para a construção de relações mais saudáveis, inclusivas e pautadas na equidade de gênero desde a infância.

5. Referências

FAVERO, Naquieli Fedatto. **A importância do ambiente familiar no desenvolvimento infantil**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, 2022.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. In: MATOS, Camila Trigo. **Brincadeiras de “mamãe e filha/o” na educação infantil: apropriações de relações de gênero por meninas e meninos em um contexto coletivo**. Belo Horizonte: UFMG, 2025.

GUIMARÃES, Camilla Mariáh; DORINI, Djovana Natielly Gonçalves. A violência contra a mulher no Brasil e o “Red Pill” como principal fator na propagação de comportamentos abusivos. In: XI Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade, 2024, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz, 2024. p. 1-6.

JESUS, Adelice Pereira de; NEVES, Janes Aparecida Xavier da Silva; GOMES, Edilane de Jesus; PEREIRA, Érica Silva; BRITO, Vanessa Aparecida da Silva Soares. O brincar e as questões de gênero: controle e disciplina da infância. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 22, n. 10, p. 14-25, 2025.

MATOS, Camila Trigo. **Brincadeiras de “mamãe e filha/o” na educação infantil: apropriações de relações de gênero por meninas e meninos em um contexto coletivo**. 2025. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

NASCENTE, Daiane Andrade. A importância do brincar no desenvolvimento infantil. **Revista Educação Continuada**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 47-58, jan. 2025.

SOUZA, Michelle Carvalho de; FELIPE, Adriana Olímpia Barbosa; GRADIM, Clícia Valim Côrtes. Compreendendo a relação da família com o crescimento e desenvolvimento infantil. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, 2019.

O EFEITO DA MÚSICA COMO REGULADOR EMOCIONAL: UMA PERSPECTIVA DO ÁLBUM HADES DA CANTORA MELANIE MARTINEZ

Lucas Vinicius Nascimento Oliveira¹⁵⁸

Milany dos Santos Carvalho¹⁵⁹

Resumo: Sob a perspectiva da psicologia comportamental, com ênfase na regulação emocional. A música, enquanto fenômeno psicológico, tem sido amplamente investigada por sua capacidade de influenciar processos emocionais, cognitivos e comportamentais. O objetivo do estudo consiste em compreender de que forma os estímulos presentes no álbum influenciam a regulação e desregulação emocional dos ouvintes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de análise de conteúdo e fundamentada em artigos científicos publicados entre 2020 e 2025 nas bases PubMed, SciELO e Google Acadêmico. Os resultados indicam que a obra apresenta forte carga simbólica e emocional, atuando tanto como ferramenta de regulação emocional favorecendo identificação, catarse e reflexão quanto como potencial agente de intensificação de emoções negativas, dependendo das características individuais do ouvinte. Conclui-se que a música exerce um papel ambivalente na experiência psicológica, funcionando como importante mediadora da subjetividade e da construção de sentidos, reforçando sua relevância no campo da psicologia contemporânea.

Palavras-chave: HADES; impacto psicológico; música; psicologia comportamental; subjetividade.

1. Introdução

Segundo Lun *et al.* (2024), a música constitui-se como uma das formas mais universais de expressão humana, exercendo influência significativa sobre processos emocionais, cognitivos e comportamentais. Nos últimos anos, pesquisas contemporâneas têm ampliado a compreensão sobre o papel da música na regulação emocional e no funcionamento psicológico. Estudos recentes indicam que a música não apenas evoca emoções, mas também atua como ferramenta ativa de modulação emocional, sendo amplamente utilizada em contextos terapêuticos e cotidianos.

De acordo com a revisão sistemática de Xixi Lu e Shijie Song (2025), o campo da regulação emocional por meio da música (Music Emotion Regulation – MER) apresentou crescimento significativo entre 2020 e 2024, consolidando-se como uma área relevante na psicologia. Os autores destacam que a música tem eficácia comprovada na redução de emoções negativas, no aumento do bem-estar psicológico e no fortalecimento da regulação emocional.

¹⁵⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁵⁹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Educação.

Além disso, pesquisas experimentais recentes demonstram que intervenções baseadas em música podem impactar diretamente a saúde mental. Um estudo conduzido por Yingjie Feng e Mingda Wang (2025) evidenciou que a musicoterapia promove aumento significativo da resiliência emocional e do bem-estar, influenciando positivamente a forma como os indivíduos lidam com desafios psicológicos.

Sob a perspectiva comportamental, tais achados dialogam com pressupostos clássicos da psicologia, como os de B. F. Skinner, ao evidenciar que estímulos ambientais como a música são capazes de modificar respostas emocionais e comportamentais. Entretanto, estudos contemporâneos ampliam essa visão ao demonstrar que a música não atua apenas como estímulo passivo, mas como um instrumento ativo de autorregulação emocional, frequentemente utilizado de forma intencional pelos indivíduos (Koelsch, 2014).

No campo neuropsicológico, evidências recentes indicam que a música está associada à ativação de diferentes áreas cerebrais relacionadas à emoção, memória e recompensa, contribuindo para processos como liberação de dopamina e redução da ansiedade. Esse conjunto de efeitos reforça a ideia de que a experiência musical possui impacto direto no funcionamento psicológico, podendo influenciar tanto estados emocionais momentâneos quanto padrões comportamentais mais duradouros (Juslin; Västfjäll, 2008).

Além disso, estudos atuais apontam (Lun *et al.*, 2024) que a música também desempenha um papel importante na construção da subjetividade e da identidade. A escuta musical pode funcionar como um espaço de reflexão, no qual o indivíduo projeta emoções, ressignifica experiências e constrói sentidos pessoais. Esse processo é particularmente relevante em obras com forte carga simbólica e narrativa, como é o caso do álbum HADES, da artista Melanie Martinez.

Nesse contexto, o álbum apresenta uma estética marcada por elementos distópicos e críticas sociais, abordando temas como poder, controle, sofrimento psíquico e identidade. Tais características tornam a obra um objeto pertinente para análise psicológica, especialmente sob a ótica comportamental, uma vez que seus conteúdos podem atuar como estímulos capazes de influenciar emoções, pensamentos e comportamentos.

A relevância desta pesquisa está na compreensão da música como um fenômeno psicológico complexo, que ultrapassa o entretenimento e se configura como um importante agente de influência na experiência humana, especialmente no contexto contemporâneo, marcado por intensas vivências emocionais e subjetivas.

Diante disso, este estudo busca compreender de que forma os estímulos presentes no álbum influenciam a regulação e desregulação emocional dos ouvintes.

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com base em análise de conteúdo do álbum HADES. Esse tipo de abordagem permite compreender fenômenos subjetivos e interpretar significados presentes em produções simbólicas, como obras musicais. A pesquisa foi realizada em 16 de abril de 2026, com base de dados acadêmicos PubMed, SciELO, Google Scholar publicados entre os anos de 2020 à 2025 que investigam a relação entre música, emoção e comportamento. Entre os principais referenciais utilizados, destacam-se estudos sobre regulação emocional por meio da música, que evidenciam sua influência nos processos psicológicos e comportamentais dos indivíduos.

A análise fundamentou-se em estudos sobre regulação emocional, entendida como o conjunto de processos pelos quais os indivíduos influenciam suas emoções, como as experimentam e como as expressam (GROSS, 2021). A música, nesse contexto, é compreendida como um estímulo capaz de modular estados emocionais, podendo atuar tanto na regulação quanto na intensificação das emoções. Foram pesquisa 10 (dez) artigos dos quais apenas 5 (cinco) foram utilizados. Foram excluídos artigos que não abordavam o tema, duplicados, ou muitos antigos. Esses estudos contribuíram para fundamentar a análise dos possíveis efeitos psicológicos do conteúdo musical.

3. Resultados e discussão

A análise do álbum HADES, da artista Melanie Martinez, permitiu identificar que seus elementos sonoros, líricos e simbólicos atuam como estímulos psicológicos relevantes, capazes de influenciar emoções, cognições e comportamentos dos ouvintes. Além disso, a música estimula processos cognitivos, contribuindo para reflexão crítica e ressignificação de experiências (Kahn *et al.*, 2024). Esse aspecto reforça o papel da música não apenas como reguladora emocional, mas como mediadora da construção de significativa.

Os dados analisados indicam que o álbum apresenta forte carga emocional, marcada por sentimentos como angústia, crítica social e introspecção. Esse tipo de conteúdo pode atuar diretamente na regulação emocional dos ouvintes.

De acordo com Lu e Song (2025), a música é amplamente utilizada como estratégia de regulação emocional, podendo tanto reduzir emoções negativas quanto intensificá-las, dependendo do contexto e da interpretação individual. Nesse sentido, o álbum pode funcionar como um recurso de identificação emocional, permitindo ao ouvinte acessar e processar sentimentos internos.

Corroborando essa perspectiva, Feng e Wang (2025) destacam que a música contribui para o aumento do bem-estar psicológico e da resiliência

emocional. Entretanto, no caso de conteúdos mais densos e críticos, como os presentes em HADES, observa-se que a experiência pode gerar também estados de desconforto emocional, favorecendo processos reflexivos mais profundos.

Outro aspecto relevante identificado refere-se à capacidade do álbum de estimular processos cognitivos, especialmente relacionados à interpretação e reflexão crítica. As narrativas presentes nas músicas abordam temas como poder, controle e desigualdade, exigindo do ouvinte uma postura mais ativa na construção de significados.

Segundo Kahn *et al.* (2024), a música pode ser utilizada como ferramenta de processamento cognitivo, influenciando a forma como os indivíduos interpretam suas experiências e o mundo ao seu redor. Assim, o conteúdo simbólico do álbum pode contribuir para a ativação de pensamentos críticos e para a reavaliação de crenças e valores.

Esse processo está alinhado à ideia de que a música não atua apenas no nível emocional, mas também cognitivo, funcionando como um estímulo que pode modificar percepções e interpretações da realidade.

A análise também evidenciou que o álbum favorece processos de identificação e projeção psicológica. O ouvinte tende a relacionar as temáticas abordadas com suas próprias vivências, atribuindo significados pessoais às músicas.

O álbum HADES, de Melanie Martinez, apresenta uma construção estética e narrativa que pode ser interpretada como uma crítica às estruturas sociais contemporâneas, especialmente aquelas relacionadas ao controle social, às desigualdades, à normatização dos corpos e às pressões exercidas sobre a identidade individual. Embora a artista não esteja necessariamente vinculada a uma ideologia político-partidária específica, sua obra dialoga com perspectivas críticas que questionam relações de poder e mecanismos de opressão presentes na sociedade.

Sob a ótica da psicologia social, as narrativas do álbum podem ser compreendidas como expressões simbólicas de resistência à padronização social e de valorização da individualidade. Segundo Michel Foucault, as instituições sociais exercem mecanismos de controle sobre os indivíduos por meio de normas, discursos e práticas que regulam comportamentos. Diversas faixas do álbum evocam justamente essa crítica ao controle e à vigilância social, estimulando reflexões sobre autonomia, liberdade e construção identitária.

Além disso, observa-se a presença de temas relacionados à saúde mental, sofrimento psíquico, exclusão social e busca por autenticidade. Esses elementos aproximam a obra de perspectivas humanistas e críticas, que valorizam a subjetividade e a experiência individual. Conforme argumenta Zygmunt Bauman, a sociedade contemporânea produz sentimentos de insegurança, instabilidade e fragilidade nas relações humanas, fenômenos frequentemente retratados na produção artística de Melanie Martinez.

Em relação ao público consumidor, estudos sobre identidade musical indicam que adolescentes e adultos jovens tendem a buscar artistas cujas narrativas expressem conflitos emocionais semelhantes aos vivenciados em seus processos de desenvolvimento. Nesse sentido, o álbum atrai principalmente indivíduos entre a adolescência e o início da vida adulta, que frequentemente enfrentam questões relacionadas à identidade, pertencimento social, autoestima e regulação emocional.

De acordo com Erik Erikson, a adolescência é marcada pela crise psicossocial de identidade versus confusão de papéis, período em que o indivíduo busca compreender quem é e qual seu lugar na sociedade. As temáticas presentes em HADES favorecem processos de identificação emocional, fazendo com que muitos ouvintes utilizem a música como recurso para interpretar experiências pessoais e elaborar emoções complexas.

Observa-se ainda que o público da artista costuma apresentar afinidade com movimentos que valorizam diversidade, autenticidade, expressão emocional e questionamento de normas sociais rígidas. Dessa forma, o consumo do álbum ultrapassa o entretenimento, funcionando também como um espaço simbólico de pertencimento e construção de identidade social e emocional.

4. Considerações finais

Conclui-se que o álbum HADES, da artista Melanie Martinez, exerce influência significativa nos processos emocionais, cognitivos e comportamentais dos ouvintes, configurando-se como um estímulo psicológico relevante. A análise demonstrou que a música pode atuar como ferramenta de regulação emocional, favorecendo o autoconhecimento e a reflexão, mas também pode intensificar emoções negativas, dependendo da subjetividade de cada indivíduo.

Além disso, observou-se que os conteúdos simbólicos e críticos presentes na obra contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a ressignificação de experiências pessoais. Nesse sentido, o impacto psicológico da música mostra-se ambivalente, podendo gerar tanto efeitos positivos quanto negativos. Dessa forma, conclui-se que o álbum ultrapassa a dimensão do entretenimento, sendo um importante agente de influência na experiência subjetiva, reforçando a relevância da música como objeto de estudo na psicologia contemporânea.

5. Referências

ADORNO, Theodor. **Introdução à Sociologia da Música**. São Paulo: Unesp, 2011

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ERIKSON, Erik. **Identity: Youth and Crisis**. New York: Norton, 1968.

FENG, Yingjie; WANG, Mingda. Efeito da musicoterapia na resiliência emocional, bem-estar e empregabilidade: uma investigação quantitativa de mediação e moderação. **BMC Psychology**, 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis : Vozes, 1987.

GROSS, J. J. Regulação emocional: estado atual e perspectivas futuras. **Psychological Inquiry**, v. 32, n. 1, p. 1–26, 2021.

KAHN, Jeffrey H. *et al.* Uso da música para sentir-se melhor: as diferentes estratégias de regulação emocional são realmente distintas? **Psychology of Music**, 2024.

KOELSCH, Stefan. Correlatos cerebrais das emoções evocadas pela música. **Nature Reviews Neuroscience**, Londres, v. 15, n. 3, p. 170–180, 2014.

JUSLIN, Patrik N.; VÄSTFJÄLL, Daniel. Respostas emocionais à música: a necessidade de considerar os mecanismos subjacentes. **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge, v. 31, n. 5, p. 559–575, 2008.

MARTINEZ, Melanie. **HADES**. 2026.

LU, Xixi; SONG, Shijie. Regulação emocional baseada em música: uma revisão sistemática bibliométrica (2000–2024). **Frontiers in Psychology**, 2025.

LUN, Tingting *et al.* **Musicoterapia e ansiedade**: uma revisão bibliométrica de 1993 a 2023. *Medicine*, 2024.

ATENDIMENTO SOCIOASSISTENCIAL E PSICOLOGIA: VIVÊNCIAS NA RECEPÇÃO DO CAS/ CAEC DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SANTARÉM

*Adriana Patrícia Nobre Ferreira*¹⁶⁰

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*¹⁶¹

Resumo: O Sistema Único de Assistência Social organiza a política de assistência social no Brasil, garantindo proteção a pessoas em situação de vulnerabilidade. Em Santarém, sua execução ocorre por meio da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social, com atuação no CAS/CAEC. Este estudo relata a vivência de uma acadêmica de Psicologia na recepção desse equipamento, durante estágio não obrigatório de quatro meses, destacando a contribuição da Psicologia nesse contexto. Trata-se de relato de experiência com foco em acolhimento, escuta qualificada, orientação e encaminhamento de usuários. Observou-se grande demanda por benefícios socioassistenciais, evidenciando a escuta qualificada como ferramenta essencial da prática psicológica. Conclui-se que a recepção consiste em espaço estratégico para acesso aos serviços e atuação mais humanizada e eficaz.

Palavras-chave: psicologia social; políticas públicas; SUAS.

1. Introdução

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público com comando único, descentralizado e não contributivo, que organiza e normatiza a Política Nacional de Assistência Social na perspectiva da universalização dos direitos, regulando, em todo o território nacional, as ações socioassistenciais. O SUAS foi implementado em 2005 com o objetivo de estruturar e regulamentar serviços, programas, projetos e benefícios destinados à população em situação de vulnerabilidade social. Esse sistema é gerido pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social e operacionalizado em todo o território nacional (Brasil, 2012).

O SUAS constitui-se de forma integrada aos programas e benefícios que transferem renda, por meio da Proteção Social Básica e da Proteção Social Especial, articuladas com as demais políticas públicas e com o Sistema de Garantia de Direitos (SGD), desempenhando papel fundamental na proteção social (Brasil, 2012). Nesse contexto, a Psicologia insere-se como área essencial, contribuindo para a compreensão das demandas sociais para além de seus aspectos objetivos, considerando também dimensões subjetivas, emocionais e relacionais dos usuários atendidos.

No âmbito municipal de Santarém-Pará, a organização e execução

¹⁶⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁶¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Ciência da Sociedade.

dos serviços socioassistenciais são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (SEMTRAS), que coordena a rede de atendimento voltada à população em situação de vulnerabilidade social. A atuação do profissional de Psicologia nesse contexto torna-se relevante, especialmente no acolhimento, na escuta qualificada e na mediação entre usuário e serviço, favorecendo o acesso aos direitos.

Em específico, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) configura-se como a principal porta de entrada para os serviços socioassistenciais, atuando na proteção social básica, com foco na prevenção de situações de risco e no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Assim, a recepção dos equipamentos socioassistenciais destaca-se como um espaço fundamental, no qual a Psicologia pode atuar desde o primeiro contato com o usuário, contribuindo para um atendimento mais humanizado e sensível às suas necessidades.

Dentre os equipamentos que compõem essa rede, destaca-se o CAS/CAEC, localizado em Santarém, que se configura como um dos principais espaços de oferta de serviços socioassistenciais no município, especialmente no atendimento básico à população em situação de vulnerabilidade social, sendo também um campo relevante para a atuação da Psicologia no âmbito das políticas públicas.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, que retrata a vivência de uma acadêmica do terceiro período do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA), no CAS/CAEC, vinculado à Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social de Santarém. A experiência ocorreu durante a realização de estágio não obrigatório, no período de outubro de 2025 a fevereiro de 2026, com carga horária de 20 horas semanais.

A atuação concentrou-se na área da recepção, considerada uma importante porta de entrada para os serviços socioassistenciais, na qual a triagem inicial desempenha papel fundamental na organização da demanda e no encaminhamento adequado dos usuários. Entre as principais atividades desenvolvidas, destacam-se o atendimento ao público, a escuta inicial das demandas, a orientação quanto aos serviços ofertados e o encaminhamento aos setores responsáveis, contribuindo para o acesso à rede de assistência social.

3. Resultados e discussão

A experiência vivenciada na recepção do CAS/CAEC evidenciou a centralidade desse espaço como porta de entrada para os serviços socioassistenciais, sendo responsável pelo acolhimento inicial e pela organização da demanda. Observou-se que grande parte do público atendido buscava informações e acesso a benefícios sociais, com destaque para o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), o Programa

Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC/LOAS), o que demonstra a relevância desses instrumentos na garantia de direitos sociais.

Nesse contexto, a recepção configura-se como um ambiente estratégico para a escuta qualificada e para a identificação das necessidades imediatas, possibilitando encaminhamentos mais assertivos aos serviços disponíveis na rede socioassistencial. A triagem inicial contribuiu significativamente para a organização do fluxo de atendimento, evitando sobrecargas em setores específicos e promovendo maior eficiência no acesso aos serviços, conforme previsto na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Brasil, 2014).

Além disso, constatou-se que grande parte do público chega ao serviço com demandas múltiplas e, por vezes, com conhecimento limitado acerca de seus direitos, o que reforça a importância da atuação profissional na orientação e no repasse de informações claras e acessíveis. Nesse sentido, o atendimento na recepção ultrapassa sua função administrativa, assumindo papel fundamental na efetivação das políticas públicas de assistência social. A experiência também reforça os princípios do SUAS, especialmente no que se refere à garantia de acesso universal e à proteção social.

No contexto da recepção, a escuta qualificada surge enquanto instrumento central da prática psicológica, caracteriza-se por uma postura atenta, sensível e isenta de julgamentos (Souza, 2026). Esta torna-se essencial ao permitir a identificação não apenas das demandas explícitas e suas manifestações imediatas, considerando as dimensões subjetivas, emocionais, familiares e sociais. Necessidades que muitas vezes não são verbalizadas, favorecendo encaminhamentos mais adequados e um atendimento mais humanizado.

4. Considerações finais

A vivência no CAS/CAEC possibilitou compreender a recepção como um espaço estratégico para o acesso aos serviços socioassistenciais, evidenciando seu papel na garantia de direitos e na efetivação das políticas públicas. Destaca-se também a relevância do Sistema Único de Assistência Social, da Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais e dos principais benefícios governamentais, como o Programa Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada (BPC/LOAS) e o Cadastro Único, instrumento fundamental para a inclusão de famílias em programas sociais.

A atuação nesse setor contribuiu para o desenvolvimento de competências relacionadas à escuta qualificada, à orientação e à organização da demanda, destacando a importância da Psicologia nesse contexto, especialmente na compreensão das necessidades dos usuários para além do que é verbalizado e na promoção de um atendimento mais humanizado.

Além disso, a experiência proporcionou uma aproximação prática com o funcionamento do SUAS e com as demandas da população em situação de vulnerabilidade social, evidenciando o papel do psicólogo na mediação entre

usuário e serviço e na garantia de direitos. Reforça-se também a importância da recepção como elemento fundamental para ampliar o acesso aos serviços, bem como o papel da Psicologia na qualificação desse atendimento, contribuindo para o fortalecimento da assistência social enquanto política pública.

5. Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social – NOB/SUAS**. Brasília, DF: MDS, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2014. Reimpressão.

CORDEIRO, M. P.; LARA, M. F. A.; MAIA, R. L. A. Atendimento psicossocial nos serviços de proteção social especial do SUAS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e 250301, 2023.

FIGUEIREDO, G. C. Avaliação de políticas públicas: desafios e potencialidades para a Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e232807, 2022.

GONÇALVES, J. E. *et al.* CRAS e CREAS na rede interdisciplinar e seus desafios em um município no Norte do Brasil: relato de experiência. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 8, p. 61323-61330, ago. 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n8-522.

MIRANDA, Yasmin Pereira. A psicologia no sistema único de assistência social: um estudo da produção científica. **Archives of Health**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 1058–1077, 2023. DOI: 10.46919/archv4n3-028.

SANTOS, M. P. dos; HONORATO, L. G. F. A importância do serviço de proteção e atendimento integral à família (PAIF) no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS Urumari, Santarém/PA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 8, n. 11, nov. 2022.

SOUZA, W. A. A escuta psicanalítica no Sistema Único da Assistência Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2026.

CULTURA DA PRODUTIVIDADE E BURNOUT EM JOVENS PROFISSIONAIS DO MARKETING EM AGÊNCIAS DIGITAIS

*Kamilly Valente Costa*¹⁶²

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*¹⁶³

Resumo: O mercado de comunicação e marketing é marcado por uma cultura performática, prazos curtos e intensa competitividade, especialmente em agências digitais. Nesse contexto, observa-se a valorização de comportamentos associados aos perfis workaholic, nos quais a dedicação excessiva ao trabalho é frequentemente vista como comprometimento, alta performance e sucesso profissional. Essa dinâmica contribui para a naturalização de jornadas prolongadas, caracterizadas pela sobrecarga de tarefas e pela pressão constante por resultados. Diante desse cenário, o presente estudo busca discutir como essas práticas podem favorecer o desenvolvimento da síndrome de burnout em jovens profissionais do marketing. Para isso, realizou-se uma revisão de literatura baseada em estudos nacionais sobre burnout, marketing digital, cultura da produtividade, saúde mental e workaholic.

Palavras-chave: burnout; marketing digital; cultura da produtividade.

1. Introdução

Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais e a expansão do mercado de comunicação e marketing têm transformado significativamente as dinâmicas de trabalho nesse setor. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), o crescimento das atividades mediadas pela internet ampliou o número de profissionais atuando em áreas relacionadas à produção de conteúdo, marketing digital e comunicação online. Nesse cenário, emergem novas formas de organização do trabalho, frequentemente caracterizadas por demandas intensas, prazos reduzidos e exigências constantes por resultados.

No contexto das agências de publicidade e marketing, essas características tendem a favorecer a valorização de comportamentos associados ao perfil workaholic. De acordo com Sampaio e Cipriani (2022), no mercado publicitário a dedicação excessiva ao trabalho muitas vezes é interpretada como sinal de comprometimento e reconhecimento profissional, reforçando uma cultura que naturaliza jornadas prolongadas e disponibilidade contínua. Esta lógica aproxima-se do que Han (2017) denomina sociedade do desempenho, na qual os indivíduos passam a internalizar a exigência permanente por produtividade e alta performance. No entanto, a intensificação dessas práticas pode gerar impactos significativos na saúde mental dos trabalhadores.

¹⁶² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁶³ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

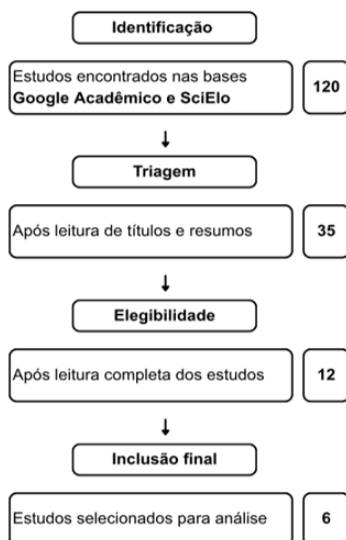
Conforme Benevides-Pereira (2002), a síndrome de burnout caracteriza-se como um estado de esgotamento físico e emocional relacionado ao contexto ocupacional, frequentemente associado a ambientes profissionais marcados por elevada pressão e sobrecarga de demandas. Nesse cenário, profissionais da comunicação e do marketing, especialmente aqueles em início de carreira, tornam-se particularmente suscetíveis a processos de desgaste psicológico. Diante desse cenário, torna-se relevante compreender como as dinâmicas de trabalho presentes nas agências digitais podem contribuir para o desenvolvimento de processos de esgotamento ocupacional. Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre as condições de trabalho nas agências de marketing e a manifestação de sintomas associados ao burnout em jovens profissionais da área. Como objetivos específicos, busca-se compreender as características do ambiente profissional nas agências de marketing, discutir o papel da cultura do desempenho nesse contexto e refletir sobre os impactos dessas dinâmicas na saúde mental dos trabalhadores.

2. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de revisão de literatura de caráter bibliográfico. O levantamento das produções científicas foi realizado nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO, utilizando como descritores os termos “burnout”, “marketing digital”, “saúde mental no trabalho”, “cultura da produtividade” e “trabalho digital”, bem como suas correspondentes em espanhol. A busca teve como objetivo identificar estudos relacionados à síndrome de burnout no contexto do trabalho em comunicação e marketing. Inicialmente, foram encontrados aproximadamente 120 estudos. Após leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 35 trabalhos que apresentavam relação direta com a temática. Em seguida, realizou-se a leitura completa desses materiais, sendo excluídos aqueles que não abordavam especificamente profissionais da comunicação ou que tratavam do burnout em contextos distintos do ambiente organizacional.

Ao final do processo, foram selecionados seis estudos para compor a análise teórica, sendo cinco em língua portuguesa e um em língua espanhola. Como critérios de inclusão, priorizaram-se publicações que abordam a saúde mental de profissionais da comunicação, especialmente aqueles inseridos em agências de marketing e publicidade, bem como estudos que discutem a relação entre cultura da produtividade e esgotamento ocupacional. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos que não apresentavam relação direta com o contexto do marketing digital ou que abordavam o burnout de forma genérica, sem articulação com o ambiente de trabalho analisado. Os estudos selecionados foram analisados qualitativamente, buscando identificar convergências teóricas acerca das relações entre as dinâmicas de trabalho nas agências de marketing e o desenvolvimento de sintomas associados ao burnout em jovens profissionais da área.

Figura 1 - Fluxograma das etapas de seleção dos estudos.



Fonte: Própria Autora.

3. Resultados e discussão

A síndrome de burnout é um fenômeno relacionado ao contexto ocupacional, caracterizado por um processo progressivo de esgotamento físico e emocional decorrente da exposição prolongada a condições de trabalho intensas e estressantes. De acordo com Benevides-Pereira (2002), esse quadro manifesta-se por meio de sintomas como exaustão emocional, sensação de esgotamento constante, redução da realização profissional e atitudes de distanciamento em relação ao trabalho. Esse processo tende a se desenvolver em ambientes marcados por sobrecarga de tarefas, cobranças excessivas, falta de controle sobre as atividades e exigências contínuas de desempenho, nas quais o trabalhador passa a não conseguir recuperar adequadamente sua energia física e mental.

No campo da comunicação e do marketing, essas condições tornam-se particularmente evidentes. A literatura analisada indica que o funcionamento das agências está frequentemente associado a dinâmicas de trabalho caracterizadas por ritmo acelerado, prazos reduzidos, múltiplas demandas simultâneas e necessidade constante de adaptação às exigências do mercado. Esse cenário contribui para a consolidação de uma cultura profissional na qual o alto desempenho e a produtividade contínua são valorizados como indicadores de competência e sucesso. Essa lógica pode ser compreendida a partir do que Han (2017) denomina sociedade do desempenho, na qual os indivíduos passam a internalizar a pressão por produtividade e autossuperação, assumindo para si a responsabilidade por manter níveis elevados de rendimento.

Nessa perspectiva, o cansaço e a sobrecarga deixam de ser percebidos como sinais de alerta e passam a ser interpretados como parte esperada da rotina profissional, o que favorece a naturalização do desgaste. No ambiente das agências de publicidade e marketing, essa dinâmica tende a se intensificar. Conforme discutem Sampaio e Cipriani (2022), a dedicação constante ao trabalho é frequentemente associada ao reconhecimento profissional, o que reforça a valorização de jornadas prolongadas e da disponibilidade contínua. Essa forma de organização do trabalho contribui para a construção de ambientes marcados por alta pressão, demandas urgentes e volume elevado de atividades, nos quais a capacidade de suportar a sobrecarga passa a ser vista como um diferencial.

Como consequência, muitos profissionais passam a normalizar o cansaço extremo, sem reconhecer os sinais iniciais de adoecimento. As especificidades do marketing digital também desempenham um papel relevante nesse processo. Profissionais que atuam com produção de conteúdo, gestão de redes sociais e monitoramento de campanhas online estão inseridos em contextos caracterizados pela atualização constante de informações, acompanhamento em tempo real de métricas e necessidade de respostas imediatas às interações do público. A dinâmica descrita intensifica a hiperconectividade e amplia as demandas cognitivas e emocionais, dificultando a delimitação entre o tempo de trabalho e o tempo de descanso (Rocha, 2023).

Diante dessas condições, jovens profissionais inseridos nesse contexto tornam-se particularmente vulneráveis ao desenvolvimento da síndrome de burnout. A combinação entre exigências constantes, valorização do desempenho e ausência de limites claros entre vida pessoal e profissional configura-se como um importante fator de risco para o esgotamento ocupacional. Dessa forma, a relação entre a cultura de produtividade e o burnout evidencia-se na medida em que a pressão contínua por resultados e a normalização da sobrecarga contribuem para processos progressivos de desgaste emocional e comprometimento do bem-estar psicológico (Benevides-Pereira, 2002).

4. Considerações finais

A partir da revisão de literatura realizada, foi possível compreender que o burnout em jovens profissionais do marketing não pode ser analisado apenas como uma questão individual, mas como um fenômeno diretamente relacionado às condições e às dinâmicas de trabalho presentes no campo da comunicação. Os estudos examinados indicam que ambientes organizacionais marcados por exigências contínuas de desempenho, longas jornadas de trabalho, hiperconectividade e valorização da dedicação extrema tendem a favorecer processos de esgotamento emocional e desgaste psicológico.

Portanto, o objetivo proposto por esta pesquisa foi alcançado, uma vez que a análise da literatura evidenciou que determinadas dinâmicas organizacionais presentes em agências digitais podem contribuir para o desenvolvimento do esgotamento ocupacional entre jovens profissionais da área.

A valorização constante da produtividade, associada à dificuldade de estabelecer limites entre tempo de trabalho e vida pessoal, tende a intensificar rotinas marcadas por sobrecarga e exigências permanentes. Esse contexto pode comprometer a percepção de satisfação profissional e impactar negativamente a qualidade de vida desses trabalhadores.

Desse modo, o estudo contribui para ampliar a discussão sobre saúde mental no mercado da comunicação e do marketing, destacando a necessidade de reflexões mais críticas sobre modelos de trabalho que associam reconhecimento profissional à exaustão. Além disso, evidencia-se a importância do desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema, especialmente aquelas que investigam, de forma empírica, as experiências de jovens profissionais inseridos em agências de marketing digital. Estudos futuros podem aprofundar a análise dos fatores de risco e de proteção associados ao burnout nesse contexto, bem como examinar os impactos da hiperconectividade, da pressão por métricas de desempenho e da ausência de limites entre a vida pessoal e profissional. Tais investigações são fundamentais para ampliar a compreensão dos efeitos do trabalho digital na saúde mental e na subjetividade contemporânea, contribuindo para a construção de práticas organizacionais mais saudáveis.

5. Referências

BENEVIDES PEREIRA, Ana Maria T. Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. **São Paulo: Casa do Psicólogo**, 2002.

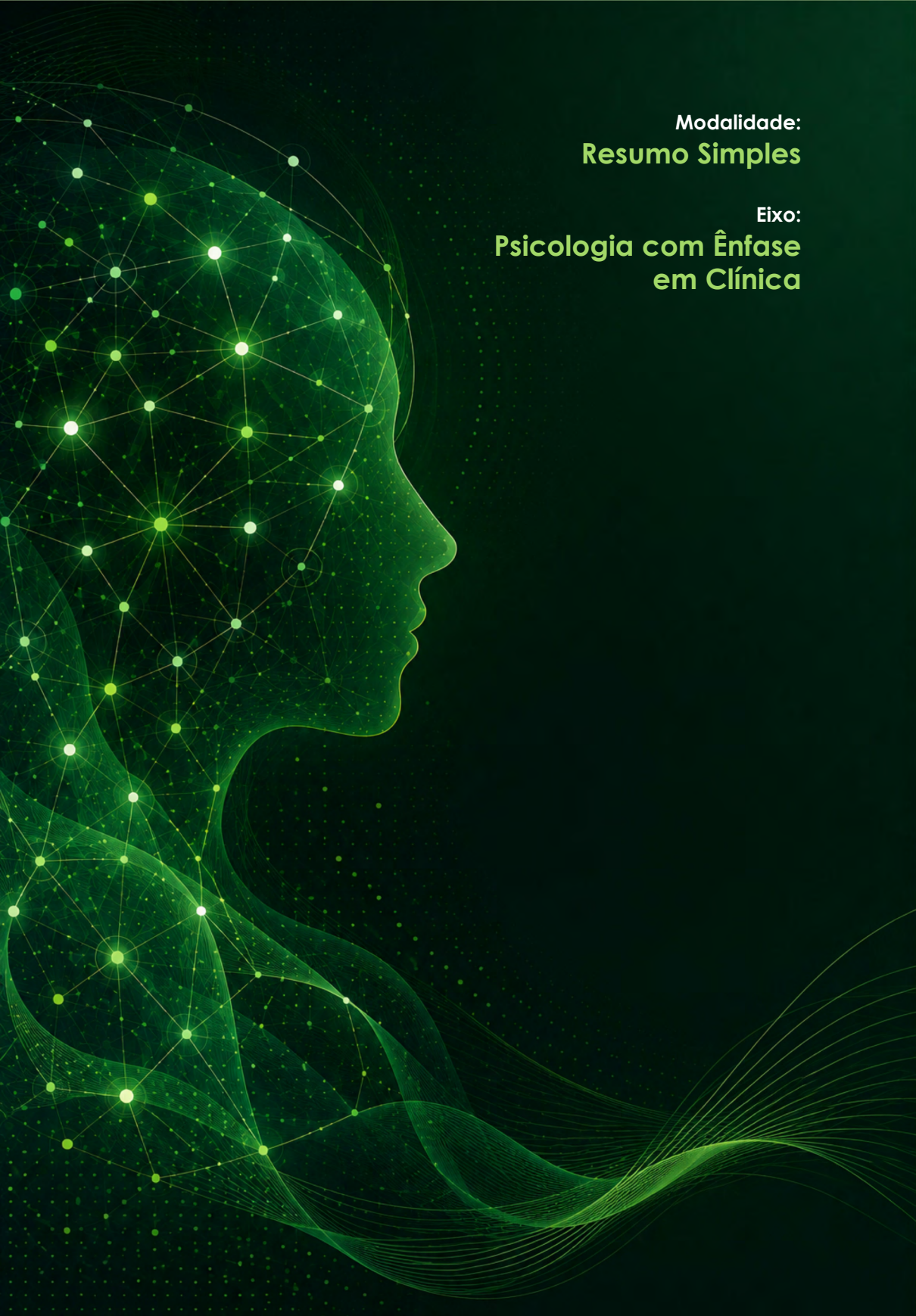
HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**: PNAD Contínua 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

OTA, Thayana de Noronha; MARBACK, Heitor Ferrari. Esgotamento mental em criadores de conteúdo digital. In: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 18., 2022, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2022.

ROCHA, Gabriela Batista. **Burnout em profissionais da comunicação: uma análise sobre a violência neural no mercado da comunicação**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal, 2023.

SAMPAIO, Letícia Agapito; CIPRIANI, Cristian. Agências de publicidade: cultura de trabalho e a síndrome de burnout. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 21., 2022, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2022.



Modalidade:
Resumo Simples

Eixo:
**Psicologia com Ênfase
em Clínica**

DISSOCIAÇÃO, NEGAÇÃO E CONGELAMENTO: COMO MECANISMO DE DEFESA NA VIOLÊNCIA SEXUAL

*Raiane Bentes Batista*¹⁶⁴

*Raquel Pimentel Marinho*¹⁶⁵

*Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro*¹⁶⁶

*Kathleen Rebeca Cavalcante dos Santos*¹⁶⁷

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*¹⁶⁸

Introdução: A violência sexual representa uma grave violação dos direitos humanos e produz impactos significativos na saúde mental das vítimas. Durante e após o estupro, o organismo pode acionar mecanismos psíquicos automáticos como forma de proteção diante do trauma extremo. Entre esses mecanismos, destacam-se a dissociação, a negação e o congelamento, respostas que ocorrem de maneira involuntária e frequentemente são incompreendidas socialmente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2013), as consequências da violência sexual incluem danos físicos e psicológicos duradouros. A análise desses processos é essencial para qualificar a atuação do psicólogo no acolhimento e acompanhamento das vítimas. **Objetivo:** Analisar os mecanismos psíquicos de dissociação, negação e congelamento acionados durante e após o estupro. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. Foram utilizados 12 livros clássicos e artigos científicos publicados entre 1992 a 2024 como SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. A seleção dos materiais ocorreu a partir dos descritores: violência sexual, trauma psicológico, dissociação e mecanismos de defesa, conforme orientações metodológicas descritas por autores da área. **Resultados e discussão:** Observa-se que o congelamento, também conhecido como resposta de “freeze”, ocorre durante o evento traumático como uma reação automática do sistema nervoso diante de uma ameaça extrema, provocando imobilidade física e incapacidade momentânea de reação (Van der Kolk, 2014). Muitas vítimas relatam sensação de paralisação durante a violência, resposta frequentemente mal interpretada socialmente, embora seja involuntária e ligada à sobrevivência. A dissociação caracteriza-se como um afastamento psíquico da realidade traumática, podendo envolver despersonalização e amnésia parcial, funcionando como forma de reduzir o sofrimento imediato (American Psychiatric Association, 2014). Já a negação dificulta a assimilação consciente do ocorrido, levando muitas vítimas a evitarem falar sobre a violência sofrida (Freud, 1996). Embora esses mecanismos tenham função protetiva inicial, sua permanência pode

¹⁶⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁶⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁶⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁶⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁶⁸ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

contribuir para o desenvolvimento de transtornos como Transtorno de Estresse Pós-Traumático, ansiedade e depressão (Herman, 1992). Dessa forma, é fundamental que os profissionais compreendam essas respostas como naturais ao trauma, promovendo acolhimento empático e evitando julgamentos às vítimas. **Considerações finais:** Conclui-se que dissociação, negação e congelamento são respostas esperadas diante da violência sexual, atuando como mecanismos de defesa frente ao trauma. Compreendê-las amplia a possibilidade de uma atuação clínica mais humanizada, pois desloca o foco do julgamento sobre a reação da vítima para a análise do impacto traumático sofrido. Assim, a Psicologia exerce papel essencial na escuta qualificada, no acolhimento sem culpabilização e na construção de estratégias terapêuticas que favoreçam a elaboração do trauma, a reorganização emocional e a recuperação da autonomia da vítima.

Palavras-chave: violência sexual; trauma psicológico; mecanismos de defesa.

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS DIRECIONADAS A FAMILIARES DE PESSOAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER: UMA REVISÃO DA LITERATURA

*Bruna Nogueira Aires Paiva*¹⁶⁹

*Ana Prycila Rocha Linares*¹⁷⁰

*Matheus Victor Silva Viana*¹⁷¹

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*¹⁷²

Introdução: A Doença de Alzheimer configura-se como uma condição neurodegenerativa progressiva que impacta significativamente não apenas o indivíduo acometido, mas também seu sistema familiar, especialmente aqueles que assumem o papel de cuidadores. Nesse contexto, os familiares frequentemente vivenciam sobrecarga emocional, física e psicológica, decorrente das demandas contínuas de cuidado e das alterações comportamentais e cognitivas do paciente. Diante dessa realidade, as intervenções psicológicas direcionadas aos familiares são fundamentais para promover estratégias de enfrentamento, reduzir níveis de estresse e melhorar a qualidade de vida desses cuidadores. Estudos apontam que abordagens psicoeducativas, suporte emocional e intervenções baseadas em evidências contribuem para o fortalecimento dos vínculos familiares e para a adaptação ao processo de adoecimento. Apontando para a necessidade de compreender e ampliar as possibilidades de intervenção junto a familiares de pessoas com Alzheimer, considerando um cuidado integral e humanizado. **Objetivo:** Analisar as contribuições das intervenções psicológicas com familiares de pessoas com doença de Alzheimer. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, realizada por meio de revisão integrativa da literatura, que possibilita a síntese e análise crítica das produções científicas sobre as intervenções psicológicas direcionadas a familiares de pessoas com Doença de Alzheimer. A presente investigação foi orientada pela seguinte questão norteadora: “Quais intervenções psicológicas têm sido utilizadas com familiares de pessoas com Doença de Alzheimer?” A busca dos estudos foi realizada bases de dados PubMed, SciELO e Google acadêmico, utilizando de escritores combinados pelo operador booleano AND de modo a refinar os resultados. Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2016 a 2026, disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, e relacionados à temática. Foram excluídos estudos duplicados, fora do recorte temporal ou que não atendiam o objetivo da pesquisa. **Resultados e discussão:** Os estudos analisados demonstram que intervenções psicológicas direcionadas aos familiares de pessoas com Doença de Alzheimer fa-

¹⁶⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁷⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁷¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁷² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Esp. Saúde-UEPA.

vorecem a redução a sobrecarga emocional e melhora na qualidade de vida. Destacam-se ações de psicoeducação, que são responsáveis pela ampliação do conhecimento sobre sintomas, progressão da doença e manejo. Os grupos de apoio mostraram-se relevantes no compartilhamento de experiências, acolhimento emocional e fortalecimento na rede social. Estratégias de manejo do estresse, como relaxamento, mindfulness e incentivo ao autocuidado, contribuíram para a prevenção do burnout presente nos familiares. Além de o acompanhamento familiar ajudar na reorganização familiar, na divisão de funções e na redução de conflitos. **Considerações finais:** As intervenções psicológicas direcionadas aos familiares de pessoas portadoras de Alzheimer são fundamentais para a redução da sobrecarga e promoção de saúde mental. Desta forma, destaca-se a importância da inserção da psicologia no cuidado integral, oferecendo não apenas suporte ao paciente, mas integrando a família no papel central de cuidado.

Palavras-chave: Alzheimer; psicologia; família.

A INTERAÇÃO ENTRE FILOGÊNESE E ONTOGÊNESE NO ONSET DO TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR

*Eliziane Rozaline Robledilho Gonçalves Kinoshita*¹⁷³

*Glenda Nascimento Pereira*¹⁷⁴

*Paula Eduarda Furtado*¹⁷⁵

Introdução: O Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) é uma patologia crônica e complexa do humor, caracterizada clinicamente pela alternância entre episódios de mania (ou hipomania) e depressão, intercalados por períodos de normalidade afetiva (eutímia). É um dos quadros psiquiátricos com maior herdabilidade, estimada em aproximadamente 80% (Goodwin; Jamison, 2007). Contudo, o seu onset, que é um termo que define o surgimento clínico ou a eclosão do primeiro episódio da doença, costuma ocorrer entre o início e a metade da vida adulta jovem, especialmente entre os 20 e 25 anos (Kessler *et al.*, 2005). Sob a perspectiva da Análise do Comportamento, esse fenômeno é compreendido pela interação entre a filogênese (a herança biológica e genética da espécie, que confere a vulnerabilidade inata) e a ontogênese (a história particular de vida e as interações do indivíduo com seu ambiente) (Skinner, 1953/2003). **Objetivo:** Analisar como a interação entre a vulnerabilidade biológica e os eventos estressores ambientais opera como contexto desencadeador do primeiro episódio de TAB, fundamentando-se na Teoria do Kindling. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa que articulou dados epidemiológicos sobre o primeiro episódio afetivo (Post; Leverich, 2001) com conceitos da Análise do Comportamento. **Resultados e discussão:** A literatura indica que o início do TAB está frequentemente associado a eventos estressores significativos, conforme descrito pela Teoria do Kindling ou modelo de sensibilização (Post, 1992). De acordo com essa proposta, as exposições iniciais a estressores intensos funcionam como uma “fagulha”, tornando o sistema biológico progressivamente mais sensível e instável. Com o tempo, essa sensibilização reduz o limiar necessário para que novos episódios ocorram, tornando o indivíduo mais propenso a crises mesmo diante de estresses menores. No jovem adulto, variáveis da ontogênese como a privação de sono e a alta cobrança por produtividade alteram a sensibilidade do sistema, potencializando a predisposição genética e disparando o primeiro episódio. **Considerações finais:** A compreensão do onset através da Teoria do Kindling revela que a transição para a vida adulta é um ponto crítico. Intervenções focadas na reorganização de rotinas e no manejo de demandas ambientais são essenciais para evitar a progressiva sensibilização do sistema biológico e mitigar a gravidade do transtorno.

Palavras-chave: TAB; ontogênese; teoria do kindling.

173 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

174 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

175 Psicóloga. Esp. Avaliação Psicológica.

MEMÓRIAS FALSAS NA PSICOLOGIA JURÍDICA: LIMITES DA CONFIABILIDADE DO TESTEMUNHO HUMANO

*Pamela Eduarda Costa Silva*¹⁷⁶

*Cassia Lorena Costa Pantoja*¹⁷⁷

*Marilene Silva de Oliveira*¹⁷⁸

*Pâmela Tavares de Oliveira*¹⁷⁹

Introdução: A memória humana embora frequentemente considerada como um registro fiel das experiências vividas; no entanto estudos na psicologia cognitiva demonstram que ela possui caráter reconstutivo e está sujeita a distorções. Lent (2010), por exemplo, propõe que podemos diferenciar as memórias a partir de duas características centrais: tempo de armazenamento (ultrarrápida, curto prazo e longo prazo) e natureza da memória (explícita, implícita e de trabalho). Então, precisamos analisar o tempo de armazenamento dessa lembrança e o motivo dela ter sido armazenada caso tenha sido armazenada mesmo. No campo da Psicologia Jurídica, essa característica torna-se especialmente relevante, uma vez que o testemunho é amplamente utilizado como meio de prova no sistema de justiça. Quando a psicologia estuda o fenômeno das memórias falsas, essa característica torna-se especialmente relevante, uma vez que o testemunho é amplamente utilizado como meio de prova no sistema judiciário. Nesse sentido, a formação de memórias falsas evidencia que lembrar não consiste apenas em recuperar informações armazenadas, como o ser humano subentende, mas em reconstruí-las com base em diferentes influências cognitivas e contextuais. Conforme destaca Elizabeth Loftus (2005), menciona que memória não funciona como gravação precisa, mas como um processo reconstutivo, passível de alterações e influências contextuais. Torna-se fundamental existir a discussão sobre os limites da confiabilidade do testemunho humano, considerando que suas implicações poderão auxiliar ou comprometer a veracidade do relato utilizado no judiciário. **Objetivo:** Analisar, por meio de uma revisão teórica, os principais fatores que contribuem para a formação de memórias falsas, bem como discutir os limites da confiabilidade da memória humana. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão da literatura de análise qualitativa, fundamentado em produções científicas da psicologia cognitiva. Foram selecionados artigos e obras relevantes que abordam o funcionamento da memória, com destaque para as contribuições de Elizabeth Loftus, Frederic Bartlett e Daniel Schacter. **Resultados e discussão:** Os estudos indicam que

¹⁷⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁷⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁷⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁷⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

a memória não é um sistema passivo, mas um processo ativo, dinâmico e influenciado por fatores internos e externos, onde elementos como emoções, sugestões, expectativas, experiências prévias e o contexto social afetam a formação e a recuperação das lembranças. Diante disso, memórias podem ser modificadas, omitidas ou reconstruídas, nem sempre correspondendo aos eventos reais. Essas distorções não são intencionais, mas resultam do próprio funcionamento cognitivo. Isso levanta questionamentos sobre a confiabilidade da memória, especialmente em contextos como o jurídico e o clínico, onde sua precisão é fundamental. **Considerações finais:** Conclui-se que a memória humana deve ser compreendida como um processo reconstrutivo, dinâmico e suscetível a múltiplas influências, o que limita sua utilização como fonte absoluta de verdade. Essa perspectiva contribui para uma análise mais crítica das lembranças e amplia a compreensão sobre o funcionamento cognitivo, suas limitações e suas implicações no comportamento humano e nos contextos sociais.

Palavras-chave: cognição; memória; memórias falsas.

SENTIMENTO DE INUTILIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA A DEPRESSÃO NA TERCEIRA IDADE

Juliany Karolinne Oliveira Gaspar¹⁸⁰

Thais da Silva da Costa¹⁸¹

Luana Caroline Araujo Oliveira¹⁸²

Caroline Maria de Oliveira Torres¹⁸³

Introdução: A depressão tem sido um assunto expressivo e tem se tornado um problema de saúde pública. De acordo com a OMS estima-se que aproximadamente 322 milhões de pessoas em todo mundo apresentam depressão, sendo que somente no Brasil chega a 11,5 milhões. Embora esta condição seja indiferente à idade, as taxas de prevalência são mais altas em indivíduos adultos com 60 anos ou mais. Nesse cenário, o sentimento de inutilidade emerge como um fator de risco importante para a depressão em pessoas idosas, assim merecendo atenção especial dos profissionais de saúde e pesquisadores. **Objetivo:** Analisar a relação entre o sentimento de inutilidade e a depressão em pessoas idosas, e discutir a necessidade de uma abordagem multidisciplinar e centrada na escuta ativa. **Procedimentos Metodológicos:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, do tipo revisão bibliográfica, realizado por meio da análise de artigos científicos, livros e publicações acadêmicas disponíveis em bases de dados como SciELO e Google Acadêmico. Foram selecionados materiais publicados nos últimos anos, em língua portuguesa, que abordam a depressão na terceira idade e sua relação com fatores psicossociais, especialmente o sentimento de inutilidade. **Análise dos dados foi feita de forma descritiva, buscando identificar os principais fatores associados ao desenvolvimento da depressão em idosos. Resultados e Discussão:** Os estudos analisados mostram que o sentimento de inutilidade influencia significativamente para o desenvolvimento da depressão, desencadeando cada vez mais o desinteresse de existência de vida desses idosos. Nessa perspectiva percebe-se que fatores como isolamento social, a falta de apoio familiar, e a falta de escuta ativa agravam cada vez mais esse cenário. Além disso, tais condições impactam negativamente na vida desses indivíduos, reforçando a importância de compreender os aspectos psicológicos e social envolvidos no envelhecimento, para que assim vivam uma vida digna para o aproveitamento dessa etária. **Considerações finais:** Conclui-se que o sentimento de inutilidade representa um importante fator de risco para o desenvolvimento da depressão na terceira idade, estando frequentemente associado ao isolamento social, perda de papéis sociais e diminuição da autonomia. Dessa forma, torna-se fundamental a implementação de estratégias

180 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). m

181 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

182 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Esp. em docência do Ensino Superior, Clínica, Saúde e Educação.

183

de promoção da saúde mental voltadas para esse público, incluindo o fortalecimento de vínculos sociais e a valorização do idoso na sociedade, a fim de prevenir agravos psicológicos e melhorar sua qualidade de vida.

Palavras-chave: pessoas idosas; depressão; inutilidade.

INTERVENÇÕES COMPORTAMENTAIS INTENSIVAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

*Igor Gabriel Mendonça Cardoso*¹⁸⁴

*Luana Caroline Araújo Oliveira*¹⁸⁵

*Klicia Mara Melo Lopes*¹⁸⁶

*Caroline Maria de Oliveira Torres*¹⁸⁷

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação social, alterações cognitivas e presença de comportamentos repetitivos, sendo seu diagnóstico realizado por meio de observação clínica com base nos critérios do DSM-5-TR. Por se tratar de uma condição do neurodesenvolvimento, o TEA requer acompanhamento contínuo, e intervenções terapêuticas podem promover avanços significativos no desenvolvimento, destacando-se a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que tem apresentado resultados relevantes, especialmente no desenvolvimento da comunicação e da autonomia, apesar de seu alto custo e difícil acesso para muitas famílias. Diante disso, o livro Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo Gomes (2022) apresenta-se como um manual de intervenção comportamental intensiva voltado a famílias, cuidadores e profissionais, reunindo conhecimentos que podem contribuir para o desenvolvimento de crianças com diagnóstico de TEA.

Objetivo: Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre os benefícios das intervenções intensivas e evidenciar sua importância para famílias, cuidadores, profissionais e acadêmicos da área da Psicologia.

Procedimentos metodológicos: Trata-se de um estudo de caráter descritivo e analítico, baseado na revisão de literatura que, segundo Gil (2002), consiste na análise de produções científicas já publicadas sobre o tema. A obra Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo, de Gomes (2022), foi utilizada como principal fonte de informação para o presente estudo, sendo analisada de forma qualitativa e descritiva.

Resultados e discussão: Os resultados indicam que a aplicação sistemática de estratégias baseadas na ABA contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais e adaptativas em crianças com TEA. Conforme descrito por Gomes (2022), as intervenções intensivas favorecem a aquisição de novos repertórios comportamentais, a redução de comportamentos inadequados, o aumento da autonomia nas atividades de vida diária e a generalização das habilidades aprendidas para diferentes contextos.

Considerações finais: Tais contribuições refletem positivamente no desenvolvimento infantil e na qualidade de vida das famílias.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; análise do comportamento aplicada; desenvolvimento infantil.

¹⁸⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁸⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁸⁶ Esp. do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁸⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

FENOMENOLOGIA SEGUNDO A PERSPECTIVA DO FAZER CONHECIMENTO DE HUSSERL

*Emanuelle Pastana Carvalho*¹⁸⁸

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*¹⁸⁹

Introdução: A fenomenologia surge no final do século XIX como uma crítica ao modo tradicional de fazer conhecimento. Tendo suas bases em raízes filosóficas a Fenomenologia, propõe um novo olhar para o ser humano, a fim de buscar compreendê-lo, sem o pragmatismo das produções cartesianas e positivistas vigente da época de seu surgimento, visando descrever as estruturas da consciência haja vista que esta por sua vez é intrínseca ao ser humano e não pode ser mensurada de maneira apenas objetiva como propunha o método científico. **Objetivo:** Compreender a relevância da fenomenologia e as áreas do conhecimento segundo as perspectivas de Edmund Husserl e sua influência e contribuições para a Psicologia. **Procedimentos metodológicos:** O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica feita a partir da seleção de 5 estudos publicados entre os anos de 2020 a 2025 relacionados a Fenomenologia, Conhecimento e Psicologia. Foram utilizados como fontes pesquisas nas plataformas digitais Google Acadêmico e Scielo. **Resultados e discussão:** Segundo Stein (2020), na escola fenomenológica de Husserl o procedimento da filosofia se distingue fundamentalmente do das ciências positivas, pois ela dispõe de um instrumento próprio que lhe permite realizar aquilo que é necessário à formação das outras ciências e que elas próprias não conseguem realizar: determinar sua área de ação apresentando os meios de conhecimento e os métodos adequados à respectiva área. Nesse sentido, a proposta de Husserl é o retorno “as coisas mesmas”, para ele faz-se necessário que haja uma redução fenomenológica com o intuito de estudar o fenômeno como de fato ele se mostra a quem o observa, para que assim se adquira consciência do ser. Na compreensão de Futura (2018), a fenomenologia é a ousada e difícil tentativa de retornar às coisas mesmas, permitindo que os fenômenos se manifestem a partir de si mesmos, pois somente assim é possível produzir um novo tipo de conhecimento. Os fundamentos da fenomenologia husserliana abrem novas possibilidades para a área da Psicologia, visto que seu objeto de estudo é o ser humano. Na visão de Husserl, o mais importante é a relação que se estabelece entre o terapeuta e o cliente e na intencionalidade que objetiva estabelecer a consciência desse indivíduo, haja vista que “toda consciência é consciência de algo”, sendo assim o conhecimento não se dá a entender somente pela racionalidade, nesse caso a consciência é feita de intencionalidade, as coisas se mostram a nós e nós buscamos os significados delas e assim estabelecemos a relação sujeito e objeto. **Considerações finais:** O estudo apontou que a fenomenologia abriu novos métodos de se fazer conhecimento, trazendo a

¹⁸⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁸⁹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Docente do Curso de Psicologia.

voga a importância de compreender o indivíduo em sua totalidade, tanto no campo da objetividade como da sua subjetividade, levando em consideração o estudo dos fenômenos da maneira que eles se mostram. Esse olhar fenomenológico trouxe novas perspectivas dentro do campo do saber, não rompendo com o método tradicional positivista, mas agregando ainda mais às formas de produzir saberes principalmente no que tange ao ser humano.

Palavras-chave: fenomenologia; psicologia; consciência.

ACESSIBILIDADE NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO: DESAFIOS NO CUIDADO À POPULAÇÃO SURDA

*Adriane Pinheiro dos Santos*¹⁹⁰

*Gabriele Lima dos Santos Matos*¹⁹¹

*Maria Eduarda Tavares Castro*¹⁹²

*Ritangela Borges Alves*¹⁹³

*Caroline Maria de Oliveira Torres*¹⁹⁴

Introdução: O acesso ao atendimento psicológico por pessoas surdas ainda é atravessado por barreiras comunicacionais e pela limitada formação de profissionais em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Embora reconhecida pela Lei nº 10.436/2002, sua efetivação nos serviços de saúde mental permanece pouco consolidada. Esse cenário compromete a qualidade da escuta clínica, fragiliza o vínculo terapêutico e impacta diretamente a saúde mental dessa população. Nesse contexto, torna-se fundamental problematizar a acessibilidade nos serviços psicológicos enquanto direito e condição essencial para um cuidado ético e inclusivo. **Objetivo:** Analisar as dificuldades enfrentadas por pessoas surdas no acesso ao atendimento psicológico, com ênfase na formação profissional em Libras e na necessidade de práticas inclusivas.

Procedimentos metodológicos: Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos publicados em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e que abordassem diretamente a temática. A análise dos dados buscou identificar as principais barreiras no acesso ao cuidado psicológico e os desafios na formação profissional. **Resultados e discussão:** Os estudos analisados evidenciam que a ausência de formação em Libras e a insuficiente preparação profissional constituem barreiras significativas no atendimento psicológico à população surda. A utilização de intérpretes, embora recorrente, levanta questões éticas relacionadas ao sigilo profissional e à qualidade da comunicação terapêutica. Além disso, a escassez de instrumentos clínicos adaptados reforça a exclusão dessa população nos serviços de saúde mental. Tais achados apontam para a necessidade de reestruturação na formação acadêmica e no exercício profissional, visando práticas mais inclusivas e culturalmente sensíveis. **Considerações finais:** Diante disso, conclui-se que as barreiras no atendimento psicológico à população surda estão diretamente relacionadas à lacuna na formação profissional em Libras e à ausência de estratégias inclusivas nos serviços de saúde mental. Destaca-se, portanto, a urgência de fortalecimento das políticas formativas e institucionais, assim como a ampliação de estratégias eficazes, contínuas e acessíveis que garantam acessibilidade e equidade no cuidado psicológico.

Palavras-chave: libras; acessibilidade; saúde mental.

¹⁹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

¹⁹⁴ Esp. em Clínica, Saúde e Educação. Docente no Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia. (UNAMA).

A CRIMINALIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA NO BRASIL: SOBRE A ÓTICA DA PSICOLOGIA JURÍDICA

Jéssica Bruna de Oliveira Nunes¹⁹⁵
Emanuelle Beatriz da Silva Castro¹⁹⁶

Introdução: A criminalização da adolescência constitui-se um fenômeno complexo envolvendo dimensões sociais, jurídicas e psicológicas. A prática de atos infracionais não deve ser compreendida como resultado de decisões isoladas, mas como expressão de múltiplos fatores, como a vulnerabilidade social, exposição à violência e fragilidade de vínculos familiares. Conforme estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os adolescentes são sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento, o que exige abordagens distintas no âmbito jurídico. Nesse contexto, o aumento da visibilidade de episódios envolvendo jovens têm intensificado debates sobre responsabilização e punição, demandando análises mais críticas e fundamentadas.

Objetivo: Discutir os fatores relacionados à criminalização de adolescentes através da psicologia jurídica. Procedimentos metodológicos: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados artigos científicos, livros e documentos normativos obtidos em bases como Google Acadêmico e SciELO, selecionando-se 7 estudos sobre criminalização de adolescentes, atos infracionais, vulnerabilidade social e Psicologia Jurídica. Também foram considerados documentos legais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, e materiais do Conselho Federal de Psicologia. **Resultados e discussão:** O levantamento aponta que o envolvimento de adolescentes em atos infracionais está relacionado a diversas causas. No campo jurídico, o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que adolescentes não cometem crimes, mas atos infracionais, sendo responsabilizados por meio de medidas socioeducativas. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2010), a atuação com adolescentes em conflito com a lei deve priorizar estratégias de responsabilização e reinserção social, e não práticas exclusivamente punitivas. Essa distinção evidencia a preocupação com a dimensão educativa da responsabilização, em oposição à lógica exclusivamente penal. Casos recentes envolvendo violência grave praticada por adolescentes evidenciam a complexidade do fenômeno e a ampla repercussão social. Entretanto, a forma como esses episódios são difundidos tende a reforçar discursos punitivos, frequentemente desconsiderando os determinantes sociais e subjetivos implicados nessas condutas, e gera uma problematização dos efeitos da punição sobre sujeitos em desenvolvimento, na ótica do desenvolvimento humano, Diane Papalia e Feldman (2013) destacam que a adolescência é marcada por intensas transformações cognitivas e socioemocionais, o que

195 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

196 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

amplia a influência do contexto social sobre o comportamento. Dessa forma, a criminalização precoce, associada à estigmatização, pode comprometer trajetórias de desenvolvimento, dificultando processos de reinserção social e favorecendo a reincidência. **Considerações finais:** Conclui-se aqui que a criminalização de adolescentes deve ser analisada a partir de várias óticas, considerando fatores sociais, psicológicos e jurídicos. A adoção de respostas exclusivamente punitivas mostra-se insuficiente diante da complexidade do fenômeno, podendo inclusive reforçar processos de exclusão e reincidência. Torna-se fundamental o fortalecimento de políticas públicas voltadas à prevenção, inclusão social e promoção de vínculos, bem como a aplicação adequada de medidas socioeducativas, em consonância com os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesse sentido, destaca-se a importância da atuação da Psicologia, especialmente no desenvolvimento de intervenções psicoeducativas que considerem os riscos psicológicos envolvidos e promovam a construção de trajetórias mais saudáveis para adolescentes em conflito com a lei.

Palavras-chave: adolescência; psicologia jurídica; ato infracional.



Modalidade:
Resumo Simples

Eixo:
**Psicologia com Ênfase
Social da Saúde**

ENTRE O NATURAL E O PATOLÓGICO: A MEDICALIZAÇÃO DO ENVELHECER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Maurício Xavier da Silva*¹⁹⁷

*Adriane Silva da Silva*¹⁹⁸

*Fernanda do Carmo Zachy Angelo*¹⁹⁹

*Karoline Rocha Rodrigues*²⁰⁰

*Laiane Moura Batista*²⁰¹

*Thais Adélia de Sousa Silva*²⁰²

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*²⁰³

Introdução: Na contemporaneidade, a vida cotidiana tem sido progressivamente medicalizada, em um contexto que valoriza o desempenho e o controle emocional (Conrad, 2007; Ehrenberg, 2010). Embora o envelhecimento seja um processo natural e inevitável, passou a ser interpretado de forma patologizante, evidenciando uma tensão entre o natural e o patológico (Canguilhem, 2009). Mudanças inerentes ao processo de envelhecer, antes compreendidas como parte do ciclo vital, são frequentemente associadas a déficits e disfunções. Como consequência, observa-se a ampliação dos diagnósticos e das intervenções médicas, especialmente com o uso de psicofármacos, em detrimento de abordagens que considerem a complexidade subjetiva e social do envelhecer. **Objetivo:** Analisar a medicalização do envelhecimento na sociedade contemporânea e seus impactos na compreensão do sofrimento psíquico. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram identificados 20 artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, a partir das bases de dados PubMed, Google Acadêmico e Scielo. Como critérios de inclusão, foram selecionados estudos que abordassem a medicalização da vida, o sofrimento psíquico e o envelhecimento, sendo 12 artigos incluídos por apresentarem maior alinhamento com os objetivos da pesquisa. **Resultados e discussão:** a medicalização tem ampliado as fronteiras entre o natural e o patológico, especialmente no envelhecimento, na qual as alterações do ciclo vital, como oscilações de humor, declínio físico e mudanças cognitivas leves, passaram a ser interpretadas como sinais de adoecimento, reforçando uma visão da velhice associada à doença e à incapacidade. Esse processo relaciona-se à hegemonia do modelo biomédico, que tende a reduzir o sofrimento psíquico a explicações bio-

197 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

198 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

199 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

200 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

201 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

202 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

203 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

logizantes, priorizando intervenções farmacológicas. Além disso, a influência da indústria farmacêutica e a ampliação dos critérios diagnósticos contribuem para a naturalização do uso de medicamentos como resposta imediata ao mal-estar (Conrad, 2007; Canguilhem, 2009; Rose, 2010; Conrad, 2013). Reforçado o processo biomédico, por uma cultura de intolerância ao sofrimento (Ehrenberg, 2010), essa lógica fortalece ideais de juventude, produtividade e autonomia. Como resultado, o envelhecer passa a ser reduzido a condições a serem controladas, muitas vezes desconsiderando a experiência subjetiva do sujeito (Kleinman, 2006). Assim, a medicalização redefine os limites entre normal e patológico e impacta diretamente as formas de cuidado e a relação dos indivíduos com o próprio envelhecimento. **Considerações finais:** a medicalização do envelhecimento configura-se como um fenômeno que ultrapassa o campo biomédico, influenciando a forma como o sofrimento psíquico e a velhice são compreendidos na contemporaneidade. Ao transformar experiências naturais em condições passíveis de intervenção, observa-se a redução da complexidade subjetiva da pessoa idosa, bem como o fortalecimento de uma lógica centrada no desempenho e na eliminação do mal-estar. Nesse sentido, torna-se fundamental refletir sobre os limites entre cuidado e controle, considerando em que medida as práticas contemporâneas reconhecem a experiência humana em sua complexidade ou a reduzem a parâmetros normativos de funcionamento.

Palavras-chave: envelhecimento; medicalização; patologização.

CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E SEUS IMPACTOS NAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

*Gabriel Augusto Oliveira Dutra*²⁰⁴

*Luana de Oliveira Lima*²⁰⁵

*Safira Duque Fernandes*²⁰⁶

*Jacqueline Farias Galvão*²⁰⁷

Introdução: O gênero deve ser compreendido para além das diferenças biológicas, sendo uma construção histórica, social e cultural que cria papéis, comportamentos e expectativas atribuídas a homens e mulheres. Assim, o termo gênero se refere ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade (Piscitelli, 2009). E essa perspectiva mostra que essas diferenciações são socialmente desenvolvidas ao longo da vida, e influenciam diretamente na formação da identidade e no modo como as pessoas se percebem, expressam e regulam suas emoções, visto que, desde a infância, os processos de socialização fortalecem padrões que guiam as interações e comportamentos, o que impacta no desenvolvimento das habilidades socioemocionais. **Objetivo:** Analisar de que maneira as construções de gênero influenciam no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, principalmente no que se refere a expressão emocional e as relações sociais. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de uma revisão bibliográfica, que foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando compreender como as normas de gênero influenciam o desenvolvimento emocional e social dos indivíduos, onde foram utilizados artigos científicos e obras teóricas disponíveis em bases como Google Acadêmico e SCIELO. **Resultados e discussão:** Evidencia-se que o gênero desempenha um impacto significativo sobre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, sobretudo no que se refere à regulação e expressão das emoções, tendo também um papel fundamental no processo de socialização, além disso, a construção de gênero está diretamente relacionada com a constituição da identidade do indivíduo, sendo influenciada pelos espaços sociais e culturais nos quais o mesmo está inserido. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (Louro, 1997). Essa visão auxilia na compreensão de que as habilidades socioemocionais também são desenvolvidas de forma contextual, sendo aprimoradas pelas experiências e relações sociais as quais o sujeito vivência, onde se observa que diferentes estímulos são direcionados a meninos e meninas desde a infância, impactando no desenvolvimento de competências como comunicação, autorregulação emocional e empatia, enquanto existe um maior incentivo da expressão

204 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

205 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

206 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

207 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Mestra em Educação (UFOPA).

emocional em mulheres, os homens tendem a ser associados ao controle e contenção das emoções, o que pode afetar as habilidades socioemocionais dos indivíduos. **Considerações finais:** Enquanto construção social, o gênero desempenha um papel essencial no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, influenciando emoções e comportamentos, visto que alguns padrões de comportamento e expressão de emoções são aprendidos no decorrer das socializações e que impactam diretamente na maneira como homens e mulheres lidam com emoções, evidenciando a relevância da temática e a necessidade de mais estudos voltados para o entendimento das habilidades socioemocionais e para a promoção de um aprimoramento emocional mais saudável.

Palavras-chave: gênero; papéis sociais; habilidades socioemocionais.

PSICOLOGIA JURÍDICA E JUSTIÇA JUVENIL FEMININA: A INVISIBILIDADE DE JOVENS MÃES NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

Luísa Nunes Galúcio²⁰⁸

Kailane Guedes Reis²⁰⁹

Emanuelle Beatriz da Silva Castro Castro²¹⁰

Introdução: O sistema socioeducativo brasileiro, no âmbito da justiça juvenil, instituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), apresenta estrutura historicamente androcêntrica, priorizando intervenções voltadas para o público masculino. Nesse contexto, adolescentes do sexo feminino em cumprimento de medidas socioeducativas, especialmente aquelas que são gestantes ou mães, têm suas demandas negligenciadas. De acordo com o Instituto Alana (2023), 8,12 % dessas adolescentes vivenciam a maternidade durante a privação de liberdade, em contextos marcados por vulnerabilidade social, enfrentando uma dupla estigmatização: como adolescentes em conflito com a lei e como mães consideradas socialmente inadequadas. **Objetivo:** Investigar as limitações da justiça juvenil na garantia dos direitos maternos de adolescentes em medidas socioeducativas. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de um estudo de revisão de literatura, coletado nas bases de dados SciELO, PePSIC, Google Acadêmico e repositórios da UnB, com 15 publicações dos últimos 5 anos em português. O critério de inclusão contempla estudos focados na justiça juvenil feminina e maternidade no sistema socioeducativo. Foram excluídos materiais anteriores a 2021, pesquisas com população exclusivamente masculina e estudos voltados à justiça penal adulta. Utilizaram-se descritores como “justiça juvenil”, “sistema socioeducativo”, “psicologia jurídica”, “ECA” e “maternidade adolescente”. **Resultados e discussão:** A justiça juvenil brasileira, em sua execução socioeducativa, apresenta lacunas significativas no atendimento às adolescentes mães, sendo que 62% das unidades não oferecem assistência pré-natal. Além disso, há uma falha no que se refere à saúde reprodutiva e preservação do vínculo mãe-bebê (Costa, 2022; Ferreira, 2023). Além disso, a ausência de protocolos institucionais e de infraestrutura adequada, como berçários, compromete o desenvolvimento infantil e a saúde mental das adolescentes. Observa-se, ainda, que o perfil predominante é de meninas negras e periféricas, evidenciando a intersecção entre gênero, raça e classe na produção da invisibilização estrutural (Alana, 2023; Crepop, 2021). Nesse viés, a psicologia jurídica destaca-se ao propor intervenções que reconheçam a parentalidade como dimensão central da experiência adolescente, por meio de escuta qualificada, mediação institucional e laudos psicossociais ampliados. **Considerações**

208 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

209 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

210 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

finais: Portanto, constata-se que a invisibilização de adolescentes mães no sistema socioeducativo configura falha estrutural da justiça juvenil, representando violação de direitos fundamentais assegurados no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), especialmente no que se refere ao direito à convivência familiar, à saúde e à proteção integral. Torna-se necessária a reformulação de práticas institucionais, com políticas que assegurem assistência integral e preservação do vínculo materno. Nesse contexto, a psicologia jurídica desempenha papel essencial na promoção de uma abordagem mais humanizada, contribuindo para a redução da reincidência e o fortalecimento das redes de apoio.

Palavras-chave: socioeducação; maternidade na adolescência; psicologia jurídica.

ÉTICA E DIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE RESPEITO, INCLUSÃO E RELAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE COM A PSICOLOGIA

*Mônica Guimarães Araújo*²¹¹

*Ingrid Lorena Sousa Corrêa*²¹²

*Marcos Vinícius Feijão de Souza*²¹³

*Aíssa Aline Mota Costa*²¹⁴

*Tainara Barbosa Fernandes*²¹⁵

*Roberta Priscila da Costa Branco*²¹⁶

Introdução: discutir ética e diversidade torna-se cada vez mais relevante na sociedade atual, especialmente diante da permanência de desigualdades, preconceitos e exclusões sociais. A ética refere-se aos princípios que orientam as ações humanas, sendo fundamental para a construção de relações baseadas no respeito, na justiça e na responsabilidade social (Santos, 2020). Nesse contexto, a valorização da diversidade implica reconhecer e respeitar as diferenças culturais, sociais e identitárias presentes na sociedade. A diversidade não deve ser compreendida como um problema, mas como um elemento constitutivo das relações humanas. Estudos recentes destacam que o reconhecimento das diferenças contribui para a promoção da equidade e para a construção de ambientes mais inclusivos (Candau, 2020). No campo da Psicologia, especialmente na Psicologia Social, evidencia-se que atitudes como preconceito e discriminação são influenciadas por fatores sociais e culturais, podendo ser transformadas por meio de práticas educativas e interventivas (Myers; Twenge, 2022). Dessa forma, compreender a relação entre ética e diversidade é fundamental para o desenvolvimento de uma atuação profissional mais consciente, especialmente no campo da saúde, contribuindo para práticas que promovam inclusão, respeito e equidade nas relações sociais. **Objetivo:** refletir sobre a formação em Psicologia para atuação profissional, com ênfase na ética e valorização da diversidade. **Procedimentos metodológicos:** este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados 8 artigos científicos publicados entre 2018 e 2023, disponíveis nas bases SciELO e Google Scholar, além do texto “A ética da diversidade”, “Diferentes culturas” e “Psicologia”. A seleção dos materiais considerou estudos que abordam ética, diversidade, preconceito e comportamento humano, buscando compreender como esses temas se relacionam na sociedade con-

²¹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹⁶ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

temporânea. **Resultados e discussão:** a análise das obras que compõem o referencial teórico deste estudo permitiu compreender que a intersecção entre ética e diversidade não é apenas um campo de tolerância mútua, mas um espaço de tensão política e subjetiva (Moraes; Souza, 2022; Silva, 2011). A discussão a seguir organiza-se em três eixos que sintetizam os achados bibliográficos. A partir da perspectiva de Emmanuel Levinas, presente nas discussões sobre a “Ética da Diversidade”, os resultados indicam que a ética não pode ser reduzida a um código de conduta burocrático (Gomes, 2017). Ela emerge, fundamentalmente, no encontro com o “Outro” e na responsabilidade incondicional que esse rosto nos impõe (Gomes, 2017; Levinas, 1980). Considerações Finais: evidencia-se que a relação entre ética e diversidade constitui um elemento essencial para a formação e atuação profissional em Psicologia, especialmente no campo da saúde. Compreender a ética como um compromisso que ultrapassa normas formais e se concretiza no reconhecimento do outro em sua singularidade permite uma prática mais sensível, crítica e responsável. A valorização da diversidade, por sua vez, mostra-se indispensável para o enfrentamento de preconceitos e desigualdades ainda presentes na sociedade, contribuindo para a construção de espaços mais inclusivos e equitativos. Assim, torna-se fundamental que a formação em Psicologia promova reflexões contínuas sobre essas temáticas, incentivando práticas profissionais comprometidas com o respeito às diferenças, à justiça social e à dignidade humana.

Palavras-chave: ética; diversidade; psicologia.

ENTREVISTAS E TESTES PROJETIVOS NA PSICOLOGIA HOSPITALAR

*Érika Maryce Bitar Silva*²¹⁷

*Amanda Gabrielle Lira de Brito*²¹⁸

*Cibele Monique Araújo de Araújo*²¹⁹

*Emanuele Pastana de Carvalho*²²⁰

*Rebeka de Kassia Ribeiro Ramos*²²¹

*Rita de Cássia da Silva Barbosa*²²²

*Sarah Nakine da Silva e Silva*²²³

*Winnie Abraão Suassuna*²²⁴

*Yuri Hamon de Sá Gonçalves*²²⁵

*Emanuele Beatriz da Silva Castro*²²⁶

Introdução: A avaliação psicológica consiste num processo técnico e científico que integra diferentes estratégias cujo objetivo é investigar aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais do paciente, abarcando, também, o contexto em que os eventos ocorrem (Neto, 2017). Nesse sentido, a psicologia hospitalar surgiu como um campo específico de atuação voltado para intervenções, aliada com pacientes, familiares e equipes de saúde. Seu objetivo une o auxílio do enfrentamento da doença, promoção de bem-estar e humanização do cuidado (Dallagnol, Goldberg e Borges, 2010). Assim, a atuação do psicólogo envolve desde o apoio emocional até a realização de avaliações psicológicas complexas, fundamentando a compreensão acerca do paciente em sua totalidade e contribuindo para decisões clínicas mais adequadas (De Farias Alves, 2021). **Objetivo:** Refletir sobre como a avaliação psicológica é realizada no contexto hospitalar, destacando a padronização dos instrumentos, e sua importância para compreender aspectos emocionais e comportamentais dos pacientes. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter descritivo e qualitativo, baseada na análise de artigos científicos publicados entre 2010 e 2021 sobre avaliação psicológica no contexto hospitalar. Os materiais foram selecionados por meio de buscas em plataformas digitais, como SciELO e PePSIC, utilizando palavras-chave relacionadas à psicologia hospitalar, avaliação psicológica e testes projetivos. Como critérios de inclusão, foram considerados artigos em

²¹⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²¹⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²²⁶ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Docente do Curso de Psicologia. Orientador.

língua portuguesa, disponíveis na íntegra e que abordassem práticas avaliativas realizadas por psicólogos hospitalares. Foram excluídos estudos duplicados, trabalhos incompletos e pesquisas que não apresentavam relação direta com a temática proposta. **Resultados e discussão:** Os dados dos estudos dão indícios de que no contexto hospitalar, a avaliação psicológica como prática, é feita, na maior parte, de maneira descritiva e por demanda da equipe de saúde, predominando o uso de técnicas qualitativas, como a observação e a escuta clínica, além de ter se apresentado baixo uso para os testes padronizados. Os elementos avaliados com mais frequência envolvem afetividade, motivação, pensamento e os elementos de personalidade. Além disso, constatou-se uma baixa produção científica sobre o uso de instrumentos de avaliação psicológica nesse contexto, prevalecendo a produção em estudos empíricos realizados no Brasil, tendo como foco maior os pacientes adultos. De modo geral, os resultados podem indicar que possuem limitações nas padronizações das práticas avaliativas, ao passo que demonstram a importância da atuação do psicólogo hospitalar na compreensão dos aspectos emocionais e comportamentais dos pacientes. **Considerações finais:** A avaliação psicológica no âmbito hospitalar constitui uma ferramenta de suma importância para a promoção do bem-estar de pacientes, familiares destes e de todo o conjunto de profissionais que fazem parte deste ambiente. É imprescindível que cada vez mais seja fomentada a importância da atuação do psicólogo no contexto hospitalar para a promoção da saúde mental, para amenizar os efeitos das patologias somáticas e psíquicas que são atendidas nas demandas das unidades de saúde.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; avaliação psicológica; testes projetivos.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA: DOPAMINA E NEUROADAPTAÇÃO NO VÍCIO

Enia Hosana Oliveira Cavichioli²²⁷

Cinthia Nogueira Prado²²⁸

Adriane Lima da Silva Oliveira²²⁹

Introdução: O consumo de drogas constitui um problema de saúde pública crescente e está frequentemente associado à criminalidade. Estudos indicam que cerca de 70% dos indivíduos privados de liberdade estão envolvidos em episódios relacionados ao uso de drogas. Esse processo neurofisiológico é considerado um dos principais precursores da dependência química, uma vez que a dopamina é o neurotransmissor responsável pela sensação de prazer e recompensa, por meio da ativação do sistema de recompensa cerebral. Tal ativação atua como reforço, constituindo a base do condicionamento que favorece a repetição do comportamento (Ferreira *et al.*, 2017). No entanto, é importante destacar que o desenvolvimento da dependência não se restringe aos aspectos neurofisiológicos, estando também associado a fatores genéticos e ambientais, o que contribui para explicar por que algumas pessoas desenvolvem o vício enquanto outras não (Silva *et al.*, 2010). **Objetivo:** Compreender os mecanismos neurofisiológicos envolvidos no uso abusivo de drogas ilícitas que levam ao desenvolvimento da dependência. **Procedimentos metodológicos:** A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2026 e caracteriza-se como uma revisão de literatura, sobre o tema investigado. A busca foi realizada nas bases de dados, Google Acadêmico e a SciELO. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: neurofisiologia, vício, dependência química, dopamina e sistema de recompensa. Os estudos foram rastreados e selecionados a partir de critérios de pertinência ao tema, priorizando produções que abordassem os mecanismos neurobiológicos da dependência química. Após a seleção, os materiais foram analisados de forma qualitativa, buscando identificar, organizar e interpretar os principais achados relacionados à neurofisiologia do vício. **Resultados e discussão:** No que se refere ao vício, a ativação frequente do sistema dopaminérgico e do sistema de recompensa leva a um processo de sub-regulação dos receptores, com o objetivo de reduzir sua ativação. Nesse contexto, ocorre a neuroadaptação, na qual passa a ser necessária uma quantidade progressivamente maior da substância para produzir os mesmos efeitos de recompensa, satisfação e prazer (Machado, 2024). Ademais, após esse processo decorrente do uso excessivo, neurônios localizados no sistema de recompensa estabelecem conexões com outras áreas relacionadas ao chamado centro de busca (Varela, 2011). Em vez de promover bem-estar, esse sistema desencadeia sensações de

227 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

228 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

229 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Doutorado em Teoria do Comportamento-UFPA.

desconforto e irritação quando o efeito da droga se dissipa, havendo aumento dos níveis de cortisol e redução da serotonina. Assim, observa-se que, no início, o consumo está relacionado à busca por prazer; contudo, com o tempo, esse prazer diminui enquanto o desconforto aumenta, levando o indivíduo a intensificar o uso da substância para evitar o mal-estar, e não mais pelo prazer em si. **Considerações finais:** Diante do exposto, evidencia-se que a compreensão dos mecanismos neurofisiológicos envolvidos na instalação do vício é fundamental para a análise e a intervenção clínica. Nesse contexto, intervenções farmacológicas capazes de modular os sistemas dopaminérgico e serotoninérgico mostram-se relevantes para a redução dos sintomas de estresse associados à interrupção do uso da substância. Tais estratégias devem ser articuladas a intervenções psicológicas que considerem o contexto social e ambiental do indivíduo, ampliando a efetividade do tratamento.

Palavras-chave: neurofisiologia do vício; dependência química; sistema de recompensa.

SIGILO PROFISSIONAL E ÉTICA NA PSICOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE A QUEBRA DE CONFIDENCIALIDADE EM CASOS DE IDEAÇÃO SUICIDA

Patrick Passos de Sousa ²³⁰

Roberta Priscila da Costa Branco ²³¹

Introdução: O sigilo profissional constitui um dos pilares da prática psicológica, fundamentado na proteção da intimidade, privacidade e dignidade do sujeito atendido. Consiste na preservação de informações confidenciais compartilhadas no contexto da relação terapêutica, estabelecida com base na confiança entre psicólogo e paciente. Contudo, esse princípio pode gerar dilemas éticos, especialmente diante de situações que envolvem risco à vida, como nos casos de ideação suicida. Nesses contextos, o profissional é convocado a refletir sobre sua conduta, equilibrando o dever de confidencialidade com a responsabilidade de proteção à vida. O suicídio, por sua vez, é um fenômeno complexo, influenciado por fatores sociais, culturais, psicológicos e biológicos, exigindo uma atuação sensível, empática e tecnicamente fundamentada. Assim, a quebra de sigilo não deve ser compreendida como prática automática, mas como decisão ética que requer análise criteriosa do contexto e respaldo normativo, conforme estabelecido pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), especialmente nos artigos 9º e 10º.

Objetivo: Refletir sobre os fundamentos ético-legais que orientam a conduta do psicólogo diante de situações que envolvem relatos de ideação suicida. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter transversal, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados 10 estudos, entre artigos científicos, livros e publicações acadêmicas de autores brasileiros, publicados entre 2022 e 2026, que abordam a atuação ético-profissional, os limites da prática clínica e o atendimento a pacientes em situação de risco. A busca foi realizada a partir dos descritores “sigilo profissional”, “psicologia”, “ideação suicida” e “atendimento psicológico”, selecionando-se produções que discutem os aspectos éticos, terapêuticos e normativos envolvidos em contextos clínicos complexos. **Resultados e discussão:** A manutenção do sigilo é essencial para o estabelecimento do vínculo terapêutico; contudo, em situações de risco iminente à vida, sua relativização pode ser eticamente justificada. Nesses casos, a decisão deve ser fundamentada na avaliação do risco, na proteção do paciente e no menor dano possível, conforme orientações do Conselho Federal de Psicologia (2005). Destaca-se, ainda, a importância da formação ética contínua e do preparo técnico do profissional para lidar com situações

²³⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do cuidado e práticas sociais.

de alta complexidade, que exigem decisões rápidas e responsáveis. Embora o sigilo seja essencial para o processo terapêutico, sua relativização pode ser necessária em situações de risco, priorizando a preservação da vida. Nesses casos, a decisão deve ser fundamentada em princípios éticos, respaldo legal e avaliação cuidadosa do contexto. Estudos recentes reforçam a importância da formação ética contínua para lidar com situações complexas na prática clínica (Oliveira; Santos, 2024). **Considerações finais:** A atuação do psicólogo diante de casos de ideação suicida demanda equilíbrio entre confidencialidade e responsabilidade social. A quebra de sigilo, quando necessária, deve ser realizada com respaldo ético e legal, visando à preservação da vida e ao cuidado integral do paciente, reafirmando o compromisso da Psicologia com a promoção da saúde mental e dos direitos humanos.

Palavras-chave: ética; sigilo profissional; ideação suicida.

PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE: LIMITES ÉTICOS NA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

Winnie Abraão Suassuma²³²

Yuri Hamon de Sá Gonçalves²³³

Natã Rafael Farias Frota²³⁴

Nina Gabriela Marques Lameira²³⁵

Raica Pessoa Vieira Pires²³⁶

Ana Ester Albarado Cardoso²³⁷

Bruna Caroline Maia Oliveira²³⁸

Roberta Priscila da Costa Branco²³⁹

Introdução: a integração da religiosidade na prática psicológica é fundamentada pelo reconhecimento das dimensões espirituais como constituintes da subjetividade humana (Vianna, 2014). Embora o atendimento clínico demande uma compreensão integral do sujeito (Silva, 2023), essa interface é delimitada pelo princípio da laicidade e pelo Código de Ética Profissional. Conforme as normativas vigentes estabelecidas pelo Conselho Federal de Psicologia (Resolução nº 010/2005), é vedada a indução a convicções religiosas ou o exercício de preconceitos, exigindo do psicólogo o manejo ético e a neutralidade técnica. Assim, este trabalho discute a importância de preservar o vínculo terapêutico e a autonomia do paciente diante da diversidade de crenças (SILVA, 2023). **Objetivo:** refletir sobre a relação entre a religiosidade e os limites éticos na atuação do psicólogo. **Procedimentos metodológicos:** este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa. Foram consultados 10 artigos científicos nas plataformas Google acadêmico, SciELO e a resolução nº 010/2005 do Conselho Federal de Psicologia, que discutem a psicologia e os limites éticos na atuação profissional do psicólogo em relação à religiosidade. Foram selecionados 1 artigo científico publicado em 2023 e 1 livro intitulado “Psicologia e Religião: um encontro marcado com a Ética” de José Henrique Lobato Vianna publicado em 2014. Os descritores utilizados são: Ética profissional, psicologia e religiosidade, priorizando artigos recentes, relevantes, nacionais, gratuitos e de acesso integral. **Resultados e discussão:** a revisão dos estudos evidenciou a importância da religiosidade para a construção da subjetividade de um indivíduo, do enfrentamento de sofrimento psíquico e apoio emocional (Silva,

²³² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²³⁹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

2023). Os artigos apontam a presença da necessidade de compreender indagações acerca da vida e das relações interpessoais no indivíduo, papel que a religião pode vir a desempenhar conforme as convicções pessoais deste. Foram apontados, ainda, a pluralidade religiosa existente no Brasil e a necessidade do profissional da saúde mental de deter conhecimentos sobre a religiosidade que possam ajudar na compreensão do seu paciente em sua totalidade, visto que a religião é dada como algo que influencia as experiências humanas e o autoconhecimento (Silva, 2023). No entanto, foi unanimidade a concordância quanto à imposição de limites no contexto terapêutico, onde foi apontado que o exercício profissional é guiado por princípios éticos que asseguram a laicidade e a autonomia do paciente, vigente nas normativas do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Portanto, é indispensável que o psicólogo tenha limites éticos em relação à religiosidade no setting terapêutico para uma prática eficaz e saudável. **Considerações finais:** a religiosidade é uma área importante para a compreensão do indivíduo, uma vez que pode influenciar na sua subjetividade e também nos processos de enfrentamento psicológico. No entanto, ao cruzar seu caminho com o campo da psicologia é necessária, da parte do profissional, cautela, visto que podem haver divergências de pensamento entre psicólogo e paciente. Assim, a pesquisa reforça a importância da atuação ética do profissional clínico, reconhecendo a religiosidade apenas quando levada ao setting terapêutico, respeitando a diversidade e subjetividade do indivíduo, sem ultrapassar os limites éticos estabelecidos pela profissão.

Palavras-chave: ética profissional; psicologia; religiosidade.

O EXPERIMENTO DO PEQUENO ALBERT: LIÇÕES ÉTICAS NA PSICOLOGIA

Wesley Pereira de Lima Silva²⁴⁰

Jamily Marinho Moitinho²⁴¹

Laiane da Cruz Taglieber²⁴²

Luísa Beatriz de Sousa Pimentel²⁴³

Maria Eduarda Mendonça do Nascimento²⁴⁴

Wellen Lucylanna Santana Matos²⁴⁵

Ana Clara Pazetto²⁴⁶

Roberta Priscila da Costa Branco²⁴⁷

Introdução: um dos diversos universos que os cientistas buscam respostas é a psique (o mundo mental que faz o ser humano ser humano), e para que os estudos científicos avancem, é necessário emergir dentro nesse universo, mas sempre resguardando a segurança e integridade dos voluntários, nesse sentido surge a bioética (Bonamigo, 2023). Desde muito antes do reconhecimento da psicologia como ciência e profissão, realiza-se experimentos com pessoas na tentativa de validar teorias, como o emblemático “Experimento do Pequeno Albert” (Rodrigues; Roberto, 2024; Bisaccioni; Neto, 2010). Ao retornar a história e compreender práticas já realizadas, abre-se espaço para reflexão sobre os limites da atuação, evitando erros éticos (Mota, Bousquat, 2021; Marcio, 2017). **Objetivo:** Identificar infrações ao Código de Ética e à Bioética no caso ‘Pequeno Albert’ sob o contexto brasileiro atual. **Procedimentos Metodológicos:** trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo revisão de literatura, que utilizou bases de dados disponíveis de forma virtual - Scielo, Pepsico e Google Acadêmico, com os seguintes descritores: ética, psicologia, experimento pequeno albert - com a delimitação de tempo de 2016-2026, sendo, ao final, selecionados 9 estudos científicos, além do próprio código de ética de psicologia. **Resultados e discussão:** Watson e Rosalie realizaram experimentos envolvendo um bebê, na tentativa de descobrir: se a resposta de medo poderia ser condicionada, os pesquisadores apresentaram ao bebê dois estímulos: um auditivo e um visual (animal roedor), no início a criança não apresentava comportamentos aversivos com o roedor, mas com o estímulo auditivo sim, desse modo, através de várias tentativas de emparelhamento de estímulos, o analisando desenvolveu medo do animal e/ou a todo

240 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

241 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

242 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

243 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

244 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

245 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

246 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

247 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

estímulo que o lembrasse dele (Moreira; Medeiros, 2019). Nota-se, que o sofrimento emocional vivenciado pela criança é o principal objeto de estudo, e não um fenômeno a ser minimizado, sendo o objetivo final da experimentação criar uma situação que induzisse artificialmente o sofrimento no sujeito (Urbina; Danoso; Vargas, 2024). O experimento supracitado, na época foi vista como um avanço do conhecimento, hoje é considerado antietico e até cruel, uma vez que a atuação do psicólogo, de geral, baseia-se nos valores presentes na Declaração de Direitos Humanos, com o intuito de promover o bem-estar das pessoas, sendo vedado, portanto, praticar ou ser conveniente com quaisquer atos que se caracterizam como negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão, jamais utilizando nenhum de seus conhecimentos para tortura, castigo ou qualquer ato que cause sofrimento ao indivíduo, e mesmo em prol do avanço científico, avaliar os riscos envolvidos dos procedimentos (CFP, 2022; Martins, 2016). Ademais, a prática também deve sustentar-se pelos princípios da bioética: não maleficência, causar o menor prejuízo possível; autonomia, garantia do direito a escolha; beneficência, maximizar os benefícios e minimizar os prejuízos; justiça, assegurar a justa medida dos direitos (Soares, 2021; Bonamigo, 2023) **Considerações finais:** o “Experimento do Pequeno Albert” evidencia práticas incompatíveis com os princípios éticos atuais da psicologia e bioética, demonstrando a importância de uma atuação ética e humanizada, garantindo a proteção dos indivíduos e a preservação dos direitos humanos de cada indivíduo no avanço do conhecimento.

Palavras-chave: experimento do pequeno Albert; ética; psicologia.

PSICOEDUCAÇÃO E REGULAÇÃO EMOCIONAL NO ESPORTE: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA DO ESPORTE

Igor Gabriel Mendonça Cardoso²⁴⁸

Luana Caroline Araújo Oliveira²⁴⁹

Klicia Mara Melo Lopes²⁵⁰

Milany Santos de Carvalho²⁵¹

Introdução: A Psicologia do Esporte busca compreender como aspectos psicológicos e comportamentais influenciam o desempenho e a qualidade de vida dos atletas, destacando o reconhecimento das emoções como fator relevante para a saúde mental. A psicoeducação, como processo educativo, oferece conhecimentos e intervenções voltadas a esse reconhecimento, tornando-se uma ferramenta importante para lidar com as demandas emocionais do contexto esportivo. Considerando que atletas frequentemente enfrentam estresse, ansiedade e pressão por resultados, o reconhecimento emocional pode minimizar impactos negativos no bem-estar e na performance, contribuindo também para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. **Objetivo:** Descrever a importância da psicoeducação na promoção da saúde mental de atletas, por meio do reconhecimento das emoções. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo revisão bibliográfica. A seleção dos materiais foi realizada por meio de buscas sistematizadas na base de dados SciELO, utilizando os descritores “Psicologia do Esporte”, “psicoeducação” e “atletas”. Foram incluídos artigos que abordavam saúde mental, regulação emocional e intervenções psicoeducativas no contexto esportivo, sendo excluídos artigos duplicados, resenhas, editoriais e estudos sem relação direta com a temática proposta. Os materiais selecionados foram submetidos à análise qualitativa e interpretativa. **Resultados e discussão:** Os estudos analisados indicam que a psicoeducação favorece o desenvolvimento de habilidades de autorregulação emocional, melhora a compreensão dos estados psicológicos e contribui para a prevenção de transtornos mentais. Além disso, possibilita maior controle emocional, refletindo positivamente na tomada de decisão e na redução dos níveis de ansiedade antes, durante e após as competições. Observa-se ainda fortalecimento da autoconfiança, melhor adaptação às situações competitivas e enfrentamento mais eficaz das demandas psicológicas inerentes à prática esportiva. Tais resultados demonstram que a psicoeducação contribui tanto para o desempenho quanto para o bem-estar dos atletas. **Considerações finais:** Conclui-se que a psicoeducação constitui uma estratégia eficaz para

248 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

249 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

250 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

251 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em educação.

a promoção da saúde mental e do desenvolvimento emocional de atletas, favorecendo o reconhecimento e a regulação das emoções. Dessa forma, recomenda-se sua inserção em programas de acompanhamento psicológico no esporte.

Palavras-chave: psicologia do esporte; psicoeducação; saúde mental.

O NARCISISMO À LUZ DA BÍBLIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO

*Raquel Araujo da Silva*²⁵²

*Rayene Nascimento Sá*²⁵³

*Thayná Borges Alves*²⁵⁴

*Tainá Batista Viana*²⁵⁵

*Maísa de Azevedo Nascimento*²⁵⁶

*Pâmela Tavares de Oliveira*²⁵⁷

Introdução: O comportamento humano tem sido estudado tanto pela ciência quanto por perspectivas religiosas ao longo da história. No campo da psicologia, o narcisismo é entendido como um padrão marcado pelo amor excessivo por si mesmo, busca por admiração e dificuldade de empatia, influenciando as relações interpessoais. Segundo Sigmund Freud, esse fenômeno envolve o investimento da libido no próprio eu, podendo apresentar aspectos saudáveis ou patológicos. Paralelamente, a Bíblia já abordava comportamentos semelhantes, como em 2 Timóteo 3:2, ao afirmar que os homens seriam “amantes de si mesmos”, evidenciando uma crítica ao egocentrismo. Assim, este trabalho propõe uma reflexão sobre o narcisismo à luz da psicologia e dos ensinamentos bíblicos, compreendendo suas implicações no comportamento humano. **Objetivo:** Refletir sobre o comportamento narcísico à luz dos ensinamentos bíblicos, estabelecendo uma articulação entre conceitos psicológicos e princípios morais presentes nas Escrituras. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa, fundamentada em textos bíblicos e produções científicas. A busca foi realizada nas bases SciELO e Google Acadêmico, em abril de 2026, com o descritor “narcisismo”. Foram selecionados artigos em português, publicados entre 2010 e 2025, relacionados ao comportamento humano e suas implicações nas relações interpessoais, sendo excluídos aqueles sem relação direta com o tema. A análise foi interpretativa, articulando os achados científicos com os ensinamentos bíblicos. Como limitação, destaca-se a escassez de pesquisas que relacionem diretamente narcisismo e religião. **Resultados e discussão:** O comportamento narcísico, caracterizado pelo egocentrismo, busca por validação e limitação empática, apresenta correspondência com advertências bíblicas. Observa-se a priorização do indivíduo em detrimento do coletivo, em contraste com princípios como humildade, solidariedade e

²⁵² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁵³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁵⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁵⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁵⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁵⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

amor ao próximo. Há convergência entre psicologia e discurso religioso quanto aos impactos do individualismo exacerbado. Como limitação, destaca-se a dificuldade de encontrar estudos que integrem diretamente essas abordagens, indicando a necessidade de novas pesquisas. **Considerações finais:** Conclui-se que o narcisismo, quando manifestado de forma intensa, pode gerar prejuízos nas relações interpessoais e no equilíbrio social. A análise à luz da Bíblia reforça a importância de valores como empatia, humildade e cuidado com o outro, contribuindo para a promoção de relações mais saudáveis e éticas no contexto social.

Palavras-chave: narcisismo; comportamento; bíblia.

O USO DA TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Yana Vera Lima de Jesus²⁵⁸

Ana Clara Valentim Ribeiro Bastos²⁵⁹

Eluana Souza Oliveira²⁶⁰

Isabela Cristina Oliveira Pinto²⁶¹

Ivaneuza Fernandes Lima da Costa²⁶²

Micaele Monteiro Campos²⁶³

Tamy Juliana Sato Dias²⁶⁴

Roberta Priscila da Costa Branco²⁶⁵

Introdução: a crescente demanda por serviços de saúde mental na sociedade contemporânea, intensificada pelo isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, impulsionou a necessidade de inovação nas práticas psicológicas e na ampliação das formas de cuidado clínico. Nesse contexto, as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) têm se consolidado como ferramentas fundamentais na mediação do atendimento psicológico, possibilitando a interação entre profissionais e pacientes em diferentes espaços e contextos (Soares *et al.*, 2015). O uso dessas tecnologias amplia o acesso aos serviços de saúde mental e favorece a continuidade do cuidado, especialmente em situações de restrição social. Além disso, estudos apontam que a incorporação de recursos tecnológicos na prática clínica constitui uma tendência contemporânea, alinhada às transformações sociais e às demandas por maior acessibilidade (Souza, 2016). **Objetivo:** analisar a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação no processo terapêutico. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico em bases científicas, como SciELO, publicações do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a revista *Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Foram analisados três artigos científicos, sendo um de base principal e dois complementares, publicados em 2025. A seleção dos materiais considerou critérios de relevância temática, atualidade e consistência metodológica, sendo excluídos aqueles que não apresentavam relação direta com o objetivo do estudo. **Resultados e discussão:** evidenciou-se um crescimento expressivo das publicações científicas durante o período pandêmico, destacando o pa-

258 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

259 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

260 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

261 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

262 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

263 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

264 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

265 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do cuidado e práticas sociais.

pel fundamental das tecnologias digitais na manutenção do vínculo terapêutico e na continuidade do cuidado psicológico. Entre as principais vantagens observadas, destacam-se a maior acessibilidade, flexibilidade de horários e ampliação do alcance geográfico dos atendimentos. Em contrapartida, identificou-se desafios relacionados à ausência do contato presencial, necessidade de adaptação técnica dos profissionais e à mitigação de falhas tecnológicas que possam comprometer a qualidade da assistência. Conforme o Conselho Federal de Psicologia (2024), é responsabilidade da(o) profissional avaliar a viabilidade e adequação das TDICs às atividades implementadas em cumprimento aos dispositivos do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP), e em atenção às evidências científicas e de prática profissional. **Considerações finais:** a integração das tecnologias digitais ao atendimento psicológico representa uma adaptação necessária às demandas contemporâneas, configurando-se como estratégia relevante para ampliar o acesso aos serviços de saúde mental e garantir a continuidade do cuidado. No entanto, sua utilização deve estar fundamentada na capacitação profissional, na segurança das informações e no rigor ético. Destaca-se, nesse sentido, a importância da Resolução CFP nº 09/2024, que regulamenta o exercício profissional da Psicologia mediado por TDICs no Brasil.

Palavras-chave: psicologia; tecnologia; saúde mental.

PERFIS CRIMINOSOS E TRAUMAS PSICOLÓGICOS NA VIOLENCIA DOMESTICA: UMA ANALISE PELA PSICOLOGIA JURIDICA

*David Daniel Maia de Oliveira*²⁶⁶

*Karla Tayná Tavares Nunes*²⁶⁷

*Gabriela Aparecida Gomes Leandro*²⁶⁸

*Esthefany Duarte Marques*²⁶⁹

*Kamily Valente Costa*²⁷⁰

*Natália Sousa Silva*²⁷¹

*Lara Jane Santos Dos Santos*²⁷²

*Pâmela Tavares de Oliveira*²⁷³

Introdução: A violência doméstica configura-se como um grave problema social e de saúde pública, caracterizada por diferentes formas como: abuso físico, psicológico, sexual, moral e patrimonial, praticadas, em sua maioria, no âmbito familiar e afetivo. Trata-se de um fenômeno que atinge mulheres de diferentes idades, classes sociais e contextos culturais, sendo reconhecido como uma das principais violações dos direitos humanos na atualidade (DAHLBERG; KRUG, 2017). No contexto brasileiro, a Lei Maria da Penha representa um marco no enfrentamento dessa problemática, ao estabelecer mecanismos de proteção às vítimas e responsabilização dos agressores (ALMEIDA, 2015). Entretanto, para além dos aspectos legais, a compreensão da violência doméstica exige uma análise dos fatores psicológicos envolvidos, especialmente no que se refere ao comportamento dos agressores e aos impactos emocionais nas vítimas. Esses impactos ultrapassam o âmbito individual, afetando a dinâmica familiar e contribuindo para a manutenção do ciclo de violência (WALKER, 2015). Nesse sentido, a Psicologia Jurídica desempenha um papel fundamental na compreensão das dinâmicas envolvidas na violência doméstica, especialmente ao analisar os perfis criminosos e os impactos dos traumas psicológicos nas vítimas. Esse campo investiga não apenas os comportamentos e características dos agressores, mas também as consequências emocionais, cognitivas e sociais vivenciadas por aqueles expostos à violência. **Objetivo:** Analisar os perfis criminosos no contexto da violência doméstica e seus impactos psicológicos nas vítimas, a partir da

²⁶⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁶⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁶⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁶⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁷⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁷¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁷² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁷³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

perspectiva da psicologia jurídica. **Procedimentos metodológicos:** Pesquisa do tipo revisão bibliográfica de análise qualitativa, sendo utilizados 4 artigos científicos, obtidos nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, abordando a violência doméstica contra a mulher. Buscou-se estudos que analisaram o comportamento dos agressores e os efeitos psicológicos nas vítimas, permitindo uma abordagem integrada. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, buscando compreender os principais aspectos teóricos da temática. **Resultados e discussão:** Diversas pesquisas apontam que agressores apresentam padrões recorrentes, como controle, impulsividade e dificuldade na regulação emocional, associados à reprodução de modelos familiares violentos e a crenças distorcidas sobre relações de poder. Em relação às vítimas, identificaram-se impactos psicológicos como ansiedade, depressão, baixa autoestima e transtorno de estresse pós-traumático, fatores que dificultam o rompimento do ciclo de violência. Ademais, tratar-se de um fenômeno cíclico e multifatorial, exigindo intervenções que ultrapassem o âmbito jurídico. Como limitação, destaca-se o número reduzido de estudos analisados, sugerindo-se novas pesquisas. **Considerações finais:** Conclui-se que a violência doméstica é um fenômeno complexo, envolvendo aspectos psicológicos, sociais e jurídicos. A análise dos perfis criminosos e dos traumas, evidencia a necessidade de uma abordagem que vai além da punição legal. Nesse sentido, a psicologia jurídica desempenha papel fundamental no enfrentamento da violência doméstica, contribuindo para a avaliação dos envolvidos, o acolhimento das vítimas e o suporte às decisões judiciais. Sua atuação favorece intervenções mais eficazes e auxilia no rompimento do ciclo de violência, promovendo proteção e justiça às vítimas.

Palavras-chave: violência doméstica; psicologia jurídica; perfis criminosos.

POLUIÇÃO AMBIENTAL E IMPACTOS PSICOLÓGICOS NA POPULAÇÃO DE SANTARÉM (PA)

*Karla Tayná Tavares Nunes*²⁷⁴

*Esthefany Duarte Marques*²⁷⁵

*Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro*²⁷⁶

*Elane Mesquita Assunção*²⁷⁷

*David Daniel Maia de Oliveira*²⁷⁸

*Maria Inalva Lopes Duarte*²⁷⁹

*Caroline Maria de Oliveira Torres*²⁸⁰

Introdução: A poluição ambiental tem se intensificado em diversas regiões da Amazônia, incluindo o município de Santarém (PA), configurando-se como um problema que afeta não apenas a saúde física, mas também o bem-estar psicológico da população. Entre os principais fatores de poluição presentes na região, destacam-se as queimadas e a poluição atmosférica, que impactam diretamente a qualidade de vida dos moradores. Em 2024, Santarém registrou níveis elevados de poluição do ar, atingindo índices até 48 vezes superiores aos limites recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (Almeida, 2024). Esse cenário de degradação ambiental exige uma análise que ultrapasse os danos orgânicos, considerando também os efeitos sobre a subjetividade e a saúde mental coletiva. **Objetivo:** Analisar os impactos da poluição ambiental na saúde mental da população de Santarém (PA), identificando como os episódios de queimadas e a má qualidade do ar influenciam o sofrimento psíquico. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter qualitativo e exploratório. A coleta de dados foi realizada nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, utilizando descritores como “poluição atmosférica”, “queimadas” e “saúde mental”. Foram incluídos artigos publicados em português e inglês, com recorte temporal dos últimos anos, que abordassem a relação entre exposição ambiental e impactos psicossociais. A análise baseou-se em critérios de relevância científica e maior abrangência da temática. **Resultados e discussão:** A literatura analisada evidencia que, em contextos como o de Santarém, marcados por episódios recorrentes de poluição, há intensificação de sentimento de insegurança, medo e sofrimento social coletivo. A queima de biomassa na região amazônica libera poluentes como monóxido

274 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

275 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

276 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

277 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

278 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

279 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

280 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Esp. em Clínica, Saúde e Educação.

de carbono e hidrocarbonetos policíclicos aromáticos, substâncias com elevado potencial tóxico e genotóxico (Santos; Ribeiro; Oliveira, 2021). Estudos indicam que uma parcela significativa da população amazônica permanece exposta à má qualidade do ar por períodos prolongados ao longo do ano (Oliveira *et al.*, 2023). Essa exposição contínua contribui para um estado de vulnerabilidade socioambiental, associado ao aumento de processos inflamatórios, alterações hormonais relacionadas ao estresse e maior predisposição a quadros de ansiedade e depressão (Veras, 2023). Além disso, o sofrimento psíquico manifesta-se por meio do estresse ambiental, caracterizado pela sensação de ameaça, insegurança e impotência diante da degradação do ecossistema. **Considerações finais:** Ademais, evidencia-se que a poluição ambiental em Santarém não se restringe aos danos físicos, comprometendo significativamente o equilíbrio psicológico da população. O estudo reforça a necessidade de compreender a poluição como um determinante social da saúde mental. Destaca-se a importância da implementação de políticas públicas integradas, ações de educação ambiental e estratégias de cuidado psicológico em contextos de crise climática, bem como o papel da Psicologia na promoção de saúde mental e fortalecimento da resiliência coletiva frente aos desafios socioambientais contemporâneos.

Palavras-chave: psicologia ambiental; queimadas; saúde coletiva.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA JURÍDICA EM CASOS DE TRANSFOBIA NO CONTEXTO SOCIAL E INSTITUCIONAL

Winnyfer Imbiriba Moura²⁸¹

Daniely Silva Gregório²⁸²

Pâmela Tavares de Oliveira²⁸³

Introdução: A Psicologia Jurídica desempenha papel fundamental na promoção dos direitos humanos e no enfrentamento da transfobia, contribuindo para a garantia da dignidade e do reconhecimento da identidade de gênero das pessoas trans. Sua atuação é orientada pela Resolução CFP nº 01/2018, que estabelece diretrizes para uma prática profissional livre de discriminação e comprometida com a despatologização das identidades trans. Considerando os elevados índices de violência e exclusão vivenciados por essa população, torna-se relevante compreender como a Psicologia Jurídica pode contribuir para a construção de uma justiça mais inclusiva e equitativa. **Objetivo:** Analisar a atuação da psicologia jurídica em casos de transfobia. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de revisão bibliográfica. A busca foi realizada nas bases Google Acadêmico e SciELO, utilizando os descritores “Psicologia Jurídica”, “transfobia”, “identidade de gênero” e “direitos humanos”. Inicialmente foram encontrados 25 estudos, dos quais 12 artigos científicos atenderam aos critérios de inclusão, por apresentarem relação direta com o tema e estarem publicados em português entre 2018 e 2025. Também foram utilizados como referências o livro de Berenice Bento (2008), a Resolução CFP nº 01/2018, o Dossiê da ANTRA (2024) e documentos oficiais relacionados aos direitos da população trans. Os dados foram analisados por meio de abordagem interpretativa, buscando identificar as principais contribuições da Psicologia Jurídica no enfrentamento da transfobia. **Resultados e discussão:** A análise da literatura evidenciou que a transfobia produz impactos significativos na saúde mental das pessoas trans, favorecendo o desenvolvimento de ansiedade, depressão, sofrimento psíquico e isolamento social (BENTO, 2008). Os estudos também apontam que a exclusão vivenciada nos contextos familiar, escolar, profissional e institucional contribui para a vulnerabilidade dessa população, reforçando processos de discriminação estrutural (ANTRA, 2024). Nesse cenário, a Psicologia Jurídica atua na elaboração de pareceres técnicos, avaliações psicológicas e acompanhamento de vítimas, subsidiando decisões judiciais mais fundamentadas e promovendo a defesa dos direitos humanos. Além disso, conforme a Resolução CFP nº 01/2018,

²⁸¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁸² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁸³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

o psicólogo deve adotar uma atuação ética, livre de práticas discriminatórias e comprometida com o reconhecimento da identidade de gênero. Apesar dos avanços legais, a literatura destaca que preconceitos institucionais ainda dificultam o acesso das pessoas trans à justiça e aos serviços públicos, evidenciando a necessidade de capacitação contínua dos profissionais e fortalecimento das políticas públicas de proteção. **Considerações finais:** Conclui-se que a Psicologia Jurídica possui papel essencial no enfrentamento da transfobia, atuando não apenas na dimensão técnica, mas também na promoção dos direitos humanos e na construção de uma justiça mais equitativa. Ressalta-se a importância do fortalecimento de políticas públicas, formação continuada dos profissionais e ampliação de práticas inclusivas que garantam a dignidade e os direitos das pessoas trans.

Palavras-chave: psicologia jurídica; transfobia; direitos humanos.

PSICOLOGIA E REDES SOCIAIS: ÉTICA NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E LIMITES NA DIVULGAÇÃO

Wanderson Thiago Santos de Miranda²⁸⁴

Caroline Silva Bezerra²⁸⁵

Simara Cristina Liberal Freitas²⁸⁶

Arnoldo Souza Tavares²⁸⁷

Anna Carolina Cardial Penha²⁸⁸

Bruna Vaz Ribeiro Caraça²⁸⁹

Roberta Priscila da Costa Branco²⁹⁰

Introdução: O uso das redes sociais tem ampliado significativamente a divulgação de conteúdos relacionados à Psicologia, facilitando o acesso da população a informações sobre saúde mental. Contudo, essa expansão traz importantes desafios éticos, especialmente no que se refere à responsabilidade na comunicação, ao sigilo profissional e aos limites da atuação no ambiente digital (Queiroz *et al.*, 2025). Nesse contexto, destaca-se a necessidade de que a presença do psicólogo nas redes sociais esteja alinhada às normativas profissionais e fundamentada em conhecimento científico, garantindo a qualidade das informações e a proteção dos usuários (CRP-SC, 2023). **Objetivo:** investigar as normas éticas que orientam a atuação de psicólogos no ambiente digital. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, com abordagem qualitativa e caráter interpretativo. O estudo foi desenvolvido com base em publicações científicas e diretrizes do Conselho Federal de Psicologia, no período de 2020 a 2026, visando compreender os limites da conduta profissional nas redes sociais. Para a coleta de dados, foram realizadas buscas nas bases SciELO e Google Acadêmico, utilizando os descritores “ética profissional”, “psicologia” e “redes sociais”. Foram inicialmente selecionados 10 artigos científicos, dos quais 6 foram incluídos na análise final, considerando critérios de relevância, atualidade e adequação ao tema. **Resultados e discussão:** os estudos indicam que a produção de conteúdo psicológico nas redes sociais deve estar fundamentada em princípios éticos e em conhecimento técnico-científico, considerando seu impacto na população. Ressalta-se a importância de evitar simplificações, generalizações e conteúdos sem embasamento, que podem comprometer a credibilidade profissional (Queiroz *et al.*, 2025; Conselho Federal de Psicologia, 2022).

284 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

285 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

286 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

287 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

288 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

289 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

290 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

No que se refere à disseminação de informações falsas, o ambiente digital favorece sua rápida propagação, reforçando a responsabilidade do psicólogo na divulgação de conteúdos confiáveis. O sigilo profissional destaca-se como um dos principais pilares da prática psicológica, exigindo cautela na exposição de conteúdos clínicos, mesmo quando utilizados com finalidade educativa. Além disso, o atendimento psicológico online demanda atenção à manutenção dos limites da relação terapêutica, ao contrato profissional e ao uso adequado das Tecnologias da Informação e Comunicação, conforme a Resolução CFP nº 11/2018. O marketing digital é permitido, desde que respeite os princípios éticos, evitando sensacionalismo, promessas de cura e exposição inadequada do sofrimento humano. **Considerações finais:** a atuação de psicólogos nas redes sociais exige rigor ético, especialmente no que diz respeito ao sigilo profissional, à responsabilidade na comunicação e à delimitação entre divulgação e atendimento psicológico. Embora essas plataformas ampliem o acesso à informação, também potencializam riscos relacionados à desinformação e à banalização do sofrimento psíquico. Dessa forma, torna-se essencial que o profissional atue de maneira crítica, responsável e alinhada às normativas do Conselho Federal de Psicologia, garantindo a proteção dos usuários e a qualidade da prática profissional no ambiente digital.

Palavras-chave: ética profissional; psicologia; redes sociais.

VÍNCULOS FAMILIARES E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE DO FILME FROZEN

*Maísa de Azevedo Nascimento*²⁹¹

*Thayná Borges Alves*²⁹²

*Tainá Batista Viana*²⁹³

*Raquel Araújo Da Silva*²⁹⁴

*Rayene Nascimento Sá*²⁹⁵

*Adriane Lima da Silva Oliveira*²⁹⁶

Introdução: o filme Frozen, da Walt Disney Animation Studios, retrata a relação entre duas irmãs, Elsa e Anna, que, ainda na infância, vivenciam um processo de afastamento e isolamento social em decorrência do medo e da necessidade de controle dos poderes de Elsa. Esse distanciamento compromete não apenas a convivência entre ambas, mas também limita suas experiências sociais com outras pessoas, influenciando diretamente seu desenvolvimento emocional e social. Sob a luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, esse distanciamento pode ser compreendido como uma alteração nos processos proximais estabelecidos no microssistema familiar, impactando diretamente o desenvolvimento emocional e social das personagens, bem como suas interações em outros contextos. **Objetivo:** refletir sobre como os vínculos familiares contribuem para a promoção da saúde mental e para o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais, a partir da análise das experiências vividas pelas personagens. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter analítico-interpretativo, baseado na análise do filme Frozen (2013). A investigação foi fundamentada no arcabouço teórico da teoria bioecológica de desenvolvimento humano, considerando o modelo PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo) para compreender como o isolamento social na infância interfere nos processos proximais, afetando o desenvolvimento cognitivo, emocional e relacional. **Resultados e discussão:** Os resultados evidenciam que o isolamento vivenciado por Elsa e Anna fragiliza os processos proximais no microssistema, comprometendo o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e comunicativas, como a expressão de sentimentos, a confiança mútua e a regulação emocional. Observa-se que, ao longo do tempo, a persistência de Anna e o restabelecimento do vínculo afetivo atuam como fatores protetivos, reconfigurando as interações e promovendo mudanças no desenvolvimento. Esses achados reforçam o papel do ambiente

²⁹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹⁶ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Doutorado em Teoria do Comportamento-UFPA.

imediate e das relações significativas no desenvolvimento humano, conforme proposto por Urie Bronfenbrenner. **Considerações finais:** À luz da perspectiva bioecológica, os achados indicam que a ausência ou fragilidade de processos proximais no contexto familiar pode comprometer o desenvolvimento saudável das habilidades de comunicação, empatia e regulação emocional. Por outro lado, o fortalecimento dos vínculos afetivos e a presença de suporte emocional atuam como fatores de proteção, promovendo o desenvolvimento humano integral. Assim, a obra ilustra, de forma simbólica, como as interações familiares, inseridas em um sistema ecológico mais amplo, são fundamentais para a promoção da saúde mental e para a construção de relações interpessoais saudáveis.

Palavras-chave: saúde mental; vínculos familiares; isolamento social.

VIOÊNCIA DOMÉSTICA: DINÂMICAS PSICOLÓGICAS ENTRE VÍTIMA E AGRESSOR

*Paulo Henrique Rodrigues da Silva*²⁹⁷

*Erick Vinícius de Sousa Lima*²⁹⁸

*Gabrielle Uchôa Lima de Sousa*²⁹⁹

*Natália Sousa Silva*³⁰⁰

*Pâmela Tavares de Oliveira*³⁰¹

Introdução: A violência doméstica é um fenômeno social que envolve agressões físicas, psicológicas, emocionais e morais no contexto familiar ou afetivo. No Brasil, essa problemática é considerada uma questão de saúde pública e jurídica, sendo combatida por meio da Lei Maria da Penha. Além das agressões visíveis, a violência doméstica envolve mecanismos psicológicos como manipulação emocional, controle e isolamento social, fatores que dificultam o rompimento da relação abusiva. Nos dizeres de Walker (1979, p. 55), “o ciclo da violência é composto por fases de tensão, agressão e reconciliação”, contribuindo para a permanência da vítima no relacionamento. Nesse contexto, a psicologia jurídica desempenha papel importante ao auxiliar na compreensão das dinâmicas entre vítima e agressor, contribuindo para intervenções mais humanizadas e eficazes no sistema de justiça. Assim, compreender essas relações torna-se essencial para o enfrentamento da violência doméstica.

Objetivo: Analisar as dinâmicas psicológicas da violência doméstica no contexto jurídico. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa e descritiva, realizada a partir da análise de artigos científicos, livros, legislações e documentos oficiais relacionados à violência doméstica e à psicologia jurídica. Foram selecionadas produções que abordam as dinâmicas psicológicas presentes nas relações abusivas, o ciclo da violência, os impactos emocionais nas vítimas e as intervenções psicológicas e jurídicas aplicadas nesses contextos. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, buscando compreender os fatores psicológicos, sociais e culturais envolvidos na manutenção da violência doméstica, bem como a contribuição da psicologia jurídica para a proteção das vítimas e para o fortalecimento das estratégias de enfrentamento desse fenômeno. **Resultados e discussão:** As vítimas apresentam culpa, medo e dependência emocional, dificultando o rompimento, enquanto os agressores demonstram controle, ciúmes e baixa regulação emocional, frequentemente negando a violência. Tais dinâmicas são influenciadas por fatores sociais e

²⁹⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

²⁹⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁰⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁰¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

culturais. A permanência da vítima não deve ser vista como passividade, mas como resultado de múltiplos fatores. Destaca-se a importância de intervenções que promovam a autonomia da vítima, a responsabilização do agressor e o fortalecimento das redes de apoio. **Considerações finais:** A violência doméstica configura-se como um fenômeno complexo que demanda uma abordagem interdisciplinar, considerando fatores psicológicos, sociais e culturais. A psicologia jurídica desempenha papel fundamental na compreensão das dinâmicas entre vítima e agressor, contribuindo para uma atuação mais qualificada e sensível no sistema de justiça. Além disso, evidencia-se que a permanência da vítima na relação abusiva está relacionada a múltiplos fatores, não devendo ser interpretada de forma simplista. Nesse sentido, intervenções eficazes devem ir além do caráter punitivo, promovendo a autonomia da vítima, a responsabilização do agressor e o fortalecimento das redes de apoio. Dessa forma, o enfrentamento da violência doméstica requer políticas públicas integradas, atuação profissional qualificada e estratégias preventivas que considerem as dimensões psicológicas envolvidas.

Palavras-chave: violência doméstica; psicologia jurídica; intervenção psicológica.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA HOSPITALAR EM CONTEXTOS DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

*Iolane Cardoso Mota*³⁰²

*Ananda Sulliane Mota Bentis*³⁰³

*Elane Mesquita Assunção*³⁰⁴

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*³⁰⁵

Introdução: A atuação do psicólogo no contexto hospitalar é essencial ao cuidado integral em saúde. O atendimento no hospital é focal, breve e emergencial. Este ambiente caracteriza-se pela imprevisibilidade, alta demanda e situações críticas, envolvendo risco iminente de morte, exigindo intervenções rápidas e eficazes, do ponto de vista físico e emocional. Nesse cenário, o psicólogo atua oferecendo suporte imediato a pacientes e familiares, contribuindo para a redução do sofrimento psíquico e de experiências traumáticas (Angerami-Camon, 2012). A presença do profissional de psicologia na urgência e emergência favorece a humanização do atendimento, promovendo escuta qualificada e acolhimento em momentos de vulnerabilidade. Sua atuação estende-se à equipe multiprofissional, colaborando na mediação de conflitos e no manejo do estresse ocupacional (Simonetti, 2011). De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2019), a inserção da psicologia nos serviços de saúde reforça a importância de práticas que considerem o sujeito em totalidade, além da dimensão biológica, incorporando aspectos emocionais, sociais e culturais no processo de cuidado. **Objetivo:** Compreender a atuação do psicólogo hospitalar junto aos pacientes, familiares e equipe na urgência e emergência, destacando **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, abordagem descritiva. Foram consultadas publicações científicas nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico e Portal de Periódicos e documentos normativos relacionados. Foram considerados artigos científicos publicados entre os anos de 2011 e 2025. Utilizando-se os descritores: “psicologia hospitalar”, “urgência e emergência” e “atuação do psicólogo”. Desses artigos, 3 foram selecionados para a construção dos resultados da pesquisa, pela pertinência quanto à atuação psicológica no contexto hospitalar de urgência e emergência. **Resultados e discussão:** Os resultados indicam que a atuação do psicólogo na urgência e emergência é essencial para oferecer suporte emocional imediato a pacientes e familiares, ajudando a reduzir ansiedade, medo e sofrimento em situações críticas. Também contribui para melhorar a comunicação entre equipe, paciente e família, especialmente em momentos de crise e comunicação de notícias difíceis. Tem-se também o impacto positivo na equipe de saúde, auxiliando na redução do estresse e no enfrentamento das intensas

302 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

303 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

304 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

305 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Especialista em Psicologia Hospitalar.

demandas presentes no ambiente hospitalar. **Considerações finais:** A atuação da Psicologia em contextos de urgência e emergência é essencial para a promoção de um cuidado humanizado, integral e centrado nas necessidades emocionais dos indivíduos em situações de crise. Oferecendo suporte psicológico imediato a pacientes, familiares e equipes de saúde, contribuindo para a redução do sofrimento psíquico, o manejo de reações emocionais intensas e a facilitação da comunicação em momentos de alta vulnerabilidade.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; urgência e emergência; humanização.

A CLÍNICA DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE: DA HISTERIA À SOMATIZAÇÃO E ÀS RECONFIGURAÇÕES DO SINTOMA NA PSICANÁLISE

*Thaís da Silva da Costa*³⁰⁶

*Luana Caroline Araújo Oliveira*³⁰⁷

*Lucélia de Jesus Amaral Jati*³⁰⁸

Introdução: Muitas vezes, o corpo adoece quando a mente não consegue simbolizar aquilo que sente, evidenciando a relação entre processos psíquicos e manifestações somáticas. Esse fenômeno, descrito por Freud como histeria no final do século XIX, permanece como um importante desafio clínico na contemporaneidade. Na psicanálise clássica, os sintomas histéricos eram compreendidos como formações simbólicas de conflitos inconscientes. No entanto, atualmente, observa-se uma reconfiguração desses sintomas, que passam a se manifestar de forma mais direta no corpo, sendo classificados pelo DSM-5-TR em categorias como transtornos dissociativos e transtornos de sintomas somáticos e relacionados. **Objetivo:** Analisar a transformação das manifestações sintomáticas da histeria clássica para os quadros contemporâneos, compreendendo a passagem da expressão simbólica para formas mais diretas de inscrição da angústia no corpo, bem como a relação entre sofrimento psíquico, adoecimento somático e o papel da escuta clínica.

Procedimentos metodológicos: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica, realizada nas bases SciELO e Google Acadêmico, com os descritores “histeria”, “sintomas somáticos” e “psicanálise”. Foram selecionados artigos publicados nos últimos cinco anos, com o objetivo de garantir a atualidade das discussões, em português e com acesso completo. Foram encontrados 25 artigos, dos quais 10 atenderam aos critérios de inclusão e foram utilizados na análise. **Resultados e discussão:** Observa-se uma transformação significativa na expressão do sintoma. Enquanto na psicanálise clássica a histeria operava como uma linguagem simbólica dos conflitos inconscientes, na contemporaneidade há uma redução da simbolização e uma predominância de manifestações somáticas diretas. Segundo Pierre Marty, na psicossomática, o pensamento operatório evidencia dificuldades na elaboração psíquica dos afetos, levando à descarga no corpo. Estudos recentes (Silva *et al.*, 2022; Souza, 2021) apontam um aumento de quadros relacionados à somatização, reforçando a ideia de que o corpo se torna uma via privilegiada de expressão do sofrimento psíquico. À luz do DSM-5-TR, esses quadros aparecem de forma mais fragmentada, indicando mudanças

306 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

307 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

308 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Avaliação Psicológica.

na configuração do sintoma. **Considerações finais:** Conclui-se que o sofrimento psíquico contemporâneo tende a se manifestar no corpo devido à diminuição da capacidade de simbolização. Nesse contexto, a escuta clínica psicanalítica torna-se fundamental, pois possibilita a transformação do sintoma corporal em narrativa, favorecendo a elaboração psíquica e promovendo um cuidado mais integral ao sujeito.

Palavras-chave: histeria; sintomas somáticos; psicanálise.

A ARMADILHA DA OCUPAÇÃO: COMO O AMBIENTE MOLDA A PERCEPÇÃO DE CANSAÇO E PRODUTIVIDADE

*Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro*³⁰⁹

*Samara de Oliveira Aguiar*³¹⁰

*Juliany Karolinne de Oliveira Gaspar*³¹¹

*Paula Eduarda Furtado da Costa*³¹²

Introdução: A percepção de cansaço e produtividade no contexto moderno é um tema cuja relevância apresenta-se sobretudo diante das demandas graduais de performance e rendimento. Essa armadilha de ocupação trata-se da tendência de associar a contínua ocupação a ser produtiva, como algo benéfico (Gomes *et al.*, 2025). Cenários de forte demanda, pressão por resultados e sem pausas agravam o cansaço físico e mental (Galli, 2025). Essa cultura de ocupação estabelece que o valor do sujeito está atrelado à sua disponibilidade constante e à manutenção de uma agenda saturada, o que distorce a percepção subjetiva de produtividade e negligencia os limites psicofisiológicos (Clein; Tonello; Pessa, 2014). Nesse contexto, a obra “Sociedade do Cansaço” revela que a busca incessante por desempenho gera uma autoexploração em que a produtividade culmina em exaustão física e psíquica (Han, 2017). **Objetivo:** Investigar de que modo o ambiente influencia a percepção de cansaço e de produtividade no contexto contemporâneo, enfatizando os impactos da rotina sobre o bem-estar do indivíduo. **Procedimentos metodológicos:** Essa pesquisa constitui-se como uma revisão de literatura fundamentada na seleção de quatro textos de caráter científico como fontes principais, integrando complementarmente as perspectivas teóricas da obra Sociedade do Cansaço. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio do Portal de Periódicos da CAPES e de revistas científicas, utilizando os descritores: “Cultura de Ocupação”, “Ambiente” e “Cansaço”. **Resultados e discussão:** O ambiente e a cultura da ocupação distorcem a percepção de produtividade ao valorizar o esforço quantitativo em detrimento da eficiência qualitativa. Um ambiente moderno, marcado pela onipresença digital e pela hiperestimulação física, atua como um catalisador desse ciclo, dificultando a distinção entre o cansaço legítimo e a exaustão patológica (Clein; Tonello; Pessa, 2014). O sujeito contemporâneo, em vez de ser explorado por uma instância externa, explora a si mesmo voluntariamente (Han, 2015). No campo da saúde, essa dinâmica é agravada pela pressão por alta performance, o que pode levar ao adoecimento psíquico e à fragilização da identidade profissional diante da lógica do “eu-produtivo” (Galli, 2025). Essa autoexploração

³⁰⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹² Psicóloga Esp. em Avaliação Psicológica.

resulta em doenças neuronais como o burnout e a depressão. Observou-se ainda que a hiperestimulação dos ambientes digitais fragiliza a atenção e impede a regeneração mental, levando o sujeito a um registro de exaustão que é frequentemente confundido com dever cumprido (Gomes *et al.*, 2025). Tais patologias não são causadas por agentes externos, mas pelo excesso de positividade do próprio sistema, no qual a perda da capacidade contemplativa é corresponsável pelo nervosismo da sociedade moderna. **Considerações finais:** Desse modo, é fundamental o investimento em métodos qualificados que venham a romper esse ciclo de exaustão, como a realização de pausas estratégicas no ambiente laboral, propondo a minimização de impactos no cansaço crônico. É necessária a promoção da psicoeducação a respeito da percepção acerca do descanso, ao enfatizar seus benefícios na saúde e na produtividade, não sendo oposto à performance. Por fim, a busca por valorizar o equilíbrio entre trabalho e descanso é indispensável para garantir melhores aspectos de vida e o bem-estar psicológico integral na contemporaneidade.

Palavras-chave: cansaço; saúde mental; ambiente; produtividade.

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO SISTEMA PRISIONAL E OS DESAFIOS DA RESSOCIALIZAÇÃO

Raiane Bentes Batista³¹³

Pâmela Tavares de Oliveira³¹⁴

Introdução: A atuação do psicólogo no sistema prisional insere-se em um contexto marcado por tensões entre punição, controle social e garantia de direitos humanos. O sistema prisional brasileiro apresenta desafios históricos e estruturais que comprometem o processo de ressocialização de indivíduos privados de liberdade, destacando-se a superlotação, as condições insalubres e a fragilidade das políticas públicas. Nesse contexto, a Psicologia Jurídica assume papel relevante ao possibilitar a compreensão dos aspectos subjetivos envolvidos no comportamento criminal e nas trajetórias de reintegração social. De acordo com a Lei de Execução Penal (Brasil, 1984), a pena deve proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado. Entretanto, conforme discutido por Foucault (1987), o sistema prisional muitas vezes atua mais como mecanismo de controle do que de transformação social. **Objetivo:** Analisar a atuação do psicólogo no sistema prisional e discutir os principais desafios relacionados à ressocialização de pessoas privadas de liberdade. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos e documentos institucionais, como as referências técnicas do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2012), verificadas no Google Acadêmico. A coleta de dados ocorreu em bases digitais, por meio de descritores relacionados à Psicologia Jurídica, ao sistema prisional e à ressocialização. **Resultados e discussão:** Observa-se que o psicólogo atua no sistema prisional por meio de avaliações psicológicas, elaboração de laudos e pareceres, acompanhamento individual e grupal, além de intervenções voltadas à promoção da saúde mental e redução de danos psíquicos decorrentes do encarceramento. Todavia, a efetividade dessas ações encontra limites significativos diante da superlotação, da escassez de recursos humanos e materiais e da ausência de políticas públicas consistentes (Bitencourt, 2011). Além disso, o ambiente prisional pode intensificar processos de institucionalização e sofrimento psíquico, dificultando a construção de projetos de vida fora do cárcere. Outro fator relevante refere-se ao estigma social atribuído aos egressos, que enfrentam barreiras no acesso ao trabalho, à educação e à convivência social, contribuindo para a reincidência criminal. Nesse sentido, torna-se fundamental a articulação entre diferentes áreas do conhecimento e políticas intersetoriais que promovam a reintegração social de forma efetiva. **Considerações finais:** Assim, conclui-se que discutir a atu-

313 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

314 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

ação no sistema prisional implica problematizar as possibilidades e limites de práticas que visem não apenas à responsabilização, mas também à transformação social e à efetiva reinserção dos indivíduos na sociedade. Conclui-se que a atuação do psicólogo no sistema prisional é essencial para o processo de ressocialização, embora enfrente desafios estruturais, institucionais e sociais significativos. Ressalta-se a necessidade de fortalecimento de políticas públicas, ampliação das condições de trabalho dos profissionais e implementação de estratégias que favoreçam a reinserção social, visando à redução da reincidência e à promoção da cidadania.

Palavras-chave: psicologia jurídica; sistema prisional; ressocialização.

A SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL NO AMBIENTE DIGITAL E SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS: UMA ANÁLISE DO FILME #SALVEROSA

*Dalbienny Hudson de Souza Santos*³¹⁵

*Juliany Karolinne de Oliveira Gaspar*³¹⁶

*Karoline Veloso Borges*³¹⁷

*Pâmela Tavares de Oliveira*³¹⁸

Introdução: A facilidade de acesso às tecnologias e o aumento descontrolado das redes sociais reestruturaram a forma de interação social dos tempos atuais, trazendo importantes reflexões sobre seu impacto diário em nossa sociedade. A superexposição infantil no ambiente digital tem se tornado cada vez mais recorrente na contemporaneidade. Segundo dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil (Cetic.br, 2023), cerca de 25 milhões de brasileiros menores de 18 anos já estão inseridos no meio digital, o que equivale a 95% desse público. Nesse contexto, o desenvolvimento psicológico infantil pode ser impactado pela exposição excessiva às redes sociais. A exposição precoce de crianças e adolescentes em redes sociais aumenta sua vulnerabilidade a práticas criminosas e compromete o controle sobre sua própria imagem, evidenciando a necessidade de reflexão sobre os impactos dessa prática (Pereira, 2015). O uso intenso dessas tecnologias influencia também aspectos emocionais, comportamentais e sociais, afetando a construção da identidade e as relações interpessoais. Dessa forma, torna-se essencial uma análise crítica sobre os impactos do ambiente digital na infância, considerando seus riscos e implicações para o desenvolvimento. **Objetivo:** Analisar a superexposição infantil no ambiente digital e seus impactos psicológicos apresentados no filme. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, realizada por meio da análise do filme #SalveRosa e da consulta a estudos publicados entre 2015 e 2025 nas bases Google Acadêmico e SciELO. Utilizaram-se os descritores “exposição infantil nas redes sociais” e “sharenting”. Foram selecionados materiais relacionados aos impactos psicológicos da exposição infantil no ambiente digital, sendo utilizados dois artigos científicos, uma monografia e um relatório de pesquisa nacional para fundamentação teórica. **Resultados e discussão:** O filme evidencia a exposição excessiva da personagem Rosa nas redes sociais por sua mãe, situação que se aproxima do fenômeno denominado sharenting, prática que pode comprometer a privacidade, a identidade digital e a segurança infantil (Rodrigues; Oliveira; Garcia, 2025). Sob a ótica psicológica, Di Croce (2025) aponta que essa busca por prestígio social dos pais gera uma objetificação

³¹⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³¹⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho.

da infância, na qual a criança tem sua identidade moldada por expectativas externas. Na obra, isso culmina em prejuízos ao desenvolvimento emocional de Rosa, manifestados por meio de ansiedade, insegurança e fragilização da autoestima pela pressão de corresponder a padrões irreais. Ademais, observa-se uma inversão do papel de cuidado e o enfraquecimento do vínculo afetivo familiar genuíno, substituído pela espetacularização da rotina. **Considerações finais:** O estudo possibilitou refletir sobre os impactos da superexposição infantil no ambiente digital, conforme ilustrado pelo filme #SalveRosa. Os resultados indicam que a exposição excessiva de crianças nas redes sociais pode comprometer a privacidade, a segurança e a construção da identidade digital, além de favorecer vulnerabilidades emocionais e fragilizar vínculos familiares. Nesse sentido, o filme evidencia a importância do uso consciente das tecnologias e da atuação responsável da família na proteção dos direitos e do bem-estar das crianças. Conclui-se que a conscientização sobre os riscos da exposição digital é fundamental para minimizar possíveis impactos no desenvolvimento infantil e adolescente.

Palavras-chave: superexposição infantil; ambiente digital na infância; sharenting.

A ESCUTA EM MEIO AO CAOS: ATUAÇÃO PSICOLÓGICA HOSPITALAR NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Samara de Oliveira Aguiar³¹⁹

Juliane Pereira de Sousa³²⁰

Samara Stragliotto Jambers³²¹

Iolane Cardoso Mota³²²

Tatiane Agra Ferreira Farias³²³

Emanuelle Beatriz da Silva Castro³²⁴

Introdução: a psicologia hospitalar tem se consolidado como uma área essencial no cuidado integral à saúde, em especial nos contextos de urgência e emergência, marcados por situações de risco iminente, sofrimento intenso e instabilidade emocional. Nessas situações, o adoecimento não abrange apenas características biológicas, mas engloba situações psicológicas que impactam pacientes e familiares, tornando o ambiente hospitalar eventualmente desestabilizador (Santos; Dantas, 2022). Assim, a atuação do psicólogo passa a ser fundamental para a promoção de acolhimento, escuta qualificada e intervenções voltadas a minimizar o sofrimento psíquico, além da humanização do cuidado. **Objetivo:** analisar a atuação do psicólogo em urgência e emergência hospitalar, destacando intervenções e desafios. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma revisão de literatura de cunho qualitativo, realizada por meio da plataforma do Google Acadêmico, com textos em português, datados entre os anos 2020 e 2026, na qual houve a seleção, através dos descritores psicologia hospitalar, urgência e saúde, de três produções científicas consideradas relevantes, que abordam a psicologia hospitalar de forma objetiva em contextos de urgência e emergência. **Resultados e discussão:** os estudos analisados destacam que a atuação do psicólogo no contexto de urgência e emergência tem como característica intervenções breves, focadas no emocional e no manejo da crise, considerando o tempo limitado e as demandas presentes nesses ambientes (Santos; Dantas, 2022). O acolhimento imediato, a escuta ativa e o suporte familiar são métodos centrais para beneficiar a organização psíquica diante de momentos de crise, além de contribuir para uma comunicação clara e eficaz entre equipe e paciente. Na análise é possível compreender que a prática nesse contexto exige do profissional habilidades específicas, como flexibilidade e agilidade na tomada de decisão, para atuar simultaneamente com uma equipe interdisciplinar (Santos; Alves, 2026). Observa-se a carência de um manejo para intervenções mais dinâ-

319 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

320 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

321 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

322 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

323 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

324 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre na área da Saúde.

micas voltadas para a realidade hospitalar. Foram identificados obstáculos significativos, como limitada preparação acadêmica para situações emergenciais, sobrecarga emocional do profissional e limitação do reconhecimento institucional do papel desse profissional na equipe de saúde. Tais quesitos comprometem a qualidade do cuidado prestado, evidenciando a necessidade do profissional se aprimorar na formação e fortalecer a integração da psicologia no campo hospitalar (Ramalho, 2022). **Considerações finais:** para a atuação do psicólogo hospitalar nos cenários de urgência e emergência, é fundamental que haja a humanização do cuidado e atenção às demandas psíquicas em situação de crise. Sua prática contribui como suporte emocional para pacientes, familiares e equipe técnica. No entanto, fazem-se necessários investimentos na formação profissional e no reconhecimento institucional de sua atuação, a fim de que sejam fortalecidas sua inclusão e expansão na efetividade do cuidado no ambiente hospitalar em situações de crise.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; urgência; saúde.

A EXPOSIÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA JURÍDICA NO BRASIL

*Raquel Pimentel Marinho*³²⁵

*Samara de Oliveira Aguiar*³²⁶

*Henrique Lima Tenório*³²⁷

*Kathleen Rebeca Cavalcante dos Santos*³²⁸

*Marina Égle de Sousa Feitosa*³²⁹

*Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro*³³⁰

*Pâmela Tavares de Oliveira*³³¹

Introdução: a crescente popularização das redes sociais tem intensificado a exposição de crianças no ambiente digital, contribuindo para fenômenos como a adultização precoce. Segundo Murdoch e Machado (2025), a disseminação exagerada de imagens e informações de crianças nas redes sociais prejudica seus direitos basilares, tais como privacidade, integridade e desenvolvimento sadio. Sommer *et al.* (2026) ressaltam que a adultização infantil acontece quando crianças são inseridas de forma precoce no contexto digital, o que as leva a apresentar comportamentos e responsabilidades incompatíveis com a idade, gerando consequências psicológicas, emocionais e sociais. Ademais, Oliveira e Suter (2026) apontam a problemática da monetização da imagem infantil, aumentando com isso os riscos de exploração. Diante disso, a Psicologia Jurídica faz-se necessária para promover a compreensão dos impactos dessa realidade e fortalecer a defesa dos direitos da criança no meio digital. **Objetivo:** analisar a vulnerabilidade infantil nos cenários digitais sob o enfoque da psicologia jurídica brasileira. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de um estudo de revisão de literatura, de análise qualitativa, de materiais publicados nas plataformas Google Acadêmico e SciSpace, utilizando descritores relacionados à “adultização infantil”. Foram selecionados quatro textos em língua portuguesa, com publicações entre os anos de 2022 e 2026 para a análise das informações. **Resultados e discussão:** os resultados apontam que a disseminação das redes sociais vem tornando a infância um espetáculo digital, causando um conflito direto entre a autoridade parental, garantias essenciais do menor e o próprio desenvolvimento infantil. De acordo com Murdoch e Machado (2025), a prática do sharenting — exposição excessiva de crianças pelos pais nas mídias sociais — pode violar os direitos

³²⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³²⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³²⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³²⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³²⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³³⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³³¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho.

fundamentais. Do ponto de vista jurídico, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante a proteção plena e os direitos da personalidade, como estabelecido nos arts. 17 e 18, assegurando a integridade física, psíquica e moral, incluindo sua imagem e privacidade (Brasil, 1990). Sob o viés de Jean Piaget, o desenvolvimento ocorre em estágios progressivos, conforme a maturação cognitiva (Piaget, 1971; Papalia; Feldman, 2022). Assim, crianças nos estágios pré-operatório (02 a 07 anos) e operatório concreto (07 a 11 anos), quando excessivamente expostas às redes sociais, podem sofrer prejuízos na construção emocional, na formação da identidade e na percepção de si em ambientes digitais (Colares; Ribeiro, 2025). Nesse contexto, o princípio da proteção integral, previsto na Constituição e no ECA (Art. 227 da CF/88), é frequentemente negligenciado em favor do engajamento digital. Infere-se que a atuação do psicólogo no âmbito jurídico é essencial para mediar o conflito e proteger a identidade do menor frente aos riscos da exposição virtual. **Considerações finais:** a proteção das crianças no ambiente digital não depende apenas de uma solução, mas do esforço conjunto de todos: família, Estado, sociedade e plataformas. Além de leis, é fundamental investir em educação digital e conscientização, para que as pessoas entendam os riscos da exposição precoce. Mais do que criar normas, é preciso mudar a forma como a sociedade enxerga esse comportamento, reconhecendo que nem tudo deve ser compartilhado e que a infância precisa ser preservada, garantindo um desenvolvimento saudável, digno e seguro.

Palavras-chave: adultização infantil; psicologia jurídica; redes sociais.

A POLÍTICA INTEGRALISTA E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JURÍDICO NO ESCOPO INTERDISCIPLINAR DIANTE DE ATOS INFRACIONAIS INFANTO-JUVENIS

Carla Nataluce Pimentel Gomes³³²

Pâmela Tavares de Oliveira³³³

Introdução: O presente estudo aborda de forma interseccional o trinômio entre a política integralista, a atuação do psicólogo jurídico e o escopo interdisciplinar no contexto dos atos infracionais cometidos por crianças e adolescentes, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). A compreensão dos atos infracionais praticados por crianças e adolescentes exige uma abordagem que ultrapasse explicações estritamente jurídicas, incorporando as dimensões sociais, psicológicas e institucionais, até porque sabemos que ninguém nasce infrator e investigar o que levou esse indivíduo a cometer o ato infracional é uma missão da psicologia jurídica. Pode-se dividir o histórico da política de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil, segundo Paula (2002), em quatro fases ou momentos distintos: o da absoluta indiferença, o da mera imputação criminal, o tutelar e o atual, da proteção integral (Horvath, 2023). Os encontros da Psicologia e do Direito, nas perspectivas de atuação profissional, apresentam-se no âmbito do trabalho interdisciplinar e multidisciplinar e também num olhar sensível e crítico e, ao mesmo tempo, imparcial, quando se trata de uma temática singular, referente ao ato infracional envolvendo crianças e adolescentes. Essa abordagem representa um enlace entre processos históricos, sociais, econômicos, paradigmáticos que surgem não apenas como normativa do Direito, mas transcendentem à Psicologia, quando esta atravessa escopos transicionais, de paradigmas vigentes. A criança e o adolescente, no campo das atuações profissionais, ora são vistos como o ser objetificado, ora, em outro contexto, são o sujeito da ação, um ser na qualidade de seus direitos e de sua totalidade (Brasil, 1988; 1990). **Objetivo:** Investigar como a política de proteção integral e a interdisciplinaridade entre Psicologia e Direito orientam a atuação do psicólogo jurídico na aplicação de medidas socioeducativas. **Procedimentos metodológicos:** foram utilizados textos de revistas científicas, como Revista da SPAGESP, SMR e artigo para apreciação de considerações finais de curso. **Resultados e discussão:** Os resultados indicam que a atuação interdisciplinar favorece a efetividade das medidas socioeducativas e a promoção dos direitos fundamentais dos adolescentes. Essa discussão se dá de forma integral e multidisciplinar, entre falas e práticas profissionais

332 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

333 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

que atuam na atenção e assistência à saúde integral da criança e do adolescente, considerando a sua totalidade. **Considerações finais:** Conclui-se que o fortalecimento das políticas públicas e da atuação integrada entre profissionais é essencial para garantir a proteção integral e a reinserção social, visto que a complementariedade, reciprocidade relacionais entre as dimensões biopsicossociais, institucionais (Estado), família e sociedade tornam-se fundamentais para a melhoria e condução efetiva dos procedimentos e ações das políticas públicas envolvendo os escopos infracional, o modelo vigente integralista (protetivo) e o trabalho do psicólogo jurídico dialogando com as demais áreas (interdisciplinaridade e multidisciplinaridade).

Palavras-chave: política integralista; psicólogo jurídico; interdisciplinaridade.

AUTOCONHECIMENTO COMO COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A ATIVIDADE “BANDEIRA PESSOAL”

Ana Paula Pereira Costa Santiago³³⁴

Adriane Lima da Silva Oliveira³³⁵

Introdução: Com a busca por uma formação que ultrapasse o domínio de conteúdos cognitivos e impulsionada pela implementação da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), a educação brasileira tem registrado um crescimento na produção e adoção de materiais voltados ao desenvolvimento de competências socioemocionais. Baseadas em um movimento pela aprendizagem socioemocional liderado por Casel (2025) (The Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning), as competências socioemocionais desempenham grande destaque na formação dos educandos. Entre essas competências, o autoconhecimento destaca-se como elemento estruturante, especialmente no Ensino Médio, fase marcada por intensas mudanças cognitivas, emocionais e sociais. Segundo Daniel Goleman (1996), a capacidade de reconhecer as próprias emoções constitui a base para o desenvolvimento de outras competências socioemocionais, como o autocontrole e a empatia. **Objetivo:** Analisar as contribuições de uma atividade pedagógica baseada no autoconhecimento para o desenvolvimento de competências socioemocionais em estudantes do 1º ano do Ensino Médio, considerando os domínios propostos por Casel (2025) e as competências gerais estabelecidas pela BNCC. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, caracterizado como relato de experiência, desenvolvido em uma escola pública estadual localizada na cidade de Santarém, no estado do Pará. Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com significados, motivações e valores, mostrando-se especialmente adequada para investigações que envolvem experiências subjetivas, como o desenvolvimento socioemocional. A atividade foi realizada com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, no contexto da disciplina de “Projeto de Vida”, componente curricular previsto pela BNCC. A proposta metodológica foi estruturada em duas etapas. Na primeira, foram apresentados questionamentos reflexivos com o objetivo de estimular a autoanálise dos estudantes, como: “Quem sou eu?”, “O que eu quero para mim?”, “O que eu mudaria em mim?”, “Como me vejo no futuro?”, “O que me faz feliz?” e “Quais são minhas qualidades?”. Essa abordagem dialoga com o domínio da autoconsciência proposto pela Casel (2025), que envolve a capacidade de identificar emoções, valores e crenças pessoais, constituindo a base para o desenvolvimento das demais competên-

334 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

335 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Doutorado em Teoria do Comportamento-UFPA.

cias socioemocionais. Na segunda etapa, os alunos foram orientados a construir a atividade denominada “Bandeira Pessoal”, que consistiu na divisão de uma folha em seis partes, nas quais deveriam registrar suas respostas, promovendo um mapeamento de suas características e percepções pessoais.

Resultados e discussão: Os resultados evidenciaram que, inicialmente, os estudantes apresentaram dificuldades em responder às questões propostas, indicando limitações no exercício de autorreflexão e no reconhecimento de aspectos pessoais, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas intencionais voltadas ao desenvolvimento do autoconhecimento. No entanto, ao longo da atividade, observou-se um aumento progressivo do engajamento, com maior disposição para a expressão de sentimentos, pensamentos e expectativas. A construção da “Bandeira Pessoal” mostrou-se uma estratégia eficaz para organizar ideias e favorecer a identificação de características individuais, interesses e projeções futuras. **Considerações finais:** Conclui-se que atividades como a Bandeira Pessoal, quando articuladas a referenciais teóricos sólidos, têm potencial para contribuir significativamente com a formação socioemocional dos jovens, sinalizando a necessidade de maior investimento em práticas pedagógicas dessa natureza no Ensino Médio.

Palavras-chave: competências socioemocionais; autoconhecimento; educação básica.

AQUILOMBAR: FORTALECENDO A IDENTIDADE QUILOMBOLA – CULTURA, HISTÓRIA E PROTAGONISMO JUVENIL

*Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro*³³⁶

*Natália Sousa Silva*³³⁷

*Lara Jane Santos Dos Santos*³³⁸

*Caroline Maria de Oliveira Torres*³³⁹

Introdução: As comunidades quilombolas constituem importante patrimônio histórico e cultural de resistência no Brasil, especialmente na região amazônica. No contexto educacional de Santarém (PA), estudantes oriundos dessas comunidades enfrentam desafios relacionados à predominância de um currículo eurocêntrico, o que pode impactar negativamente sua autoestima e o sentimento de pertencimento. Nesse cenário, a Psicologia Escolar contribui para o fortalecimento identitário por meio de práticas críticas e de uma escuta sensível. A fenomenologia, a partir de Husserl, subsidia a compreensão das experiências vividas pelos sujeitos em seus territórios. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma intervenção extensionista denominada “Aquilombar”, voltada à valorização das tradições ancestrais, ao fortalecimento do protagonismo juvenil e à conscientização sobre direitos étnicos. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, vinculado a um projeto de extensão universitária. A intervenção foi realizada com estudantes dos 8º e 9º anos do ensino fundamental, em Santarém (PA), por meio de dinâmicas grupais, exibição de vídeos, rodas de conversa e oficinas temáticas, favorecendo espaços de reflexão crítica e valorização cultural. **Resultados e discussão:** Os resultados indicaram significativo engajamento dos estudantes, evidenciado pelo fortalecimento do reconhecimento de sua ancestralidade e pela ampliação do sentimento de pertencimento cultural. As práticas educativas contextualizadas contribuíram para o desenvolvimento de uma postura mais crítica e participativa no ambiente escolar. A experiência também evidenciou o potencial da Psicologia Escolar na mediação de processos educativos mais inclusivos e sensíveis às realidades socioculturais. As ações desenvolvidas dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente no que se refere à promoção da educação de qualidade e à redução das desigualdades sociais. **Considerações finais:** A experiência reforça a relevância da extensão universitária como espaço de articulação entre universidade, escola e comunidade, promovendo impactos positivos no contexto educacional. Destaca-se o papel da Psicologia Escolar na promoção da escuta qualificada, do desenvolvimento crítico e da valori-

³³⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³³⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³³⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³³⁹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Esp. em Clínica, Saúde e Educação. Docente no Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia.

zação das identidades culturais. O diálogo freireano mostrou-se potente no estímulo à autonomia dos estudantes. Ressalta-se, ainda, a importância da sensibilidade ética do profissional e do cuidado com sua saúde mental no desenvolvimento de práticas comprometidas com a transformação social.

Palavras-chave: identidade quilombola; psicologia escolar; extensão universitária.

ÉTICA E PSICOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA PRÁTICA DA PSICOLOGIA CLÍNICA

Larissa Pereira Sousa³⁴⁰

Mayara Vitória Pinto Reis³⁴¹

Claudia Gabrielle dos Santos Castro³⁴²

Acsa Munis Lima³⁴³

Luna Beatriz Pereira Rodrigues³⁴⁴

Beatriz Lobato Ribeiro³⁴⁵

Sarah Beatriz Rabelo Alves³⁴⁶

Roberta Priscila da Costa Branco³⁴⁷

Introdução: A Psicologia Clínica configura-se como uma especialidade diversificada e complexa que aborda diferentes transtornos psicológicos e comportamentais, dedicando-se à prevenção, avaliação, diagnóstico e intervenção em variados contextos de cuidado em saúde, o que exige do profissional sólida formação técnica e compromisso ético em sua atuação. Historicamente vinculada ao modelo médico e psiquiátrico, e influenciada por autores como Lightner Witmer (1867-1956) e Freud (1996), a clínica psicológica desloca o foco da patologia em si para a compreensão do sujeito em sua história de adoecimento, destacando a escuta e o vínculo terapêutico como elementos centrais do processo clínico. **Objetivo:** refletir criticamente sobre a importância da atuação ética na Psicologia Clínica. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Inicialmente, foram analisados 8 estudos, porém foi selecionada apenas 1 obra para compor a análise final por apresentar maior relevância e profundidade teórica sobre a temática investigada, relacionada aos temas “ética”, “Psicologia Clínica” e “Código de Ética Profissional do Psicólogo”, localizada por meio de buscas em bases acadêmicas, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e materiais científicos disponíveis online. Como critérios de inclusão, foram considerados materiais que abordassem diretamente a atuação ética do psicólogo clínico e que apresentassem conteúdo compatível com os objetivos desta pesquisa. A análise foi realizada por meio de leitura exploratória, descritiva e interpretativa, buscando identificar contribuições acerca da importância da ética na prática da Psicologia Clínica. **Resultados e discussão:** a ética é entendida como reflexão crítica e racional

340 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

341 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

342 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

343 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

344 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

345 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

346 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

347 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

sobre a moral e as consequências das ações humanas, passou por diferentes formulações históricas até chegar às concepções contemporâneas que fundamentam a responsabilidade profissional e, no âmbito da Psicologia, o Código de Ética organiza princípios e deveres que orientam a proteção da dignidade, da privacidade e do bem-estar dos clientes. O material analisado também aponta que, embora o sigilo seja um dever ético fundamental, existem situações excepcionais previstas pelo Código de Ética em que sua quebra pode ocorrer, desde que haja justificativa legal ou necessidade de prevenção de danos. Os resultados demonstram ainda que a atuação ética contribui para a qualidade dos serviços psicológicos e para a credibilidade da profissão perante a sociedade (Oliveira; Ladeira, 2020). Dessa forma, a ética deve ser compreendida não apenas como um conjunto de normas, mas como um princípio orientador que permeia todas as etapas da prática clínica. **Considerações finais:** a ética na Psicologia Clínica não se reduz ao cumprimento formal de um conjunto de normas, configurando-se como um modelo de conduta que orienta decisões em situações complexas e contribui para que a prática clínica se efetive como intervenção responsável, comprometida com os direitos humanos, com a redução de danos e com a promoção do bem-estar e da autonomia dos clientes atendidos no campo da saúde.

Palavras-chave: ética; psicologia clínica; código de ética.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA PSICOLOGIA JURÍDICA: SUBSÍDIOS TÉCNICOS PARA DECISÕES JUDICIAIS

*Samara Stragliotto Jambers Fulano*³⁴⁸

*Pâmela Tavares de Oliveira*³⁴⁹

Introdução: A Resolução CFP nº 9/2018, em vigência, define a Avaliação Psicológica como um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas. Um dos principais instrumentos de atuação da Psicologia Jurídica é a realização da avaliação psicológica nos diferentes contextos judiciais. Essas avaliações desempenham papel fundamental na compreensão das condições cognitivas, emocionais e comportamentais de crianças, adolescentes e adultos, oferecendo subsídios técnicos que auxiliam juízes e promotores na tomada de decisões. No Brasil, essa prática é regulamentada pelo Conselho Federal de Psicologia, que estabelece diretrizes éticas e metodológicas para sua adequada execução, onde essa prática envolve a utilização de métodos, técnicas e instrumentos psicológicos validados, servindo de suporte para demandas judiciais, como em casos de guarda, adoção, violência doméstica e responsabilidade penal. **Objetivo:** Refletir sobre a importância da avaliação psicológica na Psicologia Jurídica, destacando suas aplicações em processos de guarda, adoção, responsabilidade penal e no sistema prisional. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão de literatura, baseada em artigos científicos e cartilhas do Conselho Federal de Psicologia, que discutem a prática da avaliação psicológica em contextos jurídicos. Foram consultadas bases como SciELO, Google Acadêmico e periódicos especializados em Psicologia Jurídica. **Resultados e discussão:** A avaliação psicológica constitui instrumento essencial para a formulação de hipóteses e para a compreensão das características psicológicas de indivíduos ou grupos (Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2022). De acordo com a Cartilha de Avaliação Psicológica, são consideradas fontes fundamentais de informação os testes psicológicos aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia, as entrevistas psicológicas e os registros sistemáticos de observação de comportamentos (CFP, 2022). A literatura ressalta a importância da formação continuada do profissional e da utilização de instrumentos cientificamente validados, uma vez que a qualidade dos resultados está diretamente relacionada à escolha adequada de métodos e estratégias sustentadas por bases teóricas sólidas. Cabe destacar que a testagem psicológica integra o processo avaliativo; entretan-

³⁴⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁴⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

to, a avaliação psicológica apresenta caráter mais amplo, podendo abranger diferentes dimensões do funcionamento psíquico, conforme seus objetivos. Na esfera jurídica, a avaliação psicológica pode ser solicitada em diversos contextos, como, por exemplo, em processos de guarda de crianças, nos quais se busca identificar a capacidade parental, o vínculo afetivo e o melhor interesse da criança. No âmbito penal, a avaliação psicológica é utilizada para determinar a imputabilidade ou inimputabilidade de indivíduos acusados de crimes. Casos envolvendo transtornos mentais exigem perícias detalhadas que avaliem a capacidade de discernimento e a responsabilidade legal. Em todos os casos, o(a) psicólogo(a) deve fundamentar suas conclusões em métodos, técnicas e instrumentos reconhecidos cientificamente, podendo complementar a avaliação com fontes secundárias, quando necessário (CFP, 2022). **Considerações finais:** A avaliação psicológica é indispensável na Psicologia Jurídica, pois garante decisões judiciais mais justas e fundamentadas. Sua aplicação em processos de guarda, adoção, responsabilidade penal e no sistema prisional contribui para a proteção de direitos e para a humanização da Justiça.

Palavras-chave: avaliação psicológica; psicologia jurídica; sistema de justiça.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSCIÊNCIA, CIDADANIA E SUSTENTABILIDADE

*Emilly Lara Campos Ferreira*³⁵⁰

*Patricia de Souza Moraes*³⁵¹

*Natália Monayara Sena de Castro*³⁵²

*Thais Reis Moita*³⁵³

*Helena Andrade dos Santos*³⁵⁴

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁵⁵

Introdução: A intensificação dos problemas ambientais, como a degradação dos recursos naturais e as desigualdades socioambientais, evidencia a necessidade de repensar a relação entre sociedade e meio ambiente. Nesse contexto, observa-se a insuficiência de comportamentos sustentáveis, frequentemente associada à falta de consciência crítica por parte dos indivíduos. Diante disso, questiona-se o papel da educação na formação de sujeitos mais responsáveis e comprometidos com a sustentabilidade. A educação ambiental destaca-se como um importante instrumento de transformação social, ao promover a construção de conhecimentos, valores e atitudes voltados à preservação do meio ambiente. Nesse sentido, contribui para a formação do sujeito ecológico (Carvalho, 2022) e para o desenvolvimento de uma consciência crítica orientada à mudança social (Loureiro, 2023), além de favorecer a constituição de cidadãos críticos e participativos (Reigota, 2022) e fortalecer a cidadania e a participação social (Jacobi, 2024). Assim, torna-se essencial para a promoção de práticas sustentáveis (Guimarães, 2023; Leff, 2022; Layrargues, 2025). **Objetivo:** analisar o papel da educação ambiental na formação da consciência crítica. **Procedimentos metodológicos:** a pesquisa caracteriza-se como estudo bibliográfico e abordagem qualitativa, baseada na análise de produções de artigos científicos publicados no período de 2022 a 2025, utilizando os seguintes descritores: Educação ambiental, consciência, sustentabilidade e comportamento humano. Na pesquisa foram encontrados 10 artigos, sendo três selecionados para análise desse estudo. **Resultados e discussão:** a educação ambiental ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, desempenhando papel fundamental na formação de valores, atitudes e comportamentos sustentáveis. Observa-se consenso na literatura quanto à necessidade de desenvolver uma consciência crítica capaz de promover mudanças tanto individuais quanto coletivas. Além disso, destaca-se que a educação ambiental deve considerar dimensões sociais,

³⁵⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁵¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁵² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁵³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁵⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁵⁵ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

políticas e econômicas, assumindo um caráter formador de cidadania e incentivando a participação social (Reigota, 2022; Jacobi, 2024). Práticas educativas têm potencial para promover mudanças concretas no comportamento dos indivíduos (Guimarães, 2023), enquanto a construção de uma nova racionalidade ambiental é apontada como essencial para enfrentar os desafios contemporâneos (Leff, 2022). Nesse sentido, a reflexão crítica proposta por Layrargues (2025) mostra-se fundamental para a consolidação de uma sociedade sustentável. **Considerações finais:** a educação ambiental é essencial na formação da consciência crítica e de valores sustentáveis, atuando como instrumento de transformação social. Sua efetividade depende da promoção da cidadania, da participação social e do estímulo à reflexão crítica. Assim, destaca-se a necessidade de ampliar e fortalecer práticas educativas que contribuam para a formação de sujeitos conscientes e comprometidos com a sustentabilidade.

Palavras-chave: educação ambiental; consciência ambiental; sustentabilidade.

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS EM CONTEXTOS ESPACIAIS: SAÚDE MENTAL DE ASTRONAUTAS

Rayene Nascimento Sá³⁵⁶

Thayná Borges Alves³⁵⁷

Tainá Batista Viana³⁵⁸

Maísa de Azevedo Nascimento³⁵⁹

Raquel Araújo da Silva³⁶⁰

Marcos Ferreira Mota³⁶¹

Introdução: A saúde mental dos astronautas constitui um fator essencial para o êxito de missões espaciais, uma vez que o confinamento, o isolamento prolongado, a distância da Terra, a rotina altamente controlada e as condições extremas do ambiente espacial podem afetar o equilíbrio emocional, o funcionamento cognitivo e a convivência entre os tripulantes. Situações como monotonia, sobrecarga operacional e falhas temporárias de comunicação podem intensificar sentimentos de ansiedade, solidão e apreensão. Nesse cenário, a psicologia contribui para a prevenção e o manejo de dificuldades emocionais, comportamentais e relacionais durante todas as etapas da missão. **Objetivo:** Identificar e analisar as principais intervenções psicológicas utilizadas para promover a saúde mental e a adaptação dos astronautas durante missões espaciais, destacando sua importância na prevenção de problemas psicológicos relacionados ao isolamento, confinamento e estresse.

Procedimentos metodológicos: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, realizada por meio de revisão bibliográfica narrativa. Foram analisados artigos científicos, livros e documentos institucionais da NASA e da ESA, disponíveis em meios eletrônicos, sobre saúde mental, adaptação psicológica e intervenções psicossociais em missões espaciais. A análise dos dados ocorreu de forma descritiva, buscando identificar as estratégias de apoio psicológico aplicadas aos astronautas. **Resultados e discussão:** Os achados indicam que a preparação dos astronautas envolve seleção rigorosa de indivíduos com estabilidade emocional, além de treinamentos voltados ao desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, comunicação, gestão do estresse e fortalecimento da resiliência. Também se destacam intervenções psicossociais, como simulações, acompanhamento psicológico contínuo, estabelecimento de normas de convivência, dinâmicas de integração e incentivo a práticas de autocuidado. Entre essas práticas, sobressaem a escrita em diários, o uso de recursos motivacionais e a realização de atividades fi-

356 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

357 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

358 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

359 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

360 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA)

361 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Neuropsicologia.

sicas regulares, que favorecem o bem-estar psicológico, reduzem tensões, ampliam a percepção de suporte e contribuem para a coesão da equipe em ambientes confinados. **Considerações finais:** Conclui-se que as intervenções psicológicas são essenciais para a manutenção da saúde mental dos astronautas, contribuindo para a adaptação ao isolamento e às exigências das missões. Além disso, os resultados fortalecem a importância da atuação da Psicologia Aeroespacial e da ampliação de estudos voltados às futuras missões de longa duração.

Palavras-chave: intervenções psicológicas; saúde mental; missões espaciais.

ÉTICA AMBIENTAL E COMPORTAMENTO HUMANO: REFLEXÕES DA PSICOLOGIA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA

*Dânila Maysa Moda dos Santos*³⁶²

*Mario Nickson Caetano*³⁶³

*Helena Lima Santos*³⁶⁴

*Carla Polyane Almeida de Oliveira*³⁶⁵

*Joicilene da Cruz Saraiva*³⁶⁶

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁶⁷

Introdução: As discussões sobre a preservação ambiental têm se intensificado diante dos impactos causados pela ação humana sobre a natureza. Nesse contexto, a ética ambiental surge como um campo importante para refletir sobre valores, atitudes e responsabilidades dos indivíduos em relação ao meio ambiente. Segundo Enrique Leff, a lógica econômica dominante tem contribuído para a exploração excessiva dos recursos naturais, comprometendo a sustentabilidade e a saúde da população. A exploração de petróleo na Amazônia reforça a necessidade de discutir a relação entre comportamento humano e qualidade de vida. **Objetivo:** Analisar a relação entre ética ambiental e comportamento humano, destacando os impactos da exploração dos recursos naturais sobre a saúde e o meio ambiente. **Procedimentos metodológicos:** Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados oito estudos, entre artigos científicos, livros e publicações acadêmicas, publicados entre 2015 e 2025, selecionados nas bases ScienceDirect, Web of Science e SciELO, com foco em ética ambiental, psicologia ambiental e impactos da exploração de petróleo. **Resultados e discussão:** Os estudos analisados indicam que a exploração intensiva dos recursos naturais provoca prejuízos significativos à saúde humana, ao equilíbrio ambiental e à qualidade de vida das populações, especialmente em contextos de exploração petrolífera, nos quais se observam danos físicos, sociais e psicológicos às comunidades atingidas (Ribeiro, 2012). Observou-se aumento de doenças em comunidades expostas à atividade petrolífera, além de vulnerabilidade social e comprometimento da subsistência de famílias que dependem dos recursos naturais. Verificou-se ainda que fatores como valores, crenças e percepção de responsabilidade influenciam diretamente o comportamento humano diante das questões ambientais. Acresce-se ainda o comprometimento da

³⁶² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁶³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁶⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁶⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁶⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁶⁷ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestra em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

segurança alimentar e o aumento da desigualdade social, uma vez que comunidades de menor renda são as mais expostas aos riscos ambientais e as menos assistidas por políticas públicas de proteção (Porto; Milanez, 2009).

Considerações finais: Conclui-se que a Psicologia possui papel relevante na compreensão das atitudes humanas frente aos problemas ambientais, contribuindo para o fortalecimento de valores éticos voltados à preservação da natureza e à promoção de uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: ética ambiental; saúde humana. recursos naturais.

ÉTICA COMO PILAR DA PRÁTICA PSICOLOGIA: DA CONDUTA INDIVIDUAL À RESPONSABILIDADE SOCIAL

*Maria Clara da Silva Lopes*³⁶⁸

*Iasmin Bentes de Souza*³⁶⁹

*Antonio Santos dos Anjos Filho*³⁷⁰

*Júlia Samanta Dias Barbosa*³⁷¹

*Alice Lopes de Sousa*³⁷²

*Ana Clara Abreu Azuelo*³⁷³

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁷⁴

Introdução: a relação entre ética e psicologia é fundamental para garantir a integridade e a dignidade humana tanto no processo terapêutico quanto na pesquisa científica. Diante da vulnerabilidade inerente ao sujeito que busca atendimento psicológico, a ética não se limita ao cumprimento de normas formais, mas configura-se como um princípio orientador que subsidia a conduta profissional frente a dilemas relacionados ao sigilo, à autonomia e à responsabilidade social. No Brasil, o Código de Ética Profissional do Psicólogo, aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 2005, estabelece diretrizes essenciais para a atuação ética, fundamentadas na promoção dos direitos humanos e do bem-estar dos indivíduos. **Objetivo:** refletir a contribuição da postura do psicólogo para a ética profissional, em conformidade com o Código de Ética. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, baseada na análise de livros, artigos científicos e documentos oficiais sobre ética na psicologia. A busca foi realizada nas bases SciELO, PePSIC e Google Scholar, utilizando o descritor “ética e psicologia”. Foram identificados inicialmente estudos relevantes, dos quais foi selecionado um conjunto entre 10 e 20 publicações, com base em critérios de relevância, atualidade e adequação aos objetivos do estudo. **Resultados e discussão:** a ética constitui um elemento central na prática psicológica, orientando a atuação profissional com base no respeito à dignidade, à autonomia e aos direitos humanos. A formação ética do psicólogo contribui para a tomada de decisões responsáveis em contextos complexos, especialmente diante de situações que envolvem confidencialidade e limites da atuação profissional. Além disso, destaca-se a necessidade de constante atualização frente às transformações sociais, científicas e tecnológicas, que

368 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

369 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

370 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

371 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

372 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

373 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

374 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestra em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

impõem novos desafios à prática psicológica. Nesse cenário, as instituições de ensino desempenham papel fundamental na promoção da reflexão crítica e na formação de profissionais comprometidos com os princípios éticos. **Considerações finais:** a postura do psicólogo, fundamentada no Código de Ética Profissional, constitui o alicerce para uma atuação técnica, responsável e humanizada. Mais do que o cumprimento de normas, a ética exige reflexão contínua, sensibilidade e compromisso com a dignidade humana, sendo indispensável para a promoção do bem-estar individual e coletivo.

Palavras-chave: ética; psicólogo; responsabilidade.

ÉTICA E COMPORTAMENTO HUMANO: REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIA, MEIO AMBIENTE E DIVERSIDADE SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA

*Kawany Carvalho dos Santos*³⁷⁵

*Donatila Castro Viana*³⁷⁶

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁷⁷

Introdução: as transformações sociotécnicas e ambientais da contemporaneidade impõem novos desafios à conduta ética e ao comportamento humano. Nesse cenário, a interface entre psicologia e ética torna-se essencial para compreender como os indivíduos processam responsabilidades frente à inovação tecnológica, à crise climática e ao respeito à alteridade. A psicologia contribui para este debate ao investigar como valores morais e processos subjetivos orientam a tomada de decisão em contextos de alta complexidade social e digital. Estudos indicam que a postura ética não é apenas um conjunto de normas, mas uma construção psicológica mediada pela empatia e pela consciência crítica sobre o impacto das ações individuais no coletivo (Almeida, 2022). Além disso, a compreensão dos vieses cognitivos e das emoções é crucial para promover uma ética da diversidade e uma relação sustentável com o meio ambiente e as ferramentas digitais (Mendes, 2023). **Objetivo:** refletir sobre as intersecções entre ética, tecnologia, meio ambiente e diversidade a partir das contribuições teóricas da psicologia. **Procedimentos metodológicos:** este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados 7 estudos, entre artigos científicos e publicações acadêmicas de autores brasileiros publicados entre 2022 e 2026, que abordam a ética nas dimensões da psicologia, tecnologia, sustentabilidade e diversidade. Na seleção dos materiais, foram utilizados os descritores: ética, psicologia, comportamento humano, tecnologia, meio ambiente e diversidade. A análise foi realizada de forma interpretativa, buscando integrar as diferentes esferas éticas sob a perspectiva do comportamento humano. **Resultados e discussão:** os estudos analisados indicam que o comportamento ético contemporâneo é multifacetado. No campo tecnológico, Santos (2023) destaca que a ética digital exige o desenvolvimento de uma autonomia psíquica frente aos algoritmos. Em relação à diversidade, Souza (2024) aponta que a psicologia social é fundamental para desconstruir preconceitos e fortalecer uma ética do cuidado e da inclusão. No âmbito ambiental, as pesquisas reforçam que a sensibilização emocional é o motor para atitudes ecologicamente responsáveis (Oliveira, 2025). Segundo Pereira (2024), a integração desses temas revela que o sujeito ético hoje deve ser capaz de transitar entre o real e o vir-

³⁷⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁷⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁷⁷ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestra em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

tual, mantendo o compromisso com a justiça social e a preservação da vida. Pesquisas de Costa (2022) e Silva (2023) complementam que a educação ética, aliada ao suporte psicológico, potencializa a resiliência e a responsabilidade social. Considerações finais: conclui-se que a psicologia desempenha papel relevante na articulação entre os diversos campos da ética, auxiliando na compreensão das tensões do comportamento humano na atualidade. A construção de uma postura ética integral, que envolva o respeito à diversidade, o uso consciente da tecnologia e a proteção ambiental, depende da internalização de valores que priorizem o bem comum. Assim, o diálogo entre psicologia e ética mostra-se fundamental para orientar práticas educativas e sociais que promovam uma sociedade mais justa, sustentável e humana frente aos avanços do século XXI.

Palavras-chave: ética; psicologia; comportamento humano.

ÉTICA E MEIO AMBIENTE: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE VALORES NA PSICOLOGIA SOCIAL

*Zaida Pauliane Oliveira Pereira*³⁷⁸

*Ana Ellen Rodrigues de Aguiar*³⁷⁹

*Gabriel Augusto Oliveira Dutra*³⁸⁰

*Maria Clara Cardoso da Trindade*³⁸¹

*Nirlana Borary Dias de Vasconcelos*³⁸²

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁸³

Introdução: As discussões acerca da preservação ambiental têm ganhado crescente relevância diante dos impactos das ações humanas sobre o meio ambiente, demandando uma reflexão ética sobre valores, atitudes e responsabilidades coletivas. Nesse contexto, a ética ambiental emerge como um campo fundamental para orientar práticas sustentáveis e conscientes. A Psicologia Social, por sua vez, desempenha papel central na compreensão de como processos cognitivos, afetivos e sociais influenciam comportamentos relacionados às questões ecológicas. Estudos recentes apontam que fatores como normas sociais, percepção de risco e valores pessoais exercem forte influência sobre atitudes pró-ambientais (Silva; Almeida, 2022; Souza *et al.*, 2023). **Objetivo:** analisar o papel da Psicologia Social na formação de valores profissionais, e ética ambiental na preparação para responsabilidade planetária. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados seis materiais acadêmicos, incluindo artigos científicos recentes, que abordam a interface entre Psicologia Social, ética ambiental e formação de valores no ensino superior. A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando compreender como a formação em Psicologia contribui para o desenvolvimento de uma consciência ética voltada à sustentabilidade. O levantamento foi realizado em bases de dados como Scielo, BVSp e PeP-SIC, publicados nos períodos entre 2022 e 2026. **Resultados e discussão:** o comportamento ecológico é amplamente mediado por valores pessoais e normas sociais, evidenciando a importância da educação ambiental no ensino superior como elemento estruturante na formação de profissionais comprometidos com a sustentabilidade (Oliveira; Santos, 2024). Observa-se que processos de sensibilização, engajamento coletivo e reflexão crítica são essenciais para que futuros psicólogos internalizem o cuidado com o meio am-

³⁷⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁷⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸³ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do cuidado e práticas sociais.

biente como um valor ético central. Além disso, pesquisas recentes destacam que a integração de conteúdos socioambientais nos currículos acadêmicos contribui para o desenvolvimento de competências éticas e cidadãs, ampliando a atuação profissional para além do âmbito clínico tradicional (Pereira; Costa, 2025). **Considerações finais:** a Psicologia deve fortalecer o debate sobre a responsabilidade planetária em seus processos formativos, promovendo práticas educativas que integrem a ética ambiental às dimensões sociais e profissionais. A incorporação desses princípios no ensino superior contribui para a formação de profissionais mais conscientes, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável.

Palavras-chave: ética; psicologia social; meio ambiental.

ÉTICA AMBIENTAL E POVOS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO

*Rita de Cássia da Silva Barbosa*³⁸⁴

*Cibele Monique Araújo de Araújo*³⁸⁵

*Emanuele Pastana Carvalho*³⁸⁶

*Érika Maryce Bitar Silva*³⁸⁷

*Rebeka de Kássia Ribeiro Ramos*³⁸⁸

*Amanda Gabrielle Lira de Brito*³⁸⁹

*Sarah Nakine da Silva e Silva*³⁹⁰

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁹¹

Introdução: o modelo contemporâneo de desenvolvimento econômico tem intensificado conflitos socioambientais, afetando tanto a natureza quanto as populações originárias, especialmente no que se refere ao choque de valores e às disputas territoriais. Como consequência, observa-se o agravamento dos danos ambientais e sociais. Nesse contexto, Florit (2019) destaca que os conflitos ambientais estão profundamente relacionados a conflitos entre sistemas de valores. Na interseção entre ética e Psicologia, a ética ambiental ganha relevância ao articular justiça social e preservação ecológica, enquanto a Psicologia contribui para a compreensão dos aspectos comportamentais, afetivos e simbólicos que orientam a relação do indivíduo com o meio ambiente (Choque, 2021). Além disso, Da Silva Matos (2017) aponta que o reconhecimento do ser humano como parte integrante da natureza pode promover mudanças cognitivas e comportamentais voltadas à preservação ambiental. **Objetivo:** refletir sobre a relação entre ética ambiental, comportamento humano e os povos indígenas. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. A coleta de dados foi realizada nas bases Google Acadêmico, SciELO e CAPES, considerando publicações dos últimos dez anos (2016–2026). Foram utilizados os descritores “educação ambiental”, “psicologia ambiental” e “ética ambiental e comunidades tradicionais”. Inicialmente, foram identificados 15 estudos, dos quais 4 foram selecionados para análise final, com base em critérios de relevância e adequação ao tema. **Resultados e discussão:** evidenciam-se que a Psicologia

³⁸⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁸⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

Ambiental busca compreender a relação dinâmica e recíproca entre o ser humano e o ambiente, considerando fatores físicos, sociais e comportamentais (Foltz *et al.*, 2022). Destaca-se a importância dos saberes tradicionais, especialmente dos povos indígenas, que apresentam uma visão integrada e sustentável da relação entre indivíduo e natureza. A promoção da consciência ambiental e o desenvolvimento de comportamentos sustentáveis estão diretamente relacionados a fatores como valores, experiências e níveis de conscientização. No entanto, o conhecimento teórico isolado mostra-se insuficiente para promover mudanças efetivas, sendo necessária a construção de atitudes e práticas concretas voltadas à preservação ambiental. Nesse sentido, a educação ambiental configura-se como uma ferramenta essencial para a transformação social, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes e responsáveis. **Considerações finais:** a Psicologia desempenha papel fundamental na promoção da educação ambiental, ao integrar aspectos comportamentais e culturais, especialmente aqueles presentes nos saberes dos povos originários. Essa articulação favorece a construção de uma consciência ecológica e de práticas sustentáveis, contribuindo para uma sociedade mais equilibrada e comprometida com a preservação ambiental.

Palavras-chave: ética ambiental; psicologia ambiental; comunidades tradicionais.

ÉTICA NA ERA DIGITAL: EFEITOS DA TECNOLOGIA NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES

*Laís Iasmim Miranda Alves*³⁹²

*Ana Cídia Silva de Sousa*³⁹³

*Agatha Vitória Rodrigues de Sousa*³⁹⁴

*Elton Henrique Alzier de Sousa*³⁹⁵

*Gustavo Klaus de Carvalho Araújo*³⁹⁶

*Maria Valéria da Silva Figueira*³⁹⁷

*Roberta Priscila da Costa Branco*³⁹⁸

Introdução: A crescente inserção das tecnologias digitais no cotidiano tem provocado mudanças significativas nas formas de comunicação e na construção da subjetividade, especialmente entre adolescentes. Nesse cenário, a ética apresenta-se como um campo fundamental para analisar as responsabilidades relacionadas ao uso dessas ferramentas. A intensificação do uso de redes sociais e smartphones impacta diretamente a saúde mental juvenil, influenciando emoções e relações interpessoais. Estudos indicam que a tecnologia pode contribuir para o isolamento social e a superficialidade das interações, além de reconfigurar processos psíquicos em desenvolvimento.

Objetivo: Refletir sobre os efeitos da tecnologia na saúde mental de adolescentes, a partir de uma análise ética no contexto da sociedade contemporânea.

Procedimentos metodológicos: Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada por meio de revisão bibliográfica. Foram analisados artigos científicos, livros e publicações acadêmicas no google acadêmico que abordam ética, tecnologia e saúde mental na adolescência, com foco em produções publicadas entre 2022 e 2026.

Resultados e discussão: Os estudos revisados apontam que o uso excessivo de tecnologias está associado ao aumento de quadros de ansiedade, depressão e dependência digital entre adolescentes. Evidências indicam também a correlação entre o uso intensivo de dispositivos eletrônicos e o crescimento do sentimento de solidão, além de exaustão cognitiva e sobrecarga emocional. No ambiente escolar, o uso desregulado da tecnologia pode intensificar dificuldades de concentração, adaptação e favorecer o burnout acadêmico. Do ponto de vista ético, destaca-se que práticas como comparação social constante nas redes sociais impactam negativamente a autoestima e o bem-estar psicológico. Por outro lado, a tecnologia também apresenta potencial positivo ao possibilitar acesso

³⁹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹⁶ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

³⁹⁸ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais.

a informações, redes de apoio e serviços de atendimento psicológico online, desde que utilizada de forma consciente e equilibrada. **Considerações finais:** Conclui-se que a tecnologia exerce um impacto ambivalente na saúde mental de adolescentes, exigindo uma vigilância ética constante. Torna-se essencial promover o letramento digital, o uso crítico das mídias e o equilíbrio nas interações virtuais, visando à proteção do bem-estar psicológico. A psicologia desempenha papel fundamental na compreensão desses fenômenos e na proposição de intervenções que favoreçam uma relação mais saudável com o ambiente digital, contribuindo para a preservação de vínculos sociais significativos e do desenvolvimento emocional saudável.

Palavras-chave: ética; tecnologia; saúde mental.

ÉTICA PROFISSIONAL NA PSICOLOGIA: LIMITES E RESPONSABILIDADES NA PRÁTICA CLÍNICA

*Lorene Rebeca Pereira da Costa*³⁹⁹

*Arthur Vinícius de Oliveira Serra*⁴⁰⁰

*Bianca Almeida Leal da Silva*⁴⁰¹

*Eduarda Fernanda Feitosa Pereira*⁴⁰²

*Letícia Batista Rabelo*⁴⁰³

*Letícia de Sousa Araújo*⁴⁰⁴

*Michele Campos Garcia*⁴⁰⁵

*Nathalia Silva Souza*⁴⁰⁶

*Roberta Priscila da Costa Branco*⁴⁰⁷

Introdução: A ética, derivada do termo grego *éthos*, refere-se ao conjunto de princípios que orientam o comportamento humano em sociedade. No campo da Psicologia, a atuação profissional é regulamentada pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), que estabelece diretrizes voltadas à garantia dos direitos humanos e à promoção do bem-estar. A prática psicológica deve estar fundamentada no respeito à dignidade, à liberdade e à integridade dos indivíduos, contribuindo para a eliminação de práticas como discriminação, negligência e opressão. Estudos recentes destacam que a ética na Psicologia vai além do cumprimento normativo, exigindo uma postura crítica e reflexiva diante das demandas contemporâneas (Silva; Souza, 2022; Oliveira *et al.*, 2023). **Objetivo:** analisar a importância da ética na Psicologia clínica, e sua contribuição para a promoção de um atendimento seguro, responsável e de qualidade. **Procedimentos metodológicos:** trata-se de uma revisão sistemática da literatura, associada à análise documental. O levantamento foi realizado em bases de dados como Periódicos CAPES e PePSIC, utilizando os descritores “ética”, “psicologia clínica” e “prática profissional”. Foram selecionados artigos publicados entre 2022 e 2026, considerando critérios de relevância temática e rigor científico. Além disso, foram incluídos estudos qualitativos desenvolvidos em contextos como clínicas-escola, nos quais a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas e observações. **Resultados e discussão:** os achados indicam que a ética na Psicologia clínica se configura como elemento central na relação terapêutica, ultrapassando o cumpri-

399 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

400 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

401 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

402 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

403 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

404 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

405 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

406 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

407 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Mestre em Teologia: Dimensões do cuidado e práticas sociais.

mento de normas formais. A escuta qualificada, o respeito à subjetividade e o compromisso com o bem-estar do paciente são aspectos fundamentais da prática ética (Pereira; Gomes, 2024). O sigilo profissional destaca-se como um dos principais pilares dessa relação, sendo essencial para a construção de confiança, embora existam exceções previstas em situações de risco. Ademais, estudos apontam que os desafios contemporâneos, como o uso das redes sociais e a ampliação dos atendimentos online, exigem constante atualização e reflexão ética por parte dos profissionais (Costa *et al.*, 2025). Dessa forma, a ética se materializa nas decisões cotidianas do psicólogo, impactando diretamente a qualidade do atendimento. **Considerações finais:** a ética na Psicologia clínica não se limita ao cumprimento de normas, mas se expressa nas práticas cotidianas do profissional. Elementos como escuta atenta, respeito à individualidade e manutenção do sigilo são essenciais para a construção de um vínculo terapêutico sólido e confiável. Diante dos desafios contemporâneos, torna-se indispensável a constante atualização e o alinhamento entre teoria e prática, garantindo uma atuação ética, crítica e comprometida com a promoção da saúde mental.

Palavras-chave: ética; psicologia clínica; prática profissional.

FATORES DE RISCO E VULNERABILIDADE SOCIAL: O CAMINHO PARA O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS JURÍDICAS

*Tatiane Agra Ferreira Farias*⁴⁰⁸

*Iolane Cardoso Mota*⁴⁰⁹

*Jennifer Nanda Ribeiro*⁴¹⁰

*Jéssica Bruna de Oliveira*⁴¹¹

*Juliane Pereira de Sousa*⁴¹²

*Tatiana Patricia Ribeiro Rebelo*⁴¹³

*Elane Mesquita assunção*⁴¹⁴

*Pâmela Tavares de Oliveira*⁴¹⁵

Introdução: O presente estudo discute a relação entre fatores de risco, vulnerabilidade social e o uso de substâncias psicoativas na adolescência, bem como seus desdobramentos no campo jurídico, a partir da perspectiva da Psicologia Jurídica. Compreende-se que o envolvimento de adolescentes com drogas não pode ser explicado como uma escolha individual isolada, mas como resultado da interação entre condições sociais, emocionais e ambientais. A adolescência é marcada por intensas mudanças biopsicossociais, tornando o sujeito mais sensível às influências do meio, no qual os fatores de risco e contextos de vulnerabilidade social, podem favorecer a exposição a comportamentos de risco, como o uso de drogas. Nesse sentido, contextos caracterizados por desigualdade social, violência e fragilidade de suporte familiar tendem a aumentar a exposição a comportamentos de risco. Conforme aponta Minayo (2006), situações de vulnerabilidade social ampliam a probabilidade de adoção de práticas prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento, especialmente entre jovens. Assim, discutir fatores de riscos e suas consequências jurídicas é fundamental como estratégia de prevenção de proteção integral do adolescente. **Objetivo:** Analisar de que forma os fatores de risco e a vulnerabilidade social influenciam o uso de drogas na adolescência, e as consequências jurídicas diante do olhar da psicologia jurídica. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de análise qualitativa, construída a partir das análises de artigos científicos obtidos

⁴⁰⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴⁰⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴¹⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). *Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.*

na plataforma SciELO, usando-se os descritores “adolescência”, “drogas” e “medidas socioeducativas. Também foram considerados dispositivos legais brasileiros, com destaque para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990). **Resultados e discussão:** Os dados analisados indicam que o uso de substâncias psicoativas na adolescência está frequentemente associado a múltiplos fatores de risco, como vínculos familiares fragilizados, vivência de violência, condições socioeconômicas desfavoráveis e acesso limitado a direitos básicos, como educação e saúde. Esses elementos contribuem para a construção de um cenário de vulnerabilidade social, no qual o adolescente passa a ter menos alternativas de desenvolvimento saudável. Segundo Carlini *et al.* (2010), o consumo de substâncias na juventude está frequentemente relacionado a contextos de exclusão social e à ausência de redes de apoio eficazes. Do ponto de vista jurídico, tais situações podem levar à prática de atos infracionais, especialmente quando há envolvimento com o tráfico de drogas. Nesses casos, aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece a doutrina da proteção integral e reconhece o adolescente como sujeito em condição peculiar de desenvolvimento (Brasil, 1990). Dessa forma, as medidas adotadas possuem caráter socioeducativo, buscando responsabilizar e, ao mesmo tempo, promover a reintegração social. Além disso, atualizações legislativas recentes reforçam a necessidade de atendimento integral ao adolescente em situação de dependência química, destacando a importância de ações interdisciplinares e o papel essencial do psicólogo jurídico nesse cenário. **Considerações finais:** Conclui-se, portanto, que a problemática do uso de drogas na adolescência exige uma visão para além da questão penal, demandando ações preventivas, interdisciplinares e políticas públicas que combatam as desigualdades sociais, promovendo a cidadania e a ressocialização de forma efetiva.

Palavras-chave: adolescência; uso de drogas; medidas socioeducativas.

JOGOS DE AZAR ONLINE E SAÚDE MENTAL: IMPACTOS PSICOLÓGICOS E ACADÊMICOS EM JOVENS ADULTOS UNIVERSITÁRIOS

Gabriela Aparecida Gomes Leandro⁴¹⁶

Kamilly Valente Costa⁴¹⁷

Samara de Oliveira Aguiar⁴¹⁸

Paula Eduarda Furtado da Costa⁴¹⁹

Introdução: O avanço das tecnologias digitais e da internet tem impulsionado a popularização dos jogos de azar online, caracterizados por atividades baseadas no acaso, especialmente divulgadas nas redes sociais. Esse fenômeno tem atraído jovens adultos, frequentemente expostos à promessa de ganhos rápidos. Nesse contexto, jovens adultos em formação acadêmica representam um grupo suscetível à adesão aos jogos de azar online, pois fatores como instabilidade financeira e busca por autonomia podem levá-los a enxergar as apostas como uma alternativa de obtenção de renda (Griffiths, 2019). No entanto, a participação recorrente pode desencadear comportamentos compulsivos e prejuízos à saúde mental. A dependência em apostas online está associada a sintomas como ansiedade, depressão, estresse e sentimento de culpa, além de prejuízos sociais e financeiros (Reis *et al.*, 2025). O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) caracteriza o transtorno do jogo como um padrão persistente e recorrente de comportamento de aposta, associado à perda de controle e à continuidade da prática mesmo diante de consequências negativas (APA, 2022). **Objetivo:** Investigar os impactos psicológicos relacionados ao envolvimento de jovens adultos em processo de formação acadêmica com jogos de azar online. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio do levantamento de estudos científicos nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. Foram selecionados artigos publicados entre 2020 e 2025 sobre jogos de azar online e impactos psicológicos. O critério de escolha priorizou estudos sobre dependência comportamental, apostas digitais e saúde mental em jovens adultos em formação acadêmica. O recorte temporal justifica-se por se tratar de um fenômeno intensificado durante a pandemia de COVID-19, período marcado pela ampliação do acesso às plataformas digitais. **Resultados e discussão:** Os resultados indicam que a expansão das apostas online aumentou a exposição de jovens aos riscos associados aos jogos de azar. Plataformas digitais utilizam mecanismos como recompensas aleatórias e estímulos visuais que favorecem a permanência do usuário e o desenvolvimento de comportamentos compulsivos (Oliveira *et*

416 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

417 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

418 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

419 Psicóloga. Esp. Avaliação Psicológica.

al., 2022). Além disso, o envolvimento frequente está associado a sintomas como ansiedade, estresse, depressão e sentimentos de culpa (Reis *et al.*, 2025). Entre jovens em formação acadêmica, esses efeitos impactam o desempenho acadêmico, as relações interpessoais e a organização financeira. A normalização das apostas nas redes sociais e a promessa de ganhos rápidos ampliam o interesse por essas práticas (Ferreira, 2023). Observa-se ainda que o envolvimento com apostas pode comprometer a formação acadêmica, gerando dificuldades de concentração, queda no rendimento e risco de evasão universitária. O endividamento decorrente dessas práticas também pode interferir na permanência no ensino superior. **Considerações finais:** Os jogos de azar online têm se tornado cada vez mais presentes no cotidiano de jovens adultos, favorecendo o desenvolvimento de comportamentos compulsivos e prejuízos à saúde mental. Além disso, impactam diretamente a formação acadêmica, comprometendo o desempenho e a permanência no ensino superior. Diante disso, torna-se essencial ampliar o debate sobre os riscos dessas práticas e promover estratégias de prevenção e conscientização. Destaca-se a importância de políticas públicas voltadas à regulamentação e fiscalização das plataformas, bem como ações educativas e de apoio psicológico para jovens em formação.

Palavras-chave: jogos de azar; saúde mental; dependência comportamental.

MOVIMENTO RED PILL: A PROPAGAÇÃO DE DISCURSOS MISÓGINOS NAS REDES SOCIAIS E A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Michelly Silva de Lima*⁴²⁰

*Renata Sousa da Silva*⁴²¹

*Thiago Roberto Julião Ferreira*⁴²²

*Emanuelle Beatriz da Silva Castro*⁴²³

Introdução: O termo “Red Pill” tem origem na obra cinematográfica Matrix (1999), onde o personagem principal (Neo) escolhe tomar uma pílula vermelha, que o permite distinguir a realidade das ilusões e revelar a verdadeira natureza do mundo. Devido a função da pílula, o “movimento Red Pill” ressignifica esse conceito, ligando-o a ideia de que o homem estaria sendo dominado e restringido pelos movimentos feministas da sociedade contemporânea, e ao ingressar nesse grupo, o homem “despertaria” para essa realidade (Lima-Santos; Santos, 2022). Esse movimento faz parte da *manosphere* (esfera masculina), conjunto de comunidades e fóruns online centrada no anti-feminismo e no “movimento dos direitos dos homens” (Paixao, 2025). O movimento Red Pill tem ganhado visibilidade nas redes sociais, com a disseminação de conteúdos relacionados à masculinidade, relacionamentos e papéis de gêneros, observa-se a circulação de discursos que podem reforçar estereótipos e desigualdades entre homens e mulheres. **Objetivo:** Evidenciar a relação de discursos misóginos nas redes sociais e sua conexão com a violência contra a mulher. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, utilizando como fontes de informação artigos publicados nos últimos seis anos (2021-2026) nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, para o levantamento foram usados como descritores “Red Pill”, “Misoginia” e “Violência contra Mulher”, sendo escolhido três artigos que correlacionaram-se com o tema e objetivo proposto. **Resultados e discussão:** Os estudos analisados indicam que a disseminação de conteúdos associados ao Movimento Red Pill ocorre de forma ampla nas redes sociais, favorecida pelos algoritmos dessas plataformas, criando um “véu ideológico” de que o indivíduo pode desconstruir e reconstruir o mundo de acordo com suas opiniões (Lima-Santos; Santos, 2022). Tais conteúdos podem influenciar a construção de crenças sobre mulheres e relacionamentos, reforçando estereótipos de gênero e, em alguns casos, contribuindo para a naturalização de discursos misóginos (Oliveira; Silva, 2021). A exposição frequente a esses conteúdos impacta na percepção dos indivíduos

420 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

421 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

422 Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

423 Centro Universitário da Amazônia (UNAMA). Curso de Psicologia. Especialista em Saúde.

sobre papéis sociais e relações afetivas, associadas à normalização de atitudes de desvalorização e violência simbólica. Nesse sentido, tais discursos aparecem como um dos fatores para a crescente curva da violência contra a mulher nos últimos anos no Brasil. **Considerações finais:** Conclui-se que, no cenário digital, os fluxos discursivos misóginos encontram um terreno fértil para proliferar, o fortalecimento do movimento Red Pill nas redes sociais, aliado à ampla circulação e baixa regulação desses conteúdos, contribui para a naturalização de ideias machistas e percepções sobre as relações de gênero. Esse processo ultrapassa o ambiente virtual, refletindo no aumento da violência contra as mulheres, ao legitimar práticas de inferiorização e hostilidade. Assim, o investimento na educação crítica, a promoção da igualdade de gênero e a maior responsabilização das plataformas digitais são imperativos para a criação de uma cultura de segurança e existência feminina no Brasil.

Palavras-chave: red pill; misoginia; violência contra a mulher.

MUSICALIZAÇÃO E VÍNCULOS AFETIVOS: PAPEL DO CUIDADOR NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

*Ester Aquino da Silva*⁴²⁴

*Ariane Haila Miranda Cardoso*⁴²⁵

*Maelly Larissa Mendes Pantoja*⁴²⁶

Introdução: A primeira infância, compreendida entre o nascimento e os seis anos, é amplamente reconhecida como um período crucial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Nesse estágio, as experiências vivenciadas e as interações estabelecidas com cuidadores exercem influência profunda sobre a percepção de mundo, a construção de vínculos e a formação de competências socioemocionais. Autores clássicos, como Lev Vygotsky (1998) e John Bowlby (1989), destacam que relações com adultos significativos são essenciais para o desenvolvimento da linguagem, a regulação das emoções e o estabelecimento de vínculos afetivos seguros. Pesquisas recentes, como as de Ribeiro e Calegari (2021), sugerem que práticas de musicalização podem intensificar a sintonia emocional entre cuidadores e crianças, criando momentos de atenção compartilhada e ampliando as possibilidades de expressão afetiva de maneira espontânea e significativa.

Objetivo: O presente estudo busca compreender como a musicalização contribui para o fortalecimento dos vínculos afetivos entre cuidadores e crianças na primeira infância, promovendo não apenas o desenvolvimento emocional, mas também interações mais sensíveis, significativas e colaborativas. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada com o objetivo de subsidiar a análise sobre musicalização e desenvolvimento emocional na primeira infância. A revisão da literatura envolveu buscas em bases acadêmicas da CAPES e nos anais de eventos da ABEM, selecionando estudos que abordassem tanto interações afetivas entre cuidadores e crianças quanto a influência da musicalização na construção de vínculos e na regulação emocional. A análise enfatizou pesquisas que descrevem experiências práticas e seus impactos no cotidiano da criança, considerando especialmente a importância de uma presença adulta atenta, sensível e responsiva.

Resultados e discussão: Estudos contemporâneos, como os de Gonçalves *et al.*, mostram que experiências musicais compartilhadas podem fortalecer vínculos de apego seguro, estimular a autoestima e favorecer a segurança emocional da criança. A participação conjunta em atividades musicais promove comunicação afetiva, troca de olhares, gestos e expressões, ampliando as oportunidades de conexão entre adulto e criança. Autores como Donald Winnicott (1975) e Innamorato de Andrade e Matricola ressaltam que a música

⁴²⁴ Curso de Psicologia do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).

⁴²⁵ Curso de Psicologia do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).

⁴²⁶ Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES). Curso de Psicologia. Mestre em Neurociência e Comportamento.

constitui um espaço relacional significativo, no qual a criança encontra meios de expressar emoções e construir sua subjetividade. A eficácia dessas experiências depende da sensibilidade e atenção do cuidador, demonstrando que a musicalização vai além de uma prática pedagógica, configurando-se como um cuidado relacional que fortalece vínculos afetivos e promove o desenvolvimento emocional. **Considerações finais:** A musicalização na primeira infância revela-se como uma prática relacional e afetiva capaz de fortalecer vínculos entre cuidadores e crianças, contribuindo de maneira consistente para o desenvolvimento emocional. Ao ampliar oportunidades de cuidado e promover interações significativas, a música emerge como um recurso potente para construir relações mais sensíveis, conectadas e enriquecedoras, reafirmando seu papel central na formação de experiências afetivas saudáveis e no fortalecimento do vínculo adulto-criança.

Palavras-chave: primeira infância; musicalização; vínculo afetivo.

FEMINICÍDIO NA AMAZÔNIA: DESAFIOS NO ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: UMA REVISÃO LITERÁRIA

*Bruna Grazielle Mota da Cruz*⁴²⁷

*Ellem Kellem Teles Barbosa*⁴²⁸

*Everton Sampaio da Silva*⁴²⁹

*Jádna Rayol de França*⁴³⁰

*João Vitor de Mendonça Barbosa*⁴³¹

*Maria Eduarda Silva de Sousa*⁴³²

*Patrícia Souza de Abreu*⁴³³

*Renata Sousa da Silva*⁴³⁴

*Pâmela Tavares de Oliveira*⁴³⁵

Introdução: O feminicídio na Amazônia revela um cenário profundamente preocupante, marcado por diversas especificidades socioculturais e econômicas que moldam as experiências das mulheres na região. O feminicídio, definido como o assassinato de mulheres em razão de sua condição de gênero, está associado a uma série de violências que se manifestam de distintas formas, impactando a saúde mental das vítimas e suas famílias. Segundo Ribeiro (2015), a interação entre desigualdade social, pobreza e acesso limitado a serviços de saúde cria um espaço propício para a perpetuação de atos violentos contra mulheres, refletindo uma cultura que frequentemente naturaliza a violência de gênero. A escassez de recursos e a falta de políticas públicas efetivas contribuem para um ciclo vicioso onde as mulheres se sentem desprotegidas e vulneráveis, frequentemente sem acesso a apoio psicológico adequado (Silva, 2017). A marginalização das mulheres, amplificada por narrativas sociais que reforçam sua inferioridade, resulta em um cenário onde o acolhimento psicológico é insuficiente e, muitas vezes, estigmatizante. **Objetivo:** Analisar os desafios do acolhimento psicológico de mulheres vítimas de violência na Amazônia. **Procedimentos metodológicos:** Trata-se de uma revisão literária realizada a partir de artigos e pesquisas disponíveis nas bases do CAPES e Scientific Eletronic Library On-line (SciELO). Foram usados descritores como “violência doméstica, Amazônia e mulher”, consi-

⁴²⁷ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴²⁸ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴²⁹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³⁰ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³¹ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³² Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³³ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³⁴ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA).

⁴³⁵ Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia (UNAMA) Especialista em Avaliação Psicológica; Psicologia do Trânsito; Psicologia Organizacional e do Trabalho, Neuropsicologia.

derando artigos publicados entre 2015 e 2025. Ao todo, 05 artigos foram encontrados, dos quais 03 foram selecionados para o estudo. **Resultados e discussão:** Os resultados evidenciam que o feminicídio na Amazônia está fortemente associado à desigualdade social, à vulnerabilidade econômica e às dificuldades de acesso aos serviços de saúde e proteção, conforme apontam estudos sobre a região (Miranda; Carvalho, 2022). Observa-se que o acolhimento psicológico das vítimas de violência é frequentemente insuficiente, sobretudo devido à escassez de profissionais qualificados e à fragilidade das redes de apoio existentes. Ademais, fatores como isolamento geográfico, barreiras culturais e falta de infraestrutura dificultam ainda mais o acesso das mulheres aos serviços especializados. A literatura analisada aponta que essas limitações comprometem significativamente a efetividade das intervenções psicológicas e o suporte emocional oferecido às vítimas. Soma-se a isso a descontinuidade e a insuficiência das políticas públicas voltadas à proteção das mulheres, o que contribui para a manutenção do ciclo de violência. Nesse sentido, destaca-se a necessidade urgente de fortalecer a rede de atenção psicossocial, ampliando o acesso aos serviços e promovendo práticas mais integradas, culturalmente sensíveis e centradas nas necessidades das mulheres amazônicas (Miranda; Carvalho, 2022). **Considerações finais:** Por fim, torna-se imperativo discutir e promover políticas públicas que abordem não apenas os efeitos da violência, mas também as causas estruturais que a alimentam. Estruturas institucionais que priorizam o acolhimento psicológico de vítimas de feminicídio devem considerar a complexidade do contexto amazônico, conforme indicado por Lima (2019) e Mota (2021). Do mesmo modo, para que haja efetividade na prevenção e no acolhimento das vítimas de feminicídio na Amazônia, deve-se buscar uma atuação coletiva e multidisciplinar que enfrente como prioridade as estruturas de violência e desigualdade que permeiam a região.

Palavras-chave: feminicídio; Amazônia; acolhimento psicológico.

DIVULGAÇÃO DO EVENTO



UNAMA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA AMAZÔNIA
EXCELÊNCIA POR NATUREZA

**IV JORNADA DE
PESQUISA**
— EM —
Psicologia



**28 DE MAIO
DE 2026**
HALL DE ACESSO
À BIBLIOTECA



MANHÃ
9h às 11h



NOITE
19h às 21h



APRESENTAÇÃO
DE TRABALHOS



COMPARTILHAMENTO
DE CONHECIMENTO



CIÊNCIA QUE
TRANSFORMA



PSICOLOGIA
QUE CONECTA

IV JORNADA DE PESQUISA DE PSICOLOGIA MELHORES TRABALHOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO

ÁREA PSICOLOGIA		
EIXO: PSICOLOGIA COM ÊNFASE EM CLÍNICA		
MODALIDADE	ARTIGO CIENTÍFICO	
COLOCAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
1º LUGAR	TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL NA CULTURA DIGITAL: DISTORÇÃO DA AUTOIMAGEM E PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO	Wellington Sousa dos Santos Andressa Letícia de Sousa Gomes Lima Carolina Maciel de Oliveira Larissa Victória Corrêa Costa Natália Guerreiro Duarte Raquel Araújo Freitas Lucélia de Jesus Amaral Jati
2º LUGAR	O MEDO DE ESTAR DOENTE: O TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E DIGITAL	Pamela Vitória da Silva Carvalho Anna Carolina Gomes de Figueiredo Natalia de Siqueira Oliveira Ester Rodrigues Lima Juliane Leal da Silva Rosana Moreira Braga Thafinne dos Santos Oliveira Lucélia de Jesus Amaral Jati
3º LUGAR	TRANSTORNO DE SINTOMAS NEUROLÓGICOS FUNCIONAIS: PSICOSSOMÁTICA E CLÍNICA CONTEMPORÂNEA	Kailany Silva Castanha Ana Prycila Rocha Linares Benedito Aragão Miranda Bruna Nogueira Aires Paiva Marlyvan Marcião de Castro Matheus Victor Silva Viana Rodrigo Hoff Galvão Filho Lucélia de Jesus Amaral Jati
ÁREA PSICOLOGIA		
EIXO: PSICOLOGIA COM ÊNFASE SOCIAL DA SAÚDE		
MODALIDADE	ARTIGO CIENTÍFICO	
COLOCAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
1º LUGAR	MÚSICA E GRUPOTERAPIA COMO DISPOSITIVOS RESTAURATIVOS NO ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DA PESSOA IDOSA	Emanuelle Pastana Carvalho Ana Cely de Sousa Coelho Fernanda Sousa Ribeiro Lucélia de Jesus Amaral Jati
2º LUGAR	BURNOUT NA CULTURA DO DESEMPENHO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE	Fernanda Antunes Abtibol Caliandra Bentes Martins de Magalhães Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro Isabel Almeida de Oliveira Karoll Wojtila da Silva Sousa Jacqueline Farias Galvão

3º LUGAR	FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: SENTIDOS CONSTRUÍDOS NAS VIVÊNCIAS DO PROJETO OHANA	Jamille Maria Fernandes da Cruz Fernanda Sousa Ribeiro Milany Santos de Carvalho
ÁREA PSICOLOGIA EIXO: PSICOLOGIA COM ÊNFASE EM CLÍNICA		
MODALIDADE	RESUMO EXPANDIDO	
COLOCAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
1º LUGAR	A MAMA AUSENTE E O EU EM RECONSTRUÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS MARCAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS DA MASTECTOMIA	Fernanda Sousa Ribeiro Lucélia de Jesus Amaral Jati
2º LUGAR	A DIFICULDADE DE IDENTIFICAÇÃO EMOCIONAL NO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE	Elane Cristina de Brito Lobato Renata Santos Ribeiro Lucelia de Jesus Amaral Jati
3º LUGAR	O CORPO COMO SINTOMA: UMA ANÁLISE PSICOSSOMÁTICA DO TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL	Alice Marcela Costa de Souza Tamiris Gomes Forte Laiana De Jesus Nunes Sophia Mota Lira Irlane da Silva Pereira Ana Flávia da Rocha Pinto Laila Sousa Silveira Lucélia de Jesus Amaral Jati
ÁREA PSICOLOGIA EIXO: PSICOLOGIA COM ÊNFASE SOCIAL DA SAÚDE		
MODALIDADE	RESUMO EXPANDIDO	
COLOCAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
1º LUGAR	OS PRINCIPAIS PREJUÍZOS NAS FUNÇÕES COGNITIVAS ASSOCIADOS AO USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	Ana Beatriz Pinheiro Batista Elaine da Silva Barbosa Daniel Dantas Silveira Milany Santos de Carvalho
2º LUGAR	VAZIOS ÉTICO-POLÍTICOS NA PSICOLOGIA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL	Adriane Silva da Silva Fernanda do Carmo Zachy Angelo Karoline Rocha Rodrigues Laiane Moura Batista Maurício Xavier da Silva Thais Adélia de Sousa Silva Emanuelle Beatriz da Silva Castro
3º LUGAR	DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA REINTEGRAÇÃO DE PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE NA SOCIEDADE	Sophia Oliveira de Jesus Ana Beatriz Costa Chaves Kailane Guedes Reis Emanuelle Beatriz Castro da Silva
ÁREA PSICOLOGIA EIXO: PSICOLOGIA COM ÊNFASE EM CLÍNICA		
MODALIDADE	RESUMO SIMPLES	
COLOCAÇÃO	TÍTULO	AUTORES

1º LUGAR	DISSOCIAÇÃO, NEGAÇÃO E CONGELAMENTO: COMO MECANISMO DE DEFESA NA VIOLÊNCIA SEXUAL	Raiane Bentes Batista Raquel Pimentel Marinho Evelyn Gabrielle de Freitas Ribeiro Kathleen Rebeca Cavalcante dos Santos Emanuelle Beatriz da Silva Castro
2º LUGAR	INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS DIRECIONADAS A FAMILIARES DE PESSOAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER: UMA REVISÃO DA LITERATURA	Bruna Nogueira Aires Paiva Ana Prycila Rocha Linares Matheus Victor Silva Viana Emanuelle Beatriz da Silva Castro
3º LUGAR	A INTERAÇÃO ENTRE FILOGÊNESE E ONTOGÊNESE NO ONSET DO TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR	Eliziane Rozaline Robledilho Gonçalves Kinoshita Glenda Nascimento Pereira Paula Eduarda Furtado
ÁREA PSICOLOGIA EIXO: PSICOLOGIA COM ÊNFASE SOCIAL DA SAÚDE		
MODALIDADE	RESUMO SIMPLES	
COLOCAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
1º LUGAR	ENTRE O NATURAL E O PATOLÓGICO: A MEDICALIZAÇÃO DO ENVELHECER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	Maurício Xavier da Silva Adriane Silva da Silva Fernanda do Carmo Zachy Angelo Karoline Rocha Rodrigues Laiane Moura Batista Thais Adélia de Sousa Silva Emanuelle Beatriz da Silva Castro
2º LUGAR	CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E SEUS IMPACTOS NAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	Gabriel Augusto Oliveira Dutra Luana de Oliveira Lima Safira Duque Fernandes Jacqueline Farias Galvão
3º LUGAR	PSICOLOGIA JURÍDICA E JUSTIÇA JUVENIL FEMININA: A INVISIBILIDADE DE JOVENS MÃES NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO	Luísa Nunes Galúcio Kailane Guedes Reis Emanuelle Beatriz da Silva Castro

SOBRE OS ORGANIZADORES



Adriane Lima da Silva Oliveira

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria do Comportamento PPGTC - Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra pelo PPGE - UFOPA com ênfase na pesquisa em cognições e habilidades sociais. Graduação em Psicologia pelo Instituto de Ensino Superior - IESPES. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental (Cognitiva Scientia). Especialista em Oncologia pelo Programa de Residência em atenção ao Câncer do baixo Amazonas pela Universidade Estadual do Pará – UEPA. Docente e Coordenadora do curso de Psicologia no Centro Universitário da Amazônia – Unama, Santarém. Atua no Ensino e Pesquisa. Foi membro do Grupo de Pesquisa Cognições e Práticas Formativas Educacionais em Espaços Escolares e não Escolares do PPGE (GPCEP/UFOPA). Foi membro do grupo de Pesquisas do Laboratório em Habilidades Sociais em Educação (LEHS). Atualmente é membro do Laboratório em Ecologia do Desenvolvimento - LED/UFPA. Líder do Laboratório de Pesquisa em Habilidades Sociais – LA-PHSO/UNAMA.

E-mail: adrianeadn@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7401148319305943>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7233-9834>



Roberta Priscila da Costa Branco

Mestra em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais pela EST. Graduada em Psicologia. Especialista em Política de Assistência Social; Saúde Mental, Psicopatologia e Atendimento Psicossocial; Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico; Psicologia Social; Psicologia do Trânsito e Terapia Cognitivo Comportamental. Coordenou o Curso de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia - UNAMA Santarém. Neste, atualmente é Coordenadora Acadêmica, bem como docente no curso de Psicologia.

E-mail: roberta.branco2027@gmail.com

Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/3580676362475552)

[br/3580676362475552](http://lattes.cnpq.br/3580676362475552)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9294-0478>



Luiz Carlos Rabêlo Vieira

Doutorando em Ciências da Educação e Ética Cristã pela Ivy Enber Christian University. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará. É Pedagogo, Biólogo e Licenciado Pleno em Educação Física. Docente dos cursos de Educação Física bacharelado e Pedagogia no Centro Universitário da Amazônia-UNAMA, Santarém, além de coordenar as atividades de pesquisa (Programa de Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso e Comitê de Ética em Pesquisa). Líder do Laboratório de Biociências da Motricidade Humana e Promoção da Saúde-LaBMoHPS/UNAMA. É servidor público municipal da prefeitura de Santarém, com atuação no ensino fundamental no componente curricular Educação Física.

E-mail: luizcervieira@hotmail.com

Currículo Lattes: [http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/6877243053850970)

[br/6877243053850970](http://lattes.cnpq.br/6877243053850970)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0912-1223>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adoecimento mental 135, 137, 138
Alexitimia 54, 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 206, 207, 208, 209
Análise do Comportamento Aplicada 321
Ansiedade 35, 37, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 61, 69, 79, 81, 96, 98, 100, 102, 103, 108, 109, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 139, 160, 166, 169, 179, 180, 183, 201, 212, 218, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 234, 236, 245, 272, 273, 275, 279, 281, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290, 297, 301, 313, 346, 353, 355, 356, 364, 373, 390, 402, 408, 409
Aparência física 31, 202, 211
Autismo 72, 75, 87, 89, 96, 97, 100, 104, 105, 321
Autoestima 31, 32, 35, 36, 38, 126, 129, 130, 131, 175, 176, 198, 199, 202, 203, 245, 269, 279, 280, 281, 282, 300, 353, 373, 382, 402, 412
Avaliação psicológica 268, 336, 386

B

Biofilia 126, 134
Brincar 191, 196, 246, 291, 293, 294, 295

C

Câncer de mama 174, 175, 176, 178, 179, 181, 182, 183, 185, 198, 200, 201, 202, 205
ChatGPT 62, 254
Cognição 48, 112, 115, 131, 188, 206, 228, 249, 251, 254
Comportamento sexual compulsivo 119
Crenças disfuncionais 46, 48, 49, 114, 115, 116, 118, 120, 224, 227, 228
Cuidados paliativos 59, 165, 167, 170, 171, 172
Cultura do desempenho 135, 136, 137, 141, 142, 307
Cybercondria 42, 44, 47

D

Delírio 60, 62, 63, 191

Delirium 187, 188, 190, 192, 193, 194, 195, 196

Demência 129, 131

Depressão 61, 96, 98, 100, 102, 103, 108, 109, 113, 122, 129, 139, 140, 160, 163, 180, 183, 212, 272, 275, 280, 282, 286, 313, 316, 319, 353, 355, 356, 369, 402, 408, 409

Desenvolvimento infantil 291, 292, 294, 295, 321, 332, 373, 376

Diagnóstico diferencial 217, 220, 221

Dismorfofobia 31

Dissociação 101, 231, 312

Distorções cognitivas 116, 119, 122, 212

Dor crônica 54, 55, 133, 161, 162, 163, 272, 275, 276

Dor pélvica 159

DSM-5-TR 31, 36, 38, 40, 43, 46, 49, 52, 53, 57, 75, 79, 81, 85, 89, 92, 93, 94, 105, 188, 190, 193, 206, 210, 212, 216, 217, 219, 220, 222, 225, 229, 321, 366, 408

E

Endometriose 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164

Envelhecimento 125, 126, 129, 130, 131, 132, 134, 187, 190, 192, 194, 319, 328

Esgotamento profissional 137, 138, 139, 144

F

Feminilidade 175, 180, 181, 183, 198, 200, 202, 203, 293, 330

Funções cognitivas 110, 126, 191, 195, 249, 250, 254

G

Gênero 291, 292, 293, 294, 295, 330, 332, 356, 357, 410, 414

Gestalt-terapia 238, 239, 240, 241

Grupoterapia 125, 126, 127, 130, 131, 132

H

Habilidades socioemocionais 68, 69, 70, 71, 74, 177, 268, 330

Hipervigilância corporal 42, 44, 46, 47, 81, 224

Hipocondria 42, 43, 44, 45, 47, 50, 224, 225, 226

Hospitalização 187, 192

I

Ideação suicida 37, 340, 341

Identidade de gênero 356, 357

Identidade feminina 198, 202, 218

Idoso 129, 131, 133, 190, 193, 195, 319

Imagem corporal 32, 33, 35, 37, 39, 40, 175, 198, 200, 201, 203, 211, 213, 215, 232, 280, 282

Infância 108, 278, 280, 291, 293, 294, 330, 360, 372, 373, 376, 412, 413

Infertilidade 158, 159, 162, 163, 164

Inteligência Artificial 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 249, 251, 254

J

Jogos de azar 408

L

Luto 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 198, 199, 201, 202, 204, 205, 238, 239, 240, 241, 278

Luto antecipatório 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

M

Mastectomia 175, 181, 183, 198, 200, 201, 202, 203, 205
Mecanismos de defesa 232, 312
Medicalização 111, 217, 218, 219, 221, 258, 261, 262, 328
Musicoterapia 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 125, 129, 130, 133, 297, 301

N

Neurociência 51, 52, 77, 78, 79, 83, 84, 90, 94, 103, 105, 193
Neuroplasticidade 83, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

P

Populações originárias 400
Pornografia 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 123
Processo de luto 172, 241
Psicanálise 31, 32, 33, 35, 41, 43, 48, 77, 79, 84, 85, 86, 198, 200, 202, 203, 231, 232, 236, 237, 278, 280, 366
Psicofármacos 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 328
Psicologia Ambiental 125, 126, 130, 132, 392, 400
Psicologia brasileira 257, 258
Psicologia hospitalar 165, 167, 168, 169, 171, 172, 187, 189, 190, 193, 194, 196, 336, 364, 374
Psicologia social 146, 147, 156, 262, 263, 265, 299, 302, 334, 396, 398
Psicose 60, 62, 63
Psicossomática 42, 44, 47, 48, 51, 52, 58, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 160, 187, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 224, 225, 227, 228, 272, 273, 275, 366

R

Raciocínio lógico 243, 249, 250, 251, 253, 255

Reestruturação cognitiva 47, 48, 114, 116, 118, 119, 272, 284, 288
Regulação emocional 44, 47, 48, 50, 52, 54, 55, 57, 69, 70, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 89, 90, 93, 98, 100, 102, 103, 110, 111, 118, 120, 206, 207, 209, 218, 221, 222, 273, 276, 284, 287, 288, 296, 298, 300, 301, 330, 346, 353, 360, 362, 412

S

Saúde mental 31, 32, 39, 44, 49, 50, 51, 52, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 77, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 125, 127, 129, 131, 134, 135, 138, 139, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 152, 154, 155, 156, 169, 171, 175, 180, 203, 208, 209, 211, 215, 217, 219, 226, 229, 230, 236, 257, 258, 261, 263, 271, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 292, 294, 297, 299, 306, 307, 310, 312, 315, 320, 324, 332, 337, 341, 343, 346, 347, 350, 354, 356, 358, 360, 361, 369, 370, 383, 390, 402, 405, 408, 414
Sexualidade 114, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 163, 180, 181, 183, 198, 201, 235
Síndrome de Burnout 135, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 144, 306, 307, 308, 309, 310
Sofrimento psíquico 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 48, 54, 55, 60, 61, 64, 66, 77, 79, 81, 89, 90, 92, 94, 104, 111, 130, 136, 151, 166, 170, 171, 175, 188, 201, 203, 206, 207, 209, 213, 214, 215, 231, 232, 234, 235, 236, 257, 282, 297, 299, 328, 343, 354, 356, 359, 364, 365, 366, 370, 374, 417
Somatização 55, 57, 79, 90, 91, 366
Suicídio 65, 340

T

Terapia Cognitivo-Comportamental 46, 49, 111, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 158, 160, 272, 273, 275, 276, 284, 285, 286, 288, 289, 290
Testes projetivos 336, 337, 338
Transtorno Bipolar 217, 220, 275
Transtorno de Ansiedade de Doença 42, 43, 44, 45, 46, 48, 224, 225, 226, 228

Transtorno de Personalidade Borderline 206, 207, 209, 217, 220, 221
Transtorno de Sintomas Neurológicos Funcionais 51, 53, 57
Transtorno disfórico pré-menstrual 217, 218, 220
Transtorno Dismórfico Corporal 31, 32, 33, 34, 36, 40, 41, 211, 212, 213, 214, 215, 417
Transtorno do Espectro Autista 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 87, 88, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 105, 321
Transtornos de ansiedade 49, 79, 81, 109, 284, 285
Trauma 54, 77, 78, 79, 81, 82, 109, 178, 188, 219, 221, 245, 312, 313, 352

U

Urgência e emergência 364, 374

W

Workaholism 139, 142, 143

Neste livro estão reunidas pesquisas da área Psicologia apresentadas na IV Jornada de Pesquisa de Psicologia, realizada no Centro Universitário da Amazônia-UNAMA, Santarém.

Esta obra vai ao encontro da importância de, no ensino de graduação, serem analisados, socializados e divulgados assuntos de interesse ao acadêmico e ao profissional. É um registro que prova parte da riqueza de conhecimentos vivenciada no contexto universitário.

A partir da implementação de eventos científicos no contexto universitário, várias experiências e saberes são proporcionados, não apenas contribuindo para o aprendizado do estudante universitário, mas à própria sociedade.

No intuito de dispor cuidadosamente ao público em geral os trabalhos aqui contidos, os Organizadores buscam socializar saberes para a análise e reflexão de questões presentes em nossa realidade.



AYA EDITORA

2026